

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAPHAEL GUILHERME DE CARVALHO

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, DO MESMO AO OUTRO:
ESCRITA DE SI E MEMÓRIA (1969-1986)

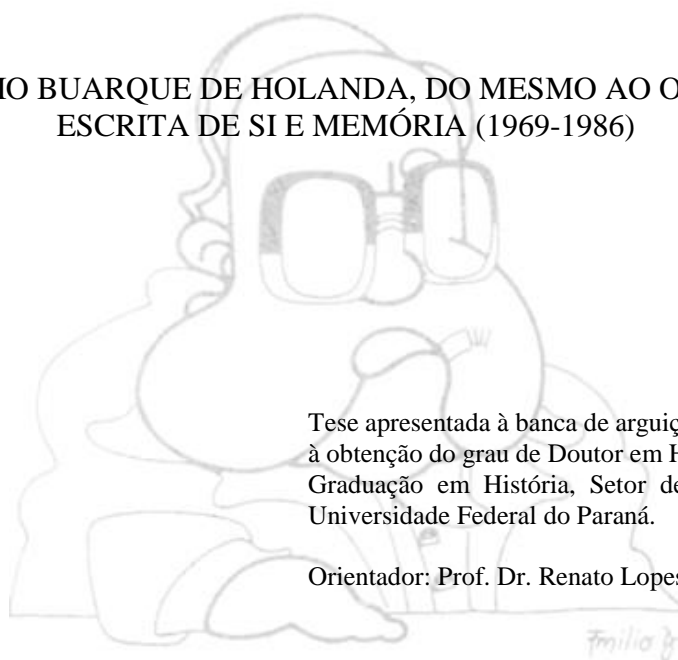


CURITIBA

2017

RAPHAEL GUILHERME DE CARVALHO

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, DO MESMO AO OUTRO:
ESCRITA DE SI E MEMÓRIA (1969-1986)



Tese apresentada à banca de arguição como requisito parcial
à obtenção do grau de Doutor em História, no Curso de Pós-
Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renato Lopes Leite

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Carvalho, Raphael Guilherme de
Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e
memória (1969-1986) / Raphael Guilherme de Carvalho – Curitiba,
2017.

328 f.; 29 cm.

Orientador: Renato Lopes Leite
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

1. Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982. 2. Historiografia
brasileira. 3. História – Memória - Brasil. I. Título.

CDD 981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **RAPHAEL GUILHERME GONCALVES DE CARVALHO**, intitulada: "**Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)**"., após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

CURITIBA, 07 de Março de 2017.

RENATO LORES LEITE
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


RAFAEL FARAÇO BENTHIEN
Avaliador Interno (UFPR)


ROBERT WEGNER
Avaliador Externo (FIOCRUZ)


REBECA GONTIJO
Avaliador Externo (UFRRJ)


CHRISTIANE SZESZ
Avaliador Externo (UEPG)



Para o que há de humano em nós

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi concebida entre múltiplos tempos e espaços. Posso dizer sem hesitar que ela ficou assinalada pelos deslocamentos em que esteve implicada. Eu mesmo acredito ter sido felizmente outro. Tempo, portanto, de deslocamento interior, tempo de viagens exteriores. O texto foi escrito entre Paris, Campinas e Curitiba. No espaço de quatro anos, um tempo de espaçamentos, muitas pessoas lhe atravessaram, ganharam significado, e enquanto outras nos deixavam, os de sempre lhe sustentaram o equilíbrio. A cada uma delas devo a chegada, quase são, mas ainda a salvo após encrespada travessia, no dia feliz que é o dia de expressar gratidão.

Manifesto respeitosa saudação ao professor Renato Lopes Leite, que em seguida a momentos muito delicados, assumiu sem hesitar a direção deste trabalho, para o qual colaborou com leituras críticas e sugestivas, e, principalmente, com a liberdade concedida, que só pode ter se ancorado no sentimento de confiança. Dirijo meus mais sinceros agradecimentos aos membros da banca de qualificação, professores Robert Wegner e Rebeca Gontijo, cujos trabalhos largamente me inspiram, e que contribuíram com preciosas sugestões e incentivos para esta versão final, a qual novamente passou por suas avaliações na banca de arguição. Agradeço também à professora Christiane Szesz, que, autora de uma história intelectual de Ariano Suassuna, contribuiu com apontamentos sobre o lugar de Buarque de Holanda o relacionamento com os lugares de outras entidades de nossa historiografia. Por fim, exteriorizo minha admiração e gratidão ao Rafael Faraco Benthien, professor da casa, que, em sua erudição característica, realizou uma leitura muito cuidadosa, forçando os limites do trabalho.

Os agradecimentos são oportunidade de rememorar o percurso da tese, exercício quase inevitável. Como tal, não poderia deixar de mencionar que uma memória dolorosa desde os primeiros meses marcou este trabalho. O falecimento precoce da professora Helenice Rodrigues da Silva (1947-2013) não impediu, todavia, que algumas de suas concepções mais caras estejam presentes desde a base de minhas reflexões, e assim, modestamente, procurei homenageá-la. Aproveito para agradecer o apoio que nesse ínterim me ofereceram sua amiga, Germaine Mandelsaft, para o *séjour* parisiense, e sua irmã, Heliane Kohler, na publicação póstuma dos últimos projetos coletivos de Helenice, nos quais tive a felicidade de figurar.

Em seguida, a acolhida no seminário de tese realizado em 2013 com o professor Luiz Geraldo Silva foi muito importante na definição do plano de tese que, em linhas gerais, e à exceção de uma adiada “segunda parte”, seguiu sendo o mesmo. Agradeço a este professor e aos colegas João Pedro Dolinski, Lara Taline, Daniela Moscato e Eucleia Gonçalves, que leram e debateram com interesse os esboços então apresentados.

Desde do mesmo ano comecei a travar contatos com François Dosse a propósito do estágio no exterior. Mesmo em função de sua amizade com Helenice, de quem partilhamos admiração irrestrita, não poderia eu jamais imaginar tão calorosa acolhida e a convivência sempre atenciosa. Quase desnecessário afirmar a importância do seminário “Histinéraires: l’écriture de soi des historiens” (2014/2015), no Institut d’Histoire du Temps Présent (IHTP), para o enriquecimento do objeto e de suas abordagens. Sou grato, portanto, a François Dosse e aos demais organizadores do projeto “Histinéraires”, Patrick Garcia, Christian Delacroix e Vincent Auzas. Agradeço ao IHTP, este laboratório de vida muito intensa e de contribuições relevantes, na figura de seu diretor, Christian Delage, e do secretário Pascal Maytraud, ambos sempre muito solícitos e compreensivos. Manifesto gratidão também pela convivência muito enriquecedora com os colegas do “bureau des doctorants” José Quental, Yuri Mourão e Myryam Reina, e pela oportunidade de participar do seminário doutoral “Écritures du temps présent: aspects méthodologiques”, por eles organizado.

De retorno, no segundo semestre de 2015, os seminários coletivos de orientação, assim como os diálogos com o pessoal do grupo de pesquisa em “História intelectual, história dos intelectuais e historiografia” (CNPq), coordenado pelo professor Renato e, após o passamento de Helenice, por Diogo Roiz, foram ocasiões muito importantes de discussão, ajustamentos e testes das hipóteses de trabalho.

Agradeço, especialmente, aos colegas Aldina Fernandes, Daiane Machado, Ernando Gonçalves, Federico Cavanna e Lara Saya.

Entre setembro e dezembro de 2015, a mais longa das temporadas em Campinas foi absolutamente fundamental para a concepção do trabalho. Depois de algumas incursões anteriores ao arquivo e à biblioteca Sérgio Buarque de Holanda na Unicamp, essa longa temporada permitiu maior intimidade com o acervo e o vagar na lida com as fontes primárias. Sou grato ao pessoal do Siarq, um espaço muito acessível e garantidor de boas condições para as atividades de pesquisa. Faço menção especial a Telma Murari, sempre disposta a colaborar de diversas maneiras. Ao desenhista Emilio Damiani, pela autorização para reproduzir a caricatura de Sérgio Buarque, agradeço. A convivência cotidiana com o pessoal das Coleções Especiais e Obras Raras permitiu criar um ambiente muito saudável de trabalho, em que boa parte da redação foi executada. Registro, então, o agradecimento pela atenção e companhia das bibliotecárias Fernanda Mira, Celia Aparecida e Isabella Pereira, bem como da diretora Tereza Cristina O. de Carvalho.

Alguns colegas e amigos também se ocuparam da leitura e de apontamentos das primeiras versões do texto, a quem agradeço profundamente pelas leituras recíprocas, e reconheço a dívida pelos diálogos críticos. Entre eles, os jovens “buarqueanos” José Adil B. de Lima (Zeno), Dalton Sanches, Rafael Pereira da Silva, André Furtado. João Kennedy Eugênio e Thiago Nicodemo tiveram a paciência e a gentileza de ler alguns rascunhos e apontar caminhos. O breve diálogo com Pedro Meira Monteiro em um lançamento seu no Rio de Janeiro também foi para mim importante. Outros amigos e amigas, estudantes e pesquisadores de história, como os queridos e as queridas Gabriela Mitidieri Teophilo, Gustavo Durão, Carla Fernanda da Silva, Thiago Felício, Luís Fernando Cavalheiro, Bruno Zorek, Edilson Brito, Guilherme Bianchi e Otávio Erbereli Jr. foram e são muito importantes no processo de amadurecimento, pelos assuntos gerais que costumamos discutir.

A viva alegria e a compreensão de minha filha, Maria Clara Lago de Carvalho, agora aos seis anos de idade, possibilitaram conforto espiritual para um pai, em alguns lapsos de tempo, inevitavelmente distante. Estou certo de que o amor não apenas resistiu como se fortaleceu nesses anos. Sou grato a ela por me ensinar sempre tanto. Faço importante menção ao amparo a ela oferecido por sua mãe nesses períodos. Não menos consideráveis são os suportes emocional e material com que quase sempre pude contar em minha mãe, Heloísa Leme Gonçalves. Também lembro dos amigos que se mantiveram próximos mesmo diante de minha reiterada ausência. Em especial, tenho a agradecer, em memória de Leonice Boamorte, os amigos *de casa*, entre eles Guta e Cezar Brandt. Vale a mesma gratidão para com os novos, como Marcos Vinicius Brunhari, Dominique Udrón, Emanuel Barros, Leo Stange Filho, Anita Becquerel e membros da APES, Priscilla Figueiredo, Julia Valadão, Igor da Costa e demais pessoas da *Maison du Brésil*: muito obrigado pelo apoio desde então.

Manifesto gratidão, por fim, ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná e, em especial, à secretária Maria Cristina Parzowski, invariavelmente providencial. Ao CNPq, pela bolsa de doutorado que permitiu a meditação paciente e exclusiva em torno do trabalho de doutoramento, e à CAPES, pelo financiamento do estágio no exterior. Enfim, desses anos de pesquisa de doutorado saio mais amadurecido e, após algumas experimentações, provido de melhores concepções intelectuais, as quais espero ter exprimido na tese. Muito marcantes foram os sentimentos de angústia e frustração pela ruptura do pacto democrático ocorrida nesse ínterim. Todavia, é importante reconhecer, nesse torvelinho, que os acontecimentos ainda possuem irresistível força catalisadora, que exigem posicionamentos bem fundamentados e marcam a experiência de uma geração, suas relações com a história e o devir.

Curitiba, março de 2017

Examinai tudo, retende o que for bom

Paulo de Tarso

*Non pour établir la vérité,
mais pour la chercher.*

Michel de Montaigne

*Écrire l'histoire fait partie de
l'action de faire l'histoire*

Paul Ricœur

RESUMO

Esta tese tem por tema a constituição do lugar de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) na história da historiografia. A proposta vital é a historicização de seu legado, no sentido de compreender algumas estratégias pelas quais essa posição foi estabelecida. Elegem-se então por objeto o conjunto dos discursos do autor sobre si mesmo e sua obra, e a memória que se construiu em torno dele, principalmente entre os decênios de 1970 e 1980. Assim, o problema essencial perscruta as articulações entre a escrita de si e a memória, nos níveis individual e coletivo. Algumas hipóteses concorrem para a sua melhor apreensão. Parte-se, para tanto, de ao menos dois temas medulares da escrita de si de Buarque de Holanda, como a contumaz e reiterada insatisfação quanto a *Raízes do Brasil*, que visa recuperar o ensaio para novos contextos, e a autoafirmação de sua identidade de historiador, para a qual concorre o recurso à memória disciplinar e a inscrição de si na tradição historiográfica. Em seguida, procura-se observar de que maneiras, por meio desses discursos sobre si, o autor se posiciona com relação tanto às críticas de uma história da historiografia que despontava nos anos 1970, quanto às questões políticas da vida brasileira, submetida a um regime de força. Por fim, o desafio maior é sondar as pontes que se estendem, *do si mesmo ao outro*, isto é, entre a escrita de si e a construção social da memória do historiador, as expectativas que a alimentaram nos anos 1980, sem descuidar de indicar algumas variações internas e temporais. Ao termo desse percurso, espera-se ter contribuído para dar a ver o essencial da constituição da posição estabilizada de Buarque de Holanda na memória disciplinar, como autor clássico de nossa história da escrita da história.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982); escrita de si; memória; historiografia brasileira

ABSTRACT

The purpose of this study, in the broad thematic field, is to show the place of Sergio Buarque de Holanda (1902-1982) in the history of historiography. The main objective is to historicize his legacy in order to understand some strategies adopted for the consolidation of this position over time. The subject matter that was chosen was the author's discourses on himself and his work, and the memory that was built around him, mainly in the 1970s and 1980s. Thus, the research that was done scrutinized the links between the self-writing and the memory, at the individual and collective levels. Some hypotheses help get a better understand of it. Therefore, an analysis is done to look into at least two core themes of Buarque de Holanda's self-writing, such as the stubbornly persistent and repeated dissatisfaction with *Roots of Brazil*, which aims to take the essay to new contexts, and the self-assertion of his historian identity, which coexists with the recourse to the disciplinary memory and the registration of himself in the historiographical tradition. Then, an attempt is made to observe the stand taken by the author, through these discourses about himself, both on the criticism of a history of historiography that began to rise in the 1970s, and on the political issues of Brazilian life subjected to a dictatorial regime. Finally, the biggest challenge is to probe into the bridges between himself and others, that is, between the self-writing and the social construction of the historian's memory, the expectations that fed it the 1980s, without refraining from showing some internal and temporal variations. The expectation is that, at the end of this process, one will be able to understand the essence of how the stabilized position of Buarque de Holanda was established in the disciplinary memory, as a classical author of our history of history writing.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982); Self-writing; Memory; Brazilian historiography

RÉSUMÉ

Cette thèse interroge la constitution de la place de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) dans l'historiographie brésilienne. Elle porte sur l'historicisation de son héritage, afin de cerner les stratégies par le biais desquelles cette position s'est établie au fil du temps. Ainsi l'objet de cette étude regroupe l'ensemble des discours de l'auteur sur lui-même et son œuvre, et sur la mémoire qui s'est édifiée autour de lui, principalement entre les années 1970 et 1980. Dès lors, le problème essentiel s'articule entre l'écriture de soi et la mémoire, aux niveaux individuel et collectif. Quelques hypothèses convergeraient pour une meilleure appréhension. On partira, à cet effet, d'au moins deux thèmes fondamentaux de l'écriture de soi de Buarque de Holanda, comme l'insatisfaction récurrente et répétée à l'égard des *Racines du Brésil* qui vise à transposer l'essai à de nouveaux contextes, et l'autoaffirmation de l'identité d'historien, fruit du recours à la mémoire disciplinaire et de l'inscription de soi dans la tradition historiographique. Puis, il s'agira d'observer de quelles manières, à travers ces discours sur lui-même, l'auteur prend position par rapport, d'une part, aux critiques d'une historiographie qui éclot dans les années 1970, et d'autre part, aux questions politiques de la vie brésilienne soumise à un régime armé. Enfin, le plus grand défi sera de sonder les ponts qui se dressent *de soi-même à l'autre*, c'est-à-dire, entre l'écriture de soi et la construction sociale de la mémoire de l'historien, les attentes qui la nourrissent dans les années 1980, sans toutefois oublier d'indiquer quelques variations internes et temporelles. Au terme de ce parcours, on entendra avoir appréhendé l'essentiel de la constitution de la place de Buarque de Holanda inscrite dans la mémoire disciplinaire, en tant qu'auteur classique de notre histoire de l'écriture de l'histoire.

Mots-clés: Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982); Écriture de soi; Mémoire; Historiographie brésilienne

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABDE – Associação Brasileira de Escritores

BCCL-CEOR – Biblioteca Central Cesar Lattes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), setor de Coleções Especiais e Obras Raras

Cebrade – Centro Brasil Democrático

Coleção SBH – Biblioteca de Sérgio Buarque de Holanda, na BCCL-CEOR (Unicamp)

ESG – Escola Superior de Guerra

ESP – Escola de Sociologia e Política

FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP)

HAHR – Hispanic American Historical Review

HGCB – História Geral da Civilização Brasileira

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros (USP)

INL – Instituto Nacional do Livro

MIS – Museu da Imagem e do Som de São Paulo

MP – Museu Paulista

PT – Partido dos Trabalhadores

PSB – Partido Socialista Brasileiro

SAM – Semana de Arte Moderna

Siarq – Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp

Fundo SBH – Fundo Sérgio Buarque de Holanda do Siarq

UBE – União Brasileira de Escritores

UDF – Universidade do Distrito Federal

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Reconstituição do escritório e biblioteca de Buarque de Holanda na Coleção Especial Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda da Biblioteca Central César Lattes da Unicamp, p.19.

Figura 2 Caricatura de Buarque de Holanda por Emilio Damiani e o Juca Pato de Belmonte, p. 262.

SUMÁRIO

Resumo, ix
Lista de siglas, xii
Lista de figuras, xiii

Introdução

Presença de Sérgio Buarque de Holanda, 16

O corpus documental e as hipóteses em jogo, 22; *As tramas do texto*, 26; *História da historiografia e história intelectual no tempo presente* – Escritas de si entre historiadores – História da memória e memória da história, 29

Capítulo 1

Raízes do Brasil: autobiografia de um ensaio, 35

1.1 O retorno à obliterada primeira edição, 37

Metodização da fortuna crítica; Entre a crítica e a comemoração; Cotejo das edições, estrato da memória.

1.2 Estertores do homem cordial, 53

Uma cordial discussão: Raízes do Brasil após o Estado Novo; Raízes do Brasil defronte os militares: novas bases da autocrítica.

1.3 A remição do homem cordial, 65

Um “Prefácio” para um clássico; Um “significado” para o “clássico de nascença”.

1.4 Homem cordial redivivo, 77

Rememorações de Raízes do Brasil; Comemorações de Raízes do Brasil – Jubileu de Esmeralda – Jubileu de Ouro.

Capítulo 2

A identidade de historiador, 96

2.1 Memórias de um crítico entre os lados do modernismo, 98

Os lados do modernismo: por uma história irredutível; O modernismo visto em perspectiva: depois dos cinquenta anos da Semana.

2.2 Do crítico literário ao historiador, do ensaio à pesquisa histórica, 110

Um caminho natural; O velho historiador relembra o jovem crítico.

2.3 A vocação de historiador e seus lugares, 119

Um “meio historiador” pela institucionalização da história; A experiência do presente e a epistemologia da história; Um balanço historiográfico entre lugares distintos de enunciação; A disciplina histórica pelo historiador de ofício; O recurso à memória disciplinar pelo historiador consagrado.

2.4 Escrita de si na crítica historiográfica e na história da historiografia, 142

Em torno à cátedra; Depois da aposentadoria; História da historiografia e inscrição na tradição.

Capítulo 3

A escrita de si de Sérgio Buarque de Holanda e as questões de seu tempo: história política e história da historiografia nos anos 1970, 159

3.1 O historiador no “castelo medieval”: vida privada, intervenções públicas, 160

O patriarca-historiador; História (e) política.

3.2 História da historiografia em questão (excurso), 177

História, historiografia brasileira, história da historiografia; Histórias da historiografia brasileira.

3.3 Ideologia e história da historiografia brasileira, 189

Reinstitucionalização da história; Circulação e intersubjetividade; Sociologia e historiografia brasileira; Histórias das ideologias; A “contra-ideologia” na história da historiografia brasileira; Irredução ao lugar.

3.4 A polêmica virulenta ou Sérgio Buarque de Holanda pela historicidade da história, 212

Correspondência: resposta aos críticos e escrita de si; A escrita da história em questão; Memorável discussão.

Capítulo 4

Da escrita de si à construção da memória de Sérgio Buarque de Holanda, 227

4.1 “Tentativas de mitologia”: Sérgio Buarque de Holanda entre o si mesmo e os outros, 228

Memórias ou autobiografia intelectual – Ensaio – Unidade da composição – Mitologias – O si mesmo e os outros; Os marcos da memória I: por ele mesmo – Rememoração da trajetória intelectual na “Apresentação” – O presente do historiador.

4.2 O “Intelectual do ano” de 1979 e outras homenagens em vida, 250

Comemoração da trajetória intelectual na premiação de Tentativas de Mitologia – Da recepção do livro – Troféu Juca Pato – O engajamento da memória – Ainda a polêmica; Abertura do horizonte político.

4.3 A passagem à posteridade, 271

Passagens (do si mesmo ao outro); Os marcos da memória II: pelos outros; Tentativas de biografia (exempla), A memória patrimonializada.

4.4 Um complexo de comemorações em 1986, 293

O Extremo Oeste, livro póstumo; O cinquentenário de Raízes do Brasil; A inauguração da “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda”.

Considerações finais

Pluralidade e inacabamento na história da memória buarqueana, 304

Fontes e referências

Fontes, 310

Referências, 318

INTRODUÇÃO

Presença de Sérgio Buarque de Holanda

Veut-on du bien aux monuments, on se voit fatalement obligé de conclure qu'ils nous imposent une exigence contre-nature et qu'ils auraient besoin, pour y réussir, de recourir à des mesures spéciales.

Robert Musil¹

Sobre a mesa de trabalho que pertencia a Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) repousam mudos, imóveis, os prêmios recebidos pelo historiador em seus últimos anos de vida. São eles o troféu Juca Pato, de “Intelectual do Ano” (1979), oferecido pela União Brasileira de Escritores, com apoio do jornal Folha de S. Paulo, e o prestigioso prêmio Jabuti (1980), da Câmara Brasileira do Livro (CBL), na categoria “Estudos literários”. Ambos os prêmios foram concedidos pelo seu último livro publicado enquanto em vida, *Tentativas de Mitologia* (1979). Esse livro reúne textos selecionados de crítica historiográfica e literária, publicados originalmente em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, e precedidos de um ensaio autobiográfico, em que Buarque de Holanda se dispõe ao trabalho de rememoração sobre si. Não fosse pela irreverência do personagem Juca Pato, e a morosidade do Jabuti, vistos como dignos representantes da “brasilidade”, poderia se dizer que os prêmios são impávida e solenemente exibidos. Interposta a ambos, bem ao centro, para onde se faz convergir toda a

¹ MUSIL, Robert. Monuments. In : Œuvres pré-posthumes. Traduction de l'allemand par Philippe Jacottet. Paris: Éditions du Seuil, 1964, p. 78.

concentração dos eventuais observadores, encontra-se a máquina datilográfica *Royal*, usada, segundo consta, na redação de *Raízes do Brasil* (1936). O mobiliário que a entorna sofreu o desgaste do uso e do tempo. As prateleiras das estantes estão sutilmente embaralhadas; a mesa e a cadeira de trabalho defronte à máquina encontram-se corroídas nas extremidades; a poltrona de descanso e leitura não esconde diversas manchas no tecido listrado do espaldar e do assento, nem o braço com a marca funda do cinzeiro. A julgar pelo seu estado, são mais ainda convincentes os relatos de um Buarque de Holanda leitor voraz, desde muito jovens os olhos sempre enfiados nos livros. Porém, a ordem impecável e um tanto oca do ambiente em quase nada se compara à atividade cotidiana de seu *atelier*, que em algumas fotografias se deixa ver abarrotado de livros em uma desordem – suponhamos – inteligível, que se mantinha a muito custo, mais pelos esforços da esposa, Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda (1910-2010).

Adquirida em 1983, e acomodada desde 1986 na Biblioteca Central Cesar Lattes, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a biblioteca de Buarque de Holanda, composta de cerca de dez mil títulos, desde então faz parte do patrimônio dessa instituição.² A Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda (BCCL-CEOR) tem por objetivo preservar, para fins de pesquisa de diversos campos e interesses, as obras dessa que representa uma das mais ricas coleções pessoais do país, dentre elas coisa de seiscentas consideradas raras, mais de duzentos títulos de periódicos e diversos documentos históricos dispostos a quem queira se aventurar por entre suas prateleiras. Outrossim, a singularidade da coleção é assegurada, claro, pela antiga pertença a Buarque de Holanda, o que por si só bastaria. Mas, acontece que seu antigo proprietário costumava fazer anotações de leitura à margem dos livros, e não raro se encontram títulos a ele dedicados por diversos autores, amigos, colegas de departamento ou mesmo alguns de seus respeitosos críticos. Ela pode servir, então, de subsídio a pesquisas no campo das sociabilidades intelectuais e das práticas de leitura, ou mesmo ser tomada por objeto de pesquisa na área da memória histórica.³ Aos poucos, inclusive, a coleção se expande. Com cuidado, para não a descaracterizar, novos títulos são incorporados, exclusivamente sobre Buarque de Holanda e suas obras (ou as novas edições delas), especialmente aqueles trabalhos produzidos

² O acervo pessoal – constituído de correspondências, documentos históricos e pessoais, produção intelectual, produção de terceiros, homenagens póstumas, palestras e discursos inéditos etc. – também foi para aí transferido logo em seguida à compra, como que por extensão da vasta biblioteca, mas fica alojado em outro setor, no Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (Siarq) – Fundo Sérgio Buarque de Holanda (Fundo SBH).

³ Ver, a propósito: ROSSIO, Neire Martins. Memória universitária: o Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (1980-1995). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2012. Rafael Pereira da Silva analisa a constituição do acervo pessoal de Buarque de Holanda. Cf. SILVA, Rafael Pereira da. *A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem* (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 2015.

a partir do acervo e da biblioteca – algumas prateleiras se encontram livres, reservando espaço para o alargamento da fortuna crítica e os desdobramentos da memória.

A Coleção também expressa a proposta de reconstituir a atmosfera “original” do espaço de produção do historiador.⁴ Isto posto, convém a nosso escopo teórico mais amplo fazer notar que as instalações não fogem às demandas, tão atuais e de dimensões globais, da patrimonialização do passado, signo de um regime de historicidade que, desde a opacificação dos horizontes de expectativas nas décadas finais do século 20, se vem acomodando designar “presentista”. Expediente proporcionalmente reverso aos procedimentos de historicização do passado, a comemoração tende a cristalizar a memória e, como efeito, finda por alimentar a sensação de estabilidade ou de continuidade do tempo presente.

Insistir em observar a *mise en scène* da biblioteca de Buarque de Holanda torna inelutável que os contornos de sua memória consolidada se façam nítidos aos olhos. Manifesta nos significativos prêmios recebidos nos anos derradeiros de existência, está a consagração da trajetória de um autor. Na disposição do mobiliário – ao centro a máquina de escrever, de lado a espreguiçadeira, ao fundo as prateleiras repletas –, temos a conservação desses elementos materiais carregados de curiosidades, com vistas à perpetuação de pequenas, mas influentes mitologias individuais. A própria amplidão da biblioteca e seu requintado acervo, constituído de obras seminais em diversas línguas, dão mostra da erudição e da extensa e complexa trajetória cosmopolita de seu antigo titular. Vê-se no conjunto, portanto, a eternização de uma imagem e a celebração da memória do historiador.⁵

⁴ Cf. o *website* do Sistema de Bibliotecas da Unicamp, em página dedicada às Coleções Especiais: <http://www.sbu.unicamp.br/bccl/coleesp/historico.htm>. Acesso em: 13 ago. 2015.

⁵ Para o estudo da memória de Buarque de Holanda, foi estimulante a leitura da biografia de Olivier Dumoulin (2000) sobre Marc Bloch (1886-1944), figura fundadora da autoproclamada revolução historiográfica dos *Annales*. Dumoulin percorre a escrita de si de Marc Bloch, a partir de suas correspondências com amigos ou mesmo no testemunho oferecido por *L'étrange défaite* (1946), e as homenagens póstumas que lhe foram concedidas, em associação com estratégias de apropriação e filiação a suas ideias e projetos historiográficos. DUMOULIN, Olivier. *Marc Bloch*. Paris: Presses de SciencesPo, 2000 (Collection Facettes). François Dosse, ele mesmo autor de biografia intelectual de diretrizes semelhantes (*Paul Ricœur: les sens d'une vie*, 1997), situa o trabalho de Olivier Dumoulin como um dos expoentes do que considera a atual idade hermenêutica do gênero biográfico, quando se privilegia a apreensão da pluralidade de identidades e a questão das mutações temporais de sentido dos sujeitos biografados. DOSSE, François. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: Éditions La Découverte, 2005, p. 407. No mesmo sentido, também busquei inspiração nos importantes trabalhos de: IGGERS, Georg. The Image of Ranke in American and German Historical Thought. *History and Theory*, v. 2, n. 1, 1962, pp. 17-40; HARTOG, François. Le nom d'Hérodote. In: *Le miroir d'Hérodote: essai sur la représentation de l'autre*. Paris: Gallimard, 1980, pp. 11-20.



Figura 1: Reconstituição do ambiente de trabalho de Buarque de Holanda na BCCL-CEOR. À esquerda, o troféu Juca Pato. Jabuti à direita da máquina *Royal*. (Fonte: acervo pessoal).

Sob tal imagem, e em torno desse nome,⁶ se acham, porém, sempre em movimento, suas diversas facetas, uma pluralidade de interpretações, além das lembranças, comemorações e publicações póstumas – dispostas por entre historicidades e lugares distintos de enunciação. Ora, são justamente as idas e vindas, os trânsitos, a dinâmica e as tensões entre a história e memória, e entre o transato e o presente, que acabam por consolidar determinadas representações do passado no espaço público.⁷

Buarque de Holanda é fora de dúvida ainda hoje, transcorridos 35 anos de seu decesso, uma dessas figuras de proa não apenas da cultura histórico-historiográfica, inclusive no exterior. Seu nome figura como referência em diversas outras áreas do saber e das artes; circula por entre meios culturais populares e eruditos; aparece com alguma frequência nos jornais como portador de explicações ainda atuais para as contradições e mazelas do Brasil; na linguagem corrente, carrega o epíteto quase sempre esclarecedor de “o pai do Chico”; é nome de logradouro, batiza

⁶ Judith Schlanger assevera que os nomes transmitidos nos chegam carregados de diferentes estatutos. Cf. SCHLANGER, Judith. Fondation, nouveauté, limites, mémoire. *Communications*, n. 54, 1992, p. 297.

⁷ Cf. SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 429.

bibliotecas, escolas, duas cátedras universitárias no exterior, centros de pesquisa, premiações acadêmicas e até mesmo navio petroleiro.

Para além das fronteiras nacionais, no ambiente acadêmico e cultural, o nome de Buarque de Holanda desponta como referência brasileira basilar. Em 2012 foi estabelecida a *Sérgio Buarque de Holanda Chair of Brazilian Studies*, no *Lateinamerika-Institut* da Universidade Livre de Berlim. Jurandir Malerba (UFRGS) foi seu primeiro ocupante, na condição de visitante, e proferiu aula magna na inauguração da Cátedra sobre “a atualidade de Sérgio Buarque de Holanda”.⁸ Reconhecendo a dificuldade diante de numerosos eixos analítico-interpretativos já propostos para a compreensão da trajetória de sua obra, o autor preferiu se recolher “à sombra de Sérgio, o maior de nossos historiadores”, para rememorar o papel das leituras buarqueanas em sua formação, entre 1980 e 1990, quando da “redescoberta” do autor. Antes disso, nos anos 1970, o militantismo dos “marxistas da vulgata” na universidade brasileira teria preterido a validade de suas contribuições. Hoje, porém, seu nome, “unanimemente reconhecido”, é resguardado sob o abrigo de um “panteão de intocáveis”.⁹

Outro exemplo, bastante próximo: no recurso à tradição de história cultural no Brasil, autores como Buarque de Holanda e Gilberto Freyre (1900-1987) foram (re)convocados como “precursores”. Isso fica claro na leitura de Ronaldo Vainfas, em posfácio à edição de 2010 de *Visão do Paraíso* (1959). Com base na memória de sua experiência acadêmica nos anos 1970 e 1980, Vainfas afirmou que o senso comum “acabou embolando os dois autores, embora Freyre tenha sido apoiante do regime, ao contrário de Sérgio Buarque, crítico assumido”.¹⁰ À distância de meio século, Vainfas considera *Visão do Paraíso* “um documento importante”, que comprovaria a rebeldia intelectual de seu autor contra certos determinismos em voga na produção histórica daquele tempo, e ao mesmo tempo, reconhecendo a autoridade conquistada pela obra, “agora um monumento que completa 50 anos”.¹¹

⁸ MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, 2012, p. 9-20.

⁹ *Ibid.*, p. 12. Ainda antes, em 1999, fora fundada a *Chaire bésilienne de sciences sociales Sérgio Buarque de Holanda* na *Fondation Maison des Sciences de l’Homme* (FMSH), em Paris: “O nome de Sérgio Buarque de Holanda foi dado à Cadeira em razão da contribuição decisiva deste autor na renovação das ciências sociais no Brasil; seu livro *Raízes do Brasil* [...] marcou profundamente diferentes gerações de estudiosos e constitui referência maior para a análise dos obstáculos para a consolidação de um Estado moderno e democrático neste país” [trad. livre]. Cf. <http://chairesergiobruarque.msh-paris.fr/spip.php?article7>. Último acesso em: 11 out. 2015.

¹⁰ VAINFAS, Ronaldo. “Posfácio”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 557.

¹¹ *Ibid.*, p. 560.

No terreno da política, Buarque de Holanda é lembrado, antes de mais nada, pela participação na institucionalização do Partido dos Trabalhadores (PT), tendo sido mesmo um dos signatários do manifesto de fundação do partido, em fevereiro de 1980. O historiador hoje empresta seu nome ao arquivo histórico do Diretório Nacional do PT. O *Centro Sérgio Buarque de Holanda de Documentação e História Política*, criado pela Fundação Perseu Abramo (CSBH-FPA), tem por missão a conservação e o tratamento da documentação histórica ligada ao partido, sua disponibilização pública e o fomento à pesquisa histórica. A memória do historiador foi evocada entusiasmamente pelo ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante discurso de comemoração dos 35 anos de fundação do partido, em fevereiro de 2015 – entre a quarta vitória consecutiva em eleição presidencial e o início do processo de destituição da presidenta reeleita Dilma Rousseff, em dezembro daquele mesmo ano. “O que fizemos nesses 12 anos [de governo federal] *honra a memória* daqueles que viram, na criação do PT, a oportunidade histórica do povo brasileiro para tomar o destino em suas mãos. *Companheiros da qualidade de Sérgio Buarque de Holanda*, [...] entre tantos outros que sonharam conosco desde o início da jornada [grifos meus]”.¹²

Esses discursos de ocasiões comemorativas talvez ajudem a sugerir parte dos valores coletivos – a democracia e a inclusão social no Brasil – associados a seu legado atualmente, para além das esferas historiográfica ou do pensamento social brasileiro e, de quebra, a prevalência de sua imagem em relação a de contemporâneos de geração, como Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. (1907-1990). Este presente é, em grande parte, tributário de uma memória um pouco mais recuada. Começamos agora a entender do que trata, afinal, o trabalho que aqui se apresenta.

A contar principalmente dos anos 1970 até início dos anos 1980, como bem indicam os prêmios recebidos por Buarque de Holanda, as comemorações de *Raízes do Brasil*, o aparecimento constante na imprensa, comentando sua trajetória e a situação política do país, os diversos prefácios redigidos para livros de amigos, colegas e discípulos, entre outros inúmeros indícios, vemos nele um intelectual consagrado, considerado clássico ainda quando em vida.¹³ Nesse período, não casualmente, ele se entregou com maior frequência a uma postura relativamente incomum de seus textos até então: o recurso à escrita retrospectiva em primeira

¹² LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso em comemoração aos 35 anos do Partido dos Trabalhadores [06 fev. 2015]. Disponível em: <http://www.institutolula.org/discurso-de-lula-na-comemoracao-dos-35-anos-do-pt>. Último acesso: 10 out. 2015.

¹³ MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45) [1979]. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 87.

pessoa, fórmula memorialística e autobiográfica por excelência. Entendamos, por enquanto, a vasta constelação da chamada “escrita de si” como o conjunto de escritos em primeira pessoa – sem desprezar outros suportes que não o exclusivamente textual – que têm por intenção primordial produzir um autorretrato para as gerações posteriores.

O corpus documental e as hipóteses em jogo

A matéria mais relevante, nessa acepção, é fora de qualquer hesitação *Tentativas de Mitologia* (1979). Esse livro, última publicação do autor em vida, compila, como já dito, textos selecionados de crítica historiográfica e crítica e história literárias, produzidos sobretudo entre os anos 1940 e 1950, durante parte de sua trajetória como crítico em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Desse modo, não apenas a narrativa memorialística e autobiográfica que introduz a antologia, mas também a própria seleção de ensaios que a compõe já são indícios suficientes de uma latente construção de si.

No mesmo período, Buarque de Holanda foi constantemente solicitado por diversos veículos da imprensa brasileira, de modo bastante geral, a conceder entrevistas a respeito dos processos políticos e históricos vividos pelo país; sobre sua trajetória e contribuições intelectuais; instado a falar sobre a própria disciplina histórica ou ainda a respeito do convívio com outras personalidades intelectuais; até mesmo, não poucas vezes, sobre a sua vida familiar. No espaço da entrevista, o enunciado em primeira pessoa corre menos constritamente, embora dependa da intencionalidade do interlocutor.¹⁴ Reiteradas ocasiões, nessas e noutras conversações, como a entrevista para a *American Hispanical Historical Review* (HAHR) (1982) ou o depoimento gravado para o Museu da Imagem e do Som (MIS) (1981), o historiador reforçou aspectos importantes de sua identidade intelectual ou procurou esclarecer passagens mais obscuras de sua trajetória.

Neste ínterim, ainda, foi que escreveu a maior parte (vinte, de um total de trinta e dois) dos prefácios de obras historiográficas e literárias reunidos posteriormente em *O Livro dos*

¹⁴ As novas (des)configurações do espaço público, com os avanços da midiática e suas tecnologias, para Leonor Arfuch causam forte impacto sobre as formas tradicionais de escrita autobiográfica: “En este horizonte una forma peculiar parece concentrar en sí misma las funciones, tonalidades y valores – biográficos – reconocibles aquí y allí, en los diversos géneros: *la entrevista*, que podrá devenir indistintamente biografía, autobiografía, historia de vida, confesión, diario íntimo, memoria, testimonio”. Cf. ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico*. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010, p. 117. Algumas biografias e autobiografias de intelectuais se apresentam frequentemente sob a forma de entrevistas. Por exemplo: ARIÈS, Philippe. *Un historien du dimanche*. Paris : Éditions du Seuil, 1980, 219 p. ; CHAUNU, Pierre; DOSSE, François. *L’instant éclaté: entretiens*. Paris: Aubier, 1994, 331 p.; FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978, 170 p.

Prefácios (1996). Aposentado em 1969 da USP, Buarque de Holanda permanecia de algumas formas ativo no ambiente universitário, participando de bancas de doutoramento ou em publicação na *Revista de História*. Algumas teses que dirigiu, depois publicadas como livros, foram por ele prefaciadas, que não raro comentava as particularidades mais íntimas de sua atuação no feitiço das obras. Estes textos introdutórios fazem as vezes de verdadeiros ensaios de crítica historiográfica ou de história da historiografia, ao extrapolarem amiúde os limites dos conteúdos da obra em questão, para melhor situá-los nos debates dos quais participam. Um deles é o célebre “O atual e o inatual em Leopold von Ranke” (1974), publicado como introdução à seleção de textos do historiador alemão, pelo próprio Buarque de Holanda, em 1979. Além desse, outros textos historiográficos desse período permitem melhor compreender as concepções de história de Buarque de Holanda e, por conseguinte, a construção de sua identidade como historiador. Claro que a autorrepresentação dessa identidade historiadora se faz também pelo contorno do outro, pela crítica historiográfica, pelos afastamentos e rejeições explícitas ou pelas aproximações tangíveis.

Lamento que desse recorte temporal não restem em seu arquivo pessoal numerosas correspondências ativas, como é quase natural. As correspondências são, pois, peças privilegiadas para uma história intelectual, particularmente para estudo da escrita de si de um autor. Conquanto, o que é bastante significativo, o autor teve o cuidado de guardar um rascunho de correspondência endereçada a Carlos Guilherme Mota, com quem se viu enredado em uma disputa historiográfica naquela década de 1970. Não só a carta, mas os artigos críticos de Mota e uma espécie de retratação de Alfredo Bosi se encontram preservados no mesmo envelope. Esta disputa, somada a outras evidências transparentes em sua escrita de si, é mostra expressiva de um distanciamento de Buarque de Holanda com relação à nova geração de historiadores daquela década, comprometidos com a “crítica ideológica”.

Nesse período, de disputas historiográficas e, também, de regime militar, não constituía mera casualidade que o historiador intensificasse os depoimentos tardios concernentes a *Raízes do Brasil*. O autor repisou em várias ocasiões as explicações sobre a polêmica do “homem cordial”, sua participação no modernismo, suas leituras de juventude, a presumida influência da historiografia alemã, entre outros temas que cercam o ensaio de 1936. De suas constantes releituras autocríticas de *Raízes do Brasil*, um dos documentos mais emblemáticos que estudaremos é o texto da palestra proferida pelo autor na Escola Superior de Guerra (ESG) em 1967, mesmo ano em que se instituía a nova Lei de Segurança Nacional. A essa altura, seu amigo muito próximo, Antonio Candido, no prefácio para a quarta edição (1963), já havia se

referido ao ensaio como um clássico. Mas seria apenas no prefácio “O significado de *Raízes do Brasil*”, assinado em 1967 e publicado na quinta edição (1969), que ele se tornaria “um clássico de nascença”. As comemorações da obra, muito frequentes entre as décadas de 1970 e 1980, complementam os esforços de transformação e recontextualização do livro.

Esse conjunto de considerações sobre si de uma forma ou de outra acaba muito provavelmente sendo incorporado pela memória que se formou acerca de Buarque de Holanda, sobretudo nos anos 1980. É provável também que a própria escrita de si acabe por direcioná-la. Toda escrita de si, enquanto trabalho de rememoração, é necessariamente produção de memória e, enquanto inscrição da trajetória rememorada, escrita autobiográfica. Subjazem ao discurso da memória as expectativas imanentes aos projetos, que lhe mantêm vivas e atualizadas, e também o peso das instituições que lhe dão suporte e guarida. O relacionamento emaranhado entre memória, autobiografia e historiografia envolvendo Buarque de Holanda se manifesta em documentos diversos: desde as homenagens por ele recebidas quando ainda em vida, e especialmente nas homenagens póstumas; nos esboços biográficos – vida e obra em relação imediata, especular – de que geralmente se fizeram acompanhar as compilações de estudos e homenagens da década de 1980, em exposições, mostras, seminários de estudos; na cerimônia de inauguração do acervo e biblioteca do historiador na Unicamp, em 1986, à qual se combinavam as comemorações do cinquentenário do clássico de 1936 e a primeira publicação póstuma, o livro *O Extremo Oeste* (1986).

O renomado historiador, consoante os depoimentos de amigos e familiares, era dotado de característico senso de humor, traço que permanecia dos anos de juventude modernista, e recorria frequentemente à caçoada, mesmo em situações consideradas formais. Pelo menos desde 1966, ele repetia o bordão “Sou apenas o pai do Chico”.¹⁵ Costumava responder, quando indagado sobre possível ascendência germânica, que, ao contrário, era “pai de alemão”, em referência ao filho que deixou na República de Weimar nos anos de 1930.¹⁶ Claro que são evasivas muito espirituosas. Mas sabe-se, desde Sigmund Freud (1856-1939), que os chistes, se bem analisados, estão longe de desempenhar função inocente. Distante de qualquer incursão

¹⁵ A entrevista se passou nos Estados Unidos, no apartamento que ocupava o professor Buarque de Holanda enquanto visitante na State University of New York. O entrevistador descreve o modesto ambiente e afirma que antes mesmo de começar a entrevista o professor advertia que não se deveria perguntar nada a seu respeito: “Sou apenas o pai do Chico [...], mais conhecido hoje no Brasil que todos os historiadores juntos”. Neste ano o cantor e compositor estreante já vencia o Festival de MPB da TV Record com a canção “A Banda”. GARCIA, Roberto. “Sou apenas o pai do Chico”. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, ano 14, n. 759, 1966, p. 124-125.

¹⁶ ANDRADE, Jorge. 42 anos A.C. *Revista Realidade*, jun. 1972, p. 78 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

selvagem pela psicanálise,¹⁷ somente ressaltando, assim, que a nada insuspeita repetição da fórmula do “pai do Chico” exerce um papel literalmente memorável: é repetida *ad infinitum*, seja em outras entrevistas, nas homenagens póstumas ou outros meios mais.¹⁸ Efetivamente, uma maneira de Buarque de Holanda se manter atual, participe da estruturação de uma memória hegemônica de “resistência cultural” ao regime autoritário,¹⁹ enquanto figura elementar no ambiente formador de uma das personalidades artísticas de maior influência sobre os valores da juventude, especialmente no campo das esquerdas.

Ao tomar por objeto, entre os anos de 1969 e 1986, a escrita de si de Buarque de Holanda, articulada aos debates historiográficos coetâneos e à construção de sua memória, tem-se em vista, como objetivo, a proposta de *historicização*, ou seja, pelo uso dos aparatos críticos da história, sua inserção em uma narrativa consistente, no fito de demonstrar a irredutível pluralidade dessa memória feita de conflitos e camadas sobrepostas. Historicizar, porém, não é uma atitude absolutamente neutra, como possa parecer. O argumento disposto, ao revisitar esse passado próximo, procura agir sobre o tempo presente, nessa imagem/recepção que indeterminadamente desliza no *continuum* temporal. Essa proposta talvez possa contribuir, afinal, para o contorno de uma indesejável canonização do autor, como vem alertando a historiografia especializada. De outro lado, não visio a qualquer tipo de “desconstrução”, em sentido vulgar. Por isso, foi importante a breve descrição do estado atual da memória de Buarque de Holanda, em que percebem as tramas da comemoração, reiteradas continuamente, e a conservação de um retrato estabilizado do historiador. Historicizar é essencialmente devolver ao tempo, fazer frente à projeção sobredeterminada e à ambição quiçá de eternização observada no discurso memorial.

Até aqui, importou a delimitação do objeto, a projeção das hipóteses, e interessa agora demarcar os caminhos pelos quais seguirá o argumento. A hipótese básica, já sabemos, é procurar demonstrar, nos planos semântico (a dimensão textual) e social (de uma história da

¹⁷ Todavia, não ignoro que algumas relações entre escrita de si e história sejam desenvolvidas do ponto de vista psicanalítico. Cf. CHIANTARETTO, Jean-François. *Écriture de soi*. In : MESURE, Sylvie ; SAVIDAN, Patrick (Dir.). *Le dictionnaire des sciences humaines*. Paris : Presses Universitaires de France, 2006, pp. 351-354.

¹⁸ Entre esses outros meios, destaque-se que o historiador e seu talentoso filho protagonizam em 1967 uma campanha publicitária do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, intitulada “Um amigo da família”. O anúncio apelava então para discurso de união dos valores tradicionais e modernos, em busca de atingir ao mesmo tempo o público jovem e o de idade mais avançada. Chico e Sérgio Buarque representavam a imagem-síntese dessa intenção: “O BCI acha que não se deve separar os homens pela idade, mas uni-los pelos seus valores essenciais. Sérgio (pai de Chico) e Chico (filho de Sérgio) são nossos clientes [...]”. In: UM AMIGO da família. *O Estado de São Paulo*, 17 nov. 1967, p. 45.

¹⁹ NAPOLITANO, Marcos. A “resistência cultural” durante o regime militar brasileiro: um novo olhar historiográfico. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.) *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 200.

memória), as articulações entre escrita de si e memória. Outra questão precípua é compreender, no objeto e período delimitados, a imanência entre memória e projeção no tempo. Outras hipóteses, mais pontuais, mas importantes na constituição e suporte do processo de historicização, aparecerão ao longo do texto, as quais serão explicitadas em cada capítulo.

As tramas do texto

São quatro os capítulos que dão corpo ao argumento. Os dois primeiros se concentram em dois principais temas da retrospectiva sobre si por Buarque de Holanda. Os dois seguintes ampliam a curvatura para um diálogo crítico com a historiografia de antanho e a construção da memória. No primeiro dos quatro capítulos, “*Raízes do Brasil: autobiografia de um ensaio*”, discutiremos sobremaneira o conjunto dos discursos críticos de Buarque de Holanda relativamente ao seu livro de estreia. Em simultâneo, acompanharemos parte de sua recepção, a preparação de algumas edições, coincidentes com o período eleito para estudo, com especial atenção aos seus elementos paratextuais; e, por fim, as homenagens dos quarenta anos (1976) e do cinquentenário do ensaio (1986). Do cotejo desses discursos ficam salientes algumas recorrências, uma contradição fundamental, e algumas questões indispensáveis se impõem. Algumas razões parecem ter levado Buarque de Holanda a tomar distância de *Raízes do Brasil*. Ao mesmo tempo, contudo, ele é considerado pelo próprio autor como ensaio de íntegra resistência democrática. Como entender essa possível contradição? É inegável, diante disso, que, implícita à reabilitação do livro naquele contexto, reside uma inquietação política. Como entendê-la? Veremos, portanto, como, a partir de diversas estratégias coordenadas, o ensaio granjeou sopro de nova vida.

Lado a lado com a autocrítica de *Raízes do Brasil* há nos discursos de Buarque de Holanda sobre si a tentativa de definição como historiador de ofício, que vem acompanhada de sermões sobre o conceito de história e as funções da historiografia. No capítulo segundo, o que estudaremos serão os modos pelos quais Buarque de Holanda reivindica determinada “identidade de historiador” (título mesmo do capítulo). Isso porque, em hipótese, ele mesmo sugere um movimento para compreensão de sua trajetória, da crítica literária ao ofício de historiador. Procuo entender, então, quais as concepções de história construídas pelo autor, sobretudo nos últimos movimentos de sua trajetória, da cátedra de História da Civilização brasileira na USP à aposentadoria. Para bem caracterizar essas concepções, importa considerar, em primeiro plano, os seus lugares distintos de enunciação e, então, as memórias disciplinares mobilizadas e as formas de autoinscrição na tradição historiográfica.

São pelo menos dois temas fundamentais da escrita de si de Buarque de Holanda: as ponderações sobre *Raízes do Brasil* e a autodefinição de uma identidade historiadora. Subjacente a ambas, os engajamentos e tomadas de posição política. Partimos, nos dois primeiros capítulos, de uma análise mais detida de seus textos mesmos. Nos dois capítulos seguintes, abrimos o leque, sem perder de vista a centralidade da escrita de si, para o confronto com os contextos político e historiográfico e a construção histórica de sua memória.

Com “A escrita de si de Sérgio Buarque de Holanda e as questões de seu tempo: história política e história da historiografia nos anos 1970”, terceiro capítulo, veremos um historiador aposentado, que mesmo em casa não deixa de produzir obra historiográfica relevante e afinada com as preocupações urgentes de seu tempo. Não deixa também de participar ativamente da vida pública brasileira. Procede-se, então, a indagação sobre como se relaciona Buarque de Holanda com a historiografia da geração de 1970. Saibamos de antemão tratar-se de um campo de disputas acirradas – geracionais, institucionais, disciplinares –, que contestam a autoridade de Buarque de Holanda. A fim de limitar esse vasto canteiro, uma vez que se trata do tempo mesmo da expansão da pesquisa não apenas histórica, selecionei para confronto especialmente os textos de época sobre historiografia e sua história no Brasil. Além disso, algumas questões são aí proeminentes e daremos a elas maior atenção: é o caso da noção de “ideologia” colocada pela época. Como era visto, então, Buarque de Holanda por essa geração da “crítica ideológica”? A partir dos textos sobre si, como parece ter recebido e que tipo de respostas pôde produzir às críticas recebidas?

Por fim, no quarto e último capítulo, “A escrita de si e a construção da memória de Sérgio Buarque de Holanda”, atinaremos, em linhas gerais, para o processo de estabilização da memória buarqueana, processo intenso até meados dos anos 1980. O objetivo é reconstituir as pontes entre escrita de si e memória, ou, no dizer de Paul Ricœur (1913-2005), entre rememoração individual e memória coletiva. O percurso do capítulo se inicia com a análise de *Tentativas de Mitologia* (1979), peça mais sensível da consagração intelectual de Buarque de Holanda e, por extensão, das relações entre escrita de si e demais constructos memoriais. Percorreremos em seguida os depoimentos e homenagens de seus próximos: os pares intelectuais, os amigos e familiares. Eles possuem papel central na institucionalização da memória acerca do historiador. Nas múltiplas comemorações de 1986, veremos brevemente como essa memória apontava para a, ou se conformava a, narrativa mais ampla, da redemocratização, e se dirigia às futuras gerações. Devo advertir que a questão da memória não

se deixa confinar neste último capítulo, mas percorre todos os anteriores, e deságua nele, onde pode ser mais adequadamente avaliada.

Como se vê, este *corpus* documental não receberá tratamento estritamente cronológico. Claro que, para bem do argumento, é fundamentalmente necessária a inteligibilidade da ordem temporal. Também procura-se estabelecer uma trajetória interpretativa que se dirige do texto ao contexto, e não o contrário. Mas, no tocante à escrita de si, particularmente, engendra-se uma espécie de mosaico, de fragmentos e resíduos autobiográficos,²⁰ organizados por temáticas específicas, salvo por *Tentativas de Mitologia*, em que o autor, ele mesmo, constitui unidade de sentido para sua narrativa autobiográfica.²¹

Por que, afinal, o recorte entre 1969 e 1986? Nesse período, entre escrita de si e construção da memória, se delineia mais substancialmente a memória consagrada do historiador, ele mesmo ator e objeto desse movimento. Além disso, ainda que desde bem antes Buarque de Holanda fruisse do reconhecimento, ainda que já se contassem discursos em primeira pessoa e comemorações, as expressões de si se avolumam exponencialmente nos anos de 1970. Depois da aposentadoria, em 1969, os discursos em primeira pessoa continuam a fazer referência à posição de professor catedrático, historiador de ofício, como que determinante ou mesmo organizadora da rememoração de si. Paralela à autocrítica do autor, Antonio Candido assinava o prefácio para a quinta e definitiva edição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1969, que recolocaria o ensaio novamente em evidência como “um clássico de nascença”. Vinte anos depois, em 1986, temos um conjunto de comemorações – por exemplo, o jubileu de ouro de *Raízes do Brasil* – que atestam a escrita de si e atualizam e reforçam a memória. 1969 e 1986 são datas, portanto, bastante significativas para as intenções aqui declaradas, mas que não se explicam por si só. Rogo ao leitor, então, que compreenda a inevitabilidade de alguns sobrevoos explicativos de sua trajetória precedente – sempre através da escrita de si e o sentido sugerido para a trajetória –, para melhor apreensão dos momentos rememorados pelo historiador.

²⁰ Também sobre a variedade de formas do gênero autobiográfico contemporâneo (correspondências, diários, entrevistas, memórias e seus respectivos limites e possibilidades para análise), particularmente entre os historiadores, ver POPKIN, Jeremy. *History, historians & autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005, pp. 68-73.

²¹ Buarque de Holanda não legou numerosa escrita de si, mas do que dispomos é bastante significativo. Legou menos ainda se comparado por exemplo com Gilberto Freyre, alguém reconhecidamente muito cioso de sua imagem. FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília, Editora da UnB, 1968; *Tempo morto e outros tempos*: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. Já com relação a Caio Prado Jr., segundo um de seus biógrafos, não se observa grande preocupação deste autor com relação à posteridade de sua memória. Cf. IUMATTI, Paulo Teixeira. *Caio Prado Jr., uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 184.

A problemática visada se situa, então, na confluência de duas vias, historiografia e memória, ou seja: situar a escrita de si de Buarque de Holanda nos debates historiográficos de seu tempo e historicizar a construção de uma memória estabilizada no tempo, mas relativamente diversa em sua unidade. O que se entende, afinal, por escrita de si? Que relação com a memória? Quais as suas possibilidades na historiografia? Estes planos e as inclinações epistemológicas iminentes à problemática assumida é que vamos cuidar de entender agora, cuidando de não cair em digressão puramente teórica, mas fazendo delas uso heurístico, ao explicitar onde foram hauridas as hipóteses de trabalho.

História da historiografia e história intelectual no tempo presente

O objeto deste trabalho se situa na esfera de um presente espesso, carregado de múltiplas historicidades e camadas de sentidos superpostas. Além disso, não por mera eventualidade, o contexto temporal de definição da própria história do tempo presente (1978) coincide com o período aqui estabelecido para análise, além das similitudes entre contextos intelectuais distintos. Por essas razões, e em função da natureza reflexiva cada dia mais nítida da historiografia, torna-se indispensável reclamar esse arcabouço.

Escritas de si entre historiadores

Jeremy Popkin, o norte-americano que desenvolveu ampla pesquisa sobre autobiografias de historiadores modernos, afirmou que teve como ponto de partida o acaso da descoberta dos *Essais d'ego-histoire* (1987), de Pierre Nora. Especialista da Revolução Francesa, ele acredita que seu interesse pela história advém de regiões obscuras da memória. Na infância, visitou o túmulo de Napoleão, entre outros monumentos da capital francesa. Mas ele só estabeleceu essa relação inconsciente bem mais tarde, quando revirou o arquivo pessoal do pai, historiador da filosofia, e se dedicou à leitura de sua correspondência. Enfim, a partir dessa pequena mitologia pessoal, já podemos sondar algumas conexões entre a autobiografia e a disciplina histórica.

Mas, não constitui mero acaso que Pierre Nora, organizador dos *Essais d'ego-histoire* (1987), seja também o coordenador da monumental empresa dos *Lieux de Mémoire* (1984-1992). Os dois projetos são intimamente relacionados, participam de um mesmo momento de singularização e individualização da relação com a memória, em lugar do vazio deixado pela implosão do quadro nacional. Segundo Nora, a ego-história se tratava de “um gênero novo para

uma nova idade da consciência histórica”, ou seja, sinalizava uma virada da história-memória nacional em direção à objetificação da memória coletiva. Não importava tanto a subjetividade por si só dos historiadores, mas naquilo que ela poderia contribuir para aclarar a conexão entre “a história que faz o historiador e a história que o faz historiador”.²²

Em uma biografia intelectual de Pierre Nora, François Dosse analisou os arquivos relativos a esse editor-historiador na Gallimard, casa editora de seus projetos. Dosse notou que os “Ensaio de ego-história”, assim como os “Lugares de Memória”, somente apareceram após longo período de gestação do projeto, intitulado inicialmente “auto-história” (1982). Ambos os projetos foram longamente discutidos, desde a década de 1970, nos seminários da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).²³ Nos arquivos, o biógrafo observou igualmente que a maior dificuldade encontrada foi a recusa de diversos autores convidados, como Paul Veyne, Pierre Vidal-Naquet ou Michel de Certeau. As reticências ao plano de Nora se poderiam explicar pelo *ethos* ainda dominante na historiografia francesa, que apenas começava a se ressentir do enfraquecimento do paradigma dos *Annales*.²⁴

Popkin, todavia, anota o desenvolvimento das autobiografias de historiadores e estudos sobre textos em primeira pessoa desde então. Alguns anos depois da recusa ao apelo de Nora, o próprio Vidal-Naquet (1998) publicaria ele mesmo suas memórias em dois volumes. Saul Friedländer (1978), Philippe Ariès (1980), Emmanuel Le Roy Ladurie (1982), Arlette Farge (1989), entre outros, são alguns autores a se terem lançado à escrita em primeira pessoa. Desse modo, segundo Popkin, a ambição de Nora contribuiu para a atual relevância da autobiografia entre os historiadores, vista como a possibilidade de reforço da imagem coletiva da disciplina.²⁵ A dimensão autobiográfica soma-se então às demonstrações de Michel de Certeau (1925-1986) sobre a imprescindibilidade de esclarecimento do lugar social e institucional de enunciação de toda escrita historiadora.²⁶

²² NORA, Pierre (Dir.) *Essais d'ego-histoire*. Paris: Gallimard, 1987, p. 7 [trad. livre].

²³ DOSSE, François. *Pierre Nora: homo historicus*. Paris: Perrin, 2011, p. 309.

²⁴ *Ibid.*, p. 392.

²⁵ POPKIN, Jeremy. *op. cit.*, p. 76.

²⁶ Cf. CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975, p. 94. Além do lugar, a “operação historiográfica” se articula às práticas disciplinares e à escrita (narrativa) da história.

Autobiografia, memórias, correspondências ou diários íntimos, enquanto variantes de uma mesma qualidade de escritos em primeira pessoa do singular,²⁷ são objetos mais recorrentemente associados à literatura e aos estudos literários. Isso não quer dizer, todavia, que ficção e autobiografia sejam invariáveis, do mesmo modo que entre essas formas, além da autoficção ou da ficção biográfica, não há fronteira estanque. É inegável que toda essa discussão sobre as escritas de si tenha se iniciado no contexto intelectual francês dos anos 1970.²⁸ Mas também é verdade que ela rapidamente ultrapassou as fronteiras disciplinares (literatura e história, filosofia, psicanálise) e circulou entre distintos contextos intelectuais (em Portugal, nas Américas, também no Brasil).

Interessa notar, todavia, como a escrita dos historiadores em primeira pessoa tem sido hoje explorada. Entre 2013 e 2016, o projeto “Histinéraires: la fabrique de l’histoire telle qu’elle se raconte”, coordenado por Patrick Garcia, ao lado de Christian Delacroix e François Dosse no *Institut d’Histoire du Temps Présent* (e outras instituições associadas), abriga ampla investigação sobre a “escrita de si dos historiadores”. Problematizam-se aí os memoriais científicos de “Habilitation à diriger des recherches” (HDR) de historiadores em atuação, a fim de se observar nessa literatura, enquanto fonte para uma cartografia da comunidade historiadora, a inscrição das evoluções historiográficas, a estruturação da profissão em termos de posições institucionais e redes de sociabilidade, a deontologia profissional e a mobilização e construção de memórias disciplinares.²⁹ Patrick Garcia publicou em 2014 o seu memorial com o título *Les présents de l’historien*. O livro integra a coleção “Itinéraires” (v. 6), editada na Sorbonne. Garcia entende a obrigação de produzir estes memoriais pelos candidatos à HDR como *democratização* da ego-história.³⁰ É desse modo que François Dosse contempla os ensaios de Nora, espécie de matriz contemporânea da escrita de si entre historiadores,³¹ agora aberta ao exame mais amplo, aprofundado e crítico.

²⁷ Essas diferenciações, considerados os empréstimos mútuos entre elas, podem ser assimiladas pela noção de “escrita de si”, terminologia proposta inicialmente por Michel Foucault (1926-1984) em texto homônimo (1983). In: CHIANTARETTO, Jean-François. *op. cit.*, p. 352.

²⁸ Um bom observatório da questão no período é o debate travado entre os eminentes estudiosos da autobiografia como gênero, Georges Gusdorf (1912-2000) e Philippe Lejeune nas páginas da *Revue d’histoire littéraire de la France*, n. 6, “L’Autobiographie”. Nov./déc. 1975, 75^e année, n. 6.

²⁹ Cf. <http://crheh.hypotheses.org/542#more-542>. Último acesso: 17 ago. 2016.

³⁰ GARCIA, Patrick. *Les présents de l’historien*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2014, p. 20 (Itinéraires, 6), p. 20.

³¹ DOSSE, François. *op. cit.*, cap. 20: “L’écriture de soi”, 2011, pp. 389-396. Ele mesmo também publicou seu memorial de HDR, mas somente no Brasil. Nora, por sua vez, publicou recentemente uma autobiografia através de suas tomadas de posição político-intelectuais. DOSSE, François. Ensaio de ego-história: percurso de uma pesquisa. In: *História e ciências*

Também no campo da historiografia brasileira encontramos algumas contribuições recentes que tomam como objeto a escrita de si e a memória de historiadores. Lidiane Rodrigues tratou da importância das autorreflexões de Florestan Fernandes (1920-1995) em período – os mesmos anos 1970 e 1980 – de redefinições da própria condição do intelectual e de rearranjos memoriais.³² Wilton da Silva tem procurado discutir a pontencialidade do estudo da escrita autobiográfica nos memoriais acadêmicos da universidade brasileira, especialmente nas humanidades.³³ Considere-se, particularmente, a pesquisa de Rebeca Gontijo sobre as articulações entre escrita de si, memória e historiografia em torno do historiador erigido ao longo do século 20 como fundador da moderna historiografia brasileira, Capistrano de Abreu (1853-1927).³⁴ Sobre Oliveira Vianna (1883-1951), autor em geral associado ao campo conservador e, por isso, colocado à margem do cânone da historiografia brasileira, temos o trabalho de Giselle Venâncio, que privilegia, além dos textos, a montagem do arquivo pessoal de Vianna enquanto construção de si.³⁵

Tanto Venâncio como Gontijo figuram como colaboradoras na significativa antologia organizada por Angela de Castro Gomes, “Escrita de si, escrita da história”. A autora, com base nas reflexões de Michel Foucault (1983), entende a escrita de si como “trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa”.³⁶ O livro representa incontornável lugar de debates sobre escrita de si e sua relação com a história, particularmente da historiografia brasileira.

Constituindo uma rememoração ou até mesmo uma comemoração do si-mesmo, a escrita de si, em todas as formas de expressão, da autobiografia à correspondência, é indiscernível da reflexão sobre a memória e o tempo, notadamente o tempo presente, convergência de múltiplas historicidades.

sociais. Trad. Fernanda Abreu. Bauru, SP: Edusc, 2004, pp. 11-61; NORA, Pierre. *Historien Public*. Paris: Gallimard, 2011.

³² RODRIGUES, Lidiane Soares. *Florestan Fernandes: interlúdio (1969-1983)*. São Paulo: Hucitec, 2010.

³³ SILVA, Wilton C. L. da. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa. *Patrimônio e Memória* (Unesp), v. 11, n.1, 2015, pp. 71-95.

³⁴ GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. Particularmente, eu dizia, em função da ascendência que este e outros de seus ensaios, dos quais nos serviremos em alguns momentos, tiveram sobre o feito desta tese.

³⁵ VENÂNCIO, Giselle Martins. *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Na mesma linha, sobre a trama do arquivo, está a citada tese de Rafael Pereira da Silva (2015) sobre Buarque de Holanda (Cf. nota 3 e, depois, capítulo 4.3).

³⁶ GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 16.

História da memória e memória da história

Mais do que apenas seu objeto, a memória constitui a própria matriz da história, na densa reflexão epistemológica e ontológica de Paul Ricœur.³⁷ Percebe-se um processo dialetizante, à medida que ambas, memória e história, partilham de um mesmo referencial comum, qual seja, o próprio passado. Inesgotável, aberto à revisitação e reinterpretação contínuas, este não se encontra alheio a uma “ação retroativa”: em reabrindo os projetos inconclusos aí encontrados, podemos reabastecer as reservas de nosso futuro. Ao mesmo tempo, segundo a função matricial da memória, ela seria a melhor guardiã da presença do passado no contemporâneo. Mas, quando submetida ao crivo da história, a memória ganharia qualitativamente em sua ambição de fidelidade, contra a instrumentalização acrítica do passado como tradição. Segundo Ricœur, deve-se manter viva a todo custo a tensão inerente à memória e à história, a fim de procurar escapar das imposições do “dever de memória” (tudo conservar, tudo comemorar).³⁸

Algumas premissas ricœurianas encontram-se à base de minha pesquisa, enquanto referência teórica maior, na apreensão do movimento principal de *passagem* da escrita de si à construção (social) da memória de Buarque de Holanda. Isto é, trata-se do trabalho historiográfico de reconstituição das pontes que se estendem entre a memória individual e a memória coletiva ou, dito de outro modo, *do si mesmo ao outro*. São três os sujeitos de atribuição da memória segundo Paul Ricœur: o si mesmo, os próximos e os outros.³⁹ Para compreender o sujeito que narra a *si mesmo*, pode ser operatório o conceito de “identidade narrativa”, como “suporte da permanência do nome próprio”.⁴⁰ Conhecido o caráter transgeracional da memória, o *outro* em questão se dirige à ulterioridade. O plano intermediário de referência mútua e de diálogo concreto entre esses dois polos se encontra nos *próximos*, aqueles “outros” privilegiados, situados entre o indivíduo e a comunidade de pertença. No caso de Buarque de Holanda, enquanto os próximos são a família e os intelectuais amigos, como principalmente Antonio Candido, e discípulos, como Witter ou Odila Dias, o destinatário são

³⁷ RICŒUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris : Éditions du Seuil, 2000, p. 179, p. 500.

³⁸ Ricœur, ainda que não se lhes oponha, assinala a falibilidade dos “lugares de memória” como recurso heurístico, pois que estes foram pervertidos e se tronaram reféns da comemoração e patrimonialização do passado. *Ibid.*, p. 532-534.

³⁹ *Ibid.*, p. 161-163.

⁴⁰ RICŒUR, Paul. *Temps et Récit*. Tome III : Le temps raconté. Paris : Éditions du Seuil, 1985, p. 355 [trad. livre]. Sobre a apropriação historiadora das teses ricœurianas, penso-a, com C. Delacroix, como voltada para o desafio de historicização da própria disciplina e aprofundamento da sua reflexividade. Cf. DELACROIX, Christian. Les historiens français: une réflexion en trompe l'œil ? In: DOSSE, François; GOLDENSTEIN, Catherine (Dir.) *Paul Ricœur: penser la mémoire*. Paris: Seuil, 2013, p. 64.

as futuras gerações da comunidade de historiadores e, no âmbito da cultura histórica, de forma geral, a sociedade brasileira em vias de democratização.

Importa situar as questões da escrita de si e da memória no *entrelac* da história da historiografia com a história intelectual, para a qual a primeira fornece importantes subsídios e, no sentido inverso, pode colaborar para com o estudo da própria disciplina entre os historiadores. Ao tematizar o *heros* Buarque de Holanda, observa-se de perto a estabilização de seu lugar na cultura política da democratização e na história da historiografia naquelas décadas de 1970 e 1980.⁴¹ A escrita de si e a construção da memória se faziam com vistas à inscrição do legado, por ele mesmo e por outros, nessas dimensões, entre as quais privilegiaremos a memória da disciplina histórica em grave contexto político.

Conforme Bertrand Müller, a memória disciplinar da história confere uma busca de identidade em meio a disputas institucionais, diante da fragmentação da disciplina histórica e da maré memorial crescentes desde os anos 1970. A partir das autobiografias, memórias, correspondências, depoimentos ou da crítica historiográfica, a memória disciplinar “consolida retratos”, “distribui as fundações” e “assegura a posteridade” de uns e não de outros nomes, cristalizando *momentaneamente* as relações de força que se disputam em determinado campo.⁴²

O estudo da escrita de si dos historiadores, ligada às construções memoriais – talvez este seja o alcance de tais preocupações –, pode contribuir, portanto, para a autocrítica da história da historiografia e oferecer elementos para a história intelectual. Isto, seja tanto a partir de como os historiadores, sobretudo os considerados clássicos, participam da elaboração de sua memória e de sua posição na memória disciplinar, seja também, por conseguinte, de como são fundadas, arranjadas e mobilizadas as autorrepresentações da história como disciplina.

O trabalho que ora se apresenta, em se ocupando essencialmente da historicização do principal momento de cristalização da memória buarqueana, dela presentifica o passado, enquanto historiciza-lhe o presente. As histórias sobre o tempo presente procuram, pois, resistir ao presentismo, oferecendo antídoto à presença monumental do passado.⁴³

⁴¹ Entre hermenêutica e pragmática, a história intelectual visa reinscrever as ideias em sua historicidade. Cf. DOSSE, François. *La marche des idées: histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: La Découverte, 2003, p. 318-319.

⁴² Nesta pesquisa, vale o uso da noção para a compreensão das referências mobilizadas por Buarque de Holanda e consequente construção de seu lugar na história da historiografia. Cf. MÜLLER, Bertrand. L’opération historiographique chez Paul Ricœur ou le statut de l’histoire dans l’épistémologie. In: *L’histoire entre mémoire et épistémologie: autour de Paul Ricœur*. Lausanne: Payot, 2005, p. 198.

⁴³ ROUSSO, Henry. *La dernière catastrophe: l’histoire, le présent, le contemporain*. Paris: Gallimard, 2012, p. 195-202.

CAPÍTULO 1

Raízes do Brasil: autobiografia de um ensaio

Les écrivains d'âge mûr n'aiment pas qu'on les félicite avec trop de conviction de leur première œuvre. [...] Mon meilleur livre, c'est celui que je suis en train d'écrire ; tout de suite après vient le dernier publié mais je me prépare, en douce, à bientôt m'en dégoûter.

Jean-Paul Sartre¹

Durante quase toda sua vida intelectual e até hoje, transcorridos entre trinta e quarenta anos de sua morte, o nome de Buarque de Holanda permaneceu indelevelmente identificado a seu livro de estreia, *Raízes do Brasil* (1936). Seu autor muitas vezes foi confundido com o “homem cordial”, personificação ideal-típica do “caráter brasileiro”. Não é tarefa penosa sustentar essa estreita amálgama entre o autor e sua obra, mesmo sem mobilizar inúmeras evidências. Basta estarmos atentos ao número de edições até o presente (26); às comemorações dos quarenta anos (1976), depois do Jubileu de Ouro (1986); à edição especial dos setenta anos (2006) e, finalmente, à edição crítica (e comemorativa) dos oitenta anos do livro (2016); às traduções em diversas línguas, como a inglesa, alemã, francesa e até japonesa; sem falar, claro, de todo o imenso volume de fortuna crítica. *Raízes do Brasil* é ainda o livro mais comentado de Buarque de Holanda, talvez pela vertiginosa atualidade de muitos de seus enunciados, provavelmente também devido à sua complexidade e possibilidades diversas de interpretação ou, ainda, um lugar privilegiado de observação do(s) tempo(s) em que foi produzido e revisto quase obsessivamente pelo autor. Mesmo nos comentários a outros objetos de sua vasta

¹ SARTRE, Jean-Paul. *Les mots*. Paris: Éditions Gallimard, 1964, p. 195.

produção, raramente se o faz sem trilhar algum paralelo com seu ensaio dos anos 1930. Nele, afinal, se apresentam diversas questões que o autor continuará a explorar de outras maneiras ulteriormente. As suas raízes modernistas, para ficar somente com um exemplo, atravessam boa parte da produção histórica do autor.

Não foram poucos os debates que suscitou. Durante a história do livro, diversas idas e vindas sobre ângulos interpretativos foram ora valorizados, ora esquecidos. Contamos hoje com a oferta de uma gradação de interpretações que se situam entre polos opostos e irreconciliáveis, desde a afirmação de um “radicalismo democrático” (Candido, 1969) até a notificação de “conservantismo” (Waizbort, 2011). Na agenda do dia tem havido um retorno crítico à primeira edição (e cotejo com as demais edições), movimento que alcançou o ápice em 2016, com a edição crítica de *Raízes do Brasil*.² Tal dinâmica, enfim, tem grande parte no interesse que dedico neste trabalho à escrita de si e impulsão da memória do autor.

É também, contudo, em razão da sua posição atual de clássico incontornável da historiografia brasileira que procuro compreender, neste capítulo, parte do desenrolar de seu destino e as mutações de ênfase nos sentidos de *Raízes do Brasil* – em termos de sua recepção e de sua história. Parto, para isso, sempre do ponto de vista das autocríticas de seu autor, acompanhando em paralelo os rearranjos de elementos paratextuais e as comemorações da obra. Durante boa parte da história deste livro, e principalmente em momentos mais críticos da história brasileira, Buarque de Holanda se empenhou em desfazer supostos mal-entendidos, afastar-lhe de possíveis apropriações indesejáveis e, dessa forma, orientar “a boa inteligência” da obra – pouco espaço sobrou, portanto, para a “autonomia do texto”, do qual quase nunca em sua história o autor se distancia.³

Não é de somenos importância, portanto, a gravidade da autocrítica de Buarque de Holanda que faz cair seu peso *sobre* o ensaio *Raízes do Brasil*. Certamente não por acaso, nesse mesmo período, entre os anos 1960 e 1980, é que o livro foi entronizado como “clássico de

² Faço tão somente *menção* à edição crítica, publicada no segundo semestre de 2016, que, em denso aparato erudito, esmiúça as transformações no texto de *Raízes do Brasil* ao longo do tempo e as incorpora ao volume. Por isso, representa um ponto alto desse momento da memória buarqueana, mudando talvez para sempre as formas de leitura do clássico de 1936. Boa parte dos trabalhos dos mesmos autores que participam da nova edição será estudada na próxima subseção (1.1). HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição crítica. Organização de Lilia Moritz Schwarcz e Pedro Meira Monteiro. Texto e notas de Mauricio Auciña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

³ A referência, para tanto, são as reflexões de Paul Ricœur sobre o “mundo do texto” e a função hermenêutica de distanciamento. Estruturado como obra de cultura, o texto projeta diante de si um mundo, uma proposta, que escapa da intenção fundamental do autor, e da qual o leitor pode se apropriar, com alguma margem de liberdade. Cf. RICŒUR, Paul. La fonction herméneutique de la distanciation. In: *Du texte à l'action: essais d'herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil, 1986, p. 111.

nascença”, e mais, comemorado seguidas vezes como tal. A incidência da escrita de si de Buarque de Holanda sobre *Raízes do Brasil*, como procuro demonstrar, se constitui sobre três eixos principais. O primeiro deles, sua identidade semântica, nas reiteradas advertências sobre a verdadeira acepção da cordialidade e nas orientações para a boa inteligência da obra. O segundo se refere ao apoio dos paratextos editoriais, notadamente os prefácios que induzem a determinadas percepções. O último diz respeito às comemorações em torno do ensaio em reedições especiais.

“Autobiografia de um ensaio”, portanto, porque se trata acima de tudo da escrita de si do autor em relação ao seu livro mais conhecido. Se hoje se tem realizado a crítica genética e o cotejamento das suas diferentes edições, procuro chamar a atenção também para a importância do peso desse elemento na recepção e na história do livro.⁴ Em impondo ao “homem cordial” a sua morte e superação, seu autor o contextualiza; paradoxalmente, ao mesmo tempo, com apoio extratextual, sopra-lhe nova vida e o recontextualiza. Consideramos, portanto, *Raízes do Brasil* já nos anos de 1960 a 1980, como que situado entre história e memória.

1.1 O retorno à obliterada primeira edição

A fortuna crítica da obra de Buarque de Holanda resulta hoje incomensurável. Significativa, primeiro, da estatura atual atingida pelo nome de Buarque de Holanda; segundo, das lógicas rememorativa e comemorativa que transpassam boa porção dos estudos, ensaios, coletâneas, dossiês e discursos em torno do autor de *Raízes do Brasil*, mormente em função do impulso do centenário (2002), sem esquecer das recentes publicações póstumas, que também parecem obedecer a tais critérios. Não é minha intenção discutir pormenorizadamente a fortuna crítica, que não cessa de se expandir. Um tal assunto mereceria por si só densa e extensa pesquisa à parte, que fosse capaz de decifrar as comunidades e as disputas de interesses dos autores que escrevem frequentemente sobre Buarque de Holanda, que pudesse sublinhar suas constantes e perceber seus silêncios, enfim, que restituísse aos diferentes discursos, enunciados em tempos e lugares distintos, as reivindicações em jogo e os usos, historiográficos ou políticos, ou ambos, que são feitos em torno de sua memória.

⁴ O título escolhido para o capítulo dialoga com o de um ensaio de João Cezar de Castro Rocha (2012, pp. 19-39), “*Raízes do Brasil: biografia de um livro-problema*”, que se atém às mudanças no texto empreendidas por seu autor no tempo.

Metodização da fortuna crítica

João Kennedy Eugênio e Júlia Silveira Matos produziram análises mais sistematizadas da fortuna crítica relativa a *Raízes do Brasil*. O trabalho da pesquisadora aponta exatamente para uma necessidade de contextualização de algumas das interpretações de *Raízes do Brasil*.⁵ Julia S. Matos repara que os “principais estudiosos” – leia-se Antonio Candido, amigo, e Maria Odila. L. S. Dias, ex-aluna e assistente de Buarque de Holanda – muitas vezes interpretaram o clássico da década de 1930 de forma descontextualizada, embora ela mesma se utilize apenas da sétima edição (1973) do livro e desconsidere as distâncias entre produção e recepção. Ainda assim, procura se inteirar do contexto de produção, das influências e engajamento político do autor em questão, a fim de “ressignificar, desvendar o sentido de *Raízes do Brasil* em seu momento de produção”.⁶

Em vivo e crítico debate com Candido e Dias, como resultado da investigação do texto em si, acaba por duvidar de ambos em pontos cruciais de suas interpretações. Com relação ao primeiro, Matos discorda da construção da imagem de um “democrata radical”, pois que Buarque de Holanda admitiria em algum grau o recurso à força na implantação da democracia.⁷ Com relação a Dias, Matos não concorda com a afirmação de que o historiador era mais afeito à militância intelectual que efetivamente política, uma vez que, em considerando o texto como ação em si, a produção histórica do autor era exatamente crítica à cultura, à sociedade e ao Estado brasileiro. De outro lado, também ataca a exaltação de sua participação na fundação do PT. Em suas palavras, este último momento da trajetória do historiador “não serve como exemplo de sua militância, até porque foi muito posterior à produção do corpo de sua obra”.⁸ Mas, pode-se a esta especulação objetar que o autor manteve ativa sua produção histórica até os últimos instantes de sua vida. *Raízes do Brasil*, por exemplo, só foi estabelecido em definitivo em 1969. Além disso, não me parece incoerente com sua trajetória e com o corpo de sua obra que ele tenha investido suas esperanças em uma aproximação com as forças progressistas e democráticas que se aglutinavam em torno daquele partido nos anos 1980, da

⁵ MATOS, Julia Silveira. O intelectual e a obra *Raízes do Brasil*: uma discussão historiográfica. *Biblos*, Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (UFRGS). n. 19, 151-170, 2006.

⁶ *Ibid.*, p. 151.

⁷ *Ibid.*, p. 158.

⁸ *Ibid.*, p. 167.

mesma maneira que havia se posicionado contra o Estado Novo (1937-1945) de Vargas em 1945.

Por fim, sobre a multiplicação de trabalhos, recensões e discursos a respeito do autor após o ano de sua morte, Julia S. Matos se limita a compreender o fenômeno como uma “onda modista” que frequentemente produziu erros e superficialidades.⁹ É inegável que essa onda tenha de fato se erguido, mas o conjunto de homenagens póstumas não é desprovido de valores e pistas importantes a serem pesquisadas: muito além de mero modismo, trata-se de um complexo processo de construção de uma memória coletiva, com vistas a determinados projetos de futuro, no horizonte mesmo da reabertura democrática. Mesmo com essas objeções que fui capaz de levantar, não se deve deixar de considerar o mérito de suas análises, tanto pelo enfrentamento sincero das interpretações tradicionais, quanto pela sugestão da necessidade de melhor contextualização das condições de recepção de *Raízes do Brasil*, como etapa necessária de interpretação da obra.

Encontramos em João Kennedy Eugênio, por sua vez, uma apreciação sistemática mais bem estruturada e promissora. Ele visualiza a presença de ao menos três matrizes rivais na fortuna crítica de *Raízes do Brasil* e atribui as divergências entre os intérpretes à própria sinuosidade dos argumentos do autor de *Raízes do Brasil*. Ou seja, a mesma distinção que demarca entre as “matrizes rivais”, ele as percebe na composição do argumento do próprio ensaio.¹⁰ Cada uma delas, então, daria ênfase a possíveis ângulos de leitura do livro. Entendo que o mérito mais evidente dessa análise – que não se quer total, nem definitiva, mas se entende como estudo preliminar para servir de estímulo a novas pesquisas – além do aprofundamento da compreensão da complexa trama do texto – já anteriormente aludida por Antonio Candido como uma “metodologia dos contrários” –, está em argumentar a favor da integração de tais matrizes, com vistas a um ganho cognitivo e ao acúmulo compreensivos e à possível superação de interpretações muitas vezes redutoras da complexidade do ensaio.

As matrizes rivais, enfim, seriam três: a sociológica, a identitária e a integradora. A primeira matriz, “sociológica”, tem como figura de proa Antonio Candido, autor da “mais influente leitura de *Raízes do Brasil*”, com o prefácio à quinta edição (1969) e o “post-scriptum” da edição de 1986, comemorativa do cinquentenário da obra. Segundo Eugênio, a ênfase em

⁹ *Ibid.*, p. 168, nota 66.

¹⁰ EUGÊNIO, João Kennedy. Matrizes rivais na fortuna crítica de *Raízes do Brasil*. In: *Ritmo espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Teresina: EDUFPI, 2011, pp. 43-69.

1986 no progressismo político de Buarque de Holanda descomplexifica a própria análise anterior (1969) do jogo de contrastes. A segunda matriz, “identitária”, repousa o acento sobre os traços historicistas e românticos também presentes no ensaio, e tem como protagonista as leituras de Maria Odila L.S. Dias (“Sérgio Buarque de Holanda, historiador”, 1985). Antes dela, contudo, Abílio Guerra “Raízes modernistas de Sérgio Buarque de Holanda”, 1987) e outros teriam produzido análises correlatas, mas que passariam despercebidas por boa parte das pesquisas ulteriores. A última delas, “integradora”, procura dialetizar as duas faces anteriormente evocadas. O primeiro texto de Candido (1969), Dante Moreira Leite (“O caráter nacional brasileiro”, 1969) e, sobretudo, Angela de Castro Gomes (“Dialética da Tradição”, 1990) e George Avelino Filho (“Cordialidade e civilidade em *Raízes do Brasil*”, 1990) compõem esta grade de leitura mais complexa. O autor, com justiça, aí insere o próprio trabalho (1999) e também o de Robert Wegner (2006).

Kennedy Eugênio afiança que muito ainda há que ser feito e que a fortuna crítica de *Raízes do Brasil* há tempos reclama “estudo abrangente e detalhado”.¹¹ Mas, se este autor descarta o valor das análises ditas pragmatistas – aquelas capazes de decodificar as posições e deontologias disciplinares, subjacentes a toda produção de conhecimento histórico, e com isso contribuir para o avanço do conhecimento epistemológico da historiografia – talvez sejam elas mesmas que, se combinadas com a hermenêutica do efeito, dos diferentes momentos de composição e recepção do ensaio, possam resultar em análise melhor cimentada dos caminhos da sua fortuna crítica.¹²

Entre a crítica e comemoração

Gostaria de mencionar, pela sua significância e pelo caráter de arranjo entre a comemoração e a apreciação criteriosa, dois dos recentes esforços coletivos de aglutinação e balanço da fortuna crítica e memória de Buarque de Holanda. Em 2008, organizado por Pedro Meira Monteiro e pelo próprio João Kennedy Eugênio, o livro *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas* agrega em suas mais de setecentas páginas diversas perspectivas interpretativas,

¹¹ *Ibid.*, p. 49.

¹² Ainda sobre o assunto, dispomos do texto de Dalton Sanches, que combina a análise da fortuna crítica com o problema das diferentes edições. Cito-o em nota a fim de não estender o tópico em demasia, uma vez que ele analisa basicamente os mesmos textos fundadores, embora também procure delimitar historicamente a produção mais recente: “frisemos, enfim, que será somente na década de 1990, portanto, que os trabalhos de pesquisa sobre a sua obra começam gradativamente a proliferar no meio acadêmico brasileiro, conduzindo toda uma nova geração às sendas abertas às possibilidades que tal produção suscita”. SANCHES, Dalton. As escritas de (e sobre) *Raízes do Brasil*: possibilidades e desafios à história da historiografia. *História da Historiografia*, n. 9, ago. 2012, p. 205.

ou analíticas, rivais ou complementares, de vários períodos e obras ao longo da trajetória de Buarque de Holanda, além de trazer a público textos até então inéditos – é o caso da preciosa palestra sobre *Raízes do Brasil*, proferida pelo próprio autor em 1967, na Escola Superior de Guerra (ESG), em tom de mordaz autocrítica – ou há muito publicados e perdidos de vista em jornais do passado – como o ensaio de crítica historiográfica “O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos” (1951). Ao final, além de belo e extenso acervo de fotografias e documentos reproduzidos, chamados no livro “Figurações”, ainda podemos contar com uma criteriosa – e então atualizada – catalogação das referências bibliográficas de Buarque de Holanda e sobre Buarque de Holanda, feita pela dupla Vera C. Neumann-Wood, da Seção de Coleções Especiais da Selby Public Library (EUA) e Teresa Cristina O. N. de Carvalho, diretora atual da CEOR-BCCL da Unicamp.

É importante considerar que, declaradamente, a lógica da comemoração (de uma dupla comemoração, neste caso) embala a realização da vasta empresa: “Se este livro nasceu, como projeto, do ensejo do centenário do historiador, em 2002, ele, no entanto, por razões de ordem editorial e orçamentária, vem a publicar-se um pouco depois, quando se comemoram, por uma feliz coincidência, os 70 anos da primeira edição de *Raízes do Brasil*”.¹³ Muito embora participe abertamente da onda memorial, o livro se mostra consciente de que um clássico é uma construção no tempo e, mais que isso, ao tentar fugir da mera celebração, se posiciona criticamente frente ao risco de “monumentalização” do autor e sua obra: “É costume, e dos piores, essencializá-lo, erigindo obra e autor num monumento que deve conter, já no ato mesmo de sua criação, a inviolabilidade e a inteireza que os pósteros hão de atribuir-lhe, ou antes, hão de reconhecer-lhe”.¹⁴ O livro, enfim, vem a atualizar as obras coletivas de síntese que se fizeram sobre Buarque de Holanda nos anos 1980, mas prevê acima de tudo fornecer tão somente um “panorama, provisório e lacunar, dos caminhos e recortes nos estudos sobre a produção intelectual de Sérgio Buarque”.¹⁵ Não sem boas razões, portanto, foi recebido mais como uma nova abertura de caminhos que propriamente uma condensação da fortuna crítica do autor.¹⁶

¹³ EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira. Introdução: um espírito (in)consútil. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 16.

¹⁴ *Ibid.*, p. 15.

¹⁵ *Ibid.*, p. 11.

¹⁶ ANHEZINI, Karina. Perspectivas e expectativas para novas interpretações da obra de Sérgio Buarque de Holanda. *História da historiografia*, n. 9, ago. 2012, p. 263.

Em 2012, como resultado de uma série de encontros havidos em setembro do ano anterior, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), saiu publicado o livro *A atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*, sob organização de Stelio Marras. Este evento marcou as comemorações dos 50 anos de fundação do IEB (1962), instituição da qual Buarque de Holanda foi protagonista. Em uma linha de análise semelhante àquela proposta por Monteiro e Eugênio, esta seleta não despreza a busca de equilíbrio entre comemoração e distanciamento: “a homenagem, por devida que seja, ainda assim não se opõe à revisão crítica”,¹⁷ adverte o organizador logo na abertura. Um dos propósitos mais salientes da obra seria, então, a fim de cumprir tal propósito, “a compreensão das ambiguidades desde sempre enraizadas no pensamento de Sérgio Buarque” (*Idem*). Nesse sentido, de compreensão das ambiguidades, são fundamentais ao menos dois trabalhos presentes na coletânea. De João Cezar de Castro Rocha, “Raízes do Brasil: biografia de um livro-problema” trata dos desafios postos pela problemática das metamorfoses do livro entre a primeira (1936) e a quinta (1969) edições.¹⁸ De Brasílio Sallum Jr, temos o texto “Sobre a noção de democracia em *Raízes do Brasil*”. Este trabalho evoca também a escrita e reescrita da primeira (1936) e segunda (1948) edições do ensaio no fito de pensá-lo em “duplo contexto”, ao qual atribui as modificações empreendidas pelo autor: “como parte da reação antiliberal [1936] e como parte do contexto de redemocratização [1948]”.¹⁹ Arrisco afirmar que essas antologias aparecem em hora oportuna, pois que representam simultaneamente sintoma e renitência: sintoma, dado o estágio avançado das pesquisas em torno de Buarque de Holanda, de especialização, fragmentação, mas também, e principalmente, de pluralidade interpretativa; renitência, dado o embaraço causado diante da possibilidade, quase tendência, de transformação do autor em ícone, em eterno – e inócuo – monumento, a ser mais celebrado e utilizado, que ser convocado efetivamente a serviço do debate crítico com vistas à construção dos saberes.

Esse movimento se acentuou no início deste século 21, até o ponto de despertar a preocupação com a canonização, conforme vimos nas duas últimas obras de síntese da fortuna crítica do autor, ou suscitar censuras mais radicais, que retomam de certa forma problemas levantados nos anos 1970. Contudo, nenhuma dessas fases deixam de ser perpassadas pelas

¹⁷ MARRAS, Stelio. Entre o êxito e a hesitação: pensamento e militância de Sérgio Buarque de Holanda. In: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, p. 10.

¹⁸ CASTRO ROCHA, João Cezar de. *Raízes do Brasil: biografia de um livro-problema*. In: *Ibid.*, 2012, pp. 19-37.

¹⁹ SALLUM Jr, Brasílio. Sobre a noção de democracia em *Raízes do Brasil*. In: *Ibid.*, 2012, pp. 51-61.

formas ritualizadas da comemoração, que acabam por dar continuidade e garantir a atualização memória de Buarque de Holanda.

Cotejo das edições, estrato da memória

Nada obstante, começamos a constatar algumas ranhuras na imagem consagrada do autor de *Raízes do Brasil*. Na esteira da crítica desferida por Leopoldo Waizbort, do departamento de Sociologia na USP, para quem o ainda jovem Buarque de Holanda da primeira edição de *Raízes do Brasil* está mais próximo do conservadorismo europeu que de uma radicalidade democrática, diversos trabalhos passaram, de alguma maneira, a considerar e se posicionar diante dessa questão.²⁰ A crítica de Waizbort, sem exagero, é a mais radical feita até hoje a Buarque de Holanda e suas *Raízes do Brasil*, e nem por isso se desfaz da civilidade de uma sólida erudição, assim como não deixa de reconhecer a relevância e até mesmo a atualidade do ensaio. Contudo, de certa forma, tal crítica continua a avaliação geral da geração de 1970, atenta sobremaneira ao que consideravam como o aspecto ideológico presente nas “interpretações do Brasil” produzidas no decênio de 1930. Ora, a historiografia da geração de 1970, como veremos no terceiro capítulo, é praticamente unânime na crítica das “interpretações do Brasil” produzidas no decênio de 1930. O que as difere do juízo de Waizbort é que, enquanto nelas se examina de forma genérica o conteúdo ou a *ideia* de caráter brasileiro, este autor, com base em Karl Mannheim (1893-1947) sobre o pensamento conservador, vai às filigranas do texto original, de 1936, para esquadrihar o campo interno de sua produção. Sua análise é expressamente oferecida em oposição frontal à de Antonio Candido.

A leitura de Antonio Candido, como disse norteadora, enraíza retrospectivamente o livro em um contexto intelectual e social e busca, nesse enraizamento, dissipar ambiguidades de natureza sobretudo política, convertendo o livro em um pioneiro do radicalismo democrático. No polo oposto a uma leitura como a de Antonio Candido, encontramos leituras que operam uma desistorização do texto, lançando mão de procedimentos vários para desenraizar o texto de seu contexto.²¹

²⁰ WAIZBORT, Leopoldo. O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil*, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, jun. 2011, pp.39-62; SALLUM Jr., Brasílio. *op. cit.*, 2012; ROCHA, João Cezar de Castro. *op. cit.*, 2012; FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 82, jun. 2013, pp. 119-140; NICODEMO, Thiago Lima. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. *História da Historiografia*, n. 14, abr. 2014a, pp. 44-61.

²¹ WAIZBORT, Leopoldo. *op. cit.*, p. 40.

Waizbort evoca o trabalho do italiano Robert Vecchi, sobre as metáforas no discurso de *Raízes do Brasil*, como exemplar de uma dissociação entre texto e contexto, ao dar prioridade a questões de linguagem. Tendo a não endossar isso que Waizbort entende por “desistoricização do texto”, pois, se o ensaio foi produzido originalmente em determinado contexto, não deixou de se transformar e de viajar no tempo, operando deslocamentos de sentido nas alterações empreendidas pelo autor, sendo reinterpretado sucessivas vezes em contextos políticos e culturais distintos. Aliás, se aplicado o mesmo critério ao prefácio de Antonio Candido, não seria ele o exemplo mais categórico dessa desistoricização, uma vez que contempla o texto da quinta edição de 1969 como se fosse o mesmo desde sempre?

Considerando essas ponderações, creio que um caminho mais fértil seja falar em diferentes planos de historicidade que embalam as diferentes edições, como bem percebeu Thiago Nicodemo. Para ele, resulta a interpretação do Brasil de Buarque de Holanda da combinação entre um horizonte técnico historiográfico, marcado pela profissionalização dos estudos históricos no país (e da própria trajetória de Buarque de Holanda), e um horizonte político, circunscrito pelo impacto da Segunda Guerra Mundial (e pelas redefinições do autor nesse campo), externamente à obra. Já no seu cerne estariam dois planos distintos, o da lógica da colonização em si (de onde a ordem patriarcal), e o rearranjo dessa herança pela modernidade brasileira. Estes planos se comunicam, no desenrolar da narrativa, por uma “imaginação histórica figural”. Contudo, entende Nicodemo que “a própria fortuna crítica sobre o autor não considera esta especificidade e acaba com frequência por embaralhar as temporalidades”, daí a relevância de sua contribuição.²² O próprio Vecchi não desconsidera a questão da historicidade e, ao revisitar os trânsitos de Buarque de Holanda entre a literatura e a história, fala-nos do papel da análise do sistema metafórico na apreensão da semântica de uma temporalidade aberta em *Raízes do Brasil*: “a dobra do passado no presente não cancela a inflexão que também o futuro cria no aqui-e-agora”.²³

De todo modo, se essas notas são importantes porque dão conta de como o autor se posiciona no debate, o argumento de Waizbort não se reduz à contraposição a Antonio Candido. Ele se concentra, é claro, na questão da democracia em *Raízes do Brasil*, empenhado em

²² NICODEMO, Thiago Lima. *op. cit.*, 2014a, p. 53. O autor não se opõe a Waizbort, a (ir) responsabilidade da comparação é minha exclusiva.

²³ VECCHI, Roberto. Contrapontos à brasileira: *Raízes do Brasil* e o jogo das metáforas. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *op. cit.*, 2008, p. 381.

localizar e demonstrar as contradições de seu autor na edição de 1936. Toda essa aplicação pode se ler sintetizada em:

O mal-entendido da democracia, assim, formula o problema da especificidade nacional e da inadequação das soluções exógenas e estranhas à “alma do povo”. Daí o anseio de Sérgio Buarque de Holanda por aquela “superação da doutrina democrática” (*idem* [1936], pp. 149-150), que nos é imprópria, pugnando por uma forma que nos seja “espontânea” e não “estranha ao temperamento nacional” (*idem* [1936], pp. 151, 154). Portanto, que respeite aquela noção verdadeiramente positiva e nossa que é o personalismo e suas formas políticas, a oligarquia e a formação de elites.²⁴

Em que pese a leitura muito cuidadosa do ensaio de 1936, não lhe escapa a problemática das edições. Nesse ponto, o autor realça um olhar interessante sobre a repetida “influência alemã” em Buarque de Holanda, ou o que, menos imprecisamente, ele chama de visitação de autores do campo conservador e antidemocrático: “vale a pena chamar a atenção para uma outra modalidade das alterações textuais realizadas para a edição de 1948: os ocultamentos e os expurgos. Julgo que são muito sintomáticos e gostaria de destacar alguns”.²⁵ Segue-se, então, uma análise do sumiço de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Carl Schmitt (1888-1985) e do repúdio tardio do autor contra o irracionalismo de um Ludwig Klages (1872-1956).

Waizbort considera, até mesmo como premissa, o desconforto de Buarque de Holanda para com *Raízes do Brasil*. Se esta é uma pista importante, penso que pode ser melhor explorada. Afinal, ainda tendo sido a obra substancialmente modificada em 1948, seu autor até o fim mostrou-se reticente, e mesmo as reticências foram sendo atualizadas. Tal desconforto não o é, portanto, *em si*, mas faz parte de um complexo mais amplo, que intento investigar neste capítulo. Um ano após Waizbort, o artigo de Luiz Feldman na mesma *Revista Brasileira de Ciências Sociais* alinha-se quase plenamente aos questionamentos abertos pelo primeiro, seu distinto interlocutor. Nesse ponto, o que os une de forma mais evidente é a aspereza para com as leituras de Antonio Candido. Feldman também percebe, muito rapidamente, a ascendência dos desconfortos de Buarque de Holanda sobre as interpretações ulteriores do ensaio: “Um benefício da abordagem diacrônica aqui proposta é, assim, poder situar com maior precisão as interpretações sobre o livro, evitando imprecisões que possam emergir em afirmações sobre o autor ou dele próprio”.²⁶ A conclusão de sua “abordagem diacrônica” aponta para a discrepância

²⁴ WAIZBORT, Leopoldo. *op. cit.*, p. 52.

²⁵ *Ibid.*, p. 53.

²⁶ FELDMAN, Luiz. *op. cit.*, p. 136.

entre os problemas enfrentados e as soluções encontradas entre as diferentes edições: “[...] o resultado da descontinuidade entre algumas das perguntas decisivas e das respostas cruciais que o texto oferecia em 1936 e que passou a oferecer em 1948 e em 1956 foi uma mudança na narrativa do livro, que se afastou da resignação pragmática com a cordialidade e se aproximou ceticamente de uma promessa de civilidade”.²⁷

Francamente em desagrado à análise de Waizbort posiciona-se Brasílio Sallum Jr, também da área de sociologia da USP. Não é demais considerar que nos cinquenta anos de IEB, seu texto participasse da necessidade de reafirmação da “vocalização sergiobuarqueana” deste Instituto.²⁸ Não pretendo, contudo, reduzi-lo a tal circunstância, pois que o autor não distende o quadro analítico para se lhe adequar ao ensejo. Muito pelo contrário, temos aí uma análise bem equilibrada, que reconhece a importância da leitura de Waizbort em sua possibilidade, mas cuida antes de advertir sobre o movimento geral de superação do passado latente na obra de Buarque de Holanda. Não se trata de uma leitura tradicional, reflexo da fortuna crítica já consolidada, mas, muito embora sua formulação de modo simples, reforça perspectiva *outra*, naquela semelhante orientação de Vecchi ou de Nicodemo. A democracia como “mal-entendido”, segundo o entendimento de Sallum Jr., foi uma expressão usada por Buarque de Holanda para caracterizar um tempo anterior à abolição da escravatura e à aceleração da modernização brasileira, de modo que somente se revestiria de consistente sentido se vista em caleidoscópio de temporalidades discordantes. Assim, a democracia seria discutida em *Raízes do Brasil* não como realidade político-institucional, mas em seus impasses, entre aspiração coletiva e retórica das elites oligárquicas. Em síntese:

Embora a interpretação de Waizbort chame a atenção, com razão, para a presença na primeira edição de *Raízes do Brasil* da forma conservadora de criticar o novo – o artifício contra a organicidade –, entendo que sua interpretação peca por entender *Raízes* em uma chave possível, porém simplificadora, de pensar o processo histórico em função da tensão entre psicogênese e sociogênese. [...] O objeto central de *Raízes*, nó de onde surgem os problemas brasileiros, está para Sérgio Buarque na relação entre ordem socioeconômica em rápida transformação e uma ordem política que a ela não se ajusta, que se mantém presa ao passado, às nossas raízes.²⁹

Data de fins do século 20 este retorno à primeira edição, movimento que a edição crítica de 2016 consolida e, de certa forma, se incorpora à fortuna crítica e à memória buarqueana em

²⁷ *Ibid.*, p. 137.

²⁸ MARRAS, Stelio. *op. cit.*, p. 9.

²⁹ SALLUM Jr., Brasílio. *op. cit.*, p. 54.

um estrato novo e significativo. Já há alguns anos que João Cezar de Castro Rocha vem pesquisando este canteiro. Desde 1998, com *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*, originalmente em dissertação de mestrado defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quando discutia o conceito de homem cordial a partir da história literária, ele já clamava pela necessidade de se observarem as diferentes versões do texto. A rigor, o que estava em jogo era menos o homem cordial em si que as relações de cordialidade que permeiam a cultura brasileira, mais ou menos na linha – aberta no século 20 por Buarque de Holanda – de Schwarz (“As ideias fora do lugar”, 1973) ou de Luiz Costa Lima (“Da existência precária: o sistema intelectual brasileiro”, 1981).

O conceito de homem cordial representa aí então o ponto alto da discussão sobre a instabilidade do espaço público, característica central da experiência histórica brasileira e ainda muito presente. A discussão mais marcante a esse propósito é assinalada como aquela entretida pelo escritor Cassiano Ricardo (1894-1974) e o próprio Buarque de Holanda, a propósito da segunda edição de *Raízes do Brasil*, já no final do decênio de 1940. Castro Rocha recupera a validade da crítica de Cassiano Ricardo, pelo menos enquanto tal, já que não parece estar de pleno acordo com ela. De todo modo, Ricardo não estaria desprovido de razão ao considerar a proximidade da relação entre bondade e cordialidade, uma vez que na edição precedente ela estaria muito menos indiscriminada. Buarque de Holanda imediatamente se esforça por desfazer este primeiro mal-entendido, e a sua versão, por diversas razões, se impõe com o tempo. Outro aspecto muito importante da revisão crítica de 1948 percebida por Castro Rocha é a definição de distâncias para com a obra de Gilberto Freyre. Embora assinale as passagens específicas em que Buarque de Holanda modifica citações diretas e positivas sobre Freyre, ele não avança muito na reflexão dos porquês ou dos sentidos de tal ocultamento. O que lhe importava naquele trabalho de ambições pouco modestas era acima de tudo “não reduzir o comportamento do homem cordial a traços unicamente psicológicos”³⁰ e sim procurar nele as constantes sociais que o definiam, como houvera operado o próprio mentor da noção. No último texto de Castro Rocha (2012), vemos um aprofundamento extraordinário dessa questão do afastamento progressivo de Buarque de Holanda com relação a Freyre, colocado então nos termos de uma rivalidade literária muito marcante para a história intelectual brasileira do último século.³¹

³⁰ CASTRO ROCHA, João Cezar de. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 167.

³¹ CASTRO ROCHA, João Cezar de. *op. cit.*, 2012, pp. 35-36.

No ano 2000 apareceu o estudo de Robert Wegner sobre a obra de Buarque de Holanda dos anos 1940 e 1950, entre *Monções, Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso*, no que diz respeito à história da expansão do território em direção ao Oeste durante o período colonial. Ainda assim, uma vez que o fio condutor da pesquisa de Wegner é a questão das tensões entre tradição e modernidade na formação histórica da nacionalidade brasileira – preocupação que identifica como uma constante dos trabalhos do historiador desde antes até de 1936 –, fez-se necessário também interagir de alguma maneira com *Raízes do Brasil*. Antes de adentrar em seu objeto em si, Wegner operou exatamente um retorno à primeira edição. No primeiro capítulo, então, ele nota em *Raízes do Brasil* a incompatibilidade entre cordialidade (vinculada à tradição do personalismo ibérico) e civilidade (aspiração eminentemente moderna).³²

O segundo capítulo, “Um autor relê seu livro”, não procura dar conta de todas as modificações empreendidas por Buarque de Holanda. Wegner sublinha apenas duas delas. Chama-as, aliás, de “atenuações”. A primeira tem a ver com uma reavaliação das teses de Weber presentes na primeira edição e que sustentam a noção de cordialidade. Wegner observa que, procurando se distanciar de explicações substancializadas e unicamente morais, Buarque de Holanda opera um esforço de melhor situar historicamente o homem cordial, assim como amplia o horizonte de explicação da formação da mentalidade capitalista, o que favorece uma outra maneira de refletir as relações entre tradição e modernização na história do Brasil, nas obras seguintes, *Monções* e *Caminhos e Fronteiras*.³³ A segunda ordem de abrandamentos diz respeito à insatisfação de seu autor para com as explicações de tipo genético, ou seja, aquelas que primam pela permanência, no presente de então, das tradições ibéricas. Na segunda edição essa tradição é também melhor historicizada, como no caso do ruralismo não mais como paisagem estagnada. Buarque de Holanda, na ótica de Wegner, busca dar mais movimento a essa tradição a fim de evitar qualquer aproximação de interpretações calcadas em fatalidades biológicas. De todo modo, ele afirma que essas atenuações não interferem nas teses centrais de *Raízes do Brasil*. Observe-se também que em alguma medida as próprias palavras de Buarque de Holanda sobre o livro servem de consolação para alívio do problema:

³² WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 18.

³³ *Ibid.*, p. 62-64.

É necessário sublinhar que as duas alterações focalizadas, e percebidas como sinais de reavaliações de Sérgio Buarque sobre suas interpretações da história do país, não chegaram a se enquadrar no livro de maneira completamente orgânica a ponto de podermos dizer que os argumentos fundamentais de *Raízes do Brasil* tenham sido modificados de uma edição para outra. Vale lembrar as palavras do autor no prefácio à segunda edição, segundo as quais, se fosse para empreender “uma revisão verdadeiramente radical do texto mais valeria [...] escrever um livro novo”.³⁴

João Kennedy Eugênio dedica igualmente todo um capítulo (o quinto e último) de seu livro à análise das modificações de uma edição (1936) para outra (1948). A sua provavelmente seja a mais detalhada (decréscimos e acréscimos pacientemente escrutinados, parágrafo por parágrafo) e abrangente das análises recentes entre as diferentes edições (pelo menos cinco aspectos são elencados: a supressão das epígrafes, a emergência do viés progressista, a “invenção” de *Raízes do Brasil* por Antonio Candido, o adensamento da erudição e as mudanças no argumento organicista). Não vou sintetizar aqui o exaustivo exame empírico e quantitativo empreendido pelo autor, apenas retomo algumas de suas conclusões. Ele basicamente indagava-se sobre o que tanto incomodava a Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Kennedy Eugênio não hesitou em definir que o historiador, a partir de meados da década de 1940, passou a rever e se distanciar de sua predileção pelo organicismo (muito resumidamente, doutrina “vitalista” ou “irracionalista” de oposição ao mecanicismo cartesiano e às abstrações intelectuais) e pelo ensaio como forma. Isto, devido a um fator que curiosamente é próprio do organicismo, qual seja, a necessidade de adaptação constante à realidade. Esta realidade ficava entretempos marcada indelevelmente pelos regimes totalitários e, no Brasil, pela ditadura do Estado Novo de Vargas. Eugênio aponta, então, diversas afinidades entre os argumentos organicistas de *Raízes do Brasil* e a aspiração varguista de sublevação de um sentimento nacional supostamente autêntico e visceral. Vargas apelava, pois, para as realizações de seu governo como que inspiradas pelas demandas das gerações modernistas de 1920 e 1930. Uma breve passagem resume a impressão do autor: “Enquanto colegas modernistas colaboravam com o Estado Novo (Drummond, Mário de Andrade, Villa-Lobos, Prudente de Moraes Neto), Sérgio Buarque entrou em crise ao perceber que um regime de força tomava para si o apreço pelas raízes do Brasil”.³⁵ Em consequência dessa “crise”, Buarque de Holanda executava “atenuações plausíveis” em seu livro de estreia.

³⁴ *Ibid.*, p. 67.

³⁵ EUGÊNIO, João Kennedy. *op. cit.*, 2011, p. 431.

Eugênio também percebe que, no mesmo ano de 1948 da revisão de *Raízes do Brasil*, Buarque de Holanda publicava artigo intitulado “Novos rumos da sociologia”, onde fazia diversas reconsiderações sobre o organicismo, que teria marcado toda a produção historiográfica da geração do entreguerras, no traço comum da pesquisa pela tradição. Neste ponto então se encontram as observações de Wegner e de Eugênio quanto à insatisfação de Buarque de Holanda a propósito de certo uso do passado, que ele qualificava “tradicionalista”.

Não há dúvidas de que haja este desconforto, é claro. Ele começa a se mostrar, como bem demonstra Kennedy Eugênio, em meados da década de 1940, já nos estertores do regime autoritário de Vargas, quando Buarque de Holanda começa a militar pela causa democrática, tendo parte no I Congresso Brasileiro de Escritores (1945), depois presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) (1946-1947) e, ainda, membro do movimento Esquerda Democrática (1947), embrião do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Também nos artigos do mesmo período, bem como na própria revisão de *Raízes do Brasil*, tal desconforto se faz notório. Julgo necessário, todavia, observar alguns aspectos, um de concordância e outros dois de sutil discordância (pois que em nada lhe afetam a consistência), no desfecho das análises de Kennedy sobre os desconfortos de Buarque de Holanda.

Se as atenuações de 1948 têm a sua razão pragmática e urgente, consequência da crise existencial vivenciada pelo autor sob impacto dos acontecimentos funestos, o incômodo que ele continua a manifestar, e até mesmo a reproduzir intensamente, três décadas depois, parece se situar em outra esfera, da memória que se exterioriza por meio da escrita de si. Ainda assim, Kennedy Eugênio percebe sensivelmente alguma ambiguidade nestes discursos tardios, em dois tipos de leitura, entre a autocrítica e a complacência, que lhe servem a um uso interessado do passado, no que estou de pleno acordo. Sem negar que haja alguma continuidade entre os discursos sobre si nos decênios de 1940 e 1970, afinal o mesmo desconforto permanece, e se situa entre dois regimes autoritários, a decalagem temporal entre ambos os momentos de autocrítica também não pode ser ignorada. Cada uma delas responde a necessidades específicas. Neste “segundo tempo” que aqui se faz objeto de análise, estamos diante de um autor consagrado que revê a si mesmo ao fim de sua vida e que procura se defender das novas críticas das quais se via atingido. Outro ponto de desacordo se deve à assertiva de que Buarque de Holanda foi o pioneiro nas críticas de *Raízes do Brasil*. Entre outras razões, seguiu-se à primeira

edição um longo cortejo de apreciações críticas nos jornais da época, fato que Kennedy Eugênio não ignora, mas do qual não se serve nesta altura de seu trabalho.³⁶

Não é sem razão que ele se deixe surpreender com a insuficiência das considerações tardias de Buarque de Holanda, que na sua ótica não fariam jus à sua importância e à complexidade do ensaio. Neste ponto sigo de acordo, mas por outro motivo. Não considero inusitado que mesmo um observador tão penetrante como Kennedy Eugênio se atenha às tais explicações de Buarque de Holanda sobre seu ensaio fundador, como que para legitimar a própria análise. Referente ao artigo “Novos rumos da sociologia”, o autor diz que a argumentação sobre o organicismo só pode ser elucidada por uma declaração do próprio Buarque de Holanda (encontrada aí). Recorre, pois, ao artigo no que este oferece como complementariedade à compreensão das modificações no ensaio. Mas, pouco mais adiante, já encaminhando as palavras finais, desqualifica as críticas de Alfredo Bosi a *Raízes do Brasil* no prefácio do livro de Carlos Guilherme Mota, *A ideologia da cultura brasileira* (1977), como meras reprises da autocrítica do ensaio, fundador que seria Buarque de Holanda, no ponto de vista de Kennedy, da própria crítica ao livro de 1936. Isto não descerra, a meu ver, senão o peso de tais considerações autocríticas sobre a recepção da obra, ainda hoje, e mesmo entre as mais minuciosas análises.³⁷

Podemos perceber, agora, com menor grau de imprecisão, de que forma os trabalhos elencados nesta seção, cada qual delimitado pelos interesses especificamente vinculados ao seu objeto de estudo, promovem um movimento de retorno crítico à primeira edição, quando aceitam o espinhoso desafio de analisá-la em suas ambiguidades, e em cotejo com as demais. A exceção é Waizbort, que tinha por objetivo uma análise frontal da primeira edição, em si

³⁶ *Ibid.*, p. 451.

³⁷ Outros trabalhos se propuseram a analisar a primeira edição. Ainda assim, uma vez que o objetivo da presente seção era definir este atual movimento de retorno comparativo entre as edições, não valeria a pena explorá-los todos, sob risco de alongar demais a discussão. Contudo, gostaria de mencioná-los para não incorrer em injustiça: Brasil Pinheiro Machado (1976) nota o corte da definição “estudo compreensivo”, com a qual se caracterizava o ensaio em 1936. Mas, não vai além disso; seu estudo se concentra em analisar o livro de 1936. Conrado Pires de Castro (2002) faz o mesmo em trabalho sobre a ancoragem modernista do pensamento estético e histórico de Buarque de Holanda. Marcus Vinicius Corrêa Carvalho (2003) estuda também a primeira edição, fundada sobre o historicismo de matiz romântica. Pedro Meira Monteiro (1999) não dedica seção específica para tratá-lo, mas não ignora o problema das edições. Ele se dedica a um exame delimitador da questão da presença de Weber em *Raízes do Brasil*, preocupado em desfazer a crítica da concepção meramente psicologizante do homem cordial, fundado, isso sim, em uma dinâmica compreensivo-temporal. CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política* (1920-1940). Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 2003, 264 p.; CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições & contradições*. Contribuição ao estudo das raízes modernistas de Sérgio Buarque de Holanda. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), 2002, 240 p.; MACHADO, Brasil Pinheiro. *Raízes do Brasil: uma releitura* [1976]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.) *op. cit.*, 2008, pp. 155-180; MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura cordialidade e novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999a, 335p.

mesma. Praticamente todos, de um modo ou de outro, direta ou transversalmente, parecem se insurgir contra, ou sublinhar, o papel de “moldura apascentadora” (termo de Waizbord) representado pelo prefácio de Antonio Candido à quinta edição, de 1969, uma das principais peças constituidoras de uma memória estabilizada em torno de *Raízes do Brasil* e de seu autor. Observamos, também, que alguns dentre eles fazem referência aos discursos de Buarque de Holanda sobre a própria obra; todavia, considerando que ele mesmo já manifestara seu desconforto, as referências são levantadas mais no sentido de atenuar a própria crítica ao autor, mas jamais até hoje tomados tais discursos em conjunto como escrita de si e construção da memória para a posteridade.

A escrita de si de Buarque de Holanda sobre as intenções primeiras de *Raízes do Brasil* se concentra durante mais de três décadas na polêmica sobre qual seria a verdadeira acepção do homem cordial. Desse modo, muitos outros potenciais debates, polêmicas, questões e contradições ficaram como que asfixiados. Contudo, a senda aberta por este retorno crítico sobre a primeira edição, ao que tudo indica, favorece o descerramento de outras discussões possíveis e, por conseguinte, a pluralidade interpretativa do clássico se revitaliza contra os riscos de conformação do debate, por tanto tempo consubstanciado à memória.³⁸ A proposta básica de historicização da escrita de si e memória se caracteriza por demonstrar como esta última foi construída no tempo. A título de exemplo, vejamos brevemente uma das muitas leituras retrospectivas de seu autor, em entrevista de 1977: “Quando usei a expressão, quarenta anos atrás, o Cassiano Ricardo escreveu um livro a propósito, usando o sentido de homem bom. Mas eu não usava no sentido ético, e isso eu já disse uma outra vez, em resposta a ele: que o homem cordial morreu e que se estava gastando muita cera com o defunto [...]”.³⁹ Todavia, perceba-se um sutil engano na afirmação de Buarque de Holanda: ele parece esquecer que foi *a partir da segunda edição* que a contenda com Cassiano Ricardo plenamente se instaurou.

³⁸ Um exemplo é a questão descerrada por Luiz Feldman a respeito da apropriação da cordialidade por Almir de Andrade (1911-1991), autor de *Força, cultura e liberdade* (1940) e diretor de *Cultura Política* (1941-1945), revista oficial do Estado Novo. A cordialidade aparecia em Andrade como sustentáculo do regime, “operacionalizada na defesa de uma doutrina brasileira de Estado”. Feldman afirma que “as mudanças processadas em *Raízes do Brasil* para sua segunda edição retiraram a pertinência de seu cotejo com *Força, cultura e liberdade*”. Tomo a liberdade de acrescentar, a consolidação da memória do livro de 1936 contribuiu também para o sufocamento de outros debates. FELDMAN, Luiz. *Raízes do Estado Novo*. In: *Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016, pp. 201-202.

³⁹ SIMÕES, Inimá; ZINGEREWITZ, Walter. Recordações: o que a História deve a Sérgio Buarque (entrevista). *Isto é*, 15 jun. 1977, p. 43-44 [Siarq – Fundo SBH, Vp 207].

1.2 Estertores do homem cordial

Como se percebeu no excerto acima, Buarque de Holanda repetia em 1977, quase trinta anos depois, a mesma resposta dada a Cassiano Ricardo em 1948. Observemo-la, esta última, mais de perto. Faz-se forçoso ressaltar, malgrado o recorte estabelecido por este trabalho, que a escrita de si de Buarque de Holanda talvez tenha exatamente aí um ponto de partida seguro, que desemboca nas lembranças sobretudo da década de 1970. Merece comentário, todavia, também porque, tendo sido associada ao livro como a sua principal objeção, a contenda com Cassiano Ricardo é lembrada muitas vezes ainda, e passado considerável tempo depois.

Uma cordial discussão: Raízes do Brasil após o Estado Novo

Escritor associado à corrente nacionalista do modernismo, o “Movimento Verde-Amarelo”, Cassiano Ricardo é autor de *Martim-Cererê* (1928), uma espécie de epopeia (moderna) das origens da nacionalidade brasileira. Ao tratar, nessa obra, do mito das três raças, glorificou o passado nacional (mitologia e história se confundem) e alçou o bandeirante à categoria de herói, síntese da brasilidade. Durante o Estado Novo, foi diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do estado de São Paulo e, entre 1941 e 1945, diretor do jornal *A Manhã*, órgão oficial do governo. Neste contexto é que em 1940, Cassiano Ricardo, já um imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), publicava *Marcha para Oeste*, sobre “a influência da ‘bandeira’ na formação social e política do Brasil”, como indica seu subtítulo, quando reafirma, agora pelo ensaio histórico, a centralidade do bandeirante paulista como prócer da brasilidade. No segundo volume, em “nota complementar” à página 231 do primeiro, já aparece uma fagulha contra o “homem cordial”, mas que ainda não menciona diretamente Buarque de Holanda. O autor procura opor ao homem cordial o “homem bom do povo”, que se caracteriza pela “soma original e profunda [...] daquelas tendências étnicas opostas na alma do brasileiro”, mas que, sempre segundo ele, se encontra ausente dos trabalhos dos retratistas do Brasil, ainda que os documentos se lhe façam constantemente referência. Desse modo, procura aí elementos para justificar a declamada bondade do brasileiro mesmo em face da escravidão, coisa que absolutamente passava ao largo da cordialidade segundo Buarque de Holanda.

“Não se tratava, aí, apenas dos homens bons que constituíam, em Portugal, o elemento político dos conselhos, sendo uma das gradações da classe popular. [...] O “homem bom do povo”, pois, parece muito mais brasileiro que o chamado “homem cordial”.

Junte-se a essa bondade um pouco da desconfiança ameríndia e a soma respectiva dá a técnica da bondade, em vez da cordialidade. A bondade, empregada como arma política, na catequese e na mediação. O “homem bom do povo” não se esconde por trás do que diz, como o *homem cordial*. É mais sincero, mais tosco, mais brasileiro”.⁴⁰

O exemplar consultado, oferecido por Cassiano Ricardo à leitura de Buarque de Holanda em 1943, contém a dedicatória, não talvez sem ironia, “A Sérgio Buarque de Holanda – cordialmente, e com o apreço de sempre”. É certo que o livro foi lido atentamente, como já havia sido lida a sua primeira edição, de 1940. Neste período, Buarque de Holanda preparava *Monções*, que se contrapunha, como observou Laura de Mello e Souza, à imagem heroica das bandeiras.⁴¹ Não lhe escapou, como se sabe, a menção de Ricardo à cordialidade. Já na segunda edição de *Raízes do Brasil*, em uma extensa nota de rodapé acrescida ao capítulo quinto, “O Homem Cordial”, seu autor procura vincar uma diferença importante quanto às análises de Cassiano Ricardo. Recorria, para isso, à “moderna sociologia” dos “grupos primários” e às distinções propostas por Carl Schmitt entre inimizade e hostilidade. Diz a nota: “[...] Para melhor frisar a diferença, em verdade fundamental, entre as ideias sustentadas na referida obra e as sugestões que propõe o presente trabalho, cabe dizer que, pela expressão “cordialidade”, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o Sr. C.R., quando prefere falar em ‘bondade’ ou em ‘homem bom’”.⁴² Fazia-se urgente para Buarque de Holanda frisar essa “diferença fundamental” – afastar-se de forma decidida e sincera de um escritor mais que associado às ideias políticas autoritárias – considerando-se as razões que muito provavelmente presidiram as mudanças no ensaio entre 1936 e 1948, como apontaram os autores estudados na seção anterior. Eventualmente possa ter-lhe escapado que Cassiano Ricardo, se se utilizava desse mal-entendido aspecto da bondade na formação sociocultural brasileira, também o fazia de modo diverso, como quem procurava a sua própria definição da singularidade do nosso caráter nacional, não exemplificada exatamente pelo homem cordial, mas pelo tal “homem bom do povo”, que seria, sob tal prisma, sujeito livre de preconceitos.

⁴⁰ RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste: a influência da “bandeira” na formação social e política do Brasil*. 2º. Volume. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1942, p. XXI-XXII (Coleção Documentos Brasileiros) [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁴¹ MELLO E SOUZA, Laura de. Estrela da vida inteira (prefácio). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Organizadores: Laura de Mello e Souza, André Sekkel Cerqueira. 4ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 28.

⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1948, pp. 213-214 (n. 1) [Exemplar consultado na Coleção SBH].

O debate entre ambos se torna mais claro e notório logo em seguida à publicação da segunda edição de *Raízes do Brasil*, entre julho e setembro de 1948, na revista *Colégio*, fundada por Roland Corbisier (1914-2005), que recentemente havia rompido com o Integralismo e, após sucessivas reviravoltas em suas posições, alguns anos mais adiante assumia a primeira diretoria do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Na apresentação da revista (n. 1, de maio de 1948), Corbisier saía em defesa da liberdade de espírito contra qualquer imposição doutrinária, mas a fundamentava sobre os valores do humanismo cristão e brasileiro. Foi no segundo número, de julho de 1948, que Cassiano Ricardo publicou “Variações sobre o ‘homem cordial’”.⁴³ Aí, sim, a referência é nomeada e o embate se torna franco. Já de largada ele reproduz a nota de *Raízes do Brasil* aqui citada, a fim de dissecá-la em seus pormenores nas vinte e poucas páginas do artigo. Claro que não se reduz a este ponto a crítica; Ricardo dialoga com vários outros autores estrangeiros e brasileiros, como Alberto Torres (1865-1917), Afonso Arinos (1905-1990), Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, 1893-1983) e Gilberto Freyre, a fim de situar a discussão das ideias nos planos político e social.

Vamos guardar por ora que Cassiano Ricardo foi seguramente o primeiro a observar o problema das mudanças realizadas por Buarque de Holanda entre 1936 e 1948. O autor se atém a uma análise demorada de tais mudanças, mas no que toca, apenas, ao conceito de homem cordial, donde conclui: “pretendendo explicar a palavra, Sérgio alterou, descaracterizou nosso ‘homem cordial’”.⁴⁴ Ricardo não se conformou que a cordialidade, na segunda edição, ganhasse maior nitidez como o oposto da polidez e se afastasse definitivamente de qualquer suposição em contrário. Para ele, pois, o brasileiro se definia pelo caráter de bondade propriamente dita, “não bondade em sentido de simples cordialidade”.⁴⁵ Sob este critério, teria sido o brasileiro “menos cruel” na conquista do território, em que o bandeirante fazia as vezes de mediador entre conflitos tribais, e na colonização, quando inexistiu entre nós preconceito racial. Tal bondade antecipava “pelo sangue e pela alma” o ideário da Revolução Francesa e o brasileiro vivia desde muito antes uma “democracia social”. Desse modo, parece cair em contradição quando diz não ter intenção de propor um substitutivo do homem cordial, mas apenas indicar que melhor cairia a expressão “homem bom”, o brasileiro como redentor da humanidade. Não se enganava,

⁴³ Já o “livro que Cassiano Ricardo escrevera a respeito”, como lembrava Buarque de Holanda na entrevista de 1977, somente se editou em 1959, contendo este artigo e outros estudos brasileiros. RICARDO, Cassiano. *O homem cordial e outros pequenos estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

⁴⁴ RICARDO, Cassiano. Variações sobre o homem cordial. *Colégio*: revista de cultura e arte (São Paulo). Ano I, n. 2, jul. 1948, p. 45 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁴⁵ *Ibid.*, p. 53.

todavia, que na primeira edição bondade e cordialidade aparecessem de fato, se não associadas, menos claramente indissociadas, como o próprio autor do homem cordial parecia reconhecer.⁴⁶

Buarque de Holanda respondeu-lhe em três páginas muito mais objetivas – “não me sinto muito à vontade em esgrimas literárias” –, na mesma revista *Colégio*, no número seguinte, de setembro de 1948. Ele anota mesmo uma certa banalidade no debate, “nossa divergência se reduz, afinal, a uma questão de palavra”,⁴⁷ mas que ao mesmo tempo limita a importância de uma potencial análise mais acurada das mudanças entre as edições, como esboçou Cassiano Ricardo. Preliminarmente, faço questão de ressaltar que a carta aberta a Cassiano Ricardo constitui peça das mais importantes na escrita de si de Buarque de Holanda. Representa, até o limite de meus conhecimentos, e ao lado de “Novos rumos da Sociologia”, a primeira resposta enfática (salvo a nota de rodapé da segunda edição), escrita em primeira pessoa, sobre suas obras históricas e, de quebra, deixa entrever algumas de suas posições intelectuais naquele momento.⁴⁸ O próprio autor, neste sentido, oferece uma pista interessante, ao distinguir as suas velhas (1936) e novas ideias (1948): “Nem tentei retorcer seu valor semântico ou histórico para acomodá-lo às minhas antigas e novas ideias, que neste ponto se ajustam perfeitamente entre si”. Isto é, ao menos no caso do homem cordial, não havia desacordo entre o que se apresentava nas duas edições: “você mesmo lembra agora como na primeira edição se dava o ‘homem cordial’ como o contrário de polido”. E, o mais importante, percebe-se uma breve impressão daquilo que considera, neste e em outros momentos, o próprio imo do conhecimento histórico: “a própria cordialidade não me parece virtude definitiva e cabal que tenha de prevalecer

⁴⁶ Lê-se no capítulo sétimo, o derradeiro, “Nossa Revolução”: “A noção de bondade natural do homem combina singularmente com o nosso já assinalado “cordialismo”. [...] É aqui que o “homem cordial” encontraria uma possibilidade de articulação entre seus sentimentos e as construções dogmáticas da liberal-democracia”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1936, p. 154.

⁴⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. *Colégio*: revista de cultura e arte (São Paulo). Ano I, n. 3, set. 1948, p. 52.

⁴⁸ No mesmo ano, no artigo “Novos rumos da Sociologia” (1948), o autor também fazia alusão a *Raízes do Brasil* de forma autocrítica, como o “parente pobre” da safra de estudos de “História social” – como então se referia aos ensaios que inflacionaram “as explicações de natureza exclusivamente histórica” nos anos 1930. Como fez notar Kennedy, este artigo de 1948 é muito importante do ponto de vista da redefinição de posicionamentos de Buarque de Holanda após os impactos dos regimes totalitários e com a redemocratização do país. Este realinhamento é, de fato, nítido nas linhas que seguem. Mas, também, para além da polêmica sobre a verdadeira acepção da palavra “cordial”, desponta uma segunda linha da autocrítica do ensaio, sua imersão em um contexto intelectual preciso, como veremos adiante: “Tendo tentado, em segunda edição, corrigir o que pudesse haver de muito ambicioso nesse projeto, renunciou a apagar completamente a marca da origem, para não ter de refundir a obra toda, escrita e impressa quando aquela atitude dominava quase sem contraste”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Novos rumos da Sociologia* [1948]. In: *Escritos Coligidos*: livro I, 1920-1949. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011a, p. 514.

independentemente das circunstâncias mutáveis de nossa existência. Acredito que, ao menos na segunda edição de meu livro, tenha deixado este ponto bastante claro”.⁴⁹

A contenda termina por aí. Certamente para reforçar o sentido que imprime à palavra, Buarque de Holanda saúda “cordialmente” seu interlocutor, antes de assinar a carta. Não deixa margem para maiores controvérsias.⁵⁰ Apressa-se, pois, em decretar prematuramente o falecimento do homem cordial. Não configurava, porém, assassinio premeditado. Era “morte natural”. A própria mudança acelerada da situação histórica o faria tombar no abismo do esquecimento:

Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E às vezes receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com o defunto.⁵¹

Por fim, devo considerar serem muito discretos os comentários de Buarque de Holanda sobre as mudanças entre as edições, o que hoje se passou a revestir de grande importância e a discutir com tamanha complexidade. Mesmo no lugar teoricamente mais apropriado para isso, o prefácio à segunda edição, datado de junho de 1947, o autor é econômico nas explicações de página e meia, muito embora extremamente preciso e resoluto em esclarecê-las. Adverte que em lugar de uma revisão radical do texto, mais valeria escrever um livro novo. Mas não poderia também o reproduzir tal qual o original, pois aquele deixara de satisfazê-lo. Por isso, o livro saía “consideravelmente modificado”, onde necessário “retificar, precisar ou ampliar sua

⁴⁹ *Ibid.*, pp. 53-54.

⁵⁰ De fato, não há maiores debates em torno à segunda edição, apenas uma resenha (mais para notícia bibliográfica) é encontrada em seu arquivo pessoal. Nela, Florestan Fernandes saúda o “acontecimento significativo” da reedição de *Raízes do Brasil*. Quanto às mudanças em relação à primeira versão, expressa satisfação com aquelas explicações do próprio autor no prefácio à segunda edição. Anota que “as mudanças nada têm de radicais”. Além-se, por isso, ao que considera uma ampliação da base empírica na fundamentação de algumas explanações do ensaio. Lamenta apenas a sua verve excessivamente culturalista, em detrimento da sociologia, melhor capacitada, segundo ele, para analisar processos sociais subjacentes aos ajustamentos e transformações culturais. No ano seguinte, 1950, durante o I Congresso Brasileiro de Filosofia, Oswald de Andrade (1890-1954) se utiliza da segunda edição para refletir sobre uma muito interessante relação entre alteridade e cordialidade, pois a definia Buarque de Holanda como “um viver nos outros”. Oswald anota que o homem cordial tem em si sua própria oposição, antropofagicamente. Cf. ANDRADE, Oswald de. Um aspecto antropofágico da cultura brasileira [1950]. In: *Obras completas: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias*, v. 6. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972, pp 141-144; FERNANDES, Florestan. *Raízes do Brasil. Revista do Arquivo Municipal*. Ano 15, vol. 122, fev. 1949, pp. 222-224.

⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. *Colégio: revista de cultura e arte* (São Paulo). Ano I, n. 3, set. 1948, p. 54 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

substância”.⁵² Nada fala, porém, dos expurgos e ocultamentos apontados por Waizbort. É interessante atinar para a estratégia usada para informar a abstenção de se ocupar de problemas surgidos no entretempo, de modo a demonstrar sua contrariedade “com a circunstância da implantação, entre nós, de um regime de ditadura pessoal de inspiração totalitária”.⁵³ De tal forma, procura afastar-se de qualquer possível vínculo com o Estado Novo, trabalhando por tornar mais convincente o cuidado – agora atualizado e reforçado – com os valores democráticos: “Seria indispensável, para isso, desprezar de modo arbitrário a situação histórica que presidiu e de algum modo provocou a elaboração da obra, e isso não me pareceu possível, nem desejável”.⁵⁴ Tal situação histórica precedente, para a qual teria então concorrido o ensaio original, como fazia questão de lembrar e frisar, seria evidentemente a crise das democracias liberais, em contexto geral e, no país, os desdobramentos culturais do modernismo e a Revolução de 1930.

As “Variações sobre o Homem Cordial” e a resposta em forma de “Carta a Cassiano Ricardo” são anexadas à terceira edição de *Raízes do Brasil*, de 1956. Segundo Buarque de Holanda, o apêndice poderia servir para “esclarecer um assunto diversamente interpretado pelos críticos que se ocuparam do livro”.⁵⁵ No mais, afirmava manter no essencial o texto da segunda edição e alterar o ordenamento do sistema de notas, além do acréscimo de índice onomástico e de assuntos. Permanecem os textos da polêmica na quarta edição, de 1963, pela editora da Universidade de Brasília (UnB), mas não na subsequente, de 1969, de volta à José Olympio Editora. A “Carta a Cassiano Ricardo” é novamente incorporada ao livro, sem maiores explicações, e desacompanhada de “Variações sobre o Homem Cordial”, a partir da décima quarta edição, já em 1981. Seja como for, importa que é sob nova forma que regressa à cena. Requentada anos depois, seja pelas ponderações tardias de Buarque de Holanda, seja pelas demandas editoriais, ou mais provavelmente pela conjugação de ambas, a contenda com Cassiano Ricardo não teria razão de reaparecer senão atrelada aos estratagemas da memória.

⁵²HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio à segunda edição. In: *op. cit.*, 1948. s.p. [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁵³ *Idem.*

⁵⁴ *Idem.*

⁵⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio à terceira edição. In: *Raízes do Brasil*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956, s.p. [Exemplar consultado na Coleção SBH].

Raízes do Brasil *defronte os militares*: novas bases da autocrítica

Buarque de Holanda retoma as ponderações sobre *Raízes do Brasil* em momento de grave seriedade. Em abril de 1967, foi convidado pelo general Augusto Fragoso (1908-1997) a proferir conferência na Escola Superior de Guerra (ESG) do Estado-Maior das Forças Armadas. O convite, além da data e horário, estipulava a temática da conferência, “O Homem”. Seria a segunda conferência de um ciclo intitulado “Elementos básicos da nacionalidade”. O general Augusto Fragoso, comandante da ESG, agradecia-lhe por antecipação a aquiescência ao convite, “certo de que V. S^a, honrando o Auditório da Escola Superior de Guerra, trará valiosa contribuição ao desenvolvimento de nossos trabalhos escolares”.⁵⁶ Naturalmente, com este convite, esperava-se do autor do “homem cordial” uma conferência no mínimo explicativa de seu conceito, senão afirmativa da essência brasileira. O que se viu, porém, foi um Buarque de Holanda seguramente bastante diverso das expectativas que embalaram tal convite. Aliás, vale a pena lembrar que era uma demanda própria à ESG a definição da essência do caráter nacional, ainda que não somente a historiografia, mas o que se chamava o campo de “estudos brasileiros”, ao se profissionalizar, tivesse ganhado distância de tal preocupação. Esta demanda se exprimia na própria série de palestras “Elementos básicos da nacionalidade: o homem”, para a qual Buarque de Holanda não fora senão um dentre diversos eminentes estudiosos frequentemente convidados.

Criada em 1949, no início da Guerra Fria, e inspirada mesmo no *National War College* dos Estados Unidos, a ESG, diretamente subordinada ao Ministro de Estado Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, se via como um Instituto de Altos Estudos em matéria de Defesa e Segurança Nacional. Sua função primordial foi a formação de uma elite altamente capacitada para o planejamento e a direção da segurança nacional e, através do binômio segurança e desenvolvimento, a criação de soluções (autoritárias) para os problemas brasileiros. A ESG exerceu assim papel preponderante na justificação ideológica do golpe de 1964 e na plena inscrição da Doutrina da Segurança Nacional (DSN) na vida política brasileira, tornada Lei de Segurança Nacional em 1967 com a nova Carta. A DSN se conceituava como “uma guerra interna, física e psicológica, de característica antissubversiva contra o inimigo comum”.⁵⁷ Sua

⁵⁶ Convite do General de Exército Augusto Fragoso, Comandante da Escola Superior de Guerra, a Sérgio Buarque de Holanda, convidando-o para que pronunciasse uma conferência com o tema "O homem". Rio de Janeiro (GB), 17 abr.1967. c.as. 1p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 114].

⁵⁷ BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 29 (Coleção O Brasil Republicano, v.4).

difusão se dava, inclusive, nos programas escolares de todos os graus, com a introdução de disciplinas como “Moral e Cívica” ou “Organização Social e Política do Brasil”.

Como bem notou Kennedy Eugênio, Buarque de Holanda ficou extremamente incomodado, não apenas pelo convite em si, mas sobretudo pelo perigo imanente a ele: o de uma tentativa de apropriação das suas *Raízes do Brasil* para finalidades não-humanistas. Isso fica inequívoco na seguinte passagem do texto da conferência: “[...] convidado a falar-vos do ‘homem brasileiro’, não se estranhe que deva eu principiar por esta tentativa de autocrítica, incidindo sobre opiniões que provavelmente sugeriram este convite. Em outras edições do livro mencionado, já havia eu esboçado, aliás, essa autocrítica”.⁵⁸ A preocupação básica era a mesma que o constrangeu a reformular *Raízes do Brasil*, conforme observaram os analistas dessas modificações. Ele mesmo, Buarque de Holanda, o admitia na conferência. Mas, apesar do evidente incômodo, que provavelmente o impeliu a aceitar o convite, não se lê um autor de modo algum hesitante. Muito ao contrário, parece alguém bastante resoluto em suas análises, entre a autocrítica e a afirmação de aspectos do ensaio contrários aos interesses ali em jogo. De quebra, indiretamente ou não, ainda desaprovava a inflação das paixões nacionais, o tradicionalismo passadista, além da inautenticidade das frágeis aspirações democráticas que de longa data grassavam na política brasileira.

Já de largada, Buarque de Holanda revisita suas memórias pessoais, a fim de redefinir, em retrospectiva, os aspectos determinantes da historicidade da obra. Advinha, pois, de uma necessidade de “exame de consciência pessoal” a tentativa de explicação da “entidade misteriosa e indecisa” do homem brasileiro. A sua experiência alemã – onde viveu e trabalhou, entre 1929 e 1930, como correspondente d’*O Jornal*, de Assis Chateaubriand (1892-1968) –, segundo o que rememora, lhe havia despertado maior sensibilidade para a percepção dos contrastes entre indivíduos de formações culturais distintas, de modo que procurou tomar distância de um “patriotismo exclusivista” para poder compreender o outro naquilo que constitui sua diferença. Assim, procurava, pela via do ensaio histórico, uma conexão de sentido entre a experiência pessoal e a esfera da cultura. Ao mesmo tempo, de forma inequívoca demarcava sua oposição frontal a qualquer tipo de regime de força do passado e, indiretamente, do presente.

⁵⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Elementos básicos da nacionalidade: o homem*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 1967, p.3-4 [Brochura consultada na BCCL-CEOR].

Ao voltar de minha primeira residência em país estrangeiro, precisamente da Alemanha de logo antes de Hitler, trouxera eu o meu primeiro livro, só muito parcialmente escrito, é certo, mas no essencial quase todo ele pensado. Nessa obra propunha-me eu nada menos do que uma interpretação nova do Brasil, fundada largamente, como tantas outras que lhe antecederam ou sucederam, em argumentos extraídos não só da história de nosso país, como das formas de convívio, as instituições, as ideias, de que seríamos herdeiros. Em nenhum momento, é verdade, deixara eu transparecer em suas páginas qualquer sedução pelos regimes de força. Publicado o livro em 1936, quando andava em maré alta a pregação do integralismo, oferecia ele, ao contrário, uma denúncia inequívoca do fascismo, tanto em suas manifestações europeias como na variante indígena.⁵⁹

Em revisitando as fundações do ensaio, alargava os bolsões para a justificação de seu desagrado com relação ao livro. Era importante também o olhar horizontal, para o contexto comum que irmanava seu cometimento a outras semelhantes expedições ao passado.

Nada havia de inédito no recurso [à sondagem das raízes]. Militavam em igual sentido vários precedentes ilustres, até de autores brasileiros. Além disso, em uma era de furiosas paixões nacionalistas, em que cada povo parecia só querer depender das próprias energias ou virtualidades, empenhando-se não raro em forjar de si e para si alguma imagem falaciosa, que se pretendia tirada de um passado sacrossanto, tinham entrado em moda esses mergulhos no tempo. [...] Não era o caso dos sectários de Mussolini, pelejando por captar, numa cópia caricata de extintas glórias, o fastígio da Roma dos Césares? E não era o dos nacional-socialistas, a querer enfeixar numa já caduca mitologia racial, colorida de tintas apocalípticas, os guerreiros louros de Armínio ou os deuses de Walhalla?⁶⁰

Sabemos já que a insatisfação do autor para com seu livro de estreia tornou-se manifesta desde a carta aberta para Cassiano Ricardo. Desta carta, Buarque de Holanda na conferência de 1967 reproduz o parágrafo final e destaca a sentença do “pobre defunto fadado a desaparecer”. Ele repisa a posição, exposta pela primeira vez no prefácio de 1947, depois reiterada na carta de 1948, de que melhor seria escrever um livro novo, tarefa para a qual não se sentia disposto. Mas desta feita deixa escapar comentário do efeito das atenuações da segunda edição, em uma das raras manifestações suas a este respeito. Dentre as atenuações exemplifica uma especificamente importante, quanto à herança da “mentalidade ibérica” avessa ao utilitarismo moderno. Em sua opinião, a primeira edição pecava por “argumentos de timbre idealista”. Na segunda, disse, fez questão de até se retratar. A questão da herança ibérica continuava posta,

⁵⁹ *Ibid.*, p. 2-3.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 2.

mas que não se pensasse nela como fruto de alguma fatalidade biológica, nem imune às novas circunstâncias históricas.

Ademais, o que julgo ser a reconsideração mais importante feita nesta conferência, porque reveladora da razão precisa do mal-estar do autor com relação ao seu livro de estreia, tanto quanto das possíveis razões do “mal-entendido da democracia”, é que são – sempre segundo ele mesmo – as próprias contradições presentes no contexto dos anos 1930, de crise das democracias liberais e ascensão dos regimes totalitários na Europa, que tornam o ensaio por vezes ambíguo e de difícil conclusão. Como o próprio Buarque de Holanda lembra neste texto de 1967, citando as passagens finais de *Raízes do Brasil*, pelo menos a crítica à variante indigenista do fascismo europeu, o integralismo, era inequívoca. Também o próprio liberalismo das oligarquias brasileiras, pela importação de fórmulas mal adaptadas à nossa realidade, e as aspirações de comunismo, pela mesma razão, eram negados como solução política para os impasses da década. Esta ausência de solução política levou muito tempo depois Maria Odila Dias a definir o ensaio como *síntese*, como “negação das negações”.⁶¹ Nem tudo, porém, era autocrítica na conferência à ESG. Seu autor também reafirma aspectos progressistas presentes no ensaio. Em particular, o desapeço pela tradição enquanto tal. Era importante, portanto, reafirmar tal desapego da tradição diante do perigo iminente de apropriação. Cito a passagem completa para que não haja dúvidas quanto à importância de um tal argumento, mais uma vez, de uma corajosa e segunda *negação*, agora se não do próprio livro, pelo menos dos usos das raízes do Brasil para finalidades distintas de suas intenções naquele momento:

Se me fosse proposto refazer agora aquele livro de boa-fé, eu com certeza me recusaria a tentá-lo. Ainda considero válido muito do que então escrevi, quando o escrevi, mas houve no intervalo de mais de 30 anos uma tamanha mudança de perspectivas para mim, que melhor seria, talvez, escrever um livro novo. Para exemplificar, direi que ainda reputo plausível e, mais do que isso, oportuno o que nele se disse sobre a atração frequentemente exercida pelas ditaduras. Apenas me pergunto se os argumentos a que recorri para combater essa atração não pertencem rigorosamente à mesma seara onde outros, na mesma época, foram recolher seus motivos para enaltecê-la.⁶²

⁶¹ “Seu livro é um exercício de negação das negações, pois, em vez de chegar à síntese, os antagonismos redundam em impasse. [...] Razão e devir, abstração e concretude se opunham no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. De onde o veio crítico que insistia, às vésperas do Estado Novo, em negar teorias de nacionalidade brasileira a partir de opiniões ou raciocínios ideológicos”. Cf. DIAS, Maria Odila. *Negação das negações* [2000]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs). *op. cit.*, p. 321-322.

⁶² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1967, p. 3.

Vemos se erguer, então, um segundo pilar da autocrítica de Buarque de Holanda a *Raízes do Brasil*. Seguida à polêmica com Cassiano Ricardo, que se concentrava na verdadeira acepção da palavra “cordial”, o autor passa constantemente a recorrer ao argumento do contexto de produção da obra, ao qual já havia ensaiado em “Novos rumos da sociologia”. Um terceiro novo elemento ainda aparece nesta conferência: “em 1936 escrevia eu como ensaísta: mais tarde iria definir-me melhor como historiador”.⁶³ Florestan Fernandes havia notado essa diferença quando afirmou como a mais importante modificação entre as duas edições a ampliação da base empírica que dava agora maior sustento a suas interpretações. Faz-se imprescindível considerar que em 1967 Buarque de Holanda fala de um lugar preciso e muito decisivamente importante: já havia quase uma década que ocupava a cátedra de História da Civilização Brasileira na USP. Embora este argumento se assome fundamentalmente à modificação de humor quanto a *Raízes do Brasil*, estudaremos melhor esta auto-historicização de sua trajetória no segundo capítulo da tese, sobre a sua concepção de história e a afirmação de sua identidade historiadora. Por ora, é interessante perceber como o autor procura tomar distância do ensaio produzido naquela etapa anterior de sua trajetória. Parecia reputá-lo, assim, ao passado, à história da historiografia.

O texto da ESG não se resume, contudo, à auto-avaliação de *Raízes do Brasil*. Apresentava-se em cinco sessões (apenas no sumário, já que o texto em si não apresenta subtítulos): Introdução, A missão social do historiador, O sentido da evolução brasileira, O homem brasileiro no passado e no presente, Conclusão: prospecções. Em seguida à introdução, em que se ocupou de distinguir a inatualidade e a atualidade do ensaio, e dos comentários sobre a missão do historiador, de compromisso com os problemas do presente, Buarque de Holanda reafirma ainda sentir o peso da herança colonial sobre a República, e investe em uma longa e densa historicização da questão da fragilidade da democracia no Brasil desde o Império até aqueles dias. A pergunta fundamental que orientou esta retrospectiva investigativa era determinada evidentemente pelo momento presente, de ditadura e, claro, mais especificamente, pelo público singular a quem se dirigia, que se queria uma verdadeira elite intelectual diretora dos rumos da nação: “estará ao alcance das atuais gerações o erradicarem em breve prazo males que ao longo de séculos, e não só de quatro ou três decênios, já puderam deitar raízes fundas em nosso solo?”.⁶⁴ A resposta, em forma de crítica agudíssima a um desiderato preciso, obedecia evidentemente aos mesmos interesses que mobilizavam a interrogação:

⁶³ *Idem*.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 20.

O que acredito possível às gerações de hoje é que tenham plena consciência daquilo que nos falta ainda para que a democracia autêntica não permaneça apenas uma permanente e vaga aspiração. Reconhecer erros passados, denunciá-los francamente, tentar honestamente superá-los, em vez de os querer resguardados à força como sagrada relíquia de eras extintas, já é um modo de acertar, e isso está ao nosso alcance. Por esse caminho, o homem brasileiro haverá de enfim realizar-se integralmente e não pelos caminhos indicados por uma tênue minoria que, julgando representá-lo, em verdade o esmaga e o dissimula.⁶⁵

Este texto teve seguramente circulação muito limitada. Importa muito frisar esta informação. Foi publicado originalmente, com não mais que trinta páginas, contendo ainda biobibliografia do convidado, como folheto impresso na oficina gráfica da própria ESG. Era mesmo um documento reservado, como se encontra no cabeçalho da brochura. Sobre a capa, um carimbo, já hoje bem desbotado: “As opiniões expressas neste documento são do autor e não, necessariamente, da ESG”. Na contracapa, lê-se, expressamente: “Desde que omitido tratar-se de assunto versado na Escola Superior de Guerra ou por ela encampado, o contido neste documento perde a classificação ‘Reservado’”. Consequentemente, esta por assim dizer segunda fase (em relação à polêmica com Cassiano Ricardo) da autocrítica de *Raízes do Brasil*, não foi amplamente divulgada. Ressonava no ambiente mais geral aquela ainda anterior, sobre a verdadeira acepção da cordialidade. Este texto somente apareceu para um público menos irrestrito em 2008, na antologia *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*.⁶⁶ Seus organizadores assinalam no texto introdutório que “sua relevância para a interpretação das ideias de Sérgio Buarque e para sua própria reavaliação de *Raízes do Brasil* não pode ser minimizada”.⁶⁷ De fato, um texto incontornável, mas acredito que não somente para compreender as modificações de *Raízes do Brasil*. Robert Wegner (2000) parece ter sido o primeiro pesquisador da obra de Buarque de Holanda a tê-lo levado em consideração – muito embora brevemente – para melhor compreensão das atenuações entre as edições.⁶⁸ Kennedy, em seguida, caracteriza a autocrítica de Buarque de Holanda ao seu ensaio de estreia como exagerada, precisamente em função da delicadeza da situação em que se fazia em 1967. Percebe também nele uma contradição fundamental, com a qual não necessariamente admito integralmente: que haja uma polarização da autocrítica do autor entre a retratação e a afirmação do ensaio, isto é inegável. Mas, não

⁶⁵ *Ibid.*, p. 23.

⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Elementos básicos da nacionalidade: o homem [1967]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.) *op. cit.*, pp. 617-637.

⁶⁷ EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.) *op. cit.*, p. 13.

⁶⁸ WEGNER, Robert. *op. cit.*, 2000, p. 64-65.

talvez a ponto de Buarque de Holanda se desfazer do ensaio como “mistificador e inventor de tradições”,⁶⁹ quando apenas assume ter se embebido nas mesmas fontes nas quais autores de outras lavras também sorveram, mas de onde tiraram conclusões opostas. Admiti-lo, seria praticamente uma total anulação de qualquer validade e impossibilitaria qualquer espécie de atenuação, retratação ou atualização.

Por isso, preferi entender tal contradição mais como uma polarização entre aspectos inatuais e outros ainda considerados pertinentes: “ainda considero válido muito do que então escrevi, quando o escrevi”, disse Buarque de Holanda em certa altura da conferência de 1967. Nenhuma dessas análises anteriores está destituída de grande valor, não só em função de seu caráter pioneiro. Todavia, procurei acrescentar que uma outra abordagem desse documento também poderia ser feita, tomando-o como texto privilegiado de um *corpus* da escrita de si do autor. Em apelando à memória pessoal e à auto-historicização da obra, percebo subjacente ao discurso sobre a história do livro uma inquietação frequente com os usos descontextualizados, e ao mesmo tempo a tentativa de recontextualização do ensaio em momentos políticos e culturais distintos. Todavia, a autocrítica de *Raízes do Brasil*, entre a inatualidade e a atualidade do ensaio, concede pouco espaço para a autonomia do texto e rapidamente se transforma em memória espessa.

Para uma melhor compreensão da recontextualização de *Raízes do Brasil* é necessário, além das diversas entrevistas concedidas pelo autor desde meados dos anos 1970 até 1982, que nos dediquemos também à leitura dos elementos paratextuais que vão sendo incorporados ao texto, além das sucessivas comemorações da obra entre os anos 1970 e 1980. Iremos nos ocupar destes materiais, respectivamente, nas duas próximas seções.

1.3 A remição do homem cordial

É notável a proximidade temporal entre a palestra na ESG e o prefácio de Antônio Candido para a quinta edição de *Raízes do Brasil*, que até aqui conhecemos somente de viés, pelos comentários ácidos dos atuais intérpretes da obra e fortuna crítica de Buarque de Holanda. Mais uma vez, não se trata de mera coincidência de datas. Publicado em 1969, mas datado de 1967, “O significado de *Raízes do Brasil*” era não apenas mais um, mas, talvez, o mais

⁶⁹ KENNEDY, João Eugênio. *op. cit.*, 2011, p. 451.

importante elemento orientador e estabilizador da leitura do ensaio. Entre a palestra da ESG e o prefácio, e entre eles e o estabelecimento da edição definitiva do ensaio, depois jamais inalterada, podemos estabelecer diversas conexões. A principal delas é que subjaz, como acabamos de discutir, uma inquietação de ordem política. Era urgente, pois, reforçar o argumento democrático e divulgá-lo amplamente. Neste sentido é que se recupera ou, melhor, se reatualiza o ensaio, de acordo com novas necessidades específicas. Por isso, nunca mais o prefácio à quinta edição deixou de acompanhar o livro nas numerosas edições subsequentes.

Os componentes paratextuais, como se sabe, são fundamentais de serem considerados para melhor apreensão das obras de qualquer safra. O título dado por Gérard Genette para o grande trabalho que sistematiza a compreensão destes componentes já diz muita coisa a seu respeito. *Seuils* (1987) quer dizer, entre outros significados próximos, “portais”. É isso, precisamente: eles abrem caminho ou mesmo nos conduzem pelo corredor de acesso ao mundo do texto. A tradução brasileira, mesmo em caprichada edição, primou pelo pragmatismo em relação ao título e o livro apareceu mais objetivamente como *Paratextos Editoriais* (2009). Que são, pois, estes paratextos editoriais? Trata-se de uma vasta constelação que envolve o “mundo do texto”: prefácios, prefácios ulteriores e tardios, posfácios, apresentações, coleções editoriais, títulos e intertítulos, entrevistas, mudanças no texto, reconsiderações tardias, o próprio ponto de vista do autor etc. Genette os desmembra em dois componentes: peritexto, que se encontra no próprio espaço do livro, e epitexto, descontínuo em relação à materialidade do livro. Não são, portanto, o texto em si, mas pertencem ou se relacionam de algum modo a ele e lhe exercem forte gravidade. Cada elemento é considerado pelo teórico francês em sua especificidade, mas afluem todos – eis a sua tese – para a ordem da influência sobre a recepção, quiçá de uma inconsciente ou relativamente deliberada manipulação.⁷⁰ No caso dos “prefácios ulteriores”, ou seja, aqueles que procuram imprimir sentido às demais edições de determinada obra, é importante frisar, segundo Genette, o seu aspecto de originalidade em relação aos *novos leitores*. Também há os prefácios ditos alográficos, escritos por outrem que, geralmente valendo-se de sua posição de autoridade no campo específico, informa e recomenda o livro aos novos leitores, o que confere à obra maior legitimidade e prestígio. São os casos, aproximadamente, dos prefácios aqui analisados.⁷¹

⁷⁰ GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris : Éditions du Seuil, 1987, p. 412.

⁷¹ *Ibid.*, pp. 267-270.

Um “Prefácio” para um clássico

Tamanho é o poder de sugestão deste prefácio à quinta edição de 1969, que geralmente se ignora a existência de um anterior, à quarta edição, de 1963, também escrito por Antonio Candido. Esta quarta edição de *Raízes do Brasil* tem a singularidade de excepcionalmente não ter sido publicada pela José Olympio Editora. Desconheço as razões precisas (no plano editorial) que lhe permitiram integrar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira (v. 10), editada pela nova Universidade de Brasília (UnB). Contudo, é muito significativo que o livro fizesse parte dos primeiros dez números da coleção, capitaneada em 1963 por Darcy Ribeiro (1922-1997), considerando-se a envergadura não apenas do projeto editorial, de “apresentar o Brasil aos brasileiros”, como também das ambições amplamente democratizantes que presidiram a própria fundação da UnB.⁷² A coleção Biblioteca Básica Brasileira tinha à frente Artur Neves (1916-1971), ex-integrante da Companhia Editora Nacional e cofundador da Editora Brasiliense nos anos 1940, então convidado por Darcy Ribeiro para organizar a Editora da UnB. Segundo conta Ribeiro em suas *Confissões*, o objetivo era a publicação anual de dez volumes, durante dez anos, até atingir a marca de cem títulos. Mas, a continuidade do projeto ficou comprometida, de forma dramática.⁷³ No primeiro ano, 1963, os quinze mil exemplares de tiragem foram distribuídos entre escolas secundárias e superiores.

Bem mais modesto em suas dimensões e propósitos que o célebre prefácio à quinta edição de 1969, este de 1963 sequer se intitulava, de modo que à testa aparecia simplesmente “Prefácio”. Apesar disso, segundo o depoimento gravado em 1981 para o Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS), Buarque de Holanda considera esta a mais importante das edições de *Raízes do Brasil*, devido exatamente ao prefácio de Candido. Dizia ele, na ocasião: “[...] a mais importante foi a quarta edição, da Universidade de Brasília, encomendada pelo Darcy Ribeiro. O prefácio foi feito pelo Antonio Candido, e tenho a impressão de que isso deu sorte, porque a partir dali o livro passou a ter muita reimpressão, às vezes duas por ano”.⁷⁴

De qualquer forma, em suas pouco mais de duas páginas, já se aportavam elementos que seriam aprofundados no prefácio seguinte. Nele, o livro já é considerado um clássico. Mas, um livro que *se fez clássico* por subsistir ao tempo. Mais que isso, não foi em qualquer tempo, nem

⁷² Ver a este respeito RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

⁷³ RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 266.

⁷⁴ O depoimento foi publicado em 2004. Cf. SOUZA, Laura de Mello e. *Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda* [1981]. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul. 2004, p. 6.

foi de qualquer maneira que realizou esta travessia: “Este livro, publicado faz quase trinta anos, atravessou facilmente o período mais transformador dos estudos sociais no Brasil e se tornou um clássico”.⁷⁵

Desde 1961, Antonio Candido ocupava a cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Sua trajetória acadêmica até então havia hesitado entre as atividades de docência de sociologia e de produção intelectual na área de crítica literária e história da literatura.⁷⁶ Candido havia ingressado em 1939 no curso de Ciências Sociais da nascente USP. Ao cabo da graduação, já em 1942, assumia o cargo de professor assistente da cadeira de Sociologia II na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP. Mesmo durante o período de formação, porém, tinha estreitado laços com os intelectuais da revista *Clima* (1941-1944), onde publicou seus primeiros trabalhos em matéria de crítica literária. Entre 1943 e 1947 trabalhou também como crítico literário para os jornais *Folha da Manhã* e *Correio de São Paulo*.

Estivera ligado desde 1943 à especialização em Sociologia, mas defenderia sua tese de doutoramento sobre o universo caipira apenas em 1954. A tese não foi muito bem recebida pelo júri, segundo Ramassoti. O fato se deveu, em sua interpretação, às disputas em torno da definição disciplinar da sociologia na USP, que procurava se afastar definitivamente do ensaio em prol de um cientificismo, rechaçando até mesmo os traços estilísticos na escrita acadêmica. O trabalho seria publicado somente em 1964, sob título *Os parceiros do Rio Bonito*.

Assim, quando em 1963 escrevera este primeiro prefácio para *Raízes do Brasil*, encontrava-se na fase madura de sua trajetória,⁷⁷ inclusive já era o intelectual amplamente reconhecido por aquela que talvez seja considerada sua grande contribuição, *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1959). Dois anos depois vinha a público *Literatura e Sociedade* (1965), ensaio maior em que, procurando enlaçar os dois polos de sua formação de sociólogo e literato, entende os fatores sociais, geralmente considerados exógenos, como estruturantes internos à literatura.

Sua longa e grande amizade com Buarque de Holanda já datava de meados dos anos 1940, desde quando, além de colegas de ofício (ambos críticos de literatura), passaram a militar

⁷⁵ CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 4ª. ed. Brasília: Editora UnB, 1963, p. ix.

⁷⁶ RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Antonio Candido em Assis e depois. *Revista IEB*, n. 50, 2010, p. 103-128.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 106.

juntos pelas causas democráticas. Não era apenas de então que Candido conhecia *Raízes do Brasil*. Ele mesmo indica “releituras através dos anos”, o que pressupõe íntimo conhecimento de suas variadas edições. Essas releituras não fizeram senão reforçar que seus efeitos se incorporassem “ao pensamento de uma geração” e seus conceitos tenham se disseminado e se apropriado como “conceitos de toda gente”. Sua força, Candido a atribui à perfeição do estilo e precisão das ideias. Lia-se “na tonalidade civilizada do ensaio” um historiador minucioso, mas igualmente apto às generalizações e à identificação das linhas interpretativas fundamentais das raízes do Brasil, linhas estas pouco esquemáticas e nada submissas a modelos de análise previamente determinados.

O conceito mais popular e mais debatido era o da cordialidade. Por isso, Candido não se constringe em reforçar os autocomentários de Buarque de Holanda a este propósito, e aqui percebemos a sua ressonância: “não se trata, esclarece o Autor, de ‘homem bondoso’, mas do que empresta a todas as relações a tonalidade afetiva, mesmo quando o coração está seco”.⁷⁸ Para Candido, seria esta a forma encontrada, no “plano psicológico”, pelo “tipo humano do homem cordial”, para contornar a despersonalização burocrática que pouco a pouco se impunha ao mundo contemporâneo em nome do funcionamento racionalizado das instituições. Registra o autor do prefácio que, dessa forma, pela primeira vez de maneira sistemática se aplicava no Brasil a distinção weberiana entre patrimonialismo e burocracia. Ainda muito aferrado à herança ibérica ruralista, sofria e resistia o brasileiro cordial ao processo de modernização. Situava-se historicamente, portanto, entre um mundo que se derruía e outro que se demorava em ganhar pleno contorno:

Mundo que, nas suas modalidades próprias, é cada vez mais burocrático e impessoal, e que o livro mostra em formação difícil no Brasil, a partir da que caracteriza como única revolução que houve aqui: a da Abolição, seguida pela instalação acessória da República. Essa revolução sem violência configurada feriu o universo baseado no predomínio absoluto da vida rural sobre a vida urbana, próprio do velho Brasil. A partir de então, vamos presenciando à emergência de um outro mundo, em que os elementos de origem lusa se obliteram cada vez mais, e que se caracteriza pela consolidação trabalhosa do espírito das cidades, promotor do racional contra o patrimonial, a rotina contra a aventura, o impessoal contra o pessoal.⁷⁹

Esta era a interpretação geral de Candido sobre o ensaio em 1963. Malgrado o esforço de desembaraçar as temporalidades e tornar menos opaca a coerência básica do ensaio, é

⁷⁸ CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, 1963, p. x.

⁷⁹ *Ibid.*, p. x-xi.

indisfarçável a dificuldade encontrada por Candido para concluir. Esta dificuldade estava, pois, implicada no próprio desfecho irresoluto do ensaio. Nenhuma solução era apontada, nem mesmo alternativas palpáveis ou facilmente redutíveis a uma explicação mais objetiva. Bem mais timidamente que em relação ao 1969, portanto, Candido limitou-se, por ora, a apontar que tese e antítese se completavam em uma “síntese *discretamente* luminosa” [grifo meu].⁸⁰

Um “significado” para o “clássico de nascença”

Nesse ínterim, entre os seis anos que separam a publicação da quarta e quinta edições, as afinidades entre Antonio Candido e Buarque de Holanda não faziam senão se estreitar. Em um trabalho subsidiário para um estudo das relações mais propriamente intelectuais entre ambos, Thiago Lima Nicodemo indica que, quando se evoca tal relacionamento, muito mais frequentemente se o faz sob o signo da amizade pessoal e da cumplicidade de pontos de vista políticos. Como lembrava há pouco, desde meados dos anos 1940 a amizade se estabeleceu, devido primeiramente às afinidades políticas. Ambos fizeram parte da ABDE, que organizou em 1945 o importante I Congresso Brasileiro de Escritores, quando se definiu uma pauta comum de compromisso com a democracia. Nos anos 1960, na USP, atuaram conjuntamente, entre outras frentes, em prol da criação e funcionamento do IEB. Nos anos 1970, o compromisso com a democracia se atualizava, agora em luta contra o regime militar, desde a fundação em 1978 do Centro Brasil Democrático (Cebrade), instituição da qual Buarque de Holanda fora vice-presidente, e Antonio Candido, membro do conselho consultivo.⁸¹ No início dos anos 1980, como se sabe, também estiveram à frente da organização do PT.

Todavia, o ensaio de Nicodemo procura escapar deste viés exclusivo da amizade pura e simplesmente, e se embrenha, então, nos diálogos que se constituíram entre ambos os intelectuais também em torno a interesses comuns de pesquisa. Desse modo, ele se concentra no que lhe parece o debate mais importante, sobre a relação entre literatura brasileira e formação da cultura nacional, entre *Capítulos de Literatura Colonial* (1991), obra de Buarque de Holanda publicada postumamente por esforço do próprio Candido, e *Formação da Literatura Brasileira* (1959), deste último.⁸² Nicodemo também observou afinidades entre a produção historiográfica

⁸⁰ *Ibid.*, p. xi.

⁸¹ CENTRO BRASIL DEMOCRÁTICO. Caderno de Documentos Básicos [Siarq – Fundo SBH, D1/2].

⁸² NICODEMO, Thiago Lima. Subsídios para o estudo das relações intelectuais entre Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido. In: CARVALHO, Fabio Almeida de; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). *Interpretações do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014b, p. 482-483.

de Buarque de Holanda sobre a expansão paulista, com *Monções* (1945) e *Caminhos e Fronteiras* (1957), e a tese de Candido, *Os parceiros do Rio Bonito* (1964).⁸³ Ambos os autores, em sua opinião, se contrapunham à estabilização da imagem heroica do bandeirante e do caipira. Pude observar mais de perto a confissão da ascendência de Buarque de Holanda sobre este trabalho de Candido expressa manuscritamente na dedicatória do autor ao amigo, que lhe oferecia em 1971 a segunda edição de seu estudo sobre a cultura caipira.

Caro Sérgio,

Relendo este livro para correção de provas, fiquei impressionado ao ver como ele é influenciado por sua obra, sobretudo “Bandeirantes e Mamelucos” e “Monções”. Eu já sabia disto, é claro, e o digo no prefácio; mas a impregnação é maior do que eu pensava. A culpa não é sua. Mas o que ele tiver de aproveitável será devido a isto. Esta é a razão de empurrar uma simples reedição, que vai melhorada (para mim), pela capa de Ana Luísa. Afetuoso abraço a Maria Amélia e a você do

Antonio Candido⁸⁴

Quanto ao prefácio à quinta edição de *Raízes do Brasil*, Nicodemo ajusta que neste ponto a amizade e a cumplicidade política entre eles se manifesta de modo algo explícito: “Não se pode deixar de notar que Candido ajuda a reforçar o senso de unidade da obra do amigo. [...] Todos esses laços eram, ao mesmo tempo, revisitados e ressignificados segundo demandas daquele momento, de finais da década de 1960”.⁸⁵ De fato, parece mesmo que em 1969 Antonio Candido permitia-se uma maior vazão da subjetividade, ocupando assumidamente o lugar de fala como testemunho de uma geração intelectual. Ele revisita sua memória de estudante de sociologia na USP a fim de indicar a marca deixada pela leitura, não apenas de *Raízes do Brasil* (então nos é lícito imaginar seu conhecimento desde a primeira edição), como também de *Casa-Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Jr. São estes os livros que considera como chaves da expressão da mentalidade surgida da Revolução de 1930, não de todo abafada pelo Estado Novo. Como já é de nosso conhecimento, diversos pesquisadores contemporâneos não hesitaram em assinalar que de tal

⁸³ Interessante lembrar que já em 1948 Buarque de Holanda, em “Novos rumos da Sociologia” (1948), quando comenta os “novos estudos que surgiram em São Paulo, à sombra do ensino universitário”, fazia referência à tese de Candido: “Este último, desviado (provisoriamente, ao menos) da crítica literária, em que a sua atuação admirável fora um milagre de precocidade, dedica-se atualmente a estudar a estrutura social e a mudança cultural em certas localidades de povoamento antigo, em particular as do vale do Tietê. Estudo que representa, aparentemente, o ponto de partida para um trabalho de maior amplitude, visando acentuar e talvez reabilitar o papel do pequeno lavrador, do roceiro, do sitiante, em nossa vida social”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 2011, p. 516.

⁸⁴ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971. [Dedicatória manuscrita na folha de rosto. Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁸⁵ NICODEMO, Thiago Lima. *op. cit.*, 2014b, p. 484.

forma Candido favorecia o estabelecimento da chamada geração de 1930 como o cânone da moderna historiografia brasileira.⁸⁶ Candido se lhes opõe a obra outrora importante de Oliveira Vianna, que ao lado deles já aparecia defasada pelos “preconceitos ideológicos” de que era portadora.

Contudo, ainda internamente à tríade consagrada, Candido estabelece comparações e diferenças, de modo a fazer sobressair a centralidade de *Raízes do Brasil* como expressão excelsa daquele conjunto de ensaios que nos anos 1930 interpretaram o sentido da história brasileira e o caráter singular da brasilidade. Salvo engano, não lembro de ter sido explorada esta particularidade. Seguramente este zelo não constitui mero detalhe, mas não por isso deva também ser superestimado, afinal, era *Raízes do Brasil* o livro prefaciado, agora sob o persuasivo título “O significado de *Raízes do Brasil*”. Como ele opera, então, esta distinção interna à tríade? Basicamente, *Casa Grande & Senzala* estava ainda em alguns pontos atrelado às preocupações naturalistas da chamada “geração de 1870”. *Formação do Brasil Econômico*, de outro lado, já anunciava a vontade e o trabalho de cientificidade sociológica que marcaria a geração seguinte, nos anos 1940. *Raízes do Brasil*, por sua vez, fora “concebido e escrito de modo *completamente* diverso”.⁸⁷ Notávamos ainda há pouco que o texto deste prefácio aparece datado de 1967, mesmo ano da conferência de Buarque de Holanda na ESG. Dada a amizade entre ambos, e a nítida tentativa de ajustamento e recuperação de *Raízes do Brasil* para um novo contexto, representada pela conferência e pelo prefácio, não configura licenciosidade demasiada supor que nas conversações a este respeito ficassem definidas em conjunto as novas diretrizes interpretativas.

Seja como for, se observamos que no prefácio anterior Antonio Candido tomava de empréstimo e reforçava os autocomentários de Buarque de Holanda, agora, a fim de postular a singularidade de *Raízes do Brasil*, parecia ir contra as apelações do próprio autor. Na conferência de 1967, Buarque de Holanda deixava transparecer sua preocupação relativa ao emaranhado de ideias e propostas que se insinuavam nos anos 1930, ao cogitar se não havia bebido na mesma fonte de autores ligados abertamente ao campo conservador. Em “O

⁸⁶ Segundo, por exemplo, a análise de Fabio Franzini e Rebeca Gontijo, o texto de Antonio Candido constituía um “exercício de memória com pretensões de testemunho de uma geração”, que acabou por cristalizar em história essa memória. O prefácio lavrou, então, nos anos 1970, um novo referencial para as análises historiográficas. FRANZINI, Fabio; GONTIJO, Rebeca. Memória e historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos 1940-1960. In: SOIHET, Rachel et. al. (Orgs.) *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 156-7.

⁸⁷ CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil* [1967]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969, p. xii [grifo meu].

significado de *Raízes do Brasil*”, Candido não toma conhecimento dessa dúvida e crava que “a sua inspiração vinha de outras fontes e as suas perspectivas eram diferentes” em relação, por exemplo, a Gilberto Freyre (*idem*).

Candido associa o método de Buarque de Holanda, antes de mais nada, à “nova história social dos franceses”, o que representa, com algum grau de estranhamento, tão somente uma meia verdade. Depois disso, sim, concede justo lugar à sociologia da cultura e etnologia alemãs como referências basilares do ensaio. Mas a afirmação anterior, de um Buarque de Holanda *annaliste*, dificilmente se sustenta – em relação a *Raízes do Brasil*, claro esteja. Um olhar perquiridor sobre as notas de rodapé e o índice onomástico (mesmo) da quinta edição (e muito menos em 1936) é suficiente para percebermos que nenhum dos historiadores franceses deste grupo é citado. É muito provável, todavia, que Buarque de Holanda tenha tomado conhecimento da história social francesa no mesmo ano de 1936, desde quando estreitou convívio com Henri Hauser, que, mesmo sendo membro da geração anterior, participava àquela altura do comitê de redação dos *Annales d’histoire économique et sociale*.⁸⁸ Mas, somente a partir da década de 1940 é que Buarque de Holanda se aproximaria mais nitidamente das concepções dos historiadores dos *Annales*, o que certamente produzirá efeitos importantes na trajetória de seu pensamento histórico. E, mesmo que em 1948 Buarque de Holanda se refira ao ensaísmo de 1930 como “História Social”, é em tom reprobatório que o avalia, como campo de estudos surgido e possibilitado por um “clima de opinião”, de subjetividade e às vezes de apologismo do passado.⁸⁹

“*Raízes do Brasil* é constituído sobre uma admirável metodologia dos contrários”. Tal interpretação de Candido atingiu uma quase unanimidade e inaugurou uma verdadeira “matriz” da fortuna crítica do ensaio, para retomarmos a expressão de Kennedy Eugênio. Candido aprofunda consideravelmente suas análises sobre o que entendia como o método (hegeliano) da tese, antítese e da síntese. Lembremos que, na ESG, Buarque de Holanda procurava caracterizar as mudanças entre as edições como decorrentes de um aguçamento do senso histórico, uma vez que se havia decidido pela carreira de historiador propriamente dita, e um afastamento decidido de concepções idealistas e estáticas que talvez tivessem embalado a sua construção original do

⁸⁸ Cf. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Henri Hauser et le Brésil. In: MARIN, Séverine-Antigone; SOUTOU, Georges-Henri. (Dir.) *Henri Hauser (1866-1946): humaniste, historien, républicain*. Paris: Presse de l’Université Paris-Sorbonne, 2006, pp. 281-296.

⁸⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Novos rumos da sociologia. In: *op. cit.*, 2011a, p. 514.

tipo cordial. Neste sentido, Candido vai além e constitui uma das páginas, esta sim, mais esclarecedoras quanto à metodologia empregada no ensaio buarqueano:

Em vários níveis e tipos do real, nós vemos o pensamento do autor se constituir pela exploração de conceitos polares. O esclarecimento não decorre da opção prática ou teórica por um deles [...], mas pelo jogo dialético entre ambos. A visão de um determinado aspecto da realidade histórica é obtida, no sentido forte do termo, pelo enfoque simultâneo dos dois; um suscita o outro, ambos se interpenetram, e o resultado possui uma grande força de esclarecimento. Neste processo, Sérgio Buarque de Holanda aproveita o critério tipológico de Max Weber; mas modificando-o, na medida em que focaliza pares, não pluralidade de tipos, o que lhe permite deixar de lado o modo descritivo, para trata-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico.⁹⁰

No tocante à “discreta síntese”, como definia o desfecho do livro ainda em 1963, Candido a retoma em tom semelhante. Agora, sobre o sétimo e último capítulo, “Nossa Revolução”, sublinha que seu movimento, antes de demonstrar, consiste em *sugerir* como o “aniquilamento das raízes ibéricas” ocasiona contradições não facilmente resolvíveis.⁹¹ Pouco antes, reconhecendo a complexidade da situação política dos anos 1930, Candido dizia que para este entendimento é que *Raízes do Brasil* oferecia uma interpretação do passado. Daí, então, a posição do seu autor: “aparentemente desprendida e quase remota, era na verdade condicionada por estas tensões contemporâneas”.⁹²

Após a detalhada resenha, capítulo por capítulo do livro, que aqui não veremos repetida, Candido retoma suas memórias para reafirmá-las. Disso tudo resulta, bem distante de definições cabais ou soluções imediatas, que o ensaio, em seu “jogo de oposições e contrastes, impede o dogmatismo e favorece a reflexão de tipo dialético”, oferecendo instrumental seguro para se evitar o louvor do autoritarismo.⁹³ Não apenas estou de pleno acordo, como acrescentaria que aí se encontra, no argumento do livro, no seu texto mesmo, o ponto fundamental que permite a *recontextualização* que tentamos caracterizar. Seria este um dos pontos altos do ensaio, que ajuda a manter viva sua atualidade. Buarque de Holanda mantinha aberto o horizonte de possibilidades e, assim, indeterminado o sentido da experiência histórica.⁹⁴ A historicidade em

⁹⁰ *Ibid.*, p. xiv.

⁹¹ *Ibid.*, p. xix.

⁹² *Ibid.*, p. xii.

⁹³ *Ibid.*, p. xxi.

⁹⁴ Se a primeira edição se mostra mais explicitamente embebida em historicismo romântico (CARVALHO, 2003; EUGÊNIO, 1999); se a segunda atenua exatamente este argumento organicista-vitalista (EUGÊNIO, 2011) e se decide mais claramente pelo argumento modernizador e democrático (NICODEMO, 2014), esta quinta edição, definitiva,

Raízes do Brasil, portanto, tanto do ponto de vista retrospectivo quanto prospectivo, ao negar sistematicamente os “princípios abstratos e inumanos” que presidem as formulações político-intelectuais, não se deixava seduzir pelo ensejo comum àquela geração, de disciplinar o tempo perturbado da nação.⁹⁵

Dessa forma, considerados todos estes aspectos, parece artificial que, mesmo reconhecendo a importância dessa irresolução, mesmo confessando a *discreta e quase remota* tomada de posição de Buarque de Holanda, Antonio Candido assevere que o sentido do livro seja, ao cabo e em suma, o imperativo modernizador e democratizante da evolução histórico-processual da nação. De modo algo arbitrário em relação a sua própria argumentação, diz que o pensamento de Buarque de Holanda em 1936 culmina em uma análise das condições precárias da vida democrática no Brasil. Isto não representa necessariamente uma invenção, mas mais sutilmente um apagamento ou um esquecimento de todo um processo de transformações do livro, da carreira de seu autor e do próprio contexto político. Conforme o que retivemos da seção dedicada aos críticos contemporâneos de *Raízes do Brasil*, só seria possível uma tal definição a partir da segunda edição, de 1948, sob impacto dos trágicos acontecimentos que culminaram na Segunda Grande Guerra. Desse modo, Antonio Candido faz ignorar toda esta complexa trama, da qual ele certamente tinha ciência, uma vez que dava a conhecer suas releituras do livro em vários tempos, em suas variadas edições. Somente a partir deste sensível esquecimento é que fora possível entronizar *Raízes do Brasil* como um “clássico de nascença”.⁹⁶

Podemos inclusive contrapor a uma tal assertiva o intenso debate que se seguiu nos jornais à aparição do livro em 1936. É seguro que ele tenha imediatamente causado grande

mantém intacta, desde a primeira, a irresolução fundamental da desordem temporal (e consequentemente do conflito político). A historicidade se faz então como o caminho para o esforço de compreensão: “[...] Não será pela experiência de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade. [...] Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e refluxo, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1969, p. 142. Mesmo sem um trabalho de minuciosa e paciente comparação entre as edições, arrisco a assertiva, com base em pesquisa anterior, sobre historicidade e *Raízes do Brasil*, sintetizada em: CARVALHO, Raphael Guilherme de. Sobre a atualidade de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. In: SILVA, Helenice Rodrigues da (Org.) *Circulação das ideias e reconfiguração dos saberes*. Blumenau, SC: EdiFurb, 2014, pp. 51-74.

⁹⁵ Para Daniel Faria, “a historicidade modernista é a da brasilidade no porvir, sempre ameaçada”. Cf. FARIA, Daniel. Historicidade modernista: a brasilidade entre o passado e o futuro. In: CLOULET, Ana Rosa; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus Henrique. (Orgs.) *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. São Paulo: Hucitec; Belo Horizonte: Fapemig, 2014, p. 305. Segundo Eduardo Jardim de Moraes, “a constituição de uma teoria da temporalidade da vida nacional vai possibilitar a reavaliação da situação de “atraso” do contexto nacional. Ela vai também fornecer as bases da definição de um tempo de modernização próprio da brasilidade”. MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 198. p. 220-238.

⁹⁶ CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, 1969, p. xii.

furor. Mas, é diametralmente oposto que tenha sido recebido unanimemente.⁹⁷ Muitos autores reclamaram, por exemplo, a ausência de desfecho claro e soluções palpáveis. A rezinga mais radical, entre esses, foi a do jornalista e escritor Múcio Leão (1898-1969), da ABL, no *Jornal do Brasil*.

Há, enfim, no livro do Sr. Sergio Buarque de Holanda páginas que fixam o aspecto político do Brasil dos nossos dias. Não creio que seja necessário – e confesso que seria difícilimo – precisar a posição que, em política, assumira o autor de *Raízes do Brasil*. Seu pensamento, em tal campo, me parece cheio de contradições [...]. Será isso o modo de pensar de um republicano? De um liberal-democrata? Ou será, antes, a maneira de doutrinar de um discípulo de Hitler?⁹⁸

Nada obstante, já se fez afirmar, com Pedro Meira Monteiro, sem exagero ou superestima, que a própria interpretação de Candido se tornou clássica, sobretudo em função de sua leitura do “método dos contrários” a partir da utilização original de Max Weber por Buarque de Holanda na composição do ensaio.⁹⁹ Isso não impediu que o mesmo Monteiro tenha apontado mais tarde certa obscuridade na interpretação de Candido e inclusive sutilmente sugerido a ingerência da memória sobre a consolidação de tal interpretação, a dissipar inúmeros conflitos anteriores à fixação do “clássico de nascença”:

Mesmo o radicalismo político, no sentido da profunda interpretação de Antonio Candido, talvez fique um pouco obscurecido [...]. Isso por mais que a construção da memória do historiador nos leve, por vezes, a imaginar o busto de um Sérgio Buarque de Holanda serenamente liberal-democrático, em plena década de 1930, quando o totalitarismo não era ainda precisamente aquilo que se pode entender por totalitarismo, e quando o campo dos valores, para nos valermos da retórica de Weber e Nietzsche, apresentava demônios sedutores, de ambos os lados.¹⁰⁰

Outros componentes da edição afluem para a solidificação de tais imagens. Pela primeira vez aparece, antes do texto, e antes também do prefácio de Antonio Candido, uma “História bibliográfica de *Raízes do Brasil*” e uma “Nota da Editora: Dados Biobibliográficos

⁹⁷ Para uma análise sistematizada desse conjunto de resenhas da primeira hora da recepção de *Raízes do Brasil*, ver: CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. O problema da objetividade nos comentários sobre *Raízes do Brasil*, de 1936. *Escrita da história*. v. 2, n. 3, abr./ago. 2015, pp. 31-52.

⁹⁸ LEÃO, Múcio. Registro Literário. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 nov. 1936, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 176/17].

⁹⁹ MONTEIRO, Pedro Meira. *op. cit.*, 1999, p. 22.

¹⁰⁰ MONTEIRO, Pedro Meira. Uma tragédia familiar. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *op. cit.*, 2008, p. 355.

do Autor”, que em cinco páginas demarcava cronologicamente suas principais contribuições, seguidas de uma gravura de Buarque de Holanda pelo ilustrador Luís Jardim (1901-1987).

Nas diversas edições subsequentes, os dados permanecem e vão sendo reiterados conforme avança a produção do autor. Nalgumas delas, inclusive, abaixo do título e nome do autor, a capa traz a expressão “um clássico de nascença”, tirada do prefácio assinado por Antonio Candido. A partir desta quinta edição vemos então impor-se, a pouco e pouco, a consagração estabilizada do clássico.

1.4 O homem cordial redivivo

Se as grandes linhas da autocrítica do autor ao seu livro de estreia já se definem em 1948, quanto ao “verdadeiro sentido” da cordialidade, e se ampliam e se aprofundam em 1967, com a conferência na ESG, embora esta última não tenha efetivamente circulado e se feito conhecer amplamente, veremos como elas se repetem – sobretudo a primeira – com grande frequência no conjunto de entrevistas que seguirá.¹⁰¹ Será nesta seção que poderemos enxergar mais claramente a aparente contradição do autor, que afirma estar o livro “plenamente datado e superado”, e simultaneamente, considera-o “democrático e revolucionário”. Busco uma síntese dessa contradição, compreendendo-a antes como um procedimento de *recontextualização* do ensaio. Este processo teria muito que ver com os *anseios* memoriais, que afluem para a sedimentação de uma direção específica para a obra e, no encalço, da própria imagem do historiador. Desse modo, da década de 1970 até o seu decesso, em 1982, e além, procuro dar relevo a um terceiro momento da escrita de si com relação a *Raízes do Brasil*, marcado indefectivelmente pela rememoração da obra; terceiro momento, este, que é o que de fato nos interessa compreender mais de perto. Neste intervalo, observaremos que, intimamente ligada à rememoração, também as comemorações da obra contribuem para a sedimentação de uma memória relativamente estável a propósito do “clássico de nascença”, onde encontra abrigo um “homem cordial redivivo”.

¹⁰¹ Muito próximo do que entendemos por escrita de si, os “autocomentários tardios” do autor, que segundo Genette é supostamente a pessoa melhor equipada para isso, visam esclarecer sobre como foi elaborada uma obra, quais foram seus condicionantes e quais os seus procedimentos. GENETTE, Gérard. *op. cit.*, p. 369.

Rememorações de Raízes do Brasil

Favorecido pelo abrandamento da censura em 1975, Buarque de Holanda concede diversas entrevistas daí em diante.¹⁰² Não que o historiador tivesse maiores problemas com a censura, diretamente, mas algumas das opiniões políticas que ele deu a conhecer a partir de então, creio que não poderiam ser emitidas antes disso.¹⁰³ São três as temáticas principais do conjunto de entrevistas da segunda metade dos anos 1970 até seu falecimento. Sobre a sua trajetória intelectual; sobre a situação política, entre o auge dos “anos de chumbo” e o início do lento processo de “abertura” do regime militar; e sobre a própria história do Brasil, notadamente a história política, para a qual se voltou na última década com *Do Império à República* (1972). Frequentemente os três temas se viam entrelaçados na mesma entrevista. Às vezes também algumas de suas particularidades e a sua vida familiar eram objeto de especulações. Ele se faz valer então das oportunidades e volta a se ocupar de explicar suas insatisfações com relação a *Raízes do Brasil*. Vemos, nessas rememorações do livro, a autocrítica ainda muito atrelada à verdadeira acepção da cordialidade, mas agora lado a lado à atenuação da “morte do homem cordial”, pela via da historicidade da obra. Temos também que subjaz uma inquietação política com relação à autocrítica do ensaio. Não foi, então, como mera autocelebração que ele continuou a se manifestar a respeito de *Raízes do Brasil*. Este componente comemorativo fica por conta de outros atores, embora a própria escrita de si de Buarque de Holanda, assim como a larga influência de Antonio Candido, o embale. Efetivamente, acontece que, como o autor mesmo admite, ele vinha sendo muito criticado por haver sustentado uma “ideologia do homem cordial”, em favor da manutenção dos privilégios de classe, segundo a ótica de seus detratores.¹⁰⁴ A temática das ideologias, como estudaremos no capítulo terceiro, era candente entre a geração mais nova de historiadores que ocupavam os postos na universidade brasileira, inclusive no departamento de história da USP, do qual Buarque de Holanda havia se desvinculado em 1969.

¹⁰² Dentre as trinta entrevistas localizadas na “subsérie: entrevistas (série: vida pessoal)” de seu acervo, dezessete foram realizadas entre 1976 e 1982.

¹⁰³ Na segunda metade da década de 1970, a participação de artistas e intelectuais de esquerda passava para uma fase mais frontalmente crítica e combativa contra o regime, mas muito em função de um abrandamento da censura, sobretudo em relação aos livros, já que sobre a imprensa ela agia de forma mais contundente. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 177, 131. Outro autor concorda neste aspecto, mas diversamente assinala um processo de abertura política que já se desenhava desde 1974, quando se ensaiou algo a respeito na transição entre Médici e Geisel. Ver, a respeito: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, pp. 243-282 (Coleção O Brasil Republicano, v.4).

¹⁰⁴ O historiador assume tal embaraço no depoimento ao MIS de 1981, mesmo rapidamente: “eu tenho sido muito criticado por isso”. SOUZA, Laura de Mello e. Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda [1981]. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul. 2004, p. 10.

Em 1976, entrevistado para as então inovadoras “páginas amarelas” da revista *Veja*,¹⁰⁵ Buarque de Holanda verticaliza notavelmente a imersão de *Raízes do Brasil* em sua historicidade criadora. Ora, divisamos que em 1967 ele partia de estratégia semelhante, em referência à historicidade do ensaio, para levantar a questão de que poderia ter tragado nas mesmas fontes em que outros foram buscar esteio para teses dessemelhantes das suas. Aqui, ele a radicaliza sem maiores rodeios ao afirmar que, naquela década de 1930, “suas preocupações eram outras”. A entrevista teve por título “*A democracia é difícil: as observações e as conclusões de um especialista com base no exame da história*”. Após uma breve introdução, em que o jornalista João Marcos Coelho traça resumidamente o percurso e o perfil do historiador – não faltam referências, é claro, ao nosso conhecido “grande tripé básico da cultura brasileira no século XX”, nem ao “pai do Chico, como adora ser chamado” –, a primeira pergunta recai exatamente sobre *Raízes do Brasil*. O ensaio completava naquele 1976 seus quatro decênios de existência, mas não se encontra, nessa entrevista, nenhuma alusão comemorativa. De início, indagado sobre o que mudaria no livro escrito na década de 1930, Buarque de Holanda radicaliza também a base política de recontextualização da obra para novos tempos, como há pouco foi comentado. O autor se esforça em redirecionar o sentido geral do ensaio, quando indagado sobre o que ele mudaria no livro passados então quarenta anos de sua primeira edição.

Muita coisa [ele mudaria]. Eu escrevi dois de seus capítulos na Alemanha, quando lá morei, entre 1928 [sic] e 1931. A ideia básica era de que nunca houve democracia no Brasil e de que *necessitávamos de uma revolução vertical*, que realmente implicasse a participação das camadas populares. Nunca uma revolução de superfície, como foram todas na história do Brasil, mas uma que mexesse mesmo com toda a estrutura social e política vigente [grifo meu].¹⁰⁶

Ao mesmo tempo, contudo, exerce aquela enérgica imersão na historicidade da obra que se erguia em 1967 como segundo pilar da autocrítica do ensaio (o primeiro se encontra na polêmica de 1948 com Cassiano Ricardo). Aqui, o autor notadamente procura tomar distância de seu livro. Também notaremos que o livro não mais “está morto”, e sim “superado e datado”, o que nuança a severidade das negativas anteriores (de 1948 e de 1967).

¹⁰⁵ Nada custa lembrar que nem sempre a revista foi considerada um bastião do conservadorismo, como hoje é de amplo reconhecimento. Criada em 1968, ela se posicionou, desde cedo, pela abertura e pelos direitos humanos, o que lhe valeu forte censura, principalmente entre 1974 e 1976. Isso, pelo menos, até a saída de seu idealizador, Mino Carta, em 1976. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *op. cit.*, 2014, p. 131; NAPOLITANO, Marcos. *Cultura e Poder no Brasil contemporâneo*. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 24.

¹⁰⁶ COELHO, João Marcos. *A democracia é difícil: as observações e as conclusões de um especialista com base no exame da história*. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Veja*, n. 386, 28 jan. 1976, p. 3. [Siarq – Fundo SBH, Vp 206].

Hoje, eu não me aventuraria mais a uma empreitada dessa espécie. Simplesmente porque os tempos são outros. Eu estava muito influenciado pelo sociólogo alemão Max Weber. Aliás, foi naquela mesma década de 30 que surgiram outras obras cuja característica também era a de tentar a grande síntese: “Casa Grande & Senzala”, “Formação do Brasil Contemporâneo”. Há pouco tempo uma editora francesa, a Gallimard, me propôs a tradução de “Raízes do Brasil”. Pediram-me também um ensaio, que seria publicado na edição francesa, atualizando minhas ideias. Tentei, mas acabei desistindo. *O livro está superado e plenamente datado. Não tem sentido reescrever eternamente a mesma obra [grifo meu].*¹⁰⁷

Mais à frente, Buarque de Holanda repete o argumento, também colocado pela primeira vez na ESG, sobre as distâncias que procurou tomar do ensaísmo de interpretação em favor da pesquisa histórica. Ele endossa os comentários do jornalista sobre alguns vícios da intelectualidade brasileira, pouco dedicada ao exame empírico: “É por isso que eu jamais escreveria de novo ‘Raízes do Brasil’. Principalmente porque o livro ficou no nível do ensaio. Não sou contra a ensaística ou a interpretação, mesmo hoje. Mas a pesquisa deve ser rigorosa e exaustiva”.¹⁰⁸ Dessa forma, podemos inferir que *Raízes do Brasil*, àquela altura, na ótica de seu autor, assumia sua pertença mais ao passado da disciplina histórica que propriamente aos debates contemporâneos. O livro, então, passa a ser visto mais como um documento historiográfico, de um período particular da história intelectual no Brasil.

No ano seguinte, o *Jornal do Brasil* promoveu uma enquete sobre a responsabilidade dos intelectuais, respondida pelos próprios, a propósito do fracasso do estado de coisas da realidade brasileira. A enquete “Qual o poder da inteligência?” era uma grande provocação, à qual Buarque de Holanda respondeu inadvertidamente – e, depois, parece ter-se arrependido.

A ideia básica do trabalho era provocar a inteligência brasileira de hoje, para que ela detectasse os possíveis erros do processo brasileiro e os pontos onde os homens de pensamento falharam – pelo menos por omissão. As respostas apresentaram revelações surpreendentes, como a de Sérgio Buarque de Holanda, que renega o seu livro *Raízes do Brasil* e decreta a “morte do homem cordial”. Mas poucos intelectuais, reconhecendo evidências de desvios no processo, admitiram qualquer parcela de culpa.¹⁰⁹

Por exemplo, Gilberto Freyre, que contava então setenta e sete anos de idade, considerou difícil admitir os próprios méritos. Mas isso não o impediu de contar que acreditava ter

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 3-4.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 6.

¹⁰⁹ QUAL o poder da inteligência? *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 mai. 1977. Caderno B, p. 1.

influenciado a opinião pública brasileira quanto ao seu olhar sobre a presença africana no Brasil e também para que o brasileiro deixasse de sentir vergonha de si mesmo. Diante de altivez tão desembaraçada, a resposta mais do que franca de Buarque de Holanda só poderia mesmo surpreender. Como de costume, recebia os jornalistas em casa. Aos setenta e cinco, já se queixava de se ver obrigado a diminuir o ritmo de trabalho. O historiador paulista também não se via como grande mentor da opinião pública brasileira, disse que nenhum intelectual é capaz de um tal feito sozinho. E se pôs a lembrar de *Raízes do Brasil*.

Tal expressão não é minha, e sim de Ribeiro Couto. [...] Entre muitas discussões, críticas de que se tratava da apologia de uma ideologia burguesa, surgiu até um livro do Cassiano Ricardo, que interpretou-a em sentido diverso do que eu lhe dava. [...] Ora, é bom lembrar que a cordialidade não é só um estado de benevolência. Pode ser também de malevolência. [...] Mas eu mesmo, na resposta a Cassiano Ricardo, cheguei a dizer que o homem cordial morreu e já se tem gasto muita cera para esse defunto.¹¹⁰

A conversação segue por outros caminhos, notadamente o da política. O historiador expressa algum otimismo com relação à abertura do regime, mais por necessidade e crise do próprio governo que propriamente por deliberação da parte deste. Percebia Buarque de Holanda que o povo estava saturado e em sua maioria já expressava insatisfação, e que o próprio governo tinha já consciência disso. Mas, o que aqui interessa observar é a curiosa associação entre o conflito com Cassiano Ricardo e a crítica ideológica. Naquele tempo da resposta a Cassiano Ricardo tal questão não estava posta. Ela só apareceria décadas mais tarde, naqueles mesmos anos 1970. Além disso, a correção do sentido da expressão cordialidade, porque já gasta e insuficiente, não poderia mesmo responder à crítica que então se estava impondo contra o conceito de “homem cordial”. O que estava em jogo na “crítica ideológica” é que a discussão do caráter brasileiro foi realizada pela geração de 1930, segundo seus arguidores, do ponto de vista de uma elite cultural interessada na manutenção dos seus valores de classe. Isso reforça a hipótese de que a memória e a repetição da contenda com Cassiano Ricardo, havida no final dos anos 1940, após a segunda edição, acaba por asfixiar ou, mais sensivelmente, resguardar *Raízes do Brasil* de outras possíveis contestações.

Outras entrevistas naquele mesmo ano demonstram a insatisfação de Buarque de Holanda com este depoimento. Ele chega a negar que tenha colocado as coisas daquela maneira.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 10. No fundo pessoal do historiador na Unicamp se encontra apenas um recorte desta página [Siarq – Fundo SBH, Pt 140].

De qualquer forma, o que importa é perceber a indecisão entre a obsolescência e a revivescência do “homem cordial”. Acompanhemos o que diz a este propósito em um extenso, mas muito interessante, colóquio, intitulado “Velhos Mestres”, entre o arqueólogo Paulo Duarte (1899-1984), o próprio Buarque de Holanda e diversos jornalistas, entre eles Tarso de Castro, quem assina a matéria para o caderno Folhetim da *Folha de São Paulo* em junho de 1977.¹¹¹ A conversa ocorreu, como sempre, no casarão, à rua Buri. Buarque de Holanda se recuperava de uma fratura no fêmur. Já não era incomum ouvi-lo se queixar de não ter a mesma paciência para a escrita e revisão dos trabalhos, de não ter mais tempo para realizar grandes novos projetos, ou de se ver constrangido, muito a contragosto, a controlar a bebida e o cigarro. Paulo Duarte, por sua vez, acabara de ganhar o prêmio Jabuti, na categoria “biografias e memórias”, pela publicação de *A inteligência da fome* (1975), o segundo de um total de dez volumes de memórias concluídas em 1980.

Os assuntos que dominaram a conversação giravam em torno da situação política do país, do conseqüente momento de rala experiência cultural (justamente a preocupação que motivou aquela enquete do *Jornal do Brasil*), e dos problemas da própria Universidade de São Paulo, a partir da perseguição e aposentadoria de eminentes professores. “Quero morrer antes que o Brasil acabe”, disse Buarque de Holanda a certa altura. Ao que Paulo Duarte completou: “Não sei o que será desse país nos próximos anos”. Porém, concentremo-nos atentamente no que diz o historiador sobre *Raízes do Brasil*. A entrevista principia exatamente por uma questão sobre “a morte do homem cordial”, em função da declaração publicada pelo *Jornal do Brasil* pouco mais de um mês antes.

Aquele cabeçalho não é invenção minha, é de invenção deles lá. Eu não disse isso. Claro que um livro que eu escrevi há 40 anos, desculpe, eu estou me envelhecendo muito, mas eu hoje não posso concordar com tudo, não é? A gente que toma parte no processo político do Brasil, sempre foi uma coisa miudinha. Pra essa gente tudo se resolve como se fosse pelo conchavo, pelo acordo. Agora a gente está vendo: isso aí nunca foi diferente. [...] Eu nunca disse que achava o brasileiro bonzinho. Eu disse cordial, cordial assim: “de coração”. Podia até detestar cordialmente. Hoje, eu não usaria essa expressão porque é ambígua e se presta a essas dúvidas. Mas não vou renegar o que escrevi há 40 anos. Mas nunca disse que o brasileiro é bonzinho. O sujeito pode ser mauzinho ou mausão [sic] também.¹¹²

¹¹¹ CASTRO, Tarso de. Os velhos mestres: Sérgio Buarque e Paulo Duarte (entrevista). *Folha de São Paulo*. 26 jun. 1977, Folhetim, pp. 1-8 [Siarq – Fundo SBH, Vp 209].

¹¹² *Ibid.*, p. 2.

No ano seguinte, 1978, o historiador concede algumas importantes entrevistas exclusivamente sobre o regime militar e o início do processo de abertura. Neste ano de 1978 ele passa a falar sobre o assunto de forma mais enfática, agora na condição de membro fundador e vice-presidente do Cebrade, institucionalizado em julho daquele ano, e encabeçado por Oscar Niemeyer (1907-2012). Nem por isso deixa de lado a rememoração acerca de seu livro de quarenta e poucos anos. Ele ainda é requisitado pelos jornais como “explicador do Brasil”, pois. A entrevista com o jornalista Jary Cardoso, para o mesmo suplemento “Folhetim” da *Folha de São Paulo*, é exemplo disso: “Como entender este país? Foi justamente esta questão que Sérgio Buarque de Holanda buscou responder nesta entrevista e quando escreveu um livro clássico da nossa historiografia: ‘Raízes do Brasil’, publicado nas vésperas do Estado Novo, mas atual porque ainda não superamos nossas raízes”.¹¹³ O jornalista, *Raízes do Brasil* em punho e munido de longo arsenal de questões, foi até o casarão para encontrar um historiador muito à vontade, de pantufas “com o contraforte pisado” e “caixa de cigarros em mãos”, muito bem-humorado, apesar dos compromissos que ainda teria naquele dia. Tudo isto, bem ao largo da importância que lhe era atribuída.

Além de ser pai de Chico Buarque e Miúcha, o Velho Mestre é a *memória viva* do país. Fala de nossa História como se tivesse presenciado os fatos passados, conhece personagens dos tempos de colônia como se fossem amigos, parentes e vizinhos. [...] Não bastasse isso escreveu um livro clássico, obrigatório para quem quiser entender melhor o presente e as nossas alternativas de futuro: “Raízes do Brasil”. Um livro curto (140 páginas) e substancioso, tão atual que surpreende a data de publicação: 1936. Quem quiser saber que país é este não pode deixar de ler “Raízes do Brasil”. [...] “Raízes do Brasil”, um dos “três livros-chave” dessa geração apareceu nas livrarias nas vésperas do Estado novo. Era uma visão anticonvencional, inédita até então na historiografia brasileira e obedecia ao seguinte postulado, definido por Antonio Candido: ‘o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente’. E esses problemas continuam, daí a atualidade de “Raízes do Brasil”. Quando disse isso a Sérgio Buarque ele discordou (ele discorda de tudo que a gente diz, seu raciocínio é dialético, nega afirmando e afirma negando). Apesar de não negar nada do livro, não o escreveria hoje do mesmo jeito.¹¹⁴

Apesar das saborosas e inusitadas histórias entretidas durante o encontro com Buarque de Holanda – como a admiração do historiador com a segunda edição japonesa de *Raízes do Brasil*, em 1978, com capa lavável e tudo, quando dizia não ter sequer conhecimento de uma primeira, de 1971 –, o jornalista gostaria de enveredar mais objetivamente sobre o assunto

¹¹³ CARDOSO, Jary. Que país é este? Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Folha de São Paulo*. Folhetim, 30 abr. 1978, p. 3 [Siarq – Fundo SBH, Vp 213].

¹¹⁴ *Idem* [grifo meu].

proposto, “queria saber o que havia sido feito do ‘homem cordial’ nos últimos 14 anos”. Antes, porém, o historiador se mostrou igualmente surpreendido – e animado – com o sucesso editorial de *Raízes do Brasil*, então na décima primeira edição, com 12 mil exemplares de tiragem (segundo ele, as anteriores saíam em média de cinco a seis mil): “É uma tiragem normal para romance, não para um livro como esse” (*idem*). Somente depois disso é que se concentram em falar da cultura e história brasileiras “nos últimos 14 anos”. Bem, de fato, não se encontra nenhuma resposta objetiva à questão proposta inicialmente. Antes, leem-se diversos sobrevoos em momentos decisivos do passado político brasileiro, relacionados sobretudo à história do sistema eleitoral, discurso que corrobora suas preocupações com a história política naquela década, bem como o engajamento pela abertura democrática que assumiria publicamente, com a criação do Cebrade, poucos meses depois.

Buarque de Holanda considera então a história política como um dos meios de acesso privilegiados para a compreensão da singularidade de um país, “porque nela os fatos ficam registrados”. Curioso dessa singularidade, o jornalista indaga-lhe a propósito das invenções caracteristicamente brasileiras no campo da política, ao que recebe como resposta: “A democracia relativa, por exemplo. A lei não pode ser relativa. Na prática a democracia é relativa mesmo nos países mais democráticos, como na Suíça, mas isso é um vício. [...] Não se pode transformar um vício em lei”.¹¹⁵ Quase desnecessário explicitar o destinatário de uma crítica tão direta à política de “democracia relativa” do governo do general Ernesto Geisel (1974-1979).

Uma comitiva foi ao MIS em dois de junho de 1981 para gravar depoimento do historiador. A comitiva era formada pelo cientista político Bolívar Lamounier, pelo historiador Ernani da Silva Bruno (1912-1986), pela então jovem estudante de pós-graduação Laura de Mello e Souza e pela historiadora Maria Thereza Petrone, e autora de *O barão de Iguape* (1976), livro prefaciado por seu diretor de tese, Buarque de Holanda. O depoimento fazia parte do projeto “Estudos Brasileiros”, coordenado por Ernani da Silva Bruno no MIS, que em seguida a Buarque de Holanda, colheu ainda declarações de outros eminentes estudiosos, como Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Rubem Borba de Moraes (1899-1986) e Antonio Candido.¹¹⁶ A entrevista ficou praticamente desconhecida até 2004, ano em que foi publicada pela revista *Novos Estudos* (Cebrap), com o título “Corpo e Alma do Brasil” (alusão a um ensaio

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 5.

¹¹⁶ BRUNO, Ernani da Silva (Org.). *Cadernos do MIS*, n. 3. “Catálogo de depoimentos, 1970-1982”. São Paulo: O Museu, 1983 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

de 1935 que serviu de base para o livro de 1936), por iniciativa de Laura de Mello e Souza.¹¹⁷ O colóquio foi muito bem conduzido, Buarque de Holanda parece bem à vontade para discorrer mais longamente a respeito, exclusivamente, de sua trajetória intelectual. *Raízes do Brasil* – sua composição, recepção, polêmicas e modificações –, é claro, ocupou boa parte das atenções. Ernani da Silva Bruno gentilmente pediu que falasse um pouco mais sobre as afirmações de que reescrevê-lo seria fazer um livro diferente. O historiador pôs-se então longamente a discorrer.

É praticamente impossível fazer uma edição modificada. A Gallimard me pediu que fizesse uma edição nova, com um capítulo adicional, atualizando a discussão, mas não tive coragem. Teria que mudar e desdizer muita coisa. Por exemplo: acho muito estática aquela definição do início, em que falo do personalismo, do individualismo. Não posso concordar com isso hoje. O mesmo vale para aqueles trechos sobre o ladrilhador, o semeador: acho aquilo ensaístico demais, precisaria refazer. O fato é que o livro foi concebido de uma maneira, e se fosse conceber de outra teria que fazer um livro inteiramente novo. Mas acredito que ele ainda tem valor: o livro foi publicado em 1936, uma época muito dura para o Brasil, quase tão dura quanto a atual. E nele afirmo que uma revolução no Brasil não pode ser uma revolução de superfície: teria de ser uma revolução que levasse em conta todos os elementos mais aptos que estão por baixo. Essa é uma afirmação que já na época era difícil fazer. O fato é que não pensei mais nesse assunto. Tanto que as novas edições têm saído sem mudança. Só agora, que se tem falado muito naquela questão do homem cordial – eu tenho sido muito criticado por isso –, resolvi pedir que na próxima edição eles incluíssem uma parte da minha polêmica com o Cassiano Ricardo. Cassiano implicava com o termo “cordial”. Para ele, o correto seria “homem bom”. Mas minha ideia não era fazer nenhuma avaliação ética. A cordialidade vem do coração. É possível até odiar cordialmente. Posso dizer, por exemplo, que fulano é uma excelentíssima besta. “Cordial” não tem necessariamente um sentido positivo. Já a bondade é totalmente diferente. Cassiano fala até numa “bondade maquiavélica”, mas não se trata de bondade e muito menos de maquiavelismo. Antonio Candido sugeriu que eu excluísse a polêmica, pois publicá-la seria dar crédito demais ao Cassiano. Pode ser, mas a minha parte achei que devia publicar. Ao menos assim me defendo um pouco.¹¹⁸

Nada muito diferente, como se lê, do conteúdo das entrevistas anteriores: a historicidade da obra, a polêmica com Cassiano Ricardo. Salvo pela pouca discreta amostragem das estratégias editoriais e da estreita parceria entre o autor e o prefaciador, Antonio Candido. Repito que, se o historiador vinha sendo criticado naqueles anos 1970 pela “ideologia da cordialidade”, como é notório, não o era pela simplória confusão etimológica a que se presta a palavra “cordial”, como o autor insistia em lembrar, evocando o *affaire* Cassiano Ricardo. A questão agora se colocava de forma mais complexa, o que se lhe contestava era o ocultamento

¹¹⁷ SOUZA, Laura de Mello e. *Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda [1981]. Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul. 2004, pp. 3-14.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 10.

das bases sociais da produção do ensaio. O comentário acima também explica a reaparição abrupta da “Carta a Cassiano Ricardo” na décima quarta edição, daquele mesmo ano de 1981. Lembremos que ela havia sido excluída da quinta edição, de 1969. Fora então um pedido direto do próprio Buarque de Holanda. Desta feita, porém, aparecia desacompanhada das “Variações sobre o Homem Cordial”, de Cassiano Ricardo.

Maria Thereza Petrone lá pelas tantas decide indagá-lo sobre o livro de sua preferência. Em retorno, uma *tópica* dos textos autobiográficos de escritores e intelectuais em geral: ao lado da autocrítica dos trabalhos de juventude, a afeição do autor pelo último livro publicado ou em desenvolvimento. Também um levemente melancólico testemunho da idade já avançada. “Este que estou fazendo agora, sobre o Império. Mas não sei se vai ficar bom. Ando sentindo uma dificuldade grande para escrever. Uma dificuldade que eu não sentia antes. Às vezes passo o dia inteiro sem conseguir fazer nada”.¹¹⁹

Poucos dias antes, o historiador paulista dava outra entrevista, desta vez para o público estrangeiro, em uma revista acadêmica especializada, da qual ele mesmo fora membro do conselho consultivo internacional durante alguns anos, a *Hispanic American Historical Review* (HAHR). Não deixa de ser em si também uma homenagem e manifestação de grande reconhecimento ao trabalho de toda uma vida do historiador, considerando-se que integrou série especial de entrevistas com distintos historiadores das Américas. Talvez por isso, o cuidado de Buarque de Holanda em revisá-la atentamente. Ela versa exclusivamente sobre sua trajetória, desde a formação e influências intelectuais – às quais de certa forma deixa em suspensão –, até o aconselhamento – de esforço disciplinado e paciência para bem escrever – para os jovens e futuros historiadores. Sem dúvida, ela serviria como um belo testamento intelectual, e efetivamente foi vista e muito citada dessa forma posteriormente. A entrevista foi conduzida por Richard Graham, da *University of Texas* (Austin), especialista na história brasileira do século 19. Amigo já de longa de Buarque de Holanda, foi recebido para um jantar, como de costume, na casa da rua Buri, em maio de 1981. A entrevista saiu publicada em fevereiro de 1982, apenas dois meses antes do falecimento do historiador.

Indagado novamente sobre qual dos seus trabalhos era o de sua preferência, fornece a mesma resposta, o preferido era o trabalho em andamento, sobre o Império. Nesta entrevista ele

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 13. O manuscrito “sobre o Império” não chegou a ser concluído. Segundo outra entrevista (Richard Graham, 1982), que leremos a seguir, o plano era produzir dois volumes, que iam se chamar “O pássaro e a sombra” e “A fronda pretoriana”. Foi publicado postumamente, mesmo incompleto, como *Capítulos de História do Império* (org. Fernando Novais, 2010).

pouco fala a respeito de *Raízes do Brasil*, somente que tinha voltado da Alemanha em 1930 com um rascunho chamado inicialmente *Teoria da América*, de onde saiu o grosso de *Raízes do Brasil*, seis anos depois. Comenta também que, obra de historiador, *Visão do Paraíso* lhe era mais caro, por se afastar do ensaio e demarcar bem sua nova fase de historiador catedrático. Todavia, conforme ele reconhece, *Raízes do Brasil* é seu livro de maior repercussão, inclusive internacional.

I don't know if others will so consider it, though. *Raízes do Brasil* has had the biggest international repercussion. Here is the Japanese edition: I haven't checked its accuracy! There are also Italian and Spanish editions. It was merely a collection of essays, as was *Caminhos e Fronteiras*, although the latter had more unity. And I have a Spanish edition of *Visão do Paraíso* in the works. Angel Rama, the Uruguayan in exile, wanted to publish an anthology of my work in Venezuela; but Darcy Ribeiro, another exile there – he had been my student at the *Escola de Sociologia e Política* – persuaded Rama to publish *Visão do Paraíso* instead. Whether it will actually come out, I don't know.¹²⁰

Esta entrevista, logo em seguida ao falecimento do historiador, foi traduzida para o português e publicada nas revistas *Ciência e Cultura* (v. 34, n. 9, set. 1982), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e *Arquivo: boletim histórico e informativo do Arquivo do Estado* (v. 3, n. 3, jul./set. 1982), por iniciativa de José Sebastião Witter (1933-2014), ex-aluno, ex-professor assistente e, numa palavra, discípulo de Buarque de Holanda na USP. Por esse motivo, ela representa um documento que se situa precisamente entre a escrita de si e a construção social da memória do historiador. Witter exerceu um papel muito importante após o falecimento do historiador, de mediador entre a família Buarque de Holanda e a comunidade acadêmica de historiadores. Vejamos as tratativas entre Richard Graham e José S. Witter sobre a tradução e publicação da entrevista, retransmitidas a Maria Amélia Buarque de Holanda. Não houve maiores dificuldades para a republicação do documento, dada a amizade entre todos os partícipes e até mesmo a comoção com o falecimento do historiador. A única exigência de Graham foi a justa presença da adequada citação e da menção ao *copyright* da Duke University Press.

Concordo inteiramente com a sua ideia de publicá-la em português, em qualquer canais [sic] que julgar conveniente. Infelizmente a tradução foi feita diretamente de uma fita, difícilíssima de entender e com muitos cortes e arranjos melhorando o texto. Ele, o nosso saudoso amigo Dr. Sérgio, então reveu [sic] a entrevista, já escrita em

¹²⁰ GRAHAM, Richard. An Interview with Sérgio Buarque de Holanda. *The Hispanic American Historical Review*, v. 62, n. 1, feb. 1982, p. 10.

inglês, passando sobre todos os itens, tin-tin por tin-tin, como a D. Maria Amélia pode testemunhar. De modo que único modo de agir agora, é re-traduzi-lo ao português. Se fosse útil e conveniente, me disponho a rever a tradução, o que faria imediatamente após recebê-lo.¹²¹

Esta carta que autorizava a tradução – e confessava detalhes do cuidado de Buarque de Holanda para com o resultado da entrevista – foi enviada a Witter em maio de 1982, em papel timbrado da Universidade do Texas. Em julho, o ex-aluno de Buarque de Holanda a remetia à viúva do historiador, com um bilhete anexo: “Para a senhora dar uma olhada e emitir uma opinião. Segue a tradução da *entrevista*, a ser publicada na ‘Ciência e Cultura’, seção *Ponto de Vista*, e o meu artigo ‘Sérgio Buarque de Holanda’, para a mesma revista, seção *Personalidades e Instituições*. Também vai um álbum que é um presente dos funcionários do Arquivo para a senhora e sua família” (*idem*). Tanto neste artigo da *Ciência e Cultura*, quanto no editorial da revista do *Arquivo*, fica transparente o caráter de homenagem e transmissão da memória que assumia a tradução e republicação da entrevista à HAHR.

Esta entrevista [...] tem um significado especial para aqueles que se preocupam com a cultura no Brasil, por isso nos pareceu oportuna mais uma edição das ideias do historiador que nos deixou vasta obra e uma herança de sua sabedoria e da compreensão humana. Buscou-se com ela atingir um público diferente, que não tem acesso aos outros periódicos e assim veicular mais amplamente o pensamento do grande mestre.¹²²

Comemorações de Raízes do Brasil

Conforme líamos ainda há pouco, Buarque de Holanda em 1978 se mostrava entusiasmado com as diversas edições de tiragens incomuns para um ensaio historiográfico. Entre a edição definitiva, de 1969, e 1986, ano em que se comemorou o “Jubileu de Ouro” de *Raízes do Brasil*, contamos nada menos que onze edições. Onze edições em um breve espaço de dezesseis anos. O que explica este sucesso retumbante e relativamente tardio? Não há resposta simples, são diversos os elementos que comporiam uma explicação consistente para a questão, que não fazemos senão levantar. Indubitavelmente, como o que se estudou até aqui, a atualização ou recontextualização do ensaio influenciou consideravelmente para tanto. Apesar das

¹²¹ Carta de Richard Graham a José Sebastião Witter. *Austin (Texas)*, 18 mai. 1982. [Siarq – Fundo SBH, Hp 4].

¹²² WITTER, José Sebastião. Editorial. *Arquivo*: boletim histórico e informativo do Arquivo do Estado. v. 3, n. 3, jul./set. 1982, s.p. [Exemplar consultado na Coleção SBH].

repetidas afirmações em contrário da parte do seu autor, *Raízes do Brasil* se encontrava então mais vivo do que nunca.

Possivelmente, a crescente demanda dos cursos superiores, aberta pela expansão da oferta de cursos de graduação após a reforma universitária de 1968, e a instituição, nos anos 1970, dos programas de pós-graduação na Universidade brasileira, tenham alavancado o interesse e a procura pelo ensaio. Não possuo, porém, recursos necessários para explorar tal hipótese, que demandaria uma pesquisa quantitativa paralela, embalada por outra ordem de preocupações. Mas, não por isso esta hipótese esteja totalmente desprovida de sentido. A propósito, há uma interessante e divertida carta (1975) do grande amigo de longa data, Prudente de Moraes Neto (1895-1977), ao “Querido Sérgio (o popular Teteia)”. A carta mencionava em *post-scriptum* a história de um rapaz que o havia procurado para que lhe explicasse *Raízes do Brasil*, pois devia apresentar um trabalho sobre o livro na faculdade. Mas, ele ainda não tinha lido o livro. Prudente de Moraes Neto mandou que o rapaz primeiro o lesse, e que o procurasse somente depois.¹²³

Especulações à parte, as estratégias editoriais sem dúvida representaram papel importante, mesmo que coadjuvante ou, melhor, nem sempre em primeiro plano. Neste sentido, sublinho a presença de pretextos comemorativos que embalsamaram a publicação de algumas dentre tão numerosas edições e, destarte, contribuíram para a afirmação do “clássico de nascença” da modernidade democrática brasileira e para a afirmação do sentido da memória em torno do historiador. O que não poderíamos deixar acontecer era supor, como sugeriu Buarque de Holanda, que o prefácio de Antonio Candido simplesmente “deu sorte”.

Apenas dois anos depois da edição definitiva (1969), temos uma nova, comemorativa do “Jubileu de Coral” de *Raízes do Brasil*, que completava então trinta e cinco anos. O editor José Olympio enviou, do Rio de Janeiro, uma carta para “o grande e querido editado Sérgio Buarque”, em setembro de 1971, prestando satisfações relativas à “sexta edição do seu *já clássico* ‘Raízes do Brasil’ – edição comemorativa dos 35 anos do livro”. Foi daí, aliás, que Buarque de Holanda reteve aqueles dados da expressiva tiragem. O editor lhe informava que foram impressos seis mil exemplares, dos quais dois mil seriam encaminhados ao Instituto Nacional do Livro (INL), e os quatro mil restantes seriam distribuídos entre as livrarias. Os direitos seriam encaminhados ao autor após pagamento do INL, de cerca de dois milhões de

¹²³ Carta de Prudente de Moraes Neto a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 10 jun. 1975* [Siarq – Fundo SBH, Cp 321].

Cruzeiros. Era parte da política do INL, desde 1970, a aquisição de obras para distribuição entre bibliotecas públicas do país.¹²⁴ Sem mais, José Olympio enviava afetuosos abraços à esposa e à família do autor.¹²⁵

Esta sexta edição, contudo, quase nada comportava de novidade, salvo uma pequena nota na folha de rosto, logo abaixo do título, informando que se tratava de edição comemorativa do trigésimo quinto aniversário do livro. Outro detalhe interessante é que a publicação fora feita em convênio com o INL, órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), o que reforça a suposição de um grande interesse pela obra em função da expansão do sistema universitário brasileiro durante o regime militar. Mais certo que isto é que a chamada crise do petróleo abalou profundamente o mercado editorial brasileiro, particularmente a casa José Olympio. A partir de 1974 a editora passou a se dedicar exclusivamente à reimpressão de obras clássicas de autores renomados. Logo em seguida, graças às amizades pessoais do editor, evitou-se que a casa fosse vendida para estrangeiros, mas o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) assumiu o seu controle. O novo conselho Editorial intensificou então a convenção de publicar praticamente apenas “obras consagradas”, a fim de obedecer aos interesses puramente mercadológicos.¹²⁶

Jubileu de Esmeralda

Cinco anos mais tarde, 1976, e o livro já somava sua décima edição. Definitivamente, um clássico. A invenção de Antonio Candido quanto ao “clássico de nascença” inclusive virara já *slogan* publicitário: na própria capa do livro se encontrava a expressão, entre aspas e assinada pelo crítico, a partir desta décima edição. Ela ainda era repetida na folha de guarda, abaixo da reprodução de retrato de Buarque de Holanda. Na folha de rosto, em seguida ao título, a inscrição: “Nona edição – comemorativa do Jubileu de Esmeralda do livro e da coleção”.

¹²⁴ A partir de 1976, por decreto presidencial, o INL se dedicaria integralmente às “coedições de obras fundamentais da cultura brasileira”. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3ª. ed. São Paulo: Edusp, 2012, p. 621.

¹²⁵ Carta de José Olympio a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 10 nov. 1971* [Siarq – Fundo SBH, Cp 311].

¹²⁶ HALLEWELL, Laurence. *op. cit.*, p. 528-535. Hallewell se opõe à asserção de Thomas Skidmore sobre os estreitos vínculos entre José Olympio e o governo militar. Para ele, os vínculos eram mais pessoais que políticos. Mas, Hallewell também elucida que em função do forte intervencionismo na editora, muitos autores ilustres a deixaram durante o decênio de 1970. *Ibid.*, p. 535. Isso talvez explique o emotivo pedido de José Olympio, em 1981, para que Buarque de Holanda publicasse com ele seu anunciado “livro sobre o Império” (no *Jornal do Brasil* de 24 fev. 1981, Caderno B, p.2). Dizia J. Olympio em carta, a fim de convencer o autor: “A casa, embora presa ao BNDE, tem sido dirigida, na parte editorial, ontem, hoje e anteontem, pelos mesmos editores de *Raízes do Brasil*”. Carta de José Olympio a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 24 fev. 1981*. [Siarq – Fundo SBH, Cp 351].

A Coleção Documentos Brasileiros havia principiado justamente por *Raízes do Brasil*, em 1936. Em função disso, à “Nota da Editora: dados biobibliográficos do autor” e à “história bibliográfica de *Raízes do Brasil*”, outro elemento pré-textual era incluído, a “Nota de Afonso Arinos”, conforme o índice geral. Também aparece um pequeno álbum contendo três fotografias em preto e branco, com imagens do editor José Olympio acompanhado dos três sucessivos diretores da coleção: Gilberto Freyre, que a dirigiu entre 1936 e 1939; Otávio Tarquínio de Souza (1889-1959), à frente da Coleção até seu falecimento, tendo dirigido a publicação dos números entre 19 e 110; e Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), que dirigia a Coleção desde então. Ela atingia em seu quadragésimo aniversário a marca de cento e setenta títulos publicados. Todos eles são referenciados em listagem logo após o álbum.

A “Nota de Afonso Arinos” intitulava-se “Os 40 anos de ‘Raízes do Brasil’ e da Coleção Documentos Brasileiros”. Enumerava todos os campos de estudo cobertos pela Coleção, da geografia às memórias, passando pela biografia e a história literária e das ideias, entre diversos outros, a fim de inscrever “a totalidade do Brasil no seu corpo [da Coleção], na sua alma, na sua cultura, na sua evolução, nas suas esperanças”, de modo que a Coleção constituía em sua visão “um dos maiores monumentos da cultura nacional”.¹²⁷ Arinos evocava também o prefácio do “Mestre Gilberto Freyre” à primeira edição de *Raízes do Brasil*, e que inaugurava a coleção, exprimindo seus fundamentos e seus objetivos de se fazer contemporânea à atualidade do pensamento brasileiro da chamada segunda geração modernista. Interessante perceber a intenção de permanência no tempo inscrita no texto de comemoração: “Seu tempo, aquele tempo, nosso tempo, tempo do Brasil. Hoje, José Olympio, Gilberto, Sérgio e o signatário destas linhas já passamos dos 70. Com o saudoso Otávio Tarquínio, nós, os autores, escrevemos mais de uma centena de volumes. Nós os setentões formamos uma geração que talvez não fique esquecida, entre outras, na cultura brasileira”.¹²⁸

Sobre os quarenta anos do livro de Buarque de Holanda, especificamente, Arinos assevera, curiosamente, que ele começava sua carreira com “um livro definitivo”. Digo curiosamente, pois, mesmo sem maior profundidade nem consciência da importância de tal fato, se conhecia à época que o ensaio fora submetido a mudanças, principalmente em 1948 – o que sabemos hoje melhor que nunca. Dessa forma, Arinos reforçava naquela ocasião comemorativa a ideia de um clássico desde sempre, contrária à efetividade de um clássico que se impôs no

¹²⁷ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Os 40 anos de “Raízes do Brasil” e da Coleção Documentos Brasileiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976, p. xi.

¹²⁸ *Idem*.

tempo. A trajetória de Buarque de Holanda, posteriormente a *Raízes do Brasil*, seria então a “sucessão de estudos fundamentais, que o levaram à posição de vanguarda que ocupa, sem contestação nem sentimentos, na história e na interpretação do Brasil e da sociedade brasileira”. Por fim, em lugar de acrescentar comentários à massa crítica, preferia traçar um breve perfil do jovem modernista zombeteiro que não mais existia, tendo cedido lugar à “dignidade formal” de “um dos nossos maiores, em qualquer tempo”.¹²⁹ Ainda em vida, portanto, Buarque de Holanda era assinalado e distinguido pela permanência no tempo, senão como candidato à imortalidade. O texto de Arinos de Melo Franco, às vezes acompanhado de “O significado de *Raízes do Brasil*”, de Antonio Candido, foi reproduzido em vários jornais naquele ano de 1976, entre os meses de março e agosto, o que deu grande publicidade à nona edição, comemorativa do Jubileu de Esmeralda.¹³⁰

No mesmo ano de 1976, Brasil Pinheiro Machado, professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e também amigo de Buarque de Holanda, apresentava um texto em franca homenagem a *Raízes do Brasil*. Originalmente publicado na revista “Estudos Brasileiros”, de Curitiba, o texto propõe uma “releitura” (afirmativa) do clássico. Sem entrar no mérito da proposta, vejamos apenas uma breve síntese da conclusão de sua releitura: “*Raízes do Brasil* pode ser lido antes como um estudo do desenvolvimento do espírito capitalista na sociedade brasileira do que como uma análise da incorporação dessa sociedade no campo de dominação do capitalismo mundial em expansão”.¹³¹ Mais interessante para o argumento aqui em jogo, cumpre salientar esse outro trecho, em que salta aos olhos o conteste veio comemorativo, mas mesmo assim, historicizante: “O livro, hoje quarentão, [...] nutre-se dos temas de sua época. Não quero significar com essa afirmação que sua temática tenha se tornado inatual [...]. Não é essa a intenção deste artigo, que visa simplesmente a compreender um livro juntamente com seu autor e sua época”.¹³²

Conhecemos antes a ambivalência da opinião expressa por Buarque de Holanda ao rememorar o seu livro de estreia quando este completava quarenta anos. As comemorações,

¹²⁹ *Ibid.*, p. xii.

¹³⁰ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Os 40 anos de “Raízes do Brasil” e da Coleção Documentos Brasileiros. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 mar. 1976. Caderno de Sábado, p. 8-9. [Siarq – Fundo SBH, Pt 131. Para as demais publicações do mesmo texto em outros jornais, Pt 132 a 138].

¹³¹ MACHADO, Brasil Pinheiro. Raízes do Brasil: uma releitura [1976]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.) *op. cit.*, 2008, p. 176.

¹³² *Ibid.*, p. 156.

todavia, passavam ao largo dessa ambivalência; tendiam mesmo, como é frequente em tais ocasiões, a esquecer as contradições e celebrar os triunfos, com vistas ao futuro da memória.

Jubileu de Ouro

Uma década mais tarde, Buarque de Holanda já falecido, o ano de 1986 concentrou um considerável número de comemorações relevantes. É o ano da inauguração da Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda no setor de Coleções Especiais da Unicamp, e também da primeira publicação original póstuma, o livro *O Extremo Oeste*, organizado pelo discípulo José Sebastião Witter. No mesmo ano, *Raízes do Brasil* completava seu cinquentenário, e uma edição mais que especial, comemorativa do Jubileu de Ouro, fora preparada para a ocasião. Todos estes eventos têm relações, de modo que se pode falar de 1986 como um *complexo* de celebrações à memória de Buarque de Holanda. Por ora, vamos nos concentrar brevemente no cinquentenário de *Raízes do Brasil*, celebrado em sua décima oitava edição.

A edição especial aparece, em setembro daquele ano, incrementada de novos e ricos elementos paratextuais, somados àqueles anteriormente comentados. A “Nota da Editora” com os dados biobibliográficos do autor extrapola a barreira da morte para registrar alguns eventos comemorativos que se seguiram. É acrescido um álbum de imagens com a história das três diferentes capas do livro (que agora retomava o límpido e clássico padrão da Coleção Documentos Brasileiros) e fotografias do historiador com José Olympio (e as respectivas esposas), outra com o filho Chico Buarque, e mais uma com Lygia Fagundes Telles e Prudente de Moraes Neto, em noite de autógrafos na editora, além de um fac-símile de página da tradução japonesa de *Raízes do Brasil* (1976). Outros elementos importantes são o texto do crítico literário Léo Gilson Ribeiro (1928-2007), publicado originalmente no *Jornal da Tarde* em 1982, como homenagem a Buarque de Holanda em razão de seu recente falecimento, e o texto do ensaísta Alexandre Eulalio (1932-1988), pronunciado na solenidade de inauguração da Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda. Trataremos deles com calma bem mais à frente.

Por ora, o que intriga é a presença de dois outros componentes paratextuais inéditos. Trata-se da tradução de duas cartas enviadas a Buarque de Holanda em 1948 pelos historiadores franceses dos *Annales*, Lucien Febvre (1878-1956) e Fernand Braudel (1902-1985). Braudel agradecia-lhe em julho o envio da segunda edição de *Raízes do Brasil*, os bons momentos e as conversações passados com o autor e sua esposa anteriormente e, mesmo, “suas preocupações

[*curiosités*, no original] de historiador, tão próximas das nossas”.¹³³ Também comentava a ocasião de haver conhecido Gilberto Freyre em Paris, amizade que lhe arrebatou. Lucien Febvre, por sua vez, confirmava oficialmente, em dezembro do mesmo ano de 1948, o convite anteriormente transmitido por Braudel para que Buarque de Holanda ministrasse cursos na VIª. Seção da “*École Pratique des Hautes Études*”.¹³⁴ É a partir deste final dos anos 1940 que Buarque de Holanda estreita relações com os historiadores franceses dos *Annales*, tendo chegado a publicar um artigo na revista *Annales: Économie, Sociétés, Civilisations*, em 1950, ainda Diretor do Museu Paulista (MP) (1946-1956).¹³⁵

Não se questiona a grande relevância destes relacionamentos na trajetória intelectual de Buarque de Holanda, sobretudo em momento de redefinições do campo de estudos brasileiros e de virada em sua própria trajetória e concepção de história, como pesquisaremos melhor no próximo capítulo. O que atento é, antes, perceber o uso que foi feito dessas cartas nesta edição comemorativa. Elas aí estão publicizadas porque beneficiadas pela abertura do acervo pessoal de Buarque de Holanda na Unicamp. Elas documentam a proximidade intelectual entre eles, certo. O próprio Braudel era quem a afirmava, mesmo que um tanto espontaneamente, sem maior rigor. Mas, considerando a assertiva precipitada de Antonio Candido (1969), para quem *Raízes do Brasil* é, antes de qualquer outra referência, impregnado da “história social dos franceses”, a lembrança destas cartas parece acorrer em reforço de tal afirmação. Efetivamente, há um esforço por inscrevê-lo em uma tradição historiográfica. Não, aliás, em qualquer tradição, mas aquela amplamente reconhecida como a mais inovadora no século 20 em historiografia, a dos *Annales*. Era importante sublinhar essa aproximação para vincar o sentido de profissionalização da trajetória de Buarque de Holanda, historiador, que muitas vezes é superposta à própria história da institucionalização universitária da história no Brasil. Desde os primeiros tempos da FFLC-USP, mas principalmente nas décadas de 1940, quando foram defendidas as primeiras teses, e início dos anos 1950, quando da criação da *Revista de História*,

¹³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 18ª. ed. Comemorativa do Jubileu de Ouro. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986, pp. xix-xx. [A correspondência original, em francês, pode ser consultada em: Carta de Fernand Braudel a Sérgio Buarque de Holanda, *Paris*, 25 jul. 1948. Siarq – Fundo SBH, Cp 95].

¹³⁴ *Ibid.*, p. 20. [A correspondência original, em francês, pode ser consultada em: Carta de Lucien Febvre a Sérgio Buarque de Holanda, *Paris*, 15 dez. 1948. Siarq – Fundo SBH, Cp 94].

¹³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Les civilisations du miel. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 5^e année, n. 1, 1950. pp. 78-81.

houve um esforço em filiar a esta mesma escola dos *Annales* a produção histórica da faculdade.¹³⁶

Antonio Candido esteve bem próximo da concepção desta edição comemorativa do Jubileu de Ouro. Ele participa com um *post-scriptum* ao prefácio de 1967 (1969), em que recapitula, enfática e resumidamente, as assertivas anteriores. Seu objetivo aqui é tornar manifesta – bem *a posteriori*, já em andamento a Nova República – a “mensagem política” do ensaio de 1936. Para isso, retoma primeiro a reflexão a propósito da excepcionalidade do livro, mesmo entre os da geração inovadora de 1930, e depois, reafirma sua atualidade.

Cinquenta anos depois *Raízes do Brasil* continua um grande livro, cheio de sugestões e originalidade. [...] Hoje continuo achando o mesmo e mais alguma coisa. [...] Falo do que se poderia chamar o radicalismo potencial das classes médias, que no caso de Sérgio Buarque adquire timbre diferenciador, ao voltar-se decididamente para o povo. Há meio século, neste livro, Sérgio deixou claro que só o próprio povo, tomando a iniciativa, poderia cuidar do seu destino. Isso faz dele um coerente radical democrático [...]. Por isso, repito com realce o que escrevi no prefácio de 1967: uma das forças de *Raízes do Brasil* foi ter mostrado como o estudo do passado, longe de ser operação saudosista, modo de legitimar estruturas vigentes, pode ser uma arma para abrir caminho aos grandes movimentos democráticos integrais [...].¹³⁷

A título de provisória conclusão, dependente dos desenvolvimentos dos demais capítulos, podemos reter dessa pequena “autobiografia de *Raízes do Brasil*” que, entre rememoração e comemoração, começa a se formar uma densa camada, talvez mesmo um *excesso* de memória, contígua ao nome de Buarque de Holanda, em torno do seu livro de estreia. Em suma, resulta da aparente contradição entre um livro superado e um livro radicalmente democrático que, por meio de diversas estratégias, e sob a égide da memória, *Raízes do Brasil* é recontextualizado durante o decênio de 1970 – sobretudo em função das tempestades sobre a história política do país –, até atingir dignidade superior em meados de 1980, quando a estiagem clareava a paisagem, e a interpretação do ensaio, reconfigurado em resolução mais otimista, ficou estabilizada. Ele mesmo, ademais, participava então plenamente da abertura de horizontes ao se oferecer como um dos suportes intelectuais da nova cultura histórico-política.

¹³⁶ RODRIGUES, Lidiane Soares. Paradigma indiciário a serviço da história da historiografia. In: MEDEIROS, Bruno Franco et al. *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015, p. 280.

¹³⁷ CANDIDO, Antonio. *Post-scriptum*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1986, p. li-iii.

CAPÍTULO 2

A identidade de historiador

Sou como um arquiteto que, desejando construir uma ponte, deu-lhe uma fundação ruim; a tempo, apercebe-se disso e demole o quanto já erguera; busca, então, ampliar e aperfeiçoar seu projeto, dar-lhe alicerces mais seguros e compraz-se já, de antemão, da indubitável solidez da futura construção.

Johann Wolfgang von Goethe¹

“No princípio está o espírito”.² Buarque de Holanda se utilizou deste axioma quando analisou, em 1951, o “pensamento histórico no Brasil” da primeira metade do século 20. Para o conhecimento do pensamento histórico de determinado historiador, ele quis dizer, deve-se perscrutar as teorias que lhes informam as práticas de escrita da história.

Neste capítulo nos dedicaremos à inteligência de sua autoproclamada identidade historiadora,³ colocada acima de qualquer outra possível identificação. Em algumas oportunidades, Buarque de Holanda fez questão de se autodefinir como historiador de ofício, o que de fato não somente o foi, mas também muito contribuiu para a disciplinarização da história

¹ GOETHE, Johan Wolfgang von. *Viagem à Itália*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 178.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos [1951]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.) *op. cit.*, 2008, p. 602.

³ Uma reflexão pertinente a respeito dessa noção pode ser encontrada em Francisco Falcon. A “identidade do historiador”, segundo este autor, se constitui a partir de dois polos complementares: a autoconsciência, isto é, a intenção de produzir trabalhos históricos e o reconhecimento dos cânones da disciplina pela comunidade de interesse. FALCON, Francisco J. C. A identidade do historiador. *Revista estudos históricos* (FGV), v. 9, n. 17, 1996, p. 13.

no Brasil. Para adquirirmos uma compreensão de como ele firmava tal identidade, e sobre quais plataformas se a edificou, trataremos em primeiro plano dos discursos sobre sua concepção de história, uma das vias privilegiadas, entre outras, de afirmação de uma tal identidade.

Estes discursos se apresentam em suportes diversificados, seja nas entrevistas, nos seus prefácios, nos prefácios a livros de outrem, seja também em palestras sobre história ou textos de discussão historiográfica. Desde um lugar de autoridade assegurado, Buarque de Holanda, professor catedrático, prescreve determinadas práticas e formas de representação do passado. Para usar de sua própria expressão, se pode observar aí qual o espírito que lhe informa, a que ideias no campo do pensamento histórico é afim, por meio da memória disciplinar evocada.⁴

Antes disso, porém, é necessário identificar o seu afastamento relativo da crítica literária. É em relação à atividade de crítico literário, afinal, que ele define sua identidade como historiador de ofício. Constituem, portanto, valorosos traços da escrita de si do autor também as suas memórias no campo de tal ocupação, inclusive aquelas mais remotas, alusivas à atuação no movimento modernista, que desde muito jovem avocou, e a qual afirmou nunca ter deixado de lhe inspirar os atos de engajamento e nem mesmo a razão historiadora.

Quando Richard Graham quis saber a propósito das relações entre a militância modernista e os seus “trabalhos históricos”, foi porque viu nesta conexão uma “necessidade fundamental”.⁵ Buarque de Holanda cravou, em resposta, que *Raízes do Brasil* fora concebido em sintonia com a disposição iconoclasta característica do modernismo brasileiro.

Modernism meant, most of all, breaking with the formalism of older traditions. In studies of folklore, the modernistas turned their attention to the interior of Brazil, away from its Europeanized cities. By making Blacks the subject of their art, they declared that not just whites were Brazilian. I carried these concerns into my historical works as into others. *Raízes do Brasil* was an attempt to do something new, to break with the patriotic glorification of past heroes, to be critical.⁶

⁴ Para Judith Schlanger, as escolhas e as ênfases conferidas aos grandes nomes e seus textos fundadores, não apenas resultam do efeito de jogos institucionais, mas ela os considera instituições em si, configurações do memorável e tendência de apropriação do futuro. Cf. SCHLANGER, Judith. *op. cit.*, p. 297-298.

⁵ Graham remete a questão a Buarque de Holanda uma semana após o encontro entre os dois, junto da primeira versão da entrevista para revisão do autor. Ele afirma ter se apercebido tardiamente da importância de tal pergunta, por isso pede que Buarque de Holanda inclua em certa altura do texto um parágrafo de sua autoria sobre o assunto. Carta de Richard Graham a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 24 mai. 1981*. [Siarq – Fundo SBH, Cp 353].

⁶ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, pp. 13-14.

De tal forma, já podemos vislumbrar, nesse depoimento, a rememoração do espírito antipassadista, vinculado a suas raízes modernistas, que lhe insuflaram o pensamento histórico.

2.1 Memórias de um crítico entre os lados do modernismo

A derradeira aparição pública de Buarque de Holanda foi em entrevista de fevereiro de 1982, que versava sobre o modernismo, quando o movimento completava os sessenta anos de seu marco inaugural, a Semana de Arte Moderna (SAM). No seu acervo pessoal, dentro da pasta em que repousa a entrevista, encontra-se um bilhete ali posto caprichosamente pela esposa, indicando tratar-se da “última entrevista e última foto de Sérgio”. Nesta última fotografia, ele se deixa ver portando exemplar da célebre revista modernista *Klaxon* (1922-1923).⁷ Aliás, há nisso algo de paradoxal, porque aponta em sua última fotografia para as raízes, por assim dizer, de suas atividades intelectuais.⁸

O articulista Antonio Gonçalves Filho, que assinou a matéria para a *Folha de São Paulo*, destacou a convicção do “autor de *Raízes do Brasil*” quanto à originalidade do movimento, que não aceitou se submeter aos “insignes desígnios do modernoso Marinetti”.⁹ Assim que Buarque de Holanda reafirma a originalidade e o “escândalo que chocou os pacatos hábitos da época”, o jornalista lembra de um texto do então jovem crítico, no mesmo tom polêmico, publicado em 1921, na Revista *Fon-Fon!*. Naquela longínqua ocasião, Buarque de Holanda renunciava, ainda sem maiores critérios de distinção, os “futuristas de São Paulo” e a força das novas ideias: “A tendência para o novo é a base e o fundo mesmo do movimento. Por isso, não é tão censurável o erro de alguns que chamam futurista a toda tendência mais ou menos inovadora”.¹⁰

⁷ A edição fac-similada, organizada e prefaciada por Mário da Silva Brito em 1976, se encontra na Coleção Sérgio Buarque de Holanda da BCCL-CEOR. Cf. BRITO, Mário da Silva. O alegre combate de Klaxon. In: *Klaxon*, mensário de arte moderna. Edição fac-símile. São Paulo: Martins/SCCT, 1976.

⁸ Sobre a participação de Buarque de Holanda no periódico modernista, ver: MATOS, Julia Silveira. *Cartas trocadas: Sérgio Buarque de Holanda e os bastidores da revista “Klaxon”*. *Fenix: Revista de história e estudos culturais*. v. 7, n. 2, pp. 1-15, 2010.

⁹ FILHO, Antonio Gonçalves. Um escândalo que jamais se repetirá. *Folha de São Paulo*, 14 fev. 1982, Ilustrada, p. 47.

¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os futuristas de São Paulo [1921]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária I: 1920-1947*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, p. 132.

Os lados do modernismo: por uma história irreduzível

Seu próprio autor já tinha feito referência ao mesmo texto de 1921, mas em outra oportunidade. Foi durante as comemorações do aniversário de trinta anos da SAM, em fevereiro de 1952, quando publicou no *Diário Carioca* dois textos sobre o movimento modernista: “Em torno da Semana” e “Depois da Semana”. No primeiro, em que ofereceu seu “depoimento de espectador interessado”, rememorou o texto de 1921. Recuemos então três décadas até ele. Buarque de Holanda lembrava que seu interesse pela literatura moderna viera das conversas entretidas com Guilherme de Almeida (1890-1969). Pelo mesmo período foi que conheceu pessoalmente Oswald e Mário de Andrade (1893-1945), por intermédio de Menotti del Picchia (1892-1988).

Uma consequência desses encontros foi certo artigo, sem dúvida bem canhestro, escrito com 19 anos de idade, que, já de mudança para o Rio, publiquei em 1921 no *Fon-Fon* e de que só guardo lembrança do título: “Futuristas da pauliceia” [sic]. Outra consequência foi ter sido escolhido para representante, no Rio de Janeiro, do mensário que seria o porta-voz da revolução modernista. Mas *Klaxon*, que teve seu aparecimento retardado por vários contratemplos – um deles, a dificuldade de se encontrar tipografia disposta ou preparada para sua impressão –, só viria a sair em maio de 22. Pertencem assim, ao modernismo do depois da Semana.¹¹

Outro aspecto digno de atenção nesse artigo é a consciência de que, simetricamente à sua história, a SAM abrange uma dimensão de “mitologia heroica”, que se não chega a lhe “desfigurar os fatos”, envolve sem dúvida uma “transfiguração” do que se passou. Decorridos então trinta anos, Buarque de Holanda já intuía a sedimentação, com o tempo, de estratos interpretativos contíguos à história do movimento modernista.¹²

É muito provável que a perspectiva do tempo, situando os fatos sob luz diferente, lhes tenha atribuído uma nova significação, nem por isso menos verdadeira, se comparada à que tinham eles durante os primeiros tempos. Pois, como sempre acontece nesses casos, os comparsas da aventura ainda não tinham certamente, em fevereiro de 22, consciência muito nítida de estar desempenhando o papel histórico a que mais tarde se achariam associados. A verdade é que esse papel veio, com o tempo, somar-se à sua obra, dando aos sucessos novo realce e até um acréscimo de realidade que, já agora, não parece lícito desdenhar.¹³

¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Em torno da “Semana” [1952]. In: *Escritos Coligidos*: livro II, 1950-1979. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, p. 173.

¹² *Ibid.*, p. 171.

¹³ *Ibid.*, p. 170.

O ensaio seguinte, “Depois da Semana”, trata, tal como sugere o título, mais detidamente da constituição e desenvolvimento dessa história do modernismo. Não chega o autor a se embrenhar de modo sistemático nessa história, mas procura apresentar alguns “desajustamentos” internos, por meio de certos episódios dos quais guarda memória. Um deles é a carta de Mário de Andrade, que revela segundo o autor as ambições elevadas do movimento:

A ironia e a irreverência dos modernistas não excluía neles uma seriedade sistemática. De Mário de Andrade guardo uma carta escrita em 8 de maio de 1922, onde à recomendação de cooperar ativamente no trabalho comum – “trabalha pela nossa Ideia, que é uma causa universal e bela, muito alta” – não falta sequer a maiúscula de “Ideia”, a sugerir uma convicção meio solene e ainda mal polida. Isso justamente às vésperas de sair o primeiro número de *Klaxon*, dinamite do modernismo de guerra, e ainda em plena fase ‘desvairista’¹⁴

Através da narrativa de lembranças que tais é que o autor (re)apresenta uma tese consideravelmente importante, contra a tendência de fixação de um “perfil unitário” que jamais teria existido entre os modernistas. A bem da verdade, esta ideia-motriz de seus esforços de historicização do modernismo é em 1952 tão somente lembrada e reforçada. Ela havia sido apresentada originalmente já em 1926, com o polêmico artigo “O lado oposto e outros lados”, em que o crítico ensaia uma análise interna ao movimento.¹⁵ O intuito era então o de discernir alguns “lados” do modernismo: “até mesmo dentro do movimento que suscitou esses milagres têm surgido germens de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem tréguas”.¹⁶

A tese é refinada e melhor desenvolvida em 1930, em um ensaio publicado originalmente na Alemanha de Weimar. Por lá, além de fundamentalmente correspondente *d’O Jornal*, Buarque de Holanda exerceu esporadicamente a atividade de tradutor de filmes da

¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Depois da Semana [1952]. In: *Ibid.*, p. 175-176. Esta importante carta referida, Buarque de Holanda a manteve guardada em seu acervo pessoal até os últimos dias. Ela se encontra, hoje, no Siarq – Fundo SBH, Cp 20.

¹⁵ Para melhor conhecimento das relações de Buarque de Holanda com o modernismo nos anos 1920, bem como das conexões deste movimento com a formação de seu pensamento histórico, ver, entre outros: LEONEL, Maria Célia Moraes. Sérgio Buarque de Holanda na literatura dos anos 20. *Revista do IEB*, n. 24, 1982, pp. 63-74; AVELINO FILHO, George. As raízes de “Raízes do Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, dez. 1987, pp. 33-41; BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda. Ensaio sobre sua formação intelectual até “Raízes do Brasil”. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; Universidade de São Paulo, 1988, pp. 27-54; GUERRA, Abílio. Raízes modernistas de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista de História* (Unicamp), n. 1, 1989, pp. 127-141; CASTRO, Conrado Pires de. *op. cit.*, 2002; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *op. cit.*, 2003; MONTEIRO, Pedro Meira. “Coisas sutis, ergo profundas”: o diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. In: *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda*. Organização de Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto de Estudos Brasileiros; Edusp, 2012, pp. 169-360.

¹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados [1926]. In: *op. cit.*, 1996a, p. 224.

Universum Film AG (UFA), além de colaborar na revista *Duco*, especializada nas relações econômicas teuto-brasileiras. “Die Moderne Brasilianische Literatur”¹⁷ revisita os primeiros passos da literatura modernista, a fim de inventariar as disputas, tendências divergentes e oposições. Em conclusão, o autor sublinha que a “resistência a toda forma de sistematização e disciplina” deveria ser a tônica de uma história do modernismo, que ainda estava por ser escrita.

Desde então, portanto, Buarque de Holanda já se levantava contra os autoproclamados líderes do movimento. É o caso do “apostolado” de Graça Aranha (1868-1931), escritor que se arrogava o título de prócer do modernismo. Por isso, a uma distância de trinta anos da SAM, em 1952, este último asseverava sem titubear: “Não há exagero em dizer-se que a história do modernismo corresponde largamente à história da resistência dos modernistas ao esforço de Graça Aranha para unificá-los sob a égide de doutrinas que ele próprio forjara e professara”.¹⁸ Além disso, ensaiava uma leve censura à supervalorização 1922 como marco inaugural absoluto, ao lembrar que, pelo menos no caso de São Paulo, iniciativas anteriores, como a *Revista do Brasil*, já iniciavam o esforço de renovação e de pesquisa de manifestações culturais locais, populares e folclóricas.¹⁹

Não podemos ignorar que, assim, quase obviamente Buarque de Holanda coloca-se ao lado “dos mais fortes” e dos grupos de oposição ao “apostolado de Graça Aranha”. Mas, isso algo discretamente, afinal, não se verifica alguma autocitação em nenhum dos textos, de 1926 ou de 1930, nem mesmo em “Depois da Semana”. De todo modo, ele menciona a revista *Estética* (1924-1925) – da qual foi coeditor ao lado de Prudente de Moraes Neto – como lugar de clivagens e disputas: “A fundação de *Estética* coincidiu com a crescente divisão no âmbito da moderna literatura brasileira [...]. Os números que se seguiram tendiam sensivelmente, cada vez mais, para os ‘primitivistas’ de São Paulo, que eram combatidos por Graça Aranha e seus adeptos”.²⁰

Quando em 1952 Buarque de Holanda escrevia essas linhas, já se fazia perceber a força da memória modernista, sempre revigorada nesses momentos de celebração. Um grande protagonista da construção da memória hegemônica do modernismo é o texto de Mário de

¹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. A moderna literatura brasileira [1930]. Tradução de Mario Frungillo. In: *op. cit.*, 2011a, p. 49.

¹⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 2011b, p. 176.

¹⁹ *Ibid.*, p. 175.

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 2011a, p. 46.

Andrade – “O movimento modernista” (1942), originalmente pronunciado em conferência no auditório da biblioteca do Itamaraty, em razão dos vinte anos da SAM –, que sem exagero se pode definir como o mais decisivo no sentido da construção dessa memória. Buarque de Holanda, que aliás esteve presente na conferência em 1942, não ignorava a grande influência do balanço de Mário de Andrade, conforme sugeriu alguns anos depois.²¹

Hoje, o problema da memória modernista é amplamente estudado, frontal e irreversivelmente. O pesquisador Marcelo Moreschi entende que se deva o triunfo do modernismo brasileiro basicamente à escrita de sua própria história. Até mais enfático do que isso, defende a tese de que o seu produto mais relevante foi justamente a “façanha auto-históricográfica”.²² A conferência de Mário de Andrade é entendida, nessa chave, como o mais exemplar veículo de um amplo complexo que foi “capaz de homogeneizar e totalizar uma história unívoca e singular da eclosão da modernidade artística no Brasil”.²³ Atrelada a uma necessidade constante de reafirmação da sua relevância para as letras e as artes nacionais, mais que tão somente à mera circunstância da comemoração, o texto da conferência, a seu ver, não passou de “tentativa de articulação de uma versão da história que se pretende não precível, uma versão que transcende seus próprios marcos [...]”.²⁴

Neste sentido – e é apenas disso de que se trata por aqui – é legítimo afirmar que Buarque de Holanda, frequente colaborador nas comemorações da SAM, também foi partícipe da construção dessa memória.²⁵ Isto, mesmo que considerada sua particularidade neste quesito, a de alguém que, desde cedo, observou a retrospectiva heroicizante do “depois da Semana”, bem como sugeriu a processualidade de uma história do modernismo, irreduzível às tendências gerais de homogeneização, e ainda por ser escrita. Ainda assim, acontece que, ao repetir, mesmo muitas décadas depois, o posicionamento de alguém capaz de discernir os “lados” do

²¹ O autor comenta o texto de Mário de Andrade, ainda que *en passant*, na crítica Fluxo e Refluxo II, de 1951, sobre a questão regionalista no modernismo: “Em conferência hoje muito citada, Mário de Andrade insistiu justamente em como o primeiro livro do movimento, escrito, de fato, em 1920 e 1921, já ‘canta regionalmente a cidade materna’”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Fluxo e Refluxo II [1951]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II: 1948-1959*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, p. 336.

²² MORESCHI, Marcelo Seravali. *A façanha auto-históricográfica do modernismo brasileiro* (Brazilian Modernism as an Auto-históricographical Avant-Garde). Tese de doutorado. Santa Barbara: University of California, 2010.

²³ MORESCHI, Marcelo. 22 por 42: o paradigma da celebração. *Remate de Males* (Unicamp). v. 33, n.1-2, 2013, p. 256.

²⁴ *Ibid.*, p. 257.

²⁵ Sobre a (crítica da) canonização do modernismo, processo demorado e muito complexo, ver também KOTHE, Flávio. *O cânone republicano II*. Brasília: Editora UnB, 2004, 509 p.; FARIA, Daniel. *O mito modernista*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, 261 p.; VELLOSO, Monica Pimenta. A crítica ao paradigma de 1922. In: *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 22-29.

modernismo, desqualificando alguns autores e legitimando outros, não deixa de reservar um distinto lugar para si, bem ao centro de uma história que se queria mais autêntica do modernismo, porque compreendida e transmitida desde um ponto de vista supostamente privilegiado.

O modernismo visto em perspectiva: depois dos cinquenta anos da Semana

Mas, enfim, qual a importância do movimento modernista na trajetória de Buarque de Holanda, segundo ele mesmo, e vista em perspectiva já pelo historiador consagrado? É o que trataremos de inferir das diversas expressões da lembrança de Buarque de Holanda sobre suas raízes modernistas, dos anos 1970 até o primeiro biênio dos anos 1980.

Se hoje já se pode contar com uma crítica bastante incisiva da narrativa hegemônica modernista, por volta do cinquentenário da SAM (1972) ela parecia ainda incipiente e indecisa, mas já começava a se realizar, muitas vezes lado a lado ou até mesmo entremeada com os discursos comemorativos, como é o caso dos textos de Buarque de Holanda que acabamos de ler.²⁶ O jornal *Folha de São Paulo* destinou em fevereiro de 1972 um espaço para discussões em torno do cinquentenário da Semana. Yan de Almeida Prado (1898-1991), que chegou a participar da SAM em 1922, apareceu no debate com um texto chamado “A Semana de Arte Moderna: uma desmistificação”. Este texto, inicialmente fruto de encomenda pela secretaria da cultura municipal de São Paulo, a ser publicado em meio impresso oficial, não foi aceito pela direção de cultura. Ele veiculava, afinal, diversas críticas aos “donos da Semana”, Mário e Oswald de Andrade, que em seu modo de ver teriam se utilizado de todos os recursos possíveis “para que [a Semana] não empalidescesse na lembrança do respeitável público”.²⁷ No domingo seguinte, dia 20 de fevereiro, Paulo Duarte respondeu aos ataques, principalmente ao que considerou um “vômito sobre a memória de Mário de Andrade” por alguém “conhecido pela

²⁶ Segundo Monica Pimenta Velloso, essa revisão crítica se explica pelas transformações da visão predominante até então no campo da história, ainda estruturada sobre o paradigma do Estado. Logo passou-se a enfatizar a diversidade cultural brasileira e a temporalidade múltipla da brasilidade. “Foi de fundamental importância no processo de releitura do modernismo brasileiro a geração de literatos das décadas 1960/1970, incluindo-se Luiz Costa Lima, Alfredo Bosi, Silviano Santiago. [...] Ao longo da década de 1980, foi importante rever criticamente as ideias que reforçavam uma visão do modernismo baseada na estética da ruptura. O eixo comum agregando essas distintas reflexões era claro: a elaboração de um pensar crítico sobre o paradigma de 1922”. Cf. VELLOSO, Monica Pimenta. *op. cit.*, p. 24-26.

²⁷ PRADO, Yan de Almeida. A Semana de Arte Moderna: uma desmistificação. *Folha de São Paulo*, 13 fev. 1972, p. 34.

peçonha de seus mexericos”.²⁸ Picuinhas pessoais e polemistas à parte, vejamos rapidamente como em alguns trabalhos acadêmicos a questão da memória modernista se colocava.

Alfredo Bosi propôs uma leitura do referido texto de Mário de Andrade, comemorativo do vigésimo aniversário da SAM, em função da distância temporal que lhe impunha o cinquentenário do acontecimento, em 1972. Ele observa três estratos essenciais do discurso pronunciado em 1942 pelo poeta paulista: o nível do testemunho pessoal de toda uma geração; a interpretação de um processo histórico-genético, em que situava o movimento na centralidade da vida cultural brasileira; e um discurso crítico da herança modernista que concluía pelo “direito à pesquisa estética”, pela “atualização da inteligência artística brasileira” e “estabilização da consciência criadora nacional”.²⁹

Pouco mais tarde, o próprio Bosi amplia a base da discussão com “Moderno e modernismo na literatura brasileira” (1979). Quando a literatura, na década de 1970, parecia “contrastar o sentido das ideologias dominantes” e se fazia “em tensão com os discursos da rotina e do poder”, Bosi observava alguma “condição paulista” inerente ao movimento modernista, bem como relativizava 1922 como ruptura drástica com o passado de academicismo e simbolismo. O movimento reaparecia então matizado na história literária brasileira, na medida em que sua proposta original de “mistura ideológica e datada de mitologia e tecnologia” se fez esquemática e normativa nas décadas subsequentes.

22 como a primeira grande ruptura modernizante. 22 como o fim de uma Velha República das Letras. Assim foi na verdade e outra coisa não diz o consenso unânime da história literária. Quisemos apenas acrescentar que, visto no interior do nosso processo social, o Modernismo foi a metáfora brilhante de *um* certo ângulo de consciência, que escolheu formas e mitos adequados a *uma* zona determinada da vida e da cultura brasileira.³⁰

No mesmo ano de 1972, e também em comemoração dos cinquenta anos da SAM, foi realizado na cidade de Ouro Preto um curso especial sobre o modernismo, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Três anos depois, sob coordenação de Affonso Ávila (1928-2012), saíam em livro os trabalhos que foram discutidos na cidade histórica

²⁸ DUARTE, Paulo. A missão de fazer esterco. *Folha de São Paulo*, 20 fev. 1972, p. 57.

²⁹ BOSI, Alfredo. O movimento modernista de Mário de Andrade [1973]. *Literatura e Sociedade* (USP), n. 7, 2004, p. 300. [Original da *Revista Colóquio/Letras*. Portugal, Fundação Calouste Gulbekian. n. 12, mar. 1973, p. 25-33].

³⁰ BOSI, Alfredo. Moderno e modernista na literatura brasileira [1979]. In: *Céu, Inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988, p. 125.

mineira. A intenção manifesta da publicação foi, sob o impulso da comemoração, embalar novas retrospectivas, em caráter eminentemente crítico, de um já longo percurso literário e artístico, ao fixar a imagem histórica do movimento, mas também avaliar as projeções que dele se precipitaram no entretempo. “Modernismo: uma reverificação da inteligência nacional”, de Francisco Iglésias (1923-1999), abre a coletânea com uma proposta básica de historicização do movimento, “tão-somente dizer o que foi, [...] o esboço da situação histórica em que se verificou”.³¹ Mas, ao contrário do que possam sugerir tão modestas intenções, o texto extrapola estes limites estreitos, e problematiza o marco inaugural de 1922, ao sugerir um desenvolvimento anterior do movimento, “longamente preparado”. O autor também excede sua proposta inicial quando projeta algumas linhas básicas de leitura do legado modernista, uma vez que “a perspectiva já permite julgamento em outras direções”.³² Pelo menos três “outras direções” críticas são apontadas por Francisco Iglésias: o amparo advindo dos círculos dominantes da plutocracia de São Paulo, com que contaram os artistas da SAM; o surgimento, no mesmo ambiente modernista, de uma corrente de tendência autoritária, que formaria logo em seguida as fileiras integralistas; e também a consagração oficial dos artistas e intelectuais modernos, no tempo de Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde (1934-1945) da chamada Era Vargas. Diversos modernistas estiveram vinculados à pasta, inclusive Buarque de Holanda, que em 1939, após o encerramento das atividades da UDF, onde trabalhou como professor assistente, foi convidado a dirigir a seção de publicações do INL.³³

Quanto a Buarque de Holanda, este concedeu seu depoimento em 1972 ao jornal *O Globo*. Foi com base em suas memórias pessoais, em tom informal, mais que qualquer diligência historicizante, que se pronunciou para a série especial “O moderno com 50 anos não ficou velho”. Ainda assim, vemos repetirem-se alguns traços de suas reflexões mais aprofundadas sobre o modernismo e seu “depois”. Quando muitas daquelas reflexões que ele apontou já em 1952 se tornavam correntes, mas também se impunham outras novas questões, como a reserva quanto à ruptura instauradora de 1922, e a objeção com relação ao suporte oferecido pelas elites cafeeiras de São Paulo, fazia-se necessário reforçar suas posições.

³¹ IGLÉSIAS, Francisco. Modernismo: uma reverificação da inteligência nacional. In: ÁVILA, Affonso (Org.). *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 13.

³² *Ibid.*, p. 24.

³³ Sobre Buarque de Holanda no INL e outras instituições culturais entre 1930 e 1940, ver: CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *op. cit.*, 2003, pp. 191-220. A respeito das correntes autoritárias saídas do modernismo, ver PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010. Sobre as relações entre os intelectuais e o Estado entre 1920 e 1945: MICELI, Sérgio. *op. cit.*

Como participante de primeira ordem, ligado diretamente tanto à literatura modernista dos anos 1920 quanto à sua repercussão histórica nas décadas subsequentes, ele reconhece de forma já rotineira a importância do movimento: essencialmente, o encontro com a autêntica literatura brasileira, a partir do rompimento com as convenções passadistas. Não somente na literatura, aliás, mas o “pensamento modernista”, concentrado no que era brasileiro, procurando tomar distância da mera cópia do que era estrangeiro, se manifestou igualmente em outras formas de expressão, como lembra Buarque de Holanda: “Eu, por exemplo, fui para a história; o Antônio de Alcântara Machado também, apesar de ter entrado para o grupo depois da Semana; Paulo Prado, o aristocrata que viajava muito, foi outro exemplo. Era bem mais velho que todos nós, mas deu total apoio”.³⁴ Eis aí outra confissão da herança modernista de que achavam portadores seus estudos históricos. Mas, por falar em aristocracia, de outro lado o historiador relembra sem maiores rodeios o papel primordial da elite paulistana: “Sem o escândalo da Semana e sem o apoio dos aristocratas, talvez a evolução das artes brasileiras tivesse seguido outro rumo, ou pelo menos evoluído mais lentamente” (*idem*). No mesmo embalo, repete o afastamento com relação a Graça Aranha e seus pares mais chegados, enquanto mantém a velha separação dos “lados do modernismo”, aqui mais informalmente, definindo quem era e quem não era de fato modernista.

Uns apoiavam e outros achavam interessante, esnobe, e apoiavam também. Só em São Paulo poderia ter sido feita essa manifestação. Oswald, por exemplo, era um homem rico, seu pai era proprietário de extensas terras em Pinheiros. Mario era muito culto e aceitava a revolução que Oswald apresentava. Sérgio Milliet se educava na Europa e muitos dos outros eram diplomatas ou residiram muitos anos fora do país. No Rio não era assim. Graça Aranha já era famoso, fora fundador da Academia, era diplomata, mas não foi um modernista. Ele reconheceu o valor das novas ideias e sabia que as artes precisavam de uma mudança. Ronald também não chegou a ser modernista, muito menos o Renato de Almeida. Do grupo que chegou do Rio, só o Di Cavalcanti já tentara coisas novas e em São Paulo encontraria campo para se expandir. Villa-Lobos é um caso especial de genialidade. Fora da música ele não entendia nada. Foi descoberto por Rubinstein, quando tocava no restaurante que ficava no subsolo do teatro Municipal do Rio.³⁵

É fundamental, todavia, perceber neste depoimento também a maneira como o autor era apresentado pelo jornal: “Sérgio Buarque de Holanda, um dos mais importantes historiadores do Brasil, conviveu com o grupo da Semana. Tinha 19 anos e não era levado muito a sério. Naqueles dias de fevereiro, estava no Rio, mas acompanhou tudo o que os amigos estavam

³⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Só São Paulo poderia fazer essa loucura”. *O Globo* (RJ), 9 fev. 1972, p. 3.

³⁵ *Idem*.

fazendo [...]” (*idem*). É possível que o próprio historiador tenha dito algo parecido com isso ou até mesmo revirado um recorte de jornal de 1952, que se encontra conservado em seu arquivo pessoal, com o seguinte título: “Em 1922, Sérgio Buarque de Holanda não era um rapaz levado a sério”.³⁶ Naquele mesmo ano de 1952 em que se comemoravam os trinta anos da SAM, Buarque de Holanda recebia homenagens pelo seu cinquentenário. Esta matéria do *Diário Carioca*, periódico para o qual trabalhava como crítico, abria uma série de homenagens realizadas por alguns de seus amigos. Note-se que ele é visto em 1952 essencialmente como “escritor”. Até mesmo Octávio Tarquínio de Souza (1889-1959), com quem Buarque de Holanda havia publicado em sistema de coautoria um pouco conhecido livro didático de “História do Brasil” (1945), dizia em um daqueles textos de homenagem que “é na crítica literária [...] que Sérgio Buarque de Holanda deixa melhor transparecer os tesouros de cultura de que é possuidor”.³⁷ Há, portanto, um considerável deslocamento na imagem do autor entre 1952 e 1972, do crítico-escritor irreverente ao historiador erudito – transformações que iremos acompanhar nas próximas seções.

Por ora, ressalte-se a pecha de irreverência atribuída ao jovem escritor, que, sempre de monóculo, costumava “fazer a Avenida sobraçando um galo e comendo maçãs”.³⁸ Na época, seu maior amigo e interlocutor era Prudente de Moraes Neto, que de início chegou a ser censurado ao ser visto pelos *boulevards* do Rio de Janeiro em companhia daquele excêntrico. Mas, passados mais de cinquenta anos, o Buarque de Holanda dos anos 1970 havia se tornado o respeitável patriarca e historiador renomado. Nessa condição é que ofereceu um outro depoimento, a respeito das andanças, das aventuras boêmias e intelectuais com Prudente de Moraes Neto naqueles tempos de juventude. Juntos, eles rememoraram alguns episódios interessantes quando da primeira viagem do poeta Blaise Cendrars (1887-1961) ao Brasil, em 1924.³⁹ O depoimento foi originalmente colhido por Carlos Augusto Calil, que preparava um documentário a respeito de Cendrars, como parte das comemorações do cinquentenário da SAM. O crítico Alexandre Eulalio, entusiasta e especialista na obra do poeta francês, publicou posteriormente este depoimento (entre outros) em um *dossier* especial da Revista *Sud*,

³⁶ CINQUENTENÁRIO de um escritor. Em 1922, Sérgio Buarque de Holanda não era um rapaz levado a sério. *Diário Carioca*, 13 jul. 1952, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 75].

³⁷ SOUZA, Octávio Tarquínio de. Cinquentenário de Mestre. *Diário Carioca*, 13 jul. 1952, p.2, 6.

³⁸ CINQUENTENÁRIO de um escritor. Em 1922, Sérgio Buarque de Holanda não era um rapaz levado a sério. *op. cit.*

³⁹ A respeito, ver AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, 199 p.; EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1978, 301 p. Do próprio Cendrars, temos: CENDRARS, Blaise. *Lé Brésil: des hommes sont venus*. Paris: Gallimard, 2010, 144p.

intitulado “Cendrars vivant” (1978).⁴⁰ Entre a memória do momento do desembarque de Cendrars no Brasil e de bebedeiras desmoderadas, ficamos sabendo que Cendrars manifestava grande interesse pela figura de Aleijadinho (1738-1814).⁴¹ Ele conheceu a obra do escultor durante uma viagem com os modernistas para as cidades históricas de Minas Gerais, a ponto de desejar escrever um romance centrado neste personagem. Buarque de Holanda lembra então de uma reportagem que fez com Cendrars para *O Jornal* (1927), em que o poeta prometia para 1928 um romance, “Aleijadinho ou Histoire d’un Sanctuaire Brésilien”, mas que nunca apareceu, por fim.⁴²

No aniversário de setenta anos de Moraes Neto (1974), o “Suplemento Literário” do *Estado de São Paulo* a ele destinou duas páginas em homenagem. Advogado e jornalista, crítico e poeta bissexto – assinava seus textos como Pedro Dantas –, tinha dirigido o *Diário Carioca*, a sucursal do *Estado de São Paulo* no Rio, e logo assumiria o cargo de presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) (1975-1977). Buarque de Holanda então fruiu novamente a oportunidade de rememorar as vivências e realizações ao lado do amigo. A principal delas, como sabemos, foi a publicação da revista *Estética* (1924-1925), que assumiu o caráter combativo de dentro mesmo do movimento. Thereza Cesário Alvim, a jornalista que assinou a matéria, era irmã de ninguém menos que Maria Amélia Buarque de Holanda. Levada muito provavelmente pelo poder de sugestão das afinidades entre Buarque de Holanda e Moraes Neto, definiu o temperamento do homenageado como “o protótipo do homem cordial”. As afinidades eram tamanhas que ela aliás lembrou que na década de 1920 a dupla era conhecida como “Prudente Sérgio”.

Todavia, guardavam lá suas diferenças. Buarque de Holanda confessou de maneira encabulada que, enquanto naquela época nutria “certa inclinação monarquista”, Moraes Neto era anarquista declarado. Para o pesar de Buarque de Holanda, Alvim soube que pela mesma época eles ficaram conhecidos como “os meninos do Graça”. Mas, o historiador não deixou passar, é claro, nova oportunidade de relembrar suas reservas para com Graça Aranha: “Tínhamos certas divergências dentro do movimento. A turma de São Paulo achava que Graça, como Paulo Prado, dava respeitabilidade ao movimento, mas não concordava com a sua

⁴⁰ EULALIO, Alexandre. Cendrars au Brésil. *Sud Revue*, n. 26, “Cendrars vivant”, 1978, pp. 22-23.

⁴¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de; NETO, Prudente de Moraes. Témoinage conjoint [1971]. *Ibid.*, pp. 34-43.

⁴² A reportagem é republicada em 1978 no livro de Alexandre Eulálio (*op. cit.*, 1978, pp. 174-6). Neste mesmo trabalho também reaparece a resenha que Buarque de Holanda publicou em *Estética* (n. 1) de *Kodak* (documentaire) (1924), livro de Cendrars (EULALIO, Alexandre. *op. cit.*, 1978, p. 163).

ambição de chefia.⁴³ O historiador também narrou os constrangimentos causados pela presença demasiado influente de Graça Aranha no primeiro número de *Estética*. Fora o autor de *Canaã* (1902) quem inclusive sugerira o nome da revista.

Eu ia pela avenida Rio Branco com as provas da revista na mão. Encontrei Graça Aranha, que era um dos colaboradores, e entrei com ele na livraria Garnier para lhe mostrar os originais. Percebi que ele ficou contrariado quando viu que seu nome aparecia em quinto lugar no índice. Para dar uma explicação, eu disse que tínhamos feito um sorteio. Ele esbravejou: ‘Em qualquer lugar do mundo, meu nome vem em primeiro lugar. Meu nome não entra em sorteios’. Como Prudente estava em Caxambu, precisei tomar sozinho a decisão de passar Graça para o primeiro lugar.⁴⁴

Os assuntos de *Estética* eram discutidos entre os dois em pormenores. O historiador lembra que durante alguns anos a dupla se encontrava todos os dias. Em outra entrevista – desta feita para Maria Célia de Moraes Leonel, autora de *Estética e modernismo* (1984) –, ele afirma que quando percebiam nos artigos algum potencial de polêmica à vista, procuravam assiná-los em conjunto. Conta também que houve longa discussão em torno de seu artigo *Perspectivas* (1925), “uma coisa meio surrealista” feita em “um clima meio surrealista”, na esteira das ideias de André Breton (1896-1966): “O Graça e o Ronald eram contra. Para o Ronald que era um espírito clássico, o surrealismo era o fim, era uma forma de romantismo exagerado. O Tristão de Athayde escreveu fazendo reservas ao meu artigo, quando ainda não se convertera”.⁴⁵ Ainda segundo Buarque de Holanda, o objetivo da revista era exatamente a crítica do movimento desde o seu núcleo mesmo. Os desentendimentos entre os grupos se acentuavam em 1926, após “O lado oposto e outros lados”, publicado na *Revista do Brasil*: “O artigo [...] pretendia marcar bem a situação, mas foi pior. Nisso embarquei para a Alemanha e por lá fiquei até 1931”.⁴⁶

Quando de seu retorno do estrangeiro, a cumplicidade com Prudente de Moraes Neto se manteve: “Conversamos uma noite inteira sobre um livro que se chamaria ‘Teoria da América’ e que acabou se tornando a base de *Raízes do Brasil*” (*idem*). Após a transferência em definitivo

⁴³ ALVIM, Thereza Cesário. A juventude de Prudente nas recordações de Sérgio Buarque de Holanda. *O Estado de São Paulo*, 19 mai. 1974. “Suplemento Literário”, p. 5.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ LEONEL, Maria Célia de Moraes. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda [1975]. In: *Estética e Modernismo*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1984, p. 178.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 179.

de Buarque de Holanda para São Paulo, em 1946, como diretor do MP, os encontros rarearam, mas a amizade autenticamente modernista permaneceu.

2.2 Do crítico literário ao historiador, do ensaio à pesquisa histórica

Das duas principais entrevistas concedidas por Buarque de Holanda já no início da década de 1980, para o MIS (1981) e para a HAHR (1982), sabemos que elas foram realizadas a partir do interesse em torno do historiador consagrado. Ambos os registros não se faziam senão para a posteridade. Vimos, inclusive, que o MIS inaugurava com ele uma série de depoimentos com outros intelectuais envolvidos com o outrora chamado campo de “estudos brasileiros”. O colóquio com Richard Graham para a HAHR, por sua vez, foi publicado como parte de uma série especial de entrevistas com “distintos historiadores das Américas”. A condição de historiador consagrado representa o arranjo principal do olhar retrospectivo de si sobre sua própria trajetória. A partir de tal perspectiva é que se estrutura uma narrativa de sua trajetória intelectual, cujo eixo é o processo mesmo de profissionalização como historiador acadêmico.

Um caminho natural

Já nas primeiras linhas do depoimento ao MIS, em resposta à sugestão introdutória de Ernani da Silva Brito, para que “em largos traços” Buarque de Holanda indicasse “seus dados biográficos”, temos em alguma medida – fragmentária e breve – o desenvolvimento de tal *leitmotiv*. De início, o historiador fez rápida menção às origens familiares e à infância, quando discretamente se vangloriou – “nunca quis ser menino prodígio” – de ter aprendido a ler sozinho aos cinco anos de idade, relembrou sua formação escolar e universitária, e a vida intelectual no Rio de Janeiro enquanto representante de *Klaxon* e depois coeditor de *Estética*.

Então fui para a Alemanha, onde fiquei de 1928 [sic] a 1931, a convite do Chateaubriand, pois naquele tempo eu escrevia para *O Jornal*. Lá assisti a toda propaganda nazista, às passeatas que faziam nas ruas, inclusive brigas de nazistas com não-nazistas. Lutas corporais mesmo. Lembro que uma vez, num *night club*, eu estava numa mesa com o Raul Bopp e duas namoradinhas. De repente vi um cara empurrando outro pra fora e, todo mundo, de pé, começou a bater palmas, inclusive as duas meninas. Só depois fui perceber que estavam expulsando um judeu dali. Eu não cheguei a ser confundido com judeu, não devo ter muita semelhança. Então voltei, passei pela Universidade do Distrito Federal, pelo Museu Paulista e finalmente fui

convidado a assumir o curso de História do Brasil da USP. Em 1958 me disseram para prestar o concurso, pois do contrário eu seria demitido. O material eu já tinha, e então preparei uma tese, rápido, em quatro meses, de onde saiu meu livro *Visão do Paraíso* [1959]. Hoje não sinto mais capacidade de escrever assim tão rápido, ainda mais um livro erudito como esse.⁴⁷

Laura de Mello e Souza aproveita o gancho para uma segunda sugestão de assunto, e pede que o historiador se alongue sobre “a influência da Alemanha na sua formação intelectual”. A resposta, a princípio, é muito simples: “Quando você mora dois anos em um país você fica próximo à cultura do lugar. Eu morava em Berlim...” (*idem*). A rigor, isso quase nada diz da formação intelectual. Buarque de Holanda desvia o assunto para viagens mais recentes pela Alemanha com a esposa (1973/1976), e se demora na lembrança de curiosidades sobre a obtenção de visto para entrada na Rússia em 1930, mas que houvera desistido da viagem por medo do inverno de Moscou. Maria Thereza Petrone então persiste no assunto de maneira mais incisiva. Ela indaga se o interesse pela história nascera em Buarque de Holanda durante a passagem pela Alemanha.

Frequentei alguns cursos de história na Universidade de Berlim como ouvinte, mas eu tinha uma formação literária, em grande parte por causa do modernismo. Então descobri um livro interessante – ainda tenho vários livros daquele tempo –, um livro do Kant sobre Frederico III. Eu me lembrava que o Nietzsche dizia que para ele o grande Frederico era o II, por isso fiquei intrigado e comprei. Mas só o primeiro volume – mais tarde, nos Estados Unidos, encontrei o segundo volume num sebo e consegui comprar. O fato é que daí me veio a ideia para esses assuntos históricos, para uma abordagem maior. Eu sempre tive certa curiosidade por isso.⁴⁸

Insistentemente, Petrone inverte a questão, mas com intenção basicamente a mesma. Ela ainda pergunta se antes da Alemanha, Buarque de Holanda estaria mais interessado em crítica literária do que em história. Esta resposta, sim, é do mais vivo interesse:

Não que eu estivesse mais interessado. É preciso lembrar que eu tinha 19 anos quando da Semana de 22. Tinha muitos amigos ligados ao modernismo, e a essa altura minha carreira não estava determinada. Era natural que a opção pela história viesse depois. E mesmo assim a influência continuou. Por exemplo: não gosto da linguagem afetada. Gosto da linguagem seca, nítida, precisa, que é um traço característico dos autores modernistas. [...] Outro ponto: o interesse pelo caráter nacional era muito forte dentro do modernismo. E quando estamos num país estrangeiro, vemos nosso próprio país com mais interesse, reparamos na diferença [...]. Na Alemanha, procurei ver outras coisas do Brasil, confrontar com o que existe fora. Outro motivo que retardou meu

⁴⁷ SOUZA, Laura de Mello e. *op. cit.*, 2004, p. 5.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 7.

interesse pela história é mais simples: os jornais pagavam artigos de crítica literária. [...] Quando eu estava com falta de dinheiro, era a crítica literária que me ajudava. [...] Na Alemanha eu fazia basicamente trabalhos para ganhar dinheiro, mas comecei a escrever um ensaio que se chamava “Teoria da América”. Ficou enorme, e se lido hoje, em conjunto, era um trabalho muito ruim. Mas tinha umas partes que achei menos ruim. Publiquei uma parte desse trabalho numa revista alemã comercial, de amenidades, pois como disse, trabalhava pelo dinheiro. Aproveitei um pouco desse material para o *Raízes do Brasil*, mas obviamente não posso concordar com muito do que foi dito aí. Isso foi por volta dos anos 1930: eu tinha meus 27, 28 anos.⁴⁹

Alguns aspectos podemos analisar mais de perto neste longo trecho citado. O mais significativo é que o autor literalmente naturaliza sua aproximação da história, ao considerar o período de gestação de seu pensamento histórico como resultado necessário de um amadurecimento previsto: “era natural que a opção pela história viesse depois”. Na mesma linha, sublinhe-se a atenuação por conta da idade e do próprio contexto. O “atual” Buarque de Holanda não concordava com muito do que tinha escrito nos textos de juventude. Também é quase óbvio que, em retrospectiva, do ponto de vista de uma carreira praticamente consumada, e amplamente reconhecida, ele definisse aquela primeira década de contribuições como ainda indeterminada. Entre a viagem à Alemanha e a plena estabilidade como professor catedrático, em um espaço de quase três décadas, afinal, Buarque de Holanda viveu uma trajetória pouco linear, equilibrada entre instituições culturais, a crítica literária e a Universidade, no Brasil e alhures. O depoimento, ao contrário, dá a entender uma rota menos imperfeita: “Então voltei, passei pela Universidade do Distrito Federal, pelo Museu Paulista e finalmente fui convidado a assumir o curso de História do Brasil da USP”. A entrada na USP, como se percebe deste excerto, é a desembocadura de uma trajetória de historiador que, *finalmente*, se estabelecia de maneira sólida somente com *Visão do Paraíso*.

Apesar de uma maior riqueza de detalhes, em essência não varia muito o depoimento para a HAHR. Mas, diferente do anterior, em que a narrativa da profissionalização estava implícita, agora ele a torna um pouco mais clara. Lemos no primeiro capítulo que Buarque de Holanda, neste mesmo depoimento, dizia considerar como o seu melhor livro o trabalho que estava em curso, a despeito da repercussão histórica de *Raízes do Brasil*. O seu livro de estreia era renegado pela forma ensaística, do mesmo modo que *Caminhos e Fronteiras* (1957), mas este último contava a seu favor, na opinião atual de Buarque de Holanda, com um maior senso de unidade. No mesmo embalo daquela curiosidade de Graham a respeito do livro mais bem

⁴⁹ *Ibid.*, p. 7-8.

quisto pelo autor, foi uma detalhada declaração de sua predileção por *Visão do Paraíso* e, mais especificamente, pela tradução em espanhol que estava em preparo:

And I have a Spanish edition of *Visão do Paraíso* in the works. Angel Rama, the Uruguayan in exile, wanted to publish an anthology of my work in Venezuela; but Darcy Ribeiro, another exile there – he had been my student at the *Escola de Sociologia e Política* – persuaded Rama to publish *Visão do Paraíso* instead. Whether it will actually come out, I don't know. There are three editions of it in Portuguese. The first and second are quite different from each other, but the third one merely adds as an appendix a section of a manuscript by the seventeenth-century Jesuit Simnaod e Vasconcellos. The section was removed by the Inquisition from the original edition of his book because he had said Eden was located here in Brazil. But I found a reference to this manuscript in an article by Serafim Leite and wrote to the Victorio Emanuele National Library in Rome. They sent me the wrong thing; but when my son Chico was there, he went and found it. The call number I had used referred to a codex and the manuscript I was looking for was buried in the midst of others. I could not use it in the text of the third edition because it was to be a photographic reproduction of the second edition, and changing the text would have been very expensive. So I added it as an appendix. But I used the manuscript-along with other new materials-in the Spanish edition. I also refer to the paintings by European masters portraying Eden with Brazilian parrots. So the Venezuelan edition will be better than the Brazilian one; better, or at least more complete.⁵⁰

Desde 1976 a pouco conhecida edição venezuelana foi caprichosamente preparada, tanto que tardou a aparecer.⁵¹ Somente em 1987, mais de uma década depois do início das tratativas, e cinco anos após o falecimento de Buarque de Holanda, é que veio a público, na prestigiosa Biblioteca Ayacucho, contendo rico aparato crítico.⁵²

Buarque de Holanda também prestou esclarecimentos sobre as diferenças entre o ensaio dos anos 1930 e *Visão do Paraíso*, e ainda forneceu maiores detalhes de sua elaboração, um tanto improvisada: “*Visão do Paraíso* was to be an introduction to a study of the baroque in Luso-Brazilian thought. But the introduction became bigger than the main theme. And then I had to present a thesis at the university. So I scurried to supply it with the scholarly apparatus, searching for where I had read this or that reference to the Edenic theme”.⁵³ Disso se deduz o valor (relativo) conferido ao “aparato acadêmico”, do qual se serviu mais por imposição, para

⁵⁰ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p.10-11.

⁵¹ O editor desde o início previa o zelo para com a edição: “Por carta de Antonio Candido me entero de su aceptación a nuestra propuesta para editar em español *Visão do Paraíso*. [...] Preparar la edición nos llevará seguramente un largo tempo, pero confiamos poder dar a conocer esta obra excepcional en una esmerada traducción”. Carta de Angel Rama a Sérgio Buarque de Holanda. *Caracas*, 28 set. 1976. [Siarq – Fundo SBH Cp 327].

⁵² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visión del Paraíso: motivos edénicos en el descubrimiento y colonización del Brasil*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987 (Colección clásica, 125).

⁵³ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 11.

que o texto pudesse ser “apresentado na universidade”. Se parecia o autor um tanto indiferente quanto à moderna erudição das notas de rodapé, não se ignora que justamente o aprofundamento da pesquisa disciplinada era o que tornava *Visão do Paraíso* se não o mais bem quisto, seguramente um dos trabalhos mais prezados pelo próprio autor. É nítido, pelo menos, o contraste dessa memória com relação às rumações sobre *Raízes do Brasil*.

De qualquer forma, responde a Graham mais claramente que a Petrone que foi na terra de J. W. Goethe (1749-1832) que nele irrompeu vivo interesse pelo pensamento histórico, no fito de melhor apreender, em perspectiva comparativa, a realidade brasileira. Outrossim, comentou rapidamente, sem aguda precisão, e sem menção às atividades de crítico nas décadas de 1940 e 1950, a trajetória entre *Raízes do Brasil* e *Visão do Paraíso*.⁵⁴ Todavia, considere-se que o autor destacou, neste ínterim, os seus primeiros passos no sentido do aprendizado e disciplinamento do ofício de historiador. Trata-se do período em que foi assistente do professor Henri Hauser, de História Moderna e Contemporânea, na UDF, entre 1936 e 1939: “From Hauser I learned much and began to apply the criteria he used to my knowledge of Brazilian studies to which, in fact, I had always been devoted even if with a dispersive and badly focused curiosity”.⁵⁵

Sabemos que o historiador se manteve vigilante para com esta entrevista, a qual revisou atentamente. Lembremos, a propósito, o que escreveu Richard Graham (1982) em carta para José Sebastião Witter, que cuidou da publicação em língua portuguesa: “Ele, o nosso saudoso amigo Dr. Sérgio, então reveu [sic] a entrevista, já escrita em inglês, passando sobre todos os itens, tin-tin por tin-tin, como a D. Maria Amélia pode testemunhar” (cf. nota 119, cap. 1). Mais uma evidência da gerência de Buarque de Holanda sobre a entrevista se pode encontrar em outra carta, anterior, do mesmo Graham. Nela, Graham narra detalhes da publicação e demanda

⁵⁴ Procuo organizar rapidamente as informações, em função da variada gama de atividades simultâneas que lhe ocuparam o espírito. Foi ao lado de Henri Hauser, portanto, que deu os primeiros passos no sentido do disciplinamento como historiador, como ele mesmo esclarece, enquanto assistente na UDF (1936-1939); em seguida, vieram as atividades no INL, de 1939 a 1943, depois na Biblioteca Nacional (BN), até 1946, instituições em que teve oportunidade de estreitar amizade com outros personagens importantes, como Francisco de Assis Barbosa (1914-1991), Octávio Tarquínio de Souza e José Honório Rodrigues (1913-1987); até que em definitivo retornou a São Paulo, para dirigir o prestigioso Museu Paulista, depois cursar um mestrado e lecionar na Escola de Sociologia e Política (ESP) (1947-1953). Durante todo este período, foi também jornalista (1936-1937) e, claro, trabalhou formalmente para o *Diário Carioca* como crítico literário, a princípio em substituição a Mário de Andrade (1940-941), e depois com maior regularidade, entre 1948 e 1953. Após o *intermezzo* na Universidade de Roma (1953-1954), por fim se desligou do Museu Paulista, aceitou em 1956 o convite para substituir interinamente o professor Alfredo Ellis Jr., em delicado estado de saúde, para somente após a defesa da tese *Visão do Paraíso*, assumir a titularidade da cátedra de História da Civilização Brasileira na FFCL da USP. Um trabalho minucioso sobre este processo de “institucionalização acadêmica” pelo qual passou Buarque de Holanda, e no qual me baseei para melhor organizar este compacto currículo, pode ser lido em: SANCHES, Rodrigo Ruiz. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 1, pp. 241-259, 2011.

⁵⁵ Cf. GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 6.

do autor a revisão dos originais transcritos em inglês. Sigamos então os traços deixados por uma revelação aparentemente insignificante. Para confecção da bibliografia de Buarque de Holanda, que apareceu anexa à entrevista, Graham disse ter colhido informações da “Apresentação” de *Tentativas de Mitologia*. Também afirmou ter recorrido às “anotações de d. Maria Amélia”.⁵⁶

Considero sinal inequívoco da ascendência sobre sua própria memória que Graham tenha se servido justamente da maneira como o historiador narrou a si mesmo em *Tentativas de Mitologia*. Igualmente, a crer no depoimento da senhora Buarque de Holanda na cinebiografia que foi dedicada ao esposo em 2004,⁵⁷ ele lhe ditou de memória o essencial de sua trajetória, e ela ficou encarregada da datilografia e das correções. Estas “anotações de d. Maria Amélia” são o documento que se encontra hoje publicado sob título “Apontamentos para a cronologia de Sérgio”.⁵⁸ Além de exemplar considerável da rememoração de si pelo historiador, os “Apontamentos” representam um dos elementos que concorrem à constituição da memória, uma vez que esta “cronologia” serviu de apoio, como se vê, para a publicação da entrevista, para outros ensaios biográficos dos anos 1980, do tipo “vida e obra”, como o que saiu na edição venezuelana de *Visão do Paraíso*,⁵⁹ e para a própria cinebiografia de 2002.

Acredito também que seja muito sintomático da afirmação da identidade profissional de Buarque de Holanda que Graham tenha cogitado deixar de lado na notícia biobibliográfica todos os outros trabalhos do autor, privilegiando notadamente, pelo critério de seleção, a obra definitiva de historiador: “Deixei de lado aqui a crítica literária, o jornalismo, as sucessivas edições, para que a bibliografia ficasse mais compacta. Mas se deixei de incluir outros itens, por favor, adicione-os”.⁶⁰ Ainda assim, contamos na entrevista com um bom apanhado de trabalhos publicados entre 1936 e 1979, inclusive as antologias de crítica, *Cobra de Vidro*

⁵⁶ Carta de Richard Graham a Sérgio Buarque de Holanda. *op. cit.*

⁵⁷ Maria Amélia Buarque de Holanda recordou que seu esposo vinha sendo muito requisitado nos últimos anos de vida a falar sobre suas lembranças, quando sua memória “estava perigando” – não se sabe se a faculdade mental ou, mais provavelmente, pela ameaça da morte. Seja como for, em função da oportunidade da edição venezuelana de *Visão do Paraíso*, a sensibilidade de Maria Amélia achou por bem sugerir que o autor “dissesse o que quisesse”, de modo que ela pudesse organizar as informações biográficas por escrito: “E, assim, ele disse por alto, daquele jeito dele, o que está aqui [no documento]”. A passagem se encontra já no primeiro minuto da segunda parte do documentário. Cf. *Raízes do Brasil*: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda. Capítulo II. Brasil, 2004, Dir. Nelson Pereira dos Santos, 72'. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rPv65Xk_R8M. Acesso em: 29 dez. 2015.

⁵⁸ HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda [1979]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa: 70 anos. Org. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 480 p., pp. 421-446.

⁵⁹ O próprio documento, ditado pelo autor à esposa, foi traduzido e incorporado à edição espanhola de *Visão do Paraíso*. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Cronologia”. *op. cit.*, 1984, pp. 409-419.

⁶⁰ Carta de Richard Graham a Sérgio Buarque de Holanda. *op. cit.*

(1944) e *Tentativas de Mitologia*, que Buarque de Holanda talvez tenha achado por bem incluir na listagem.

O velho historiador relembra o jovem crítico

Em serena e muito agradável “carta-prefácio”, Buarque de Holanda comentou o livro de memórias, *Tudo em cor-de-rosa* (1976), da “princesinha do café” Yolanda Penteado (1903-1983). Para isso, foi inevitável, considerados os momentos vividos e os amigos em comum, que se servisse também de suas lembranças de estudante do Colégio de São Bento, em São Paulo, “uma quase aldeia” nas primeiras décadas do século 20: “A verdade é que suas evocações daquele tempo vieram pôr à mostra de novo alguns recantos que andavam meio perdidos bem no fundo de minha memória”.⁶¹

Aliás, diga-se, a escrita da carta parece outrossim ter remexido memórias mais íntimas, confessadas com elegante cortesia: “[...] para mal dos meus pecados de pretensão e vanglória, não sou e principalmente não fui, em tempos idos e vividos, insensível de todo aos atrativos daquele suave compasso de três por quatro que ritmou e ainda há de ritmar por longo tempo sua residência na terra” (*idem*). Mas, apesar da cidade daquele tempo não tão imensamente desmedida, que ainda propiciava maior proximidade entre as pessoas, havia uma distância social que fazia do olhar do historiador um olhar ainda de admiração sigilosa; distância esta que ele se forçou a acentuar: “[...] para sair-me a contento [no prefácio], eu bem que precisaria ter vivido também na esfera maravilhosa do tudo em cor-de-rosa, que tem sido a sua, e não a minha”.⁶² A autora pertencia, afinal, ao estrato mais destacado da sociedade paulistana e, nessa condição, exerceu a função de protetora das artes na capital paulista. Ligada desde cedo aos círculos modernistas, foi mais tarde que esteve envolvida com a fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM, 1946) e a Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1951), lado a lado com seu segundo esposo, o empresário Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977), também conhecido por Ciccilio Matarazzo. Buarque de Holanda colaborou com o museu no início de suas atividades, foi vice-presidente da gestão inaugural de Matarazzo, mas lamentou não ter estado presente na segunda bienal (1953), famosa pela presença de *Guernica* (1937), de

⁶¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tudo em cor-de-rosa* [prefácio, 1976]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, p. 413 [do original: PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976, pp. 9-21].

⁶² *Ibid.*, p. 412.

Pablo Picasso (1881-1973). Àquela altura, ele se encontrava em Roma, como professor convidado da cátedra de “estudos brasileiros”.

De toda forma, importa mesmo é tratar de assinalar uma passagem muito curiosa: Buarque de Holanda cita do livro um extrato em que – sobre a fundação do MAM – ele mesmo é citado, no fito de acrescentar uma camada de verniz ao que dele disse Yolanda Penteadó. O sentido que destaque vai um passo adiante da delimitação, evidente pela seleção do texto citado, de sua identificação como acima de tudo historiador. Concerne, então, a um muito breve e muito essencial indício do *conteúdo* do que seja em sua visão a função de um historiador: “Em certo passo de seu livro está dito que ‘Sérgio Buarque de Holanda, o [...] historiador, procurou sempre auxiliar Ciccilio’. Pois procurou mesmo, porque historiador, não apesar de [...] sabe que história é movimento e mudança, não recuperação do passado já morto que pertence aos antiquários”.⁶³ A tarefa primeira de um historiador, “porque historiador” (ou seja, em essência) é, portanto, o compromisso com a mudança, e não conservação do passado.

Consonante com este princípio está a sua sugestão, que acatou a autora, de evitar a narrativa ordenada exclusivamente pelo critério cronológico: “Achei ótimo você ter adotado a ideia, que eu próprio lhe sugeri, de entremear lembranças várias, uma puxando a outra, [...] num relato impressionista como o seu, que se recusa a pôr ordem na desordem da vida [...]”.⁶⁴ Com justiça, se pode depreender disso que, mais apropriada ao irrefletido da memória, estava em sua opinião uma narrativa fluida, menos constricta a parâmetros exteriores. O historiador que relembra o exercício da crítica inclusive retoma um princípio muito arraigado desde os primeiros anos de atividade intelectual, quando costumava se opor às abstrações mecanizadas e às normas rígidas e imutáveis.

Enfim, entre muitas outras exaltações da personalidade da autora, cabe redizer a faceta de “Yolanda grande fazendeira e admirável hospedeira”, muitas vezes “de súbito convertida em assistente social”, preocupada com o cotidiano dos trabalhadores. Em especial, um divertido episódio que o autor recorda, de quando ela hospedou uma turma de quase cem acadêmicos em sua fazenda.

[...] Propus certo dia que recebesse um bando de professores estrangeiros vindos para um simpósio que organizava o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. [...] De noite, alguns dos convivas dormiram no Empyreó, e, assim, o

⁶³ *Ibid.*, p. 422.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 416.

Richard Morse, de Yale, ficou tomando whisky, à falta do martini, que é o seu forte [...]. Enquanto isso, um outro professor, o Frederico Mauro, de Nanterre, na França, que não se cansou de correr canaviais e engenhos, sonhava em voz alta no seu quarto de dormir, um sonho quantitativo, onde desfilavam às toneladas açúcares de diferentes preços e tipos.⁶⁵

Poucos anos mais tarde, o historiador teve novamente o prazer de exercer descompromissadamente a crítica literária. Era uma situação excepcional, para não dizer especial, prefaciando o livro de outro amigo de longa data, o poeta Vinicius de Moraes (1913-1980). Tratava-se de uma antologia, “O operário em construção e outros poemas” (1979). Ela aparecia, aliás, em hora oportuna. Consta que no primeiro de maio daquele ano, durante a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, o célebre poema fora lido pelo poeta em pessoa como homenagem aos trabalhadores grevistas. Todavia, nada disso Buarque de Holanda relata. Nem mesmo sobre a antologia, em si. O prefácio é dado mais uma vez em forma de uma carta muito amistosa, em que se entrega a um diálogo quase íntimo, memorialístico de fato. O que se recorda, no fim das contas, é uma amizade de praticamente meio século, “vale dizer quase amigos de infância”. De forma sutil e belamente irônica é que o historiador faz menção ao episódio desagradável do desligamento do poeta de suas funções diplomáticas no Itamaraty, onde serviu de 1946 a 1968, quando foi afastado por obra dos excessos da repressão política: “Nada nos separou mais, nem, a rigor, sua itinerância em longes terras, ao tempo em que você melancolicamente seguia aquela carreira, de que foi salvo graças ao malquerer de um imaginoso burocrata, mais imaginoso do que gostaria de o ser”.⁶⁶

Buarque de Holanda, graças à dedicatória encontrada em um dos primeiros livros de poesia de Vinicius de Moraes, que ainda guardava, lembrou que eles se conheceram em novembro de 1935, na livraria José Olympio, ou talvez na Garnier, bem no centro da então capital da República: “você pouco mais que *teenager*, mas já autor de um ou dois livros publicados, e eu apenas meio contador de histórias do Brasil, além de esforçado crítico, um tanto bissexto, e sem livro publicado”.⁶⁷ Desnecessário mais uma vez sublinhar que ele só poderia projetar a efabulação da perspectiva ulterior de um historiador “completo”. Mas, talvez seja proveitoso aproximar deste um outro trecho, para melhor apreensão da hipótese do sentido

⁶⁵ *Ibid.*, p. 420.

⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O operário em construção e outros poemas. [Prefácio, 1979]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 426 [do original: MORAES, Vinicius de. Prefácio. In: *O operário em construção e outros poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, pp. 7-11].

⁶⁷ *Ibid.*, p. 425.

atribuído pelo autor à sua própria trajetória de crítico eventual a historiador de ofício. Aqui, ele que se escusa com o autor de “O operário em construção” sobre o porquê de não alongar demais a missiva:

O caso é que, quando eu fazia meus exercícios de crítica um tanto bissexta, conforme já foi dito, nenhum livro seu saiu do prelo, homem preguiçoso. Se saísse, eu não deixaria de escrever sobre, e menos mal do que o faria hoje, se possível me fosse. O certo é que perdi já o hábito, e não creio que o recupere, desde que, em mim, o contador de histórias do Brasil se profissionalizou, tudo avassalou e acabou por devorar o crítico. [...] contentei-me aqui em contar um punhado de lembranças, que sempre guardarei, daquele que consegue sentir, e compor, e cantar e viver uma poesia das mais altas desta terra e deste tempo.⁶⁸

Ainda em um terceiro prefácio Buarque de Holanda fez a ocasião para se expressar de forma semelhante. Em 1980, escreveu uma página de abertura para *Toda Poesia*, de Ferreira Gullar. Não se nota uma afetividade tão viva, como nos dois casos anteriores, pois que apenas recentemente é que havia se inteirado da obra deste poeta: “Longe dos tempos em que o exercício regular da crítica me punha em dia com o melhor – e o pior – de nossas letras, absorvido inteiramente, desde então, por outras ocupações, foi recente meu primeiro contato pessoal com sua obra poética”.⁶⁹ Ele assume que a conheceu meio sem querer, por intermédio de grandes amigos de luta política e de vida intelectual: “Veio-me pela mão amiga de Oscar Niemeyer, no meio de outros volumes de sua Avenir Editora”. Ocorreu-lhe então que Vinicius de Moraes considerava Gullar “o último grande poeta brasileiro”, e que Pedro Dantas o assinalava como a “última voz significativa da poesia”. Ao crítico de ocasião restou afirmar que parecia se tratar do “nosso único poeta maior dos tempos de hoje”, comparável no país apenas à prosa de Guimarães Rosa (1908-1967) (*idem*).

2.3 A vocação de historiador e seus lugares

Se no período entre 1970 e 1980 Buarque de Holanda autodeterminou a prevalência de sua identidade de historiador, reforçada repetida vez, seria interessante trazer que desde mais

⁶⁸ *Ibid.*, p. 428-429.

⁶⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Toda poesia [Introdução, 1980]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 430 [do original: GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia* (1950-1980). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 5].

remotamente ele demonstrava já alguma insatisfação com a identificação como crítico de literatura ou “escritor”. Homero Senna (1919-2004), organizador de “República das Letras” (1956), apresentou-o como tal em antiga coletânea de entrevistas com vinte escritores, em um tempo em que as fronteiras disciplinares não se encontravam bem delimitadas. Nosso autor não afirmou: “sou historiador”. Mas asseverou, quando indagado sobre que lições tinha tomado no desempenho da crítica: “a de que não sou crítico”.⁷⁰ Em torno à questão do modernismo como antitradicionalismo, criticou abertamente a visão de movimento que possuía Gilberto Freyre. Alguma vez foi apresentado como “o autor de *Monções*”. Na sequência, questionado se era possível um historiador não ser tradicionalista, disse que não sabia, e talhou, decidido: “mas eu não sou. [...] o passado pelo passado não me interessa”.⁷¹ Era tempo – a redemocratização após o Estado Novo – de ajustamentos e redefinições em seu percurso intelectual. Foi aí que então começou a se engajar, entre outras causas, em favor do incipiente disciplinamento acadêmico das letras e humanidades no país.

Um “meio historiador” pela institucionalização da história

Curioso é que o período em que retoma, formal e mais regularmente, a crítica literária no *Diário Carioca*, entre 1948 e 1953, coincide com o início da sua autoafirmação como historiador de ofício. O ano de 1948 é muito rico de elementos que testemunham a inflexão da trajetória do autor: a segunda edição de *Raízes do Brasil*, seguida da polêmica com Cassiano Ricardo, e o artigo “Novos rumos da Sociologia” são apenas dois dos mais significativos. Dentre essas novas reflexões, é digno de menção, igualmente, o artigo de tom algo incisivo, mas que em nada concede às simplificações: “Missão e Profissão”.

Contrário – desde *Raízes do Brasil* – ao beletrismo ostentador típico de um “patriciado” que ainda via entre nós a profissão de escritor como “padrão superior de humanidade”, Buarque de Holanda assinalava que naqueles dias já se preferia falar, antes, “nas obrigações e responsabilidades dos intelectuais”. Todavia, ele critica também o reverso da medalha, que não fazia senão reforçar a ideia do escritor como criatura excepcional. Para ele, “certos teóricos” acreditavam ter achado a chave da existência em fórmulas precisas, escondida antes por “mesquinhos interesses de classe”, dos quais caberia aos intelectuais fazer a denúncia: “o

⁷⁰ SENNA, Homero. *República das Letras* [1956]. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1968, p. 112 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁷¹ *Ibid.*, p. 108.

patriciado converte-se desse modo em milícia”.⁷² O reconhecimento do “*campo particular*” da atividade literária não necessariamente deveria enclausurar os intelectuais na “inútil torre da dignidade profissional”. Não se negava, porém, que o “novo empenho em valorizar a profissão literária, empenho ambíguo, e de alvo mais nitidamente político do que intelectual” (*idem*), tenha trazido avanços consideráveis desde os primeiros passos do movimento modernista nesta direção. Daquele movimento inicial se via substituir agora a “complacência distraída das negações” pela “demanda de novas posições”.⁷³ Mas, para evitar a queda imediata no “apanágio ideal do chamado espírito científico”, Buarque de Holanda crê fundamental indagar até que ponto se poderia incorporar à atitude metódica e perseverante da ciência os “valores da imaginação” conquistados pelo modernismo, talvez como possibilidade de contornar a rotina e a normalização.⁷⁴ De qualquer forma, sua leitura do período é a de um novo recomeço para as humanidades e as letras.

Não faltam indícios, contudo, de que poderá significar o ponto de partida de uma orientação nova em nossa vida intelectual, e tão significativa e fecunda quanto o foi o movimento modernista de 22. Orientação que não se limitaria, em verdade, à literatura no sentido estrito, mas procuraria abranger outros setores da atividade espiritual. Nesse ponto ainda caberia uma referência particular à afinidade que existe indiscutivelmente entre esses novos rumos e a ação que vêm exercendo sobre certas inteligências o método e o ensino universitário, sobretudo o das Faculdades de Filosofia. A eles se devem, em parte considerável, a desconfiança crescente, em toda uma geração e estudiosos, pelo autodidatismo e pelo personalismo exacerbado.⁷⁵

Não tão indiretamente quanto possa dar a crer a leitura isolada deste artigo, significava também um novo recomeço para si mesmo.

Ao retomar o ofício de crítico literário, são esses alguns dos sinais de transformação que julgo discernir em nosso horizonte intelectual. Transformações que *pretenderei acompanhar daqui*, não como um profeta, mas como um monitor ou um exortador,

⁷² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Missão e Profissão [1948]. In: *op. cit.*, 1996b, p. 37.

⁷³ *Ibid.*, p. 39.

⁷⁴ Sobre Buarque de Holanda como “homem-ponte” entre os dois tempos, ver: WEGNER, Robert. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira. *op. cit.*, 2008, pp. 481-501. O objetivo de Wegner foi mapear a interpretação do autor quanto à institucionalização das ciências humanas em São Paulo e como se comportava o intelectual saído do modernismo neste novo ambiente. Dessa tensão resultou que: “Agora, não mais aparece um defensor *par excellence* da naturalidade e da autenticidade e, sim, um autor que fala do esforço e intervenção na tradição, como se tentasse achar um contraponto entre natureza e artifício”. *Ibid.*, p. 490.

⁷⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Missão e Profissão [1948]. In: *op. cit.*, 1996b, p. 39.

nem mesmo como um juiz sempre atento a leis rígidas e inflexíveis, mas antes como uma testemunha de boa-fé, empenhada em bem compreender e bem interpretar.⁷⁶

“Missão e Profissão”, que paradoxalmente marca a reestrela do crítico, circunscreve os limites e expressa o sentido de sua simpatia pela modernização das letras e humanidades no Brasil. Nessa fase, se podem perceber alguns cruzamentos dos contrapontos de sua trajetória: o modernismo e a universidade ou a autocrítica de *Raízes do Brasil* e a pesquisa histórica metodicamente orientada. Dito de outro modo, estava ainda em construção o que mais tarde será a reafirmação de sua identidade profissional – sugerida *a posteriori* pela auto-historicização de sua trajetória: “Quanto a mim, julgo que o exercício da crítica [...] não transtornou minha vocação principal, de historiador”.⁷⁷

Retenhamos o trecho por mim sublinhado da última citação de “Missão e Profissão”, pois que denota a sua posição relativamente exteriora em relação ao novo contexto. A coluna fixa como crítico literário do jornal seria o espaço em que veicularia os trabalhos da nova geração de acadêmicos. Tinha consciência de que era este o *lugar* de onde falava.⁷⁸ Era ainda, portanto, como “meio historiador” – para recuperarmos a expressão com que retrospectivamente se retratou – que se posicionava francamente partidário do esforço metódico de construção dos saberes. Desse modo, ele parece cuidar também de realizar uma síntese coerente dos dois polos de suas atividades intelectuais. Crítica e história se poderiam encontrar na consciência da historicidade das expressões culturais, “essencialmente mutáveis”.⁷⁹

A experiência do presente e a epistemologia da história

A despeito dessa posição dita relativamente exteriora à instituição universitária, os fundamentos de sua concepção de história ele já os firmava entre o final dos anos 1940 e início da década de 1950. Aos poucos, ela vai se refinando e, por fim, é utilizada em 1970/80 mais como dispositivo da memória disciplinar. No essencial, a concepção não se transforma muito nas décadas subsequentes. O que se modifica, de fato, é a perspectiva ou, mais precisamente, o

⁷⁶ *Ibid.*, p. 40 [grifos meus].

⁷⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 32.

⁷⁸ Lembremos, todavia, que ao mesmo tempo em que retomava a crítica literária, ele se mantinha diretor do MP e ingressava na ESP. Também participava esporadicamente de bancas de arguição na USP.

⁷⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Crítica e história [1950]. In: *op. cit.*, 1996b, p. 303.

seu lugar de enunciação. Vejamos mais de perto a concepção de história que Buarque de Holanda passa a defender, sem desconsiderar as soluções de continuidade encontradas pelo autor para alojar em sua trajetória a pertença modernista e o historicismo de *Raízes do Brasil*.

1945 talhou uma descontinuidade na versão triunfante da moderna historicidade, aquela segundo Koselleck em que predominava, desde finais do século 18, a orientação pelo *telos*, quando o futuro iluminava o passado. Mesmo que tenham sempre existido vozes antimodernas dissonantes, as experiências-limite da Segunda Guerra representaram uma passagem significativa para uma discordância de tempos deliberada, que fazia as vezes de tábula rasa do passado, em nome de outras modernidades possíveis.⁸⁰ François Hartog assinala que após a segunda guerra os historiadores franceses paradoxalmente procuraram reafirmar a crença na história em reformulando seu programa. É o caso, precisamente, de Lucien Febvre. Após a execução de Marc Bloch pelos nazistas, ele ficou sozinho na direção da revista *Annales*, e também encarregado da publicação de *Apologie pour l'histoire* (1949), manuscrito de Marc Bloch sobre o ofício de historiador. A dimensão privilegiada era, mais do que nunca, o tempo presente, tempo do agir e da inteligência do passado. Um agir retrospectivo, empenhado em despojar-se do peso da tradição, com vistas ao futuro.⁸¹ O artigo de Febvre, *Vers une autre histoire* (1949), assinado do Rio de Janeiro, dá conta disso.⁸² Ambos estes textos, de Bloch e de Febvre, foram lidos atentamente por Buarque de Holanda, que fez deles objeto de meditação importante em 1950, inclusive reproduzindo-os como título de duas de suas críticas, ambas publicadas em julho daquele ano, no *Diário Carioca* e na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

O ensaio “Apologia da História” se inicia com uma explicação do reiterado uso da máxima de Goethe – sobre a escrita da história como emancipação do passado –, visto que o poeta manifestou frequentemente seu pouco apreço pela história. Foi em socorro à fórmula de Goethe, pois, que Buarque de Holanda convocou “a autorizada opinião de um dos mais ilustres historiadores de nossos dias”, Marc Bloch, de quem foi publicado postumamente o manuscrito

⁸⁰ CHARLE, Christophe. *Discordance des temps*. Une brève histoire de la modernité. Paris : Armand Colin, 2011, p. 386.

⁸¹ HARTOG, François. *Croire en l'histoire*. Paris : Flammarion, 2013, p. 255.

⁸² Em 1949, Febvre se afastava do Collège de France, substituído por Fernand Braudel, mas permanecia à frente da revista dos *Annales*, da VIª seção da École pratique des hautes études e assumia a representação da França Unesco. Dividido entre essas atividades, Lucien Febvre visitou o Brasil entre julho e setembro de 1949, quando pronunciou conferência na USP e travou contato mais íntimo com alguns historiadores brasileiros; entre eles, Buarque de Holanda. No âmbito da Unesco, trabalhava em prol de uma “História Científica e Cultural da Humanidade”. Tendo perdido uma disputa interna para direção dos trabalhos, Febvre ficou com a tarefa de organizar os “Cahiers d’Histoire Mondiale”. De ambos os projetos, contudo, participaram alguns intelectuais brasileiros, Buarque de Holanda entre eles. FEBVRE, Lucien. *Carnet de voyage au Brésil, 1949*, manuscrit, p. 82-83. [EHES, Service d’archives, fonds Lucien Febvre]. Ver também: CROUZET, Denis. Postface. In: FEBVRE, Lucien; CROUZET, François. *Nous sommes des sang-mêlés* [1950]. Paris: Albin Michel, 2012, p. 344.

Apologie pour l'histoire em 1949.⁸³ Bloch narra aí um diálogo que marcou Buarque de Holanda, pois que este último o reconta muitas vezes depois. Bloch dizia ao medievalista belga Henri Pirenne (1862-1935) que não se interessava por coisas velhas, posto que era historiador, e não antiquário; o seu objeto de amor era a vida mesma. Em plena concordância com essa visão de Marc Bloch, arrematou Buarque de Holanda: “É que para o verdadeiro historiador há de importar primeiramente o esforço para a boa inteligência da hora presente, se quiser entender o passado” (*idem*). Do contrário, o valor sentimental do passado restaria pura nostalgia, da qual se deveria desembaraçar se se quisesse enxergar com lucidez o presente. Nosso autor, enfim, avaliava tal concepção como “urgência imperiosa para a reabilitação dos estudos históricos” (*idem*).

Muito interessante, neste artigo de Buarque de Holanda, é que seu autor confira um valor extraordinário para “os problemas da historiografia”, campo de estudos que poderia colaborar para tal reabilitação, como forma de legitimação e autocrítica do saber histórico. Por isso recomenda, com poucas ressalvas, a obra *Teoria da História do Brasil* (1949), de seu antigo assistente no INL, José Honório Rodrigues (1913-1987): “[...] sua simples presença constitui passo importante para o estudo desses problemas”.⁸⁴ Também a “iniciativa do grupo de professores paulistas” em torno da recém-fundada *Revista de História* (USP) era cogitada como detentora de grande potencial para a renovação da escrita da história no Brasil.⁸⁵ Os exemplos arrolados, por fim, mostravam “o verdadeiro sentido de uma disciplina, que se vem transformando cada vez mais, de simples devaneio estético, ou exercício erudito, em questão vital para a época presente” (*idem*).

Na crítica da semana seguinte, mereceu comentário a obra de Lucien Febvre, de quem Buarque de Holanda citou o artigo *Vers une autre histoire*, publicado na *Revue de Métaphysique et de morale* (n. 3-4, 1949), em *dossier* dedicado aos “problemas da história”. No texto “Para uma nova história”, Buarque de Holanda reforçava o que Febvre tinha denunciado em 1949 como a atitude anacrônica do “fetichismo do fato”, e exprimia seu entusiasmo para com, cá no trópico, a fertilidade da chamada “história-problema”.

⁸³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Apologia da história* [1950]. In: *op. cit.*, 2011b, p. 19.

⁸⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Apologia da história* [1950]. In: *op. cit.*, 2011b, p. 21.

⁸⁵ O primeiro número da revista veio a público no primeiro trimestre de 1950, aberta com texto da conferência de Febvre na USP no ano anterior, “O homem do século XVI”. O programa da Revista, de acordo com seu editor, o professor Eurípedes Simões de Paula, compreendia “a história como ‘ciência do homem’, segundo o conceito de Lucien Febvre”. In: PAULA, Eurípedes Simões de. Nosso programa. *Revista de História* (USP), v. 1, n. 1, jan.-mar. 1950, p. 2.

Quanto à historiografia, não há dúvida que a demissão da inteligência, e direi também da imaginação – imaginação que escolhe, que simplifica, se necessário, e que recria – associada a uma exaltação do fato puro e mensurável, pode significar em certos casos um regresso. Bem sabemos que os fatos nunca falam por si, que o verdadeiro historiador não é apenas o que conseguiu acumulá-los no maior número possível, mas o que soube formular-lhes, a esses fatos, as perguntas realmente decisivas, dando-lhes ao mesmo tempo voz articulada e coerência plausível.⁸⁶

Acontece que Buarque de Holanda ultrapassa a “palavra do historiador que conhece bem seu ofício” em sugerindo a fertilidade da filosofia da história de Karl Jaspers (1883-1969) para o alcance do sentido do devir histórico: “o processo de transformação de nossa consciência histórica, de que hoje participamos, [...] tende a ultrapassar a fase da simples coleta erudita de material dos arquivos, a fim de se erigir numa indagação vital dos destinos humanos” (*idem*). Também Henri-Irénée Marrou (1904-1977) é chamado ao debate, já que não deixa de considerar o fato e o documento como sendo “a ossatura e o arcabouço da verdadeira História”, muito embora critique a simplicidade da lógica positivista em favor de uma visão mais ampla. Em função da vontade de superação do aparente impasse entre crítica documental e interpretação histórica, Buarque de Holanda avalia algumas produções recentes da historiografia brasileira, que em verdade servem mais de pretexto quase decorativo para a determinação do que viria a ser em sua concepção o “historiador ideal”, ainda inexistente entre nós: “Apenas entendo que, dispondo como dispomos de material documentário ainda pobre ou pouco acessível e de uma imaginação ainda mal-educada, esse historiador ideal, erudito e ao mesmo tempo compreensivo, [...] não poderíamos improvisá-lo de súbito”.⁸⁷

Somente estes dois artigos do início da década de 1950, entre outros que poderíamos estudar, já nos oferecem os elementos necessários para compreensão de sua concepção de história e da responsabilidade social do historiador, ideias que ele irá recapitular muitas vezes nas décadas seguintes. A esta reorganização da disciplina histórica no Ocidente, que no caso particular brasileiro coincide com a modernização dos estudos históricos – sua institucionalização universitária –, associa-se o autor que demarca também para si mesmo um novo recomeço.

⁸⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Para uma nova história [1950]. In: *op. cit.*, 2011b, p. 23.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 25.

Um balanço historiográfico entre lugares distintos de enunciação

Uma boa medida da problemática dos lugares e da profissionalização do autor – além disso, das relações entre escrita de si e história da historiografia – pode-se encontrar em “O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos” (1951), escrito por Buarque de Holanda desde seu espaço “menor” de expressão (conforme ele mesmo), o da crítica no *Diário Carioca*. Anos depois, Buarque de Holanda já catedrático na FFLC, este texto foi traduzido como “Historical Thought in Twentieth-Century Brazil” (1967), constante na antologia de textos historiográficos organizada pelo brasilianista Edward Bradford Burns (1932-1995), do “Institute of Latin American Studies”, sediado na Columbia University.

A única mudança significativa operada deliberadamente entre o original e a tradução do texto de Buarque de Holanda está no título do ensaio, mais ambicioso em língua inglesa. Isso porque, pelo menos à testa do texto, o horizonte temporal resulta consideravelmente dilatado: antes, indicativo de uma resenha do pensamento histórico “nos últimos cinquenta anos”, o novo título garante que o texto agora contempla “o pensamento histórico brasileiro no século 20”. Essa mudança só pode significar, mesmo à primeira vista, que o autor concebia ainda válidas as perspectivas esboçadas havia mais de quinze anos, e agora apresentadas aos americanos interessados em estudos brasileiros. Considere-se ainda que o Buarque de Holanda que em 1951, de seu posto de “observador” (conforme definia o espaço da crítica no jornal) enunciava os novos horizontes da história como disciplina no Brasil, dispunha agora, em 1967, de um lugar de autoridade definitivamente assegurado para tanto.

O coordenador de *Perspectives on Brazilian History*, Bradford Burns, esperava contribuir para o campo de estudos historiográficos, que considerava, ainda em 1967, como largamente negligenciado nas Américas, e particularmente no Brasil.⁸⁸ Não esqueçamos igualmente que a antologia ganha em relevância se relacionada à emergência, na década de 1960, dos chamados brasilianistas. Naqueles tempos, muito em função da revolução cubana (1959) e do golpe de 1964 no Brasil, crescia o interesse dos norte-americanos pelos estudos brasileiros e latinos, refletido em vultosos financiamentos de pesquisa. A categoria dos brasilianistas foi inventada para abarcar, de modo geral, os estudiosos estrangeiros

⁸⁸ Além de Buarque de Holanda, contribuíram Caio Prado Jr. e José Honório Rodrigues, entre outros. Também alguns textos fundamentais de Karl F. P. von Martius (1794-1868) e Capistrano de Abreu (sobre Varnhagen) foram traduzidos. Além do prefácio, Bradford Burns encerra a antologia com “A bibliographical essay on brazilian historiography”, preocupado em mapear a produção de historiografia brasileira – desde os anos 1950, com os trabalhos de José Honório Rodrigues, a quem considera pioneiro na matéria –, para oferecer subsídios à compreensão mais ampla deste campo, tarefa que caberia às novas gerações. BURNS, Edward Bradford. A bibliographical essay on brazilian historiography. In: *Perspectives on brazilian history*. Los Angeles: Columbia University Press, 1967, p. 197-206.

especializados em assuntos brasileiros.⁸⁹ Também é importante considerar que Buarque de Holanda seguiu intenso roteiro de atividades nos Estados Unidos, entre 1965 e 1967, quando circulou em diversas universidades e, principalmente, atuou como visitante na New York State University.

Constata-se no texto de Buarque de Holanda o discurso do método como divisor de águas na produção historiográfica brasileira. Na visão do autor, assim como em Honório Rodrigues (1949), o posto de fundador da historiografia moderna no Brasil cabia a Capistrano de Abreu,⁹⁰ historiador que se achava a salvo dos riscos de uma história lisonjeira, assentada apenas sobre o fato bruto e o simples testemunho documental, nos quais sucumbiram, ainda segundo seu modo de ver, a imensa maioria de todas as tentativas semelhantes. Buarque de Holanda aproximou inusitadamente, mas não ao acaso, Capistrano de Abreu a Marc Bloch: assim como ensinava este último, Capistrano já sabia, por outras vias, que a reconstrução do passado dependia da boa capacidade de o historiador lançar perguntas decisivas às fontes. Daí a assertiva “no princípio está o espírito”: Buarque de Holanda deixava implícito, além de definição obtusa do que entendia por “pensamento histórico”, o alcance da heurística como estágio intermediário entre a interpretação e a prova documental. Desse modo é que Capistrano de Abreu divergia fundamentalmente da concepção tradicional da história, da qual reteve apenas o rigor metodológico com que adequadamente impunha freios à imaginação.

Esta aproximação insólita abre tortuoso caminho, a golpes de facão, entre Capistrano de Abreu e ele mesmo, como continuador desta moderna tradição, agora institucionalizada no meio universitário.⁹¹ Não por acaso, Buarque de Holanda cita somente de passagem os “ensaios de investigação e interpretação social”, de Silvio Romero a Gilberto Freyre, “situados na periferia dos estudos estritamente históricos”,⁹² muito embora se mostrasse cômico de que tivessem estes “aberto sendas para a interpretação elucidativa”. O problema, em seu modo de ver, estava em que de forma interessada, e por vezes deformadora dos fatos, os ensaios de interpretação explicavam o processo histórico em chave exclusivamente nacional, e que não raro

⁸⁹ MASSI, Fernanda Peixoto. *Brasilianismos, 'brazilianists' e discursos brasileiros*. *Estudos históricos* (RJ), v. 3, n. 5, 1990, p. 29-30.

⁹⁰ Honório Rodrigues confessou ter melhor conhecido Capistrano de Abreu com Buarque de Holanda no INL. “From Sergio I learned to be an unconditional admirer of Capistrano de Abreu”. In: WIRTH, John Davis. An interview with José Honório Rodrigues. *Hispanical American Historical Review*. v. 64, n. 2, 1984, pp. 221.

⁹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Historical thought in twentieth-century Brazil. In: BURNS, Edward Bradford. *op. cit.*, 1967, p. 181-182.

⁹² *Ibid.*, p. 190.

descambaram em doutrinação integralista.⁹³ Creio que resulte significativa da afirmação de sua nova identidade de historiador de ofício o esquecimento deliberado de suas *Raízes do Brasil*, ensaio que o autor deixou de elencar entre os estudos brasileiros de 1930.

Buarque de Holanda louva ainda diversas iniciativas pela publicação de conjuntos de documentos históricos no início do século 20 – perspectiva também impulsionada por Capistrano de Abreu –, em benefício da pesquisa de temas ligados sobretudo ao passado colonial, como a ocupação do solo, as bandeiras e as missões jesuíticas. Com isso, ele via ganhar fôlego a história econômica e social, em detrimento da “história política, bélica e genealógica”.⁹⁴ Apesar dos surtos renovadores, Buarque de Holanda assinala algumas obras que destoavam dos incipientes esforços coetâneos de modernização da disciplina histórica. Nessa anacronia ele situava Rocha Pombo (1867-1933), autor de uma “História do Brasil” em dez volumes, publicados entre 1905 e 1917. Não obstante a laboriosa e considerável tentativa, Buarque de Holanda lhe não perdoou o pecado ligado ao *critério de apresentação* da pesquisa documental, “cumulativa dos fatos históricos”. Em oposição à empresa de Rocha Pombo, ele coloca o esforço de João Ribeiro (1860-1934), autor também de uma “História do Brasil” (1901), para fins didáticos, mas o volume “extremamente condensado” lhe rendeu elogios quanto ao *sistema de exposição* adotado, que lhe garantia a distinção com relação a outros empreendimentos semelhantes.⁹⁵ Em menor proporção, mas com um grau de importância decisivo para o bom êxito de um trabalho historiográfico, as adequadas formas de escrita da história também contavam, portanto, como parte dos esforços coletivos pela metodização dos estudos históricos no Brasil.

Não ignoro, para justa apreciação da escrita de si de Buarque de Holanda, que este texto sobre história do pensamento histórico brasileiro no século 20 se configurava como exercício de memória, como outros autores já apontaram: um parcial e incompleto arrolamento e classificação de autores e obras costurados pelos seus critérios de definição – ou pela procura de um sentido – para “historiografia moderna”. Buarque de Holanda se mostrou cômico deste caráter memorial, tendo por vezes esclarecido e se escusado de rápidas menções que precisou fazer.

⁹³ *Ibid.*, p. 192.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 184.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 188.

Todavia, o autor nitidamente privilegiou trabalhos melhor afinados com seus padrões de juízo e discernimento: em primeiro plano, as práticas metódicas de inquirição e interpretação documental e, em menor medida, a forma de apresentação ou “sistema de exposição” das fontes interpretadas, mas que poderia decidir, em segundo plano, pela boa ou imperfeita qualidade de um trabalho historiográfico. Como em todo exercício de memória em forma textual, este também se voltava para o futuro. Do ponto de vista do autor, a complexidade e a variedade temática que se desenvolvia então em história do Brasil rogava cada vez mais o auxílio dos métodos desenvolvidos em “países de longa tradição de estudos históricos especializados”, métodos esses que deveriam ser assimilados e aplicados aos problemas brasileiros. Foi nesse sentido que evocou como decisiva para o desenvolvimento da pesquisa histórica no Brasil a presença dos “mestres estrangeiros” – a despeito das grandes diferenças entre um Fernand Braudel ou um Henri Hauser –, trazidos ao país para dar impulso às primeiras faculdades de filosofia e letras, da USP e da UDF. Tamanha importância atribuiu a essa assimilação dos novos problemas e métodos de pesquisa sugeridos pelos professores franceses que não hesitou em afirmá-la como o germen mais promissor para novos desenvolvimentos na historiografia brasileira.⁹⁶

Considerada a história da historiografia em sua função afirmativa,⁹⁷ já se apontou que ela incide sobre as expectativas da disciplina, como discurso autolegitimador e, nela, do lugar dos próprios autores. A percepção do estreitamento de Buarque de Holanda com relação a Capistrano de Abreu se deve a Rebeca Gontijo: “Capistrano é apresentado como propositor de um tipo de historiografia distinta daquela produzida por seus antecessores e contemporâneos, e bastante próxima daquela que era produzida e/ou idealizada na década de 1950 [...]”.⁹⁸ Aliás, é interessante apontar, em reforço a esta percepção, que Buarque de Holanda afirmou tê-lo conhecido pessoalmente, por intermédio de Paulo Prado (1869-1943). Capistrano de Abreu estava na ponta da língua, foi o primeiro a ser lembrado quando certa feita se lhe perguntou sobre seus laços de amizade com outros historiadores.⁹⁹

⁹⁶ *Ibid.*, p. 195.

⁹⁷ A outra função básica é a crítica. Cf. BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 32.

⁹⁸ GONTIJO, Rebeca. Tal história, qual memória? Capistrano de Abreu na história da historiografia brasileira. *Projeto História* (PUC-SP), n. 41, 2010, p. 492.

⁹⁹ SOUZA, Laura de Mello e. *op. cit.*, 2004, p. 13.

Angela de Castro Gomes, ainda antes, também comentou “O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos”. A autora sublinhou que, ao valorizar os novos centros de debate e produção de saberes, os institutos históricos ficam como que esquecidos e deslegitimados pelo autor. Isto é certo, pois, embora Buarque de Holanda tenha reservado um parágrafo para elencar as contribuições dos institutos históricos em termos de histórias regionais, o “futuro da historiografia” ele o reservava para as universidades, lugar onde as metodologias dos professores estrangeiros começavam a render frutos. Para ela, o balanço de Buarque de Holanda significava acima de tudo um “ritual de consagração dele mesmo por ele mesmo”, com o objetivo de autoproclamar-se, para o século 20, como “novo pai fundador na genealogia da tradição da história no Brasil”.¹⁰⁰ Tal atitude seria possibilitada, na visão da autora, pelo seu novo lugar de autoridade, como “professor universitário de história em São Paulo e ex-crítico literário aplaudido”.¹⁰¹ Ora, sabemos que em 1951 Buarque de Holanda exercia, mais do que nunca, de forma regular e bem remunerada, a crítica literária. Além disso, já acompanhamos a forma pela qual o crítico, ao retomar a ocupação em 1948, se propunha a utilizar aquele espaço, ainda relativamente exterior às transformações disciplinares: “transformações que *pretenderei acompanhar daqui*, não como um profeta, mas como um monitor ou um exortador” (cf. nota 76, cap. 2). Por fim, não se acha autocitação de Buarque de Holanda nesse ensaio. Naquele momento, tratava-se, antes, de um autor *pela* profissionalização dos estudos históricos, situado em lugar de enunciação relativamente periférico ao seu centro de interesses, e que costurava um passado e um futuro. A “autoconsagração dele mesmo por ele mesmo”, ademais, confere-se com maior substância e força em outro tempo, os anos de 1979-1980, com *Tentativas de Mitologia*, livro que lhe rendeu prestigiosa premiação.

A questão da presença implícita de Buarque de Holanda como regulador dos rumos da historiografia brasileira para o século 20 pode por exemplo ser melhor constatada na tradução de 1967, em que o título novo reconfigura justamente nessa chave o sentido do texto. Em não atualizando o balanço com análises dos estudos produzidos entre os anos 1950 e 1960, a sua posição na história da escrita da história ficava vinculada nesse balanço à missão universitária francesa, como uma espécie de epígono da “última palavra” em teoria e método históricos.¹⁰²

¹⁰⁰ GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009, p. 161.

¹⁰¹ *Idem*.

¹⁰² Um trio de autores também analisou “O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos”. Na mesma esteira de Ângela de Castro Gomes, assinalaram que o texto, da parte do autor, representava uma “tentativa de ruptura consigo mesmo”. Não há dúvidas que desde 1948 Buarque de Holanda tenha procurado instaurar um novo recomeço, a partir de diversos rearranjos de ideias e posições, processo do qual o balanço de 1951 faz parte. O que eu gostaria era de

A disciplina histórica pelo historiador de ofício

Em nítido contraste com a declaração de “Missão e Profissão”, em que Buarque de Holanda se posicionava como um cronista da vida intelectual acadêmica, está uma entrevista concedida em 1959, logo após ter assumido a cátedra. O historiador então assegurava a impossibilidade de retorno aos jornais: “[a crítica] fiz em caráter transitório e como ganha-pão [...]. Todo o meu tempo disponível, inclusive sábados e domingos, é dedicado à cátedra e às minhas obras”.¹⁰³ Não se verifica quase diferença no conteúdo de sua concepção de história. Ainda assim, é interessante notar como a mudança na perspectiva pouco influenciou sobre a concepção epistemológica em si, que basicamente não se altera, pesando mais a tentativa de melhor definição das fronteiras disciplinares.

Se os artigos entre 1940 e 1950 são trabalhos de um autor *pela profissionalização* dos estudos históricos, e o balanço do pensamento histórico no Brasil no século 20 foi publicado (1951) e republicado (1967) desde lugares e suportes distintos, os discursos sobre história que estudaremos agora são trabalhos de um historiador plenamente estabelecido profissionalmente, que fala não apenas de um lugar agora preciso, mas *em função do lugar*, a cátedra de História da Civilização Brasileira da USP. Agora, o desafio, além de modernizar o estudo da história do Brasil, é delimitar a identidade disciplinar específica da história entre as ciências sociais, principalmente em relação à sociologia. No mesmo movimento, a autorrepresentação de Buarque de Holanda como historiador se faz concomitante à autoimagem do que se pretende definir por historiador de ofício.

Algumas evidências de suas diferenças para com modos concorrentes de explicação histórica podem ser encontradas na conferência sobre “História” (196-), preparada especialmente para os membros do “Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay”, entidade estudantil do curso de história da USP, e jamais publicada.¹⁰⁴ Nesta conferência se tornam mais visíveis os esforços de delimitação de um conceito de história, na esteira da tentativa de

relativizar a *ruptura*, termo um pouco forte se considerarmos que algumas das concepções e referências de pensamento histórico, Buarque de Holanda carregaria muito adiante. O trabalho dos autores, muito mais abrangente que esse ponto específico, merecerá outras considerações logo mais. Cf. PEREIRA, Mateus Henrique; SANTOS, Pedro Afonso dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brazilian historical writing in global perspective: on the emergence of the concept of “historiography”. *History and Theory*. Theme Issue 54, december 2015, p. 100.

¹⁰³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. História brasileira num castelo medieval [entrevista]. *Folha da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1959, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 204].

¹⁰⁴ A catalogação do documento no acervo pessoal de Buarque de Holanda não precisa a data da conferência, que aparece como “196-”. Contudo, pela citação de um livro de 1966, torna-se viável diminuir a imprecisão para situar a conferência pelo menos entre os três últimos anos daquela década. Embora no documento não apareça qualquer indicação de lugar, no catálogo se encontra o “Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay” [Siarq – Fundo SBH, Pi 179].

demarcação de fronteiras disciplinares. Se a delimitação disciplinar, conforme indica Buarque de Holanda, se fazia em função da concorrência da sociologia, muito contava também a posição definitiva que passou a ocupar como professor catedrático de história na USP. O fato de representar um estatuto definitivo importa inclusive mais que a posição de autoridade por si só, embora tais fatores não estejam dissociados. Mas, como em essência os fundamentos epistemológicos não se transformam no decorrer dos anos, creio que a repetição seja sintomática tanto da afirmação da sua própria identidade de historiador, quanto, não apenas as relações, mas da definição das especificidades da disciplina histórica entre as ciências sociais, definição para a qual, havia muito, Buarque de Holanda contribuía como ator de primeiro plano.

Vejamos, afinal, o que diz este trabalho, que infelizmente não circulou, tendo atingido apenas público muito restrito. Perceba-se, de início, que o autor fez questão, já nas primeiras palavras, de bem precisar o lugar de onde falava. Também se nota o recurso às suas memórias pessoais, com base nas quais novamente sugere um sentido para sua trajetória intelectual, que culmina na imagem cristalizada do historiador de ofício.

Convidado, não há muitos anos, pelos estudantes de História a proferir a aula inaugural de nosso Departamento, tive a oportunidade de fazer algumas observações que, ao menos em parte, gostaria de retomar aqui. O tema da dissertação que quase me tinha sido imposto pelos alunos, relacionava-se com o que me parecia constituir uma espécie de complexo de inferioridade que sentiam eles em relação aos seus colegas de Sociologia. A História, diziam, cai frequentemente no fluido e no impreciso, em contraste com a Sociologia, que esta, não raro, se apresenta como uma ciência legiferante, empenhada em estabelecer análises racionais, balizas, definições ou soluções prontas. [...] Para atender à perplexidade dos meus estudantes, comecei a falar de algumas lembranças pessoais. Para o caso especial das relações entre História e Sociologia – não digo de propósito Ciências Sociais porque julgo pessoalmente que História também é Ciência Social – eu tinha razões particulares para fazer apelo a essas lembranças. Na verdade, eu próprio tenho sido muitas vezes qualificado de sociólogo, apesar de não aceitar de muito bom grado essa etiqueta. Durante quatro anos, por dois períodos consecutivos, cheguei a vice-presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia. Além disso, tomei parte em numerosas bancas de concurso de Sociologia. Acresce que tenho eu próprio, por concurso, o grau de Mestre em Sociologia, perdão em Ciências Sociais, o que me põe a vontade para discorrer sobre as relações entre as duas matérias.¹⁰⁵

Resultaria em redundância sublinhar que o ambíguo desagrado do autor com relação a uma possível identificação como sociólogo favorece o reconhecimento como historiador. Apenas lembro que ele já havia renegado nos anos 1950 a etiqueta exclusiva de crítico, ao que

¹⁰⁵ Palestra proferida por Sérgio Buarque de Holanda, discorrendo sobre o tema 'História', a convite dos alunos do 'Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay'. [196-], p. 1 [Siarq – Fundo SBH, Pi 179].

se soma agora essa insatisfação em ser confundido com sociólogo – embora tivesse antes escrito “Novos rumos da Sociologia” (1948) e, agora, lembrado de suas relações próximas com a disciplina.

Em suma, o elemento básico da fronteira que Buarque de Holanda estabelece entre história e sociologia tem base no caráter mais fundamental da epistemologia da história, o(s) movimento(s) da(s) temporalidade(s). Segundo o que lembra o autor, foi o que ele tratou de responder a um dos membros da banca de arguição do mestrado em sociologia, que havia sentido falta de melhor definição da *estrutura* da sociedade em questão (o grifo em “estrutura” consta no manuscrito de Buarque de Holanda):

Objetei-lhe que semelhante argumento era próprio de sociólogos ou antropologistas, pois que em história as estruturas, quando mal se insinuam já são quase ao mesmo tempo superadas. História é mobilidade constante. [...] estava pensando em particular em certos representantes da escola francesa de Durkheim, que às vezes tinham em escassa conta a História, só por isso que, em contraste com as demais ciências, ela parece inacessível ao império das leis e dos esquemas precisos.¹⁰⁶

Segue-se a isso uma nítida antipatia para com o estruturalismo, “escola” ou “método” que, em sua visão, já ameaçava invadir a historiografia, após ter conduzido a linguística a uma formalidade digna das ciências naturais.

Ao tempo que eu dizia dessas coisas aos meus estudantes ainda não tinha o renome que hoje alcançou e nem se achava plenamente constituído o estruturalismo. [...] Para os estruturalistas, que tiram suas origens de Durkheim e, através do sociólogo francês, do positivismo do século passado, em particular do positivismo de Auguste Comte, torna-se possível estudar os homens primitivos mais ou menos como se fossem formigas. [...] Mas se tal coisa se torna possível, é por se tratar de povos “sem história” – assim o admite o próprio Lévi-Strauss. É evidente que não se poderiam aplicar critérios semelhantes a homens como nós, que nos presumimos civilizados, pelo simples fato de termos um passado consciente, de termos e vivermos uma História.¹⁰⁷

O texto da conferência é extenso e complexo. Pode-se dizer, a rigor, que se trata de uma reflexão epistemológica, produto raro na trajetória intelectual do autor. Ele mesmo o admite: “Já não é possível apenas escrever história, é preciso saber refletir, e refletir demais sobre a

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 2.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 2-3.

história, sob pena de permanecer na rotina”.¹⁰⁸ A reflexão nesse texto possuía objeto delimitado: a cientificidade da história e suas fronteiras. Para tanto, Buarque de Holanda mergulhava na história da disciplina, desde sua constituição teórica com Wilhelm Dilthey (1833-1911) entre os séculos 19 e 20, como ciência do particular, e por oposição às ciências naturais. Discutia também as noções temporais mecânica e orgânica, às quais vincula, respectivamente, o positivismo e o historicismo, até a relatividade e a teoria quântica, da qual o autor esboçou aproximar a história quantitativa ou serial.

Baste-nos, contudo, observar a relação entre o lugar de enunciação do seu discurso e o objetivo preciso de colocar em discussão a pretensão de cientificidade da história, argumento pelo qual se distancia das correntes em voga. Buarque de Holanda, enfim, demarcou com nitidez o seu lugar de enunciação, em se contrapondo a quadros analíticos pré-concebidos que ele considera como próprios à sociologia e ao estruturalismo. Resta, ainda, acompanhar as objeções que o autor impôs à história quantitativa, “tendência [que] se acentuou principalmente no campo da história econômica, onde é mais fácil a quantificação”.¹⁰⁹ O que nela desaprovava era a confiança irrestrita nos números e dados estatísticos, que teriam um alcance limitado no estudo da maior parte das questões do passado: “Hoje alguns adeptos da história quantitativa já se lançam às estatísticas a todo propósito, com um ardor de neófitos que chegaria a fazer inveja aos adeptos das tendências positivistas [...]” (*idem*). Mesmo no Brasil, ele afirma, malgrado as dificuldades da documentação fragmentária e imprecisa da atividade mineradora, da escravidão ou até mesmo do café, a “quantificação principiava a expandir-se de tal sorte que, para muitos, a presença de números, tabelas ou gráficos já parece indispensável em qualquer trabalho histórico digno desse nome” (*idem*).

Enfim, após todas essas contraditas, Buarque de Holanda retomava a conhecida defesa do significado da história em função da compreensão do presente. Aí se encontrava, segundo ele, o “obstáculo maior” para aqueles que ambicionavam uma disciplina histórica rigorosamente científica, que subestima o papel da subjetividade inerente ao historiador. O autor repetia a historieta envolvendo Marc Bloch e Henri Pirenne, outrossim o aforismo de Goethe, para reafirmar ainda uma vez o contraponto entre o culto do passado e o mister do “verdadeiro historiador”.

¹⁰⁸ No arquivo, o texto da conferência vem acompanhado de um rascunho anexo. *Ibid.*, p. 3 [anexo].

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 10.

[...] a História, para os homens não representa tão só um objeto de contemplação desinteressada e um espetáculo. Em verdade nós vivemos a História e a ela pertencemos de corpo e alma. Tanto que se faz mister às vezes uma devoção quase heroica para nos desvincularmos dessa condição e, por conseguinte, dos mitos e tabus que podem embaçar nossa visão da realidade histórica. [...] São essas sem dúvida, mais do que quaisquer outras, as barreiras que embaraçam o tratamento objetivo do passado.¹¹⁰

Uma última observação reprobatória deste pretensão rigor cientificista para a história se encontrava, em sua ótica, em um “vício” a que se deixaram dominar “largos setores de nossa historiografia”. Tratava-se da obsessão pela precisão vocabular, ou seja, o critério da existência ou não de certas palavras para se poder determinar ou não, em certo contexto histórico, a presença da coisa significada.¹¹¹ Este excesso de zelo científico para com as palavras também poderia comprometer o núcleo mesmo da história, a ênfase sobre a mudança temporal, ação à qual também se submetem as palavras. O rigor vocabular, que se queria oposição cerrada à presença de elementos subjetivos no pensamento histórico, resultava, para Buarque de Holanda, em reconstrução deformadora do passado, tanto deformadora quanto os caprichos da imaginação.

Uma outra amostra de suas diferenças para com a historiografia contemporânea se acha no prefácio à segunda edição, revista e ampliada, de *Visão do Paraíso* (1968). Nele se encontra uma das mais importantes considerações sobre história por Buarque de Holanda, que aprimora consideravelmente a sua concepção em relação aos textos de fins dos anos 1940 e 1950. *Visão do Paraíso* se apresentava como “contribuição para a boa inteligência de aspectos de nossa formação nacional ainda atuantes nos dias de hoje”.¹¹² A segunda edição se realizou em função da continuidade da pesquisa e, por conseguinte, do alargamento da base documental que sustentava a tese. Quanto ao extenso prefácio, diz o autor: “julguei que uma explicação preliminar ajudaria a desfazer enganos de interpretação surgidos desde que [o livro] foi publicado pela primeira vez [1959]”.¹¹³

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 13.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 16.

¹¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio à segunda edição [1968]. In: *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 12.

¹¹³ *Ibid.*, p. 11.

O historiador toma a defesa de seu livro em relação à crítica marxista,¹¹⁴ antecipando o cuidado em afirmar que não se tratava de uma história “total”, posta assim, entre aspas. Ele houvera recebido críticas quanto à ausência de suporte “material” em suas análises, uma vez que o acento recaía sobre as ideias ou mitos como móveis da conquista e colonização das Américas.

Mas, até mesmo entre os teóricos marxistas vem sendo de há muito denunciado o tratamento primário e simplificador das relações entre base e superestrutura, que consiste em apresenta-las sob a forma de uma influência unilateral, eliminadas, assim, quaisquer possibilidades de ação recíproca [...]. Ora, assim como essas ideias se movem no espaço, há de acontecer que também viajem no tempo, e porventura mais depressa do que os suportes, passando a reagir sobre condições diferentes que venham a encontrar ao longo do caminho.¹¹⁵

Em relação ao estudo dos mitos, Buarque de Holanda insiste que a ambição de quem deseje fazer “reviver as origens” pode facilmente se prestar a equívocos. Desse modo, retoma a máxima de Goethe e o valor superior atribuído à dimensão presente do tempo na inteligibilidade da história.

Esta espécie de taumaturgia não pertence, em verdade, ao ofício do historiador, assim como não lhe pertence o querer erigir altares para o culto do Passado, desse passado posto no singular, que é palavra santa, mas oca. Se houvesse necessidade de forçar algum símile, eu oporia aqui à figura do taumaturgo a do exorcista. Não sem pedantismo, mas com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas de seu tempo – mas em caso contrário ainda se pode chamar historiador? – consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quer isto dizer, em outras palavras, que a lúcida inteligência das coisas idas ensina que não podemos voltar atrás e nem há como pretender buscar no passado o bom remédio para as misérias do momento que corre.¹¹⁶

Muito embora seu núcleo epistemológico permaneça idêntico às reflexões das décadas anteriores, mais forte que isso é o fato de que Buarque de Holanda as efetiva, em *Visão do*

¹¹⁴ José Adil de Lima apresenta uma hipótese interessante para a explicação do relativo eclipse de *Visão do Paraíso* na historiografia brasileira até os anos 1980, diversa mas complementar daquela apresentada por Vainfas sobre o domínio do marxismo acadêmico (Cf. nota 10 da introdução). Para Adil, que se apoiou nas discussões travadas durante a defesa da tese de Buarque de Holanda, publicadas na *Revista de História* (n. 38, 1959), houve desconforto com relação à forma de apresentação da tese, destoante dos padrões formais acadêmicos em vigor, de história estrutural e quantitativa. Cf. LIMA, José Adil B. de. *Entre a Crítica e a História: a construção de Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013, p. 111.

¹¹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 2010 [1968], p. 24.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 21-22.

Paraíso, conforme sugerem os debates entretidos no prefácio de 1968, na própria escrita da história. Tanto a palestra sobre o conceito de história quanto o novo prefácio de *Visão do Paraíso* apontam para alguns debates historiográficos que se acirrarão na década de 1970, os quais serão estudados no próximo capítulo.

O recurso à memória disciplinar pelo historiador consagrado

– “Fui influenciado pela historiografia alemã?” – Retrucou Buarque de Holanda a Richard Graham, quando este lhe perguntou sobre o assunto em 1982. Graham devolveu-lhe que era o que se ouvia dizer. Só então Buarque de Holanda tratou de tentar esclarecer.

It’s all conjecture and accidental juxtaposition. I lived in Germany, but that’s not enough to say I was influenced by German historians; I’ve also lived in Italy, in France, in the United States. Here’s a recent example of such accidents: Florestan Fernandes, the editor of a series of anthologies, knew I could read German and asked me to pick a German historian, any one I wished, from whose work I would choose some texts. I decided to tackle Leopold von Ranke. Burkhart was another possibility, but he worked primarily on art, on the history of the Renaissance, and on Greek culture. So I chose Ranke, did some reading, selected the texts, and wrote a fifty-five-page introduction for it.¹¹⁷

Tudo que admitiu foi a influência quase inevitável exercida por Ranke sobre todos os historiadores, considerando-se, para isso, que fora decisiva a contribuição do alemão para a historiografia como um todo, quanto ao tratamento da pesquisa histórica documental ou por seu método de discussão em seminários. No mais, sobre as marcas das leituras alemãs em seu trabalho, Buarque de Holanda não fez senão lamentar-se. Mesmo de Weber procurou se distanciar.¹¹⁸ Suas melhores memórias do período na Alemanha ele diz se resumirem menos à formação propriamente dita de um pensamento histórico que à frequência da boemia literária.

In Berlin I attended, very unsystematically, lectures by Friedrich Meinecke. They suggested new paths. I read Ernst Kantorowicz on Frederick III and then Sombart and, through Sombart, I came to Weber. I still have, here on my shelf, works of Weber that

¹¹⁷ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 5.

¹¹⁸ Em estudo sobre Weber, e em capítulo particular sobre a recepção deste autor nos trópicos, Sérgio da Mata assinala que, considerando-se os trabalhos mais recentes sobre Buarque de Holanda, os mesmos que procurei discutir como um retorno crítico à primeira edição de *Raízes do Brasil*, “talvez tenha chegado a hora de se deflacionar a crença numa influência decisiva de Weber sobre este ‘clássico de nascença’”. Isso porque a presença de Weber, na primeira edição, estaria entremeada com as presenças de outros autores, mais distantes das posições de Weber, como Oswald Spengler e Carl Schmitt. Por isso, em sua análise, “provavelmente se viu ali mais Weber do que foi efetivamente o caso”. Cf. MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 193.

I bought at that time. [...] I may have been the first Brazilian to cite Weber in print. But the principal immediate effect I soon shrugged off: mystic philosophy and irrationalism. My best memories are still of the worldly bohemian euphoria of those last days of the Weimar Republic. I also remember interviews with Thomas Mann, as well as with some avant-garde literary figures.¹¹⁹

Ainda a propósito de influências, é interessante perceber que o historiador da mesma forma não aceitou bem a aproximação com Braudel efetuada pelo seu interlocutor. Este último havia perguntado que problemas históricos ele achava urgente que fossem enfrentados. O historiador paulista não entendeu bem a pergunta. “Em sentido braudeliano”, completou Graham, acrescentando que Braudel falava muito em *histoire problème*. “Sim, e de *longue durée*” – redarguiu Buarque de Holanda. “Mas seus discípulos trabalham mais sobre problemas do que ele”.¹²⁰ Ainda que o autor de *Raízes do Brasil* tenha lembrado ligeiramente das cartas de Braudel (e de Febvre) que guardava, isso foi tudo o que disse sobre o historiador das longas durações.

Bem se deduz, por esses excertos da entrevista, que Buarque de Holanda resistia bem às etiquetas e identificações fáceis, do mesmo modo que lutou contra o aprisionamento do fluido móvel da história a esquemas rígidos concebidos *a priori*. Parece-me, todavia, que se pode encontrar ao fundo dessa atitude de resistência, manifesta igualmente no depoimento para o MIS, e como veremos, em *Tentativas de Mitologia*, um desejo de esquecimento ou, pelo menos, de relativização da ascendência do historicismo sobre seu pensamento histórico. Seria exagero dizer que Buarque de Holanda omite as “influências alemãs” em seu pensamento histórico, mas também, com base neste e outros depoimentos, não se pode afirmar que ele enxergasse com bons olhos, naqueles anos derradeiros, uma associação direta e exclusiva de seu trabalho com a historiografia alemã. É verdade que, como ele mesmo lembra, viveu também em outros países e tramou relações mais complexas com outras escolas de pensamento. Sabemos que participou ativamente do período de reconstrução do pensamento histórico no pós-guerra. Também que, neste período, estreitou relações com os historiadores dos *Annales*, sobretudo com a leitura de Marc Bloch e o convívio com Lucien Febvre, a ponto de defender abertamente a epistemologia do tempo presente e o paradigma da história-problema “para uma nova história”. Foram esses relacionamentos, e essas concepções, pois, que ele decididamente relembrou e sublinhou em diversas ocasiões.

¹¹⁹ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 5.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 11.

De todo modo, se ele se esforçou em reedificar sua identidade intelectual desde 1948 sobre novos eixos, não se deve desprezar que muitas das ideias anteriores, desde sua passagem pela Alemanha, permaneceram vivazes, e isso até o fim. Os exemplos mais explícitos são o ensaio sobre Ranke e a referência constante a Goethe, tido por Friedrich Meinecke (1862-1954) como um dos grandes autores na gênese do historicismo (*Die Entstehung des Historismus*, 1936). Lembremos que foi em socorro à fórmula de Goethe que Buarque de Holanda convocou “a autorizada opinião de um dos mais ilustres historiadores de nossos dias”, Marc Bloch (cf. nota 83, cap. 2). O que pretendo sugerir, com isso, é que talvez se encontre na concepção de história de Buarque de Holanda a interpenetração dos paradigmas da história-problema e do historicismo – ou, antes, de algumas conquistas perenes deste último, depurados os seus riscos.¹²¹

Sem enveredar pelos meandros de tão amplo debate sobre os riscos, os expurgos ou a atualidade do historicismo,¹²² por ora baste considerar que concepções advindas dessa escola ainda carregava Buarque de Holanda. A principal delas: a relevância conferida à presença do passado no presente e a própria historicidade fundamental do homem como determinante da identidade singular da disciplina: “história é movimento e mudança”. A partir da leitura de Marc Bloch, porém, esta concepção se sofisticava em Buarque de Holanda, que passa a considerar de forma mais dinâmica as *circulações* entre passado e presente. Outra concepção apropriada por Buarque de Holanda que fora desenvolvida primeiramente no âmbito do historicismo: a compreensão histórica, para onde convergem a ciência e a vida, no tempo presente. Tal dimensão compreensiva é compartilhada, entre outros, por Max Weber e pelo próprio Marc Bloch,¹²³ ele mesmo já visto por mais de um estudioso como, no período entre as duas guerras, “o mediador primordial entre a ciência histórica alemã e a história à francesa”.¹²⁴ Ora, para

¹²¹ Nos dizeres de Otto Gerhard Oexle, considerando o historicismo como procedimento geral de historicização dos fenômenos culturais, tal como estabelecido por Friedrich Nietzsche (1844-1900), Ernst Troeltsch (1865-1923) ou Max Weber, torna-se duvidoso que a historiografia moderna um dia possa superar este paradigma do qual ela é “apesar de tudo, manifestamente tributária”. OEXLE, Otto Gerhard. *L'historisme en débat: de Nietzsche à Kantorowicz*. Traduction de l'allemand par Isabelle Kalinowski. Paris: Aubier, 2001, p. 105.

¹²² Ver, a propósito: IGGERS, G. *The german conception of history: the national tradition of historical thought from Herder to the present*. Wesleyan University Press, 1984; MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: Tese, Legado, Fragilidade. *História Revista* (UFG), v.7, n.1-2, pp. 1-22, 2006.

¹²³ Max Weber, para quem o fluxo constante da vida social coloca sempre novos problemas aos pesquisadores, estava preocupado com “o significado da ciência no contexto da vida humana”. Cf. WEBER, Max. A ciência como vocação [1919]. In: *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 32. Lemos, em Marc Bloch, que além do tempo presente como lugar de inteligibilidade da história, esta não tinha razão de ser senão para ajudar a viver melhor: “Un mot, pour tout dire, domine et illumine nos études: ‘comprendre’”. BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1949, p. 72 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹²⁴ DUMOULIN, Olivier. *op. cit.*, p. 61.

Buarque de Holanda a história só faz sentido se servir “para a boa inteligência da hora presente”, como ele repetiu em variadas oportunidades.

Thiago Nicodemo efetuou uma aproximação entre as obras e concepções de história defendidas por Friedrich Meinecke, Marc Bloch e um terceiro autor frequentemente citado por Buarque de Holanda, Benedetto Croce (1866-1952). Reservadas as particularidades de cada um destes autores, em comum temos que todos estavam à sua maneira preocupados com os problemas de seu tempo, de mais aguda crise da modernidade, nos anos 1930 e depois, e as alternativas que a história poderia contemplar.¹²⁵

Benedetto Croce, talvez mesmo antes da passagem de Buarque de Holanda pela Itália (1954), fora lido muito atentamente pelo nosso autor. Data de 1943 a edição (a quarta edição) de *La storia come pensiero e come azione* (1938) que se encontra em sua biblioteca, abundantemente grifada e anotada, em diferentes cores, o que possivelmente sugira releituras diversas. Croce recobrava de Goethe a conhecida máxima, sublinhada por Buarque de Holanda à página 31 daquela edição. O capítulo em que se encontra a passagem se chama inclusive “La storiografia come liberazione dalla storia”. Ao fim do livro, nas folhas que sobravam, anotou Buarque de Holanda: “A historiografia liberta-nos da história, p. 31”.¹²⁶

Muito significativa também é a leitura de Meinecke por Buarque de Holanda em tradução italiana de 1948, com apêndice de Croce: *Senso storico e significato della storia*. No prefácio, Meinecke informa que o pequeno livro saía como uma espécie de complemento a sua última obra, *Die Entstehung des Historismus*, de 1936. O primeiro capítulo chama-se *La storia e il presente*. Nele, Meinecke retoma a unidade que Goethe via entre passado e presente, este último sempre impregnado do primeiro, contra “il nostalgico desiderio d’un passato più bello”, trecho grifado por Buarque de Holanda.¹²⁷ No apêndice, Croce trata de demarcar algumas diferenças de posição com relação ao historicismo de Meinecke, que o taxava de “racionalista”, entre outros pontos de desavença. Croce respondia que seu racionalismo não era nem cartesiano nem iluminista, mas se constituía através da experiência histórica.¹²⁸

¹²⁵ NICODEMO, Thiago Lima. Modernidade, semântica do tempo e história da historiografia. In: *Urdidura do vivido: “Visão do Paraíso”* e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950. São Paulo: Edusp, 2008, p. 31.

¹²⁶ In: CROCE, Benedetto. *La storia come pensiero e come azione*. 4ª. ed. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1943, 353 p. [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹²⁷ MEINECKE, Friedrich. *Senso storico e significato della storia*. À cura di Maria Teresa Mandalari con appendice di Benedetto Croce. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1948, p. 14-15 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹²⁸ *Ibid.*, “Appendice”, p. 116.

Não é outro o sentido, afinal, da citação do relativismo de Croce por Buarque de Holanda naquela importante entrevista à *Veja* em 1976. Lado a lado com a autocrítica de *Raízes do Brasil*, lemo-lo afirmar a necessidade de reescrita permanente da história em função das mutações temporais, ou, dito de outro modo, da historicidade da própria história. Note-se também não casualmente a referência à “Escola Prussiana de História”.

Eu diria, junto com Benedetto Croce, que toda história é história contemporânea. Ou seja, nós sempre privilegiamos um aspecto em função de nossa realidade. Por exemplo, quando Bismarck governava todo-poderoso a Alemanha, a Escola Prussiana de História, ao estudar a Grécia Antiga, privilegiou muito as qualidades de Alexandre Magno, o homem forte que dominou toda aquela região por um bom tempo. Tudo isso em função de Bismarck. Nós contamos a história a partir da vivência cotidiana de nossos problemas, de nossa realidade. Os historiadores foram e sempre serão presas fáceis de seu tempo.¹²⁹

A frequência do historicismo por Buarque de Holanda é mais recorrentemente lembrada na trajetória – menos com apoio em evidências significativas que com base nessas memórias e “justaposições acidentais” – do “jovem Sérgio” ou, para recorrer novamente à sua forma de se lembrar daqueles primeiros tempos, no “meio contador de histórias do Brasil”. O interessante a notar, como resta subentendido nos discursos sobre história que acabamos de estudar, e no texto sobre Ranke que estudaremos na próxima seção, é que as ideias motrizes do historicismo tenham de alguma forma atravessado a sua obra, como princípio, ainda que nos seus últimos anos ele tenha talvez preferido esquecê-lo. Não de forma direta é que podemos percebê-las, mas mediada pelos desenvolvimentos subsequentes da historiografia no século 20 preconizados pelos *Annales*.

De ambas as tradições, portanto, Buarque de Holanda procurou se apropriar, mobilizando a memória disciplinar, nesses depoimentos, entrevistas e outros discursos em primeira pessoa, para legitimar suas suas posições epistemológicas, suas práticas e formas de representação do passado.

¹²⁹ COELHO, João Marcos. *op. cit.*, 1976, p. 6.

2.4 Escrita de si na crítica historiográfica e na história da historiografia

Entre a segunda metade dos anos de 1960 e a década de 1970, Buarque de Holanda escreveu boa porção de prefácios para obras historiográficas. Na maior parte, eram livros de seus estudantes e assistentes na USP, a quem ele dirigira em suas teses de doutorado. Numa palavra, os autores prefaciados foram seus “discípulos”, como alguns deles mesmos irão mais tarde se dizer, nos discursos de homenagem ao mestre que falecia em 1982. São os casos de, por exemplo, Maria Thereza Petrone, José Gonçalves Salvador, Suely Robles Reis de Queiroz, Maria Odila Leite da Silva Dias. Também algumas colegas na mesma universidade tiveram seus trabalhos prefaciados por Buarque de Holanda: Rosemarie Erika Horch (1930-2008), Myriam Ellis, Nícia Vilella Luz.

Nesses prefácios, o historiador invariavelmente se entregou à escrita em primeira pessoa. Alguns comentários autobiográficos em prefácios literários já vimos, ainda há pouco, como ele os fez: nada se comparava à lâmina afiada da crítica literária que exerceu durante três décadas; era, antes, o historiador que se lembrava afetivamente do exercício da crítica, *para* afirmar a sobreposição do historiador sobre o crítico: o “contador de histórias se profissionalizou” e a tudo devorou (cf. nota 68, cap. 2). Já nos prefácios a obras historiográficas não se verifica exatamente a mesma postura. A rigor, alguns prefácios extrapolam os limites da apresentação e recomendação da obra e compreendem a paisagem mais vasta dos debates em que ela se situa, oferecendo, assim, reflexão historiográfica em sentido amplo. Em minha leitura desses textos, subordinada às expectativas da presente pesquisa, procuro sublinhar que escrita de si, crítica historiográfica e história da historiografia encontram-se imbricadas. Visavam direcionar o desenvolvimento da disciplina histórica e demarcavam nesse processo as posições do autor de modo que, através de outrem, ele invariavelmente favorecia suas próprias concepções. Desse modo, consideremos a história em vivo movimento, que começava nos anos 1970 a se consolidar profissionalmente, após longa maturação. Nesse contexto, a autorreferência de Buarque de Holanda como historiador de ofício ganhava ainda maior sentido, como discurso de legitimação.

Falta precisar algumas questões antes de nos debruçarmos sobre tais textos. Como se relacionam as leituras historiográficas com a escrita de si? Gérard Genette pode mais uma vez servir de apoio para a reflexão. Sobre os prefácios alográficos, ele assevera que, para além da sua função básica de recomendação do livro, estes podem com facilidade se converter em

manifesto em proveito de uma questão qualquer, mais ampla, ou em pretexto para alguma confidência mais íntima.¹³⁰ Genette cita o livro de prólogos escritos por Jorge Luis Borges (1899-1986), traduzido para o francês como *Livre des prefaces* (1980), a fim de demonstrar a não necessária incompatibilidade entre recomendação e comentário crítico e, inclusive, a eficácia da crítica para a valorização de um livro. Borges, no original de 1975, sem ousar uma “teoria do prólogo” – que passa a existir de fato somente com Genette –, entende a sua função, do ponto de vista do autor do comentário, como “exercício lateral da crítica”.¹³¹

Quanto à crítica historiográfica, as obras recenseadas podem ser também apropriadas como pretexto para outras intencionalidades, nem sempre previstas originalmente. A princípio, esta prática é associada à produção de resenhas em periódicos científicos, sujeita a normas específicas e convenções institucionais, como forma de “controle” mais sistemático de determinado campo de saber.¹³² Ainda que tais condições ainda não houvessem amadurecido nem se disseminado na historiografia brasileira de antanho, mas ao mesmo tempo distante do modelo de crítica literária que Buarque de Holanda acostumou-se a desempenhar, os prefácios historiográficos do autor mobilizam, sim, denso aparato de erudição e respondem, por isso, à função básica da crítica bibliográfica, de julgar os méritos de um trabalho em função do desenvolvimento do campo de estudos em que se insere.

Observaremos a seguir como se apresentaram essas duas dimensões – a memória disciplinar e a deontologia profissional, na direção, esta última, das práticas historiadoras, suas convenções e regulações do campo disciplinar – nos prefácios escritos por Buarque de Holanda em fins dos anos 1960 e sobretudo nos anos 1970, já aposentado.

Em torno à cátedra

Richard Graham a certa altura quis saber de Buarque de Holanda qual fora a sua maior satisfação como historiador, ao que este respondeu ter sido o “sucesso em formar um grupo de verdadeiros historiadores”.¹³³ Em seguida, relativizou o peso de sua ascendência sobre o grupo, duvidava do termo “influências”, o principal era que cada um tivesse a liberdade de se

¹³⁰ GENETTE, Gérard. *op. cit.*, p. 274.

¹³¹ BORGES, Jorge Luis. *Prólogos, con un prólogo de prólogos*. Buenos Aires: Torres Agüero, 1975, p. 8-9.

¹³² MÜLLER, Bertrand. Critique bibliographique et construction disciplinaire: l'invention d'un savoir-faire. *Genèses*, n. 14, 1994, pp. 105-123.

¹³³ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 8.

desenvolver. Mas, lembrou também que mantinha uma relação estreita e pessoal com os estudantes, e também que, no ano anterior, cinco de seus antigos assistentes tinham em grupo lhe feito uma visita em casa. Entre 1961 e 1969, ele foi dos mais profícuos diretores de tese em história na USP.¹³⁴ Inclusive na área de história da historiografia, que começava a ganhar maior espaço na universidade, Buarque de Holanda orientou Maria Odila Dias, com “O Brasil na historiografia romântica inglesa”, de 1965, e presidiu a banca de Boris Fausto, que defendeu “1930: história e historiografia” (1969). Sobre aquilo que considerava a sua maior contribuição para a USP, evocou a fundação do IEB, como instituto de vocação interdisciplinar, e a formação de sua biblioteca, a partir da compra, em 1962, da coleção privada de João Fernando (também conhecido por Yan) de Almeida Prado.

Coube a Rosemarie Erika Horch, a partir de 1962, a organização e a publicação do catálogo de obras raras e documentos da coleção, a convite de Buarque de Holanda, que já conhecia desde os anos 1950 o trabalho da bibliotecária na Biblioteca Nacional (RJ). O manual saiu apenas em 1966, quando o IEB já tinha um segundo diretor, o antropólogo Egon Schaden (1913-1991), mas Buarque de Holanda foi quem o prefaciou. Na ocasião, ele aproveitou para reforçar os motivos expressos da criação do IEB, entre eles, a divulgação de obras raras ou de difícil acesso e, principalmente, “o de fazer melhor conhecidas as fontes menos acessíveis para melhor se conhecer o Brasil”.¹³⁵ Seguia, desse modo, aquele esforço de publicação de documentos, iniciado no tempo de Capistrano de Abreu, iniciativa à qual atribuía grande importância. O prefaciador enumerou em seguida alguns documentos interessantes, os quais preservava na memória, mas se absteve de uma apresentação detalhada do catálogo: “Seria o mesmo que pretender desbravar um terreno difícil com instrumentos que não possuo, e participar um pouco de méritos que não são meus. Basta-me a honra de poder figurar neste pórtico”.¹³⁶

¹³⁴ Cf. o levantamento temático que segue: “Na docência da cadeira de História da Civilização Brasileira, Sérgio Buarque de Holanda orientou mestrados e doutorados, destacando-se, nestes últimos, as seguintes áreas/temas: História do Brasil Colonial – Economia, Povoamento e Movimentos de População, Composição Social, especialmente sobre São Paulo; História do Brasil Império – Cultura/Ensino, Formação do Estado Nacional, Historiografia/Identidade Nacional, Escravidão em São Paulo e Imigração; História do Brasil República – Composição Política e Historiografia. Sua presença veio dar novo perfil às pesquisas em História do Brasil, introduzindo discussões sofisticadas, com utilização de referenciais weberianos, do historicismo, da escola psicossocial alemã. Essas reflexões enriqueceram as análises e matizaram matrizes marxistas”. In: CAPELATO, Maria Helena; FERLINI, Vera Lucia; GLEZER, Raquel. A escola uspiana de história. *Estudos avançados*, v. 8, n. 22, 1994, p. 354.

¹³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Relação dos manuscritos da coleção ‘J. F. de Almeida Prado’ [Prefácio, 1966]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 122. [Do original: HORCH, Rosemarie e. Relação dos manuscritos da coleção ‘J. F. de Almeida Prado’. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1996, pp. I-III].

¹³⁶ *Ibid.*, p. 123.

Outro p3rtico em que figurou foi o do livro de N3cia Villela Luz, “A Amaz3nia para os negros americanos” (1968). O pref3cio 3 emblem3tico da atitude comum de extrapassar os limites da mera recomenda33o do livro, no fito de desenvolver alguns pontos de contato entre este e as suas pr3prias investiga333es, havidas recentemente na biblioteca da Universidade de Yale, sobre o “Plano Webb” (1862), de transfer3ncia dos negros libertos dos Estados Unidos para a Amaz3nia. Somente ap3s longa explica33o dos documentos pesquisados, Buarque de Holanda concedeu espa3o para, do alto de sua posi33o, confirmar a pertenc3a da colega 3 esfera do “of3cio de historiador, que 3 o seu”.¹³⁷ O pertencimento da autora 3 comunidade de historiadores se justificava, segundo os crit3rios de Buarque de Holanda, al3m dos “m3todos e instrumentos eficazes de pesquisa” a que ela recorreu, tamb3m pelo “raro dom de saber captar e fixar com seguran3a os problemas de mais constante atualidade”.¹³⁸ Era importante relembrar o compromisso do historiador com o tempo presente – “ela bem sabe que o of3cio de historiador convida a ver as coisas do tempo sem acrim3nia” (*idem*) – diante da tem3tica pol3mica e das pontes que a autora estendeu entre a atualidade e as origens da controv3rsia, que poderia concorrer para a classifica33o da obra como sociologia hist3rica ou at3 de rela333es internacionais.

Antes da aposentadoria, em 1969, Buarque de Holanda teve ocasi3o de prefaci3r o livro de seu estudante e assistente Jos3 Gon3alves Salvador. Defendida em 1967, a tese “Crist3os Novos nas Capitanias do Sul (1530-1680): aspectos religiosos” sa3a com altera333es em coedi33o da Edusp e da Pioneira, como “Crist3os-Novos, Jesu3itas, Inquisi33o: aspectos de sua atua33o nas capitanias do Sul, 1530-1680” (1969). Na avalia33o do diretor da tese, o autor fez uma escolha dif3cil: estudar um objeto ingrato, dada a escassez de fontes, e por isso mesmo ignorado, a presen3a de judeus e crist3os-novos ao sul da col3nia. O bom arranjo e a boa interpreta33o de dados esparsos levantados pelo autor em Portugal e em Buenos Aires permitia qualificar o trabalho como pioneiro, pois que Salvador rompia com as interpreta333es impressionistas dispon3veis sobre judeus e crist3os-novos nas capitanias sulinas. Contudo, no ponto de vista de Buarque de Holanda, muitos dados eram pass3veis de discuss3o. Embora n3o negasse, para aquele tipo de trabalho, o recurso 3s genealogias e 3 onom3stica, asseverou que nem sempre o autor obteve 3xito ao explor3-las: “Mas a hist3ria n3o 3 feita unicamente de certezas

¹³⁷ HOLANDA, S3rgio Buarque de. A Amaz3nia para os negros americanos [Pref3cio, 1968]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 130-131. [Do original: LUZ, N3cia Villela. *A Amaz3nia para os americanos: as origens de uma controv3rsia internacional*. Rio de Janeiro: Saga, 1968, pp. 9-16].

¹³⁸ *Ibid.*, p. 131.

peremptórias. É feita também, e sobretudo, de dúvidas e de problemas: esta não há de escapar à regra”.¹³⁹ Todavia, as dúvidas lhe pareciam estimulantes, e a seriedade da obra garantiria sua relevância para compreensão de um capítulo obscuro da formação nacional.

Depois da aposentadoria

Em 1972, Buarque de Holanda introduziu o trabalho de Lucy Maffei Hutter, “Imigração italiana em São Paulo (1880-1889)”, não sem antes lançar suas próprias perspectivas a respeito dos desafios levantados pelo estudo sistematizado da “maior e mais importante corrente migratória que no Brasil se destinou à grande lavoura de exportação”.¹⁴⁰ Considerada a amplitude e a complexidade do tema, o mérito da obra Buarque de Holanda fez recair sobre a capacidade de escolha e delimitação do objeto, que resultou em um “trabalho monográfico” sobre a imigração italiana somente em São Paulo, e somente no último decênio do período imperial. Além disso, claro, a prática disciplinada e perseverante de pesquisa em documentos inéditos também mereceu comentário. Mas o que gostaria de sublinhar é o relato da aposentadoria, que não lhe permitiu manter o olhar vigilante e, ao mesmo tempo, zeloso do trabalho de sua estudante. Nos anos 1970, os seus trabalhos ele os concebia no escritório da morada do Pacaembu.

Dentro, porém, desses limites, realizou um esforço notável e que em muitos pontos pode considerar-se pioneiro. Acompanhei e orientei até onde me foi possível o seu trabalho, até o momento em que, por motivo de aposentadoria, deixei a cadeira de história da civilização brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, então sob minha responsabilidade. E não foram poucas as vezes em que pude testemunhar no Arquivo do Estado o interesse, a assiduidade e mesmo o entusiasmo que ela devotava ali a pesquisas em manuscritos e jornais antigos, que seriam eventualmente úteis ao seu estudo. Não testemunhei outra parte da pesquisa, a que se desenvolveu principalmente no Arquivo da Hospedaria de Imigrantes, mas tudo me inclina a crer que lhe mereceu igual ou talvez maior zelo. Talvez maior porque, se não me engano, foi ela com sua colega Arlinda Rocha Nogueira, autora de uma tese sobre imigração japonesa, também em São Paulo, o primeiro historiador a recorrer a esse acervo documental para estudos dessa natureza. Ainda assim, não se pode afirmar que esgotou o assunto.¹⁴¹

¹³⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Cristãos-novos, jesuítas, Inquisição [Prefácio, 1969]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 143. [Do original: SALVADOR, José Gonçalves. *Cristãos Novos, jesuítas, Inquisição*; aspectos de sua atuação nas capitanias do Sul, 1530-1680. São Paulo: Pioneira/Edusp. 1969, p. xiii-xvi.

¹⁴⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Imigração italiana em São Paulo (1880-1889) [Prefácio, 1972]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 144.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 149-150.

Era tempo de reorganização e expansão da universidade no Brasil, por meio da reforma universitária de 1968, conduzida do alto pelo regime militar. Florestan Fernandes denunciou a condução autoritária do processo, embora a aparência democrática, e a desconexão da reforma com os anseios que brotavam do meio universitário, que acabou por consentir.¹⁴² Todavia, a reforma, ao abolir o sistema de cátedras e instituir o regime departamental, reorganizou as carreiras acadêmicas. Em seguida, ao estabelecer e expandir o sistema federal de pós-graduação, deu impulso modernizador à universidade e forneceu melhor suporte para a pesquisa científica. Logo em seguida, em 1969, Buarque de Holanda pediu a aposentadoria, segundo ele em solidariedade aos colegas perseguidos e afastados da USP após o Ato Institucional de número 5 (AI-5), já que ele mesmo não fora direta e pessoalmente incomodado pela repressão, conforme preferiu matizar: “Em protesto e solidariedade. Agora, eu não acho que foi heroísmo nenhum, pois eu tinha tempo garantido e me aposentei com meus vencimentos”.¹⁴³ Disse isso Buarque de Holanda em resposta a Paulo Duarte: “quando fomos expulsos da USP, o Sérgio não foi, [...] no dia seguinte ele pediu a sua aposentadoria em sinal de protesto pela nossa cassação” (*idem*).

Um novo prefácio aparece somente sete anos após aposentadoria, quando o historiador comentou o trabalho de sua antiga assistente, Maria Thereza Petrone, de quem tinha orientado a tese defendida em 1964, “A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)”. É interessante observar que, desde então, e repetidas vezes, o autor rememorou a sua atuação como diretor de tese, de modo a reforçar seu vínculo com a historiografia profissional e sua ascendência sobre os novos trabalhos que pululavam, e que teve em parte o mérito de orientar, pelo menos até metade do caminho. Neste caso, tratava-se de uma pesquisa quase inteiramente nova de Petrone – agora já professora do departamento de história da USP – mas na qual, desde a base, Buarque de Holanda atuou. Por isso, tratou ele de demonstrar sua longínqua intimidade com a documentação relativa a Antônio da Silva Prado, o barão de Iguape (1778-875), objeto do estudo de Petrone.

Sabedor, embora de longa data, da existência de numeroso material inédito, que abrange sua correspondência comercial, diário, contas correntes, copiador de cartas expedidas, borradores, meticulosa escrituração dos negócios etc., mantidos até o fim de sua vida, só por volta de 1952 ou 53 tive oportunidade, porém, de contato direto com esse acervo impressionante. O que então levou a entender-me com Jorge Pacheco Chaves, descendente do barão e dono do acervo, foi o interesse da Comissão do IV

¹⁴² FERNANDES, Florestan. Os dilemas da reforma universitária consentida [1974]. In: *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Ômega, 1975, p. 203-4.

¹⁴³ CASTRO, Tarso de. *op. cit.*, 1977, p. 3.

Centenário da Cidade de São Paulo, que no caso eu representava, em socorrer-se da admirável coleção iconográfica de Chaves para a publicação que projetava. [...] Das conversas que tivemos, então, saiu a lembrança, porém, de facilitar-se de algum modo o acesso dos nossos estudiosos de história econômica a um documentário talvez único no Brasil como são os papéis do barão de Iguape.¹⁴⁴

Devido a toda sorte de percalços, desde os cortes de verbas para a comissão do quarto Centenário de São Paulo, até o falecimento de Jorge Chaves, a quem coube a guarda da documentação, ficou inviável a sua publicação, o que contribuiu para o adiamento da ideia original de pesquisa de sua discípula. Vejamos de perto a implicação de Buarque de Holanda no trabalho, segundo seu ponto de vista.

Algum tempo mais tarde, o interesse que mostrava Maria Thereza Schoerer Petrone, assistente da cadeira então sob minha responsabilidade, de história da civilização brasileira, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, pelos estudos de história empresarial [...], levou-me a pensar de novo no assunto. A curiosidade e a capacidade reveladas por minha auxiliar para os estudos de história econômica que iniciou em São Paulo e desenvolveu em Munique pareciam proporcionar bom meio de utilização dos papéis do barão na tese de doutoramento que deveria preparar. Tanto mais quanto me cabia, por dever de ofício, orientá-la nesta etapa de sua carreira universitária. Aceito de bom grado, meu alvitre teve entretanto de ser abandonado. O dono dos papéis legou-os em testamento ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e, como estivessem os bens ainda em inventário, não era possível consultá-los no momento, de sorte que a doutoranda passou a outro tema, o da atividade econômica responsável por uma profunda transformação da lavoura paulista, que permitiu a formação de uma infra-estrutura para a implantação dos cafezais do Oeste. O resultado foi a obra verdadeiramente pioneira que dedicou à *Lavoura canvieira em São Paulo: expansão e declínio (1765-1851)*, e que lhe permitiu conquistar brilhantemente o doutorado.¹⁴⁵

Além das memórias dos seus “deveres de ofício”, esses prefácios dos anos de 1970 extrapolam a crítica historiográfica para, partindo dos livros em questão, o confronto com aspectos que desagradavam a Buarque de Holanda na historiografia dos temas em discussão, notadamente suas desavenças com a história econômica de matriz marxista. O melhor e mais frontal exemplo dessa crítica está no comentário que segue: “[...] estava fazendo falta para a melhor inteligência de certos aspectos da história do Brasil, frequentemente obscurecidos pela atenção absorvente que se tem dado a fenômenos tais como ‘sociedade patriarcal’, ‘feudalismo’, lavoura latifundiária e pela obstinada cegueira diante da marca do capitalismo internacional que

¹⁴⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O barão de Iguape [Prefácio, 1976]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 229 [Do original: PETRONE, Maria Thereza. *O barão de Iguape*; um empresário da época da Independência. São Paulo: Nacional, 1976, pp. xi-xx].

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 230.

esteve presente na formação brasileira desde os inícios”.¹⁴⁶ No caso do barão do Iguape, o estudo de sua documentação e de suas ações empresariais poderiam ajudar a “desmontar o mito obstinado da avassaladora proeminência agrária na formação brasileira”.¹⁴⁷ Ele situava o livro de Petrone, desse modo, como contribuição para avançar sobre certos vícios e resistências da história econômica. Este prefácio ao livro de Petrone reúne, portanto, dois aspectos centrais: o da incidência de Buarque de Holanda sobre o feitiço da obra prefaciada e a crítica às formas de pensamento histórico com as quais rivalizava. A hipótese que se propõe é a de que o autor reforçava suas posições em face da concorrência e dos conflitos com novas formas do fazer histórico.

As mesmas estratégias – memorialística e crítica – são manifestas de forma combinada no prefácio ao livro de Suely Robles de Queiroz, “A escravidão negra em São Paulo” (1979), para o qual Buarque de Holanda não concede tão facilmente o elogio. Desde os primeiros entendimentos entre a futura discípula e o mestre, este lembrou de ter-lhe objetado uma série de considerações sobre suas intenções de pesquisa, sobretudo em função dos prazos exíguos. Somente mais tarde, ao prefaciá-la obra pronta, é que Buarque de Holanda se dobra a algumas qualidades do trabalho de Queiroz, devidas não somente ao enfrentamento de certos mitos, como o do “escravo submisso” e o do “senhor benévolo”, mas principalmente por tê-los enfrentado com riqueza de material coletado em pesquisa direta das fontes manuscritas. Havia uma ressalva, porém. A autora aproximava o mito do senhor benigno à ideia recorrente de que a história brasileira não fora sanguinolenta. Esta questão pertencia ao “reino dos falsos problemas”, na visão de Buarque de Holanda: “De todas as histórias nacionais pode ser dito que são cruentas e a do Brasil naturalmente não fora exceção”.¹⁴⁸ O prefaciador, ainda assim, insere a tese de Queiroz entre os grandes estudiosos do tema no Brasil e no estrangeiro:

Situa-se bem na linha revisionista dos estudos afro-brasileiros iniciados no Brasil, a bem dizer, com os trabalhos sociológicos de Roger Bastide e Florestan Fernandes e, no campo da história, com o estudo de Emília Viotti da Costa sobre a escravidão. A mesma tendência revisionista desenvolveu-se paralelamente em outros países e sobretudo no mundo anglo-saxão, em grande parte numa reação contra as teses de Freyre e Tannenbaum. Frequentemente plácida e bem documentada, como se pode verificar à leitura de Charles Wagley, C.R. Boxer, David B. Davis, a polêmica nesse sentido pode assumir ocasionalmente um timbre áspero, e é o caso dos trabalhos de

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 238.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 231.

¹⁴⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Escravidão negra em São Paulo* [Prefácio, 1977]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 300. [Do original: QUEIROZ, Suely Robles de. *Escravidão negra em São Paulo: um estudo das tensões provocadas pelo escravismo no século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977, pp. viii-xviii].

Marvin Harris, cuja agressividade bem sempre o ajuda a tornar mais convincentes suas boas razões. A propósito do mesmo Harris, que se diz materialista, o historiador Eugene D. Genovese, que se diz marxista – o que não impede de secundar as posições mais conservadoras de Gilberto Freyre –, é levado a pensar em pessoas que “confundem zelo ideológico com maus modos”.¹⁴⁹

O alvo para o qual apontava Buarque de Holanda era o conservadorismo atribuído a Gilberto Freyre. Mesmo que os estudos de escravidão não fossem área para a qual tivesse produzido contribuição substancial, e apenas acompanhasse o desenvolvimento do campo com vivo interesse, Buarque de Holanda não deixou de alinhar-se também às novas tendências nos estudos de escravidão, para as quais rememorou de algum modo ter contribuído, ou até talvez antecipado, nos anos 1940.

Para concluir, lembrarei que há trinta anos e mais, resenhando os estudos africanistas que então se faziam entre nós, referi-me à tendência corrente para encarar-se o papel do negro sobretudo pelo que oferecesse de pitoresco, anedótico, folclórico e, em outras palavras, por tudo quanto parecesse ter o sabor e o encanto do exótico. Fazia questão de frisar na resenha, que depois reuni com algumas outras em volume, na esperança de insuflar-lhes vida menos efêmera do que na imprensa diária onde primeiramente saíram, que não me pareciam, aliás, inteiramente desprezíveis aqueles aspectos, mas pensava que seu enfoque exclusivo ou quase resultava numa variante disfarçada do modo tradicional de se considerarem as questões relacionadas com o negro, e em última análise com o escravo, que consistia em fazer por esquecer ou ignorá-la.¹⁵⁰

Este conjunto de prefácios, muito ricos do ponto de vista historiográfico, mas apenas raramente problematizados, se prestam a variadas interpretações. Com o objetivo delimitado, na presente subseção, de apontar esses dois aspectos – os discursos de si e as regulações da história como disciplina –, devo pelo menos advertir sobre o caráter normativo e prescritivo dessa crítica historiográfica.

História da historiografia e inscrição na tradição

Já a meio caminho entre crítica historiográfica e história da historiografia se encontra o prefácio para “O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil” (1974), de outra assistente, Maria Odila Dias. A propósito de apresentar e contextualizar o trabalho de Robert

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 300.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 301. O trabalho rememorado foi o artigo “Negros e Brancos”, publicado no *Diário Carioca* em 1940 ou 1941, e em 1944 incluso na antologia *Cobra de Vidro*.

Southey (1774-1843) no romantismo inglês, Buarque de Holanda trabalha algumas concepções sobre história, como o relacionamento ambíguo entre a temporalidade moderna e seu reverso, o romantismo dito antimoderno. Também examina a presença de Southey na historiografia brasileira, através da recepção de sua “História do Brasil” – publicada em língua inglesa entre 1810 e 1819 – por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) e por Capistrano de Abreu. Àquela altura, a professora Maria Odila Dias era autora já conhecida, com alguns trabalhos importantes publicados. Seu estudo de história da historiografia, Buarque de Holanda fazia notar, não cedia à perdição apologética.

Maria Odila da Silva Dias, a autora deste livro, não se filia aos devotos do historiador poeta ou, ao menos, não pretende apontá-lo como um modelo sempre vivo. Julgo conhecê-la bastante como antiga aluna e, mais tarde, assistente da cadeira de história da civilização brasileira na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, então sob minha responsabilidade, para saber que, com sua curiosidade intelectual constantemente alerta, [...] tem todo o necessário para distinguir os caminhos e os descaminhos que podem levar às restaurações postiças e fraudulentas.¹⁵¹

Outrossim, o comentário final de Buarque de Holanda, um balanço da contribuição de Odila Dias para a historiografia do Império brasileiro, permite entrever a compreensão do autor da história da historiografia como alternativa plausível para “a boa inteligência” de uma época.

No livro que agora se publica o que sobretudo se teve em vista, e está dito em suas páginas, é fixar um tipo de mentalidade caracterizado pela expressão “o fardo do homem branco”, que Kipling celebrizou, e que, marcando o Império britânico do comércio livre, continuaria presente na fase de formação e consolidação do Estado brasileiro. Ele agiria sobre estadistas empenhados na construção da nacionalidade e até sobre nossos pensadores e historiadores de fins do século passado e inícios do atual. Relendo-o agora, depois de o conhecer ainda em sua fase de elaboração, e ainda sob forma de tese de concurso, vem-me à lembrança a constante aversão a reformas mais substanciais que marca singularmente a história do Império brasileiro, e parece estar à base do *festina lente* do Segundo Reinado Herança, talvez, do espírito da Inglaterra pré-vitoriana [...] num país que ainda não tinha nascido para a Revolução Industrial e que não tinha propriamente uma burguesia.¹⁵²

¹⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O fardo do homem branco [Prefácio, 1974]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 160. [Do original: DIAS, Maria Odila. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, pp. xiii-xxi].

¹⁵² *Ibid.*, p. 160-161.

Em outro texto do mesmo ano de 1974, originalmente publicado na *Revista de História* da USP, encontramos um Buarque de Holanda historiador da historiografia *tout court*. A partir de uma análise das contribuições e controvérsias em torno de Leopold von Ranke, aquela “visão orgânica da história” – conforme mencionou no prefácio para Maria Odila Dias – inaugurada por Herder, e desenvolvida pela “Escola Histórica” alemã no século 19, é historicizada por Buarque de Holanda. Ele não se limita, portanto, somente à obra de Ranke, nem unicamente ao contexto imediato de sua produção histórica durante o século 19. Ao contrário, abarca uma extensa duração, quase contínua – salvo pela análise das mudanças na concepção de história decorrentes dos traumatismos do nazismo na consciência histórica alemã –, entre o tempo de Ranke e o tempo em que escrevia, a década de 1970. Cinco anos depois da publicação original, o artigo serviu prefácio à coletânea de textos de Leopold von Ranke (1979) que Buarque de Holanda organizou para a coleção “Grandes Cientistas Sociais”, dirigida por Florestan Fernandes na editora Ática, de São Paulo. Tratava-se de nada menos que a primeira edição de textos de Ranke em terras brasileiras.

Ao contrário do que preferiu obliterar na entrevista para a HAHR, neste texto sobre Ranke é flagrante, embora não seja direta, nem de fácil assimilação, a afinidade (ou o parentesco) entre algumas concepções produzidas pelo historicismo e as noções de história defendidas por Buarque de Holanda ao longo do tempo. Essa afinidade parece, todavia, mediada pelos desenvolvimentos subsequentes da historiografia francesa durante o século 20. O que explica, afinal, a aproximação entre Ranke e Marc Bloch (e depois ainda Weber), em torno à noção de “compreensão”, aproximação que Buarque de Holanda mesmo se encarregou de sugerir? Senão, vejamos a citação de *Apologie pour l’histoire* (1949, p. 124) selecionada por Buarque de Holanda, e o direcionamento que este lhe outorgou.

Um grande historiador do nosso tempo [Marc Bloch] assinalou a ambiguidade da fórmula do ‘como efetivamente aconteceu’ [a tão contestada quanto célebre síntese de Ranke sobre a história], dizendo que é característica de muitas máximas e serve para explicar sua grande repercussão. Porque, continua Marc Bloch, ante os fatos pode entender-se, por um lado, como conselho de proibidade, ‘e não se pode duvidar que fosse esse o sentido que lhe deu Ranke’, mas além disso é lícito interpretá-la como um convite à passividade. [...] Os dois caminhos assinalados por Bloch não diferem substancialmente dos caminhos descritos e separados por Leopold von Ranke: o da filosofia, que, no seu entender, é o reino das leis genéricas ou abstratas, e o da história, que, partindo da observação do único, deverá entretanto explicá-lo. [...] Tempo houve, segundo Bloch, em que o historiador costumava erigir-se numa espécie de juiz dos infernos, incumbindo-se de distribuir prêmios e penas aos heróis defuntos [...]. Contra tal posição [...] há uma palavra que, segundo observa ainda Bloch, domina e ilumina os procedimentos do historiador, a quem não de interessar sobretudo os seres humanos, e não as coisas físicas. É a palavra ‘compreender’. Não se diga do

historiador que é um indivíduo isento de paixões, pois que ao menos a da compreensão não lhe pode ser estranha.¹⁵³

A compreensão, no entender de Buarque de Holanda, fazia o papel de instrumento cognitivo capaz de distinguir a história das ciências naturais, muito embora escamoteasse, ainda segundo seu modo de ver, a tendência às generalizações. Para ele, a ideia de compreensão, que ganhou corpo na história com Max Weber, só teve longevidade porque associada à metodologia do “tipo ideal”. Em conjunto, essas duas noções poderiam ligar as supostas particularidades das ciências humanas aos procedimentos generalizantes das ciências naturais. De qualquer forma, a categoria da compreensão se encontrava bem ao centro do historicismo, este visto essencialmente como reação ao naturalismo a-histórico, reação para a qual Ranke desempenhou papel fundamental ao romper com as filosofias idealistas da história e suas teleologias. Essa mesma atitude, por menos previsível que possa parecer, Buarque de Holanda encontrava também em Lucien Febvre.

Para que a história alcançasse o estatuto científico, pareceu-lhe necessário que fizesse sacrifícios, e que seu campo se delimitasse rigorosamente. Assim como ao historiador não compete erigir-se em juiz ou moralizar, também não lhe cabe filosofar. A separação entre a história e a filosofia não é uma exclusividade sua, e em nossos dias voltou a ser defendida com ênfase por um renovador dos estudos históricos na França.¹⁵⁴

A visão que Buarque de Holanda apresenta do historicismo, “antes uma mentalidade do que um método”,¹⁵⁵ é abertamente tributária das concepções de Meinecke sobre a gênese dessa escola alemã de pensamento histórico: “Em resenhas que publicou sobre os escritos de Croce e Heussi, reafirma Meinecke sua convicção de que o historicismo é das mais altas e mais genuinamente germânicas contribuições do espírito alemão”.¹⁵⁶ Pouco antes, Buarque de

¹⁵³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke [1974]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 174-175.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 171. Em nota, Buarque de Holanda cita os artigos “Examen de conscience d’une histoire et d’un historien” e “Vers une autre histoire”, ambos da antologia *Combats pour l’histoire* (1953), de Lucien Febvre (*Ibid.*, nota 11, p. 215).

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 163.

¹⁵⁶ No mesmo parágrafo, Buarque de Holanda relembra os apelos de Croce, na década de 1930, contra as acusações de parentesco entre o nacional-socialismo e o historicismo. Para o filósofo italiano, a chamada “crise do historicismo era fruto da crise do liberalismo, e a recusa do contra o historicismo, sinal de conseqüente decadência intelectual. *Ibid.*, p. 190. Ainda, sobre Meinecke, Buarque de Holanda atina para suas mudanças de concepção após a ruptura na consciência histórica alemã entre 1933 e 1945: “Entretanto, com a ordem nova que instaura o Terceiro Reich, ele, o historiador do historicismo, jamais se conformará, e o preceito rankiano do ‘como efetivamente aconteceu’ vai mudar-se numa pergunta: ‘como pôde acontecer?’. Procura um pobre consolo na ideia de que o fenômeno hitlerista seria mais europeu do que

Holanda havia sublinhado o entendimento de Ranke por Meinecke: “Ranke só conheceria ideias *históricas*, ‘no tempo’, rejeitando como abstratas as ideias puras, permanentes, objetivas e absolutas, metafísicas e éticas” (*idem*). Desse modo, a grande herança rankeana em história, no bojo dos “progressos que a visão historista acarretou para o conhecimento da vida e da história humanas”, fora a “reflexão individualizante e historizante, isto é, tendente a mover-se de acordo com o curso imprevisível da história”.¹⁵⁷ Chegou Buarque de Holanda a qualificar o historicismo inclusive como “tradição fecunda e gloriosa” porque “infenso, por sua própria natureza, a pretensões dogmáticas”.¹⁵⁸

Sem qualquer anseio de esgotar as possibilidades de análise de um texto tão denso e tão douto, de seus dois elementos que tentei demonstrar aqui – as imprevisíveis aproximações efetuadas por Buarque de Holanda, e da afinidade entre sua concepção de temporalidade histórica e a avaliação do legado de Ranke e do historicismo como “rejeição das abstrações e teleologias” –, deles depreende-se que, ao associar-se o nome de Buarque de Holanda à “influência” da escola histórica alemã, está-se muito distante de mera “conjectura e justaposição acidental”, como o historiador fazia crer na entrevista a Richard Graham, quando preferiu eclipsar, ou esquecer, qualquer suposição em contrário. Na mesma entrevista, alegou igualmente que, em termos práticos, foi tão somente por uma razão oblíqua, apenas por possuir conhecimentos avançados da língua alemã, que recebera convite de Florestan Fernandes para organizar a seleção de textos de Ranke a figurar na antologia de 1979.¹⁵⁹

Mas, se fosse exclusivamente esta a razão do seu interesse pelo historicismo, o que explicaria a publicação original do ensaio sobre Ranke, sem tirar nem pôr, cinco anos antes, na *Revista de História* (n. 100, 1974)? Aparentemente, não há alguma razão particular para a presença de um artigo *especificamente* sobre Ranke na edição de número cem, comemorativa dos vinte e cinco anos da Revista, e em homenagem ao seu fundador, o professor Eurípedes Simões de Paula (1910-1977). Mesmo a apresentação daquele número, pelo reitor Orlando Marques de Paiva (1973-1977), não oferece nenhuma pista sobre o texto de Buarque de Holanda, em particular. O que se pode inferir, todavia, vem da circunstância memorial. Ao

propriamente alemão, embora em 1934 ainda registrasse, aprovando-a, a observação de Croce, de que a Inglaterra e a França ficaram imunes à crise do liberalismo”. *Ibid.*, p. 191.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 163.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 212.

¹⁵⁹ “It’s all conjecture and accidental juxtaposition. [...] Here’s a recent example of such accidents: Florestan Fernandes, the editor of a series of anthologies, knew I could read German and asked me to pick a German historian, any one I wished, from whose work I would choose some texts”. Cf. GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 5.

comemorar seu centésimo número, a Revista propunha um esforço reflexivo da parte de seus colaboradores, no sentido de oferecer um balanço do papel da Revista para as evoluções do campo até então. Ainda mais significativo é que, segundo o texto de apresentação do número, a reflexão devia partir da *consciência de si* dos historiadores nesse processo. A apresentação redigida pelo reitor da universidade bem evidencia, aliás, os vínculos entre comemoração, ou memória, e projeção no tempo futuro.

De fato, passados 25 anos, vividos para a história e pela história, vemo-lo [o periódico] a competir com os congêneres de projeção internacional na tarefa infinita de interpretá-la e reavaliá-la, à luz da *consciência que os historiadores têm de si mesmos na realidade histórica*. Edita-se agora, para comemorá-los, o centésimo número desse notável veículo de aproximação cultural, qual prova da inalterada regularidade que lhe imprimiu Eurípedes Simões de Paula. Surge, com o Volume L, novo marco no roteiro da Revista de História [os grifos são do original].¹⁶⁰

Tal proposta pode ser entendida como a reflexão em torno de suas pesquisas em andamento, como foi a maior parte das ocorrências, mas também de história da historiografia, forma historiográfica reflexiva por excelência, como foi o caso, entre outros, de Buarque de Holanda. Sobretudo pela ambientação do texto original em edição comemorativa, que convidava os leitores a tomar parte nas meditações pessoais dos historiadores, torna-se menos fácil aceitar como mera conjectura ou justaposição acidental a afinidade de Buarque de Holanda para com a herança historicista.¹⁶¹ Todavia, não há maior unidade entre os trabalhos apresentados, salvo pela presença, não exclusiva, de alguns antigos professores franceses da USP, tais quais Braudel, Charles Morazé, Jean Gagé, Jean Glénisson ou Émile Coornaert.

Ignora-se o motivo exato da escolha de Buarque de Holanda em historicizar Ranke e, de quebra, o historicismo. Ao que tudo indica, ele teve liberdade de escolher o tema que melhor lhe aprouvesse. Mas, encontram-se nos trabalhos sobretudo de história política que produziu na década de 1970 algumas possibilidades para melhor se compreender o retorno a Ranke. De

¹⁶⁰ PAIVA, Orlando Marques de. Pequeno prefácio dedicado a uma grande obra. *Revista de História* (USP), n. 100, Out./Dez. 1974, p. viii [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹⁶¹ A contradição pode eventualmente se relacionar, por exemplo, com a recepção um tanto azedia de José Honório Rodrigues ao ensaio, e até com um certo temor de Buarque de Holanda em projetar sua autoimagem (como no depoimento ao MIS) intimamente ligada à escola histórica, ainda estreitamente vinculada ao positivismo, malgrado seus próprios esforços em desfazer tal mito. Em resenha para *Leia*, Rodrigues assinalou que ninguém além de Buarque de Holanda, “cuja sabedoria é unanimemente reconhecida”, teria maior competência para introduzir a obra de Ranke, dado seu “admirável aparato crítico-historiográfico”. Contudo, notou alguns esquecimentos relevantes, censurou de certa forma a dependência das teses de Meinecke, “que mereceria volume à parte”, e principalmente estranhou a “referência desnecessária àquela cambada de nazistas, como Hans Freyer, Erich Rothaker, e Thedor Litt [...]”. RODRIGUES, José Honório. Ranke, historiador alemão. *Leia livros*, jun. 1979, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 148].

qualquer modo, parece-me lícito recorrer às últimas páginas do ensaio para compreender pelo menos uma, talvez das mais fortes, entre as razões que possam tê-lo induzido a realizar o célebre estudo. Buarque de Holanda, ao cabo, interrogava-se a propósito da pertinência de as novas e futuras gerações de historiadores, em seu “vivo desejo de dar orientação nova ao trabalho histórico”, continuarem oferecendo resistência obstinada à escola que Ranke encarnou. Muita coisa havia de “atual em sua inatualidade”, principalmente em função da “constante meditação sobre problemas de seu ofício”.¹⁶² Esta razão específica se ancorava, portanto, no tempo presente, na meditação sobre a possível atualidade do historicismo.

Em 1973, Buarque de Holanda esteve na Alemanha em viagem extra-acadêmica,¹⁶³ quando muito provavelmente tomou notícia da publicação do primeiro volume, em 1972, do *Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland*, o dicionário de conceitos históricos dirigido por Otto Brunner, Werner Conze e Reinhart Koselleck. Buarque de Holanda leu atentamente a introdução teórica do primeiro volume, e saudou com indisfarçável entusiasmo a sua aparição, tanto pelo que havia de original naquela concepção, quanto pelo que coadunava com sua já antiga percepção de que mesmo o significado das palavras e conceitos não estão imunes à mudança histórica.

Foge à finalidade da presente introdução, mas foge sobretudo à competência de quem a redige, uma resenha das tendências dessa historiografia [alemã]. Baste, a título de exemplo, lembrar a singular importância do monumental *Léxico dos conceitos fundamentais da história*, já em curso de publicação, sob a direção de Otto Brunner, Werner Conze e Reinhart Koselleck, que, além de revelar a notável vitalidade daquelas tendências, é uma demonstração de como se pode renovar, sem traí-lo, o espírito da “escola” histórica alemã [...]. A originalidade da concepção do léxico prende-se estreitamente a querer mostrar a transformação das noções, de maneira que a experiência nelas condensada permita esclarecer os aspectos teóricos. Não se pretende, contudo, oferecer definições abstratas e exteriores à história, que pudessem prescindir das mudanças de significação ao longo do tempo. [...] Nada destoava vivamente, nessa concepção, da tradição espiritual que Leopold von Ranke representou em grau eminente, renovada, embora, e enriquecida, para atender às mais recentes exigências do trabalho histórico.¹⁶⁴

Esse entusiasmo quanto à renovação do espírito da escola histórica alemã coaduna igualmente com a sua própria concepção da temporalidade histórica e com os desenvolvimentos da história social francesa (e alemã) no século 20. O ensaio sobre Ranke comporta, por exemplo,

¹⁶² *Ibid.*, p. 209.

¹⁶³ HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. *op. cit.*, p. 444.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 213-214.

ampla discussão sobre o sentido (finalidade) da história e as discontinuidades, estrutura e acontecimento, mobilizando as referências de Karl Löwith (1897-1973) e Fernand Braudel, entre outros. Desse modo, procuro reforçar o argumento de que, se Buarque de Holanda embaralhava as referências do historicismo e dos *Annales*, ele elaborava uma apropriação crítica e talvez até original desses paradigmas, naquilo em que convergiam, isto é, quanto à ascendência dos problemas do tempo presente sobre a interpretação histórica. Ao que, pelo menos em parte, se leva a crer, em nome de sua inscrição nessas tradições. De outra parte, em nome de uma concepção de história não mais voltada à pesquisa das origens, como preconizava a história política e nacional novecentista, mas, destituída de essencialismos, a história confrontada aos problemas postos no presente.¹⁶⁵

Uma memória longínqua de seu passado individual, por fim. Convidado em 1977 a prefaciar o “Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo”, Buarque de Holanda não resistiu à sedução de um dos mais recorrentes lugares-comuns das autobiografias, encontrando inclusive entre os historiadores autobiógrafos, como bem levantou Jeremy Popkin: a tentação de procurar em um passado remoto, quase inconsciente, a origem da vocação de historiador.¹⁶⁶

Antigo aluno do Ginásio de São Bento, além de estudante obstinado, até hoje, das histórias do Brasil, é provável que o gosto por esses estudos me viesse das eras já remotas em que menino, ainda de calças curtas, se estou bem lembrado, comecei a ouvir ali as aulas de Afonso d’E. Taunay, então nosso professor no ginásio. Teria sido esse um dos motivos que moveram agora os responsáveis pela publicação do *Livro do tombo* do mosteiro beneditino a querer associar meu nome, de algum modo, a tão benemérita iniciativa.¹⁶⁷

As memórias afetivas quanto à origem de sua “vocação principal, de historiador” (cf. nota 77, cap. 2) serão retomadas em *Tentativas de Mitologia*. Concomitantemente à afirmação de uma identidade historiadora, correlata por sua vez às autocríticas de *Raízes do Brasil*, procurou o autor sugerir um sentido para sua trajetória, do crítico ao historiador. Nesse caminho, amadureceu uma concepção de história, integradora de alguns aspectos do

¹⁶⁵ RAULFF, Ulrich. *De l’origine à l’actualité*: Marc Bloch, l’histoire et le problème du temps présent. Conférences annuelles de l’Institut historique allemand. Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p. 24.

¹⁶⁶ POPKIN, Jeremy. “Choosing history: the issue of vocation in historians’ autobiographies”. In: *op. cit.*, 2005, pp. 120-150.

¹⁶⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo [Prefácio, 1977]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 318 [Do original: *Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo*. São Paulo: Mosteiro de São Bento, 1977, pp. xv-xxx].

historicismo e da história-problema dos *Annales*, consubstanciados no paradigma do tempo presente como verdadeiro manancial de sentido histórico. Não esqueçamos também da vinculação indireta a Capistrano de Abreu, precursor de nossa moderna tradição nos estudos históricos. Depois da aposentadoria, Buarque de Holanda continuou a defender tais concepções, naquilo que constituía sua particularidade em meio às ciências sociais, por meio da escrita de si contida na crítica historiográfica e no exercício da história da historiografia.

Uma inferência teórica das análises realizadas nesse capítulo: não significa mera frivolidade, nem forçosamente tendência à iconoclastia, o estudo da escrita de si de um autor. Antes, preza por um olhar historicizante das formas de subjetivação, tomando distância dos jogos de construção e reconstrução das balizas de sua trajetória pelos próprios intelectuais.¹⁶⁸ Além disso, parece bem possível encontrar nesse recanto fontes e recursos heurísticos para estudo da história da historiografia, seja quanto à memória disciplinar, seja quanto à deontologia da profissão e, desse modo, relacionar-se com a história intelectual mais ampla.

Em seguida, examinaremos como a definição da identidade historiadora por Buarque de Holanda é correlata também dos embates político e historiográfico. Na década de 1970, catedrático aposentado, o autor de *Raízes do Brasil* encontrava-se em meio às tensões entre a *tradição* ensaística e a vontade de *inovação*,¹⁶⁹ pelo viés da crítica ideológica, de jovens historiadores engajados nos problemas nacionais mais urgentes.

¹⁶⁸ DOSSE, François. *op. cit.*, 2003, p. 303.

¹⁶⁹ Encontramos em Falcon também a enunciação do problema, manifesto na tópica que opõe tradição e inovação, relativamente à historiografia brasileira: a convivência conflituosa, nos anos 1960 e 1970, às vezes no mesmo lugar institucional, de identidades de historiador diversas. FALCON, Francisco J. C. *op. cit.*, p. 10.

CAPÍTULO 3

A escrita de si de Sérgio Buarque de Holanda e as questões de seu tempo: história política e história da historiografia nos anos 1970

Todas as vezes que leio algo que escreveram contra mim, não só compartilho o sentimento, como penso que eu mesmo poderia fazer muito melhor o trabalho.

Jorge Luis Borges ¹

O paradigma do tempo presente defendido por Buarque de Holanda para a disciplina histórica não configurava mero apêndice teórico, nem muito menos retórica afetada. Não apenas na crítica, mas igualmente na prática historiográfica e até no engajamento político, esse paradigma esteve à base de suas constantes intervenções. História e política estiveram mais do que nunca intimamente enlaçadas na década de 1970. O próprio Buarque de Holanda enveredou, decidido, pela história política.

No âmbito da historiografia já se nomeou o período como o da “historiografia engajada”.² Apesar ou até em função dos “anos de chumbo”, ocorreram importantes transformações na disciplina histórica, nos níveis institucional e qualitativo, e nesse ínterim ganharam relevância as análises historiográficas críticas, produzidas por uma nova geração de

¹ BORGES, Jorge Luis. *Ensaio autobiográfico* [1970]. Tradução do inglês de M. C. de Araujo e J. Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 82.

² FERREIRA, Antonio Celso. A historiografia profissional paulista: expansão e descentramento. In: GLEZER, Raquel (Org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 329.

historiadores. Recorreu Buarque de Holanda ao paradigma do tempo presente também em resposta aos questionamentos levantados às suas interpretações do Brasil, notadamente quanto ao “homem cordial”, reprovado com veemência no decênio de 1970. Era este o seu fantasma, a sombra que, desde a década de 1960, voltava a pesar sobre a projeção futura de sua obra, embora – como quer ilustrar a epígrafe tomada de Borges – a autocrítica, as transformações no texto e o processo de recontextualização de *Raízes do Brasil*.

Estudaremos agora, portanto, um plano que certamente permeia a escrita de si de Buarque de Holanda. Trata-se de demonstrar mais concretamente o que até agora apenas ficou implícito: como esse processo de rememoração e fundação de uma memória de si esteve profundamente marcado pelo contexto político. Sintoma disso são as disputas entre Buarque de Holanda e parte da geração mais nova de historiadores que passavam a ocupar os postos universitários naquela década. A fim de percebermos esse aspecto com maior acuidade, é necessário reconstituir alguns debates da historiografia de 1970, circunscrita pelas questões políticas de seu tempo e pela intensificação da produção especializada de saberes históricos. Nesse ponto também a história da historiografia pode contribuir com a história intelectual, ao elucidar a dinâmica dos engajamentos entre os historiadores.³

Para enveredarmos nesse caminho, nos deixaremos guiar por algumas questões principais. Primeiro, como se articulava a história política produzida por Buarque de Holanda após a aposentadoria com seus posicionamentos e engajamentos políticos na década de 1970? Em seguida, como se configuravam os novos estudos de história da historiografia brasileira e, neles, qual era a cotação do legado de Buarque de Holanda? Que respostas produziu o historiador às provocações? Por fim, a controvérsia entretida com Carlos Guilherme Mota representa, nesse sentido, um objeto interessante em que se pode localizar o nó entre a escrita de si de Buarque de Holanda e a defesa de seu legado.

3.1 O historiador no “castelo medieval”: vida privada, intervenções públicas

Em novembro de 1959, algum jornalista imaginoso atribuiu a uma entrevista com Buarque de Holanda o título “História brasileira num castelo medieval”. Fazia referência ao

³ No esforço de compreensão das interações entre texto e ação dos(as) historiadores(as) na história, através da noção de engajamento. Cf. SILVA, Helenice Rodrigues da. *Texte, action et histoire: réflexions sur le phénomène de l'engagement*. Paris: L'Harmattan, 1994.

local do encontro, o casarão do historiador, no bairro do Pacaembu da capital paulista: “Num pequeno palacete normando, Sérgio Buarque de Holanda criou um mundo medieval que denominou de ‘Quitandinha’. Seis mil livros compõem sua vastíssima biblioteca. [...] Enquanto esperávamos para fazer umas perguntas, Sérgio ia mostrando suas obras raras”.⁴ Era comum que o historiador recebesse em casa os jornalistas, amigos, ex-alunos e demais interessados em debater com ele, e isso se intensificou após a aposentadoria.

Assim como essa entrevista de 1959, a maior parte das conversas de Buarque de Holanda publicadas nos jornais e revistas da década de 1970 é introduzida por curiosidades e anedotário. Não raro, a própria vida familiar do patriarca, em razão do sucesso artístico de seus filhos, foi tematizada em matérias na imprensa. Esses anedotários, narrados por ele mesmo, por sua esposa e filhos, ou pelos próprios jornalistas, dão mostras da irreverência e informalidade características de Buarque de Holanda, que expõe curiosos hábitos e visões peculiares de si mesmo e do mundo. Dessa forma, ao vermos explorada a vida particular do historiador, sutilmente observamos uma constelação de mitologias pessoais que abrilhantam a sua consagração ainda em vida.

Os “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda” bem indicam o seu espaço preferido após a aposentadoria: “na década de 1970, trabalha em casa”, diz um tópico do documento. Aposentado, o historiador continuou produzindo bastante naquela década. Além dos diversos prefácios que viemos de analisar, temos como exemplo mais significativo dessa produção o livro *Do Império à República* (1972), sétimo volume da coleção História Geral da Civilização Brasileira (HGCB), que representa sua mais decidida incursão pela história política. Além da produção histórica, o autor esteve bastante ativo na vida pública brasileira do período. Assinou manifestos e petições pela anistia, participou de encontros e reuniões de caráter político, e concedeu numerosas entrevistas, não apenas sobre sua obra de historiador, mas também sobre os problemas do país ou suas expectativas em relação à abertura política.

Mais para o final da década, já limitadas as condições de saúde orgânica, suas aparições públicas, de corpo presente, escassearam. Mesmo assim, nas poucas vezes em que deixou sua biblioteca e os afazeres particulares, Buarque de Holanda mostrou-se ainda portador de vigoroso espírito público. Não poupou energias para contribuir para com a fundação do

⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. História brasileira num castelo medieval [entrevista]. *Folha da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1959, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 204].

Cebrade, em 1978; para a recepção do prêmio de “Intelectual do Ano” de 1979, cerimônia revestida de caráter político; ou, já apoiado em uma bengala, para se fazer presente à cerimônia de fundação do PT, partido ao qual no dia mesmo da sua fundação, em 1980, Buarque de Holanda foi um dos primeiros a se filiar.

O patriarca-historiador

Já em 1966, Buarque de Holanda se identificava como “pai do Chico”, espirituosa *blague* lembrada até hoje para reconhecê-lo. Foi nesse ano que Chico Buarque, o terceiro filho do casal Maria Amélia e Sérgio, revelou seus talentos musicais e começou a se destacar como figura de grande relevância para a vida artística do país. Enquanto o jovem artista vencida o Festival da Record de MPB, seu pai lecionava nos Estados Unidos. Por isso, o jornalista Roberto Garcia, correspondente da *Manchete* em New York, em referência à canção premiada, disse que Buarque de Holanda ainda não tinha visto “A Banda” passar: “Há seis meses longe de sua casa no Pacaembu, em São Paulo, e do contato com a família, Sérgio Buarque de Holanda esquece por um instante os cursos e conferências nas universidades norte-americanas e passa a falar do rapaz da *Banda*”.⁵ Procurou então o historiador traçar um perfil pessoal dos hábitos e pendores do filho.

Lê muito. Quando vim para os Estados Unidos, no começo do ano, Chico andava sempre com um livro de Guimarães Rosa. Numa de suas músicas, aliás, ele usou de palavras inventadas, tiradas da linguagem popular, como faz o Guimarães. Lê em inglês e francês, às vezes em italiano. Em política, tem pensamentos próprios, e me disse certa vez que não dá às suas composições, intencionalmente, um conteúdo político, pois o resultado final surge mais de sua criação e de sua formação. Quando as músicas ficam prontas, geralmente têm um significado social ou político. Além disso, ele tem mudado muito nos últimos anos, tem amadurecido. Antigamente, era o filho do Sérgio Buarque de Holanda, mas agora eu sou o pai do Chico, com muita honra.⁶

Conforme se percebe, mesmo resguardando a autonomia criativa de Chico Buarque, de um modo ou de outro o pai se associa ao significado social ou político das canções do filho, que resultam, afinal, de um talento desenvolvido em função “de sua criação e de sua formação”. Isso é indicador, não pelo sangue, mas pelo ambiente formador, do encadeamento das gerações:

⁵ GARCIA, Roberto. “Sou apenas o pai do Chico”. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, ano 14, n. 759, 1966, p. 124.

⁶ *Idem*.

como se o filho tivesse apreendido do pai uma sensibilidade especial para assuntos político-sociais. Nada extraordinária essa leitura, contudo. Apenas pretendo sublinhar que se trata, a brincadeira, de uma das maneiras pela qual o historiador se faz aproximar dos valores de uma nova geração, comprometida com a crítica do regime autoritário vigente.⁷ Se não a principal ou exclusiva, esta é sem dúvida uma das possíveis leituras da memorável expressão “sou apenas o pai do Chico” – e suas variantes e reproduções.

Em 1972, por Jorge Andrade para a revista *Realidade*, uma matéria de generosas nove páginas inteiras delineou o perfil pessoal de Buarque de Holanda a partir de sua figura paternal. O tom da reportagem é agradavelmente amistoso, seu autor cuida de não comprometer a espontaneidade dos diálogos e dá detalhada descrição do ambiente. No “castelo medieval” reuniram-se filhos e netos para relembrar a vida familiar em torno do historiador: “Alto, imponente, lembra um patriarca, mas de mentalidade às avessas: nunca está sentado à cabeceira da mesa, impondo conceitos ou a sua vontade”.⁸ O título emprestado à matéria, “42 anos a.C.”, aludia à idade do historiador quando do nascimento de Chico Buarque, e Andrade o justificava pelo fato de que na melhor das hipóteses a maior parte dos brasileiros o conhecia como “pai do Chico”. Para o jornalista, Buarque de Holanda tinha a “pureza infantil das mentes de exceção” e vivia em “uma casa fantasiosa, sem idade”. Nessas condições, “era natural que dele também nascesse um Chico Buarque de Holanda”.⁹

É o próprio Chico Buarque quem diz, a certa altura, que o pai, sempre absorto no mundo dos livros, não vivia o cotidiano da casa. Mesmo assim, ressalta que ele estivera sempre atento aos grandes momentos da vida dos filhos, assim como aos momentos importantes da vida do país. Maria do Carmo, outra filha, sublinhou que em lugar nenhum o pai representara papel de grande autoridade, muito menos em casa: “se ia nos dar uma aula de história, sobre dom Pedro I, por exemplo, acabava geralmente na babá do imperador. Brincava e fazia uma confusão tal que, para nós, nunca serviu como professor de história” (*idem*).

⁷ Segundo Adélia Bezerra de Meneses, o sentimento nostálgico – semelhante ao dos “desterrados em nossa própria terra” de *Raízes do Brasil* – domina as primeiras canções de Chico Buarque, até a década de 1970, quando utopia e crítica se combinaram nas “canções de repressão”. Para Marcelo Ridenti, essa atitude romântica de “busca das raízes do Brasil”, resultado da frustração do compositor com a modernização conservadora pós-1964, dimensiona a utopia de uma geração preocupada em superar o subdesenvolvimento nacional. MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque*. São Paulo: Ateliê Editoria, 1982, p. 23; RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. 2ª. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014. Ver também: STARLING, Heloísa. O tempo da delicadeza perdida: Chico, Sérgio e as raízes do homem cordial. In: MARRAS, Stelio (Org.). *op. cit.*, pp. 63-78.

⁸ ANDRADE, Jorge. 42 anos A.C. *Realidade*, jun. 1972, p. 76 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁹ *Ibid.*, p. 76.

Em relação ao ambiente interior da casa, o que salta aos olhos do visitante é a impressionante massa de livros em desordem aparente: “Quando entro no escritório, paro atônito. Sérgio ri do meu assombro. A impressão que se tem é de que todos os livros vão desabar em nossa cabeça” (*idem*). Buarque de Holanda então brinca que se alguém resolvesse pôr ordem no escritório, então é que ele se perderia. Andrade contrabalança o perfil em assinalando a imensa paciência do historiador no esforço de pesquisa e de escrita. Costumava, pois, trabalhar com afinco até alta madrugada, procurando as melhores fontes nos microfilmes e na biblioteca, ou corrigindo centenas de vezes a mesma frase: “seu trabalho é uma busca constante de perfeição na forma e no conteúdo”.¹⁰ A força da inteligência e erudição de Buarque de Holanda é sublinhada pelo jornalista quando este comenta o hábito do entrevistado em trocar cartas com Antonio Candido em português seiscentista.

Ele, o repórter, ainda assinala curiosas obsessões de Buarque de Holanda. Acostumados a elas, os filhos caçoavam de certa hipocondria ou da dificuldade para dormir sem que estivesse com as orelhas devidamente cobertas. Contava os passos que dava pelas ruas, evitava pisar nos riscos do concreto das calçadas, não vestia marrom para não se sentir em um caixão de defunto. Fumava muito, o tempo todo, mas, supersticioso, desprezava o décimo terceiro cigarro do maço. A conversa enveredou até mesmo para sua iniciação sexual, ocorrida em um prostíbulo de Santos, quando contava treze anos de idade. Mas, o respeitável patriarca-historiador se preocupou em não deixar um perfil “demasiado erótico”, e preferiu mudar de assunto. Por fim, de volta à infância, recontou mais uma vez que aprendera a ler sozinho. Essa lembrança veio acompanhada de uma espontânea reflexão sobre os exercícios de memória: “Quando era pequeno, gostava muito de letras. Comecei a dispô-las em ordem e assim aprendi a ler sozinho. Mas não se esqueça: quando falo do passado, não sei mais se é recordar ou se é a lembrança da lembrança. Assim, as recordações perdem os contornos nítidos e se confundem, às vezes, com o que pode ser apenas imaginação”.¹¹

Alguns anos depois, em função da proximidade do dia dos pais de 1978, a revista de moda *Desfile* publicou a matéria “Papai Sérgio”, entremeada de propagandas com sugestões de presentes para a data. Nos mesmos moldes da anterior, os filhos do casal se reuniram para esta entrevista. Em página inteira saiu uma bela fotografia da família, feita em casa de Chico Buarque, no Rio de Janeiro, por ocasião do aniversário de 76 anos do pai. O historiador ao

¹⁰ *Ibid.*, p. 75.

¹¹ *Ibid.*, p. 72.

centro, sentado com as mãos apoiadas sobre os joelhos, de pé ao lado a esposa, e ambos rodeados pelos sete filhos, sorridentes e bem à vontade. A reportagem começa com depoimento de Buarque de Holanda sobre a falta de planejamento familiar e o fato praticamente desconhecido de que Maria Amélia durante a vida tivera duas gravidezes infelizmente malsucedidas. A composição e a união da numerosa da família, que apesar das distâncias se reunia em datas festivas, o historiador atribuía ao catolicismo da esposa. A revista acrescentou, por isso, que os Buarque de Holanda davam continuidade aos costumes das “tradicional famílias paulistas”. Exemplo disso: cada criança recebera o nome de um antepassado.¹²

Apesar de terem sido comentadas as características, inclinações e as livre opções de formação e carreira de cada um dos filhos, o acento da reportagem recaiu sobre a relação entre o filho compositor e o pai historiador. Assim registrou Chico Buarque suas memórias em relação ao pai: “Na infância, minha ligação com papai era ele no trabalho e eu na rua, jogando bola. Meu pai não gostava de futebol. Crescido, nos demos bem. Eu escrevia para o jornal da escola, ele dizia: você precisa ler mais, está fraco” (*idem*). Prosseguiu Chico Buarque, mais adiante, sobre a postura paterna no ambiente doméstico, apesar dos ares de aparente austeridade: “Papai nunca adotou ares de historiador da maior seriedade. A gente só tomava conhecimento da sua celebridade através de terceiros, que escancaravam os olhos, exclamando: então você é filho do grande professor!” (*idem*). Já sobre o ponto de vista do pai em relação ao filho, a revista destacou que o historiador aceitou de bom grado, como sabemos, a identificação como o “pai do Chico”. Buarque de Holanda discorreu novamente de forma aprazível sobre o fato, repetindo a brincadeira da inversão de papéis.

Um dia *A Banda* tomou conta do país e os ecos de tal sucesso chegaram até a universidade próxima a Nova Iorque, onde na época Sérgio lecionava. ‘O pessoal já tinha me telefonado comunicando, mas um dia saiu uma nota no *New York Times* e acabei sendo procurado por repórteres. Com eles eu comentei que, quando saí do Brasil, Chico Buarque era meu filho e, quando voltar, teria de me acostumar ao meu novo papel de pai do Chico’.¹³

Todavia, a matéria estava centrada na figura “papai Sérgio”, e desse modo, o delineamento de seu perfil acabou por reforçar alguns aspectos que diversas vezes ele próprio já esboçara, como também conhecemos: “Sérgio viria a descobrir sua real vocação na pesquisa

¹² FERNANDES, Sílvia Leal. Papai Sérgio. *Realidade*, n. 107, ago. 1978, p. 84 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹³ *Ibid.*, p. 86.

histórica e no magistério, que exerceu por mais de trinta anos, tendo se aposentado como catedrático da USP [...]” (*ibid*). Os consecutivos cigarros, a poltrona predileta, a sala abarrotada de livros: nada disso escapou ao olhar atento da entrevistadora ao visitá-lo no casarão. Ela sublinhou também o fato de que, mesmo aposentado, o historiador continuava trabalhando muito em casa. A casa, ao mesmo tempo que lugar de trabalho, era também lugar de encontro de artistas e intelectuais de São Paulo ou dos que estavam de passagem pela capital paulista.

Depois de uma queda que levou ano passado, as saídas de Sérgio se tornaram bastante raras. O que, no entanto, não o impediu de ir ver *Os Saltimbancos* tão logo deixou a cadeira de rodas ou de assistir várias vezes ao *show* de Miúcha no Canecão. Sobre o assunto, costuma dizer bem humorado: ‘o problema é que uns têm uns parafusos de menos e eu agora os tenho demais’ – referindo-se à operação, que o deixou com vários ligamentos de platina no fêmur. Mas, se hoje sai pouco, sua casa continua como sempre ponto de encontro de velhos amigos, antigos alunos e filhos e netos (o 12º. está a caminho). [...] O historiador que recusou as glórias da Academia Brasileira de Letras e que só aceitou as da paulista porque o candidataram e elegeram à sua revelia, faz questão de lembrar que não parou: ‘Ao contrário’, diz com aquele tom de humor que não o abandona, ‘agora que me aposentei tenho trabalhado muito’. Ele escreve, lê, reelabora trabalhos antigos e de vez em quando é chamado para fazer parte das bancas examinadoras de teses e concursos (*idem*).

Poderíamos nos alongar na leitura de diversas outras reportagens que desenhavam um perfil bastante pessoal, avivando suas excentricidades e pequenas obsessões, seu singular bom humor, a impaciência diante das ordens médicas ou diante do tempo que ele via lhe escapar. Mas, bastem essas duas matérias sobre a vida privada e familiar, que já dão boa medida de seu retrato pessoal nos anos 1970. Dirigidas a um público diferente do habitual, não deixam de sinalizar profundo reconhecimento ao historiador ainda em vida.

Para termos dimensão do contraste que ainda há pouco eu me referia, entre a vitalidade política e a reclusão na vida privada, acompanhemos rapidamente uma entrevista, do mesmo ano de 1978, que, essencialmente política, pouco se assemelhava a esta última para a revista de moda. Ela permite entrever um Buarque de Holanda relativamente fatigado, e igualmente, cômico de que seu tempo de ação se esvaía. O horizonte entre a vida e a morte ele já o percebia muito próximo. Por isso, sobre suas expectativas em relação à abertura política, disse: “Eu já estou um tanto avançado na idade, não sei se pegaria um período muito melhor. Mas acho que, se há abertura, tem que ser verdadeira. Esse negócio de se fazer as coisas relativamente não tem sentido”.¹⁴ A descrição final da entrevista é algo melancólica.

¹⁴ BERA, Bernardo. Sérgio Buarque de Holanda: essa coisa de conta-gotas não dá. *Última Hora*. São Paulo, 20 abr.1978. s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 212].

Sérgio vai fumando um cigarro atrás do outro, como se não ligasse para a saúde. Seu olhar é pouco expressivo, pois as pálpebras parecem pesadas, e o óculos, grande e grosso, afasta ainda mais a transparência. Anda arrastando os pés, que estão calçados por um tênis azul. Não tem muita força para levantar e acompanhar o repórter até a porta de saída. Por isso pergunta: ‘Você sabe o caminho, não é?’. E fica lá, sentado na poltrona, com um corpo grande. A poltrona parece que faz parte dele...¹⁵

História (e) política

De Buarque de Holanda não se pode precisamente dizer que tenha sido muito incomodado pelo regime autoritário, tanto que não foi aposentado compulsoriamente da USP em 1969, a exemplo de Florestan Fernandes. Que Buarque de Holanda tenha se sentido desconfortável vivendo sob um regime a que tão mal se acomodavam sua personalidade e seu trabalho de historiador, isso é outro aspecto da questão, aspecto que iremos agora estudar. Duas muito interessantes missivas de Caio Prado Jr., que se encontrava exilado no Chile em 1969, dão mostras desse relativo e paradoxal incômodo. Isso porque um depoimento de Buarque de Holanda à Justiça militar, talvez pelo prestígio de seu nome, teria servido de apoio para a defesa de Caio Prado Jr. Também indicam essas cartas, pelo menos de forma transversal, o caráter político de que se revestia o relacionamento especular entre Chico e Sérgio Buarque, por questões de afinidade e de justaposição geracional.

A primeira das cartas foi escrita por Prado Jr. a Buarque de Holanda para lhe agradecer pelo depoimento que havia prestado em seu favor na Justiça militar: “[...] é grande o meu reconhecimento pelo seu gesto, e em especial pelos termos do depoimento que me foram comunicados por meu advogado. Espero poder retribuir-lhe o que fico devendo e em todo caso pode estar certo que não me esquecerei do fato”.¹⁶ Ao fim, o autor de *Formação do Brasil contemporâneo* pediu que Buarque de Holanda contasse ao filho sobre o sucesso de suas músicas no Chile: “[...] ainda anteontem, de retorno em ônibus de Concepcion, onde estive, ouvi pelo rádio várias de suas composições, inclusive *A Banda* em tradução espanhola” (*idem*).

Na semana seguinte, em uma segunda carta, Prado Jr. anexa uma reportagem chilena sobre Chico Buarque. Diz também ter recebido notícias do pedido de aposentadoria de Buarque de Holanda. Com isso, via mais distante a possibilidade de se candidatar à cadeira de História do Brasil na USP, animado que fora por Buarque de Holanda a submeter nova tese de concurso. Segundo consta, o concurso acabou cancelado em 1968 por razões políticas.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ Carta de Caio Prado Jr. a Sérgio Buarque de Holanda. *Santiago, 19 mar. 1969*. [Siarq – Fundo SBH, Cp 296].

Você sabe que nunca acreditei na eventualidade, e aceitei a incumbência de uma candidatura unicamente para atender a um pedido seu [...]. Creio que estive à altura do honroso convite que você me fez, e sinto-me agora aliviado de uma responsabilidade que muito me pesou. Mas seja como for, de uma coisa você pode estar seguro, de minha grande amizade e admiração que espero poder reiterar pessoalmente logo que se atenuarem as tão desfavoráveis circunstâncias do momento que atravessa o Brasil e do qual somos todos vítimas.¹⁷

Do próprio historiador já lemos que a aposentadoria em solidariedade aos colegas afastados ele não a considerava um ato heroico – estava com o tempo garantido e manteve os vencimentos (cf. nota 142, cap. 2). Ainda assim, não deixa de representar, qualquer que seja nosso juízo, um ato eminentemente político, esse que inaugurou uma nova fase de sua vida. A partir de então, mesmo em casa, continuava a trabalhar muito, e de lá observava atentamente as tensões e movimentos enganosos do tabuleiro político. Passado e presente se encontravam em permanente colóquio no “castelo medieval” do Pacaembu.

Já na palestra de finais dos anos 1960 para os alunos da USP, Buarque de Holanda mencionava suas simpatias pela história política e até mesmo, em oposição à história das longas durações de Braudel, por um retorno do acontecimento: “Não tenho tempo de expor aqui por que, depois de tudo isso, opto ainda por uma volta ao acontecimento. A impopularidade dessa expressão prende-se à associação que se faz constantemente entre fatos e datas”.¹⁸ Portanto, não casualmente, e sim em função de um projeto longamente gestado, seu mais marcante trabalho dessa década, *Do Império à República* (1972), foi uma incursão deliberada pela história política, como assinalaram alguns comentadores.

Maria Odila Dias foi a primeira a notá-la e comentá-la. Segundo esta autora, desde 1962, com o texto “A herança colonial: sua desagregação”, Buarque de Holanda manifestava essa tendência. Este texto de 1962 surgiu como contribuição para o terceiro volume, tomo segundo, da HGCB, coleção que ele mesmo dirigiu entre 1960 e 1972. O próprio *Do Império à República*, é um volume (o sétimo, tomo segundo) da coleção HCGCB, mas com a particularidade de ter sido escrito inteiramente por Buarque de Holanda. Depois dele, o autor deixou a coordenação do projeto, que se completou somente em 1984, então sob a direção de Boris Fausto.¹⁹ Na análise

¹⁷ Carta de Caio Prado Jr. a Sérgio Buarque de Holanda. *Santiago*, 27 mar. 1969. [Siarq – Fundo SBH, Cp 298].

¹⁸ Palestra proferida por SBH, discorrendo sobre o tema ‘História’, a convite dos alunos do ‘Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay’. [196-], p. 8 (anexo) [Siarq – Fundo SBH, Pi 179].

¹⁹ Encontramos uma boa referência sobre Buarque de Holanda à frente da HGCB em: VENÂNCIO, Giselle Martins; FURTADO, André Carlos. *Brasiliana & História Geral da Civilização Brasileira: escrita da História, disputas editoriais e processos de especialização acadêmica (1956-1972)*. *Revista Tempo e Argumento*, v. 5, n.9, 2013, pp. 5-23.

de Odila Dias, os estudos de história política de Buarque de Holanda alternam níveis de narrativa segundo ritmos diferentes do tempo histórico, do acontecimento, mais “nervoso, superficial e consciente”, ao social, “mais lento, profundo e inconsciente”. Procuram, também, o equilíbrio entre suas indagações, contemporâneas, e a intencionalidade dos homens do passado. Desse modo, mesmo nas descrições minuciosas dos acontecimentos, ao situá-los na conjuntura social mais ampla, Buarque de Holanda externa os limites estreitos de uma história política tradicional.²⁰

Quanto ao volume *Do Império à República*, Odila Dias assinala alguns temas-chave na análise de Buarque de Holanda das crises que entre 1868 e 1889 levaram à derrocada do Império. No capítulo “A democracia improvisada” estariam as bases mais fundamentais de sua interpretação. Nele, o autor coteja a imobilidade da sociedade colonial com o sistema político oligárquico do Império, de uma elite urbana e conservadora submissa ao poder pessoal do Imperador. O livro se inicia com a crise política entre os parlamentares conservadores em 1868, quando se começou a questionar o “poder moderador” exercido pelo Imperador, e se direciona para o agravamento dessa crise com a reforma eleitoral de 1881, que restringiu o eleitorado a menos de um por cento da população, bem ao contrário do discurso liberal e reformista. Depois dessa questão eleitoral, o capítulo “A fronda pretoriana” representa o terceiro momento-chave da análise. Nele, Buarque de Holanda analisa a formação do agrupamento militar e o descontentamento deste com as elites do Império e o seu sistema de clientelismo político. Por essas razões, de acordo com o veredito de Odila Dias, o livro busca “desmistificar muito do que se tem escrito sobre o regime monárquico e o sistema representativo parlamentar do Brasil no século XIX [...]. Começa por rebater uma impressão, muito difundida na historiografia, sobre o papel modernizador que a Monarquia teria exercido no país”.²¹

Bem mais recentemente, em análise mais detida, embora ao mesmo tempo ligeiramente tributária da “matriz identitária ou historicista” (Eugênio, 2011) de Maria Odila, Arthur Alfaix Assis estudou o livro para testar como funcionam na prática historiográfica alguns fundamentos da *Historik* de Jörn Rüsen. Foram três as preocupações básicas de Assis: observar os artefatos teóricos que presidiram a interpretação da crise da Monarquia brasileira por Buarque de Holanda, sublinhar os padrões narrativos que deram suporte à constituição de sentido sobre a experiência do passado e, a meu ver principalmente, perscrutar o contexto de orientação de

²⁰ DIAS, Maria Odila. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: DIAS, Maria Odila (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985 (Col. Grandes Cientistas Sociais, 51), p. 44-45.

²¹ *Ibid.*, p. 47.

Buarque de Holanda, que serviu de parâmetro de significado/sentido à interpretação e à representação do passado imperial. Nesse último aspecto, o autor observou que “o desejo e a expectativa de construção da democracia no Brasil estão, assim, na base da crítica à orientação predominantemente não democrática da elite política imperial”.²² Nesse sentido, de passagem ele anota também uma hipótese promissora, que mereceria desenvolvimentos posteriores: a de uma continuidade no argumento político, em favor da democracia, entre *Raízes do Brasil* e *Do Império à República* – ou pelo menos, vale o reparo, as *Raízes do Brasil* da versão definitiva, que foi a edição citada por Assis. No trecho que segue, encontramos boa amostra da leitura da proeminência do tempo presente sobre a estratégia de pesquisar no passado as raízes da situação atual. À ideia-chave de Odila Dias sobre o estilo narrativo como fundamento da amálgama de diferentes temporalidades, a da política e a da sociedade, Assis acrescenta a estratégia de autopreservação de Buarque de Holanda diante dos embaraços daquele tempo de restrições ao pensamento e à livre expressão.

[...] *Do Império à República* disfarça a crítica ao regime militar de modo a fazê-la penetrar num espaço público sobre o qual desde o golpe, e sobretudo depois de 1968, os governantes pretendiam exercer controle a ferro e fogo. Várias passagens do texto carregam indubitavelmente críticas do autor às condições políticas do Brasil contemporâneo. Mas essas críticas não são apresentadas como tais; fundem-se a regras gerais da experiência histórica para serem, assim, codificadas na forma de exemplos abstratos. Portanto, em *Do Império à República*, a já mencionada ancoragem da constituição crítica de sentido em *topoi* exemplares consiste não só numa estratégia discursiva de natureza estética e retórica, mas também numa estratégia prática de proteção pessoal, a que o autor recorreu em meio a um ambiente político hostil à livre circulação de ideias. Ao criticar o regime apenas de maneira cifrada, Sérgio Buarque pode, por um lado, evitar a perigosa exposição que lhe renderia um eventual confronto intelectual direto com os militares; por outro lado, pode também driblar a censura estatal, divulgando assim argumentos fortemente críticos em relação a todas as formas de autoritarismo e de embotamento da democracia. Tudo isso reforça, creio eu, a afirmação de Maria Odila Dias de que *Do Império à República* foi “a forma que deu o autor [Sérgio Buarque de Holanda] à sua resistência contra a ditadura militar”.²³

De fato, ao que tudo indica, a motivação maior da parte de Buarque de Holanda para um retorno à história política ancorava-se nas questões mais urgentes de seu tempo – e isso quando a tendência maior no Brasil era a historiografia econômica e quantitativa. Tal hipótese parece ficar ainda mais clara quando observamos como o historiador coloca em evidência esse modo

²² ASSIS, Arthur. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*, v. 30, n. 59, p. 113.

²³ *Ibid.*, p. 112.

de conceber e praticar a história em algumas entrevistas nos anos 1970, nas quais recorre deliberadamente, ele mesmo, a alguns “usos do passado”. Na entrevista à *Veja*, em 1976, após um afrouxamento da censura, quando as condições para se posicionar publicamente começaram a ficar menos desfavoráveis, Buarque de Holanda pôde ajuizar que a história política brasileira após 1930 não passou de uma continuidade de práticas herdadas do Império.

Certamente, uma nova versão, modernizada [em 1930], da democracia de gravata lavada. Falar de democracia, hoje, todo mundo fala, inclusive os países comunistas. Até durante o nazismo, mais de 90% da população alemã votava. Claro que pressionada e num jogo de cartas marcadas. Mas votava. A fachada da democracia está sempre presente, inclusive nos regimes autoritários e totalitários.²⁴

Observemos, então, que não é sem forte razão que em seguida às considerações sobre o desencanto e a recontextualização de *Raízes do Brasil*, viés pelo qual analisamos no primeiro capítulo a mesma entrevista, há também um discurso sobre a história e sobre a política. O próprio Buarque de Holanda retoma a expressão da democracia brasileira como “mal-entendido” – no sentido em que esta fórmula foi assimilada, isto é, como a incompatibilidade entre a herança colonial personalista e a formação da esfera pública no Brasil –, um longo mal-entendido, do Império até aqueles dias. Até mesmo o homem cordial, agora remido, é evocado.

Até agora, todas as revoluções dentro da História do Brasil foram de elites, civis ou militares, mas sempre elites. E, quando a questão se restringe a querelas elitistas, o processo caminha como numa briga de família: aparece um primo, um tio, um amigo da família com bom relacionamento com ambas as partes capaz de contornar diplomaticamente o confronto. E é exatamente no conchavo que pode surgir a figura do homem cordial. Por isso a democracia, que nasceu aqui num mal-entendido, percorreu em nossa história um caminho inusitado, ou seja, foi murchando aos poucos.²⁵

Desse modo, intento sugerir rapidamente que pode ser estendida a hipótese de Arthur Assis sobre a relação subterrânea entre *Raízes do Brasil* e *Do Império à República*, mas trazendo-a para a perspectiva da escrita de si de Buarque de Holanda nos anos de 1970. Considerando, nesse contexto, todo o esforço que estudamos de recontextualização do clássico

²⁴ COELHO, João Marcos. A democracia é difícil: as observações e as conclusões de um especialista com base no exame da história. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Veja*, n. 386, 28 jan. 1976, p. 6 [Siarq – Fundo SBH, Vp 206].

²⁵ *Ibid.*, p. 4.

dos anos 1930, temos aí antes de tudo um reforço de suas posições de ordem política. Também é reforçada, assim, indiretamente, a solução democrática de *Raízes do Brasil*. A herança colonial portuguesa, retida pelas instituições do Império, continuava a projetar suas sombras sobre o presente – e o futuro – do país. Eis o muito essencial da conexão subterrânea entre os livros. Claro que *Do Império à República* não se reduz a isso, mas quanto à sua relação com *Raízes do Brasil*, e sob nosso prisma de análise, poderemos notar como Buarque de Holanda, nessa fase de história política, de história e política, busca exatamente tornar mais lúcida e desfazer quaisquer possibilidades de mal-entendido de sua defesa da democracia. Ora, os assuntos históricos a que se refere nessa e noutras entrevistas são justamente, ditos de outro modo, os “pontos culminantes” encontrados em *Do Império à República*: “o poder moderador”, a “fronda pretoriana” e, sobremaneira, a “democracia relativa”. Assim, não é difícil notar que as preocupações presentes sustentam sua visão da história e sua intervenção nos debates públicos pela “questão democrática”.²⁶

O esvaziamento do significado de democracia na esfera pública brasileira, segundo Buarque de Holanda, tinha raízes herdadas do período colonial, e que não respeitaram também a fronteira entre o Império e a República, tendo se estendido até bem depois de 1930. Ele diz que a palavra democracia era mal vista pelos liberais brasileiros no começo do Império, talvez em função do jacobinismo da Revolução Francesa. Exemplo disso seria o suposto desprezo de Frei Caneca (1779-1825) pelas camadas populares. Já em meados do período imperial, a palavra ganhava outro *status*, mas, dissociada de seu sentido original, passou a corresponder, na prática, a um sinônimo de liberalismo. Por conseguinte, o historiador anota que o liberalismo pode sobreviver perfeitamente sem a prática da democracia, como aliás sempre aconteceu no Brasil: “em toda história do Brasil, a palavra é frequentemente usada como sinônimo de concessão por parte das elites dominantes [...]. O próprio D. Pedro I, quando dissolveu a Assembleia Constituinte de 1823, [...] deixou claro que somente com sua permissão se poderia praticar a liberdade” (*idem*). A sua análise do eleitorado, do Império até a República, deixa entrever nitidamente, nessa entrevista de 1976 e noutras ainda, as preocupações presentes. Assim, Buarque de Holanda recorria ao uso do passado, em favor de sua defesa da democracia.

²⁶ Entende-se por “questão democrática”, conforme a visão de Marcos Napolitano, o ponto de convergência, em fins dos anos 1970, do discurso de diversos setores da sociedade quanto à abertura do regime – empresários, intelectuais, políticos, exilados, e até em parte o governo –, embora houvesse muita divergência sobre o significado da palavra e distintos projetos de transição política. NAPOLITANO, Marcos. *op. cit.*, 2014, p. 240.

Pela Constituição de 1824, somente os escravos (porque dependiam do senhor), os religiosos em regime castral, as mulheres e os menores não votavam. Ela permitia o voto dos analfabetos, dos libertos. O censo pecuniário (mínimo de renda mensal para poder votar) era de 100 mil-réis – esta quantia, só os indigentes não conseguiam obter. Era uma Constituição relativamente democrática [...]. Na década de 1870, em pleno Segundo Reinado, os partidos Liberal e Conservador se uniram para lutar por eleições totalmente diretas. Com a passagem dos votantes [encarregados de escolher os eleitores], grande maioria da população, para a condição de eleitores, entretanto, a democracia sofreu um golpe, pois a renda mínima foi muito aumentada (400 mil-réis, sujeitos a comprovação), que por sua vez era discutível. Isso alijou os antigos votantes e restringiu o número de eleitores de 1,5 milhão para pouco menos de 300 mil [...]. Computando-se as atuais abstenções, não se chegava a 1%. Somente em 1930, quando a massa popular votava, subiu-se para 5%. Então, veio o freio da revolução, que sustou o processo eleitoral por algum tempo.²⁷

Essa entrevista para as páginas amarelas da revista *Veja*, como se pode perceber de nossa recorrência a ela, é uma das peças mais relevantes da escrita de si de Buarque de Holanda. Não apenas pela importância do momento de abrandamento da censura (cf. nota 104, cap. 1), mas também por dois outros motivos inerentes à memória-imagem do historiador consagrado. Primeiro, ela é muito frequentemente citada, ainda hoje, como complemento ao entendimento da coerência da obra do autor, em especial suas reservas quanto a *Raízes do Brasil*.²⁸ Segundo, e mais importante, pela inteligibilidade dos dois temas principais de sua escrita de si, permeados ou possivelmente *motivados* pelas questões políticas. Buarque de Holanda é chamado a examinar a questão democrática justamente como “o especialista no passado”, conforme a gravata (ou linha-fina) da entrevista, que se intitula “A democracia é difícil”.

Recapitulemos, pois: a entrevista começa com nossa conhecida rezinga de *Raízes do Brasil* como livro “plenamente superado e datado”. Também notamos que, em simultâneo à autocrítica, o autor o define como um livro de defesa incondicional da democracia. Essa aparente contradição nós a interpretamos como sintoma de um esforço de recontextualização do ensaio. Lado a lado com a autocrítica de *Raízes do Brasil*, encontramos algumas formulações de Buarque de Holanda sobre a concepção e as funções sociais da história. O historiador evocava o *cliché* de Benedetto Croce, segundo o qual toda história é contemporânea, para ilustrar a sua antiga convicção de que a história se escreve a partir da vivência dos problemas de nossa realidade. Por fim, observamos uma aplicação bem alinhavada dessa concepção. Ao

²⁷ COELHO, João Marcos. *op. cit.*, p. 4.

²⁸ Para ficarmos somente com um exemplo, vejamos a menção que dela fez o professor Arthur Assis: “A pesquisa historiográfica em torno da obra de Sérgio Buarque segue a mesma tendência, e é marcada por uma concentração desproporcional e (a meu ver) injustificada no primeiro e mais famoso dos seus livros. Nesse contexto de entusiasmo geral em torno de *Raízes do Brasil*, mencionar que o próprio autor, 40 anos após a publicação do livro [nesse depoimento de 1976], o qualificou como ‘superado e completamente datado’ – e que, ademais, afirmou que ‘jamais [o] escreveria de novo’ – corresponde a remar contra uma forte maré intelectual”. In: ASSIS, Arthur. *op. cit.*, p. 93.

mobilizar a história política imperial, e fazer a genealogia crítica da tradição liberal no Brasil, investia contra os imperativos de seu tempo, e interferia no debate sobre a “questão democrática”. A entrevista ainda comporta uma reflexão sobre a historiografia brasileira na década de 1970, conforme veremos nas próximas sessões. Considerados todos esses aspectos, podemos inferir que havia *também* uma visada ética nos escritos de si de Buarque de Holanda, em benefício da consolidação de seu legado em função do campo político.²⁹

Em 1978, Buarque de Holanda, na dupla condição de autoridade acadêmica e vice-presidente do Cebrade, concedeu numerosas entrevistas, de forma muito mais frontalmente opositora ao governo militar. Estava agora em curso uma efetiva agenda de abertura do regime, mas ainda controlada do alto e em favor de tão somente uma “democracia relativa”. Entre os intelectuais, algumas posições gradativas se alinhavam entre a aceitação, a rejeição e a denúncia da abertura a conta-gotas. O ano de 1978, porém, foi particularmente significativo para a efetivação do processo de abertura política. Em maio, a greve geral dos metalúrgicos do ABC paulista afrontava a Doutrina de Segurança Nacional. Em outubro, pressionado por diversas organizações da sociedade civil – OAB, CNBB, ABI, por exemplo –, o governo militar revogava o AI-5. Nesse ínterim, já havia entre as oposições, segundo Napolitano, maior consenso em torno de um conceito de democracia participativa: criava-se “uma zona de convergência entre os conceitos elitistas e formais da democracia liberal e a democratização da sociedade com base na afirmação dos direitos sociais e da participação efetiva”.³⁰ Buarque de Holanda nos anos 1970 parece se alinhar exatamente nessa trincheira, entre a crítica da democracia liberal no Brasil e a defesa da participação popular, em benefício das políticas afirmativas.

No mesmo mês de outubro daquele ano, quando era revogado o AI-5, Buarque de Holanda falou ao jornal *Folha de São Paulo* sobre as eleições indiretas para sucessão de Ernesto Geisel, que ocorreriam no 15 de novembro próximo. Apresentado pelo jornal como “vice-presidente do Centro Brasil Democrático e um dos mais respeitados intelectuais do país”, depois como “o autor de *Raízes do Brasil*”, Buarque de Holanda manifestou a opinião de que o regime

²⁹ Em diversas entrevistas e depoimentos, entre 1976 e 1982, o historiador irá basicamente repetir o essencial dessa retrospectiva política comparativa. Na entrevista de 1977 para a *Isto é*, significativamente intitulada “O que a história deve a Sérgio Buarque”, lemos: “A política é um prato que ele saboreia com o mesmo prazer com que fuma dois maços de cigarros *Gauloises* por dia ou ainda bebe um bom uísque. As referências da história sempre vêm à tona de suas considerações, é claro: ‘Antes, eles faziam as eleições sabendo que estava errado. Hoje não, já é institucionalizado. O erro, na Primeira República, era um desrespeito à Constituição. Hoje, não, faz parte das instituições’”. Cf. SIMÕES, Inimá; ZINGEREWITZ, Walter. Recordações: o que a História deve a Sérgio Buarque (entrevista). *Isto é*, 15 jun. 1977, p. 44 [Siarq – Fundo SBH, Vp 207].

³⁰ NAPOLITANO, Marcos. *op. cit.*, 2014, p. 242.

já se mostrava desgastado e não contava com apoio de base popular: “o governo criou tantos empecilhos e tantas dificuldades [o chamado “pacote de abril” de 1977], a ponto de tornar difícil uma clara manifestação popular a 15 de novembro. Mas, ao criar artimanhas, o governo implicitamente reconheceu que o povo daria maioria do Senado à oposição”.³¹ Apesar de o jornal ter dado destaque para essa afirmativa, três outros assuntos abordados nos prendem a atenção, pois que nos direcionam para uma melhor compreensão da posição política do autor naquele contexto de gradual abertura. Primeiro, a apresentação geral que fez do Cebrade. Em seguida, a explicitação do conceito de democracia almejado pelo Centro. Por fim, a noção de engajamento dos intelectuais na causa democrática.

O Centro Brasil Democrático não pertence a nenhum partido, esclarece. Individualmente, sim, os seus membros assumem filiações partidárias. O Centro se exercita politicamente no sentido amplo da expressão, e foi constituído justamente para alinhar-se ao esforço nacional de democratização. Sérgio Buarque nota que não conhece nenhum membro do Centro que apoie o governo ou a candidatura do general João Batista Figueiredo à presidência da República.³²

Ainda sobre o Cebrade, mas com a particularidade de seu estilo característico, Buarque de Holanda retornou ao passado, à crítica da democracia liberal no Brasil, para embasamento da concepção de democracia como a plena participação das massas populares.

‘O objetivo do Centro é o de lutar pela democracia, termo bem melhor que liberalismo. Você sabe, a palavra liberal passou a ter uma conotação política a partir de 1812, na corte espanhola. Mas o grande dicionário português Moraes de 1803 ainda registra a palavra liberal no sentido de dadivoso’. Liberal antes de 1812 era, assim, aquele que concedia uma dádiva, e Sérgio Buarque de Holanda tem franca antipatia por esse tipo de relacionamento. É por isso que ele está no Centro que defende a democracia, ‘palavra muito mais forte, precisa e clara: o governo do povo, pelo povo, para o povo. Ninguém lá em cima concedendo nada e o povo elegendo tudo. O povo não precisa de consolo liberal, precisa de democracia, o que quer dizer participação de todos. Todos mesmo, analfabetos inclusive. [...]. Até no Império o nível de participação popular era superior ao atual’ (*idem*).

O historiador ainda ponderava que, em função da sua recente criação, o Centro não exerceria maiores influências sobre as eleições do mês seguinte. Isso em razão do tempo

³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O governo já perdeu, diz Sérgio Buarque (entrevista). *Folha de São Paulo*, 05 out. 1978, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 214].

³² *Idem*.

necessário para o trabalho de “esclarecimento e mobilização do povo”. Recorreu então para a memória de sua militância à frente da ABDE, em 1945, no final da chamada Era Vargas.

Parece importante a Sérgio Buarque de Holanda que o trabalhador intelectual – ele considera inadequado o rótulo elitista de intelectual –, seja ele sociólogo, economista, historiador ou cientista, participe politicamente na defesa da democracia. Para ilustrar a importância da participação do trabalhador intelectual, recorda do impacto do manifesto que concluiu o Congresso de Escritores em janeiro de 1945, lido nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Essa posição dos escritores apressou o fim da ditadura estado-novista de Getúlio Vargas (*idem*).

A mesma lembrança de Buarque de Holanda sobre sua atuação no I Congresso de Escritores, promovido pela ABDE em 1945, apareceu no texto publicado no primeiro número, de novembro de 1978, do jornal do Cebrade. Nele, o historiador também retomou a reflexão sobre as raízes históricas do autoritarismo brasileiro. Após a carta de apresentação do programa do Centro por Niemeyer, e do editorial com a íntegra do manifesto, seguiu-se na terceira página o depoimento de Buarque de Holanda. A repetição dessa memória – que aparecerá ainda em outros momentos decisivos para a constituição de seu legado – é importante, do ponto de vista político, para afirmação de uma personalidade “tradicionalmente” comprometida, de forma linear e sem contradições, com a questão democrática.

‘O centro objetivou a unir em torno de um programa eminentemente democrático todas as forças vivas da nação’. Holanda observa que muitos afirmam que nunca houve democracia no Brasil. Ele diz, a esse respeito: ‘[...] Não é possível que o abuso passe a vigorar como lei. Ora, é preciso que exista pelo menos um paradigma, como um ideal democrático a ser atingido, para orientar a opinião do governo’. Ao assumir a vice-presidência do Centro Brasil Democrático, Sérgio Buarque de Holanda deu sequência a toda uma tradição sua de atitudes e compromissos em defesa da causa das liberdades públicas. No caso da ditadura de Getúlio Vargas, ele assumiu a presidência da Associação Brasileira de Escritores, que emitiu um eloquente manifesto contra os crimes e abusos do aparelho político do Estado Novo. Duas décadas depois, já sob o império do regime instalado em abril de 1964, listas negras transitaram pelas Universidades de São Paulo, aposentando compulsoriamente os professores que não concordavam com a nova ordem política. Holanda divulgou então um veemente protesto contra a violência, solicitando simultaneamente aposentadoria compulsória. Ele voltava a se solidarizar aí com os princípios democráticos que sempre nortearam sua conduta. Segundo Holanda, o problema do autoritarismo no Brasil é antigo. A Independência, por exemplo, passou-se num regime apenas de aparência democrática. ‘Atualmente’ – nota Holanda – ‘nem podemos falar em eleições indiretas. Vigoram agora eleições de cabala, onde às vezes é só um homem que escolhe’. Holanda associa as origens do autoritarismo no Brasil ao militarismo. Em épocas passadas, os militares eram, como agora, figuras ativas da política, e filiavam-se a partidos no Senado e nas

Câmaras. Osório era liberal, Deodoro era conservador, Pelotas liberal e assim por diante [...].³³

O interessante a notar nesse depoimento, além da rememoração do passado de engajamento político, é o modo como a autoridade do historiador é convocada: para fins de legitimação do paradigma democrático em torno do qual se reunia o Cebrade, constituía sentido histórico à causa e à noção expressa de democracia. Esta, a estrela-guia do futuro do país.

Não termina aí a participação política de Buarque de Holanda no contexto de abertura; o Cebrade fora uma das associações formais das quais ele participou. Se o Centro se queria uma congregação apartidária das forças progressistas, a “tradição de lutas democráticas” de Buarque de Holanda encontrará plena conformidade na proposta socialista e democrática do PT em 1980.³⁴ Estudaremos, ainda, no capítulo final, de que modos a premiação como “Intelectual do ano” de 1979, e a própria morte do historiador, em 1982, foram revestidas de forte resolução política. Estes eventos praticamente decidiram a natureza e o destino do legado póstumo de Buarque de Holanda como o intelectual engajado, o patriarca de uma talentosa família, e ninguém menos que um dos maiores, senão o maior historiador do Brasil no século 20.

3.2 História da historiografia em questão (excurso)

No decênio de 1970, temos na disciplina histórica o início de uma virada reflexiva que logo nos anos 1980 se encontrava já plenamente amadurecida.³⁵ No Brasil, particularmente, esse decênio também representa um ponto de virada em direção à mesma reflexividade, mas que por aqui talvez tenha tardado mais por assegurar seu espaço. A reflexividade, que significa a meditação da parte dos historiadores sobre a historicidade, os fundamentos e as práticas do próprio ofício, ela se manifesta, além das discussões teórico-epistemológicas, no campo da

³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Conseguirão expulsar o povo?”. *Brasil Democrático*. Órgão do Centro Brasil Democrático, n. 1, nov. 1978, p. 3. [Siarq – Fundo SBH, Vp 215].

³⁴ Conforme a “História do PT” de Lincoln Secco (USP), o Partido dos Trabalhadores, declarou-se desde o início um partido socialista e democrático. Historicamente, porém, dada sua grande diversidade social e regional, diferenciava-se do modelo europeu de social-democracia. Desse modo, o PT, na visão de Secco, “afirmou um socialismo muito parecido com a tradição da velha Esquerda Democrática, só que agora com uma verdadeira base operária”. Ora, a velha Esquerda Democrática (1945), logo depois PSB (1947), fora encabeçada, entre outros intelectuais não comunistas, por Antonio Candido e o próprio Buarque de Holanda. Cf. SECCO, Lincoln. *História do PT: 1978-2010*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011, p. 254.

³⁵ DOSSE, François. *L’histoire ou le temps réfléchi*. Paris: Hatier, 1999, p. 63; ROUSSO, Henry. *op. cit.*, 2012, p. 72.

história da historiografia – igualmente chamada de história da história ou, ainda, historiografia. Ainda hoje, contudo, hesita a história da historiografia entre uma configuração autônoma ou auxiliar – outra discussão, aliás, não exclusiva de nosso ambiente acadêmico em particular.³⁶ No caso do Brasil, também encontramos, ainda em termos de nomenclatura, a variante “historiografia brasileira”, no sentido da produção de trabalhos históricos sobre o nosso país. É sob essa etiqueta, como trabalhos de “historiografia brasileira” que em geral se localizam as obras dos “intérpretes do Brasil”, como o Buarque de Holanda de *Raízes do Brasil*.

Trata-se, portanto, de um canteiro relativamente novo, mas que nas últimas décadas vem ganhando em notabilidade e sofisticação, a tal ponto de hoje exercer a crítica de si mesmo e de suas próprias práticas mais tradicionais, como o arrolamento de autores e obras a serem comemoradas, ou a coleção de exemplos e modelos dignos de serem perpetuados. Desde então, a história escrita passou a ser considerada como também um documento passível de problematização e, portanto, um dos modos de compreensão dos tempos passados.³⁷ Logo em 1984, quando Pierre Nora anunciava a recente ascensão da história da história na França, ele já falava em historiografia como, aparte da memória, um trabalho de desmitologização. Contudo, um corte muito profundo entre história e memória pode sugerir que a historiografia talvez esteja a salvo de “contágio” pelas aspirações memoriais. Em função do avanço das discussões epistemológicas, e da atenção dedicada à análise das práticas historiográficas, parece claro que hoje, passadas quatro décadas desse movimento ascensor, a história da historiografia não represente um refúgio ou lugar neutro em relação à tradição e à memória. Situada, ao contrário, *entre* história e memória, é que ficaria melhor caracterizada: uma história da historiografia ocupada em examinar as relações de força que constroem e estabilizam memórias disciplinares, ou seja, um instrumento de apropriação crítica das tradições historiográficas.³⁸

³⁶ Ver, por exemplo, a discussão sobre história da historiografia como disciplina auxiliar da história intelectual em Étienne Anheim. Interessa-nos a definição precisa desse autor sobre a história da historiografia como forma de história intelectual aplicada pelos historiadores à própria tradição disciplinar. ANHEIM, Étienne. *L'historiographie est-elle une forme d'histoire intellectuelle? La controverse de 1934 entre Lucien Febvre et Henri Jassemin*. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, n. 59-4bis, 2012, pp. 106.

³⁷ Charles-Olivier Carbonell (1930-2013), um dos pioneiros dos estudos de historiografia na França dos anos 1970, entende-a como “o melhor testemunho que podemos obter das culturas desaparecidas”. CARBONELL, Charles-Olivier. *L'historiographie*. Paris : Presses Universitaires de France, 1981, p. 4.

³⁸ MÜLLER, Bertrand. *op. cit.*, 2005, p. 199.

História, historiografia brasileira, história da historiografia

A palavra história, em língua portuguesa, como na maior parte das línguas ocidentais, compreende distintas significações e se presta a variadas utilizações, de onde a necessidade de discernir alguns de seus graus: eles partem do mais abrangente, relativo à existência temporal humana ou às ações humanas no tempo, passando pela história como disciplina acadêmica, até chegar à designação mais específica dos constructos narrativos sobre as ações humanas passadas. À narrativa histórica, vista como o resultado das operações específicas da história, disciplina científica, aplica-se o termo historiografia.³⁹

Considerado por tantos autores como sendo o fundador da história da historiografia brasileira, o próprio José Honório Rodrigues em suas abundantes análises historiográficas alternou entre os termos teoria, historiografia e história da história, como se observa logo nos títulos de alguns de seus principais trabalhos: “Teoria da História do Brasil” (1949), “História e Historiografia” (1970) e “História da História do Brasil” (1979). Buarque de Holanda utiliza indistintamente “historiografia” – desde “O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos” (1951), então afeito às concepções francesas –, no sentido tanto de história da escrita da história quanto do conjunto de trabalhos historiográficos de determinado período ou de determinada área de estudos, embora não apresente ele mesmo qualquer esclarecimento conceitual sobre a escolha do termo. Na França, “historiographie” é o termo usado para designar a história da história. Mas a palavra francesa compreende um vasto canteiro: a concepção de história e os seus usos, os conjuntos de estudos históricos, ou ainda o trabalho do historiador e a própria disciplina histórica. Em outras línguas, “história da historiografia” é o mais comum: “History of historiography” no mundo anglo-saxão, “Historiographieggeschichte” na Alemanha, e em italiano “Storia della storiografia”.⁴⁰

Na análise da produção histórica nos anos 1970 predominava a nomenclatura “historiografia brasileira”, principalmente naquele que será um dos nossos guias nesse debate, José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000), professor titular de História do Brasil no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp desde 1972, e autor de um dos mais respeitáveis documentários da historiografia de então. Por historiografia, este autor entendia em 1976:

³⁹ MARTINS, Estevão de Rezende. Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea. *Revista portuguesa de história* (Coimbra). t. XLII, 2011, p. 198.

⁴⁰ OFFENSTADT, Nicolas. *L'historiographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011, p. 5. Offenstadt compreende a história da história como inscrição na tradição e reflexão sobre as práticas do *métier*. *Ibid.*, p. 7. Sua proposta de historiografia substitui a de Carbonell (1981), concentrado na análise do discurso dos historiadores do passado, na mesma coleção “Que sais-je?” das Presses Universitaires de France.

“análise crítica do processo de produção do conhecimento histórico, e desse conhecimento, enquanto conhecimento”.⁴¹ Seu objeto, portanto, “o próprio pensamento histórico”. O desafio era desviar da “mera enumeração de autores e obras” para “captar em profundidade o conteúdo das obras e da própria ação dos historiadores ao longo de sua vida”, tendo como finalidade última a compreensão da “evolução dos estudos de história, dos rumos que até então seguiram e a projeção futura que podem ou não vir a assumir”.⁴² As definições de historiografia de Amaral Lapa, para que falasse em termos de “historiografia brasileira”, excluía a “historiografia estrangeira” sobre o Brasil. Com certa melancolia, o autor constatava o atraso brasileiro em relação a outros países latino-americanos e principalmente em relação aos chamados brasilianistas: “essa verificação nos dá uma ideia de quanto ainda temos que caminhar, *competindo, inclusive*, com a historiografia estrangeira sobre o Brasil, que avança a passos rápidos e decisivos”.⁴³

Atualmente, vem se convencionando entre os historiadores brasileiros a nomeação “história da historiografia” (que já aparecia às vezes também em 1970), embora ainda seja comum verificar as variações “historiografia brasileira” ou mesmo simplesmente “historiografia”. O consenso terminológico começou a se impor principalmente a partir de 2009, com a fundação da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH), que subvenciona a publicação da *Revista de História da Historiografia* (UFOP). O fato representa um dos avanços notáveis da história da historiografia em termos político-institucionais, sobretudo porque se assiste à proliferação de espaços específicos de pesquisa (linhas e grupos de pesquisa nos programas na pós-graduação), de discussão (simpósios temáticos ou grupos de trabalho em simpósios e demais encontros) e de escoamento (nas revistas especializadas e dossiês específicos) dessa produção. Fomenta-se assim maior coesão para a comunidade de interesses em torno da teoria e da história da historiografia.

A pesquisa de Mateus H. Pereira, Pedro Afonso C. dos Santos e Thiago Nicodemo procurou mapear a emergência da categoria “historiografia” no Brasil – mas em perspectiva global comparada. Segundo os autores, a princípio ela possui três níveis semânticos distintos: a experiência da história em si, a escrita da história e a reflexão ou o estudo sobre a história

⁴¹ LAPA, José Roberto do Amaral. *A História em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976, p. 16.

⁴² *Ibid.*, p. 17.

⁴³ *Ibid.*, p. 65 [grifo meu].

escrita.⁴⁴ A categoria apareceu como parte do esforço, primeiro, de libertação do âmbito da história literária oitocentista, segundo, de demarcação de fronteiras com relação aos domínios da sociologia. Desse modo, a prática da “historiografia” ficou marcada por uma função reguladora das expectativas da escrita da história, principalmente na universidade.⁴⁵ Todavia, notaram os autores que o intercâmbio de nomações ainda permaneceu. Buarque de Holanda (1951) e Astrogildo Rodrigues de Mello (1951), catedrático de História da Civilização Americana na FFCL, usavam “estudos históricos”, enquanto José Honório, “historiografia brasileira”.⁴⁶ Apenas muito recentemente, com a “história da historiografia” como subdisciplina melhor delimitada, o termo “historiografia” seria preterido entre nós.

Nem por isso, contudo, o termo não está totalmente esquecido ou ausente. Encontramos definição atual de “historiografia brasileira” em Estevão de Rezende Martins, que, ao contrário de Amaral Lapa e José Honório Rodrigues nos anos 1970, integra a produção estrangeira que toma os assuntos brasileiros por objeto:

A historiografia brasileira contemporânea abarca pelo menos dois grandes grupos de investigações: um, genérico, diz respeito à história escrita no Brasil e desde suas perspectivas de interesse e análise; outro, específico, relativo à história que tem o Brasil, de uma ou outra forma, como objeto. Neste segundo grupo está incluída a historiografia dita “brasilianista”, produzida sobretudo fora do país, notadamente nos Estados Unidos e na Europa.⁴⁷

O debate não se resume, é claro, à escolha da melhor terminologia, embora isso seja importante. A propósito, Valdeci Lopes de Araujo sugere que a indecisão quanto à forma de se referir à história da historiografia seria sintoma de uma ainda tímida teorização sobre o seu estatuto, o qual ele procura robustecer em sugerindo a construção de uma “teoria geral da historicidade”.⁴⁸ A preocupação básica desse autor diz respeito à necessidade de a história da

⁴⁴ PEREIRA, Mateus Henrique; SANTOS, Pedro Afonso dos; NICODEMO, Thiago Lima. *op. cit.*, p. 85.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 100.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 99. Buarque de Holanda, nas décadas subsequentes, em mais de uma ocasião empregou apenas “historiografia”. É o caso dos artigos “Historiografia portuguesa” (1960) e “Sobre uma doença infantil da historiografia” (1973).

⁴⁷ MARTINS, Estevão Rezende. *op. cit.*, 2011, p. 202.

⁴⁸ ARAUJO, Valdeci Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*. n. 12, ago. 2013, p. 43. Com base na ontologia heideggeriana, o autor pretendeu sublinhar a importância de um “olhar não historicizante sobre a historiografia”, em nome do estudo das condições que prefiguram a escrita da história. Isso favoreceria a libertação da história da historiografia de uma posição auxiliar. Contudo, poderíamos nos perguntar por que prescindir do cruzamento de temporalidades implicadas na historicização? Apenas lembro, a propósito, que o olhar

historiografia, que muitas vezes mal consegue se diferenciar de seu objeto mais evidente, a “escrita da história”, demonstrar suas condições de autonomia, para que possa aspirar à condição de subdisciplina histórica, mais que meramente a figuração como disciplina auxiliar.

Nesse mesmo sentido, já se pode elencar algumas reflexões sobre a fundamentação teórica e a configuração disciplinar da história da historiografia com relação aos demais campos do fazer histórico. É o caso, precisamente, da breve, mas incisiva reflexão de Fernando Nicolazzi sobre a história da historiografia como modalidade da história intelectual. Sua função seria a de “atentar para construções e reconstruções da memória disciplinar que sustenta no tempo o conhecimento histórico” e, um passo adiante, considerar como ela própria, mesmo se querendo desmistificadora, “acaba também por engendrar memórias disciplinares”.⁴⁹ Em uma linha semelhante, de discussão da memória, Fabio Franzini e Rebeca Gontijo analisaram como a história da historiografia produzida no Brasil entre 1940 e 1960 – aí contidos, por exemplo, o célebre prefácio de Candido (1969) e a obra historiográfica de José Honório Rodrigues – estabeleceu o cânone de autores e obras da chamada “moderna historiografia brasileira”. Franzini e Gontijo verificaram que à base dessa produção se encontram operações memorialísticas que tiveram por finalidade a constituição de tradições e a fixação de patrimônios nacionais.⁵⁰

Ainda sobre a noção de memória disciplinar, o artigo de Rodrigo Turin, pela análise das relações entre historicidade e forma, compreende a história da historiografia como gênero de escrita (da história). Na Europa de fins do século 19, o gênero auxiliou o processo de institucionalização universitária da disciplina histórica. No Brasil, ela emergiu simultaneamente ao processo de delimitação das fronteiras disciplinares a partir dos anos 1940. “O crescente interesse e a problematização acerca da história da historiografia nas últimas décadas podem ser vistas, nessa linha, como sinal de uma desestabilização daquela relação harmônica”.⁵¹ A sugestão de Turin seria procurar na história da historiografia como forma, desprovida de

retrospectivo comporta uma espécie de “ação retroativa” sobre os traumatismos do passado. A liberação, pela história dos historiadores, das promessas contidas no passado: uma forma de resistência à voga do presentismo. Cf. RICŒUR, Paul. *op. cit.*, 2000, p. 497-498.

⁴⁹ NICOLAZZI, Fernando Felizardo. História da historiografia e temporalidades: notas sobre tradição e inovação na história intelectual. *Almanack* (Unifesp), n. 7, 2014, p. 32.

⁵⁰ FRANZINI, Fabio; GONTIJO, Rebeca. *op. cit.*, 2009, p. 158.

⁵¹ TURIN, Rodrigo. História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero. *História da Historiografia* (UFOP), n. 13, dez. 2013, p. 83.

essência, as ferramentas críticas de “estranhamento e de liberação” em relação ao passado da disciplina histórica, em vez do uso tradicional como “lugar de domesticação”.

Considerado esse conjunto não sistematizado de reflexões, em que pesem as particularidades e possíveis divergências entre os autores convocados, depreendo parcialmente que, entre nós, as preocupações quanto às tradições e quanto à formação das memórias disciplinares ocupam primeiro plano da agenda de pesquisas no canteiro da história da historiografia.⁵² Parecem dessa forma relegadas cada vez mais à obsolescência as práticas de legitimação teórico-metodológica ou dos exercícios de memória e catalogação de autores e obras significativas, em que a história da historiografia faz as vezes de simples “lugar de memória”. Assim como, por outro lado, que logo mais estudaremos, uma crítica das ideologias em nome da estrita cientificidade ou, ainda, o trabalho de desmitologização prescrito por Nora.⁵³

As reflexões que hoje produzem os autores que viemos de estudar não procedem diretamente das contribuições da geração de 1970. Como bem observou Rebeca Gontijo, nos anos 1980 e 1990 a historiografia brasileira não dialogou com a década anterior, mas sim com os novos paradigmas estrangeiros, sobretudo com a “Nova história” francesa.⁵⁴ Mas, ainda assim, não se pode negar que os autores daquela geração, com a (re)institucionalização e a expansão da pesquisa histórica no Brasil, abriram espaço para novas reflexões historiográficas, muito embora essas práticas mais tradicionais tenham persistido até os anos 1990 e ainda hoje eventualmente possamos encontrá-las.

A reabertura de horizontes na história da historiografia brasileira dos anos 1970 ganha feição inconfundível no texto de Amaral Lapa. Em 1976, esse autor já alertava para a necessidade de “ruptura do pacto consensual” em historiografia. Isto é, a rebelião contra “o caráter repetitivo dos modelos analíticos em relação aos perfis e às obras mais significantes”,

⁵² Além dos estudos sobre a escrita de si de historiadores brasileiros que elencamos na introdução, e estes sobre memória disciplinar que viemos de discutir, a pesquisa de João Ohara tem avançado sobre as práticas de subjetivação dos historiadores brasileiros dos anos 1980, a partir das reflexões de Herman Paul sobre “virtudes epistêmicas” e “scholarly self”, isto é, os valores que delimitam no campo científico as práticas de pesquisa e constroem as figuras exemplares de historiadores. OHARA, João Rodolfo Munhoz. The disciplined historian: “epistemic virtue”, “scholarly persona” and practices of subjectivation. A proposal for the study of the brazilian professional historiography. *Práticas da História* (Lisboa), v. 1, n. 2, 2016, pp. 39-56.

⁵³ A preocupação com a questão do engendramento de memórias disciplinares surge sobremaneira como resposta às críticas à disciplina, inclusive do ponto de vista institucional. Cf. MÜLLER, Bertrand. *op. cit.*, 2005, p. 199

⁵⁴ GONTIJO, Rebeca. A história da historiografia no Brasil, 1940-1970: apontamentos sobre sua escrita. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (Anpuh)*. São Paulo, 2011, p. 11.

conforme avaliava as limitações do modelo que remontava a José Honório Rodrigues, e também a revisão e reavaliação dos ídolos e dos mitos da historiografia brasileira.⁵⁵

Histórias da historiografia brasileira

Pela crítica historiográfica e pela cuidadosa anotação e reedição das obras canônicas da tradição historiográfica oitocentista, José Honório Rodrigues se inscrevia de um modo ou de outro nessa tradição. Considerava Capistrano de Abreu como o primeiro historiador da historiografia no Brasil justo pelos comentários à obra de Varnhagen. Mas, possuía um projeto próprio de historiografia brasileira, na esteira do movimento de profissionalização que se iniciara nos anos 1930, processo no qual também se reconhecia. O autor buscou determinar a linha demarcatória entre a verdadeira historiografia, metódica e interpretativa, daquela produzida por diletantes sem maiores compromissos com o método histórico e com a incipiente comunidade científica. O projeto tinha, inclusive, uma ambição institucional. Rodrigues visava a constituição de um “Instituto de Pesquisa Histórica”, que, por fim, nunca se concretizou.

De acordo com a pesquisa de André de Lemos Freixo, ao erigir um “panteão historiográfico”, Rodrigues tivera por ambição legitimar e validar seu projeto de orientação da pesquisa histórica brasileira, além de preservar esse patrimônio imaterial. Por isso, essencialmente, sua narrativa marcava a evolução dos padrões da história da historiografia brasileira. Diferentemente do Buarque de Holanda que escrevia sobre a historiografia brasileira em 1951, Rodrigues inseria a si mesmo nessa narrativa, entre os mestres da pesquisa histórica. Freixo também apontou a estratégia de vinculação do projeto honoriano à centralidade de Capistrano de Abreu como fundador da história da historiografia brasileira.

Em termos de sua narrativa, José Honório passa por Capistrano de Abreu como personagem central e marco divisório em um ‘antes’ e um ‘depois’ em termos historiográficos na sua periodização. Essa teria nascido no IHGB e, com Varnhagen, a primeira História do Brasil teria sido escrita. A narrativa de Rodrigues, entretanto, teria por fôto ‘fazer ver’, ou ainda tornar autoevidente essa genealogia para a pesquisa histórica. Aliás, uma tradição como essa teria endereço e morada assegurados em seu IPH [Instituto de Pesquisa Histórica]. [...] Tarefa que, é preciso reconhecer, cristalizou identidades e boas doses de sacralidade – sempre complexas, por suas próprias características de se relacionar com o passado – a todos os esforços em prol de uma historicização crítica das identidades, dentre elas a identidade historiadora.⁵⁶

⁵⁵ LAPA, José Roberto do Amaral. *op. cit.*, p. 190.

⁵⁶ FREIXO, André de Lemos. Um ‘arquiteto’ da historiografia brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, n. 62, 2011, p. 164, 168.

Essas doses de sacralidade e de cristalização da identidade historiadora, da parte de José Honório Rodrigues, podemos observá-las nas primeiras páginas introdutórias de sua *História da História do Brasil* (1978). Organizada em três volumes, “historiografia colonial”, “historiografia conservadora” e “historiografia e ideologia”, somente o primeiro foi publicado por Rodrigues. O segundo volume, contando dois tomos, apareceu postumamente, em 1988, um ano após o falecimento do autor. A introdução de 1978 é um documento importante, além da cristalização de uma tradição de estudos de historiografia no Brasil, também porque fora produzido na década em que tais estudos ganharam grande impulso entre nós. Rodrigues iniciou a obra com a abrupta assertiva de que nunca antes – dele mesmo, subentende-se – o mundo de língua portuguesa contou com tratamento independente da história da história, que estivera por muito tempo submetida ao ramo da história da literatura. Em seguida, o autor procurou determinar os “três precursores” da história da história no Brasil – Buarque de Holanda entre eles.

O estudo da historiografia representa, assim, a libertação da disciplina da história literária. Este o primeiro aspecto que se deseja acentuar, pois a história da história do Brasil só reconhece realmente três precursores: Capistrano de Abreu, que escreveu a primeira e mais aguda análise da evolução da historiografia brasileira, nos dois escritos de 1878 e 1882 [O “Necrológio” e o “Apenso”, respectivamente]; Alcides Bezerra, “Os historiadores do Brasil no século XIX”, apreciação crítica muito valiosa, e Sérgio Buarque de Holanda, que em 1951 estudou com extraordinária visão crítica o pensamento histórico durante os últimos 50 anos. São esses três estudos os verdadeiros pioneiros da história da história do Brasil.⁵⁷

O critério básico de seleção era determinado pelo que entendia por documento historiográfico: “Desde que se considere a historiografia como a história da história, só aqueles escritos acabados na forma da descrição ou da interpretação podem ser considerados historiográficos [...]”.⁵⁸

De forma mais radicalmente crítica, Manoel Salgado Guimarães (1952-2010) fez notar que os trabalhos de Rodrigues, preocupado mais com as disputas políticas no campo que propriamente com as análises historiográficas, em boa medida recaíam em “catálogo de autor e obra permeado de juízos de valor, com pouca ou nenhuma análise”.⁵⁹ Estava em jogo, na

⁵⁷ RODRIGUES, José Honório. Prefácio. In: *História da História do Brasil: historiografia colonial*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. xv-xvi.

⁵⁸ *Ibid.*, p. xvii.

⁵⁹ GUIMARÃES, Manoel Salgado. Historiografia e cultura histórica. *Ágora* (UNISC). v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, p. 37.

construção do “panteão” da historiografia brasileira, a construção também de sua própria memória, na medida em que ao mesmo tempo em que os apresentava, constituía, desde uma chave de leitura muito própria, uma memória acerca dos autores e obras. Essa memória visava demarcar o que devia ou não ser lido, o que era ou não atual, em suma, autores e obras dignos de memória e, na proporção inversa, o que seria melhor relegar ao esquecimento.

Ora, no mesmo ano de 1949, quando da primeira publicação de Rodrigues, saía o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*, organizado por Rubens Borba de Moraes e William Berrien, e com participação, entre outros autores, de Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Alice Cannabrava e do próprio José Honório Rodrigues. É certo que este manual não se pretendia historiografia crítica e interpretativa, conforme os critérios de Rodrigues, mas também não deixa de representar um esforço nesse sentido ao organizar vasta bibliografia comentada relativa ao campo de “estudos brasileiros”.⁶⁰ Pouco antes, também em forma de roteiro bibliográfico comentado, saía a primeira das sete edições de *O que se deve ler para conhecer o Brasil* (1945), de Nelson Werneck Sodré (1911-1999). Em moldes semelhantes, Octavio Tarquínio de Souza na sua *História dos fundadores do Império do Brasil* (1957) inseriu um “Roteiro historiográfico da Independência ao advento de D. Pedro II”. Nenhum desses trabalhos são referidos como precursores por Rodrigues, talvez porque não os considerasse propriamente historiografia.

De todo modo, considerando a sua definição de “documento historiográfico”, também é de se estranhar a ausência de importantes ensaios publicados em língua francesa nos anos 1930. Alguns dos historiadores franceses incumbidos da missão de alavancar as recém-criadas faculdades de filosofia no Rio de Janeiro (UDF) e em São Paulo (USP) se encarregaram de produzir os primeiros balanços críticos da produção histórica brasileira. Foram os casos de Émile Coornaert (1886-1980), autor do “Apperçu de la production historique recente au Brésil” (1936) na *Revue d'histoire moderne*, e de Henri Hauser, autor das “Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil” (1937) na *Revue historique*.

⁶⁰ Nesse sentido, o *Manual* foi importante pela tentativa organizar um campo bastante amplo, conhecido como dos “estudos brasileiros”. Na primeira metade do século 20, o conhecimento histórico se servia principalmente do suporte das coleções bibliográficas como a “Documentos brasileiros”, da José Olympio Editora, e a “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional. Essas coleções representavam o espaço privilegiado de veiculação do pensamento da época, “lugar legítimo e respeitado para acolher uma produção que não se amoldava à rigidez do IHGB e, ao mesmo tempo, ainda não se encontrara plenamente entre as nascentes Faculdades de Filosofia”. In: FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010, p. 269.

O primeiro chamou a atenção para o gosto pela história no Brasil ter sido importado da França. Uma via de sentido único ligava os dois países no tocante aos estudos históricos. Seu objetivo era dar a conhecer do público especializado francês um panorama da produção histórica brasileira recente. Em algumas passagens do texto Coornaert assinalou o trabalho histórico “mais ou menos especializado” no Brasil, em estreito contato com as disciplinas vizinhas, e ainda concentrado no IHGB e na ABL. Mas, os estudos históricos propriamente ditos, em sua avaliação, começavam a se desenvolver com a fundação das faculdades de letras em São Paulo e no Rio de Janeiro e a presença dos professores estrangeiros, que serviam de “guias” para a produção de saberes históricos “positivos e metódicos”.⁶¹ Hauser, por sua vez, criticou em Coornaert a indulgência para com a insuficiência crítica de certos trabalhos que analisou. Para Hauser, pois, o trabalho histórico no Brasil ainda em grande medida se confundia com o discurso comemorativo, o elogio acadêmico, a biografia dos “heróis” nacionais.⁶² Contudo, algumas iniciativas que considerou corajosas, como o início da “Coleção Documentos Brasileiros” – *Raízes do Brasil* é o primeiro volume da coleção –, dirigida por Gilberto Freyre, e o próprio *Casa-Grande & Senzala*, levaram-no a afirmar que parecia que a historiografia brasileira entrava então em nova idade, agora crítica.⁶³

Ambos, Coornaert e Hauser, concordavam com a centralidade de Varnhagen e Capistrano (com maior destaque ao segundo) como os grandes referenciais históricos da historiografia brasileira. Hauser retraça a “história da história” de Varnhagen, por se tratar de autor “clássico” e ponto de partida de tantos outros trabalhos, inclusive de Capistrano. O historiador francês considera justa a apreciação de Varnhagen por Capistrano, entre a filiação ao mestre e a crítica de ausência de ousadia interpretativa e de arte da escrita. Essas características que faltavam a Varnhagen, Hauser as sublinhava no trabalho do “grande historiador” Capistrano, possuidor de todas as qualidades dignas de receber um tal epíteto.⁶⁴

O que explicaria, então, diante do diálogo com a tradição oitocentista, suas ausências no rol de precursores de Honório Rodrigues? Longe de minhas pretensões responder à questão, levanto-a senão para assinalar a necessidade de diálogo com outras histórias da historiografia

⁶¹ COORNAERT, Émile. Aperçu de la production historique recente au Brésil. *Revue d'Histoire Moderne*. t. 11, n. 21, jan./fev. 1936, p. 59-60.

⁶² HAUSER, Henri. Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil. *Revue Historique*. n. 181, jan./mar. 1937, p. 93.

⁶³ *Ibid.*, p. 95.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 89.

brasileira.⁶⁵ De qualquer maneira, era notória a acrimônia com que Rodrigues, nacionalista convicto, recebia a historiografia de autores estrangeiros sobre o Brasil. Talvez também houvesse certo ressentimento quanto ao sistema universitário. Embora dialogasse intensamente com ele, e vice-versa, Rodrigues criticava-o com veemência. Seu projeto (IPH) visava a construção de uma escola de altos estudos especializada em questões de teoria e historiografia, uma vez que em sua ótica os cursos universitários de história, salvo poucas exceções, privilegiavam a formação de professores para o ensino secundário, e não a pesquisa histórica.

Vejamos, por fim, como a centralidade conferida pelo autor a seu próprio projeto procura demarcar, de modo arbitrário, um novo ponto de partida para a história da historiografia brasileira: “Depois da nossa primeira historiografia no México [1957] foi publicada a primeira *Historiografia Portuguesa* de Joaquim Veríssimo Serrão [1962]. [...] Na historiografia brasileira, a única exceção, depois dos precursores citados, era a obra de Olaim José, *Historiografia mineira. Esboço*. Depois publicaram-se biografias de historiadores [...]”.⁶⁶

Desse modo, na sequência dos professores estrangeiros da década de 1930, também a importante *Introdução aos estudos históricos* (1961) fora ignorada na rememoração de Rodrigues. Seu autor, o francês Jean Glénisson (1921-2010), ao dirigi-la aos estudantes brasileiros, parece tê-la escrito a partir dos cursos homônimos que ministrou na USP entre 1957 e 1958, e como subsídio para o estudo da matéria.⁶⁷

Com a colaboração de Emilia Viotti da Costa e de Pedro Moacyr Campos, Glénisson extrapolou os limites de um simples “manual” e produziu um dos primeiros e mais significativos trabalhos sistemáticos de “teoria e metodologia” para os estudos históricos que se profissionalizavam no Brasil. Moacyr Campos ficou responsável pelo capítulo “Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX”, anexo ao volume. O esboço sublinhava os

⁶⁵ Sem, igualmente, qualquer ambição de “completar as lacunas” de Rodrigues, pode-se lembrar dos “brazilianists” Stanley Stein e Thomas Skidmore, que publicaram artigos sobre a historiografia brasileira na HAH, em 1960 e 1975-76, respectivamente. Cf. STEIN, Stanley. The historiography of Brazil (1808-1889). *Hispanic American Historical Review*. v. 40, n. 2, may 1960, pp. 234-278; SKIDMORE, Thomas. The historiography of Brazil, 1889-1964: I. *Hispanic American Historical Review*, v. 55, n. 4, nov. 1975, pp. 716-748; SKIDMORE, Thomas. The historiography of Brazil, 1889-1964: II. *Hispanic American Historical Review*. v. 56, n. 1, feb. 1976, pp. 81-109. Charles Boxer também refletiu sobre a historiografia brasileira: BOXER, Charles. Some reflections on the historiography of colonial Brazil. In: ALDEN, Dauril. *Colonial roots of modern Brazil*. Berkeley: University of California Press, 1973, pp. 3-15.

⁶⁶ RODRIGUES, José Honório. *op. cit.*, 1979, p. xix.

⁶⁷ Já entre 1954 e 1955, em quatro números da *Revista de História* (20-23), com a manifesta intenção de servir de manual à disciplina, saía o artigo “Introdução aos estudos históricos”, de Joseph van den Besselaar (1916-1991), da PUC-SP. No ano seguinte, os trabalhos foram reunidos em livro: BESSELAAR, Joseph van den. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Herder, 1956, 340 p.

esforços dos professores franceses na profissionalização dos estudos históricos no Brasil, que atingiam sua idade madura com *Visão do Paraíso*: “Finalmente, na obra de Sérgio Buarque de Holanda, discernem-se os frutos da inquietação intelectual brasileira, atribuindo-se ao país um belíssimo lugar na história das aspirações de todo o mundo ocidental, quiçá da humanidade”.⁶⁸

A propósito, percebe-se como se confunde, no livro de Glénisson, o processo de disciplinarização da história no Brasil com a própria trajetória de Buarque de Holanda, o que nos oferece uma boa ideia da cotação de seu nome e obra nome nos textos de historiografia brasileira até então. Essa citação, em particular, nos interessa pelo fato de ter sido produzida no e para o ambiente da FFCL, o mesmo de onde surgirão na década seguinte outros balanços historiográficos que questionarão, em parte, essa imagem impecável de Buarque de Holanda na memória dos estudos históricos entre nós. Pouco antes, mesmo anteriormente a *Visão do Paraíso*, Honório Rodrigues (1957) saudava Buarque de Holanda como “o mestre de São Paulo”, que contribuiu para “a historiografia nova do Brasil novo”, isto é, a historiografia nacional do Brasil que, avançada a modernização, suplantava a herança colonial.⁶⁹

3.3 Ideologia e história da historiografia brasileira

Se até a década de 1970 os trabalhos de historiografia são relativamente poucos, as novas condições, ligadas ao contexto político e à reforma universitária de finais da década anterior, proporcionarão novo interesse pelo debate dessa área ainda incipiente dos estudos históricos. O seu projeto será o da revisão crítica do conhecimento histórico, segundo a noção de ideologia, em favor de uma “ruptura do pacto consensual”.

Reinstitucionalização da história

Após a reforma universitária de 1968, foi extinto o sistema de cátedras, que centralizava as decisões acadêmicas, e ficava estabelecido o sistema de departamentos, que procurava dividir

⁶⁸ GLÉNISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1961, p. 292.

⁶⁹ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 2ª. ed. revista, aumentada e ilustrada. vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957, p. 13. A primeira edição da *Teoria da história do Brasil* (1949) de Honório Rodrigues concluía-se com apontamento das tendências da “mais moderna historiografia brasileira”, comprometida com a interpretação da nação, sua dimensão histórica e seu futuro, tendência em meio à qual este autor situava Buarque de Holanda. In: RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949, p. 255.

mais as responsabilidades entre os seus membros e incentivava a ligação entre ensino e pesquisa. Logo em seguida, início da década de 1970, com a instituição dos programas de pós-graduação, a pesquisa e a formação de quadros para o ensino superior ganhou em regularidade, recursos e diversidade de espaços de discussão e produção de saberes. Por outro lado, a opção pelo modelo norte-americano parece ter acirrado disputas e acelerado o processo de produção e divulgação das pesquisas.

Além disso, alguns autores assinalaram que, realizada pelo regime militar – embora respondesse a necessidades da racionalização burocrática que transcendiam os objetivos imediatos do regime –, a modernização universitária não deixou de obedecer a imposições do alto. Seu contraponto foi a politização que invadiu o ambiente acadêmico, e os estudantes, sobretudo de ciências humanas e sociais, se insurgiam contra a “ideologia burguesa”, e mesmo contra professores reconhecidamente progressistas.⁷⁰ Para Simon Schwartzman, os novos programas de pós-graduação foram prejudicados pelo clima político pós-1968, quando diversos professores foram afastados compulsoriamente de seus encargos no ensino e na pesquisa, deixando contraditoriamente com que esses novos programas “se vissem despojados de suas lideranças intelectuais quando elas seriam, supostamente, mais necessárias”.⁷¹

De modo geral, nos anos 1970 a história econômica e a história social representaram as tendências majoritárias da historiografia brasileira, quando ocuparam o espaço deixado pelo esvaziamento da teoria do desenvolvimentismo das décadas anteriores e se mesclaram às orientações da escola de sociologia de Florestan Fernandes. História econômica e social emergem então como vertentes de renovação: “A *nova história* que se propagou nos meios acadêmicos nos anos 1960 e 70 tinha em suas origens duas inspirações básicas – a dos *Annales* e a do marxismo”.⁷² Também o interesse se deslocava do período colonial em direção ao Império e à República – em que se concentravam as atenções das pesquisas de Buarque de Holanda nessa década. Fruto do desenvolvimento da história produzida em ambiente universitário, as abordagens holísticas e totalizantes, até então preponderantes, foram cedendo espaço para os estudos monográficos, de recortes circunscritos a problemáticas melhor definidas.

A decadência das meta-narrativas leva à necessidade de reflexão quanto à natureza do conhecimento histórico, seus fundamentos teóricos e metodologias, a ponto de Amaral Lapa ter

⁷⁰ PÉCAUT, Daniel. *Intelectuais e política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990, p. 249.

⁷¹ SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1979, p. 298.

⁷² FALCON, Francisco J. C. *op. cit.*, p. 10.

situado a historiografia brasileira contemporânea em “sua hora de autocrítica”.⁷³ Aliás, a própria institucionalização da pós-graduação, coordenada pela agência CAPES (de aperfeiçoamento de pessoal de Ensino Superior), órgão do Ministério da Educação, contribuiu para que os saberes produzidos se submetessem ainda mais aos critérios intersubjetivos da comunidade acadêmica profissional. Isto, na esteira da criação, ainda na década anterior, de importantes associações e centros de pesquisa, como a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), em 1961, e o IEB (USP), no ano seguinte, ou da introdução das ciências humanas, nos anos 1970, na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).⁷⁴

Circulação e intersubjetividade

Tais instituições, portanto, contribuíram para que o próprio debate fosse beneficiado pelas novas resoluções. Logo em 1968, por iniciativa conjunta entre a ANPUH, seção Rio de Janeiro, e o departamento de história da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi realizado o “Primeiro encontro brasileiro sobre Introdução ao estudo da História”, no intuito de “trocar experiências, confrontar orientações de pesquisas e debater problemas peculiares ao ensino da disciplina *Introdução ao estudo da História*. Compareceram representantes de nove estados e trinta e sete Universidades ou Faculdades isoladas e contou, ainda, com a participação de ilustres professores estrangeiros”.⁷⁵ Como apêndice, os Anais do encontro publicaram os programas da disciplina “Introdução ao estudo da História” (nome que ela assumia na UFF, mas variava em outras instituições) de vinte e nove universidades, além da contribuição do departamento para discussão da reforma universitária. Participaram do encontro José Honório Rodrigues, Odilon Nogueira de Matos (1916-2008), Cecília Westphalen (1927-2004), Nilo Odália (1929-2004) e outros nomes importantes. Chama atenção a intervenção de Nogueira de Matos (Unicamp) sobre “o valor propedêutico da história da historiografia”, que procura defender a colocação da disciplina entre os temas de interesse de um curso de introdução à

⁷³ LAPA, José Roberto do Amaral. *op. cit.*, p. 200.

⁷⁴ Na avaliação de José Jobson Arruda, o período marca a consolidação da moderna produção historiográfica no Brasil. Ele assinala, ainda, a importância do descentramento dessa produção: a USP perde sua hegemonia absoluta e divide espaço com novos centros. Entre eles, o autor destaca a história demográfica de Cecília Westphalen na UFPR. Cf. ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, João Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: Edusc, 1999, pp. 57-61.

⁷⁵ *Anais do 1º encontro brasileiro sobre Introdução ao estudo da História*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 1970, p. 3.

história. Para isso, propõe o autor uma “síntese histórica” da questão, desde a Antiguidade ao marxismo e à história econômica, e desde Capistrano de Abreu até José Honório Rodrigues.

A *Revista de História* deu espaço em 1971 para publicação de textos da mesa sobre o “Estado atual da Pesquisa Histórica no Brasil”, que teve ocasião em julho daquele ano, na “XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)”, em Curitiba, por iniciativa conjunta da ANPUH-PR, presidida então por Cecília Westphalen. Quase setenta professores universitários de várias regiões do Brasil participaram do intento. É interessante notar, em algumas das comunicações realizadas, que a narrativa da profissionalização dos estudos históricos atingia o paroxismo da realização. Foi nesse sentido que Francisco Iglésias concluiu seu relatório sobre a situação da pesquisa histórica no Brasil: “Ao lembrar técnicas modernas, como a quantitativa, ou formas novas de trabalho, como os bancos de dados, ou sugerir certa padronização da pesquisa, para seu aproveitamento por muitos, na superação do amadorismo pelo profissionalismo, do trabalho individual pelo de grupo, é que nos parece haver aí possibilidade de nota mais alta no que se produz”.⁷⁶ Já Alice Piffer Canabrava, ao dedicar-se a apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu, procurou estabelecer os grandes marcos da produção histórica brasileira, entre o IHGB e as faculdades de filosofia. Não foi outra a lógica que presidiu seu comentário da tradição historiográfica brasileira:

Capistrano de Abreu se coloca entre duas concepções: a História como narrativa do empírico, dentro do juízo moral, que tem em Varnhagen, no Brasil, seu representante máximo, e a História no quadro das ciências sociais, numa dimensão nova, segundo o caminho apontado em 1900 por Henri Berr. O grande historiador cearense tem a significação de um elo entre essas duas gerações.⁷⁷

Da mesma autora, dispomos do breve, porém importante “Roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira” (1972), publicado nos anais do “Primeiro Encontro de Estudos Brasileiros”, organizado pelo IEB da USP, em setembro 1971.⁷⁸ Canabrava repetiu o sentido da comunicação anterior ao situar Capistrano como o elo entre “os empíricos” e a “moderna historiografia brasileira” que emergiu com as faculdades de filosofia na década de 1930. Desse modo, situou Oliveira Vianna e Gilberto Freyre como “pioneiros” da moderna

⁷⁶ IGLÉSIAS, Francisco. A pesquisa histórica no Brasil. *Revista de História* (USP). n. 88, set./dez. 1971, p. 413.

⁷⁷ CANABRAVA, Alice Piffer. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. *Revista de História* (USP). n. 88, set./dez. 1971, p. 423-424.

⁷⁸ Além de Canabrava, a área de história do encontro foi coordenada por Buarque de Holanda e Lucia Vilela Luz.

historiografia no Brasil. Buarque de Holanda não figura aí, mas sim como um dos protagonistas dos últimos desenvolvimentos da historiografia brasileira.

De todo modo, em relação ao trabalho anterior, Canabrava avançou no entendimento de que a evolução do panorama poderia ser melhor compreendida se tomado em setores especializados. Por isso, procurou mapear as contribuições das subdisciplinas mais importantes para o período em questão, sobretudo a história econômica, sua área de atuação, depois a história social e, por fim, a história política. A coleção HGCB, a qual em 1972 Buarque de Holanda ainda dirigia, era vista como lugar de síntese desses canteiros. Na ótica de Canabrava, a coleção proporcionava visualizar o “padrão do desenvolvimento atingido pelos estudos históricos, com respeito ao Brasil, em nosso país”.⁷⁹

Diversos historiadores reagiram à exposição da autora, como Frédéric Mauro, Francisco Iglésias, Richard Graham. Retenhamos a importante contribuição de Francisco Iglésias, preocupado em “delimitar o campo” e, para tal, definir o melhor conceito a ser utilizado. Em opinião de Iglésias, considerada a ambiguidade da palavra história, impôs-se historiografia na designação da “arte de escrever a História”. Desse modo, propôs o autor que para o estudo da produção dos historiadores se empregasse “história da historiografia”. No caso, a respeito das histórias do Brasil, história da historiografia brasileira.⁸⁰

Claro que muitos desses encontros podem ser objeto de preocupações distintas. Constituem, de fato, excelente *locus* dos debates em torno da (re)institucionalização da disciplina histórica. Os estudos de historiografia em si ganharam então impulso e renovação notáveis, como pudemos brevemente depreender. Não, porém, sem estarem situados em uma tensão entre tradição e inovação. Nota-se essa tensão no diagnóstico de Amaral Lapa: “A historiografia brasileira vive no momento a sua hora de autocrítica. Como não poderia deixar de ser, as colocações vão desde a *ortodoxia* mais salvadora às mediações mais *inovadoras*”.⁸¹ O incipiente desenvolvimento da história da historiografia brasileira naquela década de 1970, contudo, viu-se reduzido em primeiro plano à “crítica das ideologias” que o discurso histórico “tradicional” supostamente escondia.

⁷⁹ CANABRAVA, Alice Piffer. Roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira. In: *Anais do I Seminário de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1972, p. 9.

⁸⁰ IGLÉSIAS, Francisco. Comentário. In: *Ibid.*, p. 22-23.

⁸¹ LAPA, José Roberto do Amaral. *op. cit.*, p. 200 [grifos meus].

De acordo ainda com Amaral Lapa, que tomava como parâmetro o “progresso da sociologia”, ocorrido em meio a “crises sociais”, o momento político pós-1964 favorecia a revisão crítica da historiografia, que poderia conduzir a produção histórica em um “arranque para melhor”.⁸² Isso porque, em seu modo de ver, em função da urgência de crítica do poder vigente, a história começava a deixar o seu refúgio no passado para assumir compromissos com o presente.⁸³

Sociologia e historiografia brasileira

Já em 1968, o filósofo João Cruz Costa (1904-1978), um dos pioneiros da faculdade de filosofia da USP (doutorou-se em 1942), louvava a iniciativa de “jovens historiadores e sociólogos” em “desmistificar” nossa história – Carlos Guilherme Mota, Fernando Novais, Gabriel Cohn, Emilia Viotti da Costa e outros. Disse isso no prefácio de *Brasil em Perspectiva*, organizado por Mota, e que integrava a coleção “Corpo e Alma do Brasil”, dirigida pelo sociólogo e cientista político Fernando Henrique Cardoso. Disse ainda mais: “Utilizando os modernos instrumentos de investigação que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras lhes proporcionou, os moços evitam agora, como se verifica neste livro, as espetaculares e falaciosas grandes sínteses históricas tão comuns no passado”.⁸⁴ Cruz Costa, autor da famosa *Contribuição para a história das ideias no Brasil* (1956), saudava entusiasticamente, enfim, a sensibilidade dos “moços historiadores” em desposar “as ideias sustentadas por meu querido amigo, o Prof. Fernand Braudel” sobre “a história das estruturas profundas”.⁸⁵

O próprio Mota, na condição de organizador do volume, reivindicava tal filiação ao introduzir os trabalhos, que encontravam sua unidade nos “enfoques modernos” e na colocação de “problemas novos”. Era preciso, segundo ele, “colocar em xeque as visões arcaicas do passado”, por meio de estudos monográficos melhor circunscritos, das preocupações de natureza metodológica e da colaboração interdisciplinar, para enfim se “estabelecer a verdadeira tarefa do historiador”.⁸⁶ Ele citava a aula inaugural pronunciada por Braudel no

⁸² *Ibid.*, p. 201.

⁸³ *Ibid.*, p. 32.

⁸⁴ COSTA, João Cruz. Prefácio. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 1968, p. 8.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 9.

⁸⁶ MOTA, Carlos Guilherme. Nota introdutória. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 1968, p. 13.

Collège de France, em 1950, intitulada “Positions de l’Histoire en 1950”, publicada mais tarde na *Revista de História* (1965, n. 63), a fim de justificar as pretensões científicas de *Brasil em perspectiva*: “[O livro] Pretende lembrar, entre outras coisas, que há, em curso, uma história profunda, lenta, silenciosa, uma *história das estruturas*. Diversa de uma história de superfície, rápida, leve, no dia-a-dia, uma *história dos acontecimentos*”.⁸⁷

Vale o cuidado de mencionar, também, que este livro resultava de uma série de conferências sobre “História do Brasil” promovidas pelo jornal *Folha de São Paulo* e abertas ao público mais amplo. Além disso, não escapava ao organizador a importância de tal evento naquele contexto político específico, propício segundo ele, para uma revisão do passado nacional. Cruz Costa saudou o “esforço de desmitificação” como atitude urgente, “haja vista do que nos vai em redor”.⁸⁸ Mota, por sua vez, expressava a vontade dos jovens professores em “provocar o transbordamento das discussões acadêmicas para fora dos muros da Universidade”.⁸⁹ De fato, a revisão da identidade nacional se colocava em diversas expressões da cultura naquela década – no Cinema Novo, no Teatro de Arena, na Música Popular Brasileira com o Tropicalismo –, entre a busca das raízes e a ruptura com o subdesenvolvimento.⁹⁰

É possível, inclusive, que Buarque de Holanda respondesse a esse *Brasil em perspectiva* quando da palestra aos estudantes da USP sobre “História” (196-). Seria pouco produtivo especular sobre uma resposta tão direta e pontual, exclusiva a esse livro, ou sobre o que haveria de pessoal em o titular da cátedra de História da Civilização Brasileira se perceber à margem da discussão sobre a “nova” história do Brasil. Não há dúvidas, porém, quanto à reação de Buarque de Holanda, no campo disciplinar, a propósito da aproximação estreita da história com a sociologia naqueles anos. Lembremos que, segundo ele indicou, a palestra respondia à demanda dos estudantes de história diante de um “complexo de inferioridade” em relação aos colegas da sociologia (cf. nota 104, cap. 2).

Buarque de Holanda evocara na ocasião algumas memórias não apenas de sua participação em bancas da área de sociologia, mas principalmente de forma a justificar sua autoridade para discussão das fronteiras disciplinares, uma vez que possuía o “grau de mestre”

⁸⁷ *Ibid.*, p. 14.

⁸⁸ COSTA, João Cruz. *op. cit.*, p. 9.

⁸⁹ MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1968, p. 11.

⁹⁰ Além disso, as questões políticas e culturais do Brasil, favorecidas essas pela contemporânea ampliação do mercado de bens simbólicos, se relacionavam, no plano internacional mais amplo, com a bipolarização da Guerra Fria. Cf. RIDENTI, Marcelo. *op. cit.*, p. 35.

em Ciências Sociais (*idem*). Essa legitimidade rememorada o habilitaria para discutir “as relações entre as matérias”, mas era o ponto de vista do historiador que ele assumia, desde seu lugar de professor catedrático, autoridade máxima em história do Brasil. O essencial dessa discussão era que “em história” – da perspectiva do historiador, portanto – “as estruturas, quando mal se insinuam já são quase ao mesmo tempo superadas. História é mobilidade constante” (cf. nota 105, cap. 2).

Está suficientemente claro nesta formulação o desacordo com relação ao estruturalismo, paradigma intelectual que dominava até então as relações entre as diferentes disciplinas das humanidades. Inclusive, no rascunho da conferência sobre “História” ele já ensaiara uma crítica a Braudel, mas acabou optando por excluí-la da versão definitiva: “O método da longa duração implicaria, ao cabo, em admitir que a história se transforma através de fases que obedecem, de certo modo, a uma necessidade inexorável. O que aqui se chamaria dinâmico é exatamente o que em outras ciências se chama estático, obediente a algum esquema relativamente fixo”.⁹¹ À “história das estruturas”, Buarque de Holanda propunha um retorno à noção de “acontecimento”, despido este da carga negativa que lhe fora atribuída pela crítica do positivismo.

Nesses dois textos, Mota e Buarque de Holanda procuraram definir o estatuto do “verdadeiro historiador” – ambos recorreram a essa mesma expressão de ambição normativa.⁹² Mota, em 1968, voltava-se para as práticas, e convocava a metodologia científica e os estudos monográficos, delimitados cronológica e espacialmente, para se opor às grandes sínteses que marcaram as gerações anteriores. Buarque de Holanda, sem negar esses mesmos aspectos, que, afinal, ele mesmo ajudou a introduzir, sublinhava a dinâmica da(s) temporalidade(s) para se opor ao cientificismo de uma história estrutural: “o culto ao passado, como passado, está no polo oposto às preocupações do verdadeiro historiador. [...] Há o passado de ontem, há o de há cem anos ou os de antes da era cristã. Entre eles, não há medida comum [...]”.⁹³ Deixaremos para a próxima sessão o aprofundamento e a particularidade das polêmicas entre Mota e Buarque de Holanda em torno do conceito e das práticas da disciplina histórica. Baste-nos, por

⁹¹ Palestra proferida por Sérgio Buarque de Holanda, discorrendo sobre o tema ‘História’, a convite dos alunos do ‘Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay’. [196-], p. 8 [Siarq – Fundo SBH, Pi 179/Anexo].

⁹² Michel Pollak, em texto sobre a concorrência entre as disciplinas na França dos anos 1960 a 1980, assinala as consequentes transformações na imagem do historiador e das representações que este fazia de si mesmo, enquanto categoria socioprofissional. POLLAK, Michael. L’historien et ses concurrents: le tournant épistémologique des années soixante aux années quatre-vingt. In: *Écrire l’histoire du temps présent: en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS Éditions, 1993, p. 337.

⁹³ Palestra proferida por Sérgio Buarque de Holanda... *op. cit.*, p. 13.

ora, essa entrada. Vejamos, agora, valioso um diagnóstico das relações entre a história com a sociologia naqueles anos.

Em seus exames das teses de doutoramento em história defendidas na USP, Amaral Lapa apontou quatro tendências distinguíveis no horizonte da historiografia brasileira contemporânea: a reinterpretação do passado nacional, “fundamentada no revisionismo ideológico”; as inovações teórico-metodológicas abertas pela ampliação no leque documental, ampliação essa fortemente influenciada pela historiografia francesa; os projetos interdisciplinares para os quais concorria a colaboração entre as ciências sociais; e o deslocamento temático em direção ao estudo da história brasileira contemporânea, isto é, republicana, uma vez que os recortes tradicionalmente dominantes eram, primeiro, a Colônia e, em seguida, o Império. Esse deslocamento, dizia Lapa, fora embalado pelos progressos da sociologia, preocupadas com os problemas socioeconômicos estruturais.

A obra dos cientistas sociais formados pela Universidade de São Paulo significou uma abertura considerável para a historiografia brasileira, particularmente na medida de suas implicações, pois ela ofereceu ao historiador entre outras motivações a revalorização histórica do século XIX brasileiro, repensado em diferentes temas como: economia tradicional e de mercado; trabalho escravo e trabalho livre; estatuto da terra, sua posse, partilha, propriedade e uso; o artesanato, a manufatura e a indústria; a urbanização e a formação e crescimento das classes médias; a fenomenologia política no longo processo de democratização do país, a institucionalização do Exército e o seu dimensionamento político, a análise dos movimentos revolucionários, *a inserção do Brasil no processo evolutivo do capitalismo internacional* etc. Esse repensar foi feito, por sua vez, *em termos estruturais* e com a preocupação de conhecer menos a realidade histórica sensível e mais a inteligível, bem como também, na maioria dos casos, de estabelecer a origem e as condicionantes conjunturais responsáveis pelo rumo tomado pela revolução brasileira neste século.⁹⁴

Era tempo – as décadas de 1960 e 1970 – de intensa atividade, produtividade e influência da chamada “Escola Paulista de Sociologia”, congregada em torno da cadeira de Sociologia I, regida por Florestan Fernandes até 1969, quando das perseguições políticas na USP.⁹⁵ Nesse período, houve a emergência do “marxismo universitário”, principalmente a partir do grupo de leitura d’*O Capital*, de Karl Marx (1813-1883).⁹⁶ Enquanto Fernandes preparava *A revolução*

⁹⁴ LAPA, José Roberto do Amaral. *op. cit.*, p. 32-33 [grifos meus].

⁹⁵ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A trajetória da pesquisa na Sociologia. *Estudos Avançados* (USP), v. 8, n. 22, 1994, pp. 315-324.

⁹⁶ A respeito, ver: RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e ‘um seminário’* (1958-1978). Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP. São Paulo, 2011.

burguesa no Brasil (1975), amadurecia e se definia entre seus discípulos, capitaneados por Fernando Henrique Cardoso no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEPBRAP), uma “teoria da dependência”, que procurou superar o “nacional-desenvolvimentismo”, também denunciando o Iseb como porta-voz da ideologia dominante.⁹⁷

Fernando Novais, assíduo no “seminário Marx”, cumpria na história o programa de estudos sobre desenvolvimento e mudança social com a tese *Portugal e Brasil na crise do antigo Sistema Colonial (1777-1808)*, de 1973, depois publicada em 1978. Outros trabalhos, frutos da mesma agenda da sociologia uspiana, procuravam examinar as lutas ideológicas decorrentes da integração do Brasil na economia capitalista, através de um revisionismo do pensamento histórico e social produzido até então. Não somente a historiografia voltava-se para a reflexão sobre si mesma a partir dos anos 1970. Também as ciências sociais passaram, no Brasil e na França, a examinar com maior frequência o pensamento social ou a própria produção científica.⁹⁸

Histórias das ideologias

O livro que, por assim dizer, inaugura a suspeita quanto aos tradicionais “intérpretes do Brasil”, não é de um historiador, mas um trabalho de psicologia social que, no entanto, se apresentava como “história de uma ideologia”.

Originalmente defendido como tese na FFCL da USP, em 1954, *O caráter nacional brasileiro*, de Dante Moreira Leite (1927-1976) foi publicado em primeira edição como Boletim da Cadeira de Psicologia. A segunda edição apareceu somente em 1968, após intenso processo de reescrita. A tese basilar que o trabalho procurava sustentar era a da generalização de particularismos de classe nas leituras psicologizantes da brasilidade, em torno da noção de

⁹⁷ Maria Sylvania de Carvalho Franco, do departamento de filosofia da USP, produziu “O tempo das ilusões” (1976), texto inicialmente preparado como prefácio para *ISEB: Fábrica de Ideologias* (1978), de Caio Navarro de Toledo. Franco defendeu em 1964, sob direção de Florestan Fernandes, na perspectiva da sociologia histórica, a pesquisa que deu origem ao livro *Homens livres na ordem escravocrata* (1969). Em 1978, a autora assumia e procurava dar continuidade à crítica de Toledo à ideologia nacional-desenvolvimentista do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Com base nas reflexões althusserianas das relações entre ciência e ideologia, Toledo concluía, no que era endossado por Franco, que o Iseb propunha uma ideologia, a do nacional-desenvolvimentismo, que se convertera em verdade a serviço das elites dominantes. Cf. TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977, p.178; FRANCO, Maria Sylvania C. O tempo das ilusões. In: CHAUI, Marilena. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 155.

⁹⁸ A decalagem entre a realidade e os constructos teóricos revelavam a falibilidade dos grandes paradigmas e favoreciam o retorno reflexivo das disciplinas sobre sua história. Cf. POLLAK, Michel. *op. cit.*, p. 33. Sobre a correlata situação brasileira, ver VILLAS BÔAS, Gláucia. *A vocação das ciências sociais no Brasil (1945-1966)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, p. 183.

“caráter nacional”, desde a carta de Pero Vaz de Caminha (1500) até a década de 1950. Uma teoria poderia ser considerada ideológica, segundo Moreira Leite, quando a ciência dispusesse do conhecimento objetivo que a tornaria obsoleta. O instrumental do autor para “identificar o colorido político dos ideólogos” repousava nas releituras de Marx por György Lukács (1885-1971) e Lucien Goldmann (1913-1970), autores que por sua vez se opuseram às leituras de Weber e de Mannheim do conceito de ideologia.⁹⁹

A ruptura com a ideologia se dava, na ótica de Moreira Leite, a partir da nova interpretação da história brasileira pelo Caio Prado Junior de *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), seguido dos trabalhos das ciências sociais produzidos pela escola de Florestan Fernandes. Buarque de Holanda, porque um dos principais “intérpretes do Brasil”, autor, em *Raízes do Brasil*, de uma “visão intuitiva do brasileiro de classe alta”, ficava situado por Moreira Leite em uma etapa intermediária, considerando-se que mais tarde participara intensamente das novas conquistas da profissionalização dos estudos históricos. Se de um lado, Buarque de Holanda continuava a considerar as “características psicológicas como determinantes da vida social”, dadas as sucessivas reedições do ensaio, de outro, tendia a “considerar o homem *cordial* como figura do passado, a ser superada pelas novas condições de vida”.¹⁰⁰ É curioso notar, apesar de tudo, a complacência de Moreira Leite para com a revisão do homem cordial por Buarque de Holanda. Usando a segunda edição de *Raízes do Brasil* (1948) para análise, ele situa o ensaio, sim, no âmago da “ideologia do caráter nacional”, mas além de entender que o livro está “isolado” no conjunto da obra buarqueana, termina por afirmar a parcial atualidade das suas teses, desde que seu autor tivesse negado e revisado sua concepção de “cordialidade”.

Vimos como Buarque de Holanda figurava até aqui na história da historiografia. Por exemplo, no manual de Jean Glénisson (1962), em capítulo escrito por Pedro Moacyr Campos, ele aparecia como historiador de trajetória exemplar, culminância da profissionalização dos estudos históricos no país. Pela primeira vez, com Moreira Leite, aparecia em um trabalho de revisão historiográfica uma crítica tão aguda – ainda que nuançada – a Buarque de Holanda. Mota dará sequência a essa crítica alguns anos mais tarde.

⁹⁹ LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 2ª. ed.. São Paulo: Pioneira Editora, 1969, p. 137 [Exemplar consultado na Coleção SBH, contendo dedicatória manuscrita].

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 293.

A resenha de *O caráter nacional brasileiro*, publicada na *Revista de História* por Alberto Marson, discutia alguns problemas metodológicos da obra de Moreira Leite. Nas palavras de Marson, a noção de ideologia era tomada por Moreira Leite “mais em sentido de fase que de problema”. As escolhas recaíam mais em preferências pessoais que orientadas por critério objetivo e científico: “[...] ao projetar os autores da década de 50 [data do manuscrito original] como responsáveis pela superação teórica mencionada e ao consagrar a nova teoria como o modelo de pensamento não-ideológico, não estaria o Autor refletindo sintomaticamente nos termos do que poderia ser *uma outra* ideologia?”.¹⁰¹ O interesse de Marson pela obra de Moreira Leite certamente se encontrava no fato de, naquele 1971, trabalhar uma tese de doutorado sobre a *Ideologia nacionalista em Alberto Torres* (1979), sob orientação de Mota, e com base na perspectiva althusseriana de ideologia.¹⁰²

Mesmo reconhecendo o caráter pioneiro e a convergência “revisionista” de seus trabalhos de “ataque aos mitos obscurecedores”, em Mota se encontra o mesmo núcleo da crítica de Marson a Moreira Leite, embora a formulação mais desenvolvida e direta. Para Mota, *O caráter nacional brasileiro* esteve distante de causar a polêmica que se podia esperar, não somente porque a “extrema esquerda” em 1969 ainda se voltava mais para o futuro que para a revisão do passado, mas principalmente pela pouca eficácia de seu autor em demonstrar a montagem de “sistemas ideológicos”. Isso porque, segundo Mota, o método de Moreira Leite se assentava sobre “uma vaga noção de História em etapas”, e muito pouco na dinâmica da luta de classes.¹⁰³ Daí sua obra priorizar o “pensamento” em detrimento da “realidade”. Moreira Leite, na leitura de Mota, estava indelevelmente marcado pelo contexto do desenvolvimentismo dos anos 1950, quando a emergência de novos quadros sociais teria tornado possível a própria empresa de questionamento do “caráter nacional” brasileiro. Em apoio a essa crítica, Mota cita Lukács, para quem a “pequena burguesia” se sentia acima da oposição de classes e, assim,

¹⁰¹ MARSON, Adalberto. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. *Revista de História* (USP), n. 86, abr./jun. 1986, pp. 513-528.

¹⁰² Para compreensão da “representação ideológica do nacionalismo”, Marson considerava inconscientes as formas primárias de organização das ideologias, inscritas nas relações sociais concretas, e somente depois sistematizadas em teorias. Essa noção do componente inconsciente das ideologias tem base em Althusser, um dos autores mais traduzidos no Brasil dos anos 1960. MARSON, Adalberto. *A ideologia nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 33-34 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹⁰³ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira* (1933-1974). São Paulo: Ática, 1977, p. 241-242 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

portadora de um pensamento livre de ideologia. Por essas razões, Mota por fim desqualifica a análise de Moreira Leite como “ideologia da superação das ideologias”.¹⁰⁴

Isto posto, não é difícil depreender dessa disputa pela legitimidade da crítica da ideologia, que Mota considerava seu trabalho – apresentava-se, pois, também como uma “história das ideologias” – como *contra-ideologia* absoluta. Mas, por que não valeriam para seu projeto as mesmas objeções que levantou contra Moreira Leite? Algumas pistas em favor desse questionamento podem ser encontradas na fundamentação e nas conclusões de *Ideologia da cultura brasileira*. Os objetivos declarados dos autores não diferiam em essência: desmascarar a ideologia dominante implicada na noção de “caráter nacional” em um, e de “cultura brasileira”, noutro. Talvez a diferença seja que Mota não apresente de fato uma evasão utópica para o que chama de “impasses da dependência” – termo com que caracteriza a situação brasileira nos anos mesmo em que escreve sua tese –, ao passo em que Moreira Leite possuía ainda – na visão de Mota – um resquício ideológico, por apostar no desenvolvimentismo nacionalista, o que passou a ser encarado como pecado mortal, posto que esse projeto acabou servindo aos interesses da modernização conservadora.¹⁰⁵ Já os anos 1970 representavam período de radicalização em resposta ao fechamento do sistema, e em consequência, período também de revitalização, agora massificada, da “identidade nacional”.

Daí então a necessidade de retorno ao passado e crítica da tradição historiográfica, desde os anos 1930, tempo de cristalização da “ideologia da cultura brasileira”, sobretudo com Gilberto Freyre e Fernando de Azevedo (1894-1974) – a historiografia anterior, em sua ótica, era por demais dependente da metrópole. Entre 1933 e 1974, o autor distinguia cinco fases da historiografia: do redescobrimento do Brasil nos anos 1930, passando pela institucionalização nos saberes na Universidade (1940-1950), pelos reformismos (1950) e revisões radicais (1960), até a sua geração, que privilegiou a temática dos “impasses da dependência”, derivada das preocupações com “os desenvolvimentos do capitalismo monopolista e a emergência de regimes totalitários na América Latina”.¹⁰⁶

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 244.

¹⁰⁵ Em resenha da quarta edição de *Ideologia da cultura brasileira* (2008), Luiz Carlos Bresser-Pereira procurou situar a obra em meio aos acontecimentos políticos e intelectuais de seu tempo, a fim de elucidar alguns problemas próprios de quem escreve no calor da hora: “Na verdade, o que houvera fora um ressentimento com a derrota política, e a busca dos seus culpados internos – uma busca que a escola de sociologia de São Paulo não teve dificuldade em fazer: era o Iseb e o Partido Comunista que, ao adotarem a tese da burguesia nacional, haviam enfraquecido as esquerdas”. Cf. BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Do nacionalismo à dependência. *Estudos Avançados* (USP), v. 23, n.65, 2009, p. 321.

¹⁰⁶ MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1977, p. 46.

Quanto à década de 1930, Mota não questionava o cânone historiográfico fixado por Antonio Candido no prefácio de *Raízes do Brasil* (1969). Sua leitura pode-se dizer que está até respeitosa e condicionada à releitura de Candido – considerada a posição reservada para Candido, ao lado de Florestan Fernandes, como o elo entre a geração anterior de catedráticos e os novos professores da USP.¹⁰⁷ Contudo, se Candido situa *Raízes do Brasil* como a grande obra dos anos 1930, Mota altera a ordem estabelecida e confere posição de centralidade a Caio Prado Junior, “possivelmente o historiador mais significativo do Brasil”, autor da “obra de maioridade” dos estudos históricos brasileiros.¹⁰⁸ De Freyre, o autor apontava, através de Moreira Leite, o aspecto “conservador” de suas posições políticas, e, através “da crítica mais recente”, o caráter racista escondido na valorização da miscigenação. *Raízes do Brasil*, por sua vez, estava muito próximo do “saudosismo aristocrático” que embalava *Casa Grande & Senzala*, de Freyre, o alvo preferencial de Mota naquela geração.¹⁰⁹

Temos examinado ligeiramente como a genealogia dos começos e recomeços invariavelmente remete a uma linha de continuidade à qual obliquamente se identificam os seus autores. Não escapava a Mota, de forma até contraditória com a pretensão científica, e com seu tom costumeiramente incisivo, a dimensão de “exercício de memória” – ele mesmo o admitia – implícita em sua história da ideologia da cultura brasileira.¹¹⁰

A despeito disso, confiava Mota na eficácia da “nova ênfase nas descontinuidades” e na “intervenção de técnicas do estruturalismo” – leia-se o anti-humanismo althusseriano – contra, respectivamente, “as explicações lineares historicistas e/ou culturalistas ultrapassadas” e “os velhos quadros teóricos do marxismo ortodoxo”.¹¹¹ O autor com isso afirmava o valor dos procedimentos científicos de seu tempo. A “cultura brasileira” era em sua visão uma categoria

¹⁰⁷ Os “novos” são O. Ianni, F.H. Cardoso, R. Schwarcz, M. Sylvia C. Franco, E. Viotti da Costa, J. A. Gianotti, entre outros. Os “antigos”, F. de Azevedo, Cruz Costa e Buarque de Holanda. O elo, a sociologia de F. Fernandes e a teoria e história literária de Antonio Candido. “A escola mais inspirada do pensamento sociológico e histórico está surgindo em torno de Florestan Fernandes”. *Ibid.*, p. 38.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 32. No mesmo patamar, da “maturidade cultural”, estava *Visão do Paraíso*, obra, porém, de acesso restrito a “reduzidíssimos estamentos culturais” (p. 27). O Buarque de Holanda dos anos 1950-1960, autor de *Visão do Paraíso*, era situado como “reformista”, no momento de ampliação das ciências sociais no Brasil, após os primeiros frutos da Universidade (p. 36).

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 31.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 21.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 50.

de análise impeditiva da “instauração de um possível discurso científico”. Aquela pertencia ao historicismo; este, às revisões do marxismo pelo estruturalismo.¹¹²

A “contra-ideologia” na história da historiografia brasileira

A incipiente história da historiografia se via naquele primeiro tempo, dos anos 1970, como arbítrio regulador da separação entre ciência e de ideologia, não apenas entre nós. Krzysztof Pomian chegou a afirmar na revista dos *Annales* que para a história da historiografia a história não era ciência, mas se situava, antes de tudo, do lado das ideologias.¹¹³ Pomian asseverava que a função da nova disciplina era a de restituir os escritos dos historiadores, vistos como “criadores de mitos”, no contexto das lutas políticas e controvérsias ideológicas de seu tempo, onde se encontrariam os pressupostos norteadores de suas elaborações de imagens do passado e do presente. Nessa concepção, o texto histórico e seu exame eram equivalentes à ação política.¹¹⁴ Pode-se dizer, então, que à crítica ideológica, como questão premente da época – na produção cultural, nos debates intelectuais e políticos, na universidade –, não ficou indiferente a história da historiografia que despontava nos anos 1970 – quando se insinuava já a historicidade “presentista” ou, dito de outro modo, a reinvenção do tempo presente, decorrente de diversas mudanças na experiência social do tempo.¹¹⁵ A crise do referente Estado-nação e das interpretações holísticas da história possibilitavam, bem ou mal, a sua objetificação como ideologia.¹¹⁶ Também por aqui, entre nós, era em nome da ciência que se questionava a “ideologia da cultura brasileira”.

Antonio Candido definiu em certa ocasião como “tempo do contra” o *ethos* predominante não apenas universidade, mas, de modo geral, na cultura brasileira daquela década. O ano era 1978, e da mesa-redonda ele falava para jovens estudantes da USP que aquele era tempo de rebelião contra as tradições. Era antes de tudo tempo do contra – contra o

¹¹² *Idem.*

¹¹³ POMIAN, Krzysztof. L’histoire de la science et l’histoire de l’histoire. In: *Annales*. Économies, Sociétés, Civilisations. 30e année, n. 5, 1975. p. 937.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 936.

¹¹⁵ ROUSSO, Henry. *op. cit.*, p. 170.

¹¹⁶ Charles-Olivier Carbonell apresentava em 1976 uma tese sobre as “mutações ideológicas” dos historiadores franceses da segunda metade do século 19. À base da constituição das escolas históricas (católica, metódica e outros grupos menores) estavam as crenças religiosas e políticas. Em todas elas, conclui Carbonell, se verificava a justeza da tese do presentismo: “l’historien ne vit pas hors de son temps”. Cf. CARBONELL, Charles-Olivier. *Histoire et historiens: une mutation idéologique des historiens français (1865-1885)*. Toulouse: Édouard Privat, 1976, p. 588.

capitalismo monopolista, contra a censura, contra a “abertura relativa” – para em seguida “poder ser a favor da questão da democracia, que é o caminho para a igualdade, que é o que realmente interessa”.¹¹⁷ Estavam também presentes ao encontro novos e velhos professores: “Hoje, a única pessoa de gravata aqui está de paletó vermelho, que é o professor Sérgio Buarque de Holanda”.¹¹⁸ Entre os novos, “um professor jovem desta casa” [Carlos Guilherme Mota], autor de um livro “exageradamente do contra”. A observação da distância geracional é do mais vivo interesse: “E este livro é muito mais da geração dos senhores alunos do que de nós, velhos professores”.¹¹⁹ Apesar disso, o livro de Mota era reconhecido por Candido como parte da “tendência desmistificadora que é a base do contra” (*idem*). Não deixamos de perceber nessa intervenção o cuidado de intermediação efetuado por Antonio Candido.

Em que pese a diversidade de concepções de ideologia mobilizadas, procurei mesurar o seu uso em alguns protagonistas dos debates historiográficos. Considero, com Michel Winock, como uma das possíveis caracterizações de uma geração intelectual, a *questão central do momento*.¹²⁰ Temos visto como a “crítica das ideologias” configurava-se a questão central entre a incipiente comunidade de historiadores da historiografia naqueles anos.¹²¹ Próximos da sociologia e do estruturalismo, fundamentalmente colocava-se sob suspeita os historiadores, ensaístas e outros intelectuais brasileiros do passado. A suspeita partia da matriz marxiana da noção de ideologia [*Die deutsche Ideologie*, 1846],¹²² ou, mais propriamente, a partir das releituras contemporâneas do conceito.

Moreira Leite opunha Lukács e Lucien Goldman à tentativa de Karl Mannheim de superação da teoria de Marx (ainda que com Marx). Mota, no mesmo sentido, atacava também

¹¹⁷ CANDIDO, Antonio. O tempo do contra [1978]. In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 375.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 371.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 379.

¹²⁰ WINOCK, M. *L'effet de génération: une brève histoire des intellectuels français*. Vincennes: Éditions Thierry Marchaisse, 2011, p. 11-12.

¹²¹ Em chave semelhante, François Dosse sugere a pertinência de uma abordagem do campo intelectual como campo magnético, em que se exprimem valores comuns, a partir da noção de “afinidades eletivas”, tal como o elaborado por Michael Löwy, no sentido de uma atração recíproca ou movimento de convergência entre os autores. In: DOSSE, François. *op. cit.*, 2003, p. 58.

¹²² A ideologia em Marx é vista como falsa consciência da realidade, produzida em benefício da classe dominante – enquanto a sua própria teoria era vista como ciência do social, expressão dos interesses do proletariado, capaz de promover a libertação: “Toda ilusão de que o domínio de uma classe determinada é unicamente o domínio de certas ideias cessa naturalmente, logo que o domínio de qualquer classe que seja deixa a ser a forma do regime social, isto é, não é mais necessário representar um interesse particular como sendo o interesse geral ou representar o ‘universal’ como dominante”. Cf. ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 51-52.

a concepção de intelectual (e de ideologia) defendida por Mannheim e sua sociologia do conhecimento, que entendia a posição dos intelectuais como relativamente desvinculada das determinações sociais.¹²³ As teorias dos intelectuais estariam enraizadas, sim, em determinado contexto social e histórico, mas nem por isso reduzidas somente ao erro ou à mistificação ideológica decorrentes de seu condicionamento socioeconômico.¹²⁴ Desse modo clamava o jovem professor, simpático ao “intelectual orgânico” de Antonio Gramsci (1891-1937), por uma “redefinição do papel do intelectual” no país.¹²⁵

Em termos conceituais, penso que o prefácio de Alfredo Bosi para *Ideologia da cultura brasileira* – o mesmo autor também prefaciou *O caráter nacional brasileiro* – sinaliza bem a matriz teórica onde sorvia a crítica das ideologias entre os historiadores brasileiros: “A partir de 70, o nosso pensamento social, a imagem da história que se está recompondo, tende a perder aquela confiança no reformismo puramente verbal e no saber que permeava as visões “integrativas” de anos anteriores. [...] Nesse sentido, foi proveitosa a inflexão althusseriana do estruturalismo [...]”.¹²⁶ Tal inflexão consistia, basicamente, na conjugação entre marxismo e estruturalismo, e consequente tentativa de renovação do marxismo, da qual principalmente Mota, no campo historiográfico, se apropriava.¹²⁷

Althusser procurou distinguir entre o jovem Marx e o da maturidade, em proveito de assinalar a cientificidade do pensamento marxiano, descartando sua dimensão humanista e distanciando-se da *práxis*.¹²⁸ Era a esses debates que se referia Mota quando se posicionava contra o marxismo ortodoxo e demonstrava confiança na intervenção das técnicas do

¹²³ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia* [1929]. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, p. 181.

¹²⁴ A sociologia do conhecimento elaborada por Mannheim buscava ultrapassar, também com Marx, as aporias da teoria marxista da ideologia, na medida em que esta última não se via a si mesma como inescapável das mesmas acusações a que dirigia a seus adversários políticos: “A teoria simples da ideologia evolui para a Sociologia do Conhecimento. O que anteriormente constituía o arsenal intelectual de uma das partes se transformou em método de pesquisa da história intelectual e social em geral”. *Ibid.*, p. 103-104.

¹²⁵ MOTA, Carlos Guilherme. Os fazendeiros do ar. In: *História e contra-história: perfis e contrapontos*. São Paulo: Globo, 2010, p. 38.

¹²⁶ BOSI, Alfredo. Um testemunho do presente. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira* (1933-1974). 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1977, p. viii.

¹²⁷ Florestan Fernandes mencionava a necessidade de se pensar outros vieses da noção de ideologia, sua função criadora, não apenas o ataque às formas mentais de dominação: “Eu não sou muito de citar Althusser, mas agora é importante citar Althusser. Pois ele mostra muito bem que esta dimensão ideológica não está só vinculada à destruição de uma sociedade capitalista [...]. Acho muito importante essa reflexão, porque os que se dedicam à análise da ideologia ficam, com frequência, num limiar muito pobre [...]”. FERNANDES, Florestan. *op. cit.*, 1977, p. 127.

¹²⁸ LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 20ª. ed. São Paulo: Cortez, 2015, p. 130.

estruturalismo, “poderosa frente de investigação científica”.¹²⁹ A ideologia, em Althusser, era vista como o contrário da ciência, uma dissociação absoluta, em prejuízo das contradições implícitas no método dialético. Sua teoria geral da ideologia possuía também caráter a-histórico, próprio do estruturalismo, expresso na fórmula “a ideologia [em si] não possui história”.¹³⁰ Já as ideologias particulares exprimiam situações de classe. Ora, o programa definido por Moreira Leite, depois continuado por Mota, objetivava denunciar a “vinculação social” dos autores e suas obras, isto é, “sua relação com a realidade econômica e política do Brasil das várias épocas”.¹³¹

Como se articulam as reflexões sobre ideologia e aquelas sobre história da escrita da história no Brasil? Mota publicara em 1975 o artigo “A historiografia brasileira nos últimos 40 anos: tentativa de avaliação crítica”. O artigo, a rigor, pouco diferia de parte da introdução do livro de 1977. Os “marcos da historiografia geral do Brasil” são os mesmos, mas vale a menção pelo caráter autointitulado de balanço e as reflexões sobre em que consistia a avaliação historiográfica naquele tempo. Consideremos a definição mínima de seu intento, logo na abertura do artigo: “não se pode conceber análise historiográfica eficaz que não seja, ao mesmo tempo, análise *ideológica*”.¹³² Ou, então, quando conclui, observemos o procedimento de fusão de horizontes resultante do achatamento da experiência pós-1964: “se alguma lição se pode extrair da análise historiográfica e ideológica, não será outra que a certeza de que a ‘imaginação cultural’, assim como a ‘imaginação política’, não se desenvolve sem as condições mínimas para o exercício pleno da liberdade de pensamento e de expressão”.¹³³

Havia ainda uma dimensão prescritiva em sua proposta de avançar na história das ideologias. À exceção dos trabalhos de José Honório Rodrigues, ainda na década de 1950, Mota assinala com acerto o baixo índice de crítica historiográfica na produção brasileira, o que dificultava o estudo do fenômeno dos impactos das obras históricas no meio intelectual. As razões para tal escassez ele atribuía ao trabalhoso exercício do “mais difícil dos gêneros” entre a comunidade de historiadores de ofício, a “história da historiografia”. Para que esta se

¹²⁹ MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1977, p. 51.

¹³⁰ ALTHUSSER, Louis. *Idéologie et appareils idéologiques d'État*. In: *Positions* (1964-1975). Paris: Les Éditions sociales, 1976, p. 98 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

¹³¹ LEITE, Dante Moreira. *op. cit.*, p. 143.

¹³² MOTA, Carlos Guilherme. A historiografia brasileira nos últimos quarenta anos: tentativa de avaliação crítica. *Debate e Crítica*: revista quadrimestral de ciências sociais (SP), n. 5, mar. 1975, p. 2.

¹³³ *Ibid.*, p. 26.

realizasse com rigor, deveria o historiador, pois, reunir “conhecimentos de metodologia, teoria da História e teoria das ideologias”.¹³⁴

Mas, ainda uma vez, é em Amaral Lapa que encontraremos a definição fundamental do *momento* de emergência de uma história da historiografia brasileira. Mais distante dos arroubos iconoclastas, Amaral Lapa problematizava seu próprio tempo, fazendo-se valer de sólido levantamento quantitativo das teses defendidas, de onde derivava suas análises qualitativas. Seu diagnóstico concluía que, nos estudos históricos e historiográficos contemporâneos, predominava a preocupação em objetificar a temática das ideologias.

Vive [a historiografia brasileira] no momento um processo de conscientização ideológica, isto é, depois de descobrir que afinal existem meios e relações de produção decisivos na determinação do sistema econômico, dá conta agora que a evolução historiográfica se faz sob grandes linhas ideológicas, restando portando detectar o perfil dessas ideologias ao nível histórico e historiográfico também [...].¹³⁵

Ao comentar o artigo de Mota (1975) na *Debate e Crítica*, não escapou de Amaral Lapa a sobredeterminação teórica prévia dos balanços, posto que assinalou que “a preocupação analítica é marcada por inferências explicitamente ideológicas”.¹³⁶ A postura de certo distanciamento analítico representa, em relação a outros trabalhos do período, um ganho para a leitura de Lapa nos dias de hoje, porque menos comprometido pelos juízos de valor. O remate de *A história em questão* estava mais para um epílogo, muito significativamente intitulado “Para uma história da historiografia brasileira”. Isto é, o trabalho de levantamento e análise serviria, em última instância, de subsídio para um programa de pesquisas no canteiro da historiografia brasileira. Em comparação com os balanços e autocríticas das ciências sociais no Brasil, Lapa, quase aliviado, afirmava que a história não ficava de fora do processo crítico, o que permitia “esboçar uma história da historiografia brasileira”,¹³⁷ projeto que não muito antes seria de difícil execução, em função justamente da escassez de pesquisas de história da história.

Para bem caracterizar a centralidade da questão ideológica no interior da ainda restrita comunidade de historiadores da historiografia, esta pode ser observada a partir de um colóquio, promovido em 1978 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre a última obra de José Honório

¹³⁴ MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1977, p. 26.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 77-78.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 193.

¹³⁷ LAPA, José Roberto do Amaral. *op. cit.*, p. 191.

Rodrigues – o primeiro volume de *História da História do Brasil* (1978). O colóquio envolvia, claro, o próprio autor e, como debatedores, Amaral Lapa e Mota. É recorrente na entrevista o uso de termos tais como “historiografia ideológica”, “história oficial” e, como referência à diversificação da produção universitária, “massificação” ou até mesmo “modo de produção historiográfico”. Retenhamos, todavia, apenas que os autores reivindicavam para os seus trabalhos, *em conjunto*, a prerrogativa da emergência de uma “nova historiografia brasileira”. Amaral Lapa, a despeito da crítica endereçada a Rodrigues no livro de 1976 – quando associou a este o “pacto consensual” subentendido nas listagens do tipo “autor e obra” –, ficou responsável pela síntese que segue.

Nós três, em diferentes momentos, tivemos como preocupação comum examinar criticamente o que se está fazendo em matéria de estudos históricos no Brasil. Nesse caso – é uma opinião pessoal – o José Honório deu a primeira contribuição, a mais ampla, a mais profunda, dessa avaliação crítica. O Carlos Guilherme inseriu neste exame crítico a preocupação de recuperar todo o universo das ciências humanas, fazendo uma espécie de leitura ideológica do discurso do historiador brasileiro. E eu tento sistematizar e exigir uma permanência para esse processo de avaliação crítica.¹³⁸

Honório Rodrigues, que começara a produzir análise historiográfica algumas décadas antes, aproximava-se dos mais novos pela inserção na “questão central do momento”. Ele fora reconhecido por Mota como “modernizador nacionalista e pugnador do revisionismo historiográfico”,¹³⁹ mas somente com *Aspirações Nacionais* (1963), em que Honório Rodrigues questionava as teses clássicas do “caráter nacional”, inserindo a tese da “história cruenta” do Brasil. Necessariamente, Honório Rodrigues a partir de então mencionava alguma reserva para com Buarque de Holanda em relação à noção de cordialidade – e tão só.¹⁴⁰ São nítidas, portanto, as “afinidades eletivas” entre os autores. Estamos tratando, enfim, de uma geração comprometida com as questões políticas de seu tempo e, enquanto historiadores da história, engajada na “crítica ideológica” da moderna tradição em historiografia brasileira. O trabalho de Mota serviu como o ponto de referência desse grupo. O próprio Amaral Lapa concedeu-lhe o protagonismo na “ruptura do pacto consensual”. Honório Rodrigues, por sua vez, prometia

¹³⁸ LAPA, José Roberto do Amaral; MOTA, Carlos Guilherme; RODRIGUES, José Honório. Vamos discutir a história do Brasil [1978]. In: RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, p. 154.

¹³⁹ MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1977, p. 37.

¹⁴⁰ Em carta de 1970 para Nelson Saldanha (1933-2015), da Faculdade de Direito da UFPE: “parece-me que você ainda aceita a tese do homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda, mesmo depois que no meu livro *Aspirações Nacionais*, levantei a tese da história cruenta”. In: RODRIGUES, Lêda Boechat (Org.) *Nova correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004, p. 118.

uma análise rigorosa das ideologias na historiografia brasileira, a partir das contribuições de Mota e Lapa no terceiro volume de sua trilogia – que, infelizmente, nunca apareceu.

À distância de quatro décadas, porém, torna-se quase uma obviedade a datação dos trabalhos que resultaram sobredeterminados pelos imperativos da crítica ideológica.¹⁴¹ A despeito disso, não se pode deixar de reconhecer os méritos dessa geração em assinalar o “baixo índice de crítica historiográfica” no Brasil até então, e seus esforços em contrário. No mínimo, como um primeiro momento da crítica do cânone da historiografia brasileira, questão reposta atualmente, em outra chave, mais preocupada em historicizar os estratagemas memoriais e questionar os marcos da própria história da historiografia.

Irredução ao lugar

Logo na década subsequente, os anos de 1980, houve quem observasse as limitações das análises historiográficas determinadas pela noção de ideologia. Mesmo nos anos 1970, a fórmula de Michel de Certeau não ignorava tal requisito. A grande diferença é que em Certeau a análise historiográfica não se reduzia ao lugar, mas se articulava também à disciplina (as práticas) e à escrita (o discurso mesmo).¹⁴² Na própria sociologia, Pierre Bourdieu (1988) dizia deplorar o corte entre ciência e ideologia, segundo ele, uma operação “mística”.¹⁴³

Entre nós, Denise Bottman, mais preocupada com questões de epistemologia, questionou o rechaço de Mota em analisar a historiografia brasileira anterior à revolução de 1930: “Há quem veja, como Carlos Guilherme Mota, na historiografia brasileira anterior aos anos 30 apenas a expressão de uma dependência cultural a ‘vínculos externos excessivamente pesados’. É uma questão delicada, mas insuficiente para nos dispensar do exame da produção da época”.¹⁴⁴ Francisco Iglésias, em uma “tentativa de história da historiografia”, escrita entre

¹⁴¹ Não são, os historiadores até aqui citados, os únicos a professar a crítica ideológica ou a análise histórica das ideologias. A propósito, ver também, no Brasil e na França: DUBY, Georges. *Histoire sociale et idéologie des sociétés*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). *Faire de l'histoire: nouveaux problèmes*. Paris: Gallimard, 1974, pp. 203-230; IGLÉSIAS, Francisco. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971; ODÁLIA, Nilo (Org.) *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979 (Col. Grandes cientistas sociais, 9); VILAR, Pierre. *Histoire marxiste, histoire en construction. Essai de dialogue avec Althusser. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 28^e année, n. 1, 1973. pp. 165-198.

¹⁴² “La dénégation de la particularité du lieu étant le principe même de l'idéologie, elle exclut toute théorie [...] Prendre au sérieux son lieu, ce n'est pas encore expliquer l'histoire. Rien de ce qui s'y produit n'en est encore dit”. Cf. CERTEAU, Michel de. *op. cit.*, p. 95.

¹⁴³ BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *Le sociologue et l'historien*. Marseille: Agone, 2010, p. 26.

¹⁴⁴ BOTTMAN, Denise Guimarães. *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 1985, p. 11.

1985 e 1987, mas publicada postumamente no ano 2000, denunciava o esquematismo da crítica da geração de 1930 pelos historiadores seus contemporâneos: “Trinta foi algo mais – o revisionismo de alguns historiadores recentes, negando-lhe tudo, é sem consistência, alguns não passando mesmo de curiosos exercícios”.¹⁴⁵

Retomemos que, de acordo com o que levantou Gontijo, pouco se dialogou com a história da historiografia brasileira de 1970 nas décadas subsequentes.¹⁴⁶ O conceito de ideologia foi sucedido, na historiografia, pelos de mentalidade e representação, acentuou-se a fragmentação da produção histórica, com a especialização entranhada nos programas de pós-graduação, ao mesmo passo em que se proclamava o “fim das ideologias” com a queda do regime soviético em 1989-1991. Michel Vovelle (1982) compreendia ideologia e mentalidade como conceitos rivais disputando um mesmo campo. Chamou a atenção o autor para as mediações complexas entre a vida material e o imaginário coletivo das sociedades, que faziam da história das mentalidades, em sua visão, o prolongamento natural da história social, porque distante das reduções mecânicas.¹⁴⁷ A historiografia francesa das mentalidades e do *tournant critique* inspiraram largamente os historiadores brasileiros desde 1980.¹⁴⁸ A fim de reencontrar a tradição de história da cultura no Brasil foi necessário visitar a Freyre, Buarque de Holanda e outros. Tais autores foram então (re)convocados como “precursores”, conforme observamos rapidamente no posfácio de Vainfas à edição de 2010 de *Visão do Paraíso* (Cf. Introdução, nota 7). O mesmo expediente foi utilizado na leitura de Laura de Mello e Souza (1998) da “gênese dos estudos de cultura do período colonial” – sobre a memória disciplinar da história cultural no Brasil, poderíamos dizer.

A influência de Sérgio Buarque de Holanda no plano dos estudos de cultura talvez não se tenha feito notar de imediato. Nos finais dos anos 1950 a historiografia começava a se caracterizar por trabalhos mais econômicos, gravitando em torno das obras de Caio Prado Jr. e de Celso Furtado. Como se verá adiante, a história da cultura só começou a ganhar força no final dos anos 1970. Então, o recurso aos estudos de

¹⁴⁵ IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil [1985-1987]*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 192.

¹⁴⁶ Uma das referências mais diretas talvez seja, ainda em 1999, a de Arruda e Tengarrinha, para quem, “a abordagem historiográfica é parente da teoria da ideologia e da sociologia do conhecimento”. ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *op. cit.*, p. 12.

¹⁴⁷ VOVELLE, Michel. *Idéologie et mentalités*. Paris: Maspero, 1982, p. 17.

¹⁴⁸ Ocorreu sofisticação da reflexão teórica e o alargamento da cobertura temática desde aquela década em estudos voltados, entre outros, para os campos da cultura, do cotidiano, do imaginário ou da sexualidade. Cf. PETERSEN, Sílvia. O pensamento histórico brasileiro: relações com vertentes americanas e europeias: tendências teóricas e temáticas recentes. *História em revista* (UFPEL), v. 9, 2003, p. 7-43.

Sérgio se tornaria imperativo, e sua poderosa personalidade intelectual dominaria a cena.¹⁴⁹

A crítica ideológica entre historiadores bastante próximos da sociologia bastaria para compreender a apropriação do legado buarqueano prioritariamente entre os historiadores que em relação ao campo de estudos do pensamento social brasileiro? É certo que o conhecimento produzido no sistema universitário pela sociologia paulista introduziu um diálogo eminentemente crítico com o ensaísmo de interpretação vigente em 1930.¹⁵⁰ Contudo, Fernando Novais adverte que, mesmo que procurasse se distanciar do ensaísmo, Florestan Fernandes, “perfil acabado de intelectual acadêmico”, não abandonava as noções de *fundamento* e de *formação*, próprias do pensamento social, no entendimento científico de nosso processo modernizador.¹⁵¹ A questão relativa às diferentes apropriações do legado buarqueano em ramos distintos (mas próximos) dos saberes exigiria maiores esforços e outros caminhos de pesquisa, passando por um detalhamento maior do lugar de tal crítica ideológica em meio aos cruzamentos entre história e sociologia naquele período. Não desconsiderando que Buarque de Holanda, principalmente o autor de *Raízes do Brasil*, jamais esteve desatrelado da tradição do pensamento social brasileiro,¹⁵² procurei limitar-me à memória da disciplina histórica a partir da história da historiografia praticada nos anos 1970.

Mais tarde, uma das exceções, em termos de diálogo com a produção historiográfica da década de 1970, ficou por conta do levantamento de Carlos Fico e Ronald Polito (1992), que consideraram as análises de Amaral Lapa e de Mota como “os trabalhos mais sólidos de análise historiográfica de que se dispõe”.¹⁵³ Mesmo reivindicando certa continuidade em relação às pesquisas de Amaral Lapa, “principal trabalho historiográfico dos anos 70”, anotavam os autores a insuficiência da determinação das condições de produção do conhecimento histórico, e recomendavam que se ampliasse o “conceito de historiografia” em direção à “reprodução,

¹⁴⁹ MELLO E SOUZA, Laura de. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Rio de Janeiro: Contexto, 1998, p. 28.

¹⁵⁰ BASTOS, Elide Rugai. Pensamento social da escola sociológica paulista. In: MICELI, Sergio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-2002)*. v. 4. São Paulo: Anpocs/Sumaré, 2002, p. 184.

¹⁵¹ NOVAIS, Fernando. Revisitando os intérpretes do Brasil. In: *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 266.

¹⁵² Conforme o situa, por exemplo, Angela de Castro Gomes. Cf. GOMES, Angela de Castro. A experiência colonial e as raízes do pensamento social brasileiro: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista portuguesa de história* (Coimbra). t. XLI, 2010, pp. 291-304.

¹⁵³ FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992, p. 16.

circulação, consumo e crítica” do conhecimento histórico.¹⁵⁴ Astor Diehl, em fins da década de 1990, analisou o período, com ênfase nas tensões entre a crise paradigmática da historiografia brasileira de 1970, até então calcada no modelo desenvolvimentista, e a reinstitucionalização da disciplina nos novos programas de pós-graduação, já condicionada, segundo o autor, aos parâmetros presentistas.¹⁵⁵

O tempo da “historiografia engajada” se caracterizou, segundo Antonio Celso Ferreira, pela problemática da “inserção do Brasil no capitalismo e as ideologias e tensões sociais resultantes desse processo”.¹⁵⁶ Do mesmo modo, não exclusivamente pela dinâmica interna da disciplina é que se poderia compreender a historiografia já da década seguinte, de 1980, mas igualmente a partir das novas condições da vida política e social brasileira. Do breve encanto com os possíveis horizontes à frustração com as continuidades do tempo de autoritarismo, seguida da despoltização dos estudos históricos.¹⁵⁷

3.4 A polêmica virulenta ou Sérgio Buarque de Holanda pela historicidade da história

Nos mesmos anos 1970 aqui em questão, Paul Ricœur se posicionava a respeito dos debates entre ciência e ideologia, retomando concepções caras a Mannheim. O filósofo dizia não ser a ideologia um tema de sua predileção, mas a princípio uma reflexão pontual, desafio decorrente da politização da universidade em torno dos acontecimentos de maio de 1968, que o levaram inclusive à renúncia do título de *doyen* em Nanterre. Ele entendia que, desde os recentes trabalhos da escola de Frankfurt, na Alemanha, e os de Louis Althusser, na França, as ciências sociais na Europa pretendiam varrer do mapa as ideologias.

Todavia, Ricœur questionava o frágil estatuto epistemológico da crítica das ideologias, à qual se reduzia o compromisso do saber histórico com a veracidade. Existiria um não-lugar ideológico? Seria este o da ciência, de onde se poderia falar positivamente sobre a ideologia? Sendo, como em Mannheim, a função principal da ideologia – correlata à da memória social – a de integração e fundamentação de identidades, a ilusão seria antes uma corrupção do processo

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 19.

¹⁵⁵ DIEHL, Antonio Astor. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo, RS: UFP Editora, 1999, pp. 217-256.

¹⁵⁶ FERREIRA, Antonio Celso. *op. cit.*, p. 329.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 337.

de legitimação enraizado na função integrativa da ideologia. Por essas razões é que a crítica das ideologias que se vê como ciência pura e não-contaminada tem frágil estatuto epistemológico; se a ideologia conserva a ordem, estabiliza identidades, sua oposição dialética seria a alteridade da utopia, como imaginação emancipatória da ordem social.¹⁵⁸

A saída de Buarque de Holanda para as críticas toma direção parecida; ele mobiliza a noção de experiência do tempo para questionar, tal como em Mannheim, a possibilidade de um lugar não-ideológico. Estudamos como o historiador se posicionava criticamente diante da história econômica e do estruturalismo – a conferência de 1967 sobre o conceito de história anotou tais aspectos. Os conflitos do autor com a nova geração de historiadores se estenderam sobre as noções de história que perpassam toda sua obra, inclusive em termos de linguagem, questão relativa à escrita da história que ganhou força nos anos 1970. A exumação de tais debates nos serve na medida da melhor compreensão da hipótese da escrita de si de Buarque de Holanda como defesa de seu legado – em termos pessoais e de suas contribuições à disciplina – no momento em que se viu mais frontalmente atacado. Em última análise, o que estava em jogo era a sua posição ou o seu nome na história da historiografia brasileira.

Correspondência: resposta aos críticos e escrita de si

Algumas (raras) correspondências ativas que se podem encontrar no arquivo pessoal de Buarque de Holanda dão conta de respostas às críticas. Diferente do seu costumeiro bom humor e ironias finas, observamos um historiador menos paciente e algo agressivo, que não demonstrou complacência com seus críticos.

Em 1972, ano do sesquicentenário da Independência do Brasil, saía a coletânea *1822: dimensões*, organizada por Carlos Guilherme Mota. O objetivo do livro era uma revisão crítica das interpretações tradicionais e a apresentação de novas perspectivas para o estudo da Independência: “[...] o que se verifica é que, enquanto sociólogos, economistas e cientistas políticos se debatem no Brasil de hoje com a problemática da *dependência*, muitos historiadores continuam numa linha estreitamente formalista, aceitando a *independência* como um fato que se esgota no dia de sua proclamação. [...] muito pouco se fez, em termos estritamente científicos”.¹⁵⁹ Em função dessa ambição do projeto em preencher lacunas, a terceira parte do

¹⁵⁸ RICCEUR, Paul. Science et idéologie. *Revue philosophique de Louvain*. Quatrième série, t. 72, n.14, 1974, pp. 328-356.

¹⁵⁹ MOTA, Carlos Guilherme. Preliminares às dimensões. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: perspectiva, 1972, p. 10 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

livro foi toda dedicada a um levantamento bibliográfico comentado, precedido de esboço historiográfico dos estudos mais marcantes sobre a Independência. Justificava Mota: “Nesse sentido, tenta-se avaliar o que se produziu de mais expressivo até hoje: o caráter polêmico das notas visa suscitar o debate, objetivo primordial das análises presentes”.¹⁶⁰ A autoria do arrolamento é de Giselda Mota, então recém-licenciada em história pela USP.

De fato, tendo como ponto de partida essas notas bibliográficas, seguiu-se uma impetuosa controvérsia, que se estendeu por alguns anos, entre Buarque de Holanda e Mota. Tratou-se de uma polêmica bastante significativa do momento e das novas disposições do saber histórico, e que não descartava a chave político-ideológica, embora esta fosse muito mais explícita, e até determinante, da visão de história em Mota. Mais de aspecto francamente antagonista que propriamente dialógica, não é de se estranhar o arbítrio mediador de Candido entre gerações que se disputavam. Todavia, a controvérsia se esgota ao fim da década não pelo termo do consenso, mas possivelmente em razão da “desistência” de Buarque de Holanda, segundo ele mesmo “pouco afeito a esgrimas literárias”, ou ainda mais provavelmente, pela defasagem das questões ideológicas com as novas configurações histórico-políticas já na década de 1980.

A contenda foi estudada por Pedro Meira Monteiro em artigo chamado “Sérgio Buarque de Holanda e as palavras: uma polêmica” (1999). Este autor assinalou a questão premente da polêmica, concentrada em matéria de linguagem. Disse Monteiro: “avançando o raciocínio de Sérgio Buarque de Holanda e misturando um pouco de minhas palavras às dele, o excesso de zelo com uma linguagem ‘científica’ acabaria immobilizando os vocábulos e sufocando seus sentidos latentes”.¹⁶¹ Embora possuamos diferentes angulações, devo alertar que procuro dar continuidade à leitura de Monteiro: da questão das palavras para seu uso *na* escrita historiadora, conforme a preocupação última de Buarque de Holanda.¹⁶²

Para Monteiro, o debate se inicia publicamente em 1973, com o ensaio “Sobre uma doença infantil da historiografia”, de Buarque de Holanda. Mesmo pecando talvez por

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 12.

¹⁶¹ MONTEIRO, Pedro Meira. Sérgio Buarque de Holanda e as palavras: uma polêmica. *Lua Nova: revista de cultura e política* (CEDEC). n. 48, dez. 1999b, p. 150.

¹⁶² A escrita da história passava a configurar nos anos 1970 um debate de primeira grandeza, ao qual Buarque de Holanda não esteve alheio. Não apenas pela leitura de Paul Veyne, *Comment on écrit l'histoire* (1971), ou de Michel de Certeau, *L'Absent de l'histoire* (1973), que se encontram em sua biblioteca, mas principalmente porque incluía para o bom êxito de um trabalho historiográfico, como uma das obrigações do historiador, o “bem escrever”. Considerava-se, afinal, herdeiro das inovações introduzidas pelo modernismo em matéria de linguagem: “Não gosto da linguagem afetada. Gosto da linguagem seca, nítida, precisa, que é um traço característico dos autores modernistas” (cf. nota 49, cap. 2).

preciosismo, acredito que a disputa tenha se iniciado logo *na própria bibliografia* selecionada e comentada por Giselda Mota. A leitura realizada por Buarque de Holanda pode dar testemunho. Acha-se em sua biblioteca o exemplar de *1822: Dimensões*, sublinhado, anotado e eivado de pontos de interrogação. Tanto no ensaio historiográfico de abertura, quanto no levantamento bibliográfico de Giselda Mota, havia críticas pouco ponderadas ao texto “Herança colonial: sua desagregação”, de Buarque de Holanda para o terceiro volume da HGCB. Segundo a autora, Buarque de Holanda era acometido por uma suposta crença na fatalidade da história – pelo uso da palavra “fatal” – e pelo recurso a “especulações imaginárias” – pois tentava “penetrar o espírito” dos protagonistas do passado.¹⁶³ A recorrência com que o historiador grafou ironicamente a palavra “fatal” nas margens do livro, com caneta marca-texto amarela, há de sinalizar grande irritação ao apontar suas diferenças para com Giselda Mota.

O irascível do momento extrapassa à longa carta de vinte e uma laudas endereçada a Carlos Guilherme Mota, organizador de *1822*. Não sabemos se ele a leu ou como reagiu, não sabemos sequer se ela foi de fato enviada por Buarque de Holanda – em verdade, possuímos dela um rascunho. Certo, porém, como indicou Monteiro, é que ela serviu amplamente de base para o ensaio de 1973. Pode que tenham antes os antagonistas tratado do assunto, pois Buarque de Holanda já na primeira linha afirmou estar a cumprir a promessa de enviar ao oponente suas impressões sobre o livro. Vale conhecer o parágrafo inicial, por suas justificativas pessoais, que não se encontram na versão definitiva do estudo (1973).

Foram escritas de início para mim-mesmo. Gosto de anotar e comentar às vezes escritos que me interessem ou, de algum modo, me agridem a imaginação. Fiz poucos retoques, mas vou tirar cópia das notas para talvez desenvolvê-las em estudo mais amplo. Convém dizer que, tendo sido, muito embora, um dos alvos das balas de D. Giselda Mota, não me preocuparei aqui em defender-me. Que sou mau historiador já é negócio manjado demais, e até mesmo o Manequinho-Salazar sabe disso há muito, assim como o Tito Lívio Ferreira. Se ocasionalmente pareço tentar explicar-me é porque estou de cambalhada com outros que não escaparam ao canhoneio de G. M. Alguns são de boa companhia e desvaneço-me por ficar ao lado deles. Para simplificar chamarei a ilustre bibliógrafa de G. M. Nada tenho de pessoal contra ela e até lamento não a conhecer pessoalmente ou, se a conheço, não me lembrar direito de sua fisionomia: isso me acontece muito. Mas como o livro, e em especial a bibliografia comentada, é expressamente um apelo ao debate, aqui estou, de armas e bagagens!¹⁶⁴

¹⁶³ MOTA, Giselda. Historiografia, bibliografia, documentos. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *op. cit.*, 1972, p. 412.

¹⁶⁴ Carta de Sérgio Buarque de Holanda a Carlos Guilherme Mota. *s.d.*, p.1 [Siarq, Fundo SBH – Cp 349, anexo p .7-27].

Ao longo da carta, o historiador se dedica efetivamente ao debate: discrimina quatorze tópicos das mais agudas críticas à bibliografia de G. Mota, assentada em sua crença no “valor mágico das palavras destacadas de contexto”. Ocorria que, ao concentrar-se a autora no significado das palavras, desprezava a sintaxe ou o jogo de palavras da composição, onde elas ganhavam significado: “ela gostaria de ver reduzida a história a uma espécie de esqueleto da História”.¹⁶⁵ Além disso, expressões há que mudam de sentido no decorrer do tempo. Na dúvida, como reprovou Buarque de Holanda em tom de galhofa, a autora “aspeava” toda palavra que lhe parecesse ambígua ou preñe de outros significados: “Assim, convém escrever ‘independência’ para o leitor ficar sabendo que eu sei que, no Brasil, ‘independência’ não foi bem independência. [...] acho até galante isso de enfeitarem de chifrinhos os vocábulos equívocos, mas admito com certa frustração que já não estou mais para tais excessos”.¹⁶⁶

As irregularidades que Buarque de Holanda sublinha no trabalho de G. Mota manifestam, no fundo, um mesmo princípio: o de sua desconfiança quanto ao caráter puramente científico e objetivo da história. À medida que o historiador avança no desmanche da convicção da autora quanto à “linguagem científica”, vamos percebendo como ele reforça suas próprias concepções, na medida em que nela denuncia a prática de uma história obediente a preceitos rígidos. Senão, vejamos. O excesso de zelo e de minúcia não raro levou G. Mota à confusão e à contradição. Ele questiona, nesse sentido, a ausência de justificativa plausível, que caberia bem em um trabalho científico, para a seleção de apenas quinze autores – “inscritos em tendências nítidas” – para comentário, entre cerca de cinquenta outros dispostos em listagem bibliográfica. Que seriam, pois, tais tendências nítidas? Buarque de Holanda especifica que não lhe pareça obrigatório que os historiadores devam pertencer justa e adequadamente a tal ou tal coisa, e exemplifica: “M. Foucault, ao que consta, padece de ‘ambiguidades’, e todavia é historiador, historiador-estruturalista, se isso é possível”.¹⁶⁷ No mesmo sentido se encontra a advertência quanto à classificação de historiadores adeptos de “um certo marxismo” ou historiadores “marxistas ortodoxos”.

Sobre “a linguagem do historiador”, antepenúltimo e último dos quatorze tópicos, Buarque de Holanda não economiza na ênfase da importância dos recursos estilísticos para a boa reconstrução do passado em sua sinuosidade. Recusando a (má) literatura tão somente

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 4.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 6.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 9.

rebuscada, a escrita do historiador serve em sua opinião à expressão mais justa e acertada da realidade passada, que em absoluto se contradiz com a perquirição da verdade. A escrita da história como preocupação fundamental do historiador ele retomará com força no ensaio de 1973 e alguns anos depois em *Tentativas de Mitologia*. O núcleo da discussão, expresso em confissão não tão íntima – pois que a escrita de si na correspondência supõe o outro, leitor – já pode ser adiantado.

Embora meu caso particular não tenha aqui interesse, devo confessar que se houve louvor que eu gostaria de ter merecido, foi o que recebi de um poeta-engenheiro frustrado, de Manuel Bandeira, em livro reunido depois entre suas obras completas (2º. vol. da edição Aguilar), quando escreveu: “O estilo de Sérgio, na sua atual clareza e lógica, foi uma conquista”. Isso condiz de algum modo com o que disse Antonio Cândido da discrição, da elegância, mas “parcimoniosa elegância”, do “rigor na composição” que parecia um corretivo à abundância nacional encontrada num livro velho de quase 40 anos. [...] Por outro lado é preciso confessar também que com virtudes tais, ou antes, só com elas, ninguém consegue ser um bom historiador. Para ser bom historiador, o historiador-ideal de que há pouco se falou, é preciso, sem dúvida, que a linguagem de que se vale, seu estilo, se quisermos, seja “uma conquista”, mas uma conquista que sirva para captar e bem transmitir o resultado das pesquisas feitas, adequando-se a esse resultado.¹⁶⁸

Buarque de Holanda, por fim, afiançava publicar futuramente, sob título de sabor literário, aquele “anti-tratado”, que queria antes ter sido um simples comentário: “Nesse caso hei de mudar aquelas iniciais ‘G.M.’ Quem não saiba o que me levou a rabiscar isto pensará é certo que me dei muito trabalho por um quase nada”.¹⁶⁹ Não tardou muito a reaparecer a discussão, agora sim, publicamente, sob a forma de um denso e igualmente áspero ensaio, embora mais amplo e de toada menos agressiva.

A escrita da história em questão

Já nos anos 1970 despontava também no Brasil a questão da narrativa histórica, debate que nascia entre os Estados Unidos e a França, conhecido por *linguistic turn*.¹⁷⁰ Entre nós, a discussão ganharia força na década seguinte, nos trabalhos de Nicolau Sevcenko, para ficarmos somente com um exemplo. *Literatura como missão* (1983) se encerrava com uma original e

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 20.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 20a.

¹⁷⁰ CUSSET, François. *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze & cie et les mutations de la vie intellectuelle aux États-Unis*. Paris: La Découverte, 2003.

competente discussão do relacionamento entre história e literatura no Brasil da Primeira República. Buarque de Holanda possuía leitura das matrizes estadunidenses da discussão no campo da filosofia analítica e das repercussões na contemporânea historiografia francesa, com Michel de Certeau e Paul Veyne. A julgar pelo último excerto reproduzido da parte final da carta para Carlos Guilherme Mota, Buarque de Holanda compreendia lucidamente o mérito da questão. Do ponto de vista da história, os recursos linguísticos e literários serviriam na justa medida da produção de melhores efeitos do real, em busca de ampliação da veracidade na escrita historiadora. Temos visto como o íntimo relacionamento entre o crítico e o historiador combinou efeitos interessantes na trajetória *sui generis* de Buarque de Holanda. Desde pelo menos 1948 preocupado em delimitar a identidade como historiador de ofício, identidade essa reforçada reiteradamente nos anos de 1970, o historiador não dispensava aquilo que considerava a principal herança de suas raízes modernistas, o gosto pela escrita, e sobremaneira pela precisão e expressividade na escrita.

Tendo prometido um título de sabor literário, Buarque de Holanda saiu-se com “Sobre uma doença infantil da historiografia”, que a pretexto da crítica historiográfica, possivelmente escondia também uma crítica política, através do patente intertexto com “Esquerdismo, doença infantil do comunismo” (1920), de Vladimir Lênin (1870-1924). O ensaio, como também prometido, não menciona Giselda Mota, senão sua desajeitada tentativa de bibliografia. Somente a contragosto Buarque de Holanda refere-se a Carlos Guilherme Mota, primeiramente de forma indireta e depois, para atacar a bibliografia de Giselda Mota, refere-se a ele como o organizador de *1822: Dimensões*. Mas, sabemos que ele se dirige a Mota quando alude a “um historiador de mérito” que havia publicado no ano anterior um estudo “acerca do que chamou ‘atitudes de inovação no Brasil’, entre 1789 e 1801”.¹⁷¹ Buarque de Holanda, portanto, redireciona de Giselda, colaboradora, para Carlos Guilherme Mota, as suas “armas e bagagens”.

Mota, segundo Buarque de Holanda, foi atraído pela própria “obsessão de vocabulário preciso”, que o impediu de ver outros significados, diferentes do habitual, em determinadas palavras, e por isso criticou sem ter razão algumas fontes utilizadas em sua pesquisa: “O que o cegou, provavelmente, foi a convicção inabalável de que uma só e a mesma palavra só pode ter um só e mesmo significado. Convicção que está à base de sua tendência para ostentar generosamente as suas aspas, pois uma palavra posta entre aspas é às vezes para

¹⁷¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Sobre uma doença infantil da historiografia [1973]. In: *Escritos Coligidos*: livro II, 1950-1979. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, p. 424.

ser entendida sem que o escritor deva ser responsabilizado pelo mau uso”.¹⁷² A propósito, lembrou Buarque de Holanda de um estudo de Lucien Febvre sobre as evoluções da palavra civilização e recomendou que se tomasse a devida atenção para as variações semânticas dos conceitos históricos, a fim de evitar desacertos ou “simplificações dogmáticas”. O problema principal que Buarque de Holanda apontou na “historiografia de espécie purgativa”, de aparência científica, ele associou diretamente ao positivismo: “à velha superstição do fato puro substituiu-se a nova superstição do vocábulo puro, ou seja, perfeitamente unívoco, petrificado, e válido para todo o sempre”.¹⁷³

Sem me estender demais pelas referências do texto, que mobiliza e discute importantes figuras em matéria de linguagem, como o filósofo Wittgenstein (1889-1951) ou o linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913), ou dos meandros de suas sempre divertidas ironias para tratar de problemas graves, gostaria de frisar o direcionamento específico, na conclusão do ensaio crítico, que Buarque de Holanda confere às questões de linguagem *em relação* à escrita da história. Esse direcionamento extrapola a estreiteza da polêmica com relação a Mota e seguidores, para sinalizar problema maior do ofício de historiador, que passava a ganhar relevância (às vezes desmedida) naquele tempo. O próprio interesse na discussão com a nova geração de historiadores, que não se queria mero “exagero polêmico”, tinha sua utilidade, segundo o historiador, na demonstração de que a cientificidade da história não depende do “uso de uma terminologia simplificadora e um tanto sestrosa”. Essa ambição de precisão da linguagem científica resultava, em sua ótica, de caricatura da diretriz, essa sim legítima, do bom tratamento da linguagem, como benéfica para o ofício de historiador, considerando-se que este sujeito representa papel de mediador intelectual de categorias tais quais o concreto e o abstrato, o uno e o múltiplo, o individual e o genérico.¹⁷⁴ Ainda assim, Buarque de Holanda sinalizava barreiras e limites precisos para a linguagem: sua relação com a experiência (histórica, no caso). Da seguinte forma definiu o compromisso do historiador com a escrita: “Naturalmente, o bem escrever, no caso, não deve ter um fim em si e não visa apenas a deleitação estética: História não é gênero literário. Contribui, entretanto, para se esposar e melhor transmitir a complexidade do real”.¹⁷⁵

¹⁷² *Ibid.*, p. 425.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 422.

¹⁷⁴ A bem da verdade, como lembrou Monteiro, tratavam-se de preocupações antiga de Buarque de Holanda, desde o já longínquo tempo de *Estética*. MONTEIRO, Pedro Meira. *op. cit.*, 1999b, p. 150.

¹⁷⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.* [1973], 2011b, p. 433.

Uma resposta pontual de Mota nós só iremos encontrar quatro anos depois, no mesmo ano da publicação de *Ideologia da cultura brasileira*, mas em um artigo de polêmica, intitulado “Os fazendeiros do ar”, em que o autor se apresentava novamente como “historiador das ideologias”. A expressão “fazendeiros do ar” fora tomada do poeta Drummond (1902-1987), e a reflexão fora inspirada em Roberto Schwarz, que também havia se utilizado da mesma expressão para caracterizar a literatura dos “anticapitalistas de elite”: homens que no século 20 migraram do campo para as grandes cidades, mas nem por isso ficaram distantes, nos modos de pensar e criar, de sua origem ligada à propriedade da terra. A metáfora do ar representa, evidentemente, o não-lugar com que estes autores costumavam se representar, como portavozes do todo. Mota multiplica os epítetos e os transfere para o âmbito da historiografia: “mandarinato remanescente” e “aristocracia cultural” são maneiras de se referir à geração de 1930, de Freyre e Buarque de Holanda, autores que se preocuparam com a essência da brasilidade.¹⁷⁶ Para Mota, eles insistiam ainda em 1970 a produzir e manter um “comportamento patrimonial” em relação à “cultura brasileira”, categoria que em sua avaliação produzia exclusão. Por isso, seria crucial colocar em discussão seus instrumentos de análise, ou seja, sua linguagem, “peça fundamental de seu sistema de poder” e “elemento constitutivo de sua ideologia”.¹⁷⁷ O ponto nodal que Mota pretendia com isso atingir era a ausência de teoria de classes nas generalizações dos intérpretes ou, em sua linguagem, “ideólogos da cultura brasileira”.

Uma análise detalhada do vocabulário dos “explicadores” do Brasil se impõe, portanto, não para instaurar uma espécie de “superstição do vocábulo puro”, ou seja, perfeitamente unívoco, petrificado, e válido para todo o sempre, como parece temer o professor Sérgio Buarque de Holanda, ponto de referência na historiografia brasileira, em artigo publicado neste mesmo *Suplemento*: não se trata de substituir o mito do fato puro pelo mito da linguagem. O que se tem em mira, isto sim, é iniciar um processo de discussão do instrumental conceitual dos “explicadores” do Brasil, na melhor linhagem de Lucien Febvre. Quais os termos-chave para tais ideólogos? Como é visualizada por eles a sociedade brasileira nos diversos momentos de sua história?¹⁷⁸

A tese de Mota teve grande impacto no meio acadêmico e cultural. Exemplo disso, em 1978, o caderno *Folhetim*, do jornal *Folha de São Paulo*, promoveu um debate “sobre história e cultura brasileiras”, que se iniciou justamente com a discussão do livro de Mota. O jornal

¹⁷⁶ MOTA, Carlos Guilherme. Os fazendeiros do ar [1977]. In: *op. cit.*, 2010. p. 35.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 35.

¹⁷⁸ *Ibid.*

justificava a discussão devido ao sem-número de críticas recebidas por aquele que considerava “o livro mais polêmico dos últimos dez anos”. Os debatedores não o pouparam das críticas. A mais cortante foi emitida pelo sociólogo Orlando Miranda (USP): “para mim o texto de Mota é muito mais uma cultura dos ideólogos do que uma ideologia da cultura”. Algumas lacunas e imprecisões do livro, decorrentes da variedade de autores e temas estudados, também foram apontadas. João Pedro da Fonseca, da Faculdade de Educação da USP, sinalizou a ausência de articulação entre produção cultural e educação, que seria uma maneira de compreender a disseminação da ideologia a que queria combater. Houve espaço para resposta de Mota, que não se opôs frontalmente às críticas, até concordou com boa parte delas. Preferiu, então, praticar uma espécie de historicização instantânea, um olhar distanciado sobre o livro recém-lançado. Lembrou, desse modo, que seu trabalho fora concebido nos anos de chumbo, entre 1969 e 1974, “uma época em que a atividade intelectual do país estava passando por um marasmo profundo, uma época na qual nós, que provínhamos de 1964, procurávamos não compactuar com os extremismos, nem com a mediocridade vigente”.¹⁷⁹

Buarque de Holanda, algumas semanas depois, fora chamado ao debate pelo jornal. Já estudamos a entrevista “Que país é este?”, quando o autor discorreu largamente sobre as suas reservas quanto a *Raízes do Brasil* – ainda assim comemorado como clássico incontornável (nota 112, cap. 1). Propositamente, uma rápida passagem dessa entrevista deixei reservada para agora. O entrevistador Jary Cardoso, cioso de direcionar o debate “sobre história e cultura brasileiras”, mencionou o livro de Mota, e obteve como resposta uma anedota: “Carlos Guilherme Mota, o Ibrahim Sued [famoso colunista social carioca] da esquerda festiva”. Buarque de Holanda então contou que a fórmula tinha sido criada por Fernando Henrique Cardoso, mas em sua casa, e por isso acharam que tinha sido ele o inventor, a ponto de Darcy Ribeiro ter-lhe cumprimentado pela frase. O repórter transmitiu as impressões críticas do historiador: “Sérgio Buarque achou que o livro de Mota ‘é todo desigual, muito cheio de coisas, parece que uma está encaixada na outra’. E contou que escreveu um artigo sobre Mota no extinto ‘Suplemento Literário’ de ‘O Estado de S. Paulo’, intitulado ‘A doença infantil da historiografia’”.¹⁸⁰

Formalmente, não passava daí a polêmica entre os historiadores, uma vez que Buarque de Holanda não mais se pronunciou. Lembramos que, no mesmo 1978, diante de Mota e de

¹⁷⁹ VEIGA, Rui. Debate: como fica a Cultura? *Folha de São Paulo*, 2 abr. 1978, Suplemento Folhetim, p. 12.

¹⁸⁰ CARDOSO, Jary. *op. cit.*, p. 4.

Buarque de Holanda, Antonio Candido procurou defender *Raízes do Brasil* e considerou “exageradamente do contra” a posição de Mota.¹⁸¹ Por ocasião do prêmio de “Intelectual do ano” de 1979, Candido e Mota voltarão, respectivamente, a escudar e a combater Buarque de Holanda. Mota dirá que, em comparação com a assim chamada “Escola Paulista de Sociologia”, Buarque de Holanda não realizou esforços coletivos semelhantes em prol da disciplina histórica.

Guardei para o fim aquela que considero a mais contundente, e também a mais instigante resolução de Buarque de Holanda em torno da crítica ideológica na historiografia. Em 1975, lembremos, Mota tinha atado estreitamente Freyre e Buarque de Holanda como dois reativos à Revolução de 1930, como que unidos por um sentimento de “saudosismo aristocrático”.¹⁸² A resolução de Buarque de Holanda, expressa na entrevista à *Veja* de 1976, é instigante porque sintetiza as suas preocupações epistemológicas com a historicidade da história ao mesmo tempo em que as opõe às correntes imobilistas rivais; contundente, porque aplica um golpe fatal ao mobilizar a noção de experiência do tempo, com ênfase na individualidade e subjetividade do historiador, contra a penetração, em nome da vocação científica, de modelos esquemáticos, de exigências portanto a-históricas – ou estruturais – no pensamento histórico.

A atual geração de historiadores considera a ideologia um pensamento falso. Mas eu pergunto: será possível assumir uma ideia que seja válida? Cada um de nós tem, no fundo, uma certa ideologia, um certo *conceito de tempo*. Para transcender isso, somente um gênio. E não devemos ficar externamente de braços cruzados à espera desse ser excepcional, devorador de ideologias, que assumiria o ponto de vista da eternidade.¹⁸³

A empatia para com o caráter parcial do conhecimento histórico não era novidade em Buarque de Holanda, como sabemos, e as relações mais específicas entre “verdade e ideologia” já haviam sido discutidas na difícil série de artigos homônimos dedicados à análise de *Dialética do conhecimento* (1952), de Caio Prado Junior. Buarque de Holanda assinalava em 1952 que, para o marxismo, e para a derivada sociologia do conhecimento de Mannheim, a exigência de pensamento isento, como defendiam alguns positivistas e neopositivistas, era considerada uma impostura à qual cumpria desmascarar, e Prado Junior não fugia a essa responsabilidade: “[...]”

¹⁸¹ CANDIDO, Antonio. *op. cit.*, 2002, p. 375.

¹⁸² MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1975, p. 11.

¹⁸³ COELHO, João Marcos. *op. cit.*, 1976, p. 6 [grifo meu].

o pensador brasileiro, que continua acima de tudo a ser um historiador, não se limita a combater as formas atuais”.¹⁸⁴ Prado Junior remontava à crítica do racionalismo e do empirismo, que alcançariam síntese superior na dialética marxista, através do historicismo e do hegelianismo. Para Buarque de Holanda, essa discussão constituía o núcleo da obra, possibilitada por um modo de pensar de um autor “que não conhece a existência de uma Verdade externa e eterna, suscetível de converter-se em norma de nosso pensamento; este, ao contrário, é determinado de certo modo pela situação histórica de onde emana” (*idem*).

Assim se entende melhor o que, em nível epistemológico, para Buarque de Holanda estava em jogo quando mobilizou, em 1976, o “conceito de tempo” contra a “crítica ideológica” – a historicidade de todo conhecimento, especialmente do conhecimento histórico. Buarque de Holanda dizia em 1967 aos estudantes de história: “Cada época da história tem as suas peculiaridades distintas, que não se deixam impunemente transferir às outras”.¹⁸⁵ Se há um diapasão invariável para a crítica do conhecimento histórico, este seria a consciência de sua historicidade, como pode atestar o recurso a Croce, autor que entendia a crítica historiográfica a partir da historicidade da obra em apreciação.¹⁸⁶ A transmutação do mito positivista do “fato puro” no que Buarque de Holanda entendia por “mito da linguagem pura” – isto é, supostamente científica – atribuído este último a Mota e afins, colocou-os em apuros, pois decepava junto à raiz a confiança sobeja na possibilidade de crítica puramente ideológica em historiografia a partir de uma pretensão de objetividade absoluta.

Ainda que distante da má pretensão de apontar quem possuía razão na disputa, não há dúvidas de que a posição que assumiu Buarque de Holanda tenha triunfado na disciplina histórica, assim como a sua memória acabou se impondo no tempo, celebrada inclusive entre eminências da sociologia uspiana – como Florestan Fernandes, em entrevista no dia do falecimento de Buarque de Holanda, ou Fernando Henrique Cardoso, presente na missa de sétimo dia –, escola à qual Mota queria opor as contribuições do autor de *Raízes do Brasil*.

¹⁸⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Verdade e Ideologia I [1952]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 2011b, p. 198.

¹⁸⁵ Palestra proferida por Sérgio Buarque de Holanda... *op. cit.*, p. 17.

¹⁸⁶ “Il guidizio di un libro di storia deve farsi, dunque, unicamente secondo la sua storicità, come di un libro di poesia unicamente secondo la sua poeticità”. In: CROCE, Benedetto. *op. cit.*, p. 4.

Memorável discussão

Ainda resta uma outra dimensão atribuída ao debate: a perspectiva memorial, direcionada à ulterioridade. Mesmo que de fato a polêmica tenha repercutido pouco na memória da profissão historiadora, conveio revisita-la em função dos questionamentos que se vêm impondo a Buarque de Holanda, das ranhuras em sua memória, para fazer notar a escassez do diálogo com as críticas abertas há quatro décadas.¹⁸⁷

Trata-se em si de uma evidência o fato de que provavelmente o próprio Buarque de Holanda tenha organizado e arquivado algumas peças importantes da contenda. Em seu arquivo pessoal, sob o mesmo código de referência,¹⁸⁸ se encontram compilados, primeiro, uma carta de Alfredo Bosi a Buarque de Holanda, datada de 1980, em seguida um punhado de artigos críticos de Mota, “Fazendeiros do ar” entre eles, e por fim, o rascunho da carta de 1972-3 endereçada a Mota. A ordenação temporal que aqui seguimos (de 1972 a 1980) foi contrária à do arquivamento (de 1980 a 1972), possivelmente por ele mesmo, o que certamente produz efeito diferente da intenção depositada.¹⁸⁹ A carta de Bosi, lamentando a tomada de posição anterior, como que se desculpando por ela, posta em primeiro plano transmite sem dúvida a justa sensação de triunfo de Buarque de Holanda na esgrima. Procurei, sem necessariamente desfazer tal impressão, a reconstrução das querelas, com vistas à melhor compreensão da ameaça à “identidade narrativa” de Buarque de Holanda.

Meira Monteiro afirma que Alfredo Bosi participou “literalmente sem querer desta polêmica, já que seu nome foi lembrado por Carlos Guilherme Mota num dos artigos que compõem o corpo da discussão”.¹⁹⁰ De fato, Bosi se sentiu incomodado em ter sido citado por Mota como um discordante. Mas, talvez não se devesse isentá-lo totalmente da contenda, pois, afinal de contas, Bosi escreveu o prefácio de *Ideologia da cultura brasileira*, e não foi econômico no elogio de Mota, e desse modo reforçou a crítica a Buarque de Holanda. Bosi, na

¹⁸⁷ Nelson Werneck Sodré, por exemplo, tomou a defesa de Buarque de Holanda contra Mota, mas não gratuitamente. Ele, em verdade, defendia-se dos ataques ao Iseb e ao PCB por Mota e Navarro Toledo. Em 1973, no jornal *Opinião*, Sodré tinha exposto algumas críticas ao livro *1822*. Teve de suportar, no mesmo periódico, uma forte reação dos estudantes ligados a Mota, como Marson e Maria Stella Bresciani, entre outros intelectuais. Dez anos depois, voltava Sodré à carga com “A luta ideológica”, em que chamava Mota de “o travesti impune”. SODRÉ, Nelson Werneck. A luta ideológica. In: *História e materialismo histórico no Brasil*. São Paulo: Global, 1985, p. 75.

¹⁸⁸ Definido como “unidade de arquivamento”, e ainda, “cota” ou “notação”. Cf. DICIONÁRIO Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 125 (verbete “notação”).

¹⁸⁹ Nunca é demais lembrar, com Arlette Farge, que o documento não se basta a si mesmo, nem a sua mera citação pode ser considerada prova: as evidências de seu enunciado aí estão para serem interrogadas. Cf. FARGE, Arlette. *Le goût de l'archive*. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 91.

¹⁹⁰ MONTEIRO, Pedro Meira. *op. cit.*, 1999b, p. 148.

ocasião, saudava a inflexão althusseriana do estruturalismo, de encontro às mudanças qualitativas da história, que tinham embalado as “visões integrativas dos anos anteriores”, agora em agonia.¹⁹¹

Três anos depois, ele próprio, Bosi, admitia na carta ter avizinhado Buarque de Holanda a Freyre nos anos 1930. Sublinhemos, porém, a retificação: “e tão só na década de 30”. Essa observação era muito importante, considerado o conservadorismo que Freyre francamente assumiu, com sensível simpatia ao governo militar no Brasil e ao salazarismo em Portugal. Com ela, Bosi reconhecia, diferente de Mota, o amplo processo de transformações por que atravessou a trajetória do autor de *Raízes do Brasil*. O que Bosi desaprovava, e isso ele não nega, era a “antiquada psicologia social” que informava o ensaio, segundo a leitura “do saudoso Prof. Dante Moreira Leite”, a quem seguia nesse quesito.

Mas, havia ainda uma questão mais delicada, central na crítica de Mota, da qual Bosi preferiu se desembaraçar: “E agora o *punctum dolens*: nunca atribuí, expressamente, qualquer vínculo entre as suas interpretações e a classe, ou estamento, a que o Sr. pertenceria. Não é que me desagrade, em princípio, uma sociologia do ponto de vista historiográfico; antes, julgo-a e prezo-a tão séria coisa que não me arrisco a improvisá-la a meu talento”.¹⁹² Esse depoimento era fruto de uma sincera e justa preocupação. Bosi não desejava, como ele mesmo afere, ficar do lado dos ressentidos, nem se ver enredado em “cipal de equívocos”. Por fim, reconhecia a obra de Buarque de Holanda como “fonte generosa que já alimentou mais de uma geração”.¹⁹³

Buarque de Holanda deixou de revidar as investidas; serenavam as labaredas crepitantes da polêmica. Muitas vezes a crítica aguda de Mota, bem ao centro das contradições do autor de *Raízes do Brasil*, entre a rejeição do homem cordial e a sua revivescência pela memória, atingia um nível praticamente pessoal de disputa. Os demais críticos das ideologias no ensaísmo de 1930, como Moreira Leite, Amaral Lapa e Honório Rodrigues, guardavam o “homem cordial” como uma exceção na trajetória de Buarque de Holanda, e concentravam seu arsenal principalmente contra as ideias freyrianas de cultura e mestiçagem. Eles costumavam aceitar sem maiores dificuldades as revisões nas edições de *Raízes do Brasil* e as lembranças de Buarque de Holanda sobre a noção de cordialidade.

¹⁹¹ BOSI, Alfredo. Um testemunho do presente. In: *op. cit.*, 1977, p. vii.

¹⁹² Carta de Alfredo Bosi a Sérgio Buarque de Holanda. *São Paulo, 9 dez. 1980*, p. 2 [Siarq – Fundo SBH, Cp 349, anexo, p. 1-3].

¹⁹³ *Ibid.*, p. 3.

Pudemos acompanhar neste capítulo parte do percurso da historiografia brasileira na década de 1970 sobre fundo político. Passou-se a realizar uma história da historiografia centrada na crítica das ideologias, a qual algumas vezes se voltou contra o autor de *Raízes do Brasil*. Na polêmica com Carlos Guilherme Mota, o vetor da crítica das ideologias entre os historiadores na década de 1970, Buarque de Holanda, mobilizando a historicidade do saber histórico e a plasticidade da escrita historiadora, se posicionou em desacordo com o esforço de plena cientifização da disciplina, o que chamou “uma doença infantil”.

Buarque de Holanda ainda se esforçaria em legar à posteridade uma narrativa coerente de si e de sua trajetória intelectual. Principalmente, a tentativa de autobiografia que lhe valeu o prêmio de “Intelectual do Ano” de 1979, dizia da singularidade de seu legado para a historiografia, mas também da expectativa política, quanto a sua efetiva participação e contribuição intelectual para o contexto da redemocratização, que já se insinuava.

CAPÍTULO 4

Da escrita de si à construção da memória de Sérgio Buarque de Holanda

Que a morte me desmembre em *outro*, e eu fique

Fernando Pessoa¹

Principalmente após a aposentadoria, em 1969, Buarque de Holanda investiu na escrita de si com maior frequência e de forma mais decisiva para a constituição de sentido de seu legado. A sensação de proximidade da morte, a necessidade de consolidar esse legado e também o desmentido das críticas têm grande conta nessa prática. Se antes a estudamos em temáticas relativamente específicas, de forma fragmentária, dispersas nos depoimentos, entrevistas, prefácios e conferências, isso se deveu em parte à própria dinâmica da rememoração e de seu fluxo temporal: a recoleção descontínua dos traços do passado.

A escrita de si de Buarque de Holanda culmina, no final da década de 1970, em *Tentativas de Mitologia*. O historiador cedia, enfim, à tentação autobiográfica? Ou, antes, tratava de organizar em Memórias as lembranças que até aqui estudamos, dispersas em outros suportes?² Uma vez que autobiografia e memórias constituem formas de escrita do eu muito

¹ PESSOA, Fernando. *Fausto*: tragédia subjectiva (fragmentos). Organização de Teresa Sobral Cunha. 1ª. ed. integral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 146.

² Starobinski analisa a separação que se opera frequentemente entre memórias e autobiografias. Seriam memórias os textos autorais que recontam situações históricas, produzindo certo apagamento do autor, convertido momentaneamente em historiador. Ele questiona, contudo, um possível arcaísmo na distinção rígida entre ambas, considerando o estudo de autobiografias então recentes (Michel Leiris e Jean-Paul Sartre), que alternavam entre o “eu” que se reconta e o “eu”

próximas e intercambiáveis, tanto mais complicada é a tarefa de definição ao tratar de *Tentativas de Mitologia*: antologia de antigos textos de crítica historiográfica e de crítica e história literárias, precedida de uma “Apresentação” de cariz autobiográfico. Seja como for, tentaremos afixar, sobre este último livro publicado pelo historiador, que nele a sua trajetória intelectual ganhava coerência na perspectiva do *presente*, abarcando uma unidade temporal cerrada em ordem necessária. Buarque de Holanda estabilizava enfim uma “identidade narrativa”. Isto é, ele mesmo *mis en intrigue*.³

Em torno de Buarque de Holanda o processo não se deu de forma diferente, embora cuidemos de delimitar suas singularidades. Os seus próximos – familiares, amigos, pares intelectuais e discípulos – exerceram papel fundamental na *atestação* do seu discurso de si, entre as homenagens ainda em vida, as homenagens póstumas e a institucionalização do acervo pessoal, depositário da memória. Cabe à historiografia, no entender de Ricœur, a mediação entre memória pessoal e pública.⁴ Ou seja, nos termos propostos para este trabalho, a nós compete também estudar, desde as interpenetrações de rememoração e comemoração, a história dessa memória, em oferecendo uma historicização do legado buarqueano.

4.1 “Tentativas de Mitologia”: Sérgio Buarque de Holanda entre o si mesmo e os outros

Considerada a crise dos grandes paradigmas explicativos, com o declínio do quadro nacional balizador das grandes narrativas, era tempo de “retorno do sujeito” nas ciências humanas e na literatura, e, com isso, de intensa produção e circulação de autobiografias e memórias. Na América Latina e no Brasil, entre finais da década de 1970 e os anos 1980, quando se colocou com força a questão democrática, obteve êxito editorial a literatura de caráter confessional ou testamentário.⁵ Diana Klinger assinala esse período como o de uma virada nas

que participa da história. Também Georges Gusdorf entende ambas como “literaturas do eu”, cada uma em suas especificidades, mas que partilham uma origem comum, qual seja, a tomada de consciência do indivíduo. Cf. GUSDORF, Georges. *Lignes de vie: Les écritures du moi*. v. 1. Paris: Odile Jacob, 1990, p. 175; STAROBINSKI, Jean. *Le style de l'autobiographie* [1970]. In: *La relation critique*. Paris: Gallimard, 2001, p. 114-115.

³ RICŒUR, Paul. *op. cit.*, 1985, p. 355.

⁴ RICŒUR, Paul. *op. cit.*, 2000, p. 161.

⁵ Foi o caso dos livros de memórias do exílio e da repressão política, como *Em câmara lenta* (1977), de Renato Tapajós, *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, ou *Os Carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis. Além dessa “literatura do testemunho”, houve predominância também do “romance de resistência”, como *Lavoura Arcaica* (1976), de Raduan Nassar, e *Reflexos do Baile* (1976), de Antonio Callado, entre muitos outros. Cf. FRANCO, Renato. *Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70*. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era de*

escritas de si na América Latina, que passam de um instrumento de conservação de valores, como funcionaram do século 19 até o modernismo, para uma forma de testemunho de uma geração que sustentou projetos de mudança.⁶

É quase certo, entretanto, que a escrita de si de Buarque de Holanda, apesar de participar da onda memorial ou, inclusive, de fornecer amparo e sentido para novo projeto, de mudança de valores, possua outra angulação. Ela parece responder, *também*, a demandas de natureza diversa. Se há um projeto democrático implícito, como estudamos em relação à recontextualização de *Raízes do Brasil* entre os anos 1960 e 1980, ou em relação à história política praticada e os engajamentos no mesmo período, há também que se considerar o fato de que ocorreram aí os primeiros sinais mais veementes de questionamento de sua autoridade intelectual.

Lembremos, em apoio, da tese de Sergio Miceli sobre as relações entre os intelectuais das gerações de 1920 a 1945 e o poder, que toma por objeto, entre outros, as “representações que os intelectuais dominantes oferecem de si mesmos”, como parte da “luta pelo monopólio da autoridade em matéria cultural”, uma atitude constante da intelectualidade brasileira da primeira metade do século 20.⁷ Publicado em 1979, mesmo ano de *Tentativas de Mitologia*, Miceli não incorpora Buarque de Holanda nas suas análises, mas sim alguns de seus contemporâneos. Para Miceli, os intelectuais consagrados em vida investem nas memórias em circunstâncias especiais: “seja aos primeiros sintomas de uma baixa na cotação de seu prestígio ou de sua autoridade ‘espiritual’, [...] seja enfim porque desejem exibir seu virtuosismo no ofício de escritor”.⁸ Essas análises, em que pese alguma estranheza em relação ao corpo teórico da presente tese,⁹ inspiram dois modos de ver. Podemos aproximar *Tentativas de Mitologia* de tais memórias canônicas que servem de reforço à identidade intelectual – diante da ameaça do

catástrofes. Campina, SP: Editora da Unicamp, 2003, pp. 355-374. Ver também: BASTOS, Alcmeno. O romance político brasileiro e os anos de chumbo. In: BASTOS, Alcmeno... [et. al.] *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008, pp. 163-179.

⁶ KLINGER, Diana. *Escritas de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 25.

⁷ MICELI, Sergio. *op. cit.*, p.247, n. 2.

⁸ *Ibid.*, p. 85.

⁹ Ao prefaciá-lo em 1979, Antonio Candido lhe aponta alguns limites inerentes ao risco de procurar mais a condenação que a compreensão de autores e obras, reserva extensiva à “crítica das ideologias” que viemos de examinar: “A respeito, caberia uma observação sobre o perigo das análises desse tipo, que podem ser qualificadas para simplificar de ‘ideológicas’. [...] O papel social, a situação de classe, a dependência burocrática, a tonalidade política – tudo entra de modo decisivo na constituição do ato e do texto de um intelectual. Mas nem por isso vale como critério absoluto para os avaliar”. Cf. CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *op. cit.*, p. 73.

outro, diria Ricœur¹⁰ – de autores reconhecidos. E, outrossim, a questão do estilo¹¹ tem um peso relevante no livro de 1979. Não por acaso, ele “apresenta” a si mesmo sob a forma maleável do *ensaio*.

Livro de memórias ou autobiografia intelectual

Há uma separação corrente, sustentada por alguns teóricos, entre duas das principais formas de escrita de si, as memórias, mais abertas ao diálogo com a historicidade, e a autobiografia, centrada na vida íntima do indivíduo. A questão se tornou relevante na década de 1970, quando da emergência da autobiografia como gênero dominante do conjunto de narrativas em primeira pessoa, e de debates específicos na área de estudos literários. Para Philippe Lejeune, o traço característico da autobiografia é o acento sobre a vida individual, introspectiva, em busca das origens do ser e de sua verdade íntima – em uma palavra, a *sinceridade* expressa na noção de “pacto autobiográfico”.¹² Além de Starobinski (1970) e Gusdorf (1990), que questionam a rigidez de uma separação muito estanque, vimos na introdução que o psicanalista Chiantaretto (2006) entende que a noção de escrita de si supera o artificialismo das distinções anteriores, dados os múltiplos suportes e modelos narrativos, e os seus intercâmbios frequentes.

Para Jean-Louis Jeannelle, em uma concepção bastante afim às reflexões até aqui expostas, as memórias são narração do eu em sua condição histórica. Possuem, desde os anos 1970, na esteira da resignificação do tempo presente e historicização da memória, uma ambição historiográfica que marcou a renovação do gênero, antes eclipsado pela disciplinarização da história desde o último quartel do oitocentos francês.¹³ Este autor considera as memórias como modelo genérico e quadro de referência aplicável a diversas formas de

¹⁰ RICŒUR, Paul. *op. cit.*, 2000, p. 99.

¹¹ O próprio Mota reconhecia em Buarque de Holanda, não talvez sem ironia, “um dos maiores estilistas brasileiros”. In: MOTA, Carlos Guilherme. *op. cit.*, 1977, p. 31.

¹² LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

¹³ Jeannelle entende renovação do gênero Memórias, já em fins do século 20, a partir de sua evolução em direção às narrativas ego-históricas capitaneadas por Nora. JEANNELLE, Jean-Louis. *Écrire ses mémoires au XX^e siècle: déclin et renouveau*. Paris: Éditions Gallimard, 2008, p. 13.

escrita em primeira pessoa. Sua função reguladora se situa à base inclusive dos caracteres autobiográfico e romanesco, que estão para além dos respectivos gêneros repertoriados.¹⁴

Assim, o texto memorial não obedece a um desejo de introspecção e individuação, mas antes de conservação; funciona como suporte da atitude comemorativa que seleciona os aspectos memoráveis de uma existência. Em simultâneo, sugere uma ordem temporal, ou um sentido para a memória coletiva, a partir de sua própria experiência particular do tempo.

Quanto à função basilar a que corresponde, não há muitas dúvidas de que *Tentativas de Mitologia* se conforme melhor ao gênero memorial, sem por isso dispensar a instância autobiográfica. Contudo, esses elementos teóricos ainda parecem insuficientes para caracterizar esse livro, diante de sua estrutura peculiar. Somente uma incursão nele mesmo é que pode nos esclarecer suas particularidades.

Ensaio

Elemento considerável para melhor compreensão de *Tentativas de Mitologia* é que Buarque de Holanda, embora todo o esforço de afirmação de sua identidade historiadora, não o escreve como historiador, o que diz muito da singularidade de seu percurso intelectual. Mais relevante que o empenho algo estéril de classificação entre autobiografia e memória, é o fato de que tenha o autor escolhido a forma do ensaio (sinônimo de tentativa) para narrar sua trajetória intelectual, quando ele próprio procurou se desfazer da identificação imediata como o ensaísta de *Raízes do Brasil*.

Curioso fato, porém, nada despropositado. Michel de Montaigne (1533-1592), inventor por assim dizer do gênero, já prevenia os leitores de que era *ele mesmo*, Montaigne, a matéria dos *Essais* (1580).¹⁵ O ensaio, exercício de autocompreensão, na acepção de Starobinski, é a forma autobiográfica por excelência. Entre memória e literatura, o ensaio permite a vazão da subjetividade do eu, sem por isso desprezar a conveniência do verossímil; entre a reflexividade e a leitura do mundo exterior, encerra uma natureza plural. Enquanto exercício, enquanto *tentativas* sem regras predeterminadas, permanece enleado ao prazer da escrita; de onde um de

¹⁴ *Ibid.*, p. 375.

¹⁵ Cf. MONTAIGNE, Michel de. Au lecteur. In: *Les Essais*. Éd. Complete. Adaptation em français moderne par André Lanly. Paris: Gallimard, 2009, p. 9: “Je suis moi-même la matière de mon livre”. Buarque de Holanda desde muito jovem lia Montaigne. A crer em alguns depoimentos de familiares, manteve o hábito de lê-lo antes de dormir, como distração.

seus aspectos centrais, o inacabamento e a abertura às possibilidades.¹⁶ Sem retomar exaustivamente a tradição e as definições do gênero, importa ao menos um aparte sobre ele no Brasil. O ensaísmo das primeiras décadas do 20 foi considerado por Antonio Candido “o traço mais característico e original de nosso pensamento. [...] elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária”.¹⁷ Na esteira de Candido, recentemente Fernando Nicolazzi propôs uma renovada leitura da tradição ensaística no Brasil, formada segundo este autor entre as sínteses abrangentes da história literária oitocentista e as pretensões eruditas da nascente historiografia. O papel do ensaio histórico fora então central no momento de “reorganização das fronteiras disciplinares [...] diante da primazia da Literatura como modalidade fundamental de representação da cultura nacional”.¹⁸

Um ensaio de natureza autobiográfica – refiro-me às pouco mais de trinta páginas de “Apresentação” que abrem o volume –, por um historiador amplamente reconhecido enquanto tal, quando era essa uma forma de escrita da história sob vários de seus aspectos muito criticada, caída em desuso havia algum tempo, possivelmente manifeste um certo desejo do autor de retorno às raízes modernistas de sua trajetória intelectual. Caracteriza também um exercício de seu veio de escritor;¹⁹ e talvez esconda até uma boa ironia, uma vez que Buarque de Holanda revisita as memórias de crítico, em reafirmando, paradoxalmente, a identidade como historiador. Sinais disso, além de frequentar longamente suas memórias do tempo de militância modernista, até *Raízes do Brasil*, Buarque de Holanda aí discute tanto suas dificuldades pessoais com a escrita, quanto a necessidade do tratamento da linguagem para a boa expressão do historiador. Podemos evocar, em apoio a essa conjectura, as angustiadas relações entre a presença da morte e a lembrança, tal como encontramos em Michel de Certeau, que queria a escrita (particularmente da história) um ato libertador de sepultamento do passado.²⁰

¹⁶ STAROBINSKI, Jean. Peut-on définir l'essai? [1985] In : DUMONT, François (Dir.). *Approches de l'essai* (anthologie). René-Lévesque (Qc) : Éditions Nota bene, 2003, p. 174-175.

¹⁷ CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 157.

¹⁸ NICOLAZZI, Fernando. As virtudes do herege: ensaísmo e escrita da história. In: *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 385.

¹⁹ São pouco conhecidas as (raras) incursões de Buarque de Holanda pela ficção. Todavia, os textos “O homem-máquina” (1921), “Homeopatas” (1921) e “Viagem a Nápoles” (1931) podem ser encontrados em recente antologia. Cf. EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira. *op. cit.*, 2008.

²⁰ CERTEAU, Michel de. *op. cit.*, p. 118.

Unidade da composição

Tencionava Buarque de Holanda, ao recorrer ao ensaio, costurar as linhas da trajetória de crítico e historiador? Possivelmente sim, se levarmos em conta as intenções precípuas de todo movimento autobiográfico, de circunscrição de sua singularidade, com vistas à recomposição da unidade e do sentido da vida, e memorialístico, de inscrição do “eu” na história.²¹ Também devemos considerar, para compreender o livro em sua unidade, a própria composição da antologia. A “Apresentação”, particularmente, obedece às manifestações mais distintas das escritas de si, que são a narrativa em primeira pessoa e a busca da coerência *a posteriori*.²² Depois da “Apresentação”, os artigos que compõem *Tentativas de Mitologia* – e às vezes sublinhar o óbvio não significa excesso de zelo – são artigos de crítica literária e historiográfica, escolhidos segundo o critério da polemicidade. Além disso, foram inclusos alguns ensaios de história literária produzidos nos anos 1950, como “Cartas Chilenas”, “Árcades & Românticos” e “Gosto Arcádico”. Já o último dos textos está entre o testemunho pessoal e o esforço de historicização do modernismo.²³

Importa também sublinhar dois outros momentos em que Buarque de Holanda comentou brevemente a motivação para a organização da antologia crítica. Os depoimentos podem nos ajudar na compreensão do livro em sua unidade. O primeiro foi em 1977, na resenha ao livro de Suely Robles de Queiroz (ver cap. 2, nota 149), quando se referiu às suas antigas avaliações dos estudos africanistas que se faziam na década de 1940 no Brasil: “reuni com algumas outras [críticas] em volume [refere-se a *Cobra de Vidro*], na esperança de insuflar-lhes vida menos efêmera do que na imprensa diária onde primeiramente saíram”.²⁴ O segundo, na recepção do prêmio de “Intelectual do Ano” de 1979: “Meus últimos livros impressos, a começar por *Tentativas de Mitologia*, que, segundo ouço dizer, deu lugar ao prêmio, são velhas criaturas vestidas de roupa nova”.²⁵ Que novo revestimento era este que recebiam suas velhas criaturas

²¹ Há quem sublinhe a autobiografia exatamente como “tentativa de edificação de monumento harmonioso”. MIRAUX, Jean-Philippe. *L'autobiographie: écriture de soi et sincérité* [1996]. 3a. ed. Paris: Armand Colin, 2012, p. 32.

²² POPKIN, Jeremy. *op. cit.*, p. 11-32.

²³ Para Antonio Candido, os artigos de 1950 reunidos em *Tentativas de Mitologia* exemplificam o mais alto nível atingido por Buarque de Holanda em sua trajetória, no justo momento em que este foi simultaneamente crítico e historiador. Em outras palavras, também historiador da literatura. CANDIDO, Antonio. Inéditos sobre literatura colonial (debate). In: 3º. *Colóquio UERJ*: Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 115.

²⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Escravidão negra em São Paulo [Prefácio]. In: *op. cit.*, 1996c, p. 301.

²⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os dias de hoje lembram os de 45. *O Escritor*. São Paulo, v.1, n.4, jun./jul. 1980, p. 4 [Siarq – Fundo SBH, Pi 182].

senão o íntegro envoltório da memória? O que sustentava seu desejo de permanência não parece outra coisa senão a confiança depositada no legado e a expectativa política projetada.

Mitologias

A ironia escondida no título, se ela existe, estaria nesse sentido na consciência da produção de si pelo autor? As tentativas de mitologia são aquelas produzidas pelos pares a quem critica, o que parece claro, mas não também as dele próprio? Minha aposta é que sujeito e objeto, ambos as compõem, em processo de recíproca determinação.

A rigor, título muito semelhante tinha sido usado por Ernst Bertram (1884-1957) na biografia *Nietzsche: Versuch einer Mythologie* (1918).²⁶ Discípulo de Stefan George (1868-1933), Bertram fora muito lido por Buarque de Holanda durante a temporada alemã, a crer no depoimento de Antonio Candido: “[...] mergulhou na obra de Rilke, de Stefan George e dos discípulos deste, como Gundolf e Bertram [...]”.²⁷ A introdução da biografia de Nietzsche por Bertram, intitulada “Legenda”, comporta reflexões sobre biografia, história, memória (mito) e as relações passado/presente. Por exemplo: “The legend of a man is an image that is newly active and vital in every new present. [...] It rises slowly in the starry sky of human memory”.²⁸ Ou, ainda: “history is active image creation, not a chronicle, a reproduction, or a preservation of the past”.²⁹ Enquanto escarnecia a confiança no método histórico, Bertram enaltecia a memória histórica como estabelecimento de valores. As lendas individuais, sim, seriam a forma vital da tradição, elemento privilegiado da organicidade entre passado e presente.

Para além da semelhança entre os títulos, as reflexões de Bertram parecem pertinentes relativamente aos propósitos dessas singulares memórias de Buarque de Holanda reunidas em *Tentativas de Mitologia*. Dificilmente poderíamos estabelecer mais objetivamente relações de proximidade ou de apropriação, além das memórias sobre a temporada alemã ou do testemunho de Candido sobre as leituras de Bertram pelo historiador quando jovem. Todavia, levando em conta a ênfase de Bertram, pelo viés biográfico, na “presentificação” histórica do mito (o grande

²⁶ “Essai de Mythologie”, na tradução francesa (1932); “Attempt at a Mythology”, na tradução em língua inglesa, aqui utilizada. BERTRAM, Ernst. *Nietzsche: Attempt at a Mythology*. Translated by Robert E. Norton. University of Illinois Press, 2009.

²⁷ CANDIDO, Antonio. Sérgio em Berlim e depois. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 123.

²⁸ BERTRAM, Ernst. *op. cit.*, p. 2.

²⁹ *Ibid.*, p. 5.

homem) atemporal, talvez essa concepção tenha concorrido para o esforço de atualização da memória de si em Buarque de Holanda.

Seja como for, o próprio Buarque de Holanda inicia a “Apresentação” de 1979 com a justificativa do título – aliás, um bocado evasiva. Ele já havia utilizado “Tentativa de mitologia” para um artigo de crítica historiográfica publicado no *Diário Carioca* em 1952, fruto de um debate que entretivera com o historiador português, seu amigo, Jaime Cortesão (1884-1960), sobre o “mito geopolítico da Ilha Brasil”. Agora, em 1979, o mesmo título se prestava a cobrir todos os demais debates e polêmicas: “O título do artigo de minha autoria que serviu de ponto de partida para toda a série – *Tentativa de Mitologia* – prestava-se, posta no plural, a designar uma coletânea de artigos onde prevalecem os de cunho polêmico, e minha pouca imaginação, somada à opinião de que seria feliz um título semelhante, não deixaram procurar outro melhor para o presente volume”.³⁰

Por que semelhante título, posto agora no plural, seria feliz retomar para a nova ocasião? Vale revisitar a compreensão de mito e mitologia que possuía o autor em 1952. A série de três artigos originais foi compilada em um só, rebatizado “Um mito geopolítico: a Ilha Brasil”, e se faz acompanhar de algumas notas explicativas, uma delas reproduzindo parte do contra-argumento de Cortesão. A reprimenda básica de Buarque de Holanda a Cortesão se situa na discordância de que, desde o princípio da colonização, os portugueses aspirariam impor ao continente americano uma “unidade geográfica e cultural”, para além de Tordesilhas, com base em um “mito forjado por parte dos navegadores e cartógrafos” – ideia que teria inspirado toda a expansão colonial.

Foi dessa capacidade de certas aspirações de fundo irracional que tantos teóricos e demagogos de nossos dias puderam, notoriamente, deduzir a importância do mito na vida dos povos. Pois o mito é o meio mais fecundo de se submeterem as gentes a uma dieta rigorosa, que encaminha os seus intentos e as suas vontades a certos fins magníficos, embora só obscuramente respeitados. E, por outro lado, no momento em que se racionalizam as confusas aspirações é quando, justamente, costumam reopontar certas razões contrárias, hesitações, ponderações amolecedoras de toda vontade e disciplina.³¹

A ideia de Cortesão conflitaria com uma tese muito cara a Buarque de Holanda, expressa originalmente em *Monções* (1945), e a qual o autor persiste em reafirmar trinta e quatro anos

³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Apresentação. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 8.

³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Um mito geopolítico: a Ilha Brasil. In: *op. cit.*, 1979, p. 72.

depois, de que a expansão para o Oeste fora movida pelos bandeirantes por razões econômicas comezinhas, e não por nobres aspirações prévias, que teriam sido capazes de insuflar a vontade e disciplinar as energias.³² Em resposta a Cortesão, Buarque de Holanda lhe opôs, entre outros argumentos, a constante tendência portuguesa para a colonização de tipo costeiro.

Ao lado da constatação da força política mobilizadora do mito, que bem se acomoda a “aspirações de fundo irracional”, devemos observar a importância da reprovação de Buarque de Holanda à interpretação da história preconizada por Cortesão. A série de artigos teve início a propósito do lançamento da coleção *De Angelis*, da seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cujo primeiro volume, “Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1594-1640)”, de 1951, fora anotado e comentado por Cortesão. O louvor da iniciativa, na qual Buarque de Holanda via uma promessa de renovação dos estudos históricos no Brasil, não poupou da crítica, é claro, a tese de Cortesão impressa nos comentários.

A publicação dos documentos permanecia tarefa importante, segundo Buarque de Holanda, quando a crítica do positivismo estava arrastando consigo a fundamentação da história na crítica documental. Todavia, o mister do historiador, pela interpretação, consistia não em se limitar ao registro documental, mas sim, em “animar os dados materiais que compõem a ossatura da história”.³³ A resistência que impôs à teoria de Cortesão se justificava, então, pelos excessos cometidos em nome da imaginação histórica. Para Buarque de Holanda, a “Ilha Brasil” figurava uma hipótese “deleitosa para as imaginações, mas de escasso préstimo para o conhecimento do passado”.³⁴ O historiador português havia caído na tentação de submeter os acontecimentos do passado a uma “ordem perfeita e exemplar”, e o grande problema desse tipo de ordenamento temporal, de retorno às origens míticas, é que ele “obedece quase sempre a uma espécie de retrospecção apologética” (*idem*).

Ora, por que não creditar às *Tentativas de Mitologia* de Buarque de Holanda a mesma crítica da “retrospecção”, se ele lhe imprime a mesma diretriz temporal, isto é, a regulação retrospectiva sobre um percurso já trilhado? Toda a trajetória do autor – em especial a parte por

³² “A mobilidade dos paulistas está condicionada em grande parte a certa insuficiência do meio em que viviam; insuficiência para nutrir os mesmos ideais de vida estável que nas terras da marinha puderam realizar-se ao primeiro contato entre o europeu e o novo mundo. Distanciados dos centros de consumo, incapacitados, por isso, de importar em apreciável escala os negros africanos, eles deverão contentar-se com o braço indígena – os “negros” da terra –; para obtê-lo é que são forçados a correr sertões inóspitos e ignorados”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Rio de Janeiro: Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1945, pp.12-13.

³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1979, p. 62.

³⁴ *Ibid.*, p. 84.

assim dizer “mítica” dos anos alemães da juventude, mais lembrados e menos conhecidos – posta em narrativa, parece circunscrita à prevalência de sua identidade historiadora, testemunhada no presente, na posição a partir da qual escreve. Não apenas pela assertiva sobre sua “vocação de historiador”, mas a própria escolha dos artigos que compõem o livro informa a diretiva de sua “identidade narrativa”. Além disso, a ausência de indicação das datas de publicação dos originais colabora para essa forte impressão.

Ultimamente, ao reunir os recortes que tenho guardados, desses artigos, para eventual republicação, verifiquei que boa parte deles versa, apesar de tudo, sobre história e estudos brasileiros. Não eram essas as coisas que o público, em média, por conseguinte os diretores de jornal, gostava de encontrar nos rodapés. Quando aceitei a incumbência de fazê-los, movido por necessidades mais imperiosas que minha vontade ou vocação, o remédio era fazer o que se podia esperar, sobretudo de um crítico literário, por pouco que a palavra “literário” não precisasse ser interpretada numa acepção demasiado estrita.³⁵

A *pluralização* do título cobria também o que havia de Buarque de Holanda, ele mesmo, implicado nas tentativas de mitologia? Ou, de outra maneira, podemos entender o livro de 1979 como tentativa de mitologia de si? Talvez seja demasiado considerá-lo como “automitologização”, até mesmo pelo seu caráter dialógico com o(s) tempo(s) e os outros. Antes disso, a forma peculiar de coleção das memórias em *Tentativas de Mitologia* parece se alinhar ao que Roland Barthes (1915-1980) definia já nos anos 1950 como “mito de esquerda”. À diferença do substancialismo implicado no “mito burguês”, essencialmente despolitizado, com vistas por essa razão à transformação da contingência em eternidade naturalizada, o mito, à esquerda, seria justamente integração à história, palavra viva, ligada à ação efetiva sobre o real – palavra que, por essas razões, permanecia politizada.³⁶

Sem dúvida, mais seguro e produtivo é considerar que sem o contorno do outro não haveria a compreensão de si. O “si mesmo” (o eu narrado) de Buarque de Holanda aparece, então, em sua condição histórica, mediado pelas disputas em que se debateu no tempo, expressa no ensaio de autocompreensão que antecede a seleta, e na própria composição da antologia, de modo unitário.

³⁵ *Ibid.*, p. 15.

³⁶ BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957, p. 256-260.

O si mesmo e os outros

Ao rememorar a própria trajetória, não deixou Buarque de Holanda de situá-la em meio a momentos históricos e debates intelectuais. Desse modo, das polêmicas revividas, o que emerge é o seu ponto de vista, enquanto sujeito implicado em momentos da história intelectual brasileira no século 20, em debates – literários, culturais e historiográficos – nos quais foi um dos protagonistas. Ao buscar “desmitologizar” os trabalhos de seus oponentes, é importante assinalar a maneira que Buarque de Holanda se impunha nas polêmicas, como palavra autorizada pela acurada pesquisa das fontes históricas, muito embora a presença de inegável angulação política.

Relendo agora o estudo que abre este livro, dedicado a uma obra de Oliveira Vianna, chego por vezes a perguntar-me se a ênfase dada a enganos patentes, a flagrantes inconseqüências e a critérios anacrônicos, não parecerão trair uma espécie de triunfalismo de censor bisonho, que se compraz em dar quinaus num autor consagrado e provector. [...] Tendo sido discípulo de Alberto Torres, partilhava com o pensador fluminense de um pronunciado pendor para os regimes políticos autoritários ou destituídos de base popular. Acabará aplaudindo até mesmo o golpe de Estado de 1937, que não tinha cabida nas previsões do mestre, além de identificar-se de corpo e alma com todo o sistema então instaurado, que dele recebera colaboração solícita e prestigiosa. Depois dos acontecimentos de nossa história mais recente, quando o poder arbitrário de um Estado policial-militar ganhou adeptos justamente entre muitos dos que outrora condenaram o longo consulado getuliano, apelando para razões éticas ou jurídicas, já não há muito sentido naqueles debates de acentuado sabor maniqueísta, que costumavam proliferar, já há trinta e quarenta anos, sobre tal período da vida nacional.³⁷

Não é diverso, senão político, o sentido da contraposição, através da crítica historiográfica,³⁸ de Buarque de Holanda a Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, este último no excerto acima apenas subentendido. Em socorro a essa hipótese da necessidade política de contorno do outro, trago uma outra expressão do autor, algo breve, porém muito direta. Na entrevista a Richard Graham (HAHR), fica ainda mais explícita a demarcação de fronteiras para com autores da lavra de Oliveira Vianna. O historiador afirma sem rodeios que ninguém menos que o general Golbery do Couto e Silva (1911-1987) era um entusiasta da obra de Vianna, autor para quem – advertia Buarque de Holanda – o Brasil não possuía raízes democráticas.³⁹

³⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1979, p. 8, 11.

³⁸ Francisco Iglésias entende *Tentativas de Mitologia* como “exemplo superior e raro de crítica a obras historiográficas”. IGLÉSIAS, Francisco. *op. cit.*, 2000, p. 192.

³⁹ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 12-13.

Hoje, quando dispomos dos trabalhos de Maria Stella Bresciani (2005) e Angela de Castro Gomes (2010), parece mais compreensível a inquietação do historiador naquele contexto de disputas historiográficas e repressão política.⁴⁰ Essas autoras, afinal, sublinharam diversas semelhanças e convergências entre os argumentos de Vianna e Buarque de Holanda elaborados naquele “clima de opinião” das décadas de 1920 e 1930, tempo dos chamados “intérpretes do Brasil”.

Maria Stella Bresciani, ao seguir caminho iniciado por Angela de Castro Gomes (1990), percebe algumas proximidades entre Oliveira Vianna e Buarque de Holanda e outros mais. A historiografia brasileira na década de 1930 teria por base um poderoso lugar-comum: o “fundo mitológico constitutivo de toda e qualquer construção de identidade nacional”.⁴¹ Lembremos que o próprio Buarque de Holanda, na conferência da ESG, perguntava-se, ao fazer a autocrítica de *Raízes do Brasil*, se seu erro não seria o de ter sorvido nas mesmas águas turvas que tais autores: “Apenas me pergunto se os argumentos a que recorri para combater essa atração [pelas ditaduras] não pertencem rigorosamente à mesma seara onde outros, na mesma época, foram recolher seus motivos para enaltecê-la” (cf. nota 62, cap. 1).

Bresciani comenta que o conteúdo emocional do autor nas “confissões” de *Tentativas de Mitologia* possui “explícita dimensão política”, no tocante, ao menos, a suas críticas a Oliveira Vianna. Ora, a concepção cultural orgânica e o autoritarismo político de Vianna foram impugnados no artigo “Cultura & Política” (original de 1950), o primeiro de *Tentativas de Mitologia*.⁴² Castro Gomes, a seu turno, não deixa de notar que a oposição entre Buarque de Holanda e Oliveira Vianna fora construída no tempo, e que para tal, concorreram o conhecido prefácio de Candido (1969) e o depoimento de Buarque de Holanda na “Apresentação” de 1979, além é claro da republicação do artigo de 1950: “o artigo possibilita que seus leitores do fim dos anos 1970 tomem contato com as lembranças de Sérgio, nesse momento o mais aclamado

⁴⁰ Em 1978, um artigo de crítica historiográfica publicado no jornal *Leia* demonstrou a preocupação de Buarque de Holanda quanto às conexões estreitas entre historiografia e política. “Alberto Torres, um precursor”, tinha por intenção manifesta introduzir a publicação de cartas inéditas (1913) de Alberto Torres (1865-1917), importante autor tido por sociólogo do início da República, para Ubaldino do Amaral (1842-1920), Senador da República pelo Paraná e ministro do Supremo Tribunal Federal. A justificativa para a publicação desse material, Buarque de Holanda a encontrava em uma “certa atualidade” das discussões entre Torres e Amaral sobre os males da República. Mas, a introdução foi muito além dos limites estreitos da apresentação, e transbordou para uma crítica política da obra de Alberto Torres e, de viés, para a crítica das ideias de Oliveira Vianna, o mais fiel e mais conhecido discípulo de Torres. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Alberto Torres, um precursor [1978]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 2011b, pp. 435-444.

⁴¹ BRESCIANI, Maria. Stella. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 16.

⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Cultura & Política [1950]. In: *op. cit.*, 1979, p. 37-60.

historiador brasileiro, sobre o ‘esquecido e execrado’ Oliveira Vianna”.⁴³ Ambas as autoras entendem que, a despeito das divergências políticas entre Vianna e Buarque de Holanda, suas obras partiam de um mesmo propósito de diagnosticar, sociológica e historicamente, os impasses da modernidade brasileira nos anos 1930. Daí os conceitos de “insolidarismo”, em Vianna, e de “cordialidade”, em Buarque de Holanda, ocuparem uma posição de “equivalência estrutural” na avaliação da herança colonial.⁴⁴

Quanto a Freyre, em algumas oportunidades Buarque de Holanda repetiu que o autor de *Casa-grande & Senzala* gozava de uma distorcida imagem de revolucionário, quando na prática, passara a apoiar o regime militar. Era, certamente, um entre os “adeptos que outrora condenaram o longo consulado getuliano”.⁴⁵ Disse Buarque de Holanda em 1976: “O próprio Gilberto Freyre, quando surgiu, era tido como altamente revolucionário apenas porque usava palavrão, falava da vida sexual e era contra os jesuítas e a maçonaria. Grande parte do clero se voltou, decididamente, contra ele e contribuiu para forjar dele uma falsa imagem revolucionária”.⁴⁶ Os textos críticos selecionados para a antologia de 1979, todos originais de fins da década de 1940 e início de 1950, denotam o esforço de Buarque de Holanda de distanciamento do ensaísmo em favor da pesquisa histórica.

Ele reprova o arcabouço orgânico do projeto maior de Freyre em dar conta do “nascimento, maturidade e morte da sociedade patriarcal”, e a forma ensaística que conciliava “ásperas contradições” em um “todo harmônico”. Contudo, nem sempre o sabor da escrita poderia suplantar o desmentido da pesquisa documental. Era o caso da crítica à “Moura encantada” do pernambucano: “Por engenhosa que possa parecer a teoria esposada por Gilberto Freyre a respeito de uma suposta idealização da mulher morena entre os povos ibéricos, que no seu entender, representaria um passo primeiro para o estabelecimento de contatos mais íntimos entre eles e as populações de cor, não servem para autorizá-la, em realidade, os textos históricos conhecidos”.⁴⁷ Não por mero capricho, Buarque de Holanda citava, em seu apoio, modernos historiadores e sociólogos, como Ranke e Weber, em seus esforços de emancipação das ciências

⁴³ GOMES, Angela de Castro. *op. cit.*, 2010, p. 292.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 294.

⁴⁵ Também o jogo de temporal de comparações entre os períodos autoritários da história brasileira no século 20 é constante em Buarque de Holanda nesse período final de sua trajetória, como forma de bem delimitar seus engajamentos, dotando-os de certa tradição de lutas democráticas, e ficará ainda mais nítido no discurso de premiação de *Tentativas de Mitologia*, cerimônia fortemente revestida de caráter político, que estudaremos logo mais.

⁴⁶ COELHO, João Marcos. *op. cit.*, p. 6.

⁴⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Da alva Dinamene à Moura encantada [1956]. In: *op. cit.*, 1979, p. 93.

humanas das ciências naturais, a favor da “compreensão histórica”.⁴⁸ A reserva mais notória, nesse sentido, e que perpassa todos os quatro artigos de crítica reunidos, referia-se ao “impressionismo” do autor pernambucano, expressão segundo Buarque de Holanda “das mais aptas para descrever seu método de historiador”.⁴⁹ Ela servia, dado o “constante desdém por tratamento impessoal e sistemático dos temas escolhidos”, para embalar o “sentido francamente apologético da obra colonizadora de Portugal”.⁵⁰

Nessas investidas contra Freyre temos, portanto, uma remissão à memória dos decênios de 1940 e 1950, em que Buarque de Holanda se fazia historiador de ofício. As sérias discriminações entre ambos eram fundamentais de serem rememoradas pelo historiador nos anos 1970, quando se fazia com frequência aproximar, no embalo da mesma crítica, as contribuições de Freyre e Buarque de Holanda, intérpretes do Brasil.

Encontramos ainda em *Tentativas de Mitologia* o outro da amizade. Temos estudado como, em vários momentos de sua trajetória, a proximidade intelectual mais notória é a de Antonio Candido, para quem Buarque de Holanda dedica, na antologia crítica, o ensaio “Gosto Arcádico”, original de 1956. Este ensaio estuda a “insurreição contra a linguagem alambicada e retorcida da era barroca”, insurreição em que predominaram os clamores patrióticos e que tinham como pano de fundo as Luzes e o processo moderno de secularização.⁵¹ Thiago Nicodemo notou que entre o original e a segunda reedição do ensaio, para a antologia de 1979, Buarque de Holanda inseriu referências explícitas à *Formação da Literatura Brasileira* (1956), de Candido, como que em reconhecimento à convergência de suas contribuições em matéria de história literária.⁵² Desde os anos 1940, eles mantiveram vivo diálogo, atuaram em conjunto e influenciaram a modernização da vida intelectual e cultural do Brasil. Já estudamos a atuação conjunta na recontextualização de *Raízes do Brasil*; o papel mediador de Candido, por ocasião das polêmicas com historiadores mais jovens, no diálogo intergeracional; e ainda estudaremos o peso de sua presença na atestação do discurso de si e transmissão da memória de Buarque de Holanda. Heloisa Pontes, em estudo da geração de Candido, que concentrou sua atuação “na interseção do jornalismo cultural com a universidade”, sintetizou essa contribuição como

⁴⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. A propósito de Ingleses no Brasil [1949]. In: *op. cit.*, 1979, p. 115.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 113.

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Gosto Arcádico [1956]. In: *op. cit.*, 1979, p. 241.

⁵² NICODEMO, Thiago. *op. cit.*, 2014b, p. 480.

“sedimentação intelectual da tradição modernista”.⁵³ Assim como Buarque de Holanda, também Candido fora, portanto, um dos protagonistas da mediação entre o ensaísmo e a universidade.

O artigo “Vária História” (1951) é o mais expressivo, em *Tentativas de Mitologia*, quanto ao processo de amadurecimento e profissionalização do pensamento histórico buarqueano. O artigo comenta *Notícia de vária história* (1951), de José Honório Rodrigues, a quem Buarque de Holanda considera como pioneiro no Brasil em matéria de teoria e metodologia da história.⁵⁴ O livro de Honório Rodrigues reunia artigos diversos – a avaliação das teorias de Weber sobre capitalismo e protestantismo ou a fidelidade portuguesa aos princípios canônicos e o fenômeno da usura – publicados na imprensa nos anos 1940. Ambos constituíram amizade naquela mesma década, Honório Rodrigues auxiliar de Buarque de Holanda na seção de publicações do INL. Proximidade a ponto de Rodrigues, inventor por assim dizer da exemplaridade de Capistrano de Abreu como precursor da moderna historiografia brasileira, ter atribuído à influência de Buarque de Holanda o seu gosto irrestrito pelo legado do historiador cearense.⁵⁵ Entre os artigos reunidos por Honório Rodrigues, um balanço sobre a produção historiográfica no país em 1945 comentava *Monções* como “talvez a única monografia excepcionalmente valiosa” daquele ano.⁵⁶ Apesar da amizade e da consideração, o autor de *Tentativas de Mitologia* não deixou de expressar algumas reservas para com Honório Rodrigues ao comentar *Notícia de vária história*. A principal delas, além do defeito da impaciência de Rodrigues, inimiga da perfeição, era a proximidade com Freyre quanto ao recurso de uma “forma sociológica ideal”, resultante em Rodrigues de excessiva confiança no “idealismo” de Weber – e aí a relativização de sua filiação à sociologia weberiana –, que acabava por dominar ou mesmo até gerar os acontecimentos.⁵⁷

Em suma, pelas razões até aqui expostas é que entendo que *Tentativas de Mitologia* prima pela historicização de si mesmo em relação ao *outro*; o eu imerso na história. A intersubjetividade favorecia a apreensão, ou a construção, de uma identidade em permanente transformação e aberta ao devir.

⁵³ PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 215.

⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Vária História* [1951]. In: *op. cit.*, 1979, p. 206.

⁵⁵ WIRTH, John Davis. *op. cit.*, p. 221.

⁵⁶ RODRIGUES, José Honório. *Notícia de vária história*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951, p. 115.

⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Vária História* [1951]. In: *op. cit.*, 1979, p. 207.

Os marcos da memória I: por ele mesmo

A instância prefacial de abertura do livro recebe como título a simples palavra “Apresentação”. Apresenta-se o livro, alguns de seus critérios de seleção e demais justificativas e detalhes, certo. Mas apresenta-se sobretudo o autor.⁵⁸ Sabemos que a polemicidade dos artigos reunidos constitui o critério principal de escolha. Com relação a Cortesão, Vianna e Freyre – na crítica historiográfica, enfim – sobressai o si mesmo *através* do outro. Isso quer dizer, basicamente, que Buarque de Holanda não realizou uma apresentação “essencialista” de si mesmo, conforme conviria a uma autobiografia *stricto sensu*, mas sim um processo narrativo de auto-historicização.

Nesse ponto é que a noção de “identidade narrativa”, de Paul Ricœur, pode ser operatório com relação à leitura de biografias e autobiografias intelectuais, resistindo inclusive ao estigma da “ilusão biográfica” imputado por Bourdieu (1986).⁵⁹ A discussão sobre a identidade narrativa por Ricœur na parte final de *Temps et Récit*, como coroamento, no plano da consciência de si, do entrecruzamento da história e da ficção: a vida, ela mesma, um tecido de histórias contadas. Entre identidade e alteridade, os sujeitos se reconhecem a si mesmos de forma mediada, seja pelo contorno da narrativa, capaz de incluir a mudança na coesão de uma vida, seja pelo diálogo com a diferença, pelo conflito de interpretações.⁶⁰

Resulta muito curioso o fato de que pouco antes de *Tentativas de Mitologia*, Buarque de Holanda foi convidado pelo *Jornal do Brasil* para avaliar criticamente alguns livros de memórias e autobiografias de eminências políticas e literárias que avultavam naquela década, como de Juscelino Kubitschek (“Meu caminho para Brasília”, 1974), Carlos Lacerda (“A casa do meu avô”, 1977) ou Afonso Arinos de Melo Franco (“Alto Mar/Maralto”, 1976). Em resposta, o crítico não se inclinou às seduções gênero autobiográfico, tido por ele como

⁵⁸ Gérard Genette classificaria essa apresentação como um “prefácio pré-póstumo”, de caráter testamentário. Cf. GENETTE, Gérard. *op. cit.*, p. 250.

⁵⁹ A identidade responde sobre o “quem” da ação, pela via narrativa. Não o eu narcísico, nem a identidade pessoal objetiva, mas o caráter refletido no pronome “si”, do eu que se reconhece (si-mesmo) nas histórias narradas (como outro). Uma hermenêutica do si será expressa alguns anos mais tarde em *Soi-même comme un autre* (1990). RICŒUR, Paul. *op. cit.*, 1985, pp. 355-357. Sobre a alternativa à “ilusão biográfica” bourdesiana, ver DOSSE, François. *op. cit.*, 2005, p. 450.

⁶⁰ Ricœur escreveu uma autobiografia intelectual, também como prefácio de uma antologia de artigos publicados nos Estados Unidos – somente depois o “ensaio de autocompreensão” apareceu à parte na França. Por autobiografia o filósofo entendia uma história de vida, seletiva e inevitavelmente determinada pelo ponto de vista retrospectivo do ato de escrita, como obra literária. Por fim, uma autobiografia se concentra na construção da identidade e, porquanto, na “ausência de distância entre o personagem principal, que é si mesmo, e o narrador que escreve em primeira pessoa do singular”. RICŒUR, Paul. *Réflexion faite: autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit, 1995, p. 11 [trad. livre].

imponderado panegírico, mas considerou mesmo assim a sua parcial importância como fonte histórica:

Quanto às autobiografias, acredito que fazem sempre a própria apologia do autor. Nunca li nenhuma autobiografia em que o autor se destratasse. A tendência natural é aumentar a própria participação nos episódios históricos. É possível que seja até humano, mas nem sempre nos traz contribuições para o caráter científico da história. A memória humana é fraca. [...] O valor documental desses livros, apesar de tudo, é grande. Servem como ponto de partida para uma pesquisa em profundidade.⁶¹

Considera-se, hoje, a autobiografia como documento em si problematizável, mesmo para a história, e não apenas ponto de partida para o cotejo com outras fontes que refutariam ou confirmariam as informações ali expressas, como àquela altura Buarque de Holanda sugeria – muito embora esse procedimento não seja dispensável enquanto crítica do testemunho.⁶² De todo modo, essa justa desconfiança do gênero autobiográfico, somada à pouca fiabilidade da memória individual, talvez ajude também a explicar a forma peculiar de *Tentativas de Mitologia* enquanto livro de memórias ou autobiografia intelectual.⁶³

Rememoração da trajetória intelectual na “Apresentação”

Alguns temas sobressaem como balizadores da rememoração da trajetória intelectual do historiador, por ele mesmo, em *Tentativas de Mitologia*. São eles, principalmente, o modernismo, *Raízes do Brasil* e o ofício de historiador. Nesse sentido, é importante ter em mente que sobretudo as memórias do “jovem Buarque de Holanda” – que viveu o *frenesi* modernista e esteve na Alemanha de 1930, onde formou boa parte de sua concepção histórica – é que são revividas, orquestradas pela supremacia da identidade historiadora. Seriam memórias que, pelo ato da escrita, ele gostaria de ressignificar? O direcionamento que imprime

⁶¹ SCHILD, Susana. Memórias e depoimentos: os políticos avaliados pelos historiadores e pela crítica literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 48, 3 de setembro de 1977, Caderno Livro, p. 5.

⁶² Marc Bloch recomendava o cotejo dos testemunhos para melhor apreciação da verdade histórica. BLOCH, Marc. Critique historique et critique du témoignage. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 5^e année, n. 1, 1950, p. 7. Hoje, no que contribuiu a história do tempo presente, evita-se a separação rígida entre o historiador e o testemunho ou entre ordens diferentes de testemunhos. Ele mesmo, historiador, seja relatando um acontecimento vivido, seja através de sua autobiografia ou sua “ego-história”, também pode ser visto como produtor de testemunhos. OFFENSTADT, Nicolas. Le témoin et l'historien. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, N. (Dir.) *Historiographies, II: concepts et débats*. Paris: Gallimard, 2010, p. 1247.

⁶³ Referendando as explicações tardias do autor de *Raízes do Brasil* sobre o ensaio de 1936, Francisco de Assis Barbosa dizia sobre o prefácio de *Tentativas de Mitologia*: “en verdad un esbozo de autobiografía intelectual”. BARBOSA, Francisco de Assis. Formación de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1987, p. lxxv.

à própria trajetória é o do crítico que se fez historiador. Em uma palavra, a ênfase temporal recai sobre as *transformações* da identidade.

Considero outra vez que a escrita de si de Buarque de Holanda culmina em *Tentativas de Mitologia*, no final da década de 1970, porque esses mesmos temas, estudados nos fragmentos dispersos em entrevistas, prefácios e outros suportes, encontram-se reunidos em narrativa coerente, sob o prisma do tempo presente e em função do horizonte político. Ainda assim, mesmo no ensaio de abertura, é difícil encontrar o encadeamento das ideias e as conexões entre os momentos rememorados, uma vez que o autor não se deixa guiar por um ordenamento temporal linear. Essa atitude, aliás, estava em consonância com as suas próprias percepções sobre o tempo da memória,⁶⁴ conforme sugeriu a Yolanda Penteadó, para que a autora em seu livro de memórias evitasse submeter a desordem da vida ao tempo mecânico (cf. nota 64, cap. 2). Resulta imprescindível, todavia, que lhe perscrutemos as “marcas de historicidade”.⁶⁵

Em relação às memórias do movimento modernista, já conhecemos bem as diferenças de Buarque de Holanda para com Graça Aranha, as quais, sempre que teve oportunidade, o historiador ressaltou. Ele não procedia de outra maneira em *Tentativas de Mitologia*, seja na “Apresentação”, seja no ensaio que encerra o volume, “Depois da Semana”, em que novamente procura desfazer uma presumida homogeneidade entre os protagonistas do movimento literário. As discussões com o autor de *Canaã*, a propósito de sua indesejada ascendência sobre a revista *Estética*, segundo o que reconta, teriam sido propulsoras de uma primeira virada na trajetória de Buarque de Holanda em direção aos estudos históricos.

A crise que quisemos evitar, poderia surgir a um momento qualquer e surgiu antes mesmo da extinção de *Estética*, a nossa revista, para a qual Graça, por iniciativa própria, se propôs a fazer, e com efeito fez, o artigo de apresentação, o que aceitamos de bom grado, além de sugerir-nos o nome que teria, com o qual concordamos sem entusiasmo e à falta de melhor alvitre. Devo dizer que nessa crise, de que já tratei em outra oportunidade e que foi comentada na correspondência hoje impressa entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a parte que coube a Graça, pelo menos na etapa final, foi antes a de um apaziguador, mas eu próprio já me desinteressara bastante das questões de literatura, e pensava em escrever um livro para o qual tinha até nome pronto: deveria chamar-se *Teoria da América* conforme comuniquei então a Prudente,

⁶⁴ É interessante, neste ponto, retomar uma crítica de Buarque de Holanda à tradução da *Recherche* de Proust (1871-1922) por Mário Quintana (1906-1994): “O tempo que Proust reconhece não é o dos relógios, nem o dos calendários, nem o das ciências físicas ou naturais; não obedece a uma regularidade metódica, mas procura atender ao próprio ritmo da vida afetiva. [...] Embora o fluxo da vida real, evocada pela memória, constitua seu alvo permanente, contudo ele aparece animado e como filtrado pela arte”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tempo e verdade [1948]. In: *op. cit.*, 1996b, p. 48-50.

⁶⁵ “En bref : une narration se donne pour historique quand elle affiche son intention de se soumettre à un contrôle de son adéquation à la réalité extratextuelle passée dont elle traite”. In: POMIAN, Krzysztof. Histoire et fiction. *Le Débat*, n. 54, mars-avril 1989, p. 121.

meu comparsa constante em todos os prélios intelectuais, onde ultimamente me vinha envolvendo [...].⁶⁶

O historiador se empenha então em delimitar um novo começo a partir da viagem para a Alemanha (1929-1930), cinco anos depois do encerramento das atividades em torno de *Estética*. Conta que, farto de leituras, chegou a distribuir sua biblioteca entre os amigos, antes de partir, “sobretudo os [livros] de literatura”. O período no estrangeiro, pela experiência cultural do deslocamento, parecia-lhe a princípio a oportunidade adequada para a “revisão de ideias velhas”. Apesar de tudo, o Buarque de Holanda que agora revisitava seu passado, lamentava que, a despeito das promessas latentes, parte daquela experiência resultou em equívocos. Se, de um lado, o deslocamento contribuiu para a formação de um olhar diverso sobre as coisas do Brasil, de outro, as leituras alemãs daquele tempo havia muito não mais lhe agradavam.

Recomecei a ler, e recomecei mal, enfronhando-me agora em filosofias místicas e irracionistas (Klages, etc.), que iam pululando naqueles últimos anos da República de Weimar e já às vésperas da ascensão de Hitler. Minha iniciação marxista no Brasil, frustrada depois de uma conversa tediosa com Otávio Brandão, um dos próceres comunistas no Rio, não bastava para tirar-me do beco sem saída em que me afundava, e voltar a ela seria voltar um pouco ao ambiente intelectual que eu quis deixar, deixando o Brasil. Foi só depois de conhecer as obras de críticos ligados ao círculo de Stefan George, especialmente de um deles, Ernst Kantorowicz, autor de um livro sobre Frederico II (*Hohenstaufen*) que, através de Sombart, pude afinal “descobrir” Max Weber, de quem ainda guardo as obras então adquiridas.⁶⁷

Boa parte dessa mesma narrativa sobre a formação inicial nos estudos históricos nós já conhecemos da entrevista à HAHR ou do depoimento ao MIS, por exemplo. Ela sempre esteve atrelada às explicações da gestação de *Raízes do Brasil*, como parte integrante da autocrítica de Buarque de Holanda ao seu livro de estreia. Aqui, embora não incorra diretamente o autor sobre tal autocrítica, apenas subentendida, temos uma detalhada explicação dos caminhos e desvios de seu projeto inicial, que desaguou no ensaio de 1936.

Os livros de Weber e um pouco as lições de Meinecke, em Berlim, indicando-me novos caminhos, deixarão sua marca na minha Teoria da América. Quando voltei ao Brasil em 1931 trazia um calhamaço de suas 400 páginas. Dele tirei o essencial para um estudo histórico encomendado por Claudio Ganns para uma luxuosa revista nova.

⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1979, p. 29.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 30.

Aceitaram-no apesar de sua extensão, e ainda o acresceram de muitas ilustrações. O título dado deve ser sugestivo, pois foi dado posteriormente a uma coleção, hoje vitoriosa, de estudos brasileiros que dirige Fernando Henrique Cardoso: chamou-se *Corpo e Alma do Brasil*. Convidado a ampliá-lo num livro que teria também este título, Manuel Bandeira chamou-me a atenção para um volume de cronista mundano bem conhecido, que se chamava *Corpo e Alma de Paris*. Era uma razão decisiva para mudar o título, e quando alguns anos depois saiu o meu livro, com quase dois capítulos tomados a esse artigo (todo o restante foi redigido de novo sem nada que lembrasse a antiga “Teoria”), já se chamava *Raízes do Brasil*, nome que ainda conserva hoje, na sua 12ª. edição.⁶⁸

Depois disso, relembra Buarque de Holanda, ele não esperou muito até que viesse novo convite para retomar a atividade de crítico, desta feita com o peso da “grande responsabilidade” de substituir Mário de Andrade no rodapé do *Diário Carioca*. Em simultâneo, dava sequência aos aprendizados em torno do ofício de historiador. Era tempo em que se obrigavam os intelectuais a possuir “certa versatilidade” no trato das letras, tendência que Buarque de Holanda via agora desaparecer “com a crescente complexidade das diferentes disciplinas”.⁶⁹ Por isso, quando possível, o autor se dedicava a analisar nos rodapés de crítica os trabalhos que se situavam dentro de seu “círculo de interesses e até de ocupações, relacionado principalmente com os estudos históricos” – e mais uma vez lembrava que tais estudos foram “desenvolvidos em parte durante prolongada estada em Berlim”, de onde trouxe “dois capítulos, quase completos”, de seu livro de estreia.⁷⁰ Mas, o salto qualitativo para o disciplinamento como historiador, disciplinamento do método e da escrita, foi impulsionado segundo Buarque de Holanda pelo trabalho com Henri Hauser na UDF.

Estudos que havia apurado depois no Rio de Janeiro, durante estreito convívio que ali mantive com Henri Hauser, um dos mais notáveis historiadores de seu tempo, vindo da Sorbonne na leva de 16 professores convidados a ir lecionar na efêmera Universidade do Distrito Federal por iniciativa de Anísio Teixeira, organizador e primeiro reitor do estabelecimento. Esse convívio, somado às obrigações que me competiam, de assistente junto à cadeira de História Moderna e Econômica, sob a responsabilidade de Hauser, me haviam forçado a melhor arrumar, ampliando-os consideravelmente, meus conhecimentos nesse setor, e a tentar aplicar os critérios aprendidos ao campo de estudos brasileiros, a que sempre me havia devotado, ainda que com uma curiosidade dispersa e mal educada.⁷¹

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 31.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 14.

⁷¹ *Idem*.

Tendo procurado estender o disciplinamento para outras atividades, como a crítica literária, também aí Buarque de Holanda buscou aprimorar seus conhecimentos, e sobremaneira suas formas de expressão escrita. Não considerava seus dotes de escritor nenhuma “dádiva milagrosa”, como poderia sugerir a admiração de alguns amigos, mas uma “conquista gradual”, de modo que lhe incomodava passar os olhos sobre antigos ensaios e topar com algumas obscuridades.

Só aos poucos me fui compenetrando da necessidade de melhor trabalhar minha linguagem, ao menos a linguagem escrita (sem dar, no entanto, a impressão de coisa trabalhada), de modo que a comunicação se fizesse sem estorvo. Depois disso a verdade é que não faltou quem me acusasse de cuidar em demasia do bem escrever. [...] Foi para obviar esse mal que, em dado momento, cheguei a valer-me, mesmo em artigos publicados, daquela fala brasileira, inventada por Mário de Andrade, que tinha entre seus alvos o abreviar a distância grande que, nos tempos heroicos do modernismo, julgávamos separar nossas formas coloquiais de nossa literatura escrita, muito marcada, esta, ao que parecia, pela influência dos clássicos portugueses.⁷²

Conforme seu desejo, segundo confessou, direcionava os esforços no sentido não da destreza da escrita bonita, como se a entende normalmente, mas do uso de “uma linguagem mais precisa e expressiva”. A preocupação com a linguagem vinha, portanto, daqueles “tempos heroicos do modernismo”, e por isso, conservava o traço de “vigilante zelo e constante atenção” na finalidade “eliminar o adorno inútil, a exuberância, a redundância distraída, tudo enfim, quanto parece inessencial na comunicação”.⁷³ Desse modo, acreditava Buarque de Holanda que tais convicções casavam bem com as observações de Lucien Febvre e Henri-Irénée Marrou sobre a escrita da história. Melhor vale, como alguns excertos anteriores, a leitura integral do parágrafo, que comporta numerosos objetos de reflexão. Atentemos, mais uma vez, à proximidade entre a definição normativa do ofício de historiador e o recurso à memória disciplinar. A preocupação com a linguagem tanto não lhe era novidade quanto estivera desde havia muito integrada ao fazer histórico.

Deve-se ainda ao mesmo Febvre a observação, que outro autor de sua linhagem [Marrou] pôde resumir concisamente, ao afirmar que o perfeito historiador precisa ser um grande escritor: “le parfait historien doit être un grand écrivain”. Evidentemente não se trata de programa, pois não é bom historiador, e menos ainda grande escritor, quem o queira ser e simplesmente porque assim o quer. Mas é fora de dúvida que, devendo lidar largamente com fenômenos particulares, para revivê-los em suas

⁷² *Ibid.*, p. 18.

⁷³ *Ibid.*, p. 20.

pulsões e em sua espessura, a fim de que se integrem em quadros amplos, onde ganhem nova dimensão e significado mais alto, precisa o historiador valer-se de recursos de expressão que não sejam os de mero relatório ou o de uma exposição científica. Se não for assim, jamais alcançará o estatuto de historiador. Será, quando muito, um antiquário, um cronista e na melhor hipótese, conforme a sábia observação de Sir Isaiah Berlin, um arqueólogo. Nenhum historiador sensato pode gabar-se de ter realizado na perfeição seu difícil mister, mas nenhum historiador pode esquivar-se a um esforço nesse sentido.⁷⁴

O presente do historiador

As passagens revisitadas na “Apresentação” – modernismo, *Raízes do Brasil* e a escrita da história, entre outras – harmonizam as implicações recíprocas das experiências de crítico e de historiador. A identidade historiadora, assinalada desde o ponto de vista do presente, orchestra o sentido de sua trajetória intelectual. “Quanto a mim, julgo que o exercício da crítica, mesmo que a não aperfeiçoasse, não transtornou a minha vocação principal, de historiador. Inclino-me à suposição de que ela me foi ao cabo proveitosa, embora não seja eu o melhor juiz para dizê-lo”.⁷⁵ Essa identificação significa, sem hesitação, a culminância da trajetória rememorada, que faculta melhor compreender o senso de unidade impresso em *Tentativas de Mitologia*. Mesmo quando investe no entrecruzamento das duas linhas principais de sua trajetória, vemos o crítico como *o outro lado*, secundário e até beneficiário do mister matricial do historiador.

Como crítico não poderia sinceramente acusar-me de comodista ou de pouco atento à exigência de pesquisas apuradas a respeito da coisa criticada, o que também pertence ao ofício do historiador, e creio, por outro lado, que o convívio com os estudos históricos, assim como a “hibernação” no exterior, onde me familiarizei com usos e gostos alheios ao meu mundo, inclinaram-me de algum modo para a complacência, mais do que para a intolerância corrosiva e sem apelo.⁷⁶

Em síntese, e por fim, podemos supor que o ensaio autobiográfico de Buarque de Holanda, como exercício de autocompreensão, responde à aspiração de serenidade e permanência em relação à angústia do esquecimento. Uma das assertivas seguras que se pode proferir sobre esse livro, tomado em sua unidade, é a dimensão memorial em que se insere e na qual se projeta. O seu senso de unidade parece convergir com a busca pelo autor de uma

⁷⁴ *Ibid.*, p. 31.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 32.

⁷⁶ *Idem.*

“identidade narrativa” coerente, que não significa necessariamente unívoca, mas sim, plural, constituída de facetas diversas que convergiam no historiador de ofício, e dialógica, desde o contorno do(s) outro(s), seus companheiros de geração, de quem procurou demarcar distâncias.

Todavia, a singularidade de *Tentativas de Mitologia* e a multiplicidade de questões que evoca, considerada a diversidade do material reunido, pode ser objeto de estudos mais pormenorizados. Curiosamente, trata-se de uma lacuna na fortuna crítica de Buarque de Holanda, à qual não procuro satisfazer – levanto, afinal, mais questões que conclusões –, mas tão somente compreender-lhe os arcaouços, que não se podem desprender da memória e da autobiografia, enquanto formas de inscrição comemorativa da existência.⁷⁷

4.2 O “Intelectual do Ano” de 1979 e outras homenagens em vida

Buarque de Holanda chegava em fins da década de 1970 como autor amplamente reconhecido, e mesmo, pode-se dizer sem temor, plenamente consagrado. Em verdade, já há algum tempo havia conquistado o reconhecimento de distintas esferas sociais e intelectuais. Pudemos retroceder, por exemplo, até o cinquentenário do autor, em 1952, em um primeiro ciclo de homenagens, quando ainda era visto como profícuo “escritor” – o crítico de literatura, o ensaísta autor de *Raízes do Brasil* e o historiador das *Monções* (cf. nota 36, cap. 2) – por alguns dos amigos e pares intelectuais que manifestaram sua consideração. Os sucessivos convites para lecionar em universidades do Brasil e do exterior, ainda antes do concurso para a cátedra de História da Civilização Brasileira na USP, também são importantes sinais de adiantado reconhecimento.

Todavia, foi na década de 1970, após a aposentadoria, que o autor recebeu, ainda em vida, as maiores homenagens. Examinamos, ao lado das lembranças e autocríticas em entrevistas e depoimentos, as sucessivas comemorações e reedições de *Raízes do Brasil* ao completar trinta e cinco (1971) e principalmente quarenta anos (1976). No mesmo período, os diversos convites que recebeu para prefaciar as obras históricas e literárias de amigos íntimos, pares intelectuais ou colegas na Universidade, representam também profunda deferência para com o historiador. Foram esses prefácios, outrossim, a ocasião de se exprimir em primeira pessoa, textos em que prevaleceram a sua ascendência sobre tais obras e o reforço de suas lições

⁷⁷ MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984, p. 202.

em tono do ofício de historiador. Dentre as homenagens que Buarque de Holanda recebeu nessa década, podemos elencar, em sequência, alguns prêmios e concursos relevantes que participou e venceu.

Na mesma direção, é importante mencionar a coordenação, pelo autor, de uma coleção de materiais didáticos que recebeu seu nome. A *Coleção Sérgio Buarque de Holanda*, publicação da Companhia Editora Nacional, sob coordenação geral do historiador, contou com o trabalho coletivo de alguns professores ligados à FFLCH: Carla de Queiroz, Laima Mesgravis, Sylvia Barboza Ferraz, Virgílio Noya Pinto. Era composta de dois volumes, que contaram algumas reedições entre 1971 e 1979: “História da Civilização” e “História do Brasil”.⁷⁸ Foi etiquetada em 1972 como coleção de “Estudos Sociais”, dirigida para a nova disciplina que, com a “Reforma no ensino de primeiro e segundo graus” (1971), veio a substituir História e Geografia.

A Editora Nacional, a exemplo da José Olympio Editora, foi estatizada nos anos 1970, e a gestão, realizada por intermédio do BNDE, o que a aproximava do empresariado de direita.⁷⁹ A ampliação do mercado e a forte concorrência na área didática a obrigaram a investir na renovação tanto na forma quanto no conteúdo dos materiais produzidos. A “Coleção Sérgio Buarque de Holanda” é exemplar dessa renovação, tendo sido considerada inovadora no método e no aspecto gráfico.⁸⁰ Como líamos há pouco, tanto o historiador não fora diretamente incomodado pelo regime autoritário, que figurou como patrono da Coleção.⁸¹ O educador Kazumi Munakata comentou brevemente que, produzida por diversos autores, a Coleção trazia à frente o nome de Buarque de Holanda, quase como “uma marca do célebre historiador”.⁸²

⁷⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque et al. *História do Brasil*. Curso moderno, 2 vols., 3ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁷⁹ Já nos anos 1960, a Nacional apoiou financeiramente o programa editorial do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (Ipes), organização de setores empresariais da sociedade civil, com a colaboração de intelectuais e militares anticomunistas. O Ipes exerceu forte oposição ao presidente João Goulart (1961-1964). Cf. HALLEWELL, Laurence. *op. cit.*, p. 597.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 425.

⁸¹ Não são de fato muito conhecidas entre os historiadores as incursões de Buarque de Holanda no ensino de história e produção de livros didáticos. Rafael Pereira da Silva destacou como um “esquecimento” na fortuna crítica de Buarque de Holanda o manual de *História do Brasil* (1944), escrito em parceria com Octavio Tarquínio de Souza para o ensino secundário. Cf. SILVA, Rafael Pereira da. *op. cit.*, p. 74.

⁸² MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista brasileira de história da educação*. Campinas-SP, v. 12, n. 3, 2012, p. 187. Edgard Carone (1923-2003) notou, já em 1971, que apesar dos avanços técnicos no aspecto didático, o programa conceitual da coleção carregava certo moralismo ufanista. Cf. CARONE, Edgard. Resenha: História do Brasil, curso moderno. *Revista de Administração de Empresas*. v. 11, n. 3, p. 129-130, jul./set., 1971.

Em 1976, ocorreu a indicação pelo Conselho Federal de Cultura (CFC), por unanimidade, para que o historiador concorresse ao “Prêmio Rafael Heliodoro Valle”, do “Instituto de investigaciones bibliográficas”, no México.⁸³ Para permanecermos no âmbito “oficial”, o acervo de Buarque de Holanda nos lembra que o autor faturou no ano seguinte, em 1977, o prestigioso “Prêmio Governador do Estado” de Literatura, na categoria “Crítica e história literária”. Aspecto significativo do ponto de vista da consagração do historiador, a distinção lhe foi conferida pelo “conjunto da obra”. É interessante observar, em matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*, os aspectos diversos da biografia intelectual do autor sublinhados pela comissão julgadora. Fora com *Raízes do Brasil*, “livro que permanece clássico” que Buarque de Holanda alcançara “lugar de destaque entre os ensaístas nacionais”; na crítica literária, *Cobra de Vidro* e a *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial (1952-1953)* “evidenciam seu poder de análise”; enfim, é claro, também por sua “numerosa obra historiográfica”, o historiador fora escolhido para o prêmio.⁸⁴

Mais um ano e Buarque de Holanda era cotado dessa vez ao tradicional e rentável “Prêmio Moinho Santista”. A informação dessa possibilidade era-lhe estranha, chegava por intermédio de Alberto Beutenmuller, do *Jornal do Brasil*, que conversou com Buarque de Holanda na rua Buri, onde o encontrou “calmamente sentado em sua poltrona predileta ao lançar a fumaça dos seus Gauloises”.⁸⁵ Buarque de Holanda recebeu a notícia com alguma surpresa e boa dose de descrença, mas disse que não desprezaria um prêmio de tamanha monta. Se ele de fato concorreu à distinção, não veio a receber enfim o prêmio, ou pelo menos não há registro disso no seu acervo pessoal. Mas, o que chama a atenção nessa entrevista é antes a memória de uma incomum tomada de posição, quando recusou, em 1958, a candidatura a uma cadeira na prestigiosa ABL.

Se me derem o prêmio, não recusarei. Minha única atitude de recusa foi em relação à Academia Brasileira de Letras, pois o estilo acadêmico não combina com minha personalidade. Pertencço à Academia Paulista de Letras à minha revelia, pois candidataram-me e elegeram-me sem que me desse conta disso. Só tomei posse três

⁸³ PAQUÊS. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 set. 1976, p.4. [Siarq – Fundo SBH, Pt 139].

⁸⁴ ATRIBUÍDO o “Governador do Estado” de 1976. *O Estado de S. Paulo*. 20 dez. 1977, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 143].

⁸⁵ BEUTENMUELLER, Alberto. Sérgio Buarque de Holanda: o melhor prêmio ainda é a vida. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1978, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 145].

anos depois. Mas um prêmio importante como o Moinho Santista receberei com prazer. Mas estou cético quanto à escolha do meu nome.⁸⁶

Na época, porém, era outra a justificativa da recusa a concorrer à cadeira que pertencia a Afonso d'Escragnole Taunay (1876-1958). Para a decepção de acadêmicos e amigos entusiastas da estatura de um Manuel Bandeira, disse o historiador que se encontrava sobrecarregado com a redação de *Visão do Paraíso* para o concurso de cátedra, que iria ocorrer dali menos de seis meses.⁸⁷ No mesmo ano de 1958 ocorreu o ingresso na APL, segundo ele à sua revelia, mas de todo modo não sem também causar polêmica.⁸⁸ É fato que só tomou posse em 1961, três anos depois da quase “imposição” de seu nome. Passados então cerca de vinte anos, talvez agora o historiador já se sentisse mais à vontade para revelar com sinceridade outra razão da recusa à vaga na ABL ou, também no campo da especulação, talvez tenha criado posteriormente essa justificativa.

Ainda em 1978, Buarque de Holanda aceitou nova honraria. A indústria química Rhodia S.A., do grupo belga Solvay, publicou um livro comemorativo do sexagésimo aniversário de sua presença em terras brasileiras, com título “Os caminhos do Brasil”. Inspirada nos trabalhos históricos de Buarque de Holanda, a publicação lhe foi expressamente oferecida em homenagem. Diz a página de dedicatória: “À retidão e ao modelo intelectual de Sérgio Buarque de Holanda”.⁸⁹ Durante o lançamento, cerimônia na qual esteve presente, o historiador confessou, com boa disposição, o inusitado da situação:

Recentemente, no lançamento de uma publicação promocional (“Os caminhos do Brasil, da Rhodia S.A.), dedicada a sua “retidão” e “modelo intelectual”, o historiador Sérgio Buarque de Holanda surpreendeu-se com a rapidez da saída dos duzentos exemplares reservados para que ele autografasse. “Só não assinei mais porque tinha acabado o estoque”, disse, achando engraçado autografar um livro que não escreveu, somente “inspirou”. Mas, aos 76 anos, Sérgio Buarque de Holanda já se habituou aos fatos curiosos de sua vida. Destes, o mais notório foi, sem dúvida, ter se transformado em “pai do Chico”, desde que o compositor ficou famoso com a música “A banda”.⁹⁰

⁸⁶ *Idem.*

⁸⁷ SÉRGIO Buarque não aceitou candidatura. *Jornal do Comércio*. s.l., 26 abr. 1958, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 202].

⁸⁸ RECUA a Academia: vai eleger escritores. *Última Hora*. São Paulo, 27 mar. 1958, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 92].

⁸⁹ SERAPHICO, Luiz et. al. *Os caminhos do Brasil*. São Paulo: Previdenciária, 1978 [Exemplar consultado na Coleção SBH].

⁹⁰ CARVALHO, Maria Angélica. Sérgio Buarque de Holanda: “Sou apenas o pai do Chico”. *Jornal da Semana*. s.l., 07 jan. 1979 [Siarq – Fundo SBH, Vp 216].

No início de 1980, a consagração categórica realizou-se com a premiação do “Intelectual do Ano” de 1979, por ocasião do lançamento de *Tentativas de Mitologia*. No mesmo ano, e pela mesma obra, Buarque de Holanda foi ainda agraciado com o prêmio Jabuti, da CBL, na categoria “Estudos literários (ensaios)”. Portanto, Buarque de Holanda alcançava a década de 1980, aos setenta e oito de idade, plenamente consagrado como intelectual engajado, comprometido com a questão democrática, historiador já clássico e, ainda, “redescoberto” como crítico literário pujante.

Comemoração da trajetória intelectual na premiação de Tentativas de Mitologia

Se a rememoração – elaboração do passado – é por definição um ato pessoal de lembrança, não necessariamente se restringe, por outro viés, à dimensão privada da existência individual. Quando em suporte textual, a rememoração se insere na dimensão pública, pois dirige-se a “grupos sociais portadores de uma memória, memória essa que preside as relações intersubjetivas e que é derivada das mesmas”.⁹¹ Não seria diverso o sentido atribuído sobretudo à “Apresentação” autobiográfica de *Tentativas de Mitologia*. Do mesmo modo, os ritos sociais de comemoração da antologia já apontam o sentido do trabalho coletivo de construção de uma memória em torno de Buarque de Holanda.

Da recepção do livro

Couberam a Antonio Candido e Maria Odila Dias as palavras de lançamento de *Tentativas de Mitologia*, em dezembro de 1979. Ambos se prestaram à atestação do discurso de si de Buarque de Holanda, historiador. Disse Antonio Candido sobre a identidade intelectual do amigo: “Neste grande historiador se reúnem um pensador com rara capacidade de abstração, um erudito incrível, um pesquisador cheio de descobertas, um crítico literário agudíssimo e um incomparável ser humano”.⁹² Maria Odila, na continuidade, reproduziu as palavras de seu mestre sobre o conceito de história, palavras pronunciadas na palestra de 1967 na USP: “Certa vez, quando os estudantes lhe perguntaram sobre a relação da História com as Ciências Sociais, professor Sérgio respondeu que a História é o elo primordial das ciências humanas: tudo que

⁹¹ SILVA, Helenice Rodrigues da. *op. cit.*, 2002, p. 429.

⁹² Texto escrito por Antonio Candido e por Maria Odila Dias, por ocasião do lançamento de “Tentativas de Mitologia”. São Paulo, 06 dez.1979. 2p. (orig.datil.) [Siarq – Fundo SBH, Pt 32].

representa movimento e não se deixa amarrar por conceitos rígidos; uma estrutura movediça, que se desmancha e refaz a cada instante”.⁹³

Mesmo entre renomados críticos literários reconhecia-se o veio de historiador no crítico Buarque de Holanda. Foi o que percebeu Wilson Martins (1921-2010), que publicou comentário de *Tentativas de Mitologia* no *Jornal do Brasil*. O texto de Martins, “Caminhos da Crítica”, a bem da verdade procura situar as contribuições de Buarque de Holanda para o desenvolvimento profissional da crítica literária no Brasil, segmento em geral, segundo Martins, abandonado à condição de “atividade marginal e amadorística, praticada por qualquer pessoa culta (se possível) com razoável facilidade de redação”.⁹⁴ Mas, nesse caminho, já de partida Martins acentua a reivindicação da identidade de historiador por Buarque de Holanda e concorda com o autor quanto aos benefícios do disciplinamento metódico também para o exercício profissional da crítica. A extensa citação que segue se justifica por abranger alguns aspectos bastante significativos.

Definindo-se e definido como historiador e tendo desde 1936 publicado *Raízes do Brasil*, houve uma certa surpresa, senão algum mal-estar na República das Letras quando, no começo da década de 1940, Sérgio Buarque de Holanda passou a exercer com regularidade a crítica literária. Ele parecia reivindicar, com isso, a qualidade de “polígrafo” que agora lhe confere o editor da nova coletânea de artigos esparsos. [...] Acresce que boa parte dos artigos versava, “apesar de tudo, sobre história e estudos brasileiros” (p. 15), de forma que, ainda por esse lado, a literatura propriamente dita e em particular a sua exegese e discussão pareciam duplamente ludibriada. Claro, nada disso implicava em negar a competência de Sérgio Buarque de Holanda ou a qualidade de seus artigos, mesmo na temática literária, ainda que, de fato, nesta última, o enfoque, tudo bem considerado, seja muito mais historiográfico que hermenêutico; acrescente-se que tais fatos se passavam nas idades primitivas e recuadas em que a crítica não reivindicava com soberba nem sempre justificada a condição de conhecimento iniciático e ritualístico, reservado, mais do que a profissionais da literatura, a sumos sacerdotes. [...] Nas fascinantes páginas de memórias com que abre este volume, ele esclarece que assumia as novas funções quase por acaso e sem realmente esperar, entregando-se imediatamente, por isso mesmo, a rigoroso trabalho de atualização e informação num campo que até a véspera lhe tinha sido praticamente alheio. Nesse particular, não podemos nem devemos esquecer que, nos anos 20 ele esteve, ao contrário, no centro das atividades literárias e dos grupos de vanguarda; não se tratava, pois, de um neófito em matéria de belas letras, mas antes, um intelectual, no sentido largo e nobre da palavra, para quem, nada do que fosse intelectual podia ser estranho. Ainda assim, uma coisa é ter cultura geral e cultura literária, e outra coisa exercer com regularidade a crítica judiciativa. Longe de confiar na sabedoria infusa, nas virtudes da improvisação e na inteligência nativa, como tantos pretensos críticos “científicos” dos nossos dias, Sérgio Buarque de Holanda passou a preparar-se com espírito profissional para as novas tarefas, enganando, a esse respeito, muitos

⁹³ *Idem.*

⁹⁴ MARTINS, Wilson. Caminhos da crítica. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 157.

observadores benévolos, admirados da facilidade com que passara da historiografia para a crítica literária.⁹⁵

O primeiro aspecto notável desse juízo de Wilson Martins diz respeito à autodefinição de Buarque de Holanda como historiador. Naquelas “fascinantes páginas de memórias”, e mesmo na seleção dos ensaios críticos que constam da antologia, muitos deles historiográficos, o elemento orquestrador era também na visão de Martins a delimitação da identidade historiadora pelo autor de *Tentativas de Mitologia*. Em seguida, Martins não deixa de anotar um esquecimento: Buarque de Holanda não era, como talvez tenha pretendido dar a crer, um principiante nos estudos literários, pois que nos anos 1940, em que retomou a crítica, já possuía experiência considerável. Por fim, o aspecto mais importante, o crítico paranaense sublinha a aplicação à crítica literária, por Buarque de Holanda, adepto do *new criticism*, de metodologias semelhantes às que impunha ao ofício de historiador, isso em tempo de “radical mudança de mentalidade, reestruturação dos conceitos estéticos e da própria figura do crítico”. Assim, concluía Martins a sua resenha investindo contra os “críticos científicos” e “anti-historicistas” daqueles tempos, pois muito antes deles, e paradoxalmente, era “o historicista Sérgio Buarque de Holanda, [...] inclinado por formação e conformação ao pensamento concreto e ao subsídio documental” que recomendava vivamente a “ida ao texto”.⁹⁶

Odilon Nogueira de Matos, historiador, professor da PUC de Campinas-SP, produziu uma resenha crítica para *O Estado de S. Paulo*, em que percebeu alguns pontos semelhantes, como a tendência de Buarque de Holanda em delimitar sua identidade. Além disso, para o comentador, a reunião dos ensaios críticos em livro assegurava “um sentido de permanência” àqueles escritos, que ainda conservavam atualidade: “O autor tem, às vezes, a preocupação de querer que o leitor separe o historiador do crítico, mas quem o conhece sabe que isto é impossível. Eis por que suas críticas não têm apenas o caráter circunstancial de páginas de ocasião [...]”.⁹⁷ Outro ponto abordado por Nogueira de Matos foi uma suposta dificuldade de Buarque de Holanda na escolha do título da antologia, pouco satisfatório em sua opinião.

O autor não se preocupou muito com o problema, ao dar ao livro o título das críticas que formulou a Jaime Cortesão. Posto no plural, pareceu-lhe que se prestaria a

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ *Idem*.

⁹⁷ MATOS, Odilon Nogueira de. “Tentativas de Mitologia”, um livro indispensável. *O Estado de S. Paulo*, 01 jun. 1980, s.p. [Siarq, Fundo SBH – Pt 275].

designar uma coletânea de artigos onde prevalece o cunho polêmico. Mas – é o caso de se perguntar –, quem vendo um livro com tal título poderá imaginar que ele encerre capítulos sobre Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, José Honório Rodrigues, e tantos outros, versando, ainda sobre os mais diversos assuntos? Ao titular seu outro livro de crítica [*Cobra de Vidro*], o autor pareceu-nos bem mais feliz.⁹⁸

O título conferido à antologia é mesmo intrigante, conforme observou Nogueira Matos. Desconfio, porém, que tal escolha, que estendia o título original de uma polêmica específica para a compreensão de todas as demais, não resultava apenas de sua “pouca imaginação”, como dava a crer Buarque de Holanda. Estudamos como o livro, uma singular autobiografia intelectual, pertence à seara das memórias. Não passava despercebido aos resenhistas o caráter autocelebrativo de *Tentativas de Mitologia*, obra que procuramos compreender como ponto de ancoragem da memória de Buarque de Holanda, isto é, um documento que pode ser situado entre a escrita de si e, com as celebrações pela premiação conquistada, a construção social da memória em torno do historiador.

Troféu Juca Pato

A União Brasileira de Escritores (UBE), instituição promotora do prêmio de “Intelectual do Ano”, fora criada em 1958, resultado de graves cisões no seio da ABDE – desde a transformação da seção paulista da ABDE em Sociedade Paulista de Escritores (1951).⁹⁹ A entidade reivindica a continuidade da Sociedade dos Escritores Brasileiros (1942), fundada por Sérgio Milliet e Mário de Andrade, primeira associação profissional de escritores no Brasil.¹⁰⁰ Poucos anos depois da sua criação, ou mudança de nome, a UBE instituiu a promoção em 1962, em parceria com o jornal *Folha de S. Paulo*, patrocinador da iniciativa. Este jornal publicou uma notícia da solenidade de lançamento da condecoração, em que ficaram estabelecidas as bases e regulamento do concurso. A eleição se realizaria pelo voto assinado dos sócios da UBE (SP) e os secretários de Educação do Estado (SP) e da capital, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o presidente da APL, os reitores da USP, da PUC e da Universidade Mackenzie, o presidente da CBL, entre outros.

⁹⁸ *Idem*.

⁹⁹ A respeito da ABDE até a criação da UBE, ver: LIMA, Felipe Victor. *Literatura e engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), 2015, 380 p.

¹⁰⁰ Cf. o *website* de UBE: http://www.ube.org.br/?page_id=4. Acesso em: 19 mar. 2016.

Quando em fevereiro de 1963, uma estatueta do “Juca Pato”, a famosa criação do caricaturista Belmonte, for entregue a um literato brasileiro (ensaísta, poeta e ficcionista), o fato significará que este escritor, por escolha nacional, foi apontado como “intelectual do ano”. Tal é o certame que a União Brasileira de Escritores e a *Folha de São Paulo* instituíram e cujas bases foram estabelecidas anteontem, na sede da UBE. Ao lançamento da promoção compareceram numerosos intelectuais, artistas e figuras da sociedade e política. A solenidade foi presidida pela escritora e jornalista Helena Silveira, vice-presidente da UBE, que falou sobre as origens da láurea, seu significado e propósitos. O sr. Helio Silveira, também da diretoria da UBESP, apresentou o regulamento do certame, tendo ainda falado o sr. Francisco Rangel Pestana, diretor da *Folha de S. Paulo*, que expressou a satisfação de seu jornal por paranimfar o concurso.¹⁰¹

Ao vencedor ficou decidido que seriam conferidos diploma e título de sócio honorário da UBE, além da estatueta do personagem Juca Pato, criatura do célebre e mordaz cartunista Belmonte, pseudônimo de Benedito Bastos Barreto (1896-1947). O personagem ganhou vida em 1925, no jornal *Folha da Noite* (atual *Folha de S. Paulo*), para o qual trabalhou Belmonte desde 1921, mas as suas charges, caricaturas e crônicas circularam pelos principais jornais e revistas do país e do exterior entre as décadas de 1930 e 1940. Crítico do governo Vargas, do nazi-fascismo europeu e da própria modernidade técnica, Belmonte sofreu com imposições da censura, e até, segundo consta, chegou a ser atacado pelo ministro alemão da propaganda do III Reich, Joseph Goebbels (1897-1945) em transmissão radiofônica.¹⁰² O auge do sucesso do personagem Juca Pato ocorreu nos anos 1930, quando apareceu em anúncios publicitários diversos. Ele representava os valores classe média paulistana, seus anseios e desilusões político-sociais e os padecimentos cotidianos. Dizia-se o defensor dos fracos. Baixa estatura, magro, de vestes modestas, honesto e mal-humorado, Juca Pato era calvo “de tanto levar na cabeça”, e seu lema, “podia ser pior”, exprimia a insatisfação, mas também o conformismo do cidadão comum, exaurido pelos fardos que era condenado a suportar, das ruas esburacadas à carga tributária, da burocracia nas repartições públicas à corrupção sistêmica.

O escritor Marcos Rey (1925-1999), na condição de segundo vice-presidente da UBE, foi o idealizador da premiação e entusiasta da ideia de o troféu tomar o nome e a forma do personagem Juca Pato. Helena Silveira (1912-1984), jornalista e vice-presidente da UBE, e

¹⁰¹ “JUCA Pato” será o prêmio do Intelectual do Ano. *Folha de S. Paulo*, 02 dez. 1962, p. 11.

¹⁰² Trata-se de acontecimento não certificado, muito embora a considerável pista em contrário, levantada na pesquisa de Sandra Scovenna. As informações aqui reunidas sobre o cartunista e seu personagem têm base em grande parte no trabalho dessa autora. Sobre o episódio, ela diz: “Pesquisando no acervo da Folha em busca de algum documento que informasse sobre este fato, encontramos apenas uma charge acompanhada de um curto texto de autoria de Belmonte, onde o Juca Pato agradece a Goebbels por ele ter feito propaganda gratuita do nome e do trabalho do seu criador – um combatente do lápis que, desde 1932, mantinha-se em vigília contra o nazi-fascismo”. Cf. SCOVENNA, Sandra Maret. Nas linhas e entrelinhas do riso: as crônicas humorísticas de Belmonte (1932-1935). Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2009, p. 41-42.

Francisco Pestana, diretor da *Folha de São Paulo*, justificaram as escolhas quando da instituição do prêmio. A principal razão, da parte da UBE, para a escolha de Juca Pato, se ancorava na figura popular encarnada pelo personagem, e visava identificar a figura do intelectual e do escritor com a do homem do povo, tanto quanto ao mesmo tempo definir o papel do intelectual e do escritor como o do sujeito do pensamento crítico – sujeito esse, portanto, de dois modos distante da conotação elitista que no mais das vezes o envolve.

Tanto a escritora Helena Silveira, como o sr. Francisco Rangel Pestana, em seus discursos, reportaram-se à escolha da figura do “Juca Pato” para a láurea. No dizer de Helena Silveira, “o famoso boneco de Belmonte”, o “Juca Pato”, tão conhecido do povo de São Paulo de uma época em que não havia inflação, mas havia carestia, deverá simbolizar o inconformismo, e significará que o escritor laureado é o anti-torre de marfim. O sr. Rangel Pestana, após dizer que a FSP acolhia “este paraninfado com carinho todo especial”, especialmente por causa da figura de “Juca Pato”, que é tão nosso (esta criação de Belmonte teve na antiga “Folha da Noite” o seu nascedouro), assinalou: “A imprensa não pode alhear-se dos problemas de cultura. É dos intelectuais que vive o jornal em todo o mundo”. Um dos biógrafos de Belmonte diz que “Juca Pato” era “o símbolo do povo que aguenta todos os repuxos, de cara alegre, partindo, talvez, destas duas concepções populares: ‘Juca’ – tipo eternamente vítima do patriotismo alheio, e ‘Pato’ – a figura imorredoura do indefectível pagador, que tudo passa. Nasceu de crânio pequeno, occipito-frontal achatado, careca redonda e luzidia, óculos aro de tartaruga, vestindo fraque para tapar os fundilhos das calças”. Ou, como rememorou o sr. Rangel Pestana: “O ‘Juca Pato’ sacrificado e bom, o honesto ‘Juca Pato’, esquecido dos poderosos, mas que deles se vingará com suas críticas”.¹⁰³

Já ao cabo dessa primeira reunião eram indicados alguns nomes para concorrerem ao primeiro troféu Juca Pato. Eram cotados, entre vários outros, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Sergio Milliet e San Tiago Dantas, ministro da Fazenda do governo João Goulart (1961-1964), que por fim sagrou-se o “Intelectual do Ano” de 1962, com *Política Exterior Independente* (1962). Logo em seguida Dantas veio a falecer, vítima de um câncer de pulmão, apenas cinco meses depois do golpe de 1964.

O engajamento da memória

A notícia da láurea chegou para Buarque de Holanda em março de 1980. Ele sequer sabia, ou pelo menos soube tardiamente, que concorreria ao prêmio. Em uma pequena nota a *Folha de S. Paulo* informou que oitenta e cinco dentre duzentos e trinta votantes elegeram o autor de *Tentativas de Mitologia* o vencedor do décimo oitavo troféu Juca Pato. José Mauro de

¹⁰³ “JUCA Pato” será o prêmio do Intelectual do Ano. *op. cit.*

Vasconcelos (1920-1984), com cinquenta e quatro votos, e Fernando Sabino (1923-2004), com trinta e cinco indicações, ocuparam, respectivamente, a segunda e terceira posições. A cerimônia ficava agendada para dali quatro meses.

Ao receber a notícia, em sua casa, Sérgio Buarque de Holanda confessou que não podia “esconder sua vaidade”, mas estava curioso em saber quem havia lançado sua candidatura. [...] O “Intelectual do Ano” lembrou seu primeiro livro, “Raízes do Brasil”, ao receber a notícia, ressaltando, porém, que discorda de algumas passagens inseridas na obra. Ele dedica-se atualmente à reelaboração de seu trabalho sobre a “História Geral da Civilização Brasileira”. Enquanto isso, “Raízes do Brasil” já está na 13ª. edição e outras obras de Sérgio Buarque de Holanda seguem o mesmo caminho.¹⁰⁴

Uma semana após o anúncio da indicação à láurea, a *Folha de S. Paulo* produziu material mais substancial, sugestivamente intitulado “Em dia com a vida e a história”. Bastante significativo é o parágrafo de abertura, que compreende um perfil múltiplo do historiador, visto como “homem contemporâneo”. Uma vez que dizia não fazer mais planos, era também um homem que se encaminhava para a hora da morte: “Sérgio Buarque de Holanda, escritor, poliglota, homem cordial e contemporâneo, ‘Intelectual do Ano’ – quem diria – tem medo da morte. Essa confissão, feita na mesma sala onde seu filho, Chico Buarque, compôs ‘A Banda’, soa verdadeira, mas injustificável. Pessoas como Sérgio Buarque de Holanda, afinal, não morrem”.¹⁰⁵ Quanto ao prêmio, disse o historiador ter se sentido envaidecido por ficar situado ao lado de outras personalidades que já o haviam conquistado. Confessou ter votado em Fernando Sabino, um “escritor nato”, enquanto acreditava-se apenas um “escritor adotivo”. Mais uma vez reforçou o desejável retrato de si: “Sou antes de tudo um historiador. Publiquei uns poucos livros não didáticos, como ‘Cobra de Vidro’, uma coletânea de artigos, e ‘Tentativas de Mitologia’. Creio que minha obra mais conhecida permanece sendo ‘Raízes do Brasil’, já editada em vários países do exterior e que agora entra em sua 14ª. edição, no Brasil” (*idem*).

A edição de abril de 1980 do mensário *Leia* trouxe um interessante depoimento do escritor Eduardo Maffei (1912-1990), que, autor do romance *Maria da Greve* (1979), tinha concorrido com Buarque de Holanda ao prêmio de “Intelectual do Ano”. A matéria de *Leia* era ilustrada por uma caricatura bem-humorada de Buarque de Holanda e seus inseparáveis *Gauloises*, criação de Emilio Damiani, e o historiador se via acompanhado de ninguém menos

¹⁰⁴ SÉRGIO Buarque de Holanda é o “Intelectual do Ano”. *Folha de S. Paulo*. 11 mar. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 153].

¹⁰⁵ EM DIA com a vida e a história. *Folha de S. Paulo*, 11 mar. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 154].

que o “Juca Pato” de Belmonte (Cf. Figura 2, p. 262). O depoimento é interessante na medida em que a percepção do escritor ultrapassa a significação imediata do prêmio, para situá-lo, palavras minhas, no “conjunto da obra” do autor, e este por sua vez, situado na vida intelectual brasileira. Dessa forma, conforme sugere Maffei, a premiação de Buarque de Holanda assumiria plenamente a dimensão de consagração de sua obra e trajetória. Creio seja este o sentido da seguinte reflexão.

Desde o meu primeiro voto para a escolha, tenho avaliado o laurel não como um simples prêmio à eventual publicação de um livro durante o ano anterior, mas consequência lógica da produção e posicionamento do candidato, através de sua órbita vital em nosso universo do saber. O troféu representa, de tal modo, a meu ver, a transformação da quantidade em qualidade, através de uma escolha por eleitores diferenciados. Neste ano isso voltou a acontecer. Foi eleito entre nós Sérgio Buarque de Holanda, autor de uma das obras exponenciais do nosso acervo cultural, necessária para qualquer abordagem ao conhecimento do nosso povo: *Raízes do Brasil*.¹⁰⁶

Seguiu-se uma breve síntese do sentido que *Raízes do Brasil* constituía para a nossa história, e um paralelo entre seu livro de estreia e a posição política do historiador, segundo a visão de Maffei, com a qual não precisamos concordar, mas a princípio observar a dimensão política arraigada ao prêmio naquele momento de abertura a “conta-gotas”.

Estudando, a partir das origens ibéricas, nossa nacionalidade, mostra-nos o porquê do autoritarismo de que padecemos, indicando as vias pelas quais seriam superados tais entraves à cultura e ao homem brasileiro. Em virtude disso, considero-o, embora de esquerda, um liberal. Isso é importante eis que, num país onde, desde o nascedouro, as forças do autoritarismo – mal que se chama atualmente de direita e que deveria ser extirpado pela raiz – são as únicas organizadas, um liberal, escoteiro que seja, é um progressista e, como tal, verdadeiramente revolucionário no sentido de uma palavra que muito tem servido a jogos semânticos.¹⁰⁷

Maffei concluía o depoimento com uma imagem poética, sugestiva da alta posição ocupada pelo historiador diante já de algumas gerações. Talvez o verdadeiro ou o mais amplo motivo da consagração de Buarque de Holanda como intelectual – engajado e crítico.

Sérgio é uma árvore com raízes no Brasil, à sombra de cuja fronda também se abrigaram gerações de estudiosos. E mais: desse solo cultural, enraizando-se

¹⁰⁶ MAFFEI, Eduardo. Sérgio Buarque de Holanda, intelectual do ano. *Leia*, abr. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 155].

¹⁰⁷ *Idem*.

profundamente, sugou a seiva da qual surgiram os frutos (além de Chico) que, ao cair – com a liberdade que a Natureza, como a entendia Spinoza, proporciona – humificaram a terra para que as sementes germinassem em Escolas.¹⁰⁸

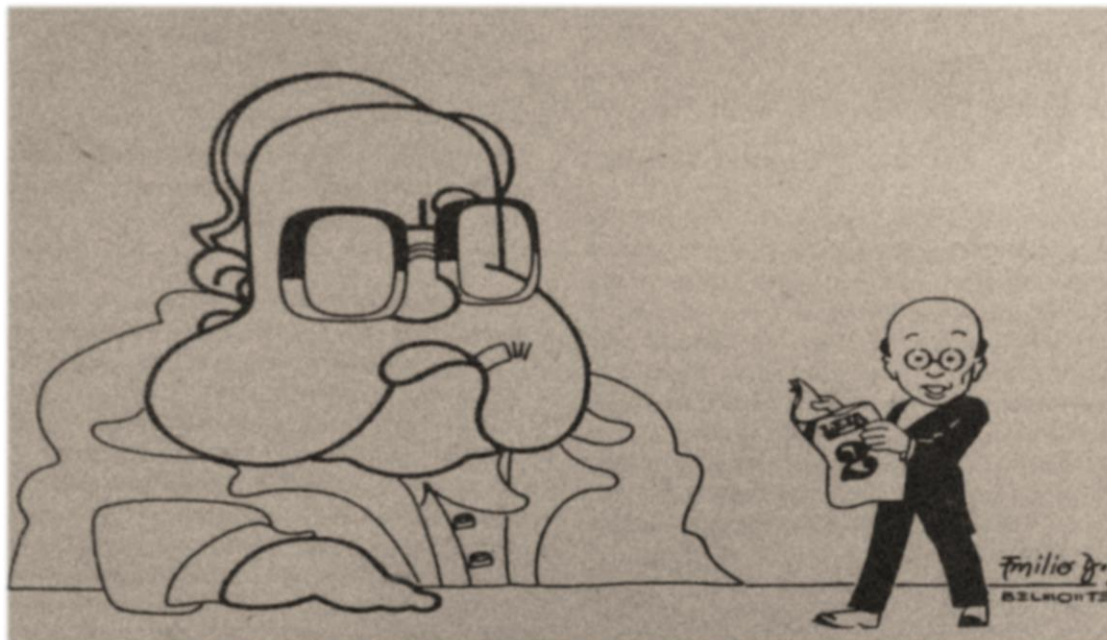


Figura 2: Caricatura de Buarque de Holanda por Emilio Damiani e o Juca Pato de Belmonte (Fonte: *Leia*, abr. 1980 [Siarq – Fundo SBH, Pt 155]).

À noite de 16 de julho de 1980 a estatueta de Juca Pato chegava-lhe pelas mãos de Heráclito Fontoura Sobral Pinto (1893-1991), vencedor da edição anterior do prêmio, com *Lições de Liberdade* (1977). Sobral Pinto era advogado e se notabilizou pela luta obstinada em favor dos direitos humanos, sobremaneira dos perseguidos e presos políticos, como Luís Carlos Prestes (1898-1990), a quem defendeu após o episódio conhecido como “Intentona Comunista” (1935). Em matéria especial para *O Escritor*, jornal da UBE lançado em 1980, Sobral Pinto registrou suas impressões em torno da aclamação de Buarque de Holanda. Dessa matéria, destaque a discussão com relação à identidade intelectual de Buarque de Holanda. Ao que parece, o fato de o laureado possuir múltiplas qualidades e ter frequentado setores diversos da vida intelectual é o que fazia dele, na expressão de Sobral Pinto, um “intelectual autêntico”, mas isso também possibilitava lançar dúvidas sobre a vontade de Buarque de Holanda em se retratar acima de tudo historiador.

¹⁰⁸ *Idem.*

Na eleição de 1979, os eleitores da União Brasileira de Escritores acertaram em toda a plenitude. Sérgio Buarque de Holanda não é apenas “Intelectual do Ano”, ele é verdadeiro e legítimo intelectual, desde que começou, na década de 20, a orientar, primeiramente na imprensa, depois em livros, a inteligência brasileira, no domínio das letras, da história, da sociologia e da política, que adquiria pela leitura, observação dos fatos sociais, diálogos e debates com homens de boa cultura. [...] Estes requisitos, característicos de um intelectual autêntico, nós os encontramos na pessoa e na obra variada de Sérgio Buarque de Holanda, que, segundo me parece, quer ser, antes de tudo e sobretudo, historiador, quando em realidade, a meu ver, é principalmente crítico de arte e de ciência, tomadas estas expressões no seu significado mais alto e mais amplo.¹⁰⁹

O Escritor dedicou seus primeiros números ao homenageado do ano. Na mesma edição de número quatro em que escreveu Sobral Pinto – o vencedor de 1978 não esteve presente à cerimônia, cumprindo ordens médicas –, lemos a reprodução do discurso de Buarque de Holanda de recepção do troféu e a palavra da direção UBE sobre o significado daquela premiação. Para a UBE, o troféu Juca Pato de 1979 significava um “alerta contra a omissão”. Os intelectuais, pois, eram os eleitos para o diálogo com “o povo”, e bem por isso não podiam ignorar a realidade social ou se omitir diante dos problemas desta. “Ao contrário, têm que se envolver no processo; denunciar o que é falso, injusto, criminoso; enaltecer a decisão acertada, louvar aqueles que dão testemunho de seu tempo”.¹¹⁰ Buarque de Holanda, nesse sentido, encarnava o próprio “arquétipo do intelectual engajado”, leitor atento das mazelas sociais e compromissado com o destino da coletividade: “O místico, nele, é a esperança na construção de uma sociedade em que todos tenham assento à mesa do grande banquete da vida”.¹¹¹

O discurso de recepção de Buarque de Holanda foi muito emblemático da dimensão política da premiação e, por conseguinte, da consagração de sua obra, que se conformou plenamente à imagem do “intelectual engajado”, conforme se entendia no momento este conceito. Sinais inequívocos desses dois aspectos são as memórias de outro tempo de lutas que o historiador convocou. Antes de retomá-las, ele externou, por oposição às aspirações de imortalidade de outras academias de letrados, sua compreensão da identidade e das funções da UBE, instituição na qual se reconhecia com maior naturalidade. Nesse discurso, político, o “eu” do autor se integra ao “nós” da UBE e das lutas democráticas. Salvo pelas crescentes dificuldades na escrita e a confissão de um certo desânimo para realizar atividades mais

¹⁰⁹ PINTO, Sobral. Intelectual autêntico. *O Escritor*. v. 1, n. 4, jun./jul. 1980, p. 5 [Siarq – Fundo SBH, Pt 159].

¹¹⁰ MARCELINO, Alípio; NETO, Fernandes. Alerta contra a omissão. *Ibid.*, p. 3.

¹¹¹ *Idem.*

penosas, Buarque de Holanda pouco falou da premiação em si ou de sua trajetória mais propriamente intelectual.

Nós, os da UBE, embora tenhamos tido nossos dissídios, manifestamos ambições menos vistosas. Homens de boa vontade e boa-fé, sabemos como os assuntos que nos reúnem para juntos pensar, dizer, debater, publicar, zelar pelos nossos direitos, não são exatamente daqueles que levam às glórias imortais. Não vou negar, com isso, que nunca passamos por momentos gloriosos. Para não ir mais longe, estou pensando naquela memorável *Declaração de Princípios* que a Associação Brasileira de Escritores, ou seja, esta mesma UBE, nesta mesma cidade de São Paulo, formulou no seu 1º Congresso, reunido em 1945, por volta de 25 de janeiro, dia de São Paulo. Naquele momento não havia divergências: a declaração foi unanimemente aplaudida, como uma apoteose, pois exprimia o pensamento íntimo de todos. E era gente vinda dos mais vários quadrantes do país, movidas por um mesmo fervor. A ditadura tudo fizera por ver abafada a voz dos escritores do Brasil. O desafio lançado abateu porém todas as barreiras [...].¹¹²

Buarque de Holanda esteve bem próximo desses “momentos gloriosos”, na condição, primeiro, de membro, desde a fundação (1943), e logo depois, de presidente da ABDE (1945-1946). A “Declaração de Princípios”, lida por Astrojildo Pereira (1890-1965) no Teatro Municipal de São Paulo, durante o I Congresso Brasileiro de Escritores (1945), manifestava um consenso em torno de duas questões principais, mesmo entre intelectuais de tendências políticas diversas: a luta antifascista, no Brasil e no mundo, e a necessidade premente de reestabelecimento da democracia no país. O Congresso desse modo realizava as premissas e chegava bem próximo dos objetivos fixados pela ABDE: antes de tudo a democracia e a profissionalização do homem de letras no Brasil, em busca da construção de um espaço de autonomia para os intelectuais. Com isso, ao menos provisoriamente, ocorria uma redefinição da função do intelectual no país, de defesa de valores universais – a democracia e a liberdade.¹¹³

Esses valores, Buarque de Holanda os considerava ainda muito pertinentes. A evocação de tais memórias ganhava sentido quando aproximadas do tempo presente: “Hoje, quando vivemos dias muito semelhantes aos de 45, essas palavras [da “Declaração de Princípios”] recuperam todo o seu significado”.¹¹⁴ Essas memórias buscavam lançar pontes entre os tempos, entre os períodos de autoritarismo na história brasileira do século 20, vistos em perspectiva. Ao

¹¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os dias de hoje lembram os de 45. *O Escritor*. v. 1, n. 4, jun./jul. 1980, p. 4.

¹¹³ LIMA, Felipe Victor. *op. cit.*, p. 356. De acordo com a pesquisa deste autor, logo após 1945, atingidos os primeiros objetivos da ABDE, e já sob a direção de Buarque de Holanda, os conflitos partidários não permitiram a manutenção da unidade de ação, nem do ideal de autonomia, tendo mesmo se submetido a ABDE, em 1949, às diretrizes exclusivas do Partido Comunista Brasileiro (PCB). *Ibid.*, p. 357.

¹¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os dias de hoje lembram os de 45. *op. cit.*

que parece, este discurso indica uma estratégia de reforço, da parte do historiador, de seu compromisso para com a questão democrática.¹¹⁵ Um modo, portanto, de conferir profundidade temporal e coerência aos seus posicionamentos e engajamentos do presente, enquanto vice-presidente do Cebrade (1978) e, no mesmo ano de 1980 em que conquistava o troféu de “Intelectual do Ano”, um dos mentores intelectuais na criação do PT.¹¹⁶

Ainda a polêmica

Em sequência à solenidade de premiação, o jornal *O Escritor* continuou a explorar o tema da consagração de Buarque de Holanda como “Intelectual do Ano”, colhendo depoimentos de outros autores. Carlos Guilherme Mota teve então nova oportunidade não apenas de criticá-lo, como houvera feito em outras ocasiões, mas também de manifestar sua sincera desafeição para com o autor de *Tentativas de Mitologia*. Foi dele, Mota, o depoimento inaugural da série, no qual retificou os principais questionamentos de *Ideologia da cultura brasileira*, e com o qual procurou se opor ao “desfile de unanimidades” que o fizeram sentir-se “deprimido” durante as comemorações, tanto do octogésimo aniversário de Freyre, naquele mesmo ano, quanto da premiação de Buarque de Holanda como “Intelectual do Ano”. Estranhamente, Mota disse que não se conheciam críticas recíprocas entre Buarque de Holanda e Freyre, mas *Tentativas de Mitologia*, motivo primeiro da homenagem, trazia novamente à luz pelo menos três ensaios críticos de Buarque de Holanda sobre Freyre.

O autor recorreu mais uma vez a Dante Moreira Leite e a Roberto Schwarcz para apoiar seu argumento. No básico, como antes estudamos, a concepção de cultura dos “intérpretes do Brasil” consolidava, segundo Mota, um sistema ideológico que obstruía a elaboração de uma teoria sobre as classes sociais no Brasil. Mas, além disso, um outro elemento, institucional, talvez relativo a disputas políticas no ambiente uspiano, chamou a atenção. Esquecendo-se

¹¹⁵ Pouco antes, na entrevista “Em dia com a vida e a história”, Buarque de Holanda relembrou o episódio da candidatura a vereador de São Paulo, em 1948, pelo Partido Socialista, o qual ele próprio ajudara a fundar, a partir do movimento da Esquerda Democrática: “Naquela eleição fui derrotado, vergonhosamente, é preciso enfatizar. Eu não tinha jeito para pedir votos, direta ou indiretamente. Com o fim do Estado Novo, a única coisa que queríamos era fundar o Partido, o que afinal conseguimos. Com o irmão do Figueiredo, Guilherme, o Manuel Bandeira e outros”. In: EM DIA com a vida e a história. *op. cit.*

¹¹⁶ Essa postura de Buarque de Holanda é correspondente, no plano da memória social coetânea, a um notável processo de rearranjo da memória ajustada às lutas democráticas que marcaram a conjuntura desde meados dos anos 1970. REIS FILHO, Daniel Araújo. Ditadura no Brasil entre história e memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.) *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 245.

provavelmente da criação do IEB (1962),¹¹⁷ Mota afirmou que Buarque de Holanda nada fez em benefício daquela instituição.

Quanto à passagem de Buarque pela USP, considero-a superficial. Viveu nela durante um dos períodos da História do Brasil mais favoráveis, quando poderia ter articulado uma das melhores equipes acadêmicas do País, à semelhança do professor Florestan Fernandes. Nada fez, e ainda deixou uma herança penosa para os que ficaram: propiciou ou silenciou sobre a carreira de elementos autocráticos e incompetentes, que hoje ocupam posições de mando, em situação já muito agora irreversível. Sua estamental “distração”, de outrora, custa muito caro, hoje, aos mais novos. Graças a essa “distração”, ficamos sem um núcleo de estudos e pesquisas à altura do Instituto Torcuato de Tella, da Argentina, ou Colégio de México, ou École Pratique, da Sorbonne. Ficou-se, na USP, a se ver baleias...¹¹⁸

Coube a Antonio Candido, na edição seguinte, o tratamento de *Tentativas de Mitologia*, que Mota não chegou a esboçar. O texto de Candido buscava, no fim das contas, e na direção oposta de Mota, justificar a boa escolha pela UBE para a destinação do tributo. Nesse ínterim, Candido corroborou a suspeita do escritor Eduardo Maffei, para quem o tributo a Buarque de Holanda extrapolava a razão mais imediata, a antologia de 1979, e coroava toda uma trajetória intelectual. “Quem votou este ano em Sérgio Buarque de Holanda para o Juca Pato acertou em cheio, pois *consagrou um intelectual* que apresenta não apenas a eminência requerida, mas que possui também as qualidades humanas que o tornam modelar como inspiração para os outros”.¹¹⁹

Candido aconselhava a leitura de *Tentativas de Mitologia* “na perspectiva da história das ideias”, a fim de que se apreendessem as posições do autor no campo das ideias políticas e sociais. A singularidade da antologia de 1979 era, na opinião de Candido, o fato de o autor reunir simultaneamente diversas facetas do seu trabalho intelectual: “Aqui ele aparece como crítico, pensador, erudito – compondo *a mais completa organização de historiador* que o Brasil conhece”.¹²⁰ A palavra de seu amigo muito íntimo, Antonio Candido, sintetiza, e dessa forma

¹¹⁷ Sobre o papel de Buarque de Holanda como idealizador e realizador da iniciativa multidisciplinar em torno do IEB, ver a pesquisa de João R. C. Caldeira. Este autor incorpora à memória do IEB a trajetória de Buarque de Holanda na USP. Ele também assinala a ausência da sociologia na composição do conselho de administração do instituto (1962-1969), mas que estará presente quando da realização do “Encontro Internacional de Estudos Brasileiros – I Seminário de Estudos Brasileiros” (1971). Cf. CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB: origens e significados*. Uma análise do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 65.

¹¹⁸ MOTA, Carlos Guilherme. Uma visão ideológica. *O Escritor*. v. 1, n. 5, ago./set. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Cp 349]. Precisamente em função desse texto de Mota foi que Alfredo Bosi, em se vendo citado como opositor de Buarque de Holanda, preferiu se retratar pessoalmente, conforme estudamos (capítulo 3, nota 139).

¹¹⁹ CANDIDO, Antonio. As tentativas de mitologia de Sérgio Buarque de Holanda. *O Escritor*. v. 1, n. 6, out./nov., 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 160, grifos meus].

¹²⁰ *Idem*, grifos meus.

imprime, o sentido da consagração de Buarque de Holanda – acima de tudo, historiador, e ainda mais que isso, o mais sofisticado historiador que produziu o Brasil.

Abertura do horizonte político

Um ano após receber o tributo, Buarque de Holanda voltava à sede da UBE, dessa vez para passar o título de “Intelectual do Ano” às mãos do jurista Dalmo Dallari, professor titular de Teoria Geral do Estado na USP, e que houvera escrito *O futuro do Estado*, em 1980.¹²¹ Na ocasião, Buarque de Holanda retomou o discurso do ano anterior, respondendo a algumas questões mal digeridas por alguns colegas. Ele reconheceu ter sido traído por suas memórias afetivas e procurou se justificar, recorrendo à sua autodefinição como historiador, ofício em que era mister jamais desconsiderar a diferença entre as épocas.

Ocorreu-me, no meio das palavras que então proferi, esboçar um confronto entre o clima de opinião dominante no país, quando da realização, em 1945, do 1º. Congresso de Escritores, com sua Declaração de Princípios que a UBE fez suas, e estes dias em que vivemos. Não faltou quem estranhasse a comparação, e entre outros quero lembrar especialmente, porque parte de pessoa a quem muito prezo, o nosso ilustre confrade Eduardo Manffrei, para o qual – são palavras dele – eu teria laborado num equívoco ao ousar tal comparação, pois em 1945, a mais forte coligação reacionária – o eixo Roma-Berlim-Tóquio – havia sido destruída pelas Nações Unidas e seus partidários no mundo inteiro teriam entrado em hibernação. Confesso de minha parte que, por uma espécie de saudosismo afetivo, tentei aquela assimilação de duas épocas díspares. Ou talvez por alguma ponta de vaidade pessoal, da qual nem sempre me julgo imunizado. [...] Ao evocar no ano passado alguns desses sucessos [da ABDE em 1945], tive plena consciência como historiador, que este afinal é meu ofício, das diferenças que separam o Estado Novo nascido em 1937 e que em 1945 entrou, senão em colapso, em hibernação, deste outro, o de 1964, sob o qual vamos tentando ir vivendo, sem embargo das intermitentes “aberturas”, que os mil casuísmos, os sequestros atrozos, os desaparecimentos inexplicados ou sem explicação plausível e finalmente, mas *not least*, as bombas que costumam estourar, protegidas por uma cortina de silêncio que, sob pena de morte, é proibido querer devassar. Sei muito bem que o passado não se repete, ou conforme a frase já clássica, se repete sob a forma de farsa. Assim sendo, pode-se dizer da ditadura que entre nós principiou em 1964, e aguçou-se em 1968, revive sob a forma de tragicomédia a que nos oprimiu entre 1937 e 1945.¹²²

¹²¹ Marcos Napolitano lembra o episódio do sequestro do jurista Dalmo Dallari, “de grande repercussão na imprensa, acontecido às vésperas da retumbante visita do papa João Paulo II ao Brasil, em julho de 1980”. Cf. NAPOLITANO, Marcos. *op. cit.*, p. 294.

¹²² HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tenho medo do que o futuro ainda reserva para este país. *O Escritor*. v. 2, n. 10, jun. 1981, s. p. [Siarq, Fundo SBH, Vp 220].

Esse depoimento provavelmente seja um dos mais enfáticos, senão o mais direto, de Buarque de Holanda contra a ditadura – já agonizante com a revogação dos AIs e a Lei de Anistia em 1979 –, denunciando de forma clara e frontal os crimes contra os direitos humanos cometidos pelo regime instaurado em 1964. Retomando, apesar das críticas, e mais uma vez, algumas palavras de Astrojildo Pereira sobre o papel das liberdades democráticas no combate ao fascismo, Buarque de Holanda se esquivava, todavia, de apontar soluções para além da recuperação dos espaços democráticos. Apesar do apoio à formação do PT, enquanto alternativa política viável e aglutinador das forças progressistas comprometidas com a abertura democrática, Buarque de Holanda não via muitos motivos para um otimismo exaltado, pois que, no geral, as possibilidades de avanços eram sempre, historicamente, ameaçadas, quando não diretamente sufocadas. “Não sei, e nem disponho de dotes taumátúrgicos que me permitam descobrir uma receita ideal. Não sei, repito, e confesso, sem vergonha, que tenho medo do que o futuro ainda reserva para este país”.¹²³ Depositava suas esperanças, por isso, em homens de fé que o ladearam na premiação do Juca Pato, Sobral Pinto, católico praticante, e Dalmo Dallari, reconhecido pelo trabalho à frente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, homenageado daquela noite, a quem Buarque de Holanda transmitiu o “troféu Juca Pato”.

Desde a fundação do PT, Buarque de Holanda fora citado ou convidado a falar sobre as expectativas políticas em torno do novo partido e a abertura do regime. Manteve no geral a mesma desconfiança manifestada em 1978, quando da criação do Cebrade, quanto à “abertura relativa”, na cerimônia de 1981 e em outras oportunidades. Discutia-se naqueles anos o papel dos intelectuais no novo partido e, de modo geral, sua função pública, como vimos em relação à UBE. O jornalista Claudio Abramo (1923-1987), contra os que defendiam um “distanciamento altaneiro”, discutia a necessária tomada de posição dos intelectuais naquele momento histórico de lutas democráticas: “A maioria dos intelectuais brasileiros se envolveu em política, de uma forma ou de outra, ou servindo aos poderosos, ou transformando-se em óperas públicas, como Portinari, por exemplo, enquanto eram filiados ao Partido Comunista, ou como Augusto Frederico Schmidt, conhecido poeta direitista”.¹²⁴ Abramo mencionava Buarque de Holanda, e por isso o recorte ficou guardado no acervo pessoal deste último, como exemplo de intelectual, entre vários outros, que dosava a paixão política à produção de obras duradouras.

¹²³ *Idem.*

¹²⁴ ABRAMO, Claudio. Com razão, mas com paixão. *Folha de S. Paulo*, 6 jan. 1980, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 151].

Aí também se encontra, de Samuel Wainer (1910-1980), um artigo mais cético quanto à presença dos intelectuais no PT, se este partido não quisesse se desviar de sua “essencial característica de partido de trabalhadores legítimo”.¹²⁵ Em sua visão, os intelectuais poderiam, sim, contribuir com seus conhecimentos políticos e sociológicos, suas doutrinas e bases jurídicas, mas desde que estes se ajustassem “à realidade das condições sociais e culturais da classe trabalhadora do Brasil”, e não o contrário (*idem*).

Não há dúvidas de que desperta emoção ver essa santa figura de homem que é Sérgio Buarque de Holanda entre os primeiros signatários da ata de fundação do PT. Não menos emocionante é ver o crítico Mario Pedrosa, com seus 80 anos de fidelidade à causa popular, declarando que a fundação do PT é uma das coisas mais importantes que já ocorreram no país. [...] Mas dirão alguns: e o que ocorre na França com Sartre e o seu grupo maoísta? Tudo bem. Mas na França, como na Europa em geral, a condição cultural, o acesso ao ensino e à informação tornam o trabalhador muito mais próximo do intelectual. [...] Aqui entre nós já imaginou alguém o tipo de debate que surgiria entre o nosso Paulo Francis (que aliás não esconde seu asco pelas massas populares) e o Jacó Bitar? Ou um choque de ideias entre o nosso exuberante Glauber Rocha e o líder carreteiro? Bem avisado, assim, foi esse outro santo, filho de santo, que é Chico Buarque, pedindo tempo para pensar antes de assinar sua ficha no PT.¹²⁶

O outro desafio inicial de “Lula e seus companheiros” era impedir que o partido agrupasse “grupos de ultra-esquerda, em sua maioria estudantes, políticos amadores e sonhadores”, o que poderia atrair contra o PT a “hostilidade dos grupos democráticos” (*idem*). Weiner enxergava no horizonte essas duas ameaças. Nesse caso, se comprometido por “intelectuais idealistas” e “esquerdistas radicais”, sua visão era de que melhor seria os trabalhadores se concentrarem em suas lutas sindicais. Mas, o que nos prende a atenção é sobretudo o fato de que Weiner ratifica, sem meias palavras, o processo de “canonização” de Buarque de Holanda, que teve na premiação de *Tentativas de Mitologia* um ponto de partida mais ou menos seguro, e que tomará forma estável entre as homenagens póstumas no decorrer dos anos 1980.

Buarque de Holanda falou sobre política ao *Jornal do Grande ABC*, de Santo André-SP, em abril de 1980, logo depois de agraciado com o Prêmio Juca Pato. O jornalista Aleksandar Jovanovic esteve no “velho casarão do Pacaembu”, onde o historiador afirmou se ocupar dos problemas do país na mesma intensidade com que estudava os problemas do passado. Desse modo, Buarque de Holanda criticou novamente a “fragilidade da abertura”, premeditada

¹²⁵ WAINER, Samuel. Um impulso perigoso. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 152].

¹²⁶ *Idem*.

exatamente como forma de resistência à abertura do regime. Sobre o PT, disse acompanhar “com muito interesse” a formação do Partido, pelo motivo de que, em sua opinião, os trabalhadores ainda não tinham voz organizada no país.¹²⁷ Indagado diretamente sobre qual a sua posição política como cidadão naquele momento, fundamentou sua resposta na dimensão histórica.

A participação popular no Brasil é muito pequena e sempre foi assim. O povo nunca toma parte nas grandes decisões, e é isso que precisa mudar. Quem toma parte é sempre uma minoria, é sempre briga de família. Sempre aparece um amigo do primo e enfim mantêm-se sempre as mesmas pessoas no poder. O que queremos é a ascensão popular, abrir possibilidades para todos. Até o voto do analfabeto.¹²⁸

Nessa mesma entrevista, ainda cutucou, de um lado, o Partido Comunista, que em sua opinião deveria ser legalizado, pois isso mostraria sua pouca expressividade política; de outro, criticou novamente a Gilberto Freyre, que teria priorizado, em seus trabalhos, a Casa-grande em detrimento da Senzala. Declarou-se, enfim, satisfeito em ter vencido o “Juca Pato” de 1979, pela oportunidade de figurar ao lado de nomes como Sobral Pinto e Caio Prado Jr., vencedores de outras edições do prêmio. Ainda assim, discordava do esforço da UBE e de alguns de seus pares em impor aos escritores a obrigação do engajamento, que deveria ser considerado parte de um sentimento natural e fruto de escolha individual.

Por fim, além do esclarecimento dos fundamentos de sua adesão ao PT, desse depoimento o que nos prenderá a atenção será a ironia com a qual Buarque de Holanda tomou o texto de Samuel Wainer, o qual houvera guardado na memória.

O historiador apoia a tese de criação do Partido dos Trabalhadores e de imediato faz graça do jornalista Samuel Wainer, que o classificou de *santo*, por ter comparecido à reunião do PT, no Colégio Sion, em São Paulo: – Agora eu já espero a vinda do papa João Paulo II ao Brasil e vamos ver se ele confirma. Aí vamos ser o Anchieta e eu canonizados.¹²⁹

¹²⁷ A experiência radicalmente nova da formação de um partido de origens genuinamente populares é um dos elementos recorrentes nos depoimentos de seus fundadores. Antonio Candido, na condição de “principal portador da memória dos intelectuais”, sublinha a novidade histórica inquestionável da existência de uma liderança operária. FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre. Memórias do PT: as vozes de seus construtores. In: FICO, Carlos et al. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, 288.

¹²⁸ JOVANOVIĆ, Aleksandar. No Brasil de 80, elitismo ainda predomina. Exatamente como no passado. *Diário do Grande ABC*. Santo André-SP, 13 abr. 1980, p. 22 [Siarq – Fundo SBH, Vp 218].

¹²⁹ *Idem*.

Não escapava ao historiador, portanto, e mesmo que disso fizesse troça, a dimensão de consagração nesses anos derradeiros de sua existência, dimensão expressa nesses documentos cuidadosamente preservados em seu acervo pessoal.

4.3 A passagem à posteridade

Malgrado o avanço do câncer de pulmão que o acometia, os últimos dias de Buarque de Holanda foram intensos, inclusive do ponto de vista da ação política. Tinha algumas dificuldades, é bem verdade, mas continuou trabalhando até os instantes fatais. Com bom ânimo, ainda recebeu alguns amigos para um almoço em sua residência no Pacaembu. Nesse festim, organizado por Chico Buarque, estiveram reunidos no “palacete normando”, além é claro da família dos Buarque de Holanda, o deputado estadual Eduardo Suplicy (MDB), o Frei Betto, e o então líder sindical e principal nome do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. A despeito da gravidade dos assuntos discutidos, e a despeito do estado de saúde de Buarque de Holanda, o espírito de irreverência característico do anfitrião não deixou de se manifestar. Segundo o depoimento de Suplicy, o historiador a certa altura cantarolou uma popular marchinha de carnaval, “Sassaricando”. Em latim. Sem necessariamente que o imaginassem, este acabou sendo o último encontro entre eles antes da despedida do historiador, na semana seguinte.

A esposa, dona Maria Amélia, confidenciou a Suplicy que aquela fora a última ocasião em que o marido saíra do quarto para tomar refeição.¹³⁰ Ela também confidenciou ao Frei Betto – e nem o frade dominicano guardou discrição – que costumava, nos últimos dias, cantar para embalar o sono do esposo. Entre as prediletas do historiador, o “Acalanto”, de Dorival Caymmi (1914-2008), e “O que será”, composição de seu filho Chico Buarque.¹³¹ Apesar do estado adiantado da doença, foi com aparente surpresa que chegaram as primeiras notícias do falecimento súbito do autor de *Raízes do Brasil*, ocorrido sem maiores sofrimentos às nove horas de um sábado, dia vinte e quatro de abril de 1982. Na sexta-feira, havia recebido de D. Paulo Evaristo Arns a unção dos enfermos. Sem muito alarde, a notícia dividia as páginas com os movimentos da guerra nas Malvinas, os balanços de oito anos da Revolução dos Cravos (1974), em Portugal, e a reivindicação das empregadas domésticas pelo reconhecimento da

¹³⁰ SÉRGIO, até o fim, sem pompas. *Folha de S. Paulo*. 26 abr. 1982. Ilustrada, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp 31].

¹³¹ MUITA comoção na missa de sétimo dia de Sérgio Buarque. *Folha de São Paulo*. 01 mai., 1982, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 45].

profissão. Outras matérias, com maior profundidade, correram dias e até meses depois do passamento de Buarque de Holanda.

O clã dos Buarque de Holanda está sob o impacto da morte do seu patriarca, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que morreu ontem, às 9h30, quase aos 80 anos, em sua casa, localizada numa rua tranquila no bairro do Pacaembu, em São Paulo. A jornalista Tereza Cesário Alvim, cunhada do escritor, disse que a morte foi uma surpresa para a família. “Ainda ontem, ele tomava café da manhã na cama e se dizia disposto. Pediu ao seu enfermeiro para ir ao escritório, ao lado do quarto, mas ao tentar se levantar, caiu morto”. Segundo informou o diretor de teatro Fernando Peixoto, genro do historiador, Sérgio Buarque de Holanda se encontrava doente há 15 dias, com uma crise de pneumonia, mas ao que parece ele sofreu um colapso cardíaco. [...] A família do historiador proibiu que a imprensa entrasse no interior da residência e impediu qualquer tipo de filmagem ou fotografia. Dona Amélia, mulher de Sérgio Buarque, afirmou que assim estava respeitando o desejo do marido, que pediu antes de morrer um velório simples e sem flores.¹³²

Velado em casa, com discrição, mas cercado de profusão de amigos e familiares, o corpo de Buarque de Holanda foi translado até o crematório Vila Alpina, na capital paulista mesmo. Frei Betto, condutor da liturgia, preferiu realizar, em honra de um homem anticonvencional, uma oração anticonvencional: “Fardas e fardões nunca o preocuparam. Esse homem da cultura viveu entre seus livros e amigos”. A cerimônia sugeriu ao Frei Betto uma metáfora orgânica: “Agora será cremado para que suas cinzas se tornem sementes de vida nova”.¹³³

Essas palavras foram lembradas e repetidas sete dias depois pela neta de Buarque de Holanda, Bebel Gilberto, filha de Miúcha com o compositor João Gilberto. Em louvor à memória do avô, no convento dos Dominicanos, no Rio de Janeiro, ela acrescentou: “Empenhou-se em seu trabalho pela ótica dos humilhados, dos pequenos e dos condenados da história”. Andava em voga criticar a chamada “história oficial”; essa sentença, todavia, não se ajustava com exatidão à obra do recente finado. Mas, o tom geral do discurso emocionado foi, claro, afetivo e íntimo: “Papioto é como teus netos te chamam. É isto aí. Papioto quer dizer Papai Outro. Você foi e será para sempre o pai outro”.¹³⁴ Frei Betto, por sua vez, além de quase as mesmas palavras do velório, sublinhou a aptidão do historiador em pensar e agir sobre a

¹³² IELO, Maurício. Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque. *O Estado de São Paulo*, 25 abr. 1982, p. 38. [Siarq – Fundo SBH, Hp 22].

¹³³ Reprodução aproximada das palavras proferidas por Frei Betto na despedida de SBH, por ocasião de seu sepultamento. *São Paulo*, 25 abr. 1982. 2p. (datil.) [Siarq – Fundo SBH, Hp 1].

¹³⁴ Homenagem escrita por Teresa Maria e lida por Bebel, por ocasião da missa de 7º. dia, realizada no Rio de Janeiro. São Paulo, 01 mai. 1982. 1p. (cópia datil.) (anot. ms. de Maria Amélia) [Siarq – Fundo SBH, Hp 2].

contemporaneidade: “Sérgio era um homem de seu tempo, que soube participar das preocupações do seu tempo”.¹³⁵

Nos dias que se seguiram ao falecimento, ao velório e à missa de sétimo dia, pulularam na imprensa e outros meios um sem número de perfis psicológico e profissional de Buarque de Holanda, notícias biobibliográficas ou depoimentos de amigos, companheiros, colegas e familiares. Em todos eles, sem exceção, veremos se repetir alguns marcos da memória de si narrada pelo historiador, marcos esses atestados por seus amigos e pares mais próximos, e enfim fixados e transmitidos por uma gama de discípulos e admiradores.

Passagens (do si mesmo ao outro)

Um conselho significa menos a resposta a uma demanda que sugestão a propósito da continuidade de uma história. Para transmiti-lo, é necessário antes de tudo narrá-lo a si mesmo. Walter Benjamin (1892-1940) é o autor desta reflexão, d’*O narrador*, texto de 1936. O ensaio benjaminiano assinalava então o declínio da faculdade de transmissão coletiva da experiência e a ruptura da arte de narrar com o domínio da palavra viva.¹³⁶

Muito raras foram as vezes em que se registrou o aconselhamento de outrem por Buarque de Holanda. Uma delas foi na entrevista à HAHR, concedida a Richard Graham em maio de 1981, publicada em língua inglesa em fevereiro de 1982 e traduzida para o português em setembro do mesmo ano, poucos meses após o passamento do historiador. A última pergunta de Graham endereçada a Buarque de Holanda na entrevista foi sobre o conselho que ele porventura transmitiria aos historiadores mais jovens. Em resposta, o historiador confessou uma dificuldade em matéria de linguagem. Teve de aprender e se disciplinar a escrever para os outros. O esforço foi o de precisão, concisão e expressividade. Aconselhava, portanto, que os mais novos se preocupassem com escrever bem: “You must be concise if for no other reason than that the reader may otherwise tire of you. [...] By writing well I do not necessarily mean in a grammatically correct fashion. Works may be impeccable in their syntax, but difficult to read and understand; and viceversa”.¹³⁷

¹³⁵ MUITA comoção na missa de sétimo dia de Sérgio Buarque. *op. cit.*

¹³⁶ BENJAMIN, Walter. Le narrateur : réflexions à propos de l’œuvre de Nicolas Leskov [1936]. In: *Écrits français*. Paris: Gallimard, 1991, p. 269.

¹³⁷ GRAHAM, Richard. *op. cit.*, 1982, p. 15.

A publicação original, na revista norte-americana, sobre a qual, como estudamos antes, Buarque de Holanda tinha controle, saía com o historiador ainda em vida; a segunda, poucos meses após o seu decesso, já se apresentava como deferência ao seu legado. Não foi por descuido que a carta de Graham a Witter, que autorizava a tradução e publicação da entrevista, e que seguiu com bilhete anexo à senhora Buarque de Holanda, tenha sido catalogada no fundo pessoal entre os documentos da série “homenagens póstumas” (cf. cap. 1, nota 120).

Essa entrevista, assim como os “Apontamentos para a cronologia” (cf. cap. 2, p. 115), *Tentativas de Mitologia* e outros documentos, constituem peças fundamentais, situadas a meio caminho entre a escrita de si e a construção social da memória de Buarque de Holanda. Por “passagens” entendo o movimento impresso em alguns documentos que estabelecem as pontes *do si mesmo ao outro*, ou seja, que constituem elementos de ligação entre a memória pessoal e a memória coletiva.¹³⁸

Dentre essas homenagens póstumas, encontramos um “obituário de Buarque de Holanda”, escrito por Richard Morse (1922-2001), publicado na mesma HAHR, em fevereiro de 1983. Esse obituário também pode significar um movimento de passagem da escrita de si à memória social em torno do nome de Buarque de Holanda. Primeiro, Morse reconhece a premiação de Intelectual do Ano como a consagração definitiva do historiador: “While his mature career brought him international recognition as a historian, the Uniao Brasileira dos Escritores characterized his achievement more comprehensively when in 1980 it named him ‘Intelectual do Ano’”.¹³⁹ Em seguida, ratifica o movimento da trajetória de Buarque de Holanda, segundo ele mesmo a recontava, como processo de disciplinarização: “By accident of chronology and gift of character he was providentially placed to navigate a coherent transition from rambunctious Modernism to intellectual serenity”.¹⁴⁰ Por fim, aproxima a leitura de *Raízes do Brasil* do compromisso do historiador com a democracia, visível nas implicações políticas de seu pensamento histórico, seja no tempo do PSB, seja na recente fundação do PT.

I summarize the reasoning because it is consonant with certain currents of vanguard social thought in contemporary Brazil. Only now, after the lessons of the 1960s and

¹³⁸ A percepção de continuidades entre escrita de si e memória não significa forçosamente uma relação especular entre tais categorias. Segundo Gagnebin, o ato da escrita não imortaliza por si só; no máximo, representa “um gesto que esboçamos”, que poderá servir à lembrança de outrem e, portanto, sairá necessariamente transformado. Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Escrita, morte, transmissão (prólogo). In: *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 24.

¹³⁹ MORSE, Richard. Obituaries: Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). *The Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 1, feb., 1983, pp. 147.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 150.

1970s, can Sergio's vision and Tocquevillian nuance be deservedly appreciated, although explicitly political implications of his thinking have been clear all along. In 1945 he was a founding member of the Partido Socialista Brasileiro and, in 1980, of the Partido dos Trabalhadores directed by Luís Inácio da Silva ('Lula').¹⁴¹

Mesmo alguns de seus críticos não deixaram de lhe prestar tributos póstumos. Mota cedeu breve depoimento ao jornal *Folha de S. Paulo*, em que reproduziu o discurso de Antonio Candido sobre o lugar que ocupava Buarque de Holanda na tríade consagrada da moderna historiografia brasileira. Bem diferente do tom encrespado da crítica de Buarque de Holanda quando da premiação como “Intelectual do Ano”, Mota desta feita revelou alguns sentimentos de arrebatamento, mesmo sem deixar de ratificar suas posições: “Sempre admirei nele a irreverência em relação aos poderosos, um certo desprezo pelo autoritarismo e os burocratas universitários. É uma época que se encerra, e digo isso como crítico que fui de sua visão oligárquica de cultura”.¹⁴² Bosi, que havia escrito para Buarque de Holanda, em 1980, uma retratação de próprio punho, agora publicava um belo artigo em “Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda” (1983), na importante revista *Novos Estudos* (Cebrap). Bosi percorria boa parte da produção do recém-falecido historiador, com ampla leitura crítica de *Raízes do Brasil*. Essa crítica recaía sobre o desfecho difícil e indeterminado do ensaio, sobre a relativização do ideário liberal e a sua difícil conciliação com a “essência íntima” da brasilidade, cordial, para o Buarque de Holanda de 1936.¹⁴³

Diferente, enfim, da introdução do livro de Mota, quando Bosi certificava a proximidade entre Buarque de Holanda e Freyre, agora ele afiançava que *Raízes do Brasil*, por outros atalhos, tangenciava *Casa-grande & senzala*, sobretudo em relação ao tratamento do preconceito racial.¹⁴⁴ Ainda assim, continuava a considerar *Raízes do Brasil* um “ensaio de juventude”, ambicioso e vulnerável, obra de “um intérprete porventura temerário do primeiro livro”, mais tarde superado pela “vocação de observador e de leitor sereno das fontes”. Bosi satisfazia assim à narrativa de si do historiador, o qual imprimia à própria trajetória o sentido da profissionalização. Desse modo, Bosi situava *Raízes do Brasil* como uma “irregularidade” ou um “acidente” daquela trajetória quase impecável. Daí o ensaio, por fim, “acabou constituindo

¹⁴¹ *Ibid.*, p.149.

¹⁴² In: IMPACTO no meio intelectual. *Folha de S. Paulo*, 26 abr. 1982, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 31].

¹⁴³ BOSI, Alfredo. Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda [1983]. In: *op. cit.*, 1988, p. 153.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 152.

um monumento isolado no conjunto de sua produção historiográfica”¹⁴⁵ – a mesma ressalva fora antes feita por Dante Moreira Leite.

Por falar em monumento, vejamos a resenha, ou antes, o comentário de *Tentativas de Mitologia* por Affonso Romano de Sant’Anna. Este comentário também pode ser considerado um documento que se situa na passagem entre a escrita de si e a construção mais ampla da memória em torno de Buarque de Holanda. O historiador, segundo Sant’Anna, esteve prestes e deveria se entregar por completo a um “necessário livro de memórias”, já ensaiado na “Apresentação” de *Tentativas de Mitologia*. O autor, afinal, era visto por Romano de Sant’Anna como ninguém menos que “um documento e um monumento de nossa cultura”.¹⁴⁶ Devemos, contudo, observar mais de perto a noção de “monumento” mobilizada pelo comentador, ou melhor, a conjunção posta entre documento e monumento.¹⁴⁷ Buarque de Holanda, um documento, pois que, ainda em vida, suas memórias poderiam oferecer novos testemunhos de outros momentos de nossa história intelectual; um monumento, na medida em que, figura (quase) incontestemente de autoridade, sua obra sem dúvida disporia um grande legado para a posteridade e alimentaria as próximas gerações. Sant’Anna considerava *Tentativas de Mitologia* um “livro-documento”, em razão das críticas compiladas, e um “livro-depoimento”, dadas as memórias narradas pelo autor. Por esses motivos, o comentador clamava pelo desenvolvimento, da parte de Buarque de Holanda, de “uma espécie de biografia intelectual, em que através de suas ações e pensamentos se lesse o Brasil”, considerando-se para isso o lugar do historiador como “monumento” da cultura brasileira, em sentido tradicional.¹⁴⁸

Os marcos da memória II: pelos outros

Monumento de nossa cultura, santo passível de canonização, mais completo historiador do Brasil – eis alguns dos epítetos que recebeu Buarque de Holanda da parte de alguns amigos

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 155.

¹⁴⁶ SANT’ANNA, Affonso Romano de. Esclarecendo mitos. *Leia livros*. São Paulo, mar. 1980, s/p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 274].

¹⁴⁷ Desde *L’Archéologie du savoir* (1969), de Michel Foucault, começou a se fazer consideração renovada da relação documento/monumento na epistemologia da história e de outras disciplinas. Para este filósofo, o documento deixava de ser instrumento de uma história que se dedicava a memorizar os monumentos do passado. Passava a ser lido também enquanto monumento, ou seja, na qualidade de símbolo de autoridade, conferida esta última pela correlação de forças em disputa no passado. Sant’Anna, leitor e simpatizante de Foucault, provavelmente tivesse em mente tais noções – trouxera o filósofo para o Brasil em 1973, para um ciclo de debates na PUC-RJ, onde era chefe do departamento de Letras e Artes. FOUCAULT, Michel. *L’Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, pp. 14-15.

¹⁴⁸ SANT’ANNA, Affonso Romano de. *op. cit.*

e pares intelectuais, para ficarmos somente nos seus dois últimos anos de vida. O historiador achava graça do comentário de Samuel Weiner, para quem ele se tratava homem santo, prestes a ser canonizado. Todavia, não demorou muito para ter início um processo semelhante.

Cuidadosamente catalogadas pela matriarca dos Buarque de Holanda, D. Maria Amélia, a série de homenagens póstumas apresenta uma ordem que vai das primeiras notícias do falecimento até o lançamento de *As raízes de Sérgio Buarque de Holanda* (1988), organização de Francisco de Assis Barbosa; passa pela publicação póstuma de *O extremo Oeste* (1986), iniciativa de José Sebastião Witter, e segue-se à inauguração da coleção especial e acervo pessoal na Unicamp (1986), instituição depositária e, em última análise, intermediária da memória individual e coletiva. Por detrás dessa ordem, procuraremos a estabilização ou fixação da memória em torno de Buarque de Holanda, através de alguns marcos que se repetem com muita frequência – donde sublinho a pluralidade de facetas – nos mais de cento e oitenta documentos da série “homenagens póstumas”.¹⁴⁹

É como historiador – um dos maiores, senão o maior dos historiadores brasileiros – que se consuma a consagração póstuma de Buarque de Holanda, alinhada aos seus esforços de autoidentificação. Não sem discussão, nem de forma unânime, contudo. Discute-se, por exemplo, os lugares de *Raízes do Brasil* e de *Visão do Paraíso* em sua trajetória intelectual. Se bem observado o conjunto de deferências, combinadas em um todo coerente, a pluralidade de facetas do intelectual prevalece. Entre multiplicidade e unidade, sua imagem favorecia a variabilidade de angulações, os rearranjos constantes, as apropriações e usos distintos – como desde antes e até hoje se verifica.

A revista *Manchete* indagou à filha primogênita do finado historiador onde se poderia encontrar “o verdadeiro Sérgio Buarque”, se no historiador, no professor, no pai ou no político. Miúcha replicou que ele era “o avesso do pai-monumento”, e as lições de vida legadas não continham regras específicas. Quanto às opções políticas dele, assinalou a gravidade com que as considerava: “Queria um Brasil, não digo comunista, mas socialista. Dizia isso bem antes de 62. O movimento de 64 o deixou muito triste e frustrado devido à perseguição sofrida por

¹⁴⁹ Essa série de documentos foi analisada, enquanto tal, por André Carlos Furtado. O autor percebeu uma ausência de “estudo que explore este momento da morte” de Buarque de Holanda. Tinha em vista o desvelamento de conexões mais ou menos ocultas entre o passamento do historiador e o contexto político. A propósito, tendo a nuançar a assertiva segundo a qual as homenagens póstumas “buscavam situá-lo no combate ao regime militar”, como se se tratasse de um constructo à revelia do posicionamento do historiador. Não restam dúvidas da importância deste momento para a construção da memória em torno de Buarque de Holanda. Mas, compreendido em processo mais amplo, pode ganhar em significação. Cf. FURTADO, André Carlos. Um luto permeado de lutas: a morte de Sérgio Buarque de Holanda e o combate ao regime autoritário (1982). *Tempos Históricos* (Unioeste). v. 18, n. 1, 2014, pp. 173-197.

diversos de seus amigos. A entrada de papai no PT do Lula não foi brincadeira. Ele queria transformar a sociedade brasileira a partir da sua enorme visão histórica”.¹⁵⁰ Apesar da estatura intelectual e política, fascinava-lhe o lado anedótico do pai. Lembrou, por exemplo, que “quando ganhou o Jabuti brincava no meio da grave cerimônia com o Fernando Sabino, fingiam brindar com os troféus nas mãos diante de toda a imensa plateia”, ou, ainda, riu de suas excentricidades: “Se lhe contassem uma superstição nova, ele logo a incorporava aos seus hábitos cotidianos”. Contudo, foi com espírito de síntese que rematou a pergunta sobre onde encontrar o verdadeiro Buarque de Holanda: “A perfeição em papai estava em organizar-se com dignidade nessas diversas facetas que assumiu”.¹⁵¹ Buarque de Holanda na figura do patriarca de talentosa prole era sem dúvida um dos marcos de constituição de sua memória, sobretudo no que diz respeito às abundantes repetições, por ele mesmo, pelos amigos, pelos jornais, da *blague* que o identificava como “apenas o pai do Chico”.

Além da pluralidade de angulações de sua personalidade, geralmente testemunhada por membros da família, também os lados diversos de sua trajetória intelectual ganharam destaque. O crítico literário Nogueira Moutinho chegou a colocar o livro *Tentativas de Mitologia* como “elo final de uma cadeia iniciada em 1936”, não somente por se tratar do último livro publicado em vida, mas pelo remate de coerência de uma trajetória. As inúmeras atividades exercidas no decorrer dos mais de quarenta anos entre uma obra e outra assegurariam um lugar de destaque na posteridade: “seu nome ficará na cultura brasileira ao lado dos maiores, sem dúvida, [...] um desses pontos de referência indispensáveis quando os tempos exigirem a lição de um exemplo”.¹⁵² Outro crítico, Leo Gilson Ribeiro (1928-2007), assinalou a falta de pompa, o anticonvencionalismo de um “mestre de profunda erudição de várias disciplinas que formavam o mosaico de sua história”. Ribeiro também comentou, mas de passagem, *Tentativas de Mitologia* como advertência aos “que esperam tanto da História quanto da Literatura um desdobramento regular, previsível, planejado”, considerada a aversão de Buarque de Holanda por todo esquematismo dogmático, característica que trazia desde o livro de estreia.¹⁵³

¹⁵⁰ MEU pai Sérgio Buarque de Holanda. *Manchete*. Rio de Janeiro, 10 jul., 1982, p. 89 [Siarq – Fundo SBH, Hp 61].

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 90.

¹⁵² MOUTINHO, Nogueira. O mais vivo dos nossos homens de espírito. *Folha de S. Paulo*, 26 abr. 1982, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp 34].

¹⁵³ RIBEIRO, Léo Gilson. O mestre, o crítico, o pensador. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 26 abr. 1982, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp 38].

Rubem Braga escreveu uma crônica de alta qualidade literária, “Dr. Progresso acendeu o cigarro na lua”. Buarque de Holanda era conhecido como “Dr. Progresso” em Cachoeiro do Itapemirim, cidade do interior do Espírito Santo, onde brevemente trabalhou como promotor de justiça substituto, em 1926. No ano seguinte passou a dirigir na cidade o jornal *O Progresso*. Natural de Cachoeiro do Itapemirim, Rubem Braga, ainda menino naquele tempo, guardava memória do jovem Buarque de Holanda. O cronista lembrava também de um texto do poeta Manuel Bandeira que o mencionava. Em “Sérgio, o anticafajeste”, de 1952, o poeta saudava os “benditos porres” que teriam guardado Buarque de Holanda a salvo de uma postura “cerebralista”. Daí a memória do cronista: “Sim, eu me lembro do Dr. Progresso; seus porres, afinal, não eram tão grandes e ele nunca ofendia ninguém”.¹⁵⁴ Rubem Braga disse na ocasião da morte do antigo amigo que este já ocupava “lugar todo especial em nossa cultura”, em razão do poder de penetração social de seus ensaios, especialmente o de estreia: “Mostrou-se grande logo em seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, tão famoso que faz esquecer os outros”.¹⁵⁵

O escritor Josué Montello (1917-2006) igualmente conferiu valor ao senso de unidade da obra buarqueana, já localizável, também em sua opinião, no ensaio de 1936. O “confronto das edições sucessivas” revelava um percurso de aperfeiçoamento. Com as novas edições do ensaio, segundo Montello, o autor tornava suas ideias mais nítidas e profundas e, no plano da linguagem, as exprimia mais claramente. “Sérgio Buarque de Holanda nasceu para escrever *Raízes do Brasil*. Toda a sua obra ulterior liga-se a esse livro de estreia, de tal modo que o seu título poderia ser o título das obras completas do grande escritor, com o sentido da mais perfeita unidade e harmonia do conjunto”.¹⁵⁶

Amigo de longa data, Afonso Arinos lamentou a perda de “um historiador que fazia crítica, filosofia crítica e política”, mas em compensação ressaltou que o finado amigo havia deixado em seu último livro um importante registro autobiográfico. Arinos ainda o qualificou como “guia e líder”, uma das “mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira”.¹⁵⁷ Em chave semelhante, o jurista Raymundo Faoro alçava Buarque de Holanda à posição de “maior historiador brasileiro dos últimos tempos”, justamente porque como “grande

¹⁵⁴ BRAGA, Rubem. Dr. Progresso acendeu o cigarro na lua. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 02 mai. 1982, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 47].

¹⁵⁵ *Idem*.

¹⁵⁶ MONTELLO, Josué. Mestre Sérgio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 maio 1982, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 54].

¹⁵⁷ VÍTIMA de câncer, morre aos 80 anos o historiador Sérgio B. de Holanda. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 abr. 1982, s. sp. [Siarq – Fundo SBH, Hp 28].

escritor” sabia como poucos “aliar a pesquisa ao gosto literário”. Mas, para além disso, o que mais prende a atenção no depoimento de Faoro é o fato de tê-lo considerado um intelectual que atravessava facilmente as fronteiras geracionais: “todas as gerações lhe são contemporâneas”.¹⁵⁸ Por isso, imaginava Faoro que sua “obra dispersa” – imagino os inéditos, artigos de crítica, na imprensa e outros – deveria logo ser reunida e publicada, de modo a garantir a continuidade da sua recepção futura.

Entre os historiadores, a elevada consideração era praticamente unânime. Mesmo Carlos Guilherme Mota, desafeto declarado, não poupou elogios ao historiador que viera de falecer. Fernando Novais, aluno “de um professor extraordinário” que fora, não hesitou em contemplar Buarque de Holanda como “o maior historiador deste país”, pois que deixava uma obra importantíssima, considerando *Visão do Paraíso* “seu livro máximo”.¹⁵⁹ José Honório Rodrigues, por sua vez, rememorou o tempo em que trabalharam juntos no INL e disse ter aprendido muito com Buarque de Holanda, a quem considerava, ao lado de Caio Prado Jr., “os dois maiores historiadores brasileiros”. Havia, contudo, uma reserva da parte de Rodrigues: “Só discordo, até hoje, de sua expressão *homem cordial*, utilizada em *Raízes do Brasil*, mas sem dúvida foi um livro que causou grande impacto nos meios intelectuais. No entanto, sua obra máxima continua sendo *Visão do Paraíso*, um livro para poucas pessoas”.¹⁶⁰

Sérgio Costa Franco, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ponderou que a Buarque de Holanda jamais faltou o senso de objetividade e a seriedade na condução de seus trabalhos históricos, fossem eles sintéticos ou analíticos, universalizantes ou particularistas – tendo o autor oscilado entre a tendência à síntese e a monografia histórica. Sua obra nada concedia à simplificação, aos arranjos ou à fantasia. *Raízes do Brasil*, na ótica de Costa Franco, “o menos documentado de seus livros”, antecipava a pesquisa histórica propriamente dita, à qual o autor se aplicaria mais tarde. “A despeito do sucesso internacional de *Raízes do Brasil*, atribuo valor muito maior aos marcos posteriores da obra de Sérgio Buarque de Holanda”.¹⁶¹ *Visão do Paraíso*, por exemplo, mereceria, ainda sob a ótica de Costa Franco, uma menção mais especial, pelo equilíbrio entre “gosto estético” e “extraordinária erudição”. Como se vê, as discussões em torno de *Raízes do Brasil* jamais deixaram de existir.

¹⁵⁸ *Idem.*

¹⁵⁹ IMPACTO no meio intelectual. *op. cit.*

¹⁶⁰ *Idem.*

¹⁶¹ FRANCO, Sérgio da Costa. A obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 8 mai. 1982 [Siarq – Fundo SBH, Hp 52].

Para os historiadores, contudo, suas obras posteriores, *Visão do Paraíso* em especial, é que assumiam legitimidade mais sólida na disciplina histórica.

Buarque de Holanda, o professor, também demarca outra faceta importante, constitutiva do quadro de sua memória. Além de Fernando Novais, esse aspecto foi testemunhado por Suely Robles de Queirós. Seu artigo, “Professor e historiador”, produzido para a comemoração do que seria o octogésimo aniversário do historiador, em julho de 1982, respondia a um outro artigo, publicado no mesmo jornal por Francisco Iglésias uma semana antes – do qual trataremos em breve –, que dizia ter sido apenas acidental a incursão de Buarque de Holanda pela docência. Em resposta, Robles de Queirós recordou etapa por etapa as passagens do historiador pela universidade brasileira, de modo a demonstrar que se tratou de uma constante em sua vida intelectual. Primeiro, a UDF, nos anos 1930; depois a ESP, no fim dos anos 1940; na década seguinte, a Universidade de Roma e, por fim, a USP, entre 1959 e 1969. Em reforço, Robles de Queirós retomou a entrevista de Buarque de Holanda para a HAHR, quando disse a Richard Graham que sua maior satisfação intelectual tinha sido a formação de um grupo de historiadores na USP. “Essa gentileza para com seus ex-alunos, mas sempre discípulos, que depois se dedicaram à pesquisa histórica, revela o lugar que o magistério e a Universidade ocuparam em seu coração”.¹⁶²

Nesses depoimentos, encontramos espalhadas diversas mitologias individuais, entre as quais a mais significativa é sem dúvida a identificação como “pai do Chico”, além da figura do boêmio erudito ou do catedrático anticonvencional. Além disso, e sobremaneira, vemos nesses perfis reproduzirem-se importantes marcos da memória de Buarque de Holanda, alguns dos quais o próprio historiador ainda em vida procurou estabelecer, por meio de uma discreta, porém repetitiva e influente escrita de si. São eles, sobremaneira: a distância tomada em relação a *Raízes do Brasil*, a constituição do cânone da moderna historiografia brasileira, a delimitação de sua identidade de historiador profissional, sua ascendência sobre a formação de novos pesquisadores e professores universitários de história e, ainda, a demarcação de suas posições políticas.¹⁶³

¹⁶² QUEIRÓS, Suely Robles de. Professor e historiador. *O Estado de São Paulo*, 11 jul. 1982, Supl. Cultura, p. 9 [Siarq – Fundo SBH, Hp 63].

¹⁶³ Claudio Abramo escreveu de Paris um testemunho para a *Folha de S. Paulo*, em que afirmava ter-se aproximado mais do historiador pela dor que os unia naqueles “anos terríveis” da década de setenta: “Sérgio mostrava um enorme orgulho de ser pai de Chico Buarque, que foi, nos anos terríveis, com Antonio Callado, um dos mais valiosos intelectuais que o Brasil produziu”. ABRAMO, Claudio. Era o dono da casa da rua. *Folha de São Paulo*, 26 abr. 1982, Ilustrada, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp32]. A revista *IstoÉ*, apesar de tê-lo pintado “um perfeito liberal”, lembrou seu papel importante

A mais completa síntese desses aspectos heterogêneos, das diversas angulações de um intelectual multifacetado pode ser constatada no depoimento da historiadora Emilia Viotti da Costa. Em razão de sua compleição, melhor é conhecê-lo, o depoimento, na íntegra.

Foi o professor menos acadêmico que a universidade já teve, um homem cuja inteligência não podia ser contida nos limites de uma universidade, particularmente após 64. Pertence a uma geração de intelectuais de elite que, pelas circunstâncias, foi capaz de assumir uma crítica de sua própria classe. Sérgio jamais hesitou em defender as causas democráticas, nem mesmo em ocasiões em que a sua segurança corria risco. É o exemplo mais perfeito do humanismo no século 20, um século que cada vez mais perde a dimensão do humano. Seu profundo senso de responsabilidade intelectual e seu extraordinário senso de humor lhe conferiam particular lucidez. Como historiador, sua obra serviu de ponto de referência obrigatório às gerações que o sucederam. O *homem cordial* pode não ter sido uma discussão histórica acurada da realidade brasileira, mas é certamente uma definição correta de Sérgio Buarque de Holanda.¹⁶⁴

Praticamente todos os marcos da memória de Buarque de Holanda se encontram nesse depoimento. Estão contemplados os traços de sua personalidade e a dimensão ética de seu pensamento histórico-político, sua obra de historiador e as posições políticas que assumiu. Viotti da Costa toma inclusive a defesa de Buarque de Holanda diante das críticas que lhe vinham sendo apontadas desde a década anterior. Ela o considerava, por fim, como um raro intelectual capaz de transpor fronteiras diversas: acadêmicas, geracionais ou de classe social. Por essas razões, se o podia reconhecer conforme Viotti da Costa sugeria, no “exemplo mais perfeito do humanismo no século 20”, síntese para a qual convergiam suas diversas facetas.

Esse arranjo, *mise en cohérence* posterior pelos próximos, procedimento característico das leituras retrospectivas, valeria à memória buarqueana, a partir de então, o *status* de exemplo para as futuras gerações. Não apenas entre os historiadores, mas também na esfera política: nos quadros da “memória nacional”, como queria a guarida institucional do acervo de Buarque de Holanda pela Unicamp, e, ainda, na cultura política¹⁶⁵ da redemocratização, a qual incorporava seu legado intelectual, pela via privilegiada de sua contribuição na formação do PT, à época a maior força aglutinadora das esquerdas.

na fundação do PSB, em 1948, e do PT, em 1980. Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um sábio cordial: o antiacadêmico que amava a erudição. *IstoÉ*. São Paulo, 05 mai. 1982, p. 52 [Siarq – Fundo SBH, Hp 50].

¹⁶⁴ In: IMPACTO no meio intelectual. *op. cit.*

¹⁶⁵ O conceito guarda relações próximas com o de memória coletiva, a partir dos trânsitos entre esta, o indivíduo e a ação política. Cf. BERSTEIN, Serge. L'historien et la culture politique. *Vingtième Siècle*, revue d'histoire, n.35, juillet-septembre 1992, p. 74.

Tentativas de biografia (exempla)

Ainda em 1982, no mês de junho, o historiador Francisco Iglésias publicou n’*O Estado de São Paulo* uma “Evocação de Sérgio Buarque de Holanda”. O texto ocupou duas páginas inteiras do jornal. No fito, ainda, de louvar a memória do “historiador máximo de sua geração”, Iglésias produziu um esboço biográfico sob o signo da exemplaridade¹⁶⁶ de um homem extraordinário na vida nacional.

Só quem teve a ventura de conhecer pessoalmente Sérgio Buarque de Holanda sabe dos vários aspectos de sua personalidade, sobretudo os boêmios e bem-humorados. Nunca pensou em ganhar dinheiro – embora constituísse família numerosa, com essa admirável Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda –, pensou apenas em divertir-se, instruir-se e instruir. [...] Bom, com um sentido profundo de igualdade, interessou-se por política. Foi candidato a vereador pelo Partido Socialista, do qual foi fundador, estrondosamente derrotado. Assinou todos os manifestos contra o arbítrio e a prepotência dos últimos governos. Ajudou a fundar o PT, a cujos quadros pertencia. Aposentou-se por tempo de serviço em protesto contra os afastamentos ilegais de seus colegas. Com obra importante, não falava de seus livros, e talvez não lhes reconhecesse grande importância, embora os defendesse contra qualquer crítica. Nesta terra de autores vaidosos, velhos e jovens supondo-se mestres, era um simples. Não tinha ressentimento da glória alheia. Pode-se dizer, pois, que era um homem feliz, quem tanto amou e se fez amado. Com sua morte o país se vê empobrecido, pois perde um grande cidadão, um escritor de primeira grandeza e talvez o historiador máximo de sua geração.¹⁶⁷

O elogio do homem não se encontrava em primeiro plano, contudo. O que se apresentava em jogo era a avaliação do legado intelectual de Buarque de Holanda. Daí a diligência de Iglésias em detalhar a trajetória acadêmica do recém-falecido historiador. Nesse ponto, o homem de qualidades excepcionais se ligava sem dificuldades à figura pública, constituindo “um verdadeiro *clerc*”, isto é – na concepção de Julien Benda (1867-1956), a quem Iglésias remetia – um homem de pensamento e de ação, ativo na vida pública, constituindo outro raro exemplo na esfera intelectual brasileira.

No autor agora desaparecido tem-se um dos raros exemplos na história intelectual do país de um verdadeiro *clerc*: ele exerceu algumas funções públicas, na Biblioteca Nacional, no Instituto Nacional do Livro, na direção do Museu Paulista; foi professor

¹⁶⁶ A modalidade de biografias exemplares se localiza, segundo François Dosse, na esteira do amplo processo modernizador de laicização empreendido pelas Luzes no século 18. A figura antiga do herói foi aos poucos substituída pela do “grande homem”. O elogio dos grandes homens, como parte da laicização da memória, passou a ocupar o lugar das orações fúnebres de outrora. A glorificação de valores individuais, do oitocentos até meados do século 20, esteve concentrada nas ações militares, e contemporaneamente, encontra-se ligada ao campo da criação intelectual ou da gestão política. DOSSE, François. *op. cit.*, 2005, pp. 175-198.

¹⁶⁷ IGLÉSIAS, Francisco. Evocação de Sérgio Buarque de Holanda. *O Estado de São Paulo*, 06 jun. 1982, Supl. Cultura, v. 2, n. 104, p. 4-5 [Siarq – Fundo SBH, Hp 57].

em escolas do Rio e São Paulo (Universidade do Distrito Federal e Escola de Sociologia e Política) e depois catedrático da Faculdade de Filosofia da USP, de 1956 a 1969 (História do Brasil). Esteve em missões de magistério no exterior, ou em congressos da Unesco. Lecionou em Roma dois anos, quando foi adido cultural; lecionou em várias universidades norte-americanas (Indiana e Nova York, entre outras) ou latino-americanas, como no Chile. Participou de dezenas de congressos na Europa e por toda a América [...].¹⁶⁸

Para além disso, o aspecto mais importante da evocação, ainda que sejam delineadas as múltiplas faces de Buarque de Holanda, se localiza na delimitação de sua contribuição de historiador para a inteligência brasileira. De tal maneira que, para Iglésias, entre nós não se encontra equivalente. Somente entre os “mestres da historiografia universal” é que se poderia achar uma comparação digna de sua grandeza e excepcionalidade.

Crítico literário, culto e de refinado gosto, escreveu estudos que o colocam entre os melhores críticos e historiadores da literatura brasileira. A maior parte de suas atenções foi dedicada à História, sobre a qual escreveu vários livros que se distinguem pela erudição, pela temática e pela interpretação sempre feliz. Estará aí sua principal contribuição ao pensamento, pois ele marcou a historiografia. [...] Pode-se dizer que é o único historiador brasileiro, de ontem e de hoje, que também foi grande escritor.¹⁶⁹

O que seguiu no texto de Iglésias foram pontuais comentários de cada uma das obras historiográficas de Buarque de Holanda. Em relação a *Raízes do Brasil*, por exemplo, o autor da homenagem apontou a importância das reedições do ensaio, consideradas as suas alterações, e tomou a defesa de Buarque de Holanda quanto às “contra-ideologias”. Em seu “furor revisionista”, os historiadores mais jovens eram tomados, à falta de argumentos, pelo “simples gosto do ataque”. Também avaliou a importância de *Tentativas de Mitologia* como livro de crítica historiográfica.

Mas, o que importa sublinhar é que Iglésias já percebia e apontava as diretrizes para a memória que se construía em torno de Buarque de Holanda. Postulava a imperiosa necessidade de reunir em volume os prefácios produzidos pelo historiador, bem como os textos publicados nos jornais – o que veio a se materializar, de fato, cerca de quinze anos depois. Sugeria igualmente a importância dos manuscritos inacabados e livros em processo de revisão, mas confiava que a família certamente iria encarregar alguém capacitado de prestar o devido tratamento aos originais. Considerava também importante a produção de monografias sobre o

¹⁶⁸ *Idem.*

¹⁶⁹ *Idem.*

historiador, ou mesmo uma biografia propriamente dita, serviço de grande utilidade para “avaliar sua influência no presente e nas próximas gerações”. Os comentários de Iglésias apontavam, portanto, para o futuro da memória.

Quem escrever um bom e alentado texto sobre Sérgio Buarque de Holanda produzirá obra séria e útil sobre a historiografia brasileira: no destaque de suas técnicas de trabalho revelará o que é o bom historiador, raro no País, e, por contraste, o panorama geral da produção nativa, quase sempre deficiente. [...] Um dia ele será redescoberto em seu valor, passando a exercer influência maior. Então a nossa historiografia será superior, e ficará comprovado o seu pioneirismo [...].¹⁷⁰

Aquele “bom e alentado texto sobre Sérgio Buarque de Holanda” para o qual Iglésias conclamava não custou a aparecer. Logo em 1985, a discípula Maria Odila Dias organizou para a coleção “Grandes Cientistas Sociais” (n. 51) uma seleção de textos do seu mestre, Buarque de Holanda – seleção essa que se fez acompanhar de uma notável e célebre introdução. Conforme estudamos no capítulo inicial, este texto introdutório foi considerado por João Kennedy Eugênio como fundador de uma das matrizes da fortuna crítica de Buarque de Holanda, a matriz identitária (ou historicista). O que eu gostaria de acentuar a propósito da introdução (e da antologia) de Odila Dias se refere à estratificação de uma camada memorial muito relevante, fundamentada exclusivamente sobre a obra historiográfica de Buarque de Holanda, o que atesta a autorrepresentação de sua identidade como acima de tudo historiador. O próprio título já acena inconfundivelmente para uma delimitação do perfil do autor: “Sérgio Buarque de Holanda, historiador”. Ora, essa é sem dúvida, ainda hoje, e não sem legítimo e até evidente fundamento, a visão predominante sobre Buarque de Holanda.

Aconteceu, nada obstante, que, enquanto matriz fundadora de sua fortuna crítica, ela acabou por eclipsar outras perspectivas de memória e de exame da múltipla obra buarqueana, que somente na década seguinte irão ganhar a luz.¹⁷¹ Por isso, na esteira da análise de Eugênio sobre a matriz primeira da fortuna crítica buarqueana, observo que Odila Dias pavimentou um estrato durável da memória do autor. Este livro, e particularmente, o texto de abertura, representa a consolidação do lugar de Buarque de Holanda na memória disciplina em momento

¹⁷⁰ *Idem.*

¹⁷¹ Com a aparição póstuma dos *Capítulos de literatura colonial* (1991), organização de Antonio Candido (ed. Brasiliense), e a compilação de artigos de crítica literária *O Espírito e a Letra* (1996), organização de Antonio Arnoni Prado, em dois volumes (Companhia das Letras).

de transformações, com a irrupção dos grandes paradigmas e a chegada de novos conceitos e abordagens historiográficas, como o de representação na nova história cultural.

Não se trata, a exemplo de Iglésias, de uma biografia *stricto sensu*,¹⁷² mas a autora logo de partida recorre a uma síntese recapitulativa da trajetória intelectual do historiador, desde as primeiras publicações na década de 1920 até a conquista do “troféu Juca Pato” em 1980. Logo em seguida, ela justifica a produção da antologia como representativa de um recorte, o mais expressivo, da identidade intelectual de Buarque de Holanda: “Essa antologia tem como objetivo reunir os textos de sua obra como historiador, que foi a parte mais significativa, porém não a exclusiva de sua vasta produção intelectual, e as páginas que se seguem [da introdução] constituem um estudo da sua contribuição de vanguarda para a historiografia brasileira”.¹⁷³

Muito importante, para a compreensão do trânsito entre o si mesmo e o outro na construção da memória de Buarque de Holanda, é fazer notar que Odila Dias retoma nesse texto alguns tópicos relevantes da escrita de si do autor. São eles, principalmente, o adágio da “vocação de historiador” (p. 11); a delimitação e uso do paradigma historiográfico presentista (p. 15); e, além disso, o ensaio sobre Ranke e as afinidades com o historicismo como parte dos “gostos e tendências pessoais do Autor”, que “fixa os parâmetros de sua própria visão da história” (p. 56). Sintoma notório dessa continuidade da escrita de si na memória, levada a cabo por uma de suas discípulas diletas, é que ela refere *Tentativas de Mitologia* como elucidação autorizada da obra buarqueana. Como se autoexplicativa fosse a “Apresentação” autobiográfica da antologia, Odila Dias cita, por exemplo, que “ele próprio esclarece no ensaio *Tentativas de Mitologia*” sua preocupação com a linguagem e a concepção de escrita da história, entre outros aspectos.¹⁷⁴

Além disso, imanente à seleção dos textos que compõem a antologia organizada por Odila Dias, há uma proposta de delineamento de “fases de elaboração” e de discriminação de

¹⁷² Duas teses recentes, do mesmo ano de 2007, propuseram retrair a trajetória intelectual de Buarque de Holanda. Uma delas enverga o título de biografia histórica, embora não tenha alcançado de modo amplo este reconhecimento. De toda forma, a primeira parte do trabalho, qual seja, a organização e publicação de artigos ainda inéditos de Buarque de Holanda na imprensa, trouxe inestimável contribuição para pesquisas ulteriores (COSTA, 2011a e 2011b). COSTA, Marcos. *Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre 1930 e 1980*. Tese (Doutorado em História) – Unesp, Assis, 2007, 223 p. Rodrigo Ruiz Sanches, a seu turno, defendeu a tese do “intelectual independente” SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Unesp, Araraquara, 2007, 155 p. Em ambos os casos, embora todo o levantamento documental e as importantes teses vinculando o trabalho histórico à dimensão pública da existência do historiador, pode-se lamentar o corte relativamente tradicional de suas concepções de biografia.

¹⁷³ DIAS, Maria Odila. *op. cit.*, 1985, p. 9.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 22.

“alguns temas-eixos” da produção historiográfica buarqueana. Basicamente, ela discriminava duas grandes fases, não estritamente cronológicas, que são “Paisagem, cultura e sociedade”, concentrada principalmente entre 1940 e 1950, e “Política e Sociedade”, de *Raízes do Brasil* às contribuições na HGCB durante as décadas de 1960 e 1970.¹⁷⁵ Em suma, o historiador, desde um lugar teórico afinado com as perspectivas do historicismo alemão, procurava a singularidade de cada momento histórico; isso o impelia à construção de uma metodologia toda própria para assimilação de diferentes ritmos temporais; e, por fim, seu estilo associava a reconstituição do espírito da época à linguagem das fontes pesquisadas. Desse modo, sempre segundo Odila Dias, continuava Buarque de Holanda atual nos anos 1980, momento em que reconquistavam a cena as discussões sobre a natureza do conhecimento histórico e os métodos narrativos de reconstrução e interpretação do passado. Tal apelo de Odila Dias para a atualidade do pensamento buarqueano denota a ancoragem do autor na memória disciplinar nos anos 1980.¹⁷⁶

No decorrer daquela década de 1980, outras publicações contendo esboços biográficos logo ganhavam o dia.¹⁷⁷ Destaco entre elas a de Francisco de Assis Barbosa, que organizou a primeira coletânea de textos do “jovem Buarque de Holanda”, com ênfase nas matérias jornalísticas enviadas da Alemanha entre 1929 e 1930, catalogadas cuidadosamente pela irmã do historiador, Cecília Buarque de Holanda. Barbosa alertava logo nas primeiras linhas que se tratava de um livro “atípico” na obra de Buarque de Holanda, que este último jamais pensara em publicar: “tinha horror dos artigos publicados em jornais e revistas do tempo do aprendizado”.¹⁷⁸ A negação ou a tardia *mea culpa* do autor (por exemplo, em *Tentativas de Mitologia*), leva em consideração as intensas agitações e as incertezas flagrantes de um contexto tão crítico como o daqueles anos 1930. Alguns estudiosos de hoje, naquele movimento que

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 54.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 9-10.

¹⁷⁷ Foi o caso, em 1987, da tradução espanhola de *Visão do Paraíso*, enriquecida, além da “cronologia” de vida e obra, por Maria Amélia B. de Holanda, de um longo prólogo: BARBOSA, Francisco de Assis. Formação de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1987, pp. ix-lxvi. Ainda em 1987 a tradicional *Revista do Brasil* realizou um número especial todo consagrado a Buarque de Holanda, contendo textos do autor e depoimentos sobre ele e sua obra. Odila Dias colaborou nesse número com uma “Pequena biografia de Sérgio Buarque de Holanda”, que abre o volume. DIAS, Maria Odila. Pequena biografia de Sérgio Buarque de Holanda. In: *Revista do Brasil*, ano 3, n. 6, “Especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda”, 1987, pp. 6-7. Barbosa, no ano seguinte, com “Os verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda”, em verdade tradução em língua portuguesa do prólogo de *Visión del Paraíso*, colaborou na obra coletiva *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra* (1988), organizada em iniciativa conjunta da Secretaria de Estado da Cultura, do Arquivo do Estado e do IEB. BARBOSA, Francisco de Assis. Os verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até “Raízes do Brasil”. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (Org). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; IEB, 1988, pp. 27-53.

¹⁷⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. Introdução. In: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Organização Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, pp. 11.

entendemos por “estratificação da memória”, têm explorado com afincos esses textos, nem sempre, porém, considerando o peso do seu contexto específico de enunciação.

A memória patrimonializada

Logo em seguida ao decesso de Buarque de Holanda começaram-se as especulações em torno do destino que tomaria o grande patrimônio material legado pelo historiador, sua biblioteca. Chico Buarque, n’*O irmão alemão* (2014), remete a uma situação um tanto insólita. Um bibliófilo rival, em pleno velório do personagem Sérgio de Hollander, e bem ao lado do defunto, não conseguira disfarçar o olhar grande e sequioso em direção a uma porção de obras raras que o falecido ostentava na sala de visitas.¹⁷⁹ Trata-se, é claro, de uma passagem literária, autoficção de Chico Buarque. Aqui e ali aparecem, todavia, algumas “marcas de historicidade” (Pomian, *op. cit.*) da trajetória intelectual do pai. A publicação (póstuma) dos artigos de juventude produzidos nos *wanderjahre* alemães, as ideias políticas de tendência socialista, a aposentadoria por solidariedade na universidade após o encruamento da ditadura, os últimos dias de vida e o velório, a hipótese da venda da biblioteca: “[...] o acervo valia mais que a própria casa. E a casa uma vez oca talvez ruísse, sem a massa livresca a ossatura das estantes talvez envergasse até estalar”.¹⁸⁰ Encontramos então, na literatura contemporânea, mais um sinal inequívoco da herança buarqueana, substanciada na riquíssima biblioteca.

De fato, os primeiros registros de um vivo interesse pela biblioteca de Buarque de Holanda não tardaram a aparecer. Logo no mês de junho de 1982, o reitor da Unicamp, José Aristodemo Pinotti (1934-2009), dirigiu-se à viúva do historiador, em correspondência oficial, manifestando não apenas o interesse, como também já uma proposta palpável, um planejamento em etapas e garantias de cuidados específicos para com a coleção. Cerca de quinze dias depois, a resposta de D. Maria Amélia chegava às mãos do reitor. Ela agradecia, em seu nome e em nome dos seus filhos, “a grande deferência demonstrada em relação à memória de Sérgio”. Contudo, uma resposta mais decisiva à proposição não lhe poderia ser encaminhada de imediato, pois que havia em disputa, e já antes manifesto, o interesse do IEB em adquirir o

¹⁷⁹ BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.183.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 189.

acervo. Mesmo assim, a viúva deixava em aberto a possibilidade de uma comissão da Unicamp tomar os contatos iniciais com a biblioteca e realizar as suas primeiras avaliações.¹⁸¹

Imediatamente, o reitor, “no uso de suas atribuições legais e considerando a importância da biblioteca particular do Prof. Sérgio Buarque de Holanda”, publicou uma portaria interna estabelecendo a comissão encarregada de realizar o estudo do acervo e conduzir as tratativas entre os herdeiros e a Universidade. A comitiva foi encabeçada pelo professor José Roberto do Amaral Lapa, do departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), e constituída também pelos professores Alexandre Eulálio e Adélia Bezerra de Meneses, além de Ataliba Teixeira de Castilho, todos do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).¹⁸² Em setembro do mesmo ano a comissão devolveu ao gabinete do reitor os resultados dos estudos preliminares para a aquisição do acervo pessoal de Buarque de Holanda. No essencial, o relatório da comissão informava que o valor de compra ficaria provavelmente em torno dos cem milhões de Cruzeiros (valor de fato firmado no contrato de compra e venda).¹⁸³ A comissão de professores mencionou a aprovação e mesmo o entusiasmo das unidades dos diversos institutos que compõem a universidade, tendo em vista as múltiplas possibilidades de trabalhos interdisciplinares que a coleção de quase dez mil volumes, dentre os quais algo em torno de quatrocentas obras raras, poderia proporcionar. Por fim, o que considero bastante relevante, os professores sublinharam que a aquisição do acervo se inseria plenamente na continuidade de um objetivo maior da ainda jovem Unicamp em estabelecer um “Centro de Documentação da Memória Nacional” e se consolidar, ou legitimar-se, como um polo pioneiro de pesquisas.¹⁸⁴

As tratativas entre a Unicamp e a família Buarque de Holanda seguiram-se, sem grandes reviravoltas, até meados de 1983, quando foi firmado o contrato entre as partes, e a aquisição, por afinal cem milhões de Cruzeiros, saiu enfim publicada no Diário Oficial do estado de São Paulo.¹⁸⁵ Também os jornais passaram a noticiar a conquista da universidade campineira:

¹⁸¹ PROCESSO n. 2891/1982. Aquisição da biblioteca do falecido prof. Sérgio Buarque de Holanda, vol. 1, fls.2-7 [Siarq – Fundo Reitoria, Processo 2891].

¹⁸² *Ibid.*, f. 11.

¹⁸³ Segundo cálculo de atualização monetária pelo “Índice Nacional de Preços para o Consumidor Amplo” (IPCA/IBGE), o valor corrigido corresponde a aproximadamente dois milhões, oitocentos e trinta e quatro mil reais (set. 2016). Operação realizada a partir da “calculadora do cidadão” para correção de valores oferecida pelo Banco Central do Brasil.

¹⁸⁴ *Ibid.*, fls. 14-15.

¹⁸⁵ *Ibid.*, fl. 108.

Depois de disputar durante vários meses com a USP e a UnB, a Unicamp adquiriu o acervo deixado pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, falecido no ano passado. A informação foi dada ontem em Campinas pelo gabinete do reitor José Aristodemo Pinotti, que assinou contrato de compra anteontem à noite com Sérgio Buarque de Holanda Filho, em nome da família. [...] De acordo com fontes do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, o desejo de Holanda era que o acervo ficasse numa universidade paulista. Para a escolha da Unicamp pesou o fato de ser uma instituição mais ágil em relação à USP, com problemas burocráticos menos acentuados, que favoreceram a condução do negócio.¹⁸⁶

O trabalho minucioso de análise não só das disputas entre universidades pela guarda da memória buarqueana ou do processo burocrático de aquisição, mas principalmente de formação do acervo, do ponto de vista da constituição da memória institucional de Buarque de Holanda, deve-se a Rafael Pereira da Silva. Sua tese sobre “trajetória e memória” do historiador procura no último capítulo deslindar a montagem coletiva (o autor, a família e a instituição) de um fundo privado, considerando, principalmente, as seleções intencionais e as práticas de arquivamento das séries documentais, e de que formas elas serviram à sustentação de uma “memória biográfica oficial”.¹⁸⁷ Nesse sentido, Pereira da Silva destacou a ascendência da viúva Buarque de Holanda, “uma das principais memorialistas do marido”, como protagonista da montagem do acervo, por sua atuação nos bastidores, não apenas *post mortem*, mas até mesmo nas atividades de pesquisa do historiador.

Segundo D. Maria Amélia, Sérgio tinha uma dinâmica própria de autoarquivamento. Sua biblioteca, por exemplo, era uma “bagunça”, mas organizada de acordo com sua própria lógica de recuperação e interesse. Os seus documentos pessoais eram mantidos em pastas, caixas e gavetas sem quaisquer critérios rigorosos de organização e indexação e seguiam uma certa “ordem natural” de interesses de acordo com cada época de sua trajetória. Muitas cartas, por exemplo, foram encontradas dentro de livros por bibliotecários da Unicamp que as remetiam ao Arquivo. [...] Dadas as características de movimento desse arquivo, Neire Rossio [diretora da divisão de documentação da universidade], que trabalhou nele diretamente, o definiu como um “fundo aberto”, já que o trabalho de catalogação se deu ao longo de mais de uma década, demandando da equipe arquivística constantes “(re)fazimentos”. Com o falecimento de D. Maria Amélia, já centenária em 2010, o fundo pôde, enfim, ser considerado fechado.¹⁸⁸

A bem de delimitar algumas diferenças relativas à nossa temática comum da memória, importa frisar que Pereira da Silva, afeito à noção de “lugares de memória” (1984) – noção

¹⁸⁶ ACERVO de Holanda na Unicamp. *O Estado de São Paulo*, 29 mai. 1983, p. 17 [Siarq – Fundo SBH, Hp 66].

¹⁸⁷ SILVA, Rafael Pereira da. *op. cit.*, p. 143.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 185-186.

revista pelo próprio Nora (1992) após vê-la tragada pela era do patrimônio e da comemoração –, privilegia um olhar sobre a materialidade da herança buarqueana. Sem querer negar sua evidência, nem ainda menos desconsiderar a importância acordada ao acervo como construção de si, eu não reconheceria que em função dessa concretude, e de outras tramas da memória, subsista forçosamente uma “versão unívoca de sua trajetória intelectual”.¹⁸⁹ Pensar a memória em termos de estratificação de “camadas” parece atribuir maior possibilidade de apreensão das dinâmicas temporais que a atravessam.¹⁹⁰ Inclusive, o trabalho do autor, em problematizando esse não dito que era até então o acervo pessoal, participa significativamente da historicização da memória buarqueana – menos que “de uma vez por todas a morte do homem cordial”,¹⁹¹ como ele expressa em reforço ao título algo iconoclasta da sua tese.

Sem entrar, portanto, nos meandros da constituição do acervo pessoal, matéria já bem estudada por Pereira da Silva, eu gostaria, ainda assim, de prender um pouco as atenções no projeto anexo ao primeiro relatório da comissão de professores, intitulado “Para um centro de documentação nacional na Unicamp”. O relatório alude à política do setor de ciências humanas da universidade em adquirir material primário sobre “aspectos da vida brasileira”, objetivo que se vinha realizando a partir da compra tanto de arquivos de documentação organizados por terceiros, quanto de bibliotecas particulares de eminências intelectuais da vida nacional. Eram os casos, por exemplo, do acervo sobre o movimento anarquista, organizado por Edgard Leuenroth (1881-1968) e adquirido pelo IFCH em 1974, do Arquivo de Línguas Indígenas, sob a guarda do IEL, ou da biblioteca Helio Viana (1908-1972), alocada na BCCL-CEOR.

Num país aparentemente indiferente por sua memória essa mudança de atitude é muito significativa, e comprova o alcance educativo de uma instituição servida por uma liderança interna que, prestigiada pela Administração, é capaz de mudar e aprimorar os hábitos de sua população. Esse é o caso da Unicamp, que vem demonstrando na prática que um Arquivo ou uma Biblioteca não são museus de velharias ou meros depósitos de livros, e sim ativos centros de pesquisa e de indagação de brasileiros sobre as coisas do Brasil.¹⁹²

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 167.

¹⁹⁰ Sobre biografia intelectual e as mutações de sentido dos personagens biografados: “La signification d’une vie n’est jamais univoque, elle ne peut que se décliner au pluriel, non seulement du fait des changements qu’implique la traversée du temps, mais aussi du fait de l’importance à accorder à la réception du biographé et de son œuvre qui est correlative du moment envisagé et du milieu qui se les approprie”. Cf. DOSSE, François. *op. cit.*, 2005, p. 414.

¹⁹¹ SILVA, Rafael Pereira da. *op. cit.*, p. 20.

¹⁹² PROCESSO n. 2891/1982, *op. cit.*, fls. 19-20.

Amaral Lapa, na condição de presidente da comissão, afirmou que em tal contexto é que se inseria a oportunidade de aquisição da biblioteca de Buarque de Holanda, que incluía ainda o acervo documental e, de quebra, a memorabilia prometida pela família. Em conjunto, devidamente ordenados e alocados em novo edifício da BCCL, esses materiais constituiriam, na visão do relator, “uma memória para as próximas gerações e um exemplo para os pesquisadores, [...] sob a motivação de um nome e de uma obra que constituem um dos grandes momentos do pensamento brasileiro”.¹⁹³

Seria de minha parte redundante sublinhar essas justificativas, por demais evidentes dos projetos e expectativas que alimentavam o processamento da aquisição do acervo. Cabe, porém, fazer notar como a partir desse processo de patrimonialização, o nome do historiador se associa à própria “memória nacional”, uma vez que a Universidade propunha nesses termos a guarda de sua memória. Parece legítimo supor que o projeto apontasse, no contexto da abertura política dos anos 1980, para o dever de memória de uma sociedade que saía do jugo de um regime de força e se queria construir sobre bases democráticas – a própria Universidade, que, segundo a Comissão da Verdade e Memória “Octávio Ianni” (2015), manteve relações contraditórias com o regime, claramente se esforçou nesse sentido. Também pela via da institucionalização do acervo pessoal, a projeção futura da memória buarqueana se inscrevia, então, na cultura política da redemocratização.¹⁹⁴

O decênio de 1980 fora, portanto, muito importante na construção dessa memória, estabelecendo a principal de suas camadas e dificultando a percepção das variações anteriores e posteriores no tempo. Trata-se, todavia, de uma memória ainda muito “viva” e que, até bem recentemente, pouco tinha sofrido em termos de rupturas ou guinadas consideráveis. Os fatores mais significativos de um tal processo de sedimentação nos anos 1980 são as homenagens póstumas e esboços biográficos e a instalação de sua biblioteca e acervo pessoal na Unicamp,

¹⁹³ *Ibid.*, fls. 21-22.

¹⁹⁴ Deixo a indicação de que mais tarde, nas comemorações dos quinhentos anos de descobrimento do Brasil (2000), o nome de Buarque de Holanda fora bastante lembrado: “Transformados em estudos clássicos, os trabalhos que fazem alusão à unidade da cultura brasileira, na sua diversidade, tiveram tendência a renegar os conflitos raciais, os antagonismos sociais e a violência da história. Essa representação social forjada ao longo dos séculos, sem dúvida, deixou rastros na memória coletiva. Assim, os discursos comemorativos tiveram por fundamento, além das ideias de mestiçagem desenvolvidas pelo sociólogo Gilberto Freyre, as representações do ‘homem cordial’ de Sérgio Buarque de Holanda, as da ‘sexualidade extrema’ de Paulo Prado, e até mesmo as do ‘bandido e do herói’ do antropólogo Roberto da Matta”. Cf. SILVA, Helenice Rodrigues da. *op. cit.*, 2002, p. 433. Além disso, importa sinalar que não só a Unicamp, mas também o IEB, outra instituição que trabalha na preservação da memória cultural brasileira, quase naturalmente tratará de incorporar o legado intelectual de seu fundador, Buarque de Holanda. No mesmo ano do centenário do historiador (2002), o IEB comemorava seus quarenta anos, e essa coincidência não passou sem ser lembrada. Cf. CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Org.) *Perfis buarqueanos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina; IMESP, 2005.

procedimento demorado, que se estendeu de 1982 a 1986. Falta estudarmos, então, as comemorações de 1986 – o lançamento de *O extremo Oeste*, primeira obra póstuma, e os cinquenta anos de *Raízes do Brasil*, conjugados às solenidades acadêmicas de inauguração do acervo do historiador.

4.4 Um complexo de comemorações em 1986

O ano de 1986 pode ser encarado como um dos mais importantes momentos na estratificação ou estabilização da memória buarqueana. Não apenas porque ele tenha visto transcorrer diversas homenagens, mas principalmente porque entre elas podemos observar importantes conexões. Assim como 1982, quando do passamento do historiador, 1986 marca uma espécie de atualização e cristalização memorial. Em simultâneo, sem paradoxo, representa também uma nova abertura para outras formas de continuidade da memória.

O Extremo Oeste, livro póstumo

No mês de maio de 1986 veio a público a primeira publicação póstuma de Buarque de Holanda, o inacabado manuscrito que recebeu o título de *O Extremo Oeste*, editado pela Brasiliense. O responsável pela edição foi José Sebastião Witter, discípulo de Buarque de Holanda e diretor do Arquivo do Estado. Sabemos do importante papel que exerceu este discípulo, intermediário entre os herdeiros e a academia. Outra prova disso ele mesmo fornece logo na introdução do volume: “Sobre ele é necessária uma explicação, que fiquei incumbido de dar pela família de Sérgio Buarque de Holanda, preservadora de mais essa preciosidade. Graças à sua sensibilidade e visão a obra deixa de ser acessível a poucos para atingir a muitos”.¹⁹⁵ Nada mais representativo do caráter de transmissão da memória, ou de ponte entre “os próximos e os outros”, que este depoimento. A necessária explicação seria a justificativa da publicação de um livro inacabado de um autor conhecido pelo esmero com a linguagem e o rigor com a pesquisa. Mas, foi justamente no seu caráter de incompletude que Witter encontrou um ótimo pretexto para a organização do manuscrito em obra histórica.¹⁹⁶ Através dela, poderíamos aceder

¹⁹⁵ WITTER, José Sebastião. Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. Introdução e organização de José Sebastião Witter. São Paulo: Brasiliense; Secretaria de Estado da Cultura, 1986, p. 11.

¹⁹⁶ Laura de Mello e Souza, com base em pesquisa de seu assistente André Cerqueira, afirmou no prefácio à nova edição especial de *Monções* (2014), que *Capítulos de história do Império* (2010, org. Fernando Novais) era o livro em que Buarque

à intimidade do *atelier* do historiador consagrado: “Essa obra, incompleta e inconclusa, contudo, permite acompanhar o seu trabalho de pesquisa, interpretação e análise, flagrando no momento da feitura a sua tarefa de escrever e reescrever, depois rever o já feito, traduzindo de forma clara o pensamento, como escritor exigente e preciso”.¹⁹⁷

Às detalhadas explicações sobre a organização do material – Witter procurou interferir o menos possível no trabalho do “mestre”, como se referia a Buarque de Holanda nessa introdução –, seguiram-se algumas (poucas e simples) palavras sobre o perfil do autor póstumo: “Não aquelas [palavras] que montem uma pequena biografia, pois sobre Sérgio Buarque de Holanda, se tentasse, teria que escrever um livro, tão longa e estimulante é a sua história. Apenas é necessário o registro de alguns traços de sua vida como homem e intelectual”.¹⁹⁸ Witter tão somente sublinhou que suas obras de historiador eram plenamente reconhecidas e, na dificuldade de uma síntese, retomou as palavras de seu amigo, o crítico Luís Martins, de *O Estado de São Paulo*, para quem Buarque de Holanda preferia o título de “pai do Chico” ao de “mestre sem par” de sua geração.¹⁹⁹

Coube a Antonio Candido um discreto discurso de pouco mais de três minutos na solenidade de lançamento do livro. Ele justificou a economia de palavras: a publicação do livro, já em si uma homenagem. Porém, foi importante o pouco que disse, no sentido de atestação do discurso de si de Buarque de Holanda, historiador. *O Extremo Oeste*, em opinião de Candido, retomava um tema obsessivo do pensamento buarqueano, a penetração no Oeste. Mas, enquanto seus trabalhos anteriores, *Monções e Índios e mamelucos na expansão paulista* (Anais do Museu Paulista, 1949), tinham muito de etnografia, o livro póstumo apresentava “o historiador mais depurado”.²⁰⁰

Algumas críticas publicadas na imprensa também salientaram este e outros aspectos correlatos. Para Nelson Aschier, crítico da *Folha de S. Paulo*, mesmo em “rascunho” Buarque de Holanda ainda parecia “superar de longe, qualitativamente falando, quase toda a historiografia brasileira”. Seu mérito, em *O Extremo Oeste*, estava em conseguir se dirigir a um

de Holanda trabalhava na hora da morte, e não n’*O extremo Oeste*, como sustentou durante bom tempo a versão familiar da memória do historiador. SOUZA, Laura de Mello e. *op. cit.*, 2014, p. 24.

¹⁹⁷ WITTER, José Sebastião. *op. cit.*, 1986, p. 12.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 20.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 21.

²⁰⁰ DISCURSO proferido por Antonio Candido por ocasião do lançamento de *O Extremo Oeste*. São Paulo, 1986 (áudio, 3’) [Siarq – Fundo SBH, Pt 33].

público mais amplo que o de especialistas acadêmicos e, assim, “provar que a história deste país nada tem de enfadonha”.²⁰¹ A questão do estilo distintivo de Buarque de Holanda não passou despercebida para outros comentaristas. Janice Theodoro da Silva, que fora orientanda de Witter na USP, tratou da forma apaixonada e ainda assim paciente com que o historiador se dedicava à pesquisa e à escrita da história.

Tempo é dinheiro para o homem contemporâneo. Esta concepção de tempo interfere profundamente no preparo dos cientistas e nas formas de elaboração dos estudos históricos. Hoje, também a pesquisa científica sofre de ansiedade. Dedicar 30 anos de vida investigando documentos sobre navegação fluvial setecentista e oitocentista é tarefa que poucos sabem fruir com o devido encanto. Sérgio Buarque de Holanda faz parte dessa minoria capaz de pesquisar, contar e escrever desafiando o tempo pelo prazer de o ver passar.²⁰²

O *Jornal da Tarde*, analisando a introdução de Witter para o texto, também deu destaque às questões de estilo e escrita da história: “Talvez por isso [a rigidez para com seus assistentes] Witter evitou interferir no texto, onde não se encontra a palavra bandeirante, porque, para Holanda, o movimento em direção ao Oeste foi um impulso originado pelo comércio e abastecimento, e não um heroico desbravamento”.²⁰³ A busca da verdade em detrimento da mitologia bandeirante foi o tema central evocado na resenha de *O Extremo Oeste* pelo cientista político José Nilo Tavares (1934-1997). O aparecimento da obra póstuma, na visão desse comentarista, tinha o mérito de reavivar o interesse pela obra do “historiador clássico-moderno”, no sentido de “contribuir para a desmistificação da história pátria, cuidadosamente evitada pela historiografia oficial e dificultosamente intentada pelos novos historiadores”.²⁰⁴

Desse breve apanhado sobre *O Extremo Oeste* retenhamos, em súpula, a rememoração de alguns marcos de continuidade desde a escrita de si até a memória póstuma de Buarque de Holanda. Atestados esses marcos, no caso, por dois de seus pares intelectuais e amigos mais próximos, Candido e Witter: a rememoração de sua identidade historiadora, calcada no rigor da

²⁰¹ ASCHIER, Nelson. A saga dos pioneiros paulistas. *Folha de S. Paulo*, 04 mai. 1986, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 71].

²⁰² SILVA, Janice Theodoro da. História brasileira escrita com encanto e paixão. *O Estado de São Paulo*, 17 mai. 1986, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 74].

²⁰³ HISTÓRIA e estilo na retomada do tema das monções. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 07 mai. 1986, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 72].

²⁰⁴ TAVARES, José Nilo. A verdade, sem heroísmo. *Senhor*. São Paulo, 10 jun.1986, n.273. s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 79].

pesquisa e na maestria do estilo, assim como no compromisso com o discurso crítico da disciplina.

O cinquentenário de Raízes do Brasil

Além da atestação da identidade historiadora de Buarque de Holanda, a principal das conexões entre as comemorações de 1986 se encontra justamente no problema político de *Raízes do Brasil*. O *post-scriptum* de Antonio Candido em 1986, especialmente produzido para integrar a décima oitava edição do ensaio, comemorativa do Jubileu de Ouro, reforça o sentido democrático do ensaio buarqueano.²⁰⁵ Dessa forma, o criador do “homem cordial” e a sua criatura, identificados muito estreitamente, continuavam a fundamentar e a alimentar, respectivamente, as memórias e o projeto de uma sociedade democrática que se queria estabelecer. Conforme estudamos no primeiro capítulo, sobre o amplo processo de recontextualização do ensaio de 1936 para servir ao tempo das lutas democráticas de 1970 e 1980, Candido dizia que “há meio século, neste livro, Sérgio deixou claro que só o próprio povo, tomando a iniciativa, poderia cuidar do seu destino. Isso faz dele um coerente radical democrático” (cf. nota 137, capítulo 1). Retomando brevemente a síntese daquelas discussões iniciais, sugeri que, entre atitudes diversas de rememoração e de comemoração, começava a se formar entre as décadas de 1970 e 1980 um estrato vigoroso de memória em torno de seu livro de estreia, agora reconfigurado em resolução mais nitidamente progressista.

Não apenas a edição especial preparada para o Jubileu de Ouro, mas outras diligências comemorativas de *Raízes do Brasil* tiveram também lugar em 1986. No mês de agosto, em simultâneo às solenidades de inauguração do acervo pessoal do historiador, aconteceu no centro de convenções da Unicamp, em parceria com o Arquivo do Estado, uma exposição de mais de cinquenta fotografias de Buarque de Holanda.²⁰⁶ Outro exemplo das articulações entre os eventos comemorativos é a inclusão do discurso de inauguração da “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda”, pelo professor Alexandre Eulálio, da Unicamp, entre os textos que compuseram a edição de 1986 de *Raízes do Brasil*. Eulálio, na ocasião, procurou traçar um perfil de Buarque de Holanda “acima de tudo escritor”, em franca oposição à própria construção de si pelo

²⁰⁵ Duas outras publicações de Antonio Candido, a primeira em 1988, e a segunda, uma década depois, seguem a mesma direção: CANDIDO, Antonio. Sérgio, o radical. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. *op. cit.*, pp. 61-67; CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, pp. 81-88.

²⁰⁶ ROTEIRO da exposição fotográfica “As raízes de Sérgio: exposição comemorativa dos 50 anos de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Campinas, Unicamp, 12 a 29 ago.1986. 8p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 171].

homenageado. O estilo do autor, mesclando inventividade e erudição, era o que, antes de tudo, o distinguia como historiador: “Isso se tornava possível por ser ele um escritor autêntico [...] um escritor maior. Um dos sete ou oito nomes cimeiros do nosso tempo, o novecentos brasileiro”.²⁰⁷ Mais para o fim do ano, no mês de dezembro, a Fundação Casa de Rui Barbosa promoveu a exposição “Sérgio, renovador”, também comemorativa do cinquentenário do livro de 1936. Colaboraram para a realização deste evento, com a cessão de materiais e documentos diversos, a viúva, D. Maria Amélia, e Cecília Buarque de Holanda, irmã do falecido historiador, além de Francisco de Assis Barbosa, diretor do centro de estudos históricos da Fundação, José Sebastião Witter e Jorge da Cunha Lima, este último da secretaria de cultura de São Paulo.

O catálogo da exposição de quase cento e cinquenta itens, entre fotografias, objetos e documentos, continha, além de cronologia de vida e obra e resumo bibliográfico, alguns textos de amigos sobre seu perfil intelectual, como Manuel Bandeira, o próprio Assis Barbosa, Onestaldo de Pennafort (1902-1987), e do historiador José Murilo de Carvalho sobre *Raízes do Brasil*. O breve texto de Murilo de Carvalho se relaciona com os principais marcos da memória de Buarque de Holanda. Decorrido meio século de distância, Carvalho observava *Raízes do Brasil* como um livro que, apesar de suas hesitações no campo político, “aspecto inevitável no momento em que foi escrito”, apresentava “clara opção de rompimento com o passado, talvez reminiscência do modernismo”; um livro que, apesar do ensaísmo generalizante também comum à época, “anunciava o grande historiador do futuro”. Se, de um lado, pela busca da essência do caráter nacional, era fruto de uma “inspiração gilberto-freiriana”, de outro, pelo “senso agudo da dinâmica histórica”, marcava “nítida oposição a Oliveira Vianna”.²⁰⁸ O *Jornal do Brasil* deu destaque à exposição, depois de tê-la percorrido com exclusividade antes da abertura ao público, e na ocasião, ter entrevistado D. Maria Amélia e Assis Barbosa.

O fecho da exposição *Sérgio, renovador*, que será inaugurada hoje às 19h na Fundação Casa de Rui Barbosa, não poderia ter sido melhor escolhido: “Gostaria de escrever uma História na qual o povo fosse o principal personagem”. A frase, confidenciada a amigos antes de morrer, em 1982, espelha bem o que foi o historiador, jornalista, crítico, professor e escritor Sérgio Buarque de Holanda, o autor de *Raízes do Brasil*, livro escrito há 50 anos, que dá origem à mostra.²⁰⁹

²⁰⁷ EULALIO, Alexandre. Sérgio Buarque de Holanda escritor. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *op. cit.*, 1986, p. xxxvii.

²⁰⁸ CARVALHO, José Murilo de. Cinquentenário de *Raízes do Brasil*. In: *Sérgio, renovador*. exposição comemorativa dos 50 anos de *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 6-7.

²⁰⁹ BONFIM, Beatriz. Sérgio Buarque de Holanda: o homem que fez história. *Jornal do Brasil*. 09 dez. 1986, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 88].

Além do desenho vário de Buarque de Holanda esboçado no trecho acima, a entrevista com a viúva do historiador revelou uma surpresa: ela mesma se cansara da incessante brincadeira sobre o “pai do Chico”. Perceba-se, também, a lembrança do engajamento no processo de abertura e transição política, processo que, segundo a memória histórica corrente, se completava somente no ano anterior (1985).

O historiador, que entrou para o PT como sócio-fundador em 1980, mesmo ano em que recebeu o troféu Juca Pato como o intelectual de 1979, aparece ao lado dos sete filhos, com os netos em aniversários de família, com um colete cheio de miçangas e pedrarias que Chico lhe deu em 1974, mas d. Maria Amélia fez questão de não ser fotografada ao lado da foto de Chico com o pai e justificou: – Essa brincadeira de Sérgio ser o pai de Chico tomou-se muito repetitiva (*idem*).

O fastio quanto à *blague* do “pai do Chico”, pequeno sinal de que, com o fim do regime, estava consolidada a batalha pela memória das lutas democráticas²¹⁰ e, nela, particularmente, a posição de Buarque de Holanda? É interessante observar, em complemento à interrogação, a aproximação efetuada entre a filiação ao PT e a premiação como “Intelectual do ano” por seu livro de caráter memorialístico, *Tentativas de Mitologia*.

Bem ao largo de tais suposições, o mesmo *Jornal do Brasil* em novembro tinha produzido uma matéria especial sobre os “cinquenta anos de um clássico de nascença”. Assinado por Zuenir Ventura, o material abrangia praticamente todos os elementos mais importantes que orbitam a memória de *Raízes do Brasil*: comentava o prefácio de 1967 de Antonio Candido, relembrava a polêmica com Cassiano Ricardo sobre o homem cordial, contextualizava o período em que foi escrito, entre outros. Mas, o que estava em jogo era a indagação sobre a relevância do ensaio para gerações mais jovens, como a da filha de Antonio Candido, Laura de Mello e Souza, jovem professora de história da USP. Apesar de declarar sua adoração pelo livro cinquentenário, a historiadora imaginava que *Visão do Paraíso*, “menos datado”, possuía maior potencial de influência sobre as novas gerações: “é a partir dele que Sérgio começa a reinventar a história”.²¹¹ Opinião muito semelhante possuía José Murilo de Carvalho, também entrevistado na ocasião, para quem *Visão do Paraíso* era “melhor documentado”, resultado de pesquisa e não de interpretações generalizantes (*Ibid.*).

²¹⁰ NAPOLITANO, Marcos. *op. cit.*, 2015; REIS FILHO, Daniel Araújo. *op. cit.*, 2015.

²¹¹ VENTURA, Zuenir. Um clássico de nascença faz 50 anos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 01 nov. 1986. Ideias, p.6-7 [Siarq – Fundo SBH, Hp 85].

De fato, como se pode deduzir não apenas desses depoimentos, mas de todo o conjunto de lembranças e comemorações de *Raízes do Brasil* entre os anos de 1970 e 1980, a começar pela opinião do seu próprio autor, o ensaio pertencia já à história da historiografia brasileira; visto então consensualmente como “um clássico”, nessa condição permanecia relevante para o novo contexto, como fundador de um “radicalismo democrático” no pensamento social brasileiro.

A inauguração da “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda”

Anualmente, desde 1982, ocorria no Arquivo do Estado, por iniciativa de Sebastião Witter, a “Semana Sérgio Buarque de Holanda”. Tratava-se, basicamente, de exposições fotográficas e de conferências pronunciadas pelos principais nomes intelectuais ligados à preservação e transmissão da memória do historiador nessa fase: Antonio Candido, Assis Barbosa e o próprio Witter.²¹² Mas, em 1986, as movimentações para a “V Semana Sérgio Buarque de Holanda” se passariam de forma diferente do habitual. Em abril chegava à mesa do diretor do Arquivo do Estado um ofício assinado por Amaral Lapa, na condição de diretor do Centro de Memória da Unicamp, com a proposta formal de que naquele ano fosse transferida a Semana para as dependências da Unicamp, a ser realizada em regime de colaboração entre o Arquivo do Estado, a BCCL e o Centro de Memória.

Comemorando-se este ano o cinquentenário do lançamento do livro *Raízes do Brasil*, a obra de maior repercussão de Sérgio Buarque, a Semana poderá ter como ponto de convergência este evento. Sugerimos respeitosamente que a Semana conste de uma exposição, durante 15 dias – de 12 a 26 de agosto – na qual serão apresentados os livros, com ênfase para *Raízes do Brasil* (todas as edições nacionais e estrangeiras), bem como documentos pessoais, fichas de aula, correspondência, fotos etc. Nos dias 12, 23 e 14 serão realizadas, respectivamente, a inauguração da “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda”, adquirida pela Unicamp, com a reconstituição do gabinete de trabalho do prof. Sérgio; uma sessão de depoimentos de colegas, amigos, ex-alunos e orientandos; uma ou duas conferências por professores a serem convidados; concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas, com a participação de Sérgio Buarque.²¹³

Não há notícias de nenhum obstáculo maior para a realização da proposta, exatamente como esquematizada pelo Centro de Memória. A “V Semana Sérgio Buarque” ocorreu

²¹² PROGRAMA da “I Semana Sérgio Buarque de Holanda”, promovida pelo Arquivo do Estado. *São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo do Estado*, 13-17 jul.1982, 2p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 133].

²¹³ Ofício de José R. do Amaral Lapa a Sebastião Witter. Campinas, 28 abr.1986. 2p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 169].

conforme o planejado. É de se imaginar, todavia, considerado o cuidado e o tom muito respeitoso empregado por Amaral Lapa, que a situação fosse quase nada descontraída. Sabemos – e Amaral Lapa provavelmente o imaginasse – que a aquisição da biblioteca pela Unicamp não foi bem aceita por Witter. O diretor do Arquivo do Estado não fez questão de esconder seu desagravo com a situação. Encontra-se no arquivo pessoal de Buarque de Holanda uma carta muito franca de Witter a Carlos Guilherme Mota, datada de maio de 1983, logo após o anúncio público da aquisição da biblioteca pela Unicamp.

Mota se encontrava na circunstância de chefe do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) quando do fechamento da negociação do acervo do historiador recém-finado. Daí Witter se dirigir a Mota a fim de “confessar o desencanto para com a instituição à qual eu e V. S^a. estamos vinculados”.²¹⁴ Witter expressava seu entristecimento relativo à situação e a sua preocupação com a memória futura do próprio departamento, em tonalidade algum tanto acusatória: “Professor do departamento de História da FFLCH, fundador do IEB, órgãos atuantes na Universidade de São Paulo, não teve dos dirigentes maiores de sua Escola, a sensibilidade e o empenho para que nela ficasse o seu acervo [...] Parece que a inércia nos relegará ao esquecimento, até mesmo daqueles que ontem foram nossos alunos” (*idem*). Ao mesmo tempo, Witter enviava cópia da carta à viúva Maria Amélia, para que esta “tomasse conhecimento” de tamanha insatisfação.

De qualquer maneira, *O Estado de São Paulo* noticiava em doze de agosto de 1986 que a “V Semana Sérgio Buarque de Holanda” começava – conforme o planejado – com uma “programação que inclui conferências, depoimentos e uma exposição de fotos e documentos”. Mas, o mais importante, o grande interesse pelo evento se dava sob duas circunstâncias especiais, a inauguração da biblioteca e o cinquentenário de *Raízes do Brasil*.

Há algum tempo a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) adquiriu a biblioteca que era de propriedade do historiador Sérgio Buarque de Holanda e a organizou para consulta pública. Por esse motivo, a V Semana Sérgio Buarque de Holanda, que até ano passado realizava-se no arquivo do Estado, em São Paulo, transferiu-se para Campinas. Também nesse ano, o evento ganha conotação especial: a obra *Raízes do Brasil*, de sua autoria, comemora 50 anos de lançamento. [...] Reunindo cerca de 100 fotos e documentos, a exposição *Raízes de Sérgio* pretende reconstituir a figura do autor – sua atuação como escritor, político e historiador – e a dimensão de sua obra.²¹⁵

²¹⁴ Carta de José Sebastião Witter a Maria Amélia Buarque de Holanda. *São Paulo, 31 maio 1983*. 1p. (orig.ms.) (bilhete anexo à correspondência mencionada) [Siarq – Fundo SBH, Hp 14].

²¹⁵ UMA SEMANA para Sérgio Buarque. *O Estado de São Paulo*, 12 ago. 1986, p.15 [Siarq – Fundo SBH, Hp 80].

A “V Semana Sérgio Buarque de Holanda” teve início logo com a inauguração da “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda”, em cerimônia no gabinete do reitor Paulo Renato Souza (1986-1990), com direito a coletiva de imprensa e apresentação musical de Almeida Prado, interpretando canções de Chico Buarque ao piano – consta que a ocasião foi a primeira reunião completa da família Buarque de Holanda após o decesso de seu patriarca. Em seguida, as autoridades, imprensa, a família e amigos e demais presentes foram convidados a visitar as instalações da biblioteca e a reconstituição do ambiente de trabalho de Buarque de Holanda. No local, o reitor pronunciou o discurso de inauguração.

Paulo Renato Souza retomou a política de aquisições de acervos pessoais pela universidade como parte de seu interesse em preservar a “memória científica nacional”, em benefício da comunidade acadêmica. Nesse contexto institucional é que se inseria a nova coleção especial. A diversidade de materiais que compunha o acervo foi sublinhada pelo reitor como resultado da “fecunda atuação do professor Sérgio” em atividades diversas, da história à literatura e à política. Além disso, a passagem a meu ver mais significativa das intenções e expectativas da instituição, dava conta manifestamente da preservação da memória nacional: “Em conjunto, essas obras, frequentemente valorizadas por autógrafos de seus autores, constituem uma extraordinária brasileira, fazendo desta Universidade a depositária de uma grande concentração de obras sobre o nosso país”.²¹⁶ Por fim, a reconstituição do escritório do historiador, agora transformado em quase “patrimônio nacional”, esperava-se, serviria de “incentivo e inspiração” aos estudiosos que por ali passassem.

Podemos observar os aspectos patrimonial e político ligados à inauguração da “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda” na reportagem do *Correio Popular*, de Campinas, veiculada no dia seguinte à solenidade. O jornal campineiro entrevistou Chico Buarque após as cerimônias, que se disse muito entusiasmado com “o fim dos 29 anos [sic] de ditadura no país”. O compositor manifestou otimismo também com relação à aprovação da “Lei Sarney” (1986) de incentivo à cultura: “Acho que a tendência é melhorar cada vez mais e, a partir de agora, a cultura brasileira pode dar um grande passo para o engrandecimento”.²¹⁷ Chico Buarque ainda lamentava a perda do pai como a de “um grande amigo” que houvera lhe permitido “usar e

²¹⁶ RASCUNHO da alocução do Prof. Dr. Paulo Renato Costa Souza, por ocasião da inauguração da Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda, na Biblioteca Central da Unicamp. *Campinas*, 12 ago. 1986, p. 2 [Siarq – Fundo SBH, Hp 18].

²¹⁷ CHICO Buarque na Unicamp: “o momento é de muito otimismo”. *Correio Popular*. Campinas, 13 ago. 1986, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 81].

abusar de sua sabedoria”. Além dele, outros irmãos e amigos manifestaram satisfação pelo destino do acervo.

Em outra reportagem, Amaral Lapa frisou que a abertura do acervo ao público era oportunidade de estudo da obra de alguém profundamente preocupado com a formação do homem brasileiro. Falava na condição de diretor do Centro de Memória da universidade e um dos responsáveis pela operação de compra, instalação e abertura do acervo ao público.²¹⁸ Lapa deixava transparecer o caráter da institucionalização da memória de Buarque de Holanda como patrimônio nacional. A biblioteca, o arquivo pessoal e a remontagem do escritório são desde então os símbolos mais evidentes do historiador-monumento. Aberto à consulta da comunidade acadêmica e de quem mais o desejasse, sua finalidade bem denota o lugar especial dos arquivos pessoais como “espaços intermediários entre indivíduo e sociedade”.²¹⁹

Imprevistamente, as homenagens por ocasião da institucionalização da memória de Buarque de Holanda comportaram, em simultâneo, os primeiros *insights* para a problematização do próprio acervo. Adélia Bezerra de Meneses, professora de Teoria Literária no IEL da Unicamp, integrara desde o início, em 1983, a comissão de professores encarregados do exame e do intermédio entre a universidade e a família de Buarque de Holanda no processamento da aquisição do acervo. Mas, em verdade, já desde um bom tempo, em função de sua pesquisa de doutoramento, era frequentadora da casa da rua Buri.²²⁰ Por essas razões, foi uma das pessoas convidadas a oferecer seu depoimento sobre o homenageado da semana.

A tonalidade emotiva desse depoimento, por sinal muito comovente, não lhe afetou a consciência de se tratar de um exercício que envolvia alguns riscos. Por outro lado, a consciência de tais riscos não a impediu de aceitar, “apesar de todas as dificuldades”, a “tentativa de mitologia que é um depoimento pessoal”.²²¹ Tentativa de mitologia do outro e, também, de si mesma: “há sempre o risco de autopromoção, de se autovalorizar a propósito da

²¹⁸ PARA entender o perfil do brasileiro. *O Estado de São Paulo*, 14 ago.1986. Caderno 2, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 82].

²¹⁹ MARCILLOUX, Patrice. *Les ego-archives*. Traces documentaires et recherche de soi. Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 208 [tradução livre do autor]. A definição de “ego-arquivos” repousa sobre o caráter fundamental de espaço de mediação entre o indivíduo e a sociedade ou, antes até, espaço de construção social do indivíduo contemporâneo. *Id.*

²²⁰ Na ocasião comemorativa, Meneses era autora já premiada por *Desenho Mágico: poesia e política em Chico Buarque* (1981), originalmente tese de doutorado orientada por Antonio Candido na FFLCH. Cf. MENESES, Adélia Bezerra de. *op. cit.*, 1982.

²²¹ DEPOIMENTO de Adélia Bezerra de Meneses na ocasião da “V Semana Sérgio Buarque de Holanda”. *Campinas*, 15 ago. 1986, p. 1 [Siarq – Fundo SBH, Hp 19].

personagem em questão: como *eu* o conheci, o que ele *me* disse etc”. No caso de homenagem a Buarque de Holanda, tarefa tanto mais embaraçosa.

O “gênero” *depoimento*, em se tratando de alguém do quilate de Sérgio Buarque de Holanda, é algo de muito complicado: porque oscila entre repetir banalidades (um grande homem, um dos pilares sobre a reflexão crítica no Brasil etc.) e o anedotário pessoal. [...] Há também o risco de se perder na emoção. Mas aqui não se trata de uma palestra objetiva sobre a obra de Sérgio Buarque, ou de um estudo crítico sobre *Raízes do Brasil* ou qualquer outro de seus livros; espera-se mesmo um testemunho pessoal. [...] E é assim que a Tradição se transmite: numa narrativa direta e pessoal.²²²

Consciente, portanto, das fragilidades do testemunho oral, Bezerra de Meneses remeteu, talvez sem o desejar, talvez veladamente, a um problema recorrente na sua disciplina de ofício, o mesmo da história da historiografia: a constituição de tradições – ou de memórias disciplinares. Ao fim de seu sensível discurso, evocou a presença de Buarque de Holanda, materializada na biblioteca, “obra de uma vida”. Uma “presença intelectual ativa e instigante”. Ativa pela transmissibilidade no tempo; instigante, porque sem dúvida suscitaria, como continua a suscitar, pesquisas e debates na historiografia e em outras paragens intelectuais.

Se, em vista disso, a “Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda”, ajudou a consolidar, já na segunda metade dos anos 1980, a memória do historiador-monumento, de outro lado, enquanto lugar também de produção e circulação de saberes, favoreceu o movimento constante de uma memória que se espraia em variadas direções, nos fluxos e refluxos do tempo presente.



²²² *Idem.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pluralidade e inacabamento na história da memória buarqueana

A memória não se faz presente de uma só vez,
mas se desdobra em vários tempos.

Sigmund Freud¹

Uma das dificuldades em tratar a memória acerca de Buarque de Holanda é a pouca distância temporal em relação à data de seu decesso. A dificuldade, porém, não se traduz em uma suposta perda em “objetividade”. Trata-se, sim, de uma memória ainda muito viva e de disputas em aberto, o que não significa necessariamente uma desvantagem, mas que, ao contrário, traz consigo a possibilidade de transformações e potenciais de novas análises. De tal modo, verifica-se, quanto às dificuldades encontradas em historicizá-la, não tanto as trocas dialéticas entre passado e presente quanto a estratificação de um presente espesso, muito embora se escondam, sob a aparência de uma imagem homogênea, a multiplicidade de facetas do historiador, algumas variações temporais e de tonalidade. Ciente da provisoriedade das conclusões, imagino que elas venham, talvez, apenas a somar uma camada à atualidade da memória, composta de estratos temporais heterogêneos e de conflitos de interpretação.

¹ FREUD, Sigmund. Carta 52 a Fliess [1896]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Tradução de Jorge Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977, p. 317.

Disso decorreu, em parte, a preocupação em retroceder até a escrita de si do historiador nos anos 1970, para compreender como ele esteve à base mesmo da construção de sua própria memória póstuma, que se via sob relativa ameaça. Também nessa retrospectão se encontraram alguns obstáculos. Primeiro, certa discricção do autor ao escrever ou falar de si e deixar impressões e pistas sobre si mesmo. Segundo, e em função disso, a necessidade de composição de um mosaico a partir dos diversos fragmentos pesquisados, em correspondências, entrevistas e depoimentos, prefácios e textos de historiografia, um texto autobiográfico que lhe valeu premiação pela trajetória intelectual, para organizar a escrita de si do autor em unidade e coerência. Todavia, uma vez reunidas as peças, cotejadas e reordenadas, ficou nítida a repetição de alguns marcos da memória, por ele mesmo e pelos outros.

Desse modo, a escrita de si e a construção da memória de Buarque de Holanda se nos apresentaram intimamente ligadas, seja por suas continuidades e variações internas, seja porque tenha esse processo se entrelaçado no tempo, entre as décadas de 1970 e 1980 – no tempo presente, que, afinal, ainda é o nosso. A proximidade da memória buarqueana acentua seu caráter de inacabamento, que por sua vez favorece, teoricamente, a abertura ao devir da memória sobre o autor. Nem mesmo o principal elemento da escrita de si de Buarque de Holanda, que é *Tentativas de Mitologia*, apresenta uma visão fechada de si próprio. Muito embora o autor aí efetivamente demarque as linhas gerais de sua “identidade narrativa”, ele investe na construção de si – autoinscrição no tempo e na história – com relação aos outros, contemporâneos de geração. Isso facultou a diversidade de arranjos e rearranjos das diversas faces de sua imagem pelos seus próximos, encarregados da atestação e transmissão da escrita de si ao *outro*, isto é, à comunidade acadêmica de interesse ou no espaço mais amplo da memória histórica nacional, daquele presente e do amanhã.

A proposta basilar desse trabalho foi, portanto, historicizar a memória de Buarque de Holanda, isto é, examinar como se a construiu, entre a rememoração individual e os ritos sociais de comemoração, em contexto determinado, os decênios de 1970 e 1980. A propósito dessa memória apreendida no instantâneo presente, a pesquisa visava contribuir de algum modo nos debates contemporâneos sobre Buarque de Holanda e, por extensão, nos debates sobre história da historiografia. Dito de outro modo, tratou-se de colocar em discussão, em última instância, o principal momento de constituição da posição, ainda atual, de um autor considerado clássico da cultura histórica brasileira. Escrita de si e memória – principais noções aqui trabalhadas, além de, subordinadamente, história da historiografia e memória disciplinar – são questões que se discutem com vigor desde o mesmo contexto do objeto de pesquisa. Todavia, distante de

digressões teóricas, procurou-se fazer uso heurístico de tais noções, isto é, torná-las operacionais na formulação das hipóteses de trabalho.

Imaginei duas hipóteses básicas para este debruçar do autor sobre si no período. Um historiador aposentado, plenamente reconhecido – momento propício para a revisitação de seu passado –, posicionava-se por meio da escrita de si diante das mudanças no campo historiográfico e o recrudescimento do autoritarismo no contexto político. Reforçava, pelos dispositivos memoriais, seus posicionamentos nesses dois campos, científico e político. Investia ao mesmo tempo na consolidação e projeção de sua memória póstuma. Essa memória projetada ao futuro participava de um contexto político de abertura democrática e a ele se dirigia, fora de dúvida, situando-se como um dos baluartes intelectuais das novas aspirações.

Esse processo se observa, conforme estudamos no primeiro capítulo, na reconstrução e na defesa de *Raízes do Brasil*, movimento que chamei de *recontextualização* do ensaio de 1936. Além das mudanças no texto das edições subsequentes, que têm sido bem estudadas atualmente, concorreram para esse movimento de recontextualização do ensaio também a rememoração da obra (os autocomentários tardios), os elementos paratextuais que foram gradativamente incorporados ao livro, e igualmente as comemorações da obra nos anos 1970 e 1980. *Raízes do Brasil* foi sem hesitação o tema capital da rememoração de si por Buarque de Holanda.

Arelada às diversas formas de revisão do livro de estreia estava a preocupação do autor com a demarcação da identidade de historiador de ofício, colocando em segundo plano as atividades como crítico literário e outras pela qual transitou em sua longa e vária trajetória. Por isso, passamos no segundo capítulo ao exame das memórias que projetavam essa autoimagem e que produziram um determinado sentido para sua biografia intelectual, lida através da escrita de si – não sem antes recuar no tempo para o momento da construção de si como historiador e de sua concepção de história –, depois a memória disciplinar mobilizada pelo autor e a autoinscrição no melhor de algumas tradições historiográficas.

Depois de haver destacado esses dois núcleos temáticos da escrita de si de Buarque de Holanda, em um terceiro momento, essas e outras questões envolvidas procurei confrontá-las ao contexto político e historiográfico da década de 1970. Primeiro, para compreender a incursão do autor, nessa década, pela história política, e simultaneamente, suas tomadas de posição e engajamentos políticos propriamente ditos. Segundo, para compreender as críticas e objeções que se lhe vinham impondo, quais foram os debates e polêmicas que se seguiram, e de que modos o historiador procurou respondê-las. Essas respostas achavam-se entremeadas à escrita de si e se dirigiam à ulterioridade da memória do historiador. Por fim, no quarto capítulo,

estudamos o movimento (as passagens) entre escrita de si e construção social da memória. A apreensão desse movimento pretendeu se constituir como o núcleo mesmo do argumento.

A escrita de si de Buarque de Holanda, antes dispersa em vários suportes, ganhava em coerência narrativa com *Tentativas de Mitologia*. Esse livro, em função de suas particularidades intrínsecas, possui lugar especial na trajetória intelectual do autor, como ponto de ancoragem de sua memória: aí estão o núcleo de sua escrita de si, os marcos de sua memória e, consideradas as premiações e homenagens recebidas, a consagração de sua trajetória intelectual. *Tentativas de Mitologia* representou, efetivamente, “a consagração do mais completo historiador brasileiro”, no dizer de Antonio Candido. Entre as homenagens póstumas, vimos se repetirem, enquanto processo transmissão da memória, alguns marcos estabelecidos pela escrita de si de Buarque de Holanda. Contudo, houve, da parte dos amigos e pares intelectuais, a construção de grande diversidade de facetas, perfis, arranjos e rearranjos da memória em torno do historiador recém-falecido. Por fim, um complexo de celebrações em 1986 de certa forma “institucionalizava” a memória, o que não impediu de nenhum modo a sua continuidade, movimento e transformações posteriores. Nesse percurso, história intelectual e da historiografia se cruzaram, articulando trajetória individual e memória da disciplina histórica.²

Amaral Lapa elencava, em 1976, apenas dois textos de referência para o estudo da obra de Buarque de Holanda.³ Um deles, a entrevista concedida a Homero Senna em 1945, quando já se dizia historiador, e não crítico. O outro, o prefácio de 1967 por Antonio Candido, texto por demais atrelado ao movimento intencional de recontextualização de *Raízes do Brasil* diante do contexto político de autoritarismo. George Avelino Filho, ainda em 1987, em artigo sobre as “raízes modernistas” do jovem crítico e ensaísta, constatava as “poucas análises feitas sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda”.⁴ Esses dois exemplos, de Lapa e Avelino, sugerem um contraste imenso com o momento atual, em que se verifica talvez mesmo um *excesso* de memória – transtorno que Ricœur identifica nos abusos da comemoração.

A importância da instalação e abertura do arquivo pessoal e da biblioteca – enquanto espaços institucionais intermediários entre o indivíduo e a sociedade – à consulta pública, representa um momento muito importante de estratificação da memória. Em função disso,

² Através das questões postas pelo desafio biográfico: “Il apparaît alors des moments différents de cristallisation, de fixation d’individus sursignifiés qui peuvent prendre une valeur légendaire ou mythologique”. Cf. DOSSE, François. *op. cit.*, p. 383.

³ LAPA, José Roberto do Amaral. *op. cit.*, p. 91.

⁴ AVELINO FILHO, George. *op. cit.*, p. 33.

alguns anos depois, na década de 1990, começarão a aparecer diferentes trabalhos de historiografia com base em pesquisa no acervo pessoal, trabalhos esses que irão ampliar consideravelmente os conhecimentos de diversas fases e faces do historiador paulista: o jovem crítico, anterior a *Raízes do Brasil*, o crítico literário dos anos 1940, o historiador da literatura, o etnógrafo, o historiador profissional, o adido cultural, as incursões pela ficção, entre outras. Não se trata de demarcar, a partir disso, limites estanques entre historiografia e memória. A história da historiografia, em seu duplo sentido, crítico e comemorativo, pode ser vista como partícipe da matriz memorial, da qual se alimenta e à qual retorna, operando-lhe uma reabertura. Daí a preocupação com a memória disciplinar, que percorreu essa tese, quanto às referências mobilizadas por Buarque de Holanda, também quanto à consolidação de seu lugar na história da historiografia.

A propósito dos estudos especializados das diversas atividades de Buarque de Holanda, Walnice Nogueira Galvão, em 2001, foi quem percebeu esse movimento e sua fecundidade: “Com as edições da década de 90 vindo a constituir uma verdadeira redescoberta dessa vertente de sua obra obscurecida pela do historiador conspícuo”.⁵ Galvão, talvez involuntariamente, também chamou a atenção, do lado da historiografia, para o uso bastante eclético do nome de Buarque de Holanda por Nicolau Sevcenko, organizador do quarto volume da coleção *História da vida privada no Brasil* (1998). Ela acabou por empregar uma forte expressão, que nos remete à apropriação do legado buarqueano pelos adeptos da história cultural no Brasil.

Colocado explicitamente por seus realizadores *sob a égide de Sérgio Buarque de Holanda* – o mestre da história social, das mentalidades, da cultura e da cultura material, do cotidiano, das singularidades, da articulação do local com o mundial, da crítica à ingerência do privado no público –, de quem se consideram discípulos, o livro atinge um patamar de qualidade raramente visto por estas plagas [grifos meus].⁶

Todavia, esse movimento de diversificação e especialização da recepção acadêmica de Buarque de Holanda jamais esteve distante das práticas de comemoração. O depoimento de Alcir Pécora, enunciado no momento em que mais se evocou e se comemorou o legado do historiador, o ano do seu centenário (2002), bem sugere os conflitos, nuances, flutuações, idas e vindas da memória acerca de Buarque de Holanda entre a década de 1970 e hoje.

⁵ GALVÃO, Walnice Nogueira. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos avançados*, v. 15, n. 42, 2001, p. 476.

⁶ *Ibid.*, p. 479.

Nos anos 70, era comum apresentarem-se graves reparos a suas ideias, sintetizadas preferencialmente no tópico da cordialidade brasileira. Elas tanto mascarariam, internamente, as contradições dos interesses de classes, quanto, externamente, a ruptura radical entre o Brasil e a antiga metrópole portuguesa, na passagem da condição de colônia para a de país independente. [...] E se ele nunca chegou a ser despachado para as mesmas fossas infernais em que ardia Gilberto Freyre, desqualificado como ideólogo do conservadorismo oligárquico, não será exagero afirmar que andou pelas redondezas.⁷

Passados quarenta anos dessa primeira fase crítica mais aguda, encontramos hoje uma memória buarqueana estratificada, quando se passou a historicizar o cânone historiográfico do século 20 – particularmente, a estabilidade de *Raízes do Brasil* como clássico incontestado da historiografia brasileira –, e quando se propôs problematizar a biografia, a escrita de si, a memória ou a constituição do próprio acervo pessoal do historiador – as novas condições e questões em estudos de historiografia, discutidas no terceiro capítulo, tiveram grande influência nesse processo. Não fortuitamente, aparece (somente) em 2016 a primeira edição crítica de *Raízes do Brasil*, ainda assim edição crítica e comemorativa dos oitenta anos do ensaio clássico.

À própria noção de clássico, na concepção de Paul Ricœur, subjaz a discussão das mediações temporais abertas, isto é, o cruzamento de perspectivas, entre a experiência do presente, a receptividade do passado e a expectativa do futuro. Clássica, pois, é aquela obra que “não deixa de se descontextualizar e se recontextualizar em variadas circunstâncias culturais”.⁸ Inserida em uma comunidade de leitores, do presente e do passado, a construção coletiva de seu sentido, se se deixa capturar pelo *status* de cânone, por outro lado atualiza-se em diferentes horizontes temporais, de acordo com as necessidades e interesses em jogo.

Isto posto, ao termo de nossa incursão por uma história que é do tempo presente, cuja marca é o inacabamento, é difícil não ceder à tentação de conjecturar sobre qual será o futuro da memória ou do nome de Buarque de Holanda na história da historiografia (e outras paragens intelectuais). Não saberíamos determiná-lo, é claro. Mas, a julgar pelos descaminhos históricos da vida pública e democrática brasileira, é seguro asseverar que ele continuará, para bem, a representar uma fonte viva de onde haurir questões a serem estudadas.

⁷ PÉCORA, Alcir. *op. cit.* Este é um dos poucos textos que mencionam os debates entretidos por Buarque de Holanda com a historiografia de 1970. Mesmo algumas críticas atuais de *Raízes do Brasil* pouco dialogam com aquela que seria a sua linha de continuidade.

⁸ RICŒUR, Paul. *op. cit.*, 1985, p. 262.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes

Correspondência ativa e passiva de Sérgio Buarque de Holanda e de outrem (Siarq – Fundo SBH)

Carta de Sérgio Buarque de Holanda a Carlos Guilherme Mota. *s.d.* [Siarq, Fundo SBH – Cp 349, anexo, p. 7-27].

Carta de Fernand Braudel a Sérgio Buarque de Holanda, *Paris, 25 jul. 1948* [Siarq – Fundo SBH, Cp 95].

Carta de Lucien Febvre a Sérgio Buarque de Holanda, *Paris, 15 dez. 1948* [Siarq – Fundo SBH, Cp 94].

Carta de Caio Prado Jr. a Sérgio Buarque de Holanda. *Santiago, 19 mar. 1969.* [Siarq – Fundo SBH, Cp 296].

Carta de Caio Prado Jr. a Sérgio Buarque de Holanda. *Santiago, 27 mar. 1969.* [Siarq – Fundo SBH, Cp 298].

Carta de José Olympio a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 10 nov. 1971* [Siarq – Fundo SBH, Cp 311].

Carta de Prudente de Moraes Neto a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 10 jun. 1975* [Siarq – Fundo SBH, Cp 321].

Carta de Angel Rama a Sérgio Buarque de Holanda. *Caracas, 28 set. 1976.* [Siarq – Fundo SBH Cp 327].

Carta de Alfredo Bosi a Sérgio Buarque de Holanda. *São Paulo, 9 dez. 1980, p. 2* [Siarq – Fundo SBH, Cp 349, p. 1-3].

Carta de José Olympio a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 24 fev. 1981.* [Siarq – Fundo SBH, Cp 351].

Carta de Richard Graham a Sérgio Buarque de Holanda. *Rio de Janeiro, 24 mai. 1981.* [Siarq – Fundo SBH, Cp 353].

Carta de Richard Graham a José Sebastião Witter. *Austin (Texas), 18 mai. 1982.* [Siarq – Fundo SBH, Hp 4].

Carta de José Sebastião Witter a Maria Amélia Buarque de Holanda. *São Paulo, 31 maio 1983.* 1p. (orig.ms.) (anexo correspondência mencionada) [Siarq – Fundo SBH, Hp 14].

Carta (ofício) de José R. do Amaral Lapa a Sebastião Witter. *Campinas, 28 abr. 1986.* 2p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 169].

Dossiês (Siarq)

CENTRO BRASIL DEMOCRÁTICO. Caderno de Documentos Básicos [Siarq – Fundo SBH, D1/2].

PROCESSO n. 2891/1982. Aquisição da biblioteca do falecido prof. Sérgio Buarque de Holanda, vol. 1, 192 fls. [Siarq – Fundo Reitoria, Processo 2891].

Entrevistas e depoimentos de Sérgio Buarque de Holanda

ALVIM, Thereza Cesário. A juventude de Prudente nas recordações de Sérgio Buarque de Holanda. *O Estado de São Paulo*, 19 mai. 1974. “Suplemento Literário”, p. 5.

ANDRADE, Jorge. 42 anos A.C. *Revista Realidade*, jun. 1972, p. 78.

- ABRAMO, Claudio. Era o dono da casa da rua. *Folha de São Paulo*, 26 abr. 1982, Ilustrada, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp32].
- ACERVO de Holanda na Unicamp. *O Estado de São Paulo*, 29 mai. 1983, p. 17 [Siarq – Fundo SBH, Hp 66].
- ASCHIER, Nelson. A saga dos pioneiros paulistas. *Folha de S. Paulo*, 04 mai. 1986, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 71].
- ATRIBUÍDO o “Governador do Estado” de 1976. *O Estado de S. Paulo*, 20 dez. 1977, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 143].
- BERA, Bernardo. Sérgio Buarque de Holanda: essa coisa de conta-gotas não dá. *Última Hora*. São Paulo, 20 abr.1978. s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 212].
- BEUTENMUELLER, Alberto. Sérgio Buarque de Holanda: o melhor prêmio ainda é a vida. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1978, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 145].
- CARDOSO, Jary. Que país é este? Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Folha de São Paulo*. Folhetim, 30 abr. 1978, p. 3 [Siarq – Fundo SBH, Vp 213].
- CASTRO, Tarso de. Os velhos mestres: Sérgio Buarque e Paulo Duarte (entrevista). *Folha de São Paulo*. 26 jun. 1977, Folhetim, pp. 1-8 [Siarq – Fundo SBH, Vp 209].
- CARVALHO, Maria Angélica. Sérgio Buarque de Holanda: “Sou apenas o pai do Chico”. *Jornal da Semana*. s.l., 07 jan.1979 [Siarq – Fundo SBH, Vp 216].
- COELHO, João Marcos. A democracia é difícil: as observações e as conclusões de um especialista com base no exame da história. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda. *Veja*, n. 386, 28 jan. 1976, p. 3. [Siarq – Fundo SBH, Vp 206].
- FILHO, Antonio Gonçalves. Um escândalo que jamais se repetirá. *Folha de São Paulo*, 14 fev. 1982, Ilustrada, p. 47.
- GARCIA, Roberto. “Sou apenas o pai do Chico”. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, ano 14, n. 759, 1966, p. 124-125.
- GRAHAM, Richard. An Interview with Sérgio Buarque de Holanda. *The Hispanic American Historical Review*, v. 62, n. 1, feb. 1982, pp. 3-17.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. História brasileira num castelo medieval. *Folha da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1959, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 204].
- _____.; NETO, Prudente de Moraes. Témoignage conjoint [1971]. *Sud Revue*, n. 26, “Cendrars vivant”, 1978, pp. 34-43.
- _____. “Só São Paulo poderia fazer essa loucura”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1972, p. 3.
- JOVANOVIC, Aleksandar. No Brasil de 80, elitismo ainda predomina. Exatamente como no passado. *Diário do Grande ABC*. Santo André-SP, 13 abr. 1980, p. 22 [Siarq – Fundo SBH, Vp 218].
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda [1975]. In: *Estética e Modernismo*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1984, pp. 171-180.
- QUAL o poder da inteligência? *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 mai. 1977. Caderno B, p. 1.
- RECUA a Academia: vai eleger escritores. *Última Hora*. São Paulo, 27 mar.1958, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 92].
- SCHILD, Susana. Memórias e depoimentos: os políticos avaliados pelos historiadores e pela crítica literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 48, 3 de setembro de 1977, Caderno Livro, p. 5.
- SENNA, Homero. *República das Letras* [1956]. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1968.
- SÉRGIO Buarque não aceitou candidatura. *Jornal do Comércio*. s.l., 26 abr. 1958, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 202].
- SIMÕES, Inimá; ZINGEREWITZ, Walter. Recordações: o que a História deve a Sérgio Buarque (entrevista). Isto é, 15 jun. 1977, p. 43-44 [Siarq – Fundo SBH, Vp 207].
- SOUZA, Laura de Mello e. Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda [1981]. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul. 2004, pp. 3-14.

Homenagens em vida e homenagens póstumas

- BONFIM, Beatriz. Sérgio Buarque de Holanda: o homem que fez história. *Jornal do Brasil*. 09 dez. 1986, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 88].
- BOSI, Alfredo. Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda [1983]. In: *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 150-156.
- BRAGA, Rubem. Dr. Progresso acendeu o cigarro na lua. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 02 mai. 1982, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 47].
- CARVALHO, José Murilo de. Cinquentenário de *Raízes do Brasil*. In: *Sérgio, renovador: exposição comemorativa dos 50 anos de Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 6-7.
- CHICO Buarque na Unicamp: “o momento é de muito otimismo”. *Correio Popular*. Campinas, 13 ago. 1986, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 81].
- CINQUENTENÁRIO de um escritor. Em 1922, Sérgio Buarque de Holanda não era um rapaz levado a sério. *Diário Carioca*, 13 jul. 1952, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 75].
- DEPOIMENTO de Adélia Bezerra de Meneses na ocasião da “V Semana Sérgio Buarque de Holanda”. *Campinas*, 15 ago. 1986, p. 1 [Siarq – Fundo SBH, Hp 19].
- DISCURSO proferido por Antonio Candido por ocasião do lançamento de *O Extremo Oeste*. São Paulo, 1986 (áudio, 7’) [Siarq – Fundo SBH, Pt 33].
- EM DIA com a vida e a história. *Folha de S. Paulo*, 11 mar. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 154].
- FERNANDES, Sílvia Leal. Papai Sérgio. *Realidade*, n. 107, ago. 1978, p. 84.
- FRANCO, Sérgio da Costa. A obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 8 mai. 1982 [Siarq – Fundo SBH, Hp 52].
- HOMENAGEM escrita por Teresa Maria e lida por Bebel, por ocasião da missa de 7º. dia, realizada no Rio de Janeiro. São Paulo, 01 mai. 1982. 1p. (cópia datil.) (anot. ms. de Maria Amélia) [Siarq – Fundo SBH, Hp 2].
- IELO, Maurício. Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque. *O Estado de São Paulo*, 25 abr. 1982, p. 38. [Siarq – Fundo SBH, Hp 22].
- IGLÉSIAS, Francisco. Evocação de Sérgio Buarque de Holanda. *O Estado de São Paulo*, 06 jun. 1982, Supl. Cultura, v. 2, n. 104, p. 4-5 [Siarq – Fundo SBH, Hp 57].
- IMPACTO no meio intelectual. *Folha de S. Paulo*, 26 abr. 1982, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 31].
- “JUCA Pato” será o prêmio do Intelectual do Ano. *Folha de S. Paulo*, 02 dez. 1962, p. 11.
- MAFFEI, Eduardo. Sérgio Buarque de Holanda, intelectual do ano. *Leia*, abr. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 155].
- MARCELINO, Alípio; NETO, Fernandes. Alerta contra a omissão. *O Escritor*. v. 1, n. 4, jun./jul. 1980, p. 3 [Siarq – Fundo SBH, Pt 159].
- _____. Lembrança de Sérgio. *Correio Popular*. Campinas-SP, 05 mai. 1982, p. 2 [Siarq – Fundo SBH, Hp 49].
- MEU pai Sérgio Buarque de Holanda. *Manchete*. Rio de Janeiro, 10 jul., 1982, p. 89 [Siarq – Fundo SBH, Hp 61].
- MONTELLO, Josué. Mestre Sérgio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 maio 1982, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 54].
- MORSE, Richard. Obituaries: Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). *The Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 1, feb., 1983, pp. 147-150.
- MOUTINHO, Nogueira. O mais vivo dos nossos homens de espírito. *Folha de S. Paulo*, 26 abr. 1982, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp 34].
- MUITA comoção na missa de sétimo dia de Sérgio Buarque. *Folha de São Paulo*. 01 mai., 1982, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 45].

- PARA entender o perfil do brasileiro. *O Estado de São Paulo*, 14 ago.1986. Caderno 2, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 82].
- PAQUÊS. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 set.1976, p.4. [Siarq – Fundo SBH, Pt 139].
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um sábio cordial: o antiacadêmico que amava a erudição. *IstoÉ*. São Paulo, 05 mai. 1982, p. 52 [Siarq – Fundo SBH, Hp 50].
- PINTO, Sobral. Intelectual autêntico. *O Escritor*. v. 1, n. 4, jun./jul. 1980, p. 5 [Siarq – Fundo SBH, Pt 159].
- PROGRAMA da “I Semana Sérgio Buarque de Holanda”, promovida pelo Arquivo do Estado. *São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo do Estado*, 13-17 jul.1982, 2p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 133].
- QUEIRÓS, Suely Robles de. Professor e historiador. *O Estado de São Paulo*, 11 jul. 1982, Supl. Cultura, p. 9 [Siarq – Fundo SBH, Hp 63].
- RASCUNHO da alocução do Prof. Dr. Paulo Renato Costa Souza, por ocasião da inauguração da Biblioteca Sérgio Buarque de Holanda, na Biblioteca Central da Unicamp. *Campinas*, 12 ago.1986, p. 2 [Siarq – Fundo SBH, Hp 18].
- REPRODUÇÃO aproximada das palavras proferidas por Frei Betto na despedida de SBH, por ocasião de seu sepultamento. *São Paulo*, 25 abr.1982. 2p. (datil.) [Siarq – Fundo SBH, Hp 1].
- RIBEIRO, Léo Gilson. O mestre, o crítico, o pensador. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 26 abr. 1982, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp 38].
- ROTEIRO da exposição fotográfica “As raízes de Sérgio: exposição comemorativa dos 50 anos de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Campinas, Unicamp, 12 a 29 ago.1986. 8p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 171].
- SEM pompas: desaparece um autor essencial. *Visão*, 03 mai. 1982, p.53 [Siarq – Fundo SBH, Hp 48].
- SÉRGIO Buarque de Holanda é o “Intelectual do Ano”. *Folha de S. Paulo*. 11 mar. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 153].
- SÉRGIO, até o fim, sem pompas. *Folha de S. Paulo*. 26 abr. 1982. Ilustrada, p.19 [Siarq – Fundo SBH, Hp 31].
- SOUZA, Octávio Tarquínio de. Cinquentenário de Mestre. *Diário Carioca*, 13 jul. 1952, pp. 2, 6.
- UM AMIGO da família. *O Estado de São Paulo*, 17 nov. 1967, p. 45.
- UMA SEMANA para Sérgio Buarque. *O Estado de São Paulo*, 12 ago. 1986, p.15 [Siarq – Fundo SBH, Hp 80].
- VENTURA, Zuenir. Um clássico de nascença faz 50 anos. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 01 nov. 1986. Ideias, p.6-7 [Siarq – Fundo SBH, Hp 85].
- VÍTIMA de câncer, morre aos 80 anos o historiador Sérgio B. de Holanda. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 abr. 1982, s. sp. [Siarq – Fundo SBH, Hp 28].
- WAINER, Samuel. Um impulso perigoso. *Folha de S. Paulo*, 21 fev. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 152].
- WITTER, José Sebastião. Editorial. *Arquivo: boletim histórico e informativo do Arquivo do Estado*. v. 3, n. 3, jul./set. 1982, s.p.

Livros, artigos, prefácios e outras produções de Sérgio Buarque de Holanda
(Ordenação segundo a data original de publicação)

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os futuristas de São Paulo [1921]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária I: 1920-1947*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, pp. 163-164.
- _____. O lado oposto e outros lados [1926]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária I: 1920-1947*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a, pp. 224-228.
- _____. A moderna literatura brasileira [1930]. Tradução de Mario Frungillo. In: *Escritos Coligidos: livro I, 1920-1949*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011a, pp. 43-49.

- _____. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1936.
- _____. *Monções*. Rio de Janeiro: Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1945.
- _____. Prefácio à segunda edição. *Raízes do Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1948, pp. 11-12.
- _____. Carta a Cassiano Ricardo. *Colégio: revista de cultura e arte* (São Paulo). Ano I, n. 3, set. 1948, pp. 52-54.
- _____. Novos rumos da Sociologia [1948]. In: *Escritos Coligidos: livro I, 1920-1949*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011a, pp. 513-517.
- _____. Missão e Profissão [1948]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II: 1948-1959*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, p. 35-40.
- _____. Tempo e verdade [1948]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II: 1948-1959*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, pp. 48-50.
- _____. A propósito de Ingleses no Brasil [1949]. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 111-116.
- _____. Les civilisations du miel. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 5^e année, n. 1, 1950. pp. 78-81.
- _____. Crítica e história [1950]. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II: 1948-1959*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, pp. 303-306.
- _____. Apologia da história [1950]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 18-21.
- _____. Para uma nova história [1950]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 22-26.
- _____. Cultura & Política [1950]. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 37-60.
- _____. Varia História [1951]. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 205-209.
- _____. Fluxo e Refluxo II [1951]. In: *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II: 1948-1959*. Organização de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b, p. 336-339.
- _____. O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos [1951]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 601-615.
- _____. Um mito geopolítico: a Ilha Brasil [1952]. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 61-84.
- _____. Em torno da “Semana” [1952]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 170-173.
- _____. Depois da Semana [1952]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 174-177.
- _____. Verdade e Ideologia I [1952]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 195-199.
- _____. Prefácio à terceira edição. In: *Raízes do Brasil*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956, s.p.
- _____. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Gosto Arcádico [1956]. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 241-271.
- _____. Relação dos manuscritos da coleção ‘J. F. de Almeida Prado’ [Prefácio, 1966]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp.121-123.
- _____. *Elementos básicos da nacionalidade: o homem*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 1967. [Brochura consultada na BCCL-CEOR].

- _____. Elementos básicos da nacionalidade: o homem [1967]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 617-637.
- _____. Historical thought in twentieth-century Brazil. In: BURNS, Edward Bradford. *Perspectives on Brazilian history*. Los Angeles: Columbia University Press, 1967, pp. 181-196.
- _____. Palestra proferida por Sérgio Buarque de Holanda, discorrendo sobre o tema 'História', a convite dos alunos do 'Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay'. [196-], p. 1 [Siarq – Fundo SBH, Pi 179].
- _____. Prefácio à segunda edição [1968]. In: *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 11-33.
- _____. A Amazônia para os negros americanos [Prefácio, 1968]. In: In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 124-132.
- _____. Cristãos-novos, jesuítas, Inquisição [Prefácio, 1969]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, p. 139-143.
- _____. Imigração italiana em São Paulo (1880-1889) [Prefácio, 1972]. In: In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 144-150.
- _____. Sobre uma doença infantil da historiografia [1973]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 419-434.
- _____. *História do Brasil*. Curso moderno, 2 vols., 3ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- _____. O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke [Artigo, 1974/prefácio 1985]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 162-218.
- _____. O fardo do homem branco [Prefácio, 1974]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 151-161.
- _____. *Tudo em cor-de-rosa* [prefácio, 1976]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 412-425.
- _____. O barão de Iguape [Prefácio, 1976]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 228-239.
- _____. Escravidão negra em São Paulo [Prefácio, 1977]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 288-302.
- _____. Livro do tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo [Prefácio, 1977]. In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, p. 318-337.
- _____. Alberto Torres, um precursor [1978]. In: *Escritos Coligidos: livro II, 1950-1979*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp; Fundação Perseu Abramo, 2011b, pp. 435-444.
- _____. "Conseguirão expulsar o povo?". *Brasil Democrático*. Órgão do Centro Brasil Democrático, n. 1, nov. 1978, p. 3 [Siarq – Fundo SBH, Vp 215].
- _____. O governo já perdeu, diz Sérgio Buarque (entrevista). *Folha de São Paulo*, 05 out. 1978, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 214].
- _____. O operário em construção e outros poemas. [Prefácio, 1979]. In: In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, pp. 426-429.
- _____. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. "Apresentação". In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 7-35.
- _____. Toda poesia [Introdução, 1980]. In: In: *O livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c, p. 430.
- _____. Os dias de hoje lembram os de 45. *O Escritor*. São Paulo, v.1, n.4, jun./jul. 1980, p. 4 [Siarq – Fundo SBH, Pi 182].

_____. Tenho medo do que o futuro ainda reserva para este país. *O Escritor*. v. 2, n. 10, jun. 1981, s. p. [Siarq, Fundo SBH, Vp 220].

_____. *Raízes do Brasil*. 18ª. ed. Comemorativa do Jubileu de Ouro. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

_____. *Visión del Paraíso: motivos edénicos en el descubrimiento y colonización del Brasil*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987 (Colección clásica, 125).

_____. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa: 70 anos. Org. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Raízes do Brasil*. Edição crítica. Organização de Lilia Moritz Schwarcz e Pedro Meira Monteiro. Texto e notas de Mauricio Açuña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Produções de terceiros: resenhas, críticas, prefácios e outras

ABRAMO, Claudio. Com razão, mas com paixão. *Folha de S. Paulo*, 6 jan. 1980, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 151].

ANDRADE, Oswald de. Um aspecto antropofágico da cultura brasileira [1950]. In: *Obras completas: Do Pau-Brasil à Antropofagia e às utopias*, v. 6. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972, pp 141-144.

AVELINO FILHO, George. As raízes de “Raízes do Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, dez. 1987, pp. 33-41.

BARBOSA, Francisco de Assis. Formação de Sérgio Buarque de Holanda. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visión del Paraíso: motivos edénicos en el descubrimiento y colonización del Brasil*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987, pp. ix-lxvi.

_____. Os verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até “Raízes do Brasil”. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (Org). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; IEB, 1988, pp. 27-53.

_____. Introdução. In: *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Organização Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, pp. 11-35.

BASTOS, Elide Rugai. Pensamento social da escola sociológica paulista. In: MICELI, Sergio (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-2002)*. v. 4. São Paulo: Anpocs/Sumaré, 2002, pp. 183-230.

BOSI, Alfredo. Um testemunho do presente. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1977, pp. i-xvii.

BRUNO, Ernani da Silva (Org.). *Cadernos do MIS*, n. 3. “Catálogo de depoimentos, 1970-1982”. São Paulo: O Museu, 1983.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 4ª. ed. Brasília: Editora UnB, 1963, pp.ix-xi.

_____. O significado de Raízes do Brasil [1967]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969, pp.xi-xxii.

_____. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

_____. O tempo do contra [1978]. In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Ed. 34, 2002, pp. 369-379.

_____. As tentativas de mitologia de Sérgio Buarque de Holanda. *O Escritor*. v. 1, n. 6, out./nov., 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 160].

_____. *Post-scriptum*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 18ª. ed. Comemorativa do Jubileu de Ouro. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986, p. li-lii.

CARONE, Edgard. Resenha: História do Brasil, curso moderno. *Revista de Administração de Empresas*. v. 11, n. 3, p. 129-130, jul./set., 1971.

CONVITE do General de Exército Augusto Fragoso, Comandante da Escola Superior de Guerra, a Sérgio Buarque de Holanda, convidando-o para que pronunciasse uma conferência com o tema “O homem”. Rio de Janeiro (GB), 17 abr.1967. c.as. 1p. [Siarq – Fundo SBH, Vp 114].

DIAS, Maria Odila. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: DIAS, Maria Odila (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985 (Col. Grandes Cientistas Sociais, 51), p. 44-45.

_____. Pequena biografia de Sérgio Buarque de Holanda. In: *Revista do Brasil*, ano 3, n. 6, “Especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda”, 1987, pp. 6-7.

EULALIO, Alexandre. Sérgio Buarque de Holanda escritor. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 18ª. ed. Comemorativa do Jubileu de Ouro. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986, pp. xxv-xxxvii.

FERNANDES, Florestan. Raízes do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*. Ano 15, vol. 122, fev. 1949, pp. 222-224.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Os 40 anos de “Raízes do Brasil” e da Coleção Documentos Brasileiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976, pp. xi-xii.

_____. Os 40 anos de “Raízes do Brasil” e da Coleção Documentos Brasileiros. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 mar.1976. Caderno de Sábado, p. 8-9. [Siarq – Fundo SBH, Pt 131].

HISTÓRIA e estilo na retomada do tema das monções. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 07 mai. 1986, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 72].

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda [1979]. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa: 70 anos. Org. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 480 p., pp. 421-446.

LAPA, José Roberto do Amaral; MOTA, Carlos Guilherme; RODRIGUES, José Honório. Vamos discutir a história do Brasil [1978]. In: RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, pp. 150-153.

LEÃO, Múcio. Registro Literário. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 nov. 1936, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 176/17].

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 2ª. ed.. São Paulo: Pioneira Editora, 1969.

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Raízes do Brasil: uma releitura* [1976]. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.) *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 155-180.

MARTINS, Wilson. Caminhos da crítica. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 157].

MARSON, Adalberto. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. *Revista de História (USP)*, n. 86, abr./jun. 1986, pp. 513-528.

MATOS, Odilon Nogueira de. “Tentativas de Mitologia”, um livro indispensável. *O Estado de S. Paulo*, 01 jun. 1980, s.p. [Siarq, Fundo SBH – Pt 275].

MOTA, Carlos Guilherme. Nota introdutória. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 1968, pp. 11-15.

_____. Preliminares às dimensões. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: perspectiva, 1972, pp. 9-12..

_____. A historiografia brasileira nos últimos 40 anos. *Debate e Crítica: revista quadrimestral de Ciências Sociais*. n. 5, mar. 1975, pp. 1-26.

_____. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

_____. Os fazendeiros do ar [1977]. In: *História e contra-história: perfis e contrapontos*. São Paulo: Globo, 2010, pp. 31-39.

_____. Uma visão ideológica. *O Escritor*. v. 1, n. 5, ago./set. 1980, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Cp 349].

MOTA, Giselda. Historiografia, bibliografia, documentos. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *1822: Dimensões*. São Paulo: perspectiva, 1972, pp. 377-464.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste: a influência da “bandeira” na formação social e política do Brasil*. 2º. Volume. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1942, p. XXI-XXII (Coleção Documentos Brasileiros).

_____. Variações sobre o homem cordial. *Colégio: revista de cultura e arte* (São Paulo). Ano I, n. 2, jul. 1948, pp. 38-59.

RODRIGUES, José Honório. Prefácio. In: *História da História do Brasil: historiografia colonial*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, pp. xv-xx.

_____. Ranke, historiador alemão. *Leia livros*, jun. 1979, s.p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 148].

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Esclarecendo mitos. *Leia livros*. São Paulo, mar. 1980, s/p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 274].

SERAPHICO, Luiz et. al. *Os caminhos do Brasil*. São Paulo: Previdenciária, 1978.

SILVA, Janice Theodoro da. História brasileira escrita com encanto e paixão. *O Estado de São Paulo*, 17 mai. 1986, s. p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 74].

TAVARES, José Nilo. A verdade, sem heroísmo. *Senhor*. São Paulo, 10 jun.1986, n.273. s.p. [Siarq – Fundo SBH, Hp 79].

TEXTO escrito por Antonio Candido e por Maria Odila Dias, por ocasião do lançamento de “Tentativas de Mitologia”. *São Paulo*, 06 dez.1979. 2p. (orig.datil.) [Siarq – Fundo SBH, Pt 32].

VEIGA, Rui. Debate: como fica a Cultura? *Folha de São Paulo*, 2 abr. 1978, Suplemento Folhetim, p. 12.

WITTER, José Sebastião. Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 11-21.

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Henri Hauser et le Brésil. In: MARIN, Séverine-Antigone; SOUTOU, Georges-Henri. (Dir.) *Henri Hauser (1866-1946): humaniste, historien, républicain*. Paris: Presse de l'Université Paris-Sorbonne, 2006, pp. 281-296.

ALTHUSSER, Louis. Idéologie et appareils idéologiques d'État. In : *Positions* (1964-1975). Paris: Les Éditions Sociales, 1976, pp. 67-125.

AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, 199 p.

ANAIS do 1º encontro brasileiro sobre Introdução ao estudo da História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 1970.

ANAIS do I Seminário de Estudos Brasileiros. São Paulo: IEB, 1972.

ANHEIM, Étienne. L'historiographie est-elle une forme d'histoire intellectuelle? La controverse de 1934 entre Lucien Febvre et Henri Jassemin. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, n. 59-4bis, 2012, pp. 105-130.

ANHEZINI, Karina. Perspectivas e expectativas para novas interpretações da obra de Sérgio Buarque de Holanda. *História da historiografia*, n. 9, ago. 2012, p. 263.

ARAUJO, Valdeí Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*. n. 12, ago. 2013, pp. 34-44.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico*. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ARIÈS, Philippe. *Un historien du dimanche*. Paris : Éditions du Seuil, 1980, 219 p.

ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, Joé Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A trajetória da pesquisa na Sociologia. *Estudos Avançados* (USP), v. 8, n. 22, 1994, pp. p. 315-324.
- ASSIS, Arthur. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*, v. 30, n. 59, pp. 91-120.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957.
- BASTOS, Alcmeno. O romance político brasileiro e os anos de chumbo. In: BASTOS, Alcmeno [et. al.] *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008, pp. 163-179.
- BERTRAM, Ernst. *Nietzsche: Attempt at a Mythology*. Translated by Robert E. Norton. University of Illinois Press, 2009.
- BERSTEIN, Serge. L'historien et la culture politique. *Vingtième Siècle*, revue d'histoire, n.35, juillet-septembre 1992, pp. 67-77.
- BESSELAAR, Joseph van den. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Herder, 1956, 340 p.
- BENJAMIN, Walter. Le narrateur : réflexions à propos de l'œuvre de Nicolas Leskov [1936]. In: *Écrits français*. Paris: Gallimard, 1991, pp. 264-298.
- BLANKE, Horst Walter. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 27-64.
- BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1949.
- _____. Critique historique et critique du témoignage. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 5^e année, n. 1, 1950. pp. 1-8.
- BORGES, Jorge Luis. *Prólogos, con un prólogo de prólogos*. Buenos Aires: Torres Aguero, 1975.
- _____. *Ensaio autobiográfico* [1970]. Tradução do inglês de M. C. de Araujo e J. Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, pp. 13-42 (Coleção O Brasil Republicano, v.4).
- BOSI, Alfredo. O movimento modernista de Mário de Andrade [1973]. *Literatura e Sociedade* (USP), n. 7, 2004, pp. 296-301.
- _____. Moderno e modernista na literatura brasileira [1979]. In: *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 114-126.
- _____. Formações ideológicas na cultura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 9, n. 25, 1995, pp. 275-293.
- BOTTMAN, Denise Guimarães. *Padrões explicativos na historiografia brasileira*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 1985, 133 p.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *Le sociologue et l'historien*. Marseille : Agone, 2010.
- BOXER, Charles. Some reflections on the historiography of colonial Brazil. In: ALDEN, Dauril. *Colonial roots of modern Brazil*. Berkeley: University of California Press, 1973, pp. 3-15.
- BRESCIANI, Maria. Stella. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: Unesp, 2005.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Do nacionalismo à dependência. *Estudos Avançados* (USP), v. 23, n.65, 2009, pp. 319-328.
- BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BURNS, Edward Bradford. A bibliographical essay on brazilian historiography. In: *Perspectives on brazilian history*. Los Angeles: Columbia University Press, 1967, p. 197-206.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB: origens e significados*. Uma análise do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. (Org.) *Perfis buarqueanos: ensaios sobre Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina; IMESP, 2005.

CANABRAVA, Alice Piffer. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. *Revista de História (USP)*. n. 88, set./dez. 1971, pp. 417-424.

_____. Roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira. In: *Anais do I Seminário de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1972, pp. 4-9.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, pp. 129-165.

_____. Sérgio em Berlim e depois [1982]. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, pp. 119-129.

_____. Inéditos sobre literatura colonial (debate). In: 3º. *Colóquio UERJ: Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, pp. 92-116.

_____. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, pp. 81-88.

CAPELATO, Maria Helena; FERLINI, Vera Lucia; GLEZER, Raquel. A escola uspiana de história. *Estudos avançados*, v. 8, n. 22, 1994, pp. 349-358.

CARBONELL, Charles-Olivier. *Histoire et historiens: une mutation idéologique des historiens français (1865-1885)*. Toulouse: Édouard Privat, 1976.

_____. *L'historiographie*. Paris : Presses Universitaires de France, 1981.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros lados: Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 2003, 264 p.

_____. O problema da objetividade nos comentários sobre *Raízes do Brasil*, de 1936. *Escrita da história*. v. 2, n. 3, abr./ago. 2015, pp. 31-52.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. Sobre a atualidade de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. In: SILVA, Helenice Rodrigues da (Org.) *Circulação das ideias e reconfiguração dos saberes*. Blumenau, SC: EdUFurb, 2014, pp. 51-74.

CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições & contradições*. Contribuição ao estudo das raízes modernistas de Sérgio Buarque de Holanda. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), 2002, 240 p.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. *Raízes do Brasil: biografia de um livro-problema*. In: MARRAS, Stelio (Org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, pp. 19-39.

CENDRARS, Blaise. *Lé Brésil: des hommes sont venus*. Paris: Gallimard, 2010.

CERTEAU, Michel de. L'opération historiographique. In: *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975, pp. 77-142.

CHARLE, Christophe. *Discordance des temps*. Une brève histoire de la modernité. Paris : Armand Colin, 2011.

CHAUNU, Pierre; DOSSE, François. *L'instant éclaté: entretiens*. Paris: Aubier, 1994.

CHIANTARETTO, Jean-François. Écriture de soi. In : MESURE, Sylvie ; SAVIDAN, Patrick (Dir.). *Le dictionnaire des sciences humaines*. Paris : Presses Universitaires de France, 2006, pp. 351-354.

COORNAERT, Émile. Aperçu de la production historique recente au Brésil. *Revue d'Histoire Moderne*. t. 11, n. 21, jan./fev. 1936, pp. 44-60.

- COSTA, Marcos. *Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre 1930 e 1980*. Tese (Doutorado em História) – Unesp, Assis, 2007, 223 p.
- CROCE, Benedetto. *La storia come pensiero e come azione*. 4^a. ed. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1943.
- CROUZET, Denis. Postface. In: FEBVRE, Lucien; CROUZET, François. *Nous sommes des sang-mêlés* [1950]. Paris: Albin Michel, 2012.
- CUSSET, François. *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze & cie et les mutations de la vie intellectuelle aux États-Unis*. Paris : La Découverte, 2003.
- DELACROIX, Christian. Les historiens français : une réflexion en trompe l'œil? In: DOSSE, François; GOLDENSTEIN, Catherine (Dir.) *Paul Ricœur: penser la mémoire*. Paris: Éditions du Seuil, 2013, pp. 47-64.
- DIAS, Maria Odila. Negação das negações. EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 317-347.
- DICIONÁRIO Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- DIEHL, Antonio Astor. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 1999.
- DOSSE, François. *L'histoire ou le temps réfléchi*. Paris: Hatier, 1999.
- _____. *La marche des idées: histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: La Découverte, 2003.
- _____. Ensaio de ego-história: percurso de uma pesquisa. In: *História e ciências sociais*. Trad. Fernanda Abreu. Bauru, SP: Edusc, 2004, pp. 11-61.
- _____. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris : Éditions La Découverte, 2005.
- _____. *Pierre Nora: homo historicus*. Paris: Perrin, 2011.
- DUARTE, Paulo. A missão de fazer esterco. *Folha de São Paulo*, 20 fev. 1972, p. 57.
- DUBY, Georges. Histoire sociale et idéologie des sociétés. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). *Faire de l'histoire: nouveaux problèmes*. Paris: Gallimard, 1974, pp. 203-230.
- DUMOULIN, Olivier. *Marc Bloch*. Paris: Presses de SciencesPo, 2000 (Collection Facettes).
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Clássicos).
- EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). Introdução: um espírito (in)consútil. In: *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 9-17.
- EUGÊNIO, João Kennedy. Matrizes rivais na fortuna crítica de Raízes do Brasil. In: *Ritmo espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Teresina: EDUFPI, 2011, pp. 43-69.
- EULALIO, Alexandre. Cendrars au Brésil. *Sud Revue*, n. 26, "Cendrars vivant", 1978, pp. 22-23.
- _____. A aventura brasileira de Blaise Cendrars. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1978.
- FALCON, Francisco J. C. A identidade do historiador. *Revista Estudos Históricos* (FGV), v. 9, n. 17, 1996, pp. 7-30.
- FARGE, Arlette. *Le goût de l'archive*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- FARIA, Daniel. *O mito modernista*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006.
- _____. Historicidade modernista: a brasilidade entre o passado e o futuro. In: CLOULET, Ana Rosa; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus Henrique. (Orgs.) Contribuições à história da historiografia luso-brasileira. São Paulo: Hucitec; Belo Horizonte: Fapemig, 2014, pp. 284-308.
- FELDMAN, Luiz. Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 82, jun. 2013, pp. 119-140.

- _____. Raízes do Estado Novo. In: *Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016, pp. 197-254.
- FERNANDES, Florestan. Os dilemas da reforma universitária consentida [1974]. In: *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Ômega, 1975, pp. 205-246.
- _____. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978, 170 p.
- FERREIRA, Antonio Celso. A historiografia profissional paulista: expansão e descentramento. In: GLEZER, Raquel (Org.). *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 321-341.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre. Memórias do PT: as vozes de seus construtores. In: FICO, Carlos et al. *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, 275-303.
- FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- _____. L'écriture de soi [1983]. In: *Dits et écrits*, IV (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994, p. 415-430.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. O tempo das ilusões. In: CHAUI, Marilena. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp. 151-209.
- FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era de catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, pp. 355-374.
- FRANZINI, Fabio; GONTIJO, Rebeca. Memória e historiografia no Brasil: a invenção de uma moderna tradição, anos 1940-1960. In: SOIHET, Rachel et. al. (Orgs.) *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 141-160.
- FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010.
- FREIXO, André de Lemos. Um 'arquiteto' da historiografia brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, n. 62, 2011, pp. 143-172.
- FREUD, Sigmund. Carta 52 a Fliess [1896]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Tradução de Jorge Luís Meurer. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977, pp. 317-324.
- FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora da UnB, 1968.
- _____. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- FURTADO, André Carlos. Um luto permeado de lutas: a morte de Sérgio Buarque de Holanda e o combate ao regime autoritário (1982). *Tempos Históricos* (Unioeste). v. 18, n. 1, 2014, pp. 173-197.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Escrita, morte, transmissão (prólogo). In: *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 13-30.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos avançados*, v. 15, n. 42, 2001, pp. 471-486.
- GARCIA, Patrick. *Les présents de l'historien*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2014 (Collection Itinéraires, 6).
- GASPARINI, Philippe. *La tentation autobiographique: de l'Antiquité à la Renaissance*. Paris: Éditions du Seuil, 2013.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.
- GLÉNISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1961.
- GOETHE, Johan Wolfgang von. *Viagem à Itália*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOMES, Angela de Castro. A Dialética da Tradição. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12 (5), fev. 1990, pp. 15-27.

- _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.
- _____. A experiência colonial e as raízes do pensamento social brasileiro: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista portuguesa de história* (Coimbra). t. XLI, 2010, pp. 291-304.
- GONTIJO, Rebeca. Tal história, qual memória? Capistrano de Abreu na história da historiografia brasileira. *Projeto História* (PUC-SP), n. 41, 2010, pp. 491-526.
- _____. A história da historiografia no Brasil, 1940-1970: apontamentos sobre sua escrita. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (Anpuh)*. São Paulo, 2011, pp. 1-11.
- _____. *O velho vaqueano*: Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- GUERRA, Abílio. Raízes modernistas de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista de História* (Unicamp), n. 1, 1989, pp. 127-141.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. Historiografia e cultura histórica. *Ágora* (UNISC). v. 11, n. 1, jan./jun. 2005, pp. 31-47.
- GUSDORF, Georges. De l'autobiographie initiatique à l'autobiographie genre littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*, n. 6, "L'Autobiographie". Nov./déc. 1975, 75^e année, n. 6, p. 957-1002.
- _____. *Lignes de vie* : Les écritures du moi. v. 1. Paris: Odile Jacob, 1990.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. 3^a. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- HARTOG, François. Le nom d'Hérodote. In: *Le miroir d'Hérodote*: essai sur la représentation de l'autre. Paris: Gallimard, 1980, pp. 11-20.
- _____. *Évidence de l'histoire*: ce que voient les historiens. Paris: Gallimard, 2007.
- _____. *Croire en l'histoire*. Paris : Flammarion, 2013.
- HAUSER, Henri. Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil. *Revue Historique*. n. 181, jan./mar. 1937, pp. 85-98.
- IGGERS, Georg. The Image of Ranke in American and German Historical Thought. *History and Theory*, v. 2, n. 1, 1962, pp. 17-40.
- _____. *The german conception of history*: the national tradition of historical thought from Herder to the present. Wesleyan University Press, 1984.
- IGLÉSIAS, Francisco. A pesquisa histórica no Brasil. *Revista de História* (USP). n. 88, set./dez. 1971, pp. 374-415.
- _____. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. Comentário ao "Roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira", de Alice Canabrava. In: *Anais do I Seminário de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1972, pp. 21-34.
- _____. Modernismo: uma reverificação da inteligência nacional. In: ÁVILA, Affonso (Org.) *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, pp. 13-26.
- _____. *Historiadores do Brasil* [1985-1987]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. *Caio Prado Jr., uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- JEANNELLE, Jean-Louis. *Écrire ses mémoires au XX^e siècle*: déclin et renouveau. Paris: Éditions Gallimard, 2008.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escrita do outro*: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- KOTHE, Flávio. *O cânone republicano II*. Brasília: Editora UnB, 2004.

- LAPA, José Roberto do Amaral. *A História em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris : Éditions du Seuil, 1975.
- LEONEL, Maria Célia Moraes. Sérgio Buarque de Holanda na literatura dos anos 20. *Revista do IEB*, n. 24, 1982, pp. 63-74.
- LIMA, Felipe Victor. *Literatura e engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), 2015, 380 p.
- LIMA, José Adil B. de. Entre a Crítica e a História: a construção de Visão do Paraíso de Sérgio Buarque de Holanda. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013, 124 p.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 20ª. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso em comemoração aos 35 anos do Partido dos Trabalhadores [06 fev. 2015]. Disponível em: <http://www.institutolula.org/discurso-de-lula-na-comemoracao-dos-35-anos-do-pt>. Último acesso: 10 out. 2015.
- MADÉLÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, 2012, p. 9-20.
- MARCILLOUX, Patrice. *Les ego-archives*. Traces documentaires et recherche de soi. Presses Universitaires de Rennes, 2013.
- MARRAS, Stelio. Entre o êxito e a hesitação: pensamento e militância de Sérgio Buarque de Holanda. In: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, pp. 9-12.
- MARSON, Adalberto. *A ideologia nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: Tese, Legado, Fragilidade. *História Revista (UFG)*, v.7, n.1, p. 1-22, 2006.
- _____. Conhecimento histórico e historiografia brasileira contemporânea. *Revista portuguesa de história (Coimbra)*. t. XLII, 2011, pp. 197-217.
- MASSI, Fernanda Peixoto. Brazilianismos, 'brazilianists' e discursos brasileiros. *Estudos históricos (RJ)*, v. 3, n. 5, 1990, pp. 29-44.
- MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- MATOS, Julia Silveira. O intelectual e a obra *Raízes do Brasil*: uma discussão historiográfica. *Biblos*, Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (UFRGS). n. 19, 151-170, 2006.
- _____. Cartas trocadas: Sérgio Buarque de Holanda e os bastidores da revista "Klaxon". *Fenix: Revista de história e estudos culturais*. v. 7, n. 2, pp. 1-15, 2010.
- MEINECKE, Friedrich. *Senso storico e significato della storia*. À cura di Maria Teresa Mandalari con appendice di Benedetto Croce. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1948.
- MELLO E SOUZA, Laura de. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. Rio de Janeiro: Contexto, 1998, pp. 17-38.
- _____. Estrela da vida inteira (prefácio). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Organizadores: Laura de Mello e Souza, André Sekkel Cerqueira. 4ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 15-37.
- MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque*. São Paulo: Ateliê Editoria, 1982.
- MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45) [1979]. In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 69-291.
- MIRAUX, Jean-Philippe. *L'autobiographie: écriture de soi et sincérité* [1996]. 3a. ed. Paris: Armand Colin, 2012.
- MONTAIGNE, Michel de. Au lecteur. In: *Les Essais*. Éd. Complete. Adaptation em français moderne par André Lanly. Paris: Gallimard, 2009, p. 9.

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura cordialidade e novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999a.

_____. Sérgio Buarque de Holanda e as palavras: uma polêmica. *Lua Nova: revista de cultura e política* (CEDEC). n. 48, dez. 1999b, pp. 145-159.

_____. Uma tragédia familiar. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, pp. 349-361.

_____. “Coisas sutis, ergo profundas”: o diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. In: *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda*. Organização de Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto de Estudos Brasileiros; Edusp, 2012, pp. 169-360.

MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 198. p. 220-238.

MORESCHI, Marcelo Seravali. *A façanha auto-histórica do modernismo brasileiro* (Brazilian Modernism as an Auto-historical Avant-Garde). Tese de doutorado. Santa Barbara: University of California, 2010, 384 p.

_____. 22 por 42: o paradigma da celebração. *Remate de Males* (Unicamp). v. 33, n.1-2, 2013, pp. 255-271.

MÜLLER, Bertrand. Critique bibliographique et construction disciplinaire: l'invention d'un savoir-faire. *Genèses*, n. 14, 1994, pp. 105-123.

_____. L'opération historiographique chez Paul Ricœur ou le statut de l'histoire dans l'épistémologie. In: MÜLLER, Bertrand (Dir.) *L'histoire entre mémoire et épistémologie*: autour de Paul Ricœur. Lausanne: Payot, 2005, pp. 183-203.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista brasileira de história da educação*. Campinas-SP, v. 12, n. 3, 2012, pp. 179-197.

MUSIL, Robert. Monuments. In: *Œuvres pré-posthumes*. Traduction de l'allemand par Philippe Jacottet. Paris: Éditions du Seuil, 1964, pp. 76-80.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. A “resistência cultural” durante o regime militar brasileiro: um novo olhar historiográfico. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.) *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 200.

NICODEMO, Thiago Lima. *Urduidura do vivido: “Visão do Paraíso” e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil (1930-1960). In: MARRAS, Stelio (Org.) *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, pp. 109-132.

_____. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. *História da Historiografia*, n. 14, abr. 2014a, pp. 44-61.

_____. Subsídios para o estudo das relações intelectuais entre Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido. In: CARVALHO, Fabio Almeida de; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). *Interpretações do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014b, pp. 465-486.

NICOLAZZI, Fernando. As virtudes do herege: ensaísmo e escrita da história. In: *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. História da historiografia e temporalidades: notas sobre tradição e inovação na história intelectual. *Almanack* (Unifesp), n. 7, 2014, pp. 27-32.

NORA, Pierre (Dir.). *Essais d'ego-histoire*. Paris: Éditions Gallimard, 1987.

_____. *Historien Public*. Paris: Gallimard, 2011.

NOVAIS, Fernando. Revisitando os intérpretes do Brasil. In: *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 265-267.

ODÁLIA, Nilo (Org.) *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979 (Col. Grandes cientistas sociais, 9).

OEXLE, Otto Gerhard. *L'historisme en débat: de Nietzsche à Kantorowicz*. Traduction de l'allemand par Isabelle Kalinowski. Paris: Aubier, 2001.

OFFENSTADT, Nicolas. Le témoin et l'historien. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas (Dir.) *Historiographies, II: concepts et débats*. Paris: Gallimard, 2010, pp. 1242-1252.

_____. *L'historiographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. The disciplined historian: “epistemic virtue”, “scholarly persona” and practices of subjectivation. A proposal for the study of Brazilian professional historiography. *Práticas da História* (Lisboa), v. 1, n. 2, 2016, pp. 39-56.

PAIVA, Orlando Marques de. Pequeno prefácio dedicado a uma grande obra. *Revista de História* (USP), n. 100, Out./Dez. 1974, pp. vii-viii.

PAULA, Eurípedes Simões de. Nosso programa. *Revista de História* (USP), v. 1, n. 1, jan.-mar. 1950, p. 1-2.

PÉCAUT, Daniel. *Intelectuais e política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PÉCORA, Alcir. A importância de ser prudente. *Folha de São Paulo*, 23 jun. 2002, Caderno *Mais!*, p. 21.

PEREIRA, Mateus Henrique; SANTOS, Pedro Afonso dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brazilian historical writing in global perspective: on the emergence of the concept of “historiography”. *History and Theory*. Theme Issue 54, december 2015, pp. 84-104.

PESSOA, Fernando. *Fausto: tragédia subjectiva (fragmentos)*. Organização de Teresa Sobral Cunha. 1ª. ed. integral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PETERSEN, Silvia. O pensamento histórico brasileiro: relações com vertentes americanas e europeias: tendências teóricas e temáticas recentes. *História em revista* (UFPEL), v. 9, 2003, p. 7-43.

POLLAK, Michael. L'historien et ses concurrents: le tournant épistémologique des années soixante aux années quatre-vingt. In: *Écrire l'histoire du temps présent: en hommage à François Bédarida*. Paris: CNRS Éditions, 1993, pp. 329-339.

POMIAN, Krzysztof. L'histoire de la science et l'histoire de l'histoire. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 30e année, n. 5, 1975. pp. 935-952.

_____. Histoire et fiction. *Le Débat*, n. 54, mars-avril 1989, pp. 114-137.

PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POPKIN, Jeremy. *History, historians & autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRADO, Yan de Almeida. A Semana de Arte Moderna: uma desmistificação. *Folha de São Paulo*, 13 fev. 1972, pp. 34-35.

RAÍZES do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda. Capítulo II. Brasil, 2004, Dir. Nelson Pereira dos Santos, 72'.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Antonio Candido em Assis e depois. *Revista IEB*, n. 50, 2010, p. 103-128.

RAULFF, Ulrich. *De l'origine à l'actualité: Marc Bloch, l'histoire et le problème du temps présent*. Conférences annuelles de l'Institut historique allemand. Sigmaringen: Thorbecke, 1997.

REIS FILHO, Daniel Araújo. Ditadura no Brasil entre história e memória. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.) *Ditaduras militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, pp. 237-252.

RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

_____. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RICŒUR, Paul. Science et idéologie. *Revue philosophique de Louvain*. Quatrième série, t. 72, n.14, 1974, pp. 328-356.

- _____. *Temps et Récit*. Tome III : Le temps raconté. Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- _____. La fonction herméneutique de la distanciation. In: *Du texte à l'action: essais d'herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil, 1986, pp. 101-117.
- _____. *Réflexion faite: autobiographie intellectuelle*. Paris : Éditions Esprit, 1995.
- _____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris : Éditions du Seuil, 2000.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- _____. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 2ª. ed. revista, aumentada e ilustrada. vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- RODRIGUES, Lêda Boechat (Org.) *Nova correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. *Florestan Fernandes: interlúdio (1969-1983)*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e 'um seminário' (1958-1978)*. Tese (Doutorado em História) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2011, 565 f.
- _____. Paradigma indiciário a serviço da história da historiografia. In: MEDEIROS, Bruno Franco et al. *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015, pp. 277-295.
- ROSSIO, Neire Martins. *Memória universitária: o Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (1980-1995)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2012.
- ROUSSO, Henry. *La dernière catastrophe: l'histoire, le présent, le contemporain*. Paris: Éditions Gallimard, 2012.
- SALLUM Jr, Brasílio. Sobre a noção de democracia em *Raízes do Brasil*. In: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, pp. 51-61.
- SANCHES, Dalton. As escritas de (e sobre) *Raízes do Brasil*: possibilidades e desafios à história da historiografia. *História da Historiografia*, n. 9, ago. 2012, pp. 201-221.
- SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Unesp, Araraquara, 2007, 155 f.
- _____. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Revista Sociedade e Estado*, v. 26, n. 1, pp. 241-259, 2011.
- SCHLANGER, Judith. Fondation, nouveauté, limites, mémoire. *Communications*, n. 54, 1992, p. 289-298.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- SCOVENNA, Sandra Maret. *Nas linhas e entrelinhas do riso: as crônicas humorísticas de Belmonte (1932-1935)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2009, 234 p.
- SECCO, Lincoln. *História do PT: 1978-2010*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: DELGADO, L.; FERREIRA, J. (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, pp. 243-282.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. *Texte, action et histoire: réflexions sur le phénomène de l'engagement*. Paris: L'Harmattan, 1994.
- _____. "Rememoração"/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, pp. 425-438.
- SILVA, Rafael Pereira da. *A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 2015, 219 f.

- SILVA, Wilton C. L. da. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa. *Patrimônio e Memória* (Unesp), v. 11, n.1, 2015, pp. 71-95.
- SKIDMORE, Thomas. The historiography of Brazil, 1889-1964: I. *Hispanic American Historical Review*, v. 55, n. 4, nov. 1975, pp. 716-748.
- _____. The historiography of Brazil, 1889-1964: II. *Hispanic American Historical Review*. v. 56, n. 1, feb. 1976, pp. 81-109.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A luta ideológica. In: *História e materialismo histórico no Brasil*. São Paulo: Global, 1985, pp. 53-84.
- STARLING, Heloísa. O tempo da delicadeza perdida: Chico, Sérgio e as raízes do homem cordial. In: MARRAS, Stelio (Org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp; IEB, 2012, pp. 63-78.
- STAROBINSKI, Jean. Le style de l'autobiographie [1970]. In : *La relation critique*. Paris : Éditions Gallimard, 2001, pp. 109-126.
- _____. Peut-on définir l'essai? [1985] In: DUMONT, François. *Approches de l'essai* (anthologie). Québec : Éditions Nota bene, 2003, pp. 165-182.
- STEIN, Stanley. The historiography of Brazil (1808-1889). *Hispanic American Historical Review*. v. 40, n. 2, may 1960, pp. 234-278.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.
- TURIN, Rodrigo. História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero. *História da Historiografia* (UFOP), n. 13, dez. 2013, pp. 78-95.
- VAINFAS, Ronaldo. "Posfácio". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 551-560.
- VECCHI, Roberto. Contrapontos à brasileira: *Raízes do Brasil* e o jogo das metáforas. In: EUGÊNIO, J. K.; MONTEIRO, P. M. (Orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Editora da Unicamp; EdUERJ, 2008, pp. 363-384.
- VELLOSO, Monica Pimenta. A crítica ao paradigma de 1922. In: *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 22-29.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____.; FURTADO, André Carlos. Brasileira & HGCB: escrita da História, disputas editoriais e processos de especialização acadêmica (1956-1972). *Revista Tempo e Argumento*, v. 5, n.9, 2013, pp. 5-23.
- VILAR, Pierre. Histoire marxiste, histoire en construction. Essai de dialogue avec Althusser. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 28^e année, n. 1, 1973. pp. 165-198.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. *A vocação das ciências sociais no Brasil (1945-1966)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- VOVELLE, Michel. *Idéologie et mentalités*. Paris: Maspero, 1982.
- WAIZBORT, Leopoldo. O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Hollanda, Raízes do Brasil, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, jun. 2011, pp.39-62.
- WEBER, Max. A ciência como vocação [1919]. In: *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2004, pp. 17-52.
- WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- _____. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO, J. K.; MONTEIRO, P. M. (Orgs.) *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Editora da Unicamp; EdUERJ, 2008, pp. 481-501.
- WINOCK, M. *L'effet de génération: une brève histoire des intellectuels français*. Vincennes: Thierry Marchaisse, 2011.
- WIRTH, John Davis. An interview with José Honório Rodrigues. *Hispanical American Historical Review*. v. 64, n. 2, 1984, pp. 217-232.